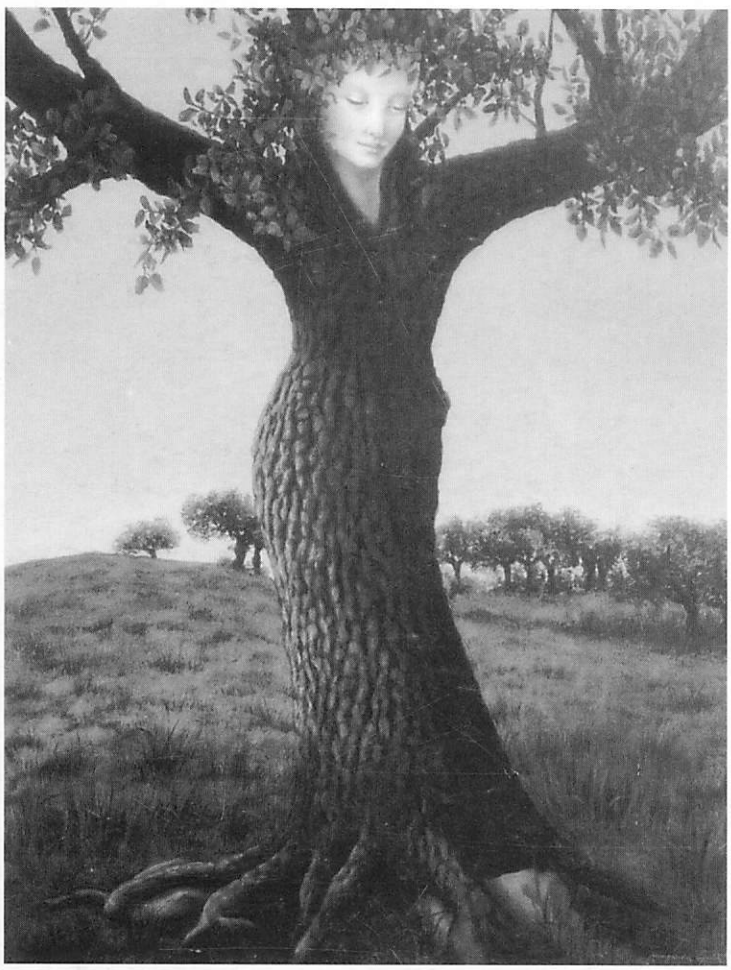
Maria Filipa Palma dos Reis

AUTOVISÕES E *ALTEROVISÕES* DA UNIVERSIDADE: O ROMANCE ACADÉMICO COMO DOCUMENTO CULTURAL



Tese de Doutoramento em
Ciências Humanas e Sociais

Universidade Aberta

1999

MARIA FILIPA PALMA DOS REIS

AUTOVISÕES E *ALTEROVISÕES* DA UNIVERSIDADE:

O ROMANCE ACADÉMICO COMO DOCUMENTO CULTURAL

Tese de Doutoramento
em
Ciências Humanas e Sociais,
na
Especialidade
de
Estudos Ingleses e Americanos

Orientadora: Prof. Doutora Maria Laura Bettencourt Pires

UNIVERSIDADE ABERTA

1999

À família que tive a fortuna de ter, é justo que dedique este trabalho, uma vez que é, em grande parte, a sua existência (dos vivos e dos que já partiram) que dá sentido e motivação a tudo o que tento e o que faço.

De uma outra forma, dedico-o também a todos os bons Professores que me influenciaram e ensinaram, e, por sua vez, àqueles que eu ensino: aos meus filhos e aos meus alunos, em cujas mãos ponho o que realizo, para que um dia o façam melhor e o levem mais longe.

Índice

Índice 1

Nota Prévia: Agradecimentos 3

Parte I - Introdução 6

I - 1 Premissas do Estudo em Perspectiva 7

I - 2 Contextualização Histórico-Cultural do Subgénero Literário do Romance Académico 88

Parte II - *Autovisões* 179

II - 1 A Universidade Vista por Si Mesma: Conflitos Internos 180

II - 2 Que Professor? Que *Scholar*? O Ponto de Vista que Prevalece 237

Parte III - *Alterovisões* 271

III - 1 *Alterovisões*, e o Elemento Recorrente da Viagem 272

III - 2 A Universidade, a Sociedade e o Tratamento da Diferença de Classe no Romance Académico 345

III - 3 A Universidade, a Sociedade e o Tratamento da Diferença Étnica/de Raça no Romance Académico 393

Parte IV - Conclusões 502

IV - 1 Conclusões Específicas: Um Olhar sobre o Caminho Percorrido 503

IV - 2 Conclusões Gerais: Tendências que se Vislumbram à Viragem do Milénio 538

Referências Bibliográficas 579

NOTA PRÉVIA: AGRADECIMENTOS

As primeiras palavras de agradecimento, é de justiça que sejam dirigidas à Exma Srª Profª Doutora Maria Laura Bettencourt Pires, orientadora desta tese. Largamente poderíamos digressar sobre a forma como soube transformar em nós o que era mera curiosidade intelectual desordenada em disciplina capaz de produzir frutos, e sobre a ajuda imprescindível que constituiram sempre a sua presença e o seu apoio continuado, tanto em termos académicos como em termos pessoais. Bastará que se diga, em resumo, que do ponto de vista profissional, não temos hoje ambição que consideremos mais alta do que a de sermos capazes de vir a influenciar o percurso de outros tão positivamente como influenciou o nosso. É uma dívida de gratidão que, no domínio do que é pessoal, nunca poderemos saldar. Temos, no entanto, a esperança de passar aos que vierem depois de nós o testemunho de humanismo e de interesse na procura, genuína e sem preconceitos, do conhecimento, que tão generosamente desejou legar-nos.

Não é a primeira vez que dizemos que uma tese é um acontecimento de uma história pessoal, e, como todos os acontecimentos históricos, tem causas próximas, mas também causas longínquas, que não seria justo ignorar. Mantemos, portanto, o nosso agradecimento a todos os outros bons professores que, ao longo da vida, tivemos a fortuna de encontrar, começando pela Mãe, que nos ensinou a ler, e o Pai, com quem ganhámos o gosto pela Literatura e a análise da linguagem. São lembrados, com saudade, os Professores do Liceu Nacional de Évora, os Professores e Assistentes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa que marcaram o nosso percurso ao nível da licenciatura, e ainda os Professores da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que leccionaram o Mestrado que levámos a cabo, em Estudos Americanos.

Expressamos ainda o nosso reconhecimento:

- À Srª Prof.ª Doutora Maria Luísa Leal de Faria, cuja perceptiva arguição da nossa dissertação de mestrado abriu perspectivas que vieram a influenciar o presente estudo.

- Ao Professor John A. V. Chapple, da Universidade de Hull, Inglaterra, que acompanhou com simpatia o primeiro interesse demonstrado pelo romance académico.

- Ao Professor Park Honan, e ao Professor Mark Spilka, ambos ligados, com David Lodge e Malcolm Bradbury, ao lançamento da publicação periódica americana Novel: A Forum On Fiction, *entrevistados respectivamente em Leeds, Inglaterra, e Providence, RI, EUA.*

- Ao Professor George Monteiro, da Universidade de Brown, pela indicação de pistas fundamentais à compreensão do desenvolvimento do subgénero do romance académico moderno, nos Estados Unidos; e ao Professor Onésimo Teotónio Almeida, cuja iniciativa possibilitou, para nós, um período de permanência em funções docentes, nessa Universidade, que se veio a revelar especialmente frutuoso ao nível da pesquisa..

- Ao Professor Thomas M. Curley, de Bridgewater State College, Bridgewater, U.S.A., pelas informações sobre as relações entre poder político e quadros administrativos das Universidades americanas.

- Ao Prof. Doutor Fernando J. B. Martinho, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, consultado sobre a possível existência de um subgénero do romance académico em Portugal. Concluir sobre a sua inexistência ajudou-nos a lançar luz sobre a natureza desta forma de expressão.

- Aos familiares que sempre nos deram apoio, com ênfase particular no Marido e Irmãos, que mais de perto nos ajudaram - pelo

comentário e revisão de provas que fizeram, e pela sua boa ajuda na resolução de problemas de processamento de texto.

- Aos colegas da Universidade Aberta, pelo óptimo ambiente de trabalho e de convívio e debate de ideias que nos proporcionaram; de entre eles devemos destacar os nomes de Landeg White, pelo muito útil comentário e revisão que fez do nosso texto; de Ana Paula Machado, pelo estabelecimento de contacto com a pintora Margarida Cepêda, cujo quadro "A Árvore" reproduzimos na capa; e de Gerald Bär, pelo seu apoio no que respeita a pesquisa bibliográfica, nomeadamente sobre a situação do romance académico na Alemanha, situação cujo conhecimento nos foi útil, no sentido em que nos ajudou a entender o significado cultural desta forma de expressão.

- À pintora Margarida Cepêda, que gentilmente autorizou a reprodução, na capa do volume, do seu quadro "A Árvore" (Óleo 110 x 85 cm), com que queremos sugerir o paralelismo que existe entre a relação de ecossistema da árvore com a terra, e a relação da Universidade com a sociedade em que se inscreve, e cujas essências concentra e potencia nos seus frutos, que, de novo, para a sociedade revertem.

- A todos os que, directa ou indirectamente, prestaram o seu contributo para que este estudo se tornasse possível.

Ao longo do tempo em que o trabalho decorreu, tivemos ocasião de ver confirmada a ideia que já tínhamos: sem os filhos, Rodrigo e Ana Filipa, também a presente tese teria provavelmente sido escrita em menos tempo, sob risco de resultar mais imatura. Pela atenção que continuadamente exigiram para si mesmos, atrasando as actividades em curso, lhes reiteramos, talvez com algum humor, mas certamente sem ironia, os nossos agradecimentos.

PARTE I - INTRODUÇÃO

I - 1 Premissas do Estudo em Perspectiva

A existência do subgénero literário a que nos referiremos ao longo deste estudo usando, em português, a designação de romance académico (que, *grosso modo*, se pode definir como um conjunto de obras de ficção, da autoria de professores universitários, em que a acção se prende com a Universidade, e o *campus*) tem sido reconhecida, de modo esparso, por vários autores sob, nomeadamente, quatro designações, em inglês: *campus novel*, *college novel*, *academic novel* e *university novel*. Em alguns casos estes termos são usados indiferentemente, noutros têm-lhes sido atribuídas variações mais ou menos subtis de significado[1]. De todo em todo, os quatro termos, de modo cumulativo, englobam esse conjunto de obras, que forma um subgénero recente, para o qual ainda não há uma tipologia completamente definida. A isto não será alheio o facto de, até à data, não ter esta forma de expressão atraído, senão de passagem, a atenção crítica dos grandes nomes do *Establishment* académico anglo-americano, possivelmente porque, dos meados do século XX em diante, ela própria se tem desenvolvido, em alguma medida, à revelia deste mesmo *Establishment*. Certo é que, tão recentemente como no ano de 1990, ainda se lhe referia o editor David Bevan, na sua introdução ao volume *University Fiction*, como um "emergent genre, or rather, subgenre":

> Deformation, divination, desecration or, arguably . . . damnation - the nuances are considerable, but there may well remain some core images, insistent and persistent, in the disturbing hall of mirrors constituted by that emergent genre, or rather, subgenre, of the last forty years, the academic novel.[2]

Considera David Bevan romances seminais dentro do subgénero em questão, na viragem para a segunda metade do século XX, a sequência de onze volumes de *Strangers and Brothers*, de C. P. Snow, o romance *The Groves of Academe*, de Mary McCarthy, e o de Kingsley Amis, *Lucky Jim*. Leslie A. Fiedler, em *Waiting for the End*, obra em que se debruça sobre a hipótese da morte próxima do género do romance, reconhece também a existência do subgénero do *college novel* desde as décadas de quarenta e cinquenta:

> Naturally, the writers of that generation [40's - 50's] have distilled out of their experience a kind of fiction new at least in theme, a subgenre of the novel . . . The college novel is a form as clearly defined for us as the historical romance or the tale of terror.[3]

Na mesma obra Fiedler sugere, em relação ao termo *college novel*, a possível emenda para *anti-college novel*, o que é indicador do espírito de contestação que com alguma frequência tem presidido à escrita destes romances. Mas contestação triunfante e assumida dentro do próprio sistema é a que vem a ser levada à prática nos *campus novels* de David Lodge e Malcolm Bradbury, que consideramos os autores mais representativos e seminais deste subgénero no mundo académico anglo-americano; eles próprios, ou, pelo menos, Malcolm Bradbury assim o reconhece também, no seu ensaio "Campus fictions", sem que nisso haja imodéstia, mas a constatação de um facto: "Indeed in Howard Jakobson's *Coming From Behind* . . the institution is given the name of 'Bradbury Lodge', and many novels nowadays seem to be set there"[4].

Tanto David Lodge como Malcolm Bradbury têm, eles próprios, reconhecido esta forma de expressão como um novo subgénero. Em "Robertson Davies And The Campus Novel" Lodge propõe: "Since I am

unable to place [the novel under review] in relation to [Robertson Davies's] other work, I will place it in the context of the genre, or subgenre, to which it belongs, namely, the campus-novel."[5] E Malcolm Bradbury, ressentindo-se embora, de ver o rótulo de romance académico aplicado, apropriadamente ou não, a toda a ficção que vai publicando ("once a writer is known for one thing, it is almost impossible to do anything else, even if you do"[6]) reconhece, no entanto, a existência, e mesmo a generalização do subgénero em Inglaterra: "I must acknowledge that the university novel does show some signs of being a commonplace form, especially in Britain"[7]

Tendo-se estabelecido, ainda que brevemente, o reconhecimento que existe, por parte de vários autores, da existência do subgénero em questão, deverá acrescentar-se que o presente trabalho não se dirigirá à sua definição mais precisa e exaustiva, em termos literários, que também seria importante fazer, mas visará prioritariamente inquirir sobre, e estabelecer, a relevância do romance académico enquanto documento cultural, em que encontramos a projecção das tensões e forças que operam, não só na Universidade, mas também, genericamente, na sociedade, e a partir de cujas características pretendemos inferir a visão que a Universidade tem tido de si mesma e da alteridade que lhe é exterior.

O pressuposto de que um subgénero literário seja relevante em estudos de Cultura começa por dever ser extensivo, em maior ou menor grau, às potencialidades da Literatura, a que o subgénero em questão acrescenta apenas um leque de realizações possíveis. Atrás de tal pressuposto existe, em primeira análise, o dado básico de que todo o uso da linguagem remete para a existência de um referente que é, inevitavelmente, de natureza cultural. Nenhum texto reproduz fielmente a experiência, mas toda a linguagem humana tem relação com a experiência. Ao longo dos tempos, a obra literária foi primeiro vista como expressão das circunstâncias autobiográficas, culturais e políticas de cada autor. Em *Literary Into Cultural*

Studies (1991), Antony Easthope refere que até aos anos trinta o estudo da Literatura foi, nos Estados Unidos, tal como em Inglaterra: "literary history spiced with personality ('chatter about Shelley')"[8] - portanto, centrado no autor e nas suas circunstâncias.

Depois, em confluência com o realismo convencional, o neo-realismo, o desenvolvimento do conceito de arte comprometida, a obra foi vista sobretudo em termos da relação que estabelece com a realidade experimentada, e valorizada pela agudeza de percepção que revela dessa realidade, e pelo nível de verosimilhança que atinge. Não obstante as frequentes referências, por parte dos críticos, ao quase indefinível conceito de *estilo* de cada autor, certo é que, desta perspectiva, a linguagem ressalta muito mais como um meio posto ao serviço da transmissão duma mensagem do que como matéria-prima para uma realização artística com significado próprio e auto-suficiente.

O movimento do Simbolismo veio estabelecer uma ponte para a visão da obra literária como autónoma, pressupondo a primazia da realização linguística sobre a experiência que lhe possa ter estado na origem. Trata-se de uma vertente que se pode considerar que tenha começado na Escola do Simbolismo francês, ainda no século XIX, com Baudelaire e Malarmé, e de que se encontram as primeiras manifestações no poema *Le Bateau Ivre*, de Rimbaud. De facto, no seu posfácio a *Auto-Retrato Num Espelho Convexo E Outros Poemas*, de John Ashbery, António M. Feijó associa a Rimbaud: "uma poética que visava 'o desregramento de todos os sentidos', um conjunto de textos que pareciam tornar deliberadamente intransitiva qualquer adequação mimética."[9] A evolução que, a partir daí, se desenrola, faz que a ficção, frequentemente, comece a revelar relações de parentesco mais estreitas com outra ficção do que com a própria experiência de que eventualmente seja reflexo, que passa para segundo plano. Ao desenvolvimento desta perspectiva sobre a obra literária, que decorreu a par

do desenvolvimento da Linguística como ciência, assentando na definição que Ferdinand de Saussure fez do signo linguístico como arbitrário, estiveram associados o conceito de Arte pela Arte; na prática crítica, as abordagens metodológicas de índole formalista (Ex: os vários estruturalismos). Na prática da escrita, toda a experimentação com a linguagem levada a cabo pelos modernistas e pós-modernistas e, como ramificações desta, as tendências para a meta-ficção e a intertextualidade. Antony Easthope, ainda em *Literary Into Cultural Studies*, considera que nesta fase, ou dentro desta tendência: "The literary text is treated not as transitive but as intransitive; not, that is, as an act of communication seeking to transform a situation but rather as a self-sufficient object, not as a means to an end but as an end in itself."[10]

Dos anos oitenta em diante, com o florescimento da teoria da recepção, tem-se assistido, indirectamente, a um retorno de atribuição de importância ao conteúdo da obra literária, posto que o enfoque crítico incida agora sobre os vários conteúdos tornados possíveis por uma pluralidade de leituras, e não sobre o presumível conteúdo emitido, como foi tradicional numa fase anterior. Antony Easthope, que, na obra de que já citámos, sugere que: "With hindsight we can see that the end was in the beginning"[11], considera que esta última tendência derivou da proliferação de sentidos contraditórios que é típica do texto modernista e, sobretudo, pós-modernista. Se os vários sentidos não estão reconciliados no texto, só o leitor os poderá reconciliar na sua leitura própria. Nas palavras deste autor: "If the text consists of a plurality of meaning which is potentially infinite, then it can only be the reader [to] provide a unification by nature never more than provisional."[12] Em todo o caso, os conteúdos recebidos envolvem, inevitavelmente, uma forte componente cultural, pois só podem ser equacionados pelos leitores em função do estabelecimento de relações de semelhança e de contraste com a sua própria experiência de estarem vivos, e de usarem a linguagem, num determinado tempo e espaço deste planeta.

Terry Eagleton, que não era, ao tempo da publicação do volume a que nos vamos referir, autor para quem a teoria da recepção estivesse numa primeira linha de preocupações académicas (como o estava, por exemplo, para Robert C. Holub[13]), na sua útil obra de síntese *Literary Theory*[14], ao pretender ilustrar de modo mais lato do que é costume, o *Verfremdungseffekt*, que escolas críticas como a de Praga consideram condição essencial do literário, acabou por dar um exemplo de quase caricatura da natureza eminentemente cultural da linguagem:

> Consider a prosaic, quite unambiguous statement like the one sometimes seen in the London underground system: 'Dogs must be carried on the escalator'. This is not, perhaps, quite as unambiguous as it seems at first sight: does it mean that you *must* carry a dog on the escalator? Are you likely to be banned from the escalator unless you can find some stray mongrel to clutch in your arms on the way up? Many apparently straightforward notices contain such ambiguities: 'Refuse to be put in this basket', for instance.[15]

Mesmo as mensagens aparentemente mais claras estariam sujeitas a desvios de significado como estes, o que é prova cabal, embora simplista, de que a descodificação da linguagem humana pressupõe uma comunhão de experiência que é cultural. Não faria sentido, de facto, que a Literatura, como arte da linguagem, escapasse às implicações culturais que ao uso da linguagem são subjacentes. E embora, ao longo dos tempos, as várias correntes de teoria literária tenham posto, ora mais ênfase na realização linguística, ora nas mensagens veiculadas, a verdade é que nenhuma delas chegaria ao ponto de refutar a afirmação que atrás fizemos, de que nenhum texto reproduz fielmente a experiência, mas toda a linguagem humana tem relação com a experiência.

A relação (e interacção) entre linguagem e realidade, entre literatura e experiência, tem dado matéria a estudos importantes de teoria literária; ela é, por exemplo, uma das principais preocupações subjacentes à obra de Frank Kermode *The Sense Of An Ending*[16], editado pela Oxford University Press em todo o mundo em que a língua inglesa é escrita e falada; ela é também, universalmente, preocupação que extravasa do domínio da crítica para invadir a própria ficção dos nossos dias, que consistentemente se debruça sobre a relação entre Literatura e experiência, e, principalmente, sobre os obstáculos de natureza funcional que o escritor enfrenta ao tentar, na escrita, reproduzir a experiência. Constitui, portanto, tema demasiado vasto para que aqui possa ser exaustivamente tratado.

Importante será, no entanto, dizer-se que, nas últimas décadas, a preocupação com esta relação interactiva entre a linguagem e a realidade se tem exacerbado como nunca antes. Disto nos apercebemos ao considerarmos, por exemplo, quantas das reivindicações do discurso feminista têm que ver com o próprio uso da linguagem que, convencional e inadvertidamente, por sistema favorece a perspectiva masculina. Disto nos apercebemos também ao considerarmos que a consciência de que a linguagem modifica (e controla) a realidade tem atingido tal grau que, nos Estados Unidos, o National Council of Teachers of English (NCTE), já desde o seu sexagésimo primeiro encontro anual, em 1971, julgou necessário assumir publicamente a seguinte resolução:

> Resolved, that the National Council of Teachers of English find means to study the relation of language to public policy, to keep the track of, publicize, and combat semantic distortion by public officials, candidates for office, political commentators, and all those who transmit through the mass media.[17]

No mesmo encontro, Robert Hogan, secretário executivo do NCTE, comentava: "the question is not just whether subjects and verbs agree, but

whether statements and facts agree"[18]. Significativamente, William Lutz, editor do volume de que vimos citando, intitula o seu próprio ensaio, coligido no mesmo, "Notes Towards A Definition Of Doublespeak". O título parodia de modo óbvio *Notes Towards A Definition Of Culture*[19], de T. S. Eliot, assim estabelecendo, de imediato, uma ponte semântica entre *culture* e *doublespeak*, como marca do seu, e nosso tempo. Neste ensaio Lutz cita Edward Sapir em "The Status Of Linguistics As A Science" na passagem em que este admite que: "the language habits of our community predispose certain choices of interpretation"[20]; e também Benjamin Lee Whorf que, em "Science And Linguistics", afirma: "Language is not merely a reproducing instrument for voicing ideas but rather in itself the shaper of ideas"[21].

É possível, de facto, por exemplo, chamar a uma mesma acção militar 'invasão' ou 'missão de salvamento', dependendo do ponto de vista; publicamente, as palavras escolhidas modificam, à partida, a percepção da realidade. E como se pode argumentar, segundo uma postura filosófica largamente conhecida (pelo menos desde que George Berkeley, em 1710, no seu *Treatise Concerning The Principles Of Human Knowledge*, divulgou que *esse est percipi*) que não existe realidade senão pela percepção que dela temos, a linguagem acaba, assim, por condicionar a própria realidade. Deste modo ela se estabelece, não só como existindo em relação directa com a cultura, mas como factor de controle social, interveniente na dinâmica da mesma cultura.

Neste campo muito haveria a dizer da Literatura, que é a arte da linguagem por excelência. Principiaremos por referir algumas notas sobre a consciência que os próprios romancistas académicos David Lodge e Malcolm Bradbury, na qualidade de críticos que também são, têm revelado desta problemática.

Malcolm Bradbury toca directamente tal questão ao referir-se às leituras que, enquanto adolescente, tinha feito de romances académicos de cariz aristocrático-pastoral, que o tinham deixado com uma visão da vida universitária impossível de reconciliar com o que viria a ser a sua própria experiência:

> But then, like so many of us, I had not yet grasped the spaces that exist between fiction and fact, image and reality, nor how the territory taken by fiction becomes mythicised, timeless, and both truer and less true than - but never as true as - the real thing.[22]

No caso de David Lodge, a preocupação com a relação entre Literatura e realidade reaparece ao longo de toda a sua obra crítica. No seu primeiro volume de teoria literária, *Language Of Fiction*, publicado em 1966, David Lodge aludia deste modo à relação entre o mundo da ficção e o mundo real:

> Since [the novel] is a created world we look for a logic, consistency, and design in the whole which eludes us in the real world. In both worlds the same kinds of questions are raised, the same kinds of thought processes are set in motion, but, in the fictional world we have stronger expectations of finding answers and reaching conclusions. In the ordered, selective world of the novelist we gain insights which enrich our understanding of the real world, though such insights can never totally encompass its endless flux.[23]

Mais adiante, na mesma obra, deliberadamente ou não, David Lodge estabelecerá um paralelo entre a impossibilidade, de que está consciente, de transpor para o romance a complexidade e vastidão da experiência, e a

impossibilidade, que também existe, de considerar, no estudo crítico de um romance, toda a vastidão e complexidade do mesmo:

> I refer to the fact that novels are such vast and complicated structures, and our experience of them is so extended in time, that it is impossible for the human mind to conceive of a novel as a whole without blurring or forgetting the parts through the accumulation of which this totality has been conveyed.[24]

Significativamente, o autor conclui: "In fact, I doubt whether this problem is *peculiar* to the novel"[25] De facto, para além da eventual aplicabilidade do mesmo princípio, por exemplo, à poesia, é ainda de uma ordem muito semelhante a relação entre vida e ficção. Facilmente se concluirá sobre a genuinidade do que se acaba de afirmar se nos propusermos fazer uma releitura da citação em causa, substituindo a palavra *novels*, na primeira linha, por *our lives*, e acrescentando *reproduction of life* a seguir à palavra *whole*, na quarta linha.

Este paralelismo estava, decerto, já no espírito de David Lodge que, anos mais tarde, na parte que consideramos mais inovadora do seu volume *The Modes Of Modern Writing* (1977)[26], vem a reformular as teorias de Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson sobre a metáfora e a metonímia/sinédoque, como subjacentes a todo o discurso. A ligação entre o que se citou de *Language Of Fiction* e a reformulação que o respectivo autor, onze anos mais tarde, faz das teorias de Saussure e Jakobson poderá, a traço (muito) largo, estabelecer-se do seguinte modo: também o discurso narrativo se constrói pela selecção (pólo da metonímia/sinédoque) e pela combinação (pólo da metáfora). Na impossibilidade de transpor para a obra literária o manancial inesgotável da experiência (que é cultural), o autor faz uso da metonímia/sinédoque escolhendo, não importa se conscientemente ou não, determinados veios dessa mesma experiência, que

se lhe terão tornado particularmente significativos; pelas possibilidades de combinação entre eles (pólo da metáfora), reorganiza-os, e transcende-os, numa nova totalidade, com um sentido auto-suficiente (- e lógico, pelo menos se nos ativermos ao modelo do realismo convencional). Também, entre nós, António M. Feijó põe em evidência uma dupla dimensão no texto literário, quando, reportando-se à concepção de Michael Riffatere, considera a existência, no processo de leitura, de uma fase heurística, que remete para a eventual correspondência com o real concreto (fase que, na visão de David Lodge, fazemos corresponder com a da sinédoque), mas também de uma fase hermenêutica, interpretativa, que decorre da: "percepção de incompatibilidades referenciais que perturbam a leitura mimética, curto-circuitos de significação ou agramaticalidades"[27]. A passagem, no processo de leitura, a esta fase, que fazemos, *grosso modo*, corresponder à dimensão metafórica que David Lodge detecta no texto literário, promove: "a passagem do domínio da *mimesis*, do *sentido*, ao domínio da *significação* ['significance'], a essa 'epifania da semiose' em que a unidade de sentido é coextensiva ao texto"[28]. Não só decorre da concepção de David Lodge, que atrás referimos, que a Literatura pode, assim, servir para imprimir uma ordem à experiência humana, que é desorganizada e caótica, e cada romance poderá tornar uma parte dela, e da cultura que a informa, mais compreensível, como decorre também da formulação de António M. Feijó, sobre o processo de leitura, que a dimensão do literário que transcende a sinédoque mimética tem a potencialidade de recolocar a experiência/vivência humana num contexto que transcende as contingências quotidianas da sua materialidade, inscrevendo-a numa matriz de significação mais vasta e mais iluminada, com cuja percepção se nos afigura que os estudos culturais só têm a ganhar.

Sem que reclamasse para a sua própria escrita tal dimensão, posteriormente, em resposta a Paul de Man, que considera que a ficção:

"has forever taken leave [of reality]"[29], David Lodge viria a contrapor, em *After Bakhtin: Essays On Fiction And Criticism* (1990):

> . . . my fiction has not 'forever taken leave of reality' but is in some significant sense a representation of the real world, and [. . .] if my readers did not recognize in my novels some truths about the real behaviour of, say, academics or Roman Catholics, I should feel I had failed, and so would my readers.[30]

Em consenso com a opinião que David Lodge exprime, com incidência particular na sua ficção, está a opinião mais geral que Malcolm Bradbury veícula logo em 1971, no prefácio a *The Social Context Of Modern English Literature*:

> literature *is* a social product, and can properly be studied as such. And literary study, sociology and history do have a common meeting-place: they are all centrally concerned with the study of culture . . . [31]

Para além das opiniões dos próprios autores de romance académico, que temos vindo a documentar, muitas outras opiniões afins seria possível invocar para reforçar este ponto. Antony Easthope, o autor de que atrás citámos com referência à evolução do ponto de vista assumido nos estudos literários, ainda em *Literary Into Cultural Studies*, advoga um novo paradigma de entendimento do texto literário, que é o dos estudos culturais. Neste âmbito, refere críticos como David Lodge e Norman Holland, que olham o texto de uma posição intermédia, entre o paradigma literário e o paradigma cultural, e outros, como Harold Bloom e Frank Kermode, que se iniciaram no primeiro e derivaram progressivamente para o segundo. De facto, nos estudos culturais, desde, pelo menos, Hoggart que se praticam os métodos

de abordagem de texto preconizados pelos *New Critics*, nomeadamente, *close reading* de documentos. E não obstante a coexistência de correntes teóricas que isolam, no texto literário, o seu valor intrínseco e independente, a ideia de uma ligação indissociável entre literatura e cultura tem sido recorrente ao longo da segunda metade do século XX.

É sintomático desta visão o próprio título, da autoria de Lucien Goldman, publicado em 1964, *Pour Une Sociologie Du Roman*[32]. Por sua vez, na concepção expressa por Julia Kristeva em *O Texto do Romance*[33], a estrutura literária e a estrutura extra-literária encontram-se em relação dinâmica. Pierre V. Zima, em 1985, detecta a inscrição do vector social no texto, em *Manuel de Sociocritique*[34]: a obra vista como fenómeno social leva à análise de elementos extra-textuais. Ernst Bloch, em *The Utopian Function Of Art And Literature: Selected Essays*[35], revela, ao longo da sua escrita, fascínio pela arte (incluindo a poesia e o romance), não só como reflexo das realidades sociais, mas também como projecção dos sonhos humanos em direcção a um mundo, e um modo de estar nele com mais humanidade, solidariedade social e justiça. E Betty Jean Craige, em *Reconnection: Dualism to Holism In Literary Study*[36], em 1988, chega a advogar o paradigma cultural como via de sobrevivência para os estudos literários:

> In the discipline of literary study, our attention to literature for its aesthetic expression alone has disengaged us from some major social issues . . . I believe . . . that only by radically changing our teaching and research practices to focus on the social construction of our knowledge, of our 'literary' expression, and to study ways of interpreting texts (of whatever kind) *contextually* can we integrate the discipline into our society's political life.[37]

Fredric Jameson, em *The Political Unconscious: Narrative As A Socially Symbolic Act*[38] exprime opinião concomitante com as que vimos

referindo. E também em Portugal esta forma de olhar a Literatura tem sido glosada. António José Saraiva, em *A Cultura Em Portugal: Teoria e História*[39], ao rejeitar a associação dos estudos culturais com os estudos históricos, sobretudo económico-sociais, privilegia a associação com o vector literário. E Maria Luísa Leal de Faria, em comunicação apresentada à Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos (A.P.E.A.A.), intitulada "A Disciplina De Cultura Inglesa: Conteúdos E Metodologias", defende:

> Dadas as características do Departamento de Estudos Anglo-Americanos [da Faculdade de Letras de Lisboa], onde a língua, a literatura e a linguística constituem núcleos fundamentais do saber, enquadrando quer a pesquisa científica quer a prática pedagógica, parece-me questão de senso comum reclamar para a cultura inglesa, como matéria-prima de análise, textos e não fenómenos de índole sociológica, económica ou política. Ou seja, será mais produtiva a análise da *Utopia* de Thomas More, do que a pesquisa sobre os mercados da lã nas duas primeiras décadas do séc. XIX. O estudo do texto levará ao entendimento do fenómeno económico. A recíproca não.[40]

A valorização do vector literário que Maria Luísa Leal de Faria advoga, com referência ao estudo da Cultura Inglesa na Faculdade de Letras de Lisboa, encontra reciprocidade na posição defendida por Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, no que respeita ao estudo da Literatura Americana na Faculdade de Letras de Coimbra. De facto, se a Literatura se revela um campo de análise privilegiado em estudos de Cultura, também o próprio estudo da Literatura tem a ganhar com uma abordagem eclética que tome em conta o vector cultural. "I . . . argue for a deeper understanding of American poetry in the wider context of the nation's culture as a whole"[41], escreve Maria Irene Ramalho de Sousa Santos em "Poetry In America", e fundamenta-se nas convicções de Sacvan Bercovittch e de Harold Bloom

para concluir que: "American poetry works within the boundaries of American culture."[42] A imbricação entre a vertente literária e a vertente cultural, no contexto concreto em que o seu estudo tem decorrido nas Universidades portuguesas, apresenta-se, aliás, como inevitável:

> Proponho . . . um modelo diferente para o ensino da Literatura Americana entre nós . . . incluo a in-disciplina necessária, se bem que um tanto assustadora, em contraste com a ordenada limpidez dos métodos histórico-filológico ou estético-literário, que a noção interdisciplinar de *American Studies* implica. Já se vê onde quero chegar: à *popular (mass) culture*, aos *black studies*, ao *folklore*, aos *ethnic studies*, aos *women studies*, à *science fiction*, às *American institutions*, ou mesmo à chamada *material culture*.
>
> Perguntar-se-á: para isso não estará mais indicada a cadeira de Cultura Americana . . . ? . . . ao nível a que se apresentam a Literatura Americana (cadeira do 3º ano) e a Cultura Americana (cadeira optativa), não vejo motivo para a distinção. Dada a nossa tradição acentuadamente alfabética e literária, suspeito que qualquer das cadeiras se estruture largamente em torno da cultura *literária* dos Estados Unidos . . .[43]

As palavras de Maria Irene Ramalho de Sousa Santos que acabamos de citar reportam a 1984, mas embora o estudo das disciplinas de Cultura, de então para o presente, se tenha vindo a emancipar, a validade da abordagem proposta, que preconiza a imbricação entre Literatura e Cultura, mantém-se. Na construção da cultura de um povo, numa determinada época e lugar, mais importante do que o registo factual e contabilístico da realidade, é o impacto que essa realidade tem nos seres humanos que a viveram. Posto, por um lado, que nenhuma representação, literária ou outra, possa esgotar o real, por outro lado, que a realização literária ultrapasse invariavelmente o objectivo da representação, é, ainda assim, na Literatura, e em outras artes e modos de expressão, que esse impacto se torna

especialmente patente. Na sociedade do presente, cada vez mais sofisticada do ponto de vista cultural, é crescente a frequência com que o real nos atinge, não de modo directo, mas através dos produtos culturais que nele se originam. Maria Laura Bettencourt Pires, referindo-se ao estudo da Cultura Americana, chama a atenção, precisamente, para este fenómeno:

> Deve enfatizar-se que aquilo que é apresentado sobre os Estados Unidos não é a realidade mas sim uma representação. Em resumo, nós apenas apreendemos a realidade através de representações dessa mesma realidade feitas por meio de textos, discursos e imagens. É sempre inegável que, regra geral, o real é bem mais complexo do que a sua representação. . .[44]

A Literatura não é, nem pode ser, o repositório do real, mas pode ser algo que, no estudo da Cultura, é mais significativo: a realidade, ao nível da recepção, a representação do modo como o real atinge e afecta os seres humanos. Nunca vai ser possível, em estudos sobre Cultura, responder pela totalidade dos factores envolvidos. De facto, nenhum instrumento de aferição da realidade é exaustivo e sem falhas. Até os estudos estatísticos, que deveriam conduzir a conclusões neutras, totalmente isentas, podem levar a conclusões distorcidas, porque é muito difícil, se não impossível, ponderar, em relação a qualquer questão, absolutamente todos os dados que para ela concorrem, e na proporção, e da perspectiva, que em cada caso se justifique. O que a Literatura faz é deduzir as essências; retirar da experiência, que é caótica e desordenada, veios que, de alguma forma, foram atingindo os seres humanos que lhe sofrem o impacto - o ser humano que, ao escrever, veicula esse impacto - como essenciais. Finalizemos com a opinião, decerto abalizada, de Lionel Trilling, que já em 1952, no colóquio "Our Country And Our Culture", acusava os intelectuais americanos de não se debruçarem ainda sobre a sua cultura com a atenção crítica que ela merecia, e lembrava:

> the literary mind . . . seems to be the best kind of critical and constructive mind that we have, better than the philosophic, better than the theological, better than the scientific and the social scientific.[45]
> . . .
> Art, strange and sad as it may be to have to say it again, really is the criticism of life.[46]

Ao longo do que aqui tem sido exposto, cremos ter fundamentado suficientemente (sem que tal fundamentação alguma vez pudesse ser esgotada) a ideia da relevância da obra literária, em geral, em estudos de Cultura. A incursão simples que fizemos pelo domínio da Teoria da Literatura, ficando muito aquém da complexidade que esta disciplina permite, e é capaz de enquadrar, justifica-se, mesmo assim, a nosso ver, com carácter adjuvante, como meio para atingir a finalidade de fundamentar uma das premissas essenciais à validação do presente estudo. A pergunta a que se impõe, de seguida, responder, será: qual a razão da escolha do subgénero do romance académico para estudo da sua relevância em análise cultural se, segundo o que se tem vindo a concluir, relevante neste campo, em maior ou menor grau, toda a Literatura o pode ser?

No seu ensaio "Campus Fictions", Malcolm Bradbury refere-se a: "a good number of novels, in some ways consecutive and interactive, which have taken the university or campus as a significant setting, and read the world of student, academic, or general intellectual experience as an emblematic place in our culture"[47]. Alguma reflexão sobre este ponto facilmente revelará que a referência ao mundo académico, como lugar emblemático na cultura ocidental, tem profundas razões de ser.

O mecanismo da comparação tem sido fundamental ao pensamento humano, e deste indissociável, desde os tempos mais recuados; as próprias referências bíblicas sobre a criação do mundo o deixam entrever: "1 - No princípio Deus criou os céus e a terra . . . 5 - Deus chamou dia à luz e às trevas noite . . . 10 - Deus, à parte sólida chamou terra, e, mar, ao conjunto das águas. E Deus viu que isto era bom . . . 14 - Deus disse: «Haja luzeiros no firmamento dos céus para diferençarem o dia da noite»[48].

O relato da criação do mundo contém em si uma interpretação para a génese simultânea do pensamento e da linguagem, já que as primeiras realidades são percebidas e nomeadas em função dos contrastes que estabelecem umas com as outras. A origem do "Génesis" remonta à pré-história, mas bem mais perto de nós Ferdinand de Saussure e L. Hjelmslev reconheceriam que não há sentido senão pela diferença, e dentro da diferença - formulando assim o postulado que daria origem ao desenvolvimento dos estudos estruturais.[49] A linguagem é um sistema de diferenças, e é pelo estabelecimento de diferenças, a vários níveis, que o texto se constrói.

Paralelamente, se extrapolarmos das características inerentes ao texto, para o contexto cultural, encontraremos que também na estrutura, em mutação constante, das sociedades e culturas humanas, a capacidade de perceber diferenças, e estabelecer comparações tem sido reconhecida como fundamental. Numa sua contribuição visando formular uma teoria de relações de grupo raciais e étnicas, reportando-se a Robert K. Merton, Milton M. Gordon comenta:

> Man is apparently and irretrievably a comparer. That is, he makes judgements about his own needs and their satisfaction not only on the basis of absolute criteria . . . but on the basis of comparison with others - he is better fed

> than I; or I am better fed than he. This mechanism applies, of course, not only to material satisfactions . . . the range of possible positions is virtually limitless.[50]

Uma razão importante pela qual o subgénero literário do romance académico tem possibilidades de ser um documento privilegiado de análise cultural prende-se com o facto de, por um conjunto de circunstâncias, ele surgir, e se desenvolver, num meio especialmente rico no que respeita à possibilidade de detectar diferenças e tirar conclusões por comparação.

De facto, a Universidade (inglesa ou americana) da segunda metade do século XX pouco já tem a ver com a atmosfera monástica, limitativa em termos de capacidade de perspectivação social, que acompanhou os modelos universitários mais antigos de Oxford e Cambridge, até que o *Test Act* de 1871 os viesse libertar da sua situação de monopólio da Igreja.[51] De então para os nossos dias, pela força de muitos factores de natureza social e económica, a Universidade, tanto no caso inglês como no caso americano, como ainda, em geral, no caso das sociedades do Ocidente, incluindo a nossa, portuguesa, tem-se tornado cada vez menos torre de marfim, e cada vez mais lugar de experimentação cultural diversificada, pois se tem desenvolvido no sentido da inclusão de grupos humanos cada vez maiores e mais heterogéneos.

O percurso neste sentido, que, a partir das Universidades inglesas mais antigas, votadas tradicionalmente ao estudo das Humanidades, redundou na inclusão nos *curricula* de disciplinas mais práticas, e, no século XIX, no aparecimento das *redbrick Universities*, agressivamente seculares, visando a formação dos filhos de famílias, já não necessariamente aristocráticas, nas áreas das Ciências, e das Engenharias, viria a culminar no *Butler Education Act* de 1944, pelo qual a educação de nível secundário se tornou obrigatória, e mais tarde, na sequência do *Robbin's Repport*, na

expansão, nos anos sessenta, das chamadas *plate glass universities*, devotadas em extremo ao estudo da Sociologia. A tendência democratizante continua a verificar-se no ensino superior britânico até bem dentro dos anos noventa, com a progressiva transformação dos Institutos Politécnicos em Universidades, processo a que subjaz um conceito de Universidade que coloca ênfase no vector do treino para ocupação de postos no mercado de emprego.

Também no caso americano a Segunda Guerra Mundial foi o catalisador principal e definitivo desta viragem: a *G. I. Bill*, destinada a encorajar o acesso ao ensino universitário por parte dos veteranos de guerra, frequentemente oriundos de classes economicamente mais desfavorecidas, que até aí se tinham mantido afastadas das Universidades, foi o primeiro factor importante a instilar dentro da própria instituição universitária uma diferença, não pontual, mas generalizada, com que esta teve de viver, e que a obrigou a modificar os seus padrões de valor, e a sua concepção de si mesma. Aqui se terá iniciado o percurso da ruptura com o cânone curricular, e do frequentemente chamado *lowering of standards*, que tanta polémica tem dado, de então até ao presente.

A extraordinária expansão do sector público do ensino universitário nos anos quarenta veio a encontrar sequência em leis como o *Economic Opportunity Act*, de 1964, e o *Higher Education Act*, de 1965, pelos quais jovens de classes desfavorecidas ganharam, através de empréstimos governamentais e de bolsas de estudo, a possibilidade de ingressarem no ensino universitário.

O romance académico moderno é fruto desta tensão entre os ideais do *Establishment* universitário, com o seu cânone de valores académicos tradicionais, e a crescente centralidade de coisa nenhuma, trazida pela inclusão na Universidade de grupos mais numerosos e heterogéneos -

tendência que tem continuado, até ao presente, pelo estabelecimento, por parte do governo, de quotas para facilitar o ingresso no ensino universitário às minorias.

Pelo menos desde a passagem da *G. I. Bill* que se pode argumentar que a Universidade, primeiro nos Estados Unidos, e depois, gradualmente, nas outras sociedades ocidentais, se tornou num cadinho de experimentação social, em que a convivência entre as várias diferenças (de classe, de género, de raça) se efectua num estádio mais avançado, digamos, pioneiro, em relação àquele que é o estádio do resto da sociedade, em geral. Para a importância do romance académico como documento de análise cultural contribui o facto de a própria instituição universitária se ter demarcado, no contexto da sociedade americana (e no das sociedades da Europa ocidental) como a via de mobilidade social positiva, por excelência.

As oportunidades de mobilidade social têm variado ao longo dos tempos; reportando-nos, de novo, ao caso americano, podemos afirmar que o fim das oportunidades criadas pelo *Homestead Act* (1862), marcou, pelo menos simbolicamente, o início das novas eras, de mobilidade social tornada possível prioritariamente através da educação. O triunfo individual, tanto na era do avanço tecnológico como, presentemente, na era da informática, pressupõe, para o indivíduo, a necessidade de ter conhecimentos que se adquirem, maioritariamente, nas Universidades. A Universidade é a instituição que se tem apoderado destes saberes, e os tem desenvolvido ao grau em que hoje se encontram. E muito embora se torne cada vez mais discutível o valor de um curso universitário como garantia de emprego, a verdade é que, no enquadramento presente, a educação, nomeadamente a educação universitária, ainda nos ocorre, apesar de tudo, como a via mais provável de mobilidade social positiva. Na Parte III deste trabalho, a ideia da ligação entre educação e ascensão de classe será

apropriadamente documentada, com recurso a autores relevantes que a subscrevem.

Defendemos que, pelo laço fundamental que tem com a Universidade e a educação, o romance académico se radica, de há várias décadas para cá, no cerne da dinâmica da sociedade, e que isto lhe poderá conferir, entre outra Literatura, um estatuto privilegiado no que respeita à sua qualidade como documento cultural.

O observador académico poderá ainda evidenciar-se entre outros observadores em termos da sua isenção. A proverbial liberdade académica, que recusa o enfeudamento a poderes políticos ou potentados financeiros, poderá, na proporção em que ainda subsista, garantir a maior imparcialidade destes observadores/narradores.

Daniel Bell apercebe-se da profunda mudança de critérios de atribuição de valor que, gradualmente, se veio a instalar durante o período a que chamaremos a idade da tecnologia: "class, in industrial society, in the last two hundred years, has justly been defined in terms of property relations".[52] A resposta à pergunta sobre quem tinha poderio económico para pagar a quem, ou, pelo contrário, quem precisava de ser pago por quem, seria o factor determinante na distribuição dos indivíduos por classes, na era industrial. Mas o mesmo autor conclui que:

> structural changes have tended to reduce the role of property and introduce a new criterium, that of technical skill, as the basis of class position.[53]

É em analogia com este critério de atribuição de valor por *technical skill* que se pode ver o critério de atribuição de valor no mundo académico,

muito embora a competência técnica tenha, na sociedade, um papel mais indispensável em termos de relações de produção do que têm as disciplinas académicas puras; em qualquer dos casos, no entanto, a progressão do indivíduo se efectua, não por factores exteriores, como o volume da sua conta bancária, ou o estatuto social da família de que provém, mas pelo factor das aptidões que a tal indivíduo são intrínsecas.

Idealmente, os *Scholars* formariam uma classe constituída a partir de uma variedade representativa de todos os estratos socioeconómicos, tendo o mérito próprio como elemento comum, e, como única obrigação comum, a procura, e transmissão, da verdade nas suas respectivas áreas. A instituição da *tenure* existiria para garantir isso mesmo, sobretudo no campo das Humanidades que, aparte o que respeita ao mercado livreiro, não produzem bens comerciáveis, decorrendo a sua actividade numa esfera mais remota em relação ao mundo da produção.

Nos Estados Unidos, só em 1958 foram, pela primeira vez, atribuídos fundos de algum vulto às Humanidades, através do *National Defense Education Act*, que visava fomentar, nas Universidades, o ensino de línguas estrangeiras, como parte de uma estratégia de defesa internacional. Cremos que os resultados desta estratégia possam ter sido desencorajadores para o governo: o conhecimento é ambivalente, também neste campo; se, por um lado, melhora a capacidade de defesa, por outro, destrói a inimizade, e promove a atracção e a tolerância. Poucas épocas terá havido, tão eclécticas e tolerantes em relação à diferença, como a época que se seguiu ao *National Defense Education Act*, posto que estas tendências se tenham materializado pela contribuição de muitos outros factores. De entre eles consideramos de menção obrigatória a reacção generalizada dos meios universitários contra o Macartismo da década anterior, reacção que imprimiu uma marca profunda às características

tomadas pelo subgénero do romance académico dos anos sessenta em diante.

As referências ao financiamento prestado às Humanidades através da *National Foundation for the Arts and Humanities*, que viria a ser fundada em 1964, apontam para que este tenha sido, no geral, bastante moderado, sobretudo se tomarmos como termo de comparação o apoio muito mais substancial dado às áreas tecnológicas das Universidades que, cada vez mais, contam ainda com financiamento de projectos por parte de empresas.

A maioria dos romancistas académicos são professores na área das Humanidades, que praticamente não conta com financiamento empresarial, e que menos investimento governamental tem tido. Mesmo dentro da Universidade encontram-se, assim, no sector que mais possibilidades praticáveis tem de preservar a sua liberdade académica, e de ser um observador desinteressado. A favor da maior imparcialidade destes autores poderá ainda invocar-se o facto de não terem de considerar vicissitudes de ordem prática, e, pelo contrário, lidarem com os conceitos e realidades de um ponto de vista teórico e intelectual, pelo qual, pessoalmente, pouco ou nada terão a perder ou a ganhar; isto lhes permitirá um distanciamento mais desapaixonado, uma perspectiva mais neutra nas questões que tocam ou que equacionam. Não cremos que possíveis cautelas tomadas, na ficção académica, em relação a pessoas, ou à política interna dos departamentos a que estes autores pertencem, afectem significativamente os seus livros, no que respeita ao tratamento das grandes questões da sociedade. Se houver, na obra destes romancistas, alguma distorção a favor dos seus interesses, ela efectuar-se-á mais provavelmente no sentido de ir ao encontro da necessidade de criar empatia com o público em geral, para que os seus livros sejam comercialmente bem sucedidos. Isto terá o efeito de contribuir para que as suas obras reflictam os sinais dos tempos, e reforçará o valor

delas em estudos de Cultura, ao contrário do que aconteceria com outro tipo, mais restritivo, de *parti pris*.

Admitimos que, mesmo na área das Humanidades, a Universidade desempenha múltiplos papéis, interligando-se, por um lado, com o poder político, por outro, com necessidades de ordem prática como a de treinar jovens que precisarão de ocupar postos no mercado de trabalho. É inevitável que existam alguns conflitos de interesses; por outro lado, se assim não fosse, a Universidade facilmente perderia em ligação à dinâmica social aquilo que tivesse ganhado em imparcialidade. Portanto, reconhecendo embora que seria ingenuidade utópica admitir, sem reservas, que qualquer sociedade se dispusesse a financiar, dentro de si, uma pequena classe, somente para que fosse o seu barómetro e a sua consciência, reconhecemos também, ao percorrermos com o pensamento a gama de instituições que em qualquer sociedade ocidental nos rodeiam, que teremos de concluir que a Universidade, particularmente na área das Humanidades, se demarca ainda, entre elas, como a que mais probabilidades tem de se encontrar a menor distância deste ideal.

Nestas circunstâncias, a perspectiva do romancista académico deverá ganhar foros de **maior imparcialidade**, além de ser, como atrás se argumentou, uma perspectiva **abrangente em relação à diversidade de grupos populacionais** que convergem, hoje, para a Universidade, e **central à dinâmica social** da segunda metade do século XX, por irradiar a partir da instituição que mais fomenta mobilidade social positiva na actualidade. Acreditamos que a confluência destas características garantirá ao presente subgénero do romance académico, entre outra Literatura, o estatuto privilegiado como documento de análise em estudos de Cultura, que o torna alvo desta dissertação.

Uma vantagem importante acresce à referida relevância do romance académico em estudos de Cultura: a praticabilidade da análise cultural que tome o romance académico como documento é aumentada pelo facto de ele poder funcionar como microcosmo em relação ao painel diversificado da realidade cultural exterior. Posto que as consequências daí decorrentes nunca tenham sido cabalmente exploradas, a ideia de ser o romance académico um microcosmo, em si, não é nova. Levámos a cabo um levantamento de várias opiniões convergentes neste sentido, de proveniências diversas e sem ligação entre elas, a não ser a ligação difusa que a publicação de cada novo ensaio sempre estabelece com o debate cultural generalizado que exista sobre o tema em questão. Seleccionámos, e apresentamos por ordem cronológica, alguns excertos, evidenciadores desta perspectiva sobre o romance académico, que, desde os anos sessenta, tem vindo a ser formulada com frequência crescente:

> [the academic novel is] a subgenre of the novel which treats the academic community as a microcosm reflecting the great world, an adequate symbol of our total society.
>
> Leslie A. Fiedler, *Waiting For The End*, 1964[54]

> What are the sources of the campus novel's attraction, both for readers and writers? One reason, perhaps, is that the university is a kind of microcosm of society at large, in which the principles, drives and conflicts that govern collective human life are displayed and may be studied in a clear light and on a manageable scale.
>
> David Lodge, *Write On*, 1986[55]

> Thus far the English academic novel . . . shares with its American counterpart an interest in the university as a social, political, and cultural microcosm.
>
> Gyde Christine Martin, "The New University Novel: A Mirror Not Just Of Academe", 1988[56]

Gyde Christine Martin fundamenta a sua opinião em clássicos do subgénero do romance académico, como *The Masters* (1951), de C. P. Snow, em que o *Oxbridge College* funciona como microcosmo político directamente afectado pela ameaça da Alemanha nazi, e *A Small Room,* de May Sarton, em que se reconhece explicitamente que "the university is simply a microcosm where every normal instinct gets raised to the nth power"[57]. Também em *Giles Goat Boy, Or, The Revised New Sillabus* (1966), de John Barth, a Universidade é vista como alegoria da política internacional no princípio dos anos sessenta. Gyde Christine Martin reforça a ideia de que existe a mesma qualidade de microcosmo nos romances académicos ingleses: "The English university novels . . . use the university as a microcosm of Great Britain to document the changing social conditions that followed the inception of the welfare state".[58]

As referências ao romance académico como microcosmo têm-se generalizado à entrada da década de noventa:

> [Also in university novels] the world of manners as microcosm brings to mind a larger and less pleasant one; occasionally that larger world threatens to overwhelm the enclosed, smaller one.
>
> John Wilkinson, "Conventions And Comedies Of Manners And British Novels About Academic Life", 1990[59]

> the poignancy of the implications [to be found in the university novel] may not be reserved for campus-dwellers alone. For the university, variously citadel of knowledge, quaint retreat and web of intrigue, is becoming in the most recent fiction a microcosm.
>
> David Bevan, Introdução a *University Fiction*, 1990[60]

> David Lodge says in his turn that [the university novel] is a small world, but one that travels into the larger cosmopolis of modern life, and it is certainly not free of its intellectual and cultural contradictions, nor of its pains, its pressures, its economic anxieties.
>
> Malcolm Bradbury, "Campus Fictions", 1990[61]

> the university, the focal point of all this deception, is merely a model in microcosm of these processes as they work their way through the world at large. . . The university is . . . another human and therefore fallible institution, mirroring in its frailties all human creations as they proceed in their wretchedly carnivorous path.
>
> Roy Dinneen, "Robert Escarpit's *Le Littératron: Un Nuagiste À La Fac*",1990.[62]

A qualidade de microcosmo, representativo da realidade exterior, apontada por uma variedade de autores que têm abordado o tema do romance académico, e de que viemos tomando exemplos, sugere que este

subgénero seja particularmente recompensador em termos dos possíveis resultados da sua abordagem como documento de análise cultural, o que contribui como justificação para este estudo.

Reforça o motivo para a presente investigação a falta, com que nos deparámos, de estudos extensivos que tratem a evolução do subgénero do romance académico dos anos sessenta em diante, da perspectiva em que pretendemos tratá-la. De facto, à excepção de um volume, publicado em 1981, que, mais do que um estudo propriamente dito, é uma bibliografia anotada (*The American College Novel*[63], de John E. Kramer) os dois principais estudos de fôlego sobre este tema terminam nos anos sessenta, ou ainda antes: *The English University Novel*[64], de Mortimer Proctor, inicia-se em Smollett e Fielding, e fecha com a referência ao romance de Kingsley Amis, *Lucky Jim*[65] (1954); e *The College Novel in America*[66], de John O. Lyons, cobre a evolução do romance académico, nos Estados Unidos, desde *Fanshawe*, de Hawthorne, publicado em 1828, até *A New Life*[67], de Bernard Malamud, publicado em 1961. Depois deste período, os estudos de romance académico a que temos tido acesso, tendem, ou a ser orientados para o tratamento de problemáticas específicas, como é o caso de *The University In Modern Fiction: When Power Is Academic* (1993), de Janice Rossen, que se centra sobre a questão do poder na Universidade, ou a ser esparsos e fragmentários, encontrando-se na forma de artigos vindos a lume em publicações periódicas, ou em volumes de ensaios coligidos por um editor interessado, como é o caso do valioso livro sobre este tema editado por David Bevan, *University Fiction*. A propósito desta situação, poderíamos, ainda hoje, fazer nossas as palavras de Gyde Christine Martin, em 1988:

> If one considers the popularity and longevity of the genre which has variously been referred to as the University novel, the College novel, and the Campus novel, then it is surprising how little critical attention this genre has received[68]

Permanecerá como objectivo, ao longo da nossa pesquisa, fundamentar e estabelecer a relevância desta forma de expressão, como documento cultural. Porque os principais estudos extensivos sobre o subgénero do romance académico terminam ainda nos anos cinquenta, ou no princípio da década de sessenta, este trabalho incidirá prioritariamente sobre a respectiva evolução, dos anos sessenta aos nossos dias. E porque o subgénero de que tratamos se tem revelado uma forma de expressão essencialmente anglo-americana, serão as obras surgidas neste contexto cultural que informarão o presente trabalho.

Na delimitação do *corpus* que se torna imprescindível fazer, dado o grande número de obras publicadas dos anos sessenta até à actualidade, que cabem totalmente, ou cabem sob alguns pontos de vista, no subgénero do romance académico, tomaremos em conta, não só que, como atrás afirmámos, David Lodge e Malcolm Bradbury se têm demarcado como os romancistas académicos por excelência, como, também, que estes dois autores têm condições para poderem olhar, não só a cultura inglesa, mas também a cultura americana, de um ponto de vista que reputamos privilegiado. Qualquer destes autores tem conhecimento próximo da realidade americana. David Lodge recebeu, em 1964-1965, uma *Harkness Commonwealth Fellowship* que lhe permitiu ir para os Estados Unidos estudar Literatura na Universidade de Brown - Providence, Rhode Island, onde, com outros Professores e críticos, esteve associado à fundação da publicação periódica *Novel: A Forum On Fiction*; voltou aos Estados Unidos em 1969, como *Visiting Professor* na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Quanto a Malcolm Bradbury, fez a sua pós-graduação nos Estados Unidos, na Universidade de Indiana, e tem sido Professor de Estudos Americanos na Universidade de East Anglia, desde 1970.

"Habitualization devours objects, clothes, furniture, one's wife and the fear of war"[69], afirmava David Lodge, citando Victor Shklovsky, em *The*

Modes Of Modern Writing. Acresce que tanto David Lodge como Malcolm Bradbury, enquanto conhecedores da realidade dos Estados Unidos, têm, sobre outros autores que na cultura americana estivessem permanentemente imersos, a vantagem de poderem manter sobre esta cultura distanciação suficiente para a olharem com uma visão desabituada; e a atitude comparativa daí decorrente enriquecerá também a visão da sua cultura de origem, pela maior dose de atenção crítica que lhe terão passado a dispensar. Pelas razões que temos vindo a apontar, ao longo do presente estudo começaremos por recorrer - na Parte I - a um *corpus* de narrativas constituído por *The British Museum Is Falling Down* (1965), *Changing Places* (1975), *Small World* (1984), *Nice Work* (1988), e *Paradise News* (1991), de David Lodge; e por *Eating People Is Wrong* (1959), *Stepping Westward* (1965), *The History Man* (1975), *Rates Of Exchange* (1983), *My Strange Quest For Mensonge* (1987), e *Dr Criminale* (1993), de Malcolm Bradbury. De entre estas obras, daremos especial relevância a *Stepping Westward*, e *Changing Places*, por em ambas se glosar o tema da viagem do *Scholar* inglês para os Estados Unidos, com o subsequente *culture-shock*, pelo qual podem ser cotejadas a cultura inglesa e a cultura americana, de especial interesse para este trabalho.

O presente *corpus*, que informará principalmente a Parte I, mas que, de modo mais, ou menos activo, se manterá presente, também, nas restantes, é, no entanto, definido sem prejuízo de eventual recurso a outros romances académicos, de outros autores, quando tal se justifique, para demonstrar a genuinidade de afirmações que serão feitas ao longo do trabalho. Tal recurso não será, no entanto, sistemático, porque nunca poderia ser exaustivo. Assim, impõe-se fazer uma ressalva sobre a validade das conclusões a que viermos a chegar. Consideramos que há um indicador que aponta no sentido de as conclusões que apresentarmos se poderem aplicar a uma generalidade de obras pertencentes ao subgénero do romance académico da segunda metade do século XX, porque a leitura que

fizemos dos romances académicos de David Lodge e Malcolm Bradbury, e das obras de outros romancistas académicos que integrarão o *corpus* que informará as Partes II e III deste estudo, foi ela própria orientada por linhas mestras de interpretação que inferimos da leitura de um número considerável de romances académicos de outros autores. No entanto, deverá ser tido em conta que, aprofundando o presente trabalho os dados de um número inevitavelmente limitado de obras, algumas das suas conclusões poderão não ser extrapoláveis, caso a caso, para os restantes espécimes passíveis de inclusão no subgénero de que tratamos. Não nos ocorre forma de evitar tal solução de compromisso, pois, mesmo que fossem ilimitados o tempo e o espaço a destinar a este estudo, considerar exaustivamente todas as obras que pudessem ser apelidadas de romance académico seria, de todo em todo, impossível, devido à qualidade pouco estanque deste subgénero. De facto, ele imbrica frequentemente, de modo alternado ou cumulativo, por um lado, na tradição do *Bildungsroman*, por outro, no romance policial, por outro, ainda, na literatura de viagens - pelo que qualquer tentativa de listar o romance académico até à exaustão nos faria deparar com um sem número de casos híbridos. Mas esta é uma dificuldade, em princípio, comum às classificações de obras em subgéneros literários. Assim, no sentido de realizarmos o primeiro objectivo que nos propomos, de fundamentar e estabelecer a relevância, como documento cultural, do romance académico da segunda metade do século XX (que frequentemente designaremos por 'romance académico moderno'), adoptaremos a seguinte abordagem metodológica, ao longo da Parte I deste trabalho:

Depois de, no presente capítulo introdutório, em que lançamos as premissas sobre as quais o estudo proposto se baseia, termos documentado o reconhecimento, por parte de vários autores, da existência do subgénero literário do romance académico, e da relevância, em estudos de Cultura, da Literatura em geral, e do romance académico em particular (como

microcosmo que revela ser da realidade cultural que o envolve), explicitamos as razões e objectivo da investigação e definimos o *corpus* em que se baseará, e a metodologia a seguir, tecendo as considerações que estes aspectos nos sugerem. Deste capítulo fará ainda parte uma definição tão breve quanto possível de conceitos operativos relevantes ao longo do trabalho.

Além do primeiro capítulo, cujo conteúdo resumimos, será a Parte I deste trabalho constituída por um segundo capítulo em que, sob o título genérico de "Contextualização Histórico-Cultural do Subgénero Literário do Romance Académico", se visará estudar o modo como a evolução do subgénero do romance académico se define face à evolução histórico-cultural do meio em que tem florescido, e, mais particularmente, face às modificações que essa evolução histórico-cultural tem vindo a imprimir ao conceito de educação, e ao estatuto e função da Universidade, que é a instituição que, ao romance académico, serve de ponto de partida. Este capítulo incluirá o tratamento da primeira grande problemática que, ao fim do capítulo inicial, esperamos já ter isolado: o conflito constante entre idealismo e pragmatismo que, reflectindo tensões presentes na cultura do Ocidente, marca a Universidade, como instituição, e marca também, de forma de tal modo ineludível, o romance académico inglês e americano, que se pode considerar que a presença do conflito em questão se torna uma das características que define este subgénero literário na sua fase moderna. Nele equacionaremos também aquela que, a nosso ver, tem sido a saída mais comum para o conflito entre idealismo e pragmatismo: o culto da diferença, com a fuga para o relativismo, atitude que se tem generalizado, e da qual procuraremos os sintomas na sociedade, na Universidade e no romance académico. E o capítulo "Contextualização Histórico-Cultural do Subgénero Literário do Romance Académico" concluirá com a análise do modo como o universo de relatividade radical, que é, hoje, o da cultura americana, e, em geral, o da cultura do Ocidente, se reflecte ao nível da

forma, e do conteúdo, predominantemente assumidos pelo romance académico moderno. Apreciaremos de maneira sistemática, a esta luz, os finais dados às onze narrativas que servem de *corpus* à Parte I.

Para o estudo que informará a Parte I recorrer-se-á, no que respeita a exemplos de romance académico moderno, prioritariamente às narrativas de David Lodge e Malcolm Bradbury, e, entre elas, será atribuída especial relevância a *Changing Places* e *Stepping Westward*. O tratamento a dar a estas e às outras obras consistirá em trazer à superfície várias vertentes interpretativas, que no seu conjunto convergirão para uma definição do romance académico da fase moderna, orientada pela ideia que defendemos, e que o trabalho deverá fundamentar, do valor do subgénero literário em questão, como documento cultural.

O objectivo das Partes II e III ultrapassa o que respeita à definição principalmente teórica do subgénero, à luz da tese sustentada, e envolve o recurso a algumas obras como objectos de estudo, no sentido de comprovar o valor de casos particulares de romance académico moderno como documentos para análise cultural. Conterá, assim, um teste à legitimidade da ideia que sustentamos.

A ideia da relevância do romance académico como documento cultural tem como um dos seus pilares fundamentais o conceito da *diferença* e a valorização, ou mesmo a hipervalorização deste conceito na sociedade do presente, e, especialmente, na Universidade. Consideraremos, na Parte I, que o universo de relatividade radical que é o da sociedade ocidental contemporânea, e que o romance académico moderno reflecte, abre a perspectiva para, neste subgénero, podermos vir a encontrar equacionadas, de uma óptica mais descentralizada do que é costume, *diferenças* cujo entendimento é hoje indispensável à interpretação de qualquer cultura, e à interpretação da cultura do Ocidente, em especial. Para este estudo,

seleccionaremos o tratamento das diferenças étnicas/de raça e das diferenças de classe, que permeiam e modificam todas as outras. Justificar-se-ia, ainda, a abordagem das diferenças de género e de geração, que teremos de reservar para estudos posteriores, dado o facto de a extensão previsível do presente trabalho não poder, dentro dos limites do bom senso, comportar o seu tratamento.

Assim, constituimos como segundo objectivo deste estudo algo que é, de facto, um teste ao primeiro objectivo que formulámos, de demonstrar o valor do romance académico como documento privilegiado para análise cultural: será com recurso a este subgénero literário que pretendemos realizar o segundo objectivo, que consiste em pôr a descoberto as visões que, na segunda metade do século XX, a Universidade inglesa e americana tem revelado, primeiro, ter de si mesma, e, a partir destas, as visões que vai revelando ter das realidades que ainda não foi capaz de completamente integrar em si: as visões do *Outro*, destacando-se como formas de alteridade visadas, as diferenças entre culturas, as diferenças de classe socioeconómica e as diferenças étnicas/de raça. O facto de termos colocado como título da tese aquilo que reporta ao nosso segundo objectivo, (*'Autovisões' E 'Alterovisões' da Universidade*), e como subtítulo, o que reporta ao primeiro, (*O Romance Académico Como Documento Cultural*), constitui, neste caso, uma opção pelo pragmatismo, uma opção pelo produto posto a descoberto, em vez de pelo processo, pelos recursos usados para o produto se poder materializar.

Cumpre agora que nos interroguemos sobre a possibilidade real da descentralização do olhar a que atrás nos referimos. Por um lado, perante o fenómeno da democratização e generalização do acesso à Universidade, torna-se defensável sustentar que a perspectiva do narrador académico moderno pode hoje vir de qualquer quadrante da sociedade, e, mais, que a origem, em termos de grupo social de que o narrador académico provém,

perde relevância com a sua inserção na instituição universitária, já que esta se rege por padrões de atribuição de valor a que os vínculos originais de pertença a uma classe, raça, geração, ou a um dos géneros, deverão, idealmente, ser alheios.

Por outro lado, é igualmente defensável sustentar que tal ângulo de observação absolutamente isento corre facilmente o risco de ser verdadeiro sobretudo em teoria, e como abstracção para a qual tendem as posturas assumidas por uma generalidade de narradores académicos que tenham estado sob escrutínio, sem que, no entanto, se mantenha verdadeiro até à exaustão em cada um dos casos particulares. Isto é, será difícil que cada um dos narradores das obras que vierem a ser tomadas como *corpus* das Partes II e III deste estudo se revele tão completamente liberto de vínculos ou afinidades de raça, de género (feminino ou masculino), e de classe como se concluirá ser tendencialmente verdade quando observamos o formato da postura assumida pelos narradores na generalidade do subgénero literário em questão.

Mesmo em obras que não são de ficção, não há registos passivos da realidade. Como diz João Ferreira de Almeida, em *Introdução à Sociologia:* "a realidade não fala por si, é necessário interrogá-la para obter respostas. E o tipo de inteligibilidade obtida está sempre ligado à forma do questionamento"[70]. Como diz, por sua vez, Lovejoy, em *The Great Chain Of Being*: ". . . it is, after all, the action of the mind upon facts that makes both philosophy and science - and, indeed, largely makes the facts"[71].

Implicitamente, no caso que nos ocupa, a forma do questionamento é ditada pelo narrador académico. E se a forma do questionamento, como invariavelmente acontece, e como Lovejoy sugere, condiciona as respostas encontradas, impõe-se, neste trabalho, a necessidade de definir o olhar que vê, tanto como aquilo que é visto. O olhar que vê é, em última análise, o

olhar do autor-narrador, mesmo quando esse olhar é endossado a outra personagem, ou outras personagens; personagens que são, elas mesmas, artefactos servindo, ainda que de modo não deliberado, a consecução de um objectivo mais abrangente, que é a construção de uma determinada forma de ver.

Por muito isenta e livre de preconceitos que esta forma de ver se apresente, ela corresponde, em cada caso, ao olhar único, *daquele*, e não de outro narrador, e importa defini-lo, apenas numa primeira análise, naquilo que tem em comum com uma variedade de outros, mas, em análise subsequente, também naquilo que lhe é específico e exclusivo. A definição do olhar que vê, condicionando a forma de inteligibilidade impressa naquilo que é visto, é, portanto, um dado imprescindível à interpretação. Daí que a preocupação de definir esse olhar afecte profundamente a metodologia que pretendemos adoptar nas Partes II e III do trabalho em curso.

Assim, no primeiro capítulo da Parte II - *Autovisões*, a que chamaremos "A Universidade Vista por Si Mesma", serão analisadas, com base num *corpus* seleccionado, as imagens que a Universidade revela ter de si própria, com os conflitos internos que lhes estão na origem e lhes são inerentes. O segundo capítulo, intitulado "Quem É o Professor/*Scholar*? O Ponto de Vista que Prevalece" versará sobre a imagem do Professor, ou *Scholar*, aos olhos do próprio Professor ou *Scholar*, que é o narrador académico. Com fundamentação nas manifestações de *authorial self-consciousness* que são especialmente frequentes neste subgénero, e que traduziremos como manifestações de auto-consciência autoral (de modo não totalmente satisfatório, por *self-consciousness* não ter equivalente exacto em português), tentar-se-á chegar, de certa forma, a uma tipologia dos *Scholars*, e, adentro dessa tipologia, à definição de qual o Ponto de Vista da narração que predomina no *corpus*. Desta forma, ter-se-á definido

um determinado ***Nós***, como patamar indispensável para o entendimento do *Outro*.

É, de facto, o *Outro*, ou a *alteridade*, ou a *diferença*, que se constitui ainda como fulcro deste trabalho; nele, o valor de vários exemplos de romance académico moderno como documentos culturais será avaliado em função do grau em que o tratamento que neles se faz da diferença social, em várias das suas formas, seja sintomático ou esclarecedor do que se passa na sociedade exterior à instituição universitária. Daí que a Parte II, a que se terá dado o título de *Autovisões* por versar sobre a visão de si mesmo, tanto por parte da Universidade, enquanto instituição, como por parte do Professor/*Scholar*, seja seguida de uma Parte III, intitulada *Alterovisões*, por se prender com o estudo do que, tanto em relação às vertentes mais conservadoras da Universidade, como em relação à sociedade que é exterior a esta instituição, constitui ainda, em maior ou menor grau, o *Outro*, a *alteridade*, a *diferença*.

Justifica-se, a este ponto, fazer uma ressalva explicativa sobre os termos escolhidos para integrarem o próprio título do estudo que propomos. *Autovisões* e *Alterovisões* da Universidade têm a sua feição de neologismos que, à primeira vista, parecem facilmente substituíveis, no primeiro caso, pelo termo auto-imagem, e no segundo, eventualmente, por imagens ou visões da alteridade. Se optámos pelos neologismos foi porque tomar a referência a 'imagem' como base nos pareceu apontar para uma realidade menos multifacetada, mais estável e monolítica do que aquela que queríamos significar. Assim, por *autovisões* entendemos a gama multifacetada de imagens de si mesmo que têm estado subjacentes ao modo de se ver da Universidade e dos universitários ao longo do tempo (especialmente, no âmbito deste trabalho, ao longo da segunda metade do século XX); e com o termo *alterovisões*, ou visões do *Outro*, pretendemos significar as formas, também variadas e mutáveis, como, a partir da

Universidade, tem sido vista e equacionada a diferença social e cultural, ou seja, as realidades com que a Universidade ainda não parece identificar-se totalmente, aquelas de que ainda revela tendência para se demarcar. Dado o papel pioneiro, no que respeita a experimentação social, que a Universidade tem tido, sustentamos a ideia de que tanto as realidades com que a Universidade se tem identificado, como aquelas de que tem continuado, em maior ou menor grau, a demarcar-se, merecem ser alvo de atenção e de estudo, por repercutirem tendências e traços culturais que definem a sociedade em que vigoram, num certo tempo.

A diferença é central ao romance académico moderno, e surge de modo mais patente na forma de estabelecimento de contrastes interculturais. O tema da 'viagem' é a tal ponto recorrente nesta forma de expressão que nos levará, na Parte I, a centrar o trabalho em *Stepping Westward*, de Malcolm Bradbury, e *Changing Places*, de David Lodge. De facto, ambas estas obras constituem visões da América através do olhar de *Scholars*/Professores ingleses que a visitam: olhar dotado de capacidade autocrítica, porque a visão de si mesmo é iluminada pela *diferença* emanante da visão do *Outro*; olhar enriquecido, por partir dos pressupostos da cultura própria, que servem como termo de comparação e dão novo fôlego à interpretação da cultura alheia; olhar, além disso, especialmente perspicaz, porque não embotado pela rotina, pela habituação criada por uma exposição permanente ao que é visto; olhar, ainda, especialmente vocacionado para passar para além dos lugares comuns e ser capaz de ver em profundidade, dado o pendor reflexivo e estudioso associado à profissão de quem vê.

O romance académico da fase moderna é, de facto, profundamente marcado pela dimensão intercultural e pelo tema da 'viagem', quer a 'viagem' corresponda ou não a uma deslocação física significativa. A 'viagem' pode ser dentro da América, e o contraste intercultural estabelecer-se entre o

Leste e o Oeste, como é o caso em *A New Life* (1961), de Bernard Malamud; ou pode fazer-se entre pólos aparentemente tão próximos, mas psicologicamente tão diversos como a Universidade de Columbia em New York, e a Universidade de Harvard, em Cambridge, Massachusetts, tal como é o caso em *Death In A Tenured Position* (1978), de Amanda Cross. Em *The British Museum Is Falling Down* (1965), de David Lodge, a proximidade física é ainda maior: a 'viagem' é aos arredores de Londres, à procura de um manuscrito, e só dura uma tarde que é, no entanto, suficiente para, através da actuação das personagens, pôr em confronto a cultura académica com a cultura exterior à Universidade - contida a primeira pelos grilhões impostos por um modo literário de ver o mundo, já que a narração é feita, sucessivamente, no estilo parodiado de vários autores. Frequentemente, no entanto, as viagens e respectivos confrontos interculturais são de longa distância: da Inglaterra para a Europa Central, em *Rates Of Exchange* (1983), de Malcolm Bradbury, ou para a Austrália, em *Redback* (1986), de Howard Jakobson; ou da Rússia para a América, como em *The Visiting Professor* (1993), de Robert Littell. Nem sempre se estabelecem, portanto, entre a Inglaterra e a América, e às vezes estabelecem-se em muitas direcções, como em *Small World* (1984), de David Lodge.

Em exemplos mais recentes, que se não enquadram já totalmente dentro da designação de romance académico, mantém-se, no entanto, o tema da viagem, que pode dar-se também na mesma cidade, mas entre espaços mentais opostos, como são, em *Nice Work* (1988), de David Lodge, a Universidade e a fábrica. Ou pode dar-se entre o mundo académico, representado por Bernard Walsh, e os valores *yuppie* e a sociedade de consumo representados pelo Havai, como acontece em *Paradise News* (1991), do mesmo autor; ou ainda, quando o subgénero parece ter-se fundido de novo no género do romance, e o *Scholar*/Professor toma a forma de um escritor argumentista para a televisão a viver em Londres, como é o caso em *Therapy: A Novel* (1995), também de David Lodge, pode a 'viagem'

dar-se entre Londres e Santiago de Compostela, entre um modo laico e positivista, opondo-se a um modo espiritual de ver o mundo, ou, diacronicamente, entre duas formas, uma tradicional e outra progressista, de se ser cristão e católico.

Em todo o caso, aquilo a que temos chamado o tema da 'viagem' está de tal forma generalizado nestas obras e suas derivações, que podemos considerá-lo elemento-chave que condicionou a evolução ou a falta de evolução do subgénero para a fase moderna. Como temos vindo a documentar com alguma amplitude, o estabelecimento de contrastes interculturais acompanhou a evolução do subgénero do romance académico inglês e americano na segunda metade do século XX. Pode considerar-se que não só acompanhou esta evolução, mas também a tornou possível, e que, pelo contrário, a falta de capacidade ou de possibilidade de ver em perspectiva, de aperceber diferenças ou mesmo inconsistências interculturais, parece ter obstado a que noutros países o mesmo subgénero evoluísse para a fase da modernidade.

Os primórdios do romance académico foram semelhantes numa variedade de países. Gyde Christine Martin comenta que, não obstante Mortimer Proctor e John Lyons terem tratado a ficção universitária britânica e americana como fenómenos separados, Lyons reconheceu uma semelhança de base na evolução das duas. E conclui:

> On both sides of the Atlantic, the original university novel focuses on student life . . . the university novels of the nineteenth and early twentieth century were written primarily by alumni.[72]

O mesmo se passou no caso da Alemanha, em que o romance académico existiu, enquanto narrado da perspectiva do estudante, na forma de *Bildungsroman*, como em *Wilhelm Meister* - fase que Malcolm Bradbury compara, em Inglaterra, à dos romances sentimentais sobre Oxford e Cambridge que começaram a surgir ainda no século XIX[73] - mas em que o subgénero só recentemente começou a dar sinais de poder vir a evoluir, passando a centrar-se na óptica do Professor e alargando o seu âmbito de perspectivação social. Ao contrário do que se passa no universo anglo-americano, não pode, assim, garantir-se que na Alemanha exista o subgénero do romance académico da fase moderna, e as razões não andarão longe das que Malcolm Bradbury, numa adaptação que faz de *Unsent Letters: Irreverent Notes From A Literary Life*[74], põe na boca da personagem a que, significativamente, deu o nome de Hans-Joachim Wissenshaft, e que é um estudante de pós-graduação alemão:

> Perhaps you do not know it yet, but this type, "the campus-novel" does not really exist in Germany, I think because all our professors are very great scholars who write only very serious books and have no need of such strange publications . . . I do not understand how it is possible to make humour about a university.[75]

A propósito do mesmo tema, também R. Sheppard comenta:

> German Universities have been tightly bound to the needs of state since the late seventeenth century and the German professor has, simultaneously, enjoyed very high standing for two-and-a-half-centuries in the imagination of an educated reading public for whom cultural emancipation preceded and, to some extent, replaced political and economic emancipation. . . . Consequently, it is hard to think of any novel between Eberhard Werner Happel's *Der*

Akademische Roman (1690) and Hermann Kinder's *Der Schleiftrog* (1977) which is directly and centrally critical of Academe.[76]

Em associação com a imagem, presumivelmente diferente, da Universidade neste país, subjaz à cultura alemã um respeito pela autoridade e uma solenidade e 'oficiosismo' que, na cultura de raíz inglesa (dada, pelo contrário, ao *understatement*) facilmente seria qualificada como '*pompous*'. Tal como a cultura alemã, também a cultura portuguesa, mesmo a cultura académica, partilhou deste estilo retórico e pomposo e deste respeito pela autoridade que colocou sob tabu as instituições, não permitindo que a partir da Universidade surgissem perspectivações livres, alargadas e críticas da própria Universidade e de outros sectores da sociedade portuguesa do tempo, ou de outras sociedades, por contraste.

O pós-guerra de 39-45 e os meados do século XX, que marcaram no universo anglo-americano a passagem do subgénero do romance académico para a fase moderna, decorreram em Portugal sob a égide restritiva do governo de Salazar, acrescendo ainda a este aspecto o facto de a pequenez do meio académico do tempo levar a que a origem de qualquer sátira à Universidade ou a outras instituições pudesse ser quase imediatamente localizada e identificada, com as respectivas consequências desastrosas para a vida profissional e pessoal do seu autor. Assim, o romance académico, ou a ficção relacionada com a Universidade, fez alguma escola em Portugal enquanto forma de expressão ligada à experiência de ser estudante, conforme atestam obras como *In Illo Tempore* (1902), de Trindade Coelho, *O Jogo da Cabra Cega* (1934), de José Régio, ou *Fogo Na Noite Escura* (1943), de Fernando Namora. No entanto, os desenvolvimentos posteriores foram nulos ou escassos, porque a própria revolução de 25 de Abril de 1974 já veio encontrar um *campus* dissolvido, influenciado em extremo pela política do momento, a entrar na fase

pós-moderna, em que a cultura universitária perfaz um processo de fusão com a cultura média e com outros sectores da cena intelectual, nomeadamente o dos meios de comunicação social - meios a que, versando este trabalho sobre culturas inglesa e americana, não vemos objecções em nos referirmos utilizando a denominação mais curta de *mass media*. A falta de evolução do romance académico para a fase moderna também em Portugal teve que ver, desta forma, com a incapacidade ou a impossibilidade de efectuar a 'viagem', física ou mental, que permite a transgressão dos limites de um universo exclusivamente académico, transgressão que se interliga directamente com a possibilidade de perspectivação de contrastes interculturais.

Decorre daqui que a *diferença* posta a descoberto pela encenação do 'tema da viagem', nomeadamente, para o caso que nos interessa, da viagem entre a América e a Inglaterra, seja para nós de importância fundamental. De acordo com Edward T. Hall,

> Culture hides much more than it reveals, and strangely enough, what it hides, it hides most effectively from its own participants. Years of study have convinced me that the real job is not to understand foreign culture but to understand our own . . . The best reasons for exposing oneself to foreign ways is to generate a sense of vitality and awareness - an interest in life which can come only when one lives through the shock of contrast and difference.[77]

Pelas razões que temos vindo a explanar justifica-se que o primeiro capítulo da Parte III - *Alterovisões* - que intitularemos "*Alterovisões* e o Elemento Recorrente da Viagem" - além de apontar realidades de que a Universidade tende a demarcar-se, como formas de alteridade, seja constituído pelo estudo, no universo dos romances académicos que constituirão o *corpus* das Partes II e III, do modo como a diferença entre

culturas emerge do tratamento que neles se faz do tema da viagem, recorrente nestas narrativas.

A Parte III - *Alterovisões* integrará ainda mais dois capítulos, dedicados ao estudo do tratamento que no romance académico é dado a duas formas de *diferença* cujo entendimento é fundamental à compreensão da textura e dos conflitos internos da sociedade americana e das sociedades do Ocidente, em geral (com especial ênfase na primeira, dado o impacto, ao nível das atitudes, que tem sobre as outras): a diferença de classe, e a diferença de raça. A esses capítulos daremos respectivamente os títulos de "A Universidade, A Sociedade, e o Tratamento da Diferença de Classe no Romance Académico", e "A Universidade, A Sociedade, e o Tratamento da Diferença Étnica/de Raça no Romance Académico".

A separação entre estes capítulos, sendo, inevitavelmente, artificial, será também inevitavelmente relativa. De facto, as pertenças de classe e de raça (entre outras que, indirectamente, também serão focadas, como por exemplo as de género, de geração ou credo religioso), coexistem para cada indivíduo, e interagem entre si na formação de uma definição não verbalizada de estatuto. Por exemplo, a condição tradicionalmente minoritária de se pertencer à raça negra pode ser modificada pela pertença, pela via de outros factores, a uma *middle-upper class*, assim como a pertença a uma *middle-upper class* pode sofrer algum esvaziamento de poder e privilégio pelo facto de se encontrar associada à condição de se ser mulher e/ou jovem economicamente dependente. Também à interpretação das situações de diferença dentro da sociedade se pode aplicar o comentário de João Ferreira de Almeida face à compartimentação entre as várias ciências sociais:

> À primeira vista, e à força de se falar em realidade económica, realidade política . . . e muitas outras "realidades" da ordem social, é-se levado a pensar que as

> sociedades se compartimentam em todas essas realidades. Se assim fosse, ter-se-iam então encontrado razões naturais para a existência individualizada de cada ciência social . . . O que acontece, no entanto, é que os fenómenos sociais são indesignáveis de forma separada. Eles são sempre, para usar uma expressão clássica, "fenómenos sociais totais".[78]

O mesmo se passa com as relações de pertença de classe, raça, género e mesmo geração, no que respeita aos indivíduos ou grupos sociais. No entanto, ainda que não haja razões naturais para compartimentar o estudo destas *diferenças* que, afinal, interagem entre si, há razões de ordem metodológica que o justificam, por se prenderem com a necessidade de organização do material, do pensamento e do trabalho. Também neste caso se aplica a opinião do mesmo autor, segundo a qual o vector não vai da realidade para o conhecimento, mas do conhecimento para a realidade: "São os processos do conhecimento que nomeiam e qualificam a realidade social no próprio movimento da análise"[79]. Podemos acrescentar que a apropriação do real se faz, precisamente, compartimentando-o e reorganizando-o segundo o pensamento lógico humano, que é exterior ao real propriamente dito, ou, pelo menos, que o não esgota. Lovejoy ilustra bem este ponto, em *The Great Chain Of Being*; fá-lo com referência específica à História das Ideias, mas consideramos legítimo extrapolar a abordagem proposta para outros ramos do conhecimento. Segundo Philip Barker:

> Lovejoy argues that the world exists in a state of discontinuity and flux, and that the object of the history of ideas is to constitute a sense of stability, continuity and unity, but then a new problem emerges. The history of this discontinuous world would itself also exist in a state of discontinuity, unless the basic methodology of the history of ideas itself provides/produces unity, or continuity at the level

> of the study. This is to be the central feature of Lovejoy's approach . . . [80]

Qualquer intenção ordenadora, ou intenção de compartimentação do fluxo descontínuo da realidade é, necessariamente, artificial. Mas não há, assim, modo de fugir a esta 'deformação', porque não conseguimos conhecer logicamente sem, de alguma forma, compartimentar. Cremos ter explicitado, no entanto, razão suficiente para a porosidade ocasional entre estes capítulos.

À parte final deste estudo daremos o título de 'Conclusões'; nela faremos, numa primeira fase, a síntese do caminho percorrido, e o comentário sobre o que este percurso tenha posto a descoberto. Numa segunda fase, traçaremos conclusões de ordem mais geral, enquadrando o estudo efectuado em tendências que se revelam no limiar da passagem para o terceiro milénio.

Seguindo a metodologia proposta, esperamos, por um lado, pôr em evidência o valor específico de determinados romances como documentos para análise cultural, assim como o valor da generalidade do subgénero do romance académico em estudos de Cultura; por outro lado, com recurso ao romance académico enquanto documento cultural, esperamos também pôr a descoberto as visões de si mesma e da alteridade que a Universidade tem formado na segunda metade do século XX e que, para além de tensões no microcosmo universitário, repercutem também tensões e tendências na sociedade que lhe é exterior. Tendo estabelecido o tratamento da *diferença* em exemplos de romance académico como área temática sobre que incidirá este estudo, por constituir o conceito de *diferença* a base para o entendimento da cosmovisão da Universidade e da sociedade dos anos

cinquenta em diante, urge, por um lado, definir os termos que a indicam, nas formas em que mais se encontrará sob escrutínio - diferença intercultural, diferença de classe, e diferença étnica/de raça; por outro lado, urge também constituir um *corpus* de romances académicos da segunda metade do século XX que apresentem, à partida, as condições mínimas, como documentos de análise cultural, para darem respostas no âmbito específico do nosso questionamento.

Admitindo, embora, que o conceito de diferença intercultural pode ser aplicável a uma variedade de universos (na mesma sociedade pode considerar-se que existam traços culturais diferentes, e até possibilidade de choque cultural, entre diferentes classes, por exemplo), confinaremos o emprego da terminologia "diferença intercultural" ao contexto da diferença entre países diversos, nomeadamente, no caso em questão, os Estados Unidos e a Inglaterra. Será aqui necessário admitir uma área, se não ambígua, pelo menos de alguma flexibilidade: culturalmente, é inevitável que ao longo deste trabalho se cruzem vários modos de olhar que nem sempre convergem entre si na divisão implícita que estabelecem entre culturas. Como é óbvio, impera a necessidade de separarmos dele o tradicional modo de ver português, que reconhece a existência de uma cultura "anglo-americana", diferente da portuguesa, e com padrões de semelhança interna que lhe conferem alguma uniformidade, na nossa visão. Mesmo pondo de parte a tendência que presentemente começa a ser ultrapassada, mas que se reflectia e ainda hoje se reflecte, nos programas curriculares universitários, de considerar a Inglaterra e a América, culturalmente, um mesmo bloco, entendendo-se, de modo algo grosseiro, a cultura americana como derivada da cultura inglesa transportada para a América, teremos, ainda assim, em campo, por um lado, o modo de ver britânico, que a si mesmo se toma como paradigma auto-suficiente em função do qual interpreta como diferentes tanto a cultura americana como as outras culturas da Europa; por outro lado, o modo de ver americano, que

estabelece diferenças entre a sua cultura e a cultura britânica, mas para a qual esta última funciona, com grande frequência, como emblemática de toda a cultura europeia. A análise intercultural que será feita, e a própria definição de "diferença intercultural" como conceito operativo ao longo deste trabalho, envolve, desde o início, a consciência destes modos diversos de dividir a realidade.

Outro conceito de definição imprescindível neste estudo, mas que se apresenta também com áreas de flexibilidade ou mesmo ambiguidade, é o de "Raça". A classificação racial foi definida no contexto da Biologia como a subdivisão da Humanidade em grupos de populações que diferem entre si no que respeita às frequências dos seus genes. O próprio definidor considera a definição arbitrária, por depender de quantos genes, e que genes, são tomados em consideração, em detrimento dos muitos que não se consideram, e comenta que as diferenças entre os vários grupos não são suficientes para permitir a delimitação de categorias absolutamente distintas. Procede, depois, à apreciação do factor do isolamento geográfico na possibilidade de classificar a espécie humana com base exclusiva na genética, chegando, assim, à distinção entre cinco raças: a africana (a sul do Sara), a australiana (aborígene), a americana (ameríndia), a asiática (mongol) e a europeia.[81]

O que sobressai desta exposição é que mesmo no contexto das ciências ditas exactas o conceito de raça se apresenta demasiado fluído para poder ser totalmente objectivo. Esta indefinição biológica do conceito quase aponta para a possibilidade da compartimentação da Humanidade em raças nem sequer existir, ou ser possível, existindo, sim, no seio da espécie humana, entre muitas diferenças na frequência dos genes que não se manifestam exteriormente, e que, a evidenciarem-se, poderiam levar a uma classificação racial em muito diversa da que existe, também algumas que se evidenciam mais do que seria de esperar, por determinarem, por exemplo,

uma pigmentação diferente da pele. A palavra "raça" é, assim, logo à partida, um termo enganoso que, mais do que grupos compartimentados pela Biologia, designa grupos sociais que se vêem a si mesmos e/ou são vistos pelos outros como partilhando algumas características físicas, que os diferenciam de outros grupos.

Se a Biologia dificilmente chega à definição objectiva deste conceito, tudo se complica ainda mais quando passamos para o domínio das Ciências Humanas. Não obstante a falta de prova da sua existência real e objectiva no domínio biológico, para Hyppolite-Adolphe Taine (1828-93), a noção de "Raça" era tudo:

> . . . the first and richest source of those master faculties from which historical events take their rise . . . a community of blood and intellect which to this day binds its offshoots together.[82]

Henry Louis Gates, Jr. considera que as ideias que se generalizaram sobre "Raça" vieram do Iluminismo, ou mesmo da Renascença, e que, de 1850 em diante, foi assumida publicamente a consciência da existência de diferenças raciais consideradas intransponíveis, como atesta o seguinte episódio:

> When Abraham Lincoln invited a small group of black leaders to the White House in 1862 to present his ideas about returning all blacks in America to Africa, his argument turned upon these "natural" differences. "You and we are different races," he said. "We have between us a broader difference than exists between any other two races." . . . Since this sense of difference was never to be bridged, Lincoln concluded, the slaves and the ex-slaves should be returned to Africa.[83]

O conceito implícito de "raça" que, no caso do episódio com Abraham Lincoln, remete para a existência de uma diferença objectiva, pelo menos no que respeita à cor da pele, terá de ser revisto se considerarmos um outro episódio, narrado por Zora Neale Hurston:

> In 1973 I was amazed to hear a member of the House of Lords describe the differences between Irish Protestants and Catholics in terms of their "distinct and clearly definable differences of race." "You mean to say that you can tell them apart?" I asked incredulously. "Of course," responded the lord, "Any Englishman can."[84]

Episódios como este apontam, com o passar dos anos, para a emergência de um forte factor de natureza cultural na formação das noções de "raça"; factor cultural que, para além das diferenças apercebíveis pelos sentidos, como a diferença de cor, mobiliza diferenças menos evidentes, mas também de grande peso, como as de tradição, de cultura, de estatuto social e de credo religioso.

As divisões de natureza cultural chegam a suplantar as diferenças físicas na classificação racial; é o que acontece no que se refere aos judeus, geralmente considerados uma raça, quando o que os une é uma religião, e no seu seio se encontram grupos consideravelmente diferentes em termos de aspecto físico, como os sefarditas, de origem peninsular, ibérica, e os *Ashkenazim*, originários da Alemanha e da Polónia. De facto, como observa Henry Louis Gates Jr, "Race is the ultimate trope of difference because it is so very arbitrary in its application"[85]. E o mesmo autor reconhece, na base da distinção entre raças, e, subsequentemente, da conflitualidade entre raças, a existência de critérios de atribuição de valor estreitamente ligados ao cânone ocidental da cultura literária:

> Once the concept of value became encased in the belief in a canon of texts whose authors purportedly shared a common culture, inherited from both the Greco-Roman and the Judeo-Christian traditions, there was no need to speak of matters of race, since the race of these authors was "the same". One not heir to these traditions was, by definition, of another race.[86]

A relação de moto continuo que Henry Louis Gates Jr estabelece entre a supremacia da raça dita branca e a perpetuação de um cânone literário proveniente das culturas greco-romana e judaico-cristã continua a sair validada no caso do romance académico, mesmo na fase moderna. De facto, seria falseador do que é a realidade do subgénero do romance académico procurar para o *corpus* um romance em que o narrador fosse de raça ostensivamente diferente (por exemplo, negro), já que, ainda que seja concebível que se possam encontrar casos pontuais, eles não serão em número suficientemente representativo para prestarem um contributo implícito à sua definição. No âmbito da perspectiva do narrador, as diferenças de raça que contribuem implicitamente para a definição consensual do subgénero do romance académico são pouco ostensivas. Ligadas principalmente ao vector cultural, elas são, na realidade, sobretudo diferenças de religião ou nacionalidade, ou ambas, como é o caso do narrador ou personagem central católico, irlandês, em algumas obras de David Lodge, ou judeu, por exemplo, em *Mr. Sammler's Planet* (1969), de Saul Bellow, *Coming From Behind* (1983), de Howard Jakobson, e outros.

É, assim, no que respeita à perspectiva da narração, ainda do ponto de vista da tradição greco-romana e judaico-cristã que a questão da "raça" será considerada no sugénero do romance académico, pois o contrário seria representar de modo falseado a sua natureza; e este aspecto começa por

dizer algo, se não sobre aquilo que é visto e o modo como é visto, pelo menos sobre o olhar que vê.

O termo "raça" será, necessariamente, usado com a consciência da subjectividade que o caracteriza. Ao longo do trabalho poderá vir a recorrer-se também aos termos etnia, etnicidade, e ao conceito de grupos étnicos, que já transcende a ilusão da vigência de uma classificação baseada na Biologia, e se assume como envolvendo, por parte de cada um destes grupos dentro de uma sociedade, a consciência de partilharem entre si, cumulativamente, todos ou alguns de um conjunto de traços distintivos que vão desde a herança biológica, à língua, costumes e religião.[87]

A diferença de género, que será ocasionalmente abordada ao longo deste trabalho, nomeadamente, com referência a *Death In A Tenured Position*, de Amanda Cross, é a que se presta a uma definição mais objectiva: como conceito operativo, remete, não para a gramática, mas para a Biologia, com a divisão que esta ciência faz da espécie humana entre seres masculinos e femininos. A caracterização das atitudes como femininas ou masculinas já é de natureza cultural e, se necessário, será tratada caso a caso, excedendo, como excede, a definição, propriamente dita, do termo "género" enquanto conceito operativo. No âmbito do "género" o que se constituirá como diferença será, naturalmente, a condição feminina, uma vez que, apesar de contar já com um número significativo de mulheres como autoras, também em relação ao romance académico moderno podemos ainda, sem muito risco de errar, fazer nossas as palavras de Henry Louis Gates Jr quando afirma: "The citizens of the republic of literature . . . were all white and mostly male"[88]

Quando abordamos o conceito de classe, deixam de ser possíveis a mesma clareza e objectividade. A grande dificuldade que se interpõe ao tentarmos definir o conceito de classe, e de divisão de classes, em termos

objectivos, é o facto de tal conceito remeter para realidades que não são estáticas, mas se encontram, antes, em permanente mutação. Apesar disso, a divisão objectiva dos indivíduos por classes sociais ou, mais propriamente, socioeconómicas, já foi tentada, e mesmo levada a cabo, com base em sinais exteriores de pertença e não pertença. No caso da sociedade dos Estados Unidos, dotada de uma mobilidade bastante rápida e regida por uma ideologia votada à igualdade de oportunidades, a divisão de classes é tão fluida e indeterminada que, segundo Arthur L. Anderson, autor que conduziu um estudo nesta área, leva a maior parte das pessoas a considerarem-se a si mesmas como pertencendo à *middle class*, abrangendo esta auto-classificação empregados de balcão que ganham $4000 por ano, tão facilmente como vice-presidentes de grandes consórcios empresariais, a ganhar $87 500. No entanto, segundo o mesmo autor,

> . . . the reality of social class is more than a phantasy of sociologists. Social class refers to the fact that people differ from each other on such crucial variables as the amount and type of education they have received, the occupations they are engaged in to earn a living, the amount and source of their income, and the life styles they follow. More than that, social class refers to the fact that in their everyday social interaction people respond to differences in these variables by according different amounts of status to each other[89]

Não obstante a aparente fluidez de aplicação dos termos que a designam, a divisão de classes é reconhecida como sendo de tal peso que leva este autor a basear-se nos dados da cidade de Fairfield para fazer uma divisão, tanto quanto possível, objectiva, da sociedade americana em seis classes sociais, nomeadamente: uma *upper class*, de constituição *White Anglo-Saxon Protestant*, com receitas anuais acima de $100 000 e cursos universitários obtidos principalmente nas universidades da *Ivy League*. Uma

lower upper class, constituída por profissionais muito bem sucedidos e *top-executives* de grandes consórcios empresariais, bancos e companhias seguradoras, recrutados dos 10% de universidades mais cotadas do país, e auferindo receitas anuais da ordem dos $65 000. Uma *upper middle class*, constituída por profissionais bem sucedidos em empresas, bancos, companhias de seguros e imobiliárias, com cursos superiores e auferindo receitas anuais de $32 500. Uma *middle class*, constituída por engenheiros, contabilistas, quadros médios de empresas, docentes do ensino secundário e superior; esta classe aufere, em média, $21 000 por ano, e por família, contando com os vencimentos das mulheres, 50% das quais já são empregadas, ao contrário do que é o padrão nas classes até aqui referidas. Uma *lower middle class*, com educação ao nível do ensino secundário, auferindo receitas médias anuais de $15 000, em que se encontram operários especializados e técnicos, assim como empregados de escritório, secretárias e enfermeiras. E, finalmente, uma *working class*, com a escolaridade básica e auferindo cerca de $6 000 anuais, constituída maioritariamente por operários, motoristas de veículos pesados e domésticas.

O primeiro aspecto que sobressai desta classificação de 1978 é a forte probabilidade de a inflação ter tornado os dados financeiros obsoletos, já sem contar com as modificações no que respeita ao acesso das mulheres ao mercado de trabalho, e com o facto de algumas ocupações profissionais poderem ter sofrido uma redefinição de estatuto; tal é o caso, por exemplo, da profissão de contabilista, que durante os anos oitenta, em ligação com o fenómeno *yuppie*, viria a registar uma subida de cotação capaz de colocar muitos dos que nela se ocupam acima da *middle class* em termos de situação financeira e estatuto social.

Existem classificações mais recentes dos cidadãos americanos, consoante os seus proventos financeiros anuais, que podem ajudar a aferir e

a actualizar os dados que expusemos. Segundo os resultados, tratados por Charlotte Astor, de uma *Gallup Poll* conduzida entre 4 de Janeiro e 28 de Fevereiro de 1997, da totalidade de americanos brancos dividida em quintos, a quinta parte mais pobre da população aufere até $19 070, anualmente; a quinta parte que se lhe segue, aufere até $32 985, e a quinta parte cuja situação financeira é realmente média, aufere até $48 985 anuais. Os que se encontram já numa situação de vantagem, em termos financeiros, em relação à maioria da população, podem auferir até $72 260 por ano, enquanto para o volume anual das receitas da população americana realmente rica (neste caso, de todas as etnias), não se consegue discernir um tecto.[90]

Embora os dados mais recentes desta *Gallup Poll* de 1997 denunciem a divisão em classes socioeconómicas proposta por Arthur L. Anderson como datada, tê-la-emos, no entanto, em conta, por ostentar aspectos de aparente contra-senso que se revelam, mesmo assim, carregados de sentido no presente trabalho: como o facto de, por um lado, pôr em evidência a necessidade de educação de nível superior para a atribuição da classificação de *upper class*, *lower upper class* e *upper middle class*; por outro lado, não atribuir aos docentes que ministram tal educação outra classificação que não seja a de *middle class*. Sendo o próprio autor Arthur L. Anderson professor universitário, há a ponderar a hipótese de que esteja a deixar materializar na sua percepção a tendência que detecta na generalidade dos americanos para se considerarem a si mesmos como pertencentes à *middle class*. Não se verificando este aspecto, a classificação que Arthur L. Anderson atribui aos docentes do ensino secundário e superior é obviamente atribuída com base no volume de receitas anuais, e a disparidade entre a natureza da ocupação e a situação financeira que lhe corresponde é um dado significativo para a interpretação da imagem do *Scholar* e, mais especificamente, para a interpretação da postura do narrador no romance académico - tema que será alvo de

tratamento em capítulo apropriado. Mesmo enquanto conceito operativo, não poderemos, no entanto, abstrair-nos do teor, a mais ou menos breve trecho, datado, desta ou de qualquer outra divisão de classes que pudesse ser proposta. Para E. P. Thomson em *The Making Of The English Working Class*, de acordo com as palavras de Maria Luísa Leal de Faria:

> Se pararmos a história num determinado ponto, então não há classes, mas simplesmente uma multidão de indivíduos com uma multidão de experiências. Mas se observarmos esses homens durante um período adequado de mudança social, veremos padrões nas suas relações, ideias e instituições. A classe define-se por homens à medida que vivem a sua própria história, e, no final, é esta a sua única definição.[91]

Tomando, embora, como ponto de referência objectiva a divisão de classes proposta por Arthur L. Anderson, pelo motivo que apontámos, de facto subscrevemos a opinião de Maria Luísa Leal de Faria, que diz que o melhor entendimento do conceito de classe que Thomson pretende oferecer à cultura inglesa: "só será conseguido se se considerar a 'classe' como uma formação social e cultural, que se desenvolve a partir de processos que apenas podem ser estudados à medida que ocorrem, ao longo de consideráveis períodos de tempo."[92]

A diferença de classe, para além da fluidez que lhe é conferida pela constante necessidade de redefinição ao longo do tempo, tem ainda de contar com as dificuldades de definição que lhe advêm do facto de, na prática, permear e modificar, e ser permeada e modificada, por outras diferenças sociais, como as de raça e religião. No universo do romance académico esta diferença, por um lado, será olhada com a dose de objectividade possível; por outro lado, será considerada do modo como os

vários intervenientes escolhem vê-la, e ver-se. São precisamente essas oscilações que oferecem matéria de estudo.

Outro conceito operativo que, por ser relevante no contexto da metodologia proposta, se torna pertinente definir, antes de escolher, e justificar a escolha, das obras que constituirão o *corpus* sobre o qual o trabalho de análise cultural incidirá prioritariamente, nas Partes II e III, é o conceito de geração.

O termo "geração" pode designar o conjunto de indivíduos nascidos e vivendo na mesma época, que têm, portanto, a mesma idade, ou idades suficientemente próximas para terem sido educados juntos ou, pelo menos, ao mesmo tempo. Entre outras acepções, utiliza-se também o termo "geração" para designar cada grau de filiação ou descendência de pai para filho.[93] Neste sentido, pensa-se tradicionalmente que o tempo de uma geração é de cerca de trinta e cinco anos, que é a idade em que se considera que cada geração já deu origem à que se lhe segue. Em inglês é frequente o uso da expressão *generation gap*, que designa os anos que separam uma geração da que se lhe segue ou da que a precedeu, especialmente no contexto da falta de compreensão que se estabelece entre ambas, por não partilharem o mesmo modo de encarar o mundo e a existência. É esta diferença que se revelará relevante no decurso do trabalho.[94]

Mais delicado será precisar que geração ou gerações estarão em causa no universo dos romances com que constituiremos o *corpus*. Em cada época coexistem gerações, e costuma ser a geração mais velha a que se associa ao *Establishment*. O romance académico da segunda metade do século XX, se bem que narrado da óptica do Professor ou *Scholar*, e não já da do estudante, consolida, no entanto, a tendência para tomar para si, como ponto de vista que prevalece na narração, a perspectiva da geração

'nova', em detrimento da presumível perspectiva da geração que a precedeu. De facto, o subgénero toma forma, na sua fase moderna, sob a égide da irreverência e do inconformismo, representados pela *Beat Generation*, e pela oposição ao Macartismo, nos Estados Unidos, e pelo movimento dos *Angry Young Men*, em Inglaterra. Neste país, foi, de facto, um *Angry Young Man*, Kingsley Amis, o autor do romance *Lucky Jim*, que se tornou a referência obrigatória que marca o princípio do romance académico moderno. E nesta obra materializa-se desde o início a questão do *generation gap*, de forma tão violenta que é quase caricatural:

> Welch laughed briefly. 'Now a recorder, you know, it´s like a flute, though it's the flute's immediate ancestor, of course. To begin with, it´s played, that´s the recorder, what they call *à bec*, that´s to say you blow into a shaped mouthpiece like that of an oboe or a clarinet, you see. A present-day flute´s played what´s known as *traverso*, in other words, you blow across a hole instead of . . . '
>
> Welsh was talking again about his concert. How had he become Professor of History, even at a place like this? By published work? No. By extra good teaching? No in italics. Then how? . . . Dixon pretended to himself that he'd pick up his professor round the waist, squeeze the furry greyblue waiscoat against him to expel the breath, run heavily with him up the steps, along the corridor to the Staff Cloakroom, and plunge the too-small feet in their capless shoes into a lavatory basin, pulling the plug once, twice and again, stuffing the mouth with toilet paper.[95]

Representações negativas, ainda que menos acintosas, da geração mais velha, são reencenadas constantemente no romance académico, pelo menos até bem dentro da década de oitenta. Esta feição marca os próprios romances tomados para *corpus* na Parte I, como atesta, em *Stepping Westward* (1965), a caracterização da figura de Froelich, e, até certo ponto, a de Bourbon. Também em *Changing Places* (1975), Gordon Masters, o

Coordenador de Departamento de Philip Swallow, é apresentado como tendo manipulado Philip no sentido de aceitar transferir-se para a América durante um período de seis meses, ao abrigo de um programa de intercâmbio cultural, com o interesse encapotado de, durante a sua ausência, promover um assistente mais novo. Neste processo é, além disso, retratado de forma caricata:

> Philip Swallow had never actually applied for the Rummidge-Euphoria exchange scheme . . . as he had said to Gordon Masters, the Head of his Department, when the latter asked him whether he'd ever thought of applying . . .
>
> 'Not really, Gordon. It wouldn´t be fair, you know, to disturb the children's education at this stage . . .´
>
> Mmmmmmner your own? Masters replied. This habit of swallowing the first part of his sentences made communication with him a stressful proceeding, as did his way of closing one eye when he looked at you as though taking aim along the barrel of a gun . . . From long practice Philip was able to follow his drift pretty well, and therefore answered confidently:
>
> 'Oh, no, I couldn't leave Hilary behind to cope on her own . . . '
>
> 'Mmmmmmmmnerpose not,' Masters muttered . . . Mmmmmmmmmmmmmmmertunity, though.[96]

Em *Small World*, do mesmo autor, publicado quase a meio dos anos oitenta (1984) encontram-se sinais da mesma tendência, por exemplo, no modo como são representados Professores como Arthur Kingfisher, que explora sexualmente a jovem Ji-Moon Lee, e Von Turpitz, que plagia sem escrúpulos o trabalho do jovem Persse McGarrigle, personagem à volta de quem, pelo contrário, se gera, ao longo de toda a obra, o processo de empatia com o leitor. Esta representação favorável do *Scholar* jovem, e desfavorável de alguns dos mais velhos e mais poderosos dentro do sistema é tanto mais significativa quanto o autor de *Small World*, à data em que

publica a obra, já é *Full Professor of Modern English Literature* na Universidade de Birmingham, detentor, além disso, de prémios literários como o Hawthornden Prize, o Yorkshire Post Fiction Prize e o Whitbread Book of the Year 1980 - portanto, ele mesmo muito bem sucedido e perfeitamente enquadrado dentro do sistema. Este desfasamento entre a sua presumível perspectiva e a perspectiva que, como autor-narrador, escolhe veicular no último dos romances que escreveu a que ainda é possível chamar um romance académico, pode ser sintomático de devermos entender a opção pela perspectiva da geração 'nova' como um traço distintivo do próprio subgénero.

No que respeita à presença, implícita mas operativa, do elemento da diferença de geração, no romance académico, terá de ser tomada em conta a passagem do tempo, com as inevitáveis oscilações de perspectiva que traz consigo, pelo que um dos requisitos que consideraremos na constituição do *corpus* será o de que as datas de publicação das obras que o vão compor se espraiem pelas várias décadas, desde os anos sessenta até aos noventa.

Da definição de conceitos que se tem vindo a fazer evidencia-se a necessidade de considerar, na constituição do *corpus* específico para as Partes II e III, além do requisito que acabámos de referir, outros que não são de menos importância. Além de dever repercutir a passagem do tempo, esta selecção de obras deverá, no seu conjunto, apresentar, sobretudo, possibilidades de responder a questões sobre as diferenças em foco, nomeadamente, em primeiro lugar, a diferença intercultural, pelo que decidimos manter activamente no *corpus Stepping Westward* (1965), de Malcolm Bradbury, e *Changing Places* (1975), de David Lodge, que, além de serem especialmente relevantes neste contexto, perfazem o intervalo de uma década entre as suas datas de publicação; decidimos também que outras duas obras do *corpus* seriam de autores americanos, já que David Lodge e Malcolm Bradbury são autores ingleses.

Deverá também ser considerada na selecção que nos propomos fazer, a representação da diferença de género. Ao contrário do que acontece com a diferença de raça, a diferença de género não é alheia à formação do romance académico, porque, embora em situação minoritária, as mulheres estiveram desde o princípio presentes como autoras deste subgénero literário. A documentar esta afirmação, podemos reportar-nos a John O. Lyons e invocar, nos Estados Unidos, desde o últomo quartel do século XIX até aos princípios dos anos sessenta do século XX, obras como *Two College Girls* (1886), de Helen Dawes Brown; *The Durket Sperret* (1898), de Sarah Barwell Eliott; *Smith College Stories: By Josephine Dodge Daskam* (1900), de Josephine Dodge Daskam Bakon. Na primeira década do século XX, obras como *The Cult Of The Purple Rose: A Phase Of Harvard Life* (1902), de Shirley Averton Johnson, e *Ackroyd Of The Faculty* (1907), de Anna Shapin Ray. Na segunda década do século XX, romances como *The Bent Twig: By Dorothy Canfield* (1915), de Dorothea Frances Canfield Fisher. Nos anos vinte, ainda da mesma autora, *Rough Hewn: By Dorothy Canfield* (1922); *Grey Towers: A Campus Novel* (1923), de Zoe Flannagan; *Glitter* (1926), de Katharine Ingham Brush; *Wings Of Wax* (1929), de Janet Hoyt; *Against The Wall* (1929), de Kathleen Young Millay. Nos anos trinta, obras como *The Asking Price* (1930), de Helen Rose Hull; *Miss Bishop* (1933), de Bess Streeter Aldrich; *The Forbidden Tree* (1933), de Elizabeth Moorhead Vermorcken; *Let Winter Go* (1937), de Isabel Wilder; *The Other Brother* (1939), de Clarissa Fairchild Cushman. Nos anos quarenta, romances como *Consider The Daisies* (1941), de Gertrude Carrick; *Voyage Of Discovery* (1945), de Barbara Corrigan; *We Happy Few* (1946), de Helen Huntington Howe; *Professor's Umbrella* (1948), de Mary Jane Ward; *Trembling Years* (1949), de Elsie Marion Oakes. Nos anos cinquenta, o clássico de Mary McCarthy, *The Groves Of Academe*, publicado em 1952; *Faithful Are The Wounds* (1955), de May Sarton; *The Tarnished Tower* (1957), de Ann Marbut. Já nos anos sessenta, *The Small Room*

(1961), de May Sarton; *The Garden* (1962) de Kathrin Perutz; *Now Bless Thyself* (1962) de Elizabeth Sewell.

Dados os largos antecedentes, que aqui brevemente se documentam, de autoria feminina no subgénero do romance académico, parece-nos que escolher para o *corpus* um romance escrito por uma mulher será plenamente justificado, tanto mais que os limites de extensão do presente trabalho não permitirão que o tratamento da diferença de género no romance académico seja alvo de análise em capítulo próprio, fazendo justiça à sua importância e complexidade.

Tendo em consideração os requisitos que já estabelecemos, não só de escolher obras de autores americanos para contrapor aos dois romances ingleses já seleccionados para o estudo da diferença intercultural, mas também de escolher para o *corpus* obras publicadas em décadas diferentes, que formem um conjunto em que possa apreciar-se a evolução da postura de uma geração, a obra de autoria feminina que seleccionamos tem de ser posterior às referidas. Assim, escolhemos *Death In A Tenured Position*, de Amanda Cross, vinda a lume em 1981, o sexto de uma série de romances publicados desde os anos setenta, sob este pseudónimo, por Carolyn G. Heilbrun, professora universitária de literatura inglesa, em Nova Iorque.

Considerar, na selecção de romances para o *corpus*, a questão da diferença de classe, é evasivo, não só pelas razões que decorrem da própria definição do conceito, que já glosámos, como também porque no mundo académico se materializa a existência de uma classe aparte, regida pelos seus próprios critérios de atribuição de valor, em que, idealmente, como também já foi dito, a origem dos indivíduos, em termos de extracção social, deixou de ser relevante.

Muito embora qualquer romance académico contenha elementos passíveis de serem analisados no contexto do tratamento da diferença de classe, não é, assim, possível, nem seria pertinente, seleccionar para o *corpus*, para ser estudado deste ângulo, um romance académico cujo autor-narrador fosse de extracção social objectivamente diferente da dos restantes, pela conjugação entre dois factores: por um lado, a democratização do acesso à Universidade há muito fez que o Professor/*Scholar* possa ser originário de qualquer extracto social, prevalecendo mesmo, a partir dos anos cinquenta, o narrador/protagonista de extracção social implicitamente inferior à do contexto em que opera; por outro, o próprio ingresso na instituição universitária constitui factor de mobilidade social que, só por si, modifica, e tende a nivelar, as relações originais de pertença de classe. Este aspecto, constitui, aliás, o cerne do argumento que nos permite destacar, entre outras formas de expressão literária, o valor do romance académico em estudos de Cultura, por ter possibilidades de gerar um tratamento mais isento e descentralizado das diferenças existentes na sociedade.

Tendo-nos reportado, no entanto, à divisão de classes proposta por Arthur L. Anderson, ele próprio professor universitário de Sociologia, por pôr a descoberto a incoerência existente, no caso dos docentes universitários, entre dois dos critérios principais considerados - o critério do nível de educação de que se é portador, e o volume das receitas financeiras - deve registar-se que se podem, ainda assim, encontrar neste subgénero autores-narradores ou personagens para quem, por razões diversas, a retribuição financeira não fique tão aquém do seu estatuto como detentores de cultura; por esta via, não é de todo impossível encontrar, para inclusão no *corpus*, um exemplo de romance académico narrado de uma óptica diferente do habitual: uma óptica mais abonada, que afecte positivamente a pertença de classe do protagonista ou narrador.

Naturalmente, evitaremos fazer recair a escolha numa obra em que a eventual diferença de classe conseguida através de melhor retribuição financeira se interpenetre com a diferença de geração, remetendo para um posto já especialmente elevado do narrador ou protagonista dentro da instituição universitária; assim como evitaremos também que a escolha recaia num romance em que a melhor retribuição financeira esteja intimamente ligada à diferença intercultural, sendo o narrador, ou personagem central, de nacionalidade americana, contraposta à nacionalidade inglesa, por exemplo. Preferimos, deste modo, seleccionar para o *corpus* uma obra em que a afluência financeira, tanto do narrador como do protagonista, tenha que ver com uma diferença que não está ainda sob escrutínio neste trabalho, que é o facto de serem, autor e protagonista, portadores de saberes com mais valor de troca na sociedade exterior à Universidade. No caso que temos em mente, esse saber é a Economia e Gestão, e fazemos recair a escolha sobre *A Tenured Professor*, de John Kenneth Galbraith, já que, além do que vimos referindo, perfaz ainda os dois requisitos mencionados, de ser de autor americano, e de ter sido publicado numa década posterior às restantes, neste caso, já na década de noventa.

Em maior ou menor grau, em todos os romances seleccionados se encontra algum tratamento das diferenças de raça. Não vamos procurar, para inclusão no *corpus,* um romance académico de autor de raça ostensivamente diferente porque, como já foi dito, fazê-lo seria representar indevidamente o subgénero literário através de um espécime que, dentro dele, seria excepcional, já que, ao contrário do que acontece com a diferença de género, não há na história do romance académico uma tradição de autoria por parte de raças ostensivamente diferentes.

Fica, assim, o *corpus* para as Partes II e III constituído por:

Malcolm Bradbbury, *Stepping Westward* (1965)

David Lodge, *Changing Places* (1975)

Amanda Cross, *Death In A Tenured Position* (1981)
John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor* (1990).

Posto que as referências, nas narrativas universitárias, à diferença de raça, venham a ser consistentemente analisadas, não há, como já referimos, nos universos culturais inglês e americano, tradição de escrita de romance académico por parte autores de raças diferentes que justifique a inclusão no *corpus* da diferença de raça ao nível da autoria. Não podem, no entanto, ignorar-se, neste subgénero literário, componentes que remetem, não só para a diferença de raça, mas também para a diferença de nacionalidade/religião, e que se materializam através da presença de personagens e narradores irlandeses católicos e judeus. Para tratar estes aspectos poderemos precisar de recorrer, com carácter adjuvante ao *corpus*, à obra de David Lodge, em que os irlandeses católicos estão profusamente representados, e a exemplos de romance académico de autores e/ou personagens judeus, como *A New Life* (1961), de Bernard Malamud, *Pale Fire* (1962), de Vladimir Nabokov, *Mr. Sammler's Plannet* (1970), de Saul Bellow e *Coming From Behind* (1983), de Howard Jakobson. No que respeita a diferença de raça que envolve diferença de cor, recorreremos também a obras como *Eating People Is Wrong* (1959), de Malcolm Bradbury: possivelmente por ter sido escrita antes da projecção das preocupações com a correcção política, esta narrativa aborda a diferença de raça de modo mais incisivo do que se tornou prática da literatura posterior, neste subgénero.

Em todo o caso, tal como o *corpus* proposto para a Parte I, também o *corpus* que seleccionámos para as Partes II e III é definido sem prejuízo de recurso a aspectos de outras obras, quando se revelem pertinentes para ilustrar as questões de que trataremos.

Definidos que foram os conceitos fundamentais à redacção de capítulos específicos, justifica-se a inclusão da definição, tão breve quanto,

em cada caso, seja possível, de outros conceitos operativos a que também recorreremos ao longo do trabalho. Assim, a palavra "cultura" será usada na acepção que T. S. Eliot lhe atribuiu em *Notes Towards The Definition Of Culture*: "By culture . . . I mean . . . the way of life of a particular people living together in one place. That culture is made visible in their arts, in their social system, in their habits and customs, in their religion"[97]. Com referência à cultura muito diversificada dos Estados Unidos, torna-se particularmente importante especificar, como mais adiante faz T. S. Eliot, que "the unity of culture, in contrast to the unity of political organisation, does not require us all to have only one loyalty: it means that there will be a variety of loyalties".[98] Quanto ao conceito de civilização, como a distinção entre ambos não se revela relevante em termos operativos no presente trabalho, optamos também pela abordagem que T.S. Eliot adopta em *Notes Towards The Definition Of Culture*: "I have made no attempt . . . to determine the frontier between [culture and civilisation]: for I come to the conclusion that any such attempt could only produce an artificial distinction . . . which, after closing the book, the reader would abandon with a sense of relief"[99].

Algumas palavras em língua inglesa, como *pompous*, *Establishment* e *Scholar*, são usadas, em itálico, ao longo do trabalho, por não encontrarmos, para elas, em português, equivalentes que nos satisfaçam. O termo *Establishment* é usado para significar a ordem social e cultural estabelecida, em consenso com o poder vigente, sendo, portanto, de índole conservadora. Com o termo *Scholar*, pretendemos englobar as acepções de Professor universitário e Investigador; usaríamos, com mais frequência, o termo "académico", por um lado, se ele não fosse, em português, mais passível de ser aplicado para designar os que desenvolvem actividade na Academia das Ciências do que os que desenvolvem actividade nas Universidades; por outro lado, se ele não tivesse ganhado, entre nós, uma conotação algo pejorativa, de afastamento da vida real, que provavelmente se deve à falta de aplicação da palavra no contexto que lhe poderia ser próprio: por não

haver ainda, nas Universidades portuguesas, um estatuto bem definido para a carreira de investigação, tende a usar-se, em todos os casos, a palavra "Professor", que é omissa no que respeita ao grau de actividade de investigação envolvida. No que respeita ao conceito de *Scholar*, consideramos referência obrigatória a definição que lhe é dada por Ralph Waldo Emerson, em "The American Scholar": "In [the] distribution of functions, the scholar is the delegated intellect. In the right state, he is, *Man Thinking* . . . And, finally, is not the true scholar the only true master?[100] Para Emerson, que recusa a imagem tradicional de desfasamento das realidades de natureza prática ("Only so much do I know as I have lived"[101]), o ofício do *Scholar* é, ainda assim, o de: "transmuting life into truth"[102].

O termo "idealismo" será usado independentemente das implicações que decorrem da doutrina filosófica que tem o mesmo nome; significará, apenas, a crença, e a persistência, na procura da perfeição, quer em termos cognitivos, quer em termos éticos, ou estéticos. A este termo oporemos "pragmatismo", que será usado na acepção de tendência para optar por comportamentos, não em função de uma teoria, e dos ideais que os informam, mas em função dos seus resultados práticos. O termo "relativismo" pressupõe a inexistência de valores absolutos, ou conhecimento absoluto, e remete para um modelo de pensamento que põe em destaque a qualidade limitada de todos os valores, e de todas as parcelas do conhecimento, pela relação de interdependência que mantêm entre si.

O uso que, esporadicamente, faremos do termo "Ironia" pode equacionar-se com o sentido que tem no diálogo socrático. Corresponde à primeira fase, de demolição do que o interlocutor julga que sabe, através da exposição das contradições envolvidas. Envolve, assim, o entendimento de uma realidade contra o pano de fundo de outra. Maria de Lurdes Ferraz, em *A Ironia Romântica: Estudo De Um Processo Comunicativo*, considera, a

certo passo, que a Ironia é: "uma estratégia que usa basicamente uma estrutura dicotómica na sua expressão mais simples: dizer A e significar não A"[103]. Mas para além desta definição, tem o cuidado de explicitar: "A ironia, dizendo o contrário do que afirma, diz sobretudo mais do que fica expresso"[104]. O que a mesma autora adianta sobre este conceito é extremamente relevante para o enquadramento da presença da mesma noção no romance académico, já que aponta como consequência última da Ironia: "A procura de uma síntese no que objectivamente se apresenta como incompatível . . . a tentativa de reconciliação dos dois elementos paradigmáticos de uma oposição: o absoluto e o relativo"[105]. Esta é, também, a dicotomia que, a vários níveis, se tenta resolver na Universidade e no romance académico.

No que se refere ao próprio conceito de subgénero literário, não reconhecemos que haja necessidade de o definir extensivamente, porque, dada a variedade de autores que se referem, de modo explícito, ao romance académico como um subgénero literário, encetar um debate sobre a realidade conceptual que tinham em mente quando fizeram as suas afirmações, constituiria, não só um recuo, eventualmente extenso, em relação ao que já foi estabelecido, mas ainda, em alguns aspectos, um exercício de natureza meramente especulativa. É do conhecimento comum, e largamente glosado em obras como *The Rise Of The Novel: Studies In Defoe, Richardson And Fielding*, de Ian Watt, que o género do romance se estabeleceu pela subversão da distinção feita pelos clássicos entre o Épico, o Lírico e o Dramático. Dada a imensa variedade de obras que o género do romance abarca, é compreensível a tendência para reconhecer dentro dele subgéneros literários constituídos por conjuntos de obras que partilham entre si um núcleo de características comuns. Uma divisão desta natureza dificilmente será estanque, transbordando, a maior parte das obras, dos limites da classificação que se lhes pretenda apor, e prestando-se todo o processo classificativo a áreas de ambiguidade e de sobreposição. Mas não

se afigura relevante, no presente trabalho, pôr em questão a legitimidade da divisão do género literário do romance em subgéneros. O que consideramos relevante para este estudo é o facto de a prática crítica de autores como David Bevan, Leslie A. Fiedler, David Lodge, já ter legitimado a referência ao subgénero do romance académico, à semelhança da forma como se têm tornado aceites as referências, por exemplo, ao subgénero do romance histórico e ao subgénero do romance policial.

Conceitos fundamentais ao entendimento do romance académico na segunda metade do século XX são também os de Modernismo, modernidade, moderno, Pós-modernismo, pós-modernidade, pós-moderno, que têm áreas de fusão entre si. Tanto podemos considerar que, tendo-se ultrapassado o período do Modernismo (cujo início, de uma forma convencional, podemos fazer coincidir com o início do século XX e a publicação da obra de James Joyce) estamos presentemente no período pós-moderno, como podemos considerar que, por exemplo, o século XVIII e o Iluminismo já eram modernos, e que de então para os nossos dias apenas se têm apurado, e se continuam a apurar, as características da modernidade. É nesta ordem de ideias que Jean-François Lyotard chama a atenção para: "the pointlessness of any periodization of cultural history in terms of 'pre-' and 'post-', before and after, for the simple reason that it leaves unquestioned the position of the 'now', of the present from which one is supposed to be able to achieve a legitimate perspective on a chronological succession"[106]; de acordo com Lyotard: "the postmodern is always implied in the modern . . . Modernity is constitutionally pregnant with its postmodernity"[107]. Assim, quando aplicamos a qualificação de 'moderno' ao romance académico, estamos a referir-nos, sem subtileza de distinções internas de corrente literária, ao romance académico da segunda metade do século XX, com as características que veio tomando a partir do pós-guerra de 39-45. E com alguma frequência recorreremos ao termo 'modernidade' para nos referirmos ao tipo de cosmovisão que se foi apurando ao longo do

século XX nas situações em que a distinção entre 'moderno' e 'pós-moderno' não se afigura relevante. Por outro lado, o mesmo autor, Lyotard, aproxima-se de uma definição de Pós-modernismo, que considera: "Not a new age, but the rewriting of some of the features claimed by modernity, and first of all modernity's claim to ground its legitimacy on the project of liberating humanity as a whole through science and technology"[108]. E Fredric Jameson, em *Postmodernism Or, The Cultural Logic Of Late Capitalism*, procura fazer a definição de Pós-modernismo, pela detecção, em relação ao Modernismo, de cambiantes evolutivos que dão ao tempo mais recente um cunho próprio:

> Postmodernism, postmodern consciousness, may then amount to not much more than theorizing its own condition of possibility, which consists primarily in the sheer enumeration of changes and modifications. Modernism also thought compulsively about the New and tried to watch its coming into being . . . but the postmodern looks for breaks, for events rather than new worlds . . . The moderns were interested in what was likely to come of such changes and their general tendency . . . Postmodernism is . . . more "distracted" . . . it only clocks the variations themselves, and knows only too well that the contents are just more images . . . Postmodernism is what you have when the modernization process is complete and nature is gone for good.[109]

Desta forma, o Modernismo desagua no Pós-modernismo quando a multiplicação das mudanças e dos cortes com o passado ganhou proporções que deixam de admitir que se possa organizar numa visão coerente - daí a caracterização fragmentária que se evidencia. Só recorremos aos termos Pós-modernismo, 'pós-moderno', quando queremos remeter para a realidade fragmentária desse universo de relatividade radical.

Também a forma de apresentação bibliográfica merecerá algum reparo. A norma de apresentação seguida é a da Modern Humanities Research Association, com ligeiras adaptações, nos casos omissos. Sobre a maiusculação de palavras nos títulos de bibliografia, o respectivo *Style Book* adverte:

> In most modern European languages, capitalization in the titles of books, essays, poems, etc. follows the rules of capitalization in normal prose. That is: the first word and all proper nouns (in German all nouns) take an initial capital, and all other words take a lower-case initial . . . In English titles the initial letters of the first word and of all subsequent words (excluding articles, prepositions, conjunctions and possessive adjectives) are capitalized . . . In French titles it is normally only the initial letters of the first word and of proper nouns which are capitalized. But if the first word is an article, the following noun and any preceding adjectives also take an initial capital . . . [110]

Dado que este estudo envolve o recurso esporádico a obras em língua diferente da inglesa (por exemplo, em português e em francês), no sentido de homogeneizar a bibliografia optámos por maiuscular todas as palavras dos títulos. Encontramos alguma vantagem em assumir esta opção, não só nas referências bibliográficas finais, mas dentro do próprio trabalho: de facto, com uma frequência relativa, precisaremos de usar frases e expressões em inglês, no curso normal do texto, e sem que se trate de citações: *lowering of standards*, por exemplo, que, como acusação que se tornou um lugar-comum, caracteriza determinado sector de opinião sobre o contexto universitário inglês e americano do último meio século de modo mais reconhecível do que o faria a respectiva tradução para português. Em casos em que fosse preciso maiuscular algumas palavras, tais frases ou expressões, aparecendo em itálico por estarem em língua diferente da

portuguesa, poderiam confundir-se com títulos de bibliografia, o que também se evita distinguindo os títulos bibliográficos pelo uso de maiúsculas para iniciar todas as palavras, incluindo preposições e artigos, ao contrário do que é norma corrente.

Ao longo do estudo transcultural que nos propomos levar a cabo, notar-se-á a incidência de maior dose de atenção sobre o contexto americano do que sobre o contexto britânico. Não estão em causa, neste aspecto, preferências pessoais, mas sim aquilo que considerámos constituir a melhor adequação ao período de tempo sobre o qual o estudo incide. De facto, se o trabalho proposto incidisse sobre o século XIX, haveria fortes probabilidades de que nele privilegiássemos o contexto britânico, pelo impacto mais marcado que a cultura vitoriana terá tido nas outras sociedades do Ocidente, nessa época. Mas o estudo que nos propomos, em termos temporais, incide particularmente sobre a segunda metade do século XX, em que a cultura americana influenciou as outras sociedades do Ocidente a ponto de se ter cunhado o termo 'americanização' para significar a evolução destas sociedades para a modernidade, e a ponto de não conseguirmos dissociar do contexto americano movimentos como o do Pós-modernismo, que tem marcado as últimas décadas, não só na América, mas em toda a Europa Ocidental. A avaliação do grau e da natureza da influência que os Estados Unidos têm tido no resto do Ocidente durante o século XX (sobretudo a partir da Primeira Guerra Mundial) transparece com lucidez e poder de síntese nas palavras de Malcolm Bradbury, em *Dangerous Pilgrimages: Trans-Atlantic Mythologies & The Novel*:

> . . . [The U.S.A.,] the rising western empire entered history, began more and more to shape it, and finally took a major place in the larger affairs of the world. It has since intervened in the destiny of many nations and peoples, . . . generated much of human invention and technological progress, and presided over the fortunes and the disasters

> of the modern world economy, to the point where modernization and Americanization have come to seem almost the same thing.[111]

Por último, desejaríamos ainda deixar explícito que a metodologia que dá forma a este estudo é de natureza multidisciplinar. Sobre as divisões entre as disciplinas onera invariavelmente algum grau de artificialidade. Assim o reconheceu Philip Barker, referindo-se especificamente à separação entre a História da Filosofia, ou História do Pensamento, e a História, ou os Estudos Históricos propriamente ditos, e reportando esta problemática à obra de Foucault, em *Michel Foucault: Subversions Of The Subject*:

> Clearly the division between the history of philosophy and historical studies can be a distinct one, but does not have to be so. Philosophers have often crossed the divide although not always successfully. Hegel's *Phenomenology of Spirit*, Hobbes' *Leviathan* and Rousseau's *Social Contract* all to some extent do the work of historians as it goes without saying that historians in the production of their work often do the work of philosophers. This is evident in Foucault's own work as he developed, explained and categorised his attitude to philosophy with his historical excursions, and his attitude to history with his philosophical excursions.[112]

E Philip Barker sumariza a questão que coloca, considerando-a: ". . . the task Foucault bequeaths to his heirs"[113]: "Is it possible to cross the boundaries of history, philosophy, anthropology, economics and literature and still produce compelling work?"[114]

A abordagem multidisciplinar tem sido, de facto, adoptada com êxito em Estudos Culturais, nomeadamente na disciplina de Estudos Americanos; Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, em "Da Poesia Na América",

reportando-se à opinião de Gene Wise, em 1979, procura chegar ao cerne da natureza real desta disciplina:

> . . . a disciplina de *American Studies* recapitulava, na sua origem e estabelecimento académico e institucional, a construção primeira da nação: a América como utópica totalidade finalmente realizável no Novo Mundo foi inventada pelos primeiros puritanos contra a condenada desagregação do Velho Mundo; três séculos mais tarde, a disciplina de *American Studies* vinha reafirmar essa invenção, e dar-lhe nova credibilidade, ao postular a possibilidade da compreensão da cultura americana como um todo, em contraste com a dispersa fragmentaridade das disciplinas tradicionais.[115]

No contexto mais geral, em que começámos por nos enquadrar, as considerações que Philip Barker tece sobre aquilo que é, no fundo, a relação de complementaridade entre a Filosofia e a História, podem ser extrapoladas, com as devidas alterações, para o âmbito do presente estudo. Assim, não se pretendendo, ao longo dele, abordar a Literatura pelo seu (inegável) valor intrínseco, mas pela sua qualidade como documento cultural, parece-nos pertinente e justificado o recurso a dados de outras disciplinas sempre que, de forma solidária, eles possam concorrer para lançar luz sobre as questões em análise. Glosámos mais atrás a ideia de que é, de modo privilegiado, na Literatura (e em outras artes), que se encontra a expressão da forma como o real atinge os seres humanos, e considerámos esta construção de natureza subjectiva, elaborada ao nível da recepção, de muito maior importância do que a dos registos factuais, quando tentamos equacionar a cultura de um povo, num determinado espaço e num determinado tempo. Devemos acrescentar, no entanto, que a qualidade da Literatura enquanto documento cultural, para poder ser aferida, não dispensa a necessidade, por um lado, de ser enquadrada no pensamento da

época, e, esporadicamente, na tradição filosófica anterior, que o suporta; por outro lado, de ser cotejada contra o pano de fundo, eventualmente de natureza mais objectiva, do registo histórico e do registo sociológico. A tais vertentes pretendemos, também, recorrer neste trabalho, sempre que as problemáticas a abordar o justifiquem - e atribuímos a este recurso carácter adjuvante, no sentido do estabelecimento da legitimidade das interpretações que propomos.

---

[1]Pode ver-se em Anthony Burgess, "The Academic Critic And The Living Writer" (*TLS*, Vol. 4363, p. 1275): "The academic fugue is form without feeling; one shudders at the notion of the academic, as opposed to campus, novel". É possível encontrar a expressão *academic novel* associada à veiculação da perspectiva do professorado, em oposição a *campus novel*, associada à veiculação da perspectiva dos estudantes. Esta distinção está, no entanto, ultrapassada, já que os clássicos modernos dentro deste subgénero, da autoria de David Lodge e Malcolm Bradbury, tendem a veicular a perspectiva do professor, e são, contudo, chamados *campus novels* pelos seus próprios autores: No seu ensaio "Campus fictions" [*in* David Bevan (ed.), *University Fiction*, Amsterdam, Atlanta, Rodopi, 1990, p. 51], Malcolm Bradbury faz coincidir a terminologia *university novel* com as narrativas nostálgicas de índole quase pastoral sobre a vida universitária inglesa, principalmente em Oxford, na linha de *Jude The Obscure*, de Thomas Hardy, e de *Brideshead Revisited*, de Evelyn Waugh; às narrativas que ele próprio escreve prefere chamar *campus novels*: "Thus, one might say, is the university novel, and we might then need another term - say the campus novel - to serve to account for the kind of novel that appeared after the war, around the time I began writing myself, and was much less concerned with nostalgia or social recollection, much more with intellectual or social change."

[2]David Bevan (ed.), *University Fiction*, p. 3. Nossa ênfase.

[3]Leslie A. Fiedler, *Waiting For The End*. New York, Stein & Day Pub., 1964, p. 139. Nossa ênfase.

[4] Malcolm Bradbury , "Campus Fictions", *in University Fiction* , p. 50.

[5]David Lodge, "Robertson Davies And The Campus Novel", *in Write On: Occasional Essays '65 - '85*, London, Secker & Warburg, 1986, p. 169. Nossa ênfase.

[6]Malcolm Bradbury, "If Your Books Are Funny, Please Tell Me Where", *New York Times Book Review*, 17 / 7 / 1988, p. 25.

[7]*Ibidem*.

[8]Antony Easthope, *Literary Into Cultural Studies*, London, Routledge, 1991, p. 8.

[9]António M. Feijó, "Posfácio - Duas Notas Sobre Pintura E Retórica Em Ashbery", *in* John Ashbery, *Auto-Retrato Num Espelho Convexo E Outros Poemas* (trad. e posfácio de António M. Feijó), Lisboa, Relógio d'Água, 1995, p. 271.

[10]Antony Easthope. *Literary Into Cultural Studies*, p. 16.

[11]*Idem*, p. 19.

[12]*Idem*, p. 20.

[13]Robert C. Holub, *Reception Theory: An Introduction*, London e New York, Methuen, 1984 - publicado passado apenas um ano sobre a publicação da obra de Terry Eagleton a que de seguida nos referiremos.

[14]Terry Eagleton, *Literary Theory: An Introduction*, Oxford, Basil Blackwell Pub, 1985 [1983].

[15] *Idem*, pp 6-7.

[16]Frank Kermode, *The Sense Of An Ending: Studies In The Theory Of Fiction*, Oxford, Oxford Univ. Press, 1981 [1966]. A importância do debate sobre a questão da relação entre Literatura e realidade, neste livro, está adequadamente sugerida pelas citações que o autor escolhe para epígrafe do mesmo, Ex:: "a more severe, / More harassing master would extemporize / Subtler, more urgent proof that the theory / Of poetry is the theory of life" - Wallace Stevens. David Lodge chega a referir-se à centralidade desta problemática na referida obra de Frank Kermode, e expressa a seguinte opinião no seu ensaio "Waiting For The End: Current Novel Criticism", *in The Novelist At The Crossroads And Other Essays On Fiction And Criticism*, London, Routledge & Kegan Paul, 1971, pp 42 -43: "*The Sense Of An Ending* has . . . an area of theoretical inquiry which may be described as the problematical relationship of fictional technique to reality. The relationship of art to reality is of course the central problem of all aesthetic discussion, but it is raised in a particularly acute form by the novel, because in its origins and to a large extent in its continuing development the novel has undertaken to represent reality more faithfully and completely than any other genre."

[17]William Lutz (ed.), *Doublespeak In A Post-Orwellian Age*, Urbana, Illinois, National Council of Teachers Of English, 1986, p.X.

[18]*Idem*., p XI.

[19]T. S. Eliot, *Notes Towards A Definition Of Culture*, London e Boston, Faber and Faber, 1988 [1948].

[20]*Apud* William Lutz, "Notes Towards A Definition Of Doublespeak", *in Doublespeak In A Post-Orwellian Age*, p. 1.

[21]*Idem*, p. 2.

[22]Malcolm Bradbury, "Campus Fictions", *in* David Bevan (ed.), *University Fiction*, p. 49.

[23]David Lodge, "The Novelist's Medium And The Novelist's Art", *in Language Of Fiction: Essays In Criticism And Verbal Analysis Of the English Novel*, London e New York, Routledge & Kegan Paul e Columbia Univ. Press, 1979 [1966], p 32.

[24]*David Lodge, Language Of Fiction*, p. 78.

[25]*Ibidem*.

[26]David Lodge, *The Modes Of Modern Writing: Metaphor, Metonimy, And The Typology Of Modern Literature*, London, Edward Arnold, 1979 [1977].

[27]António M. Feijó, *O Ensino Da Teoria Da Literatura E A Universidade*, Braga, Edições APPACDM Distrital de Braga, 1994, p. 56.

[28]*Ibidem*.

[29]David Lodge, *After Bakhtin: Essays On Fiction And Criticism*, London, Routledge, 1990, p. 15.

[30]*Ibidem*.

[31]Malcolm Bradbury, *The Social Context of Modern English Literature*, Oxford, Basil Blackwell, 1971, p. XI.
[32]Lucien Goldman, *Pour Une Sociologie Du Roman*, Paris, Galimard, 1964.
[33]Julia Kristeva, *O Texto Do Romance*, Lisboa, Livros Horizonte, 1984.
[34]Pierre V. Zima, *Manuel de Sociocritique*, Paris, Picard, 1985.
[35]Ernst Bloch, *The Utopian Function Of Art And Literature: Selected Essays*, trad. de Jack Zippes e Frank Mecklenburg, Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, 1988.
[36]Betty Jean Craige, *Reconnection: Dualism To Holism In Literary Study*, Athens, Georgia, University Of Georgia Press, 1988.
[37]Betty Jean Craige, *Reconnection: Dualism To Holism In Literary Study*, p. 2.
[38]Fredric Jameson, *The Political Unconscious: Narrative As A Socially Symbolic Act*, London, Routledge, 1993.
[39]António José Saraiva, *A Cultura Em Portugal: Teoria E História - Livro I:Introdução Geral à Cultura Portuguesa*, Lisboa, Bertrand, 1981.
[40]Maria Luísa Leal de Faria, "A Disciplina De Cultura Inglesa: Conteúdos E Metodologias", *in* AAVV, *Actas Do XIII Encontro Da A.P.E.A.A.: Março de 1992*, s.l., Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, 1994, pp 251-258, pp 256-257.
[41]Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, "Poetry In America", Nancy Armstrong (ed.), *Genre: Vol. XX, Number 2: Literature As Women's History II*, Norman, Univ. of Oklahoma, Verão de 1987, pp 153-170, p. 154.
[42]*Ibidem*.
[43]Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, "A Aula De Literatura (Norte) Americana", in AAVV, *Associação Portuguesa De Estudos Anglo-Americanos: Actas do I Encontro: Literatura - Teoria - Educação*, Universidade do Minho, 4, 5 e 6 de Maio de 1984, pp 67-80, pp 70-71.
[44]Maria Laura Bettencourt Pires, *Sociedade E Cultura Norte-Americanas*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996.
[45]Participação de Lionel Trilling em Lionel Trlling *et al.*, "Our Country And Our Culture: A Symposium", *Partisan Review*, 19 de Maio de 1952, p. 324.
[46]*Idem*, p. 326.
[47]Malcolm Bradbury, "Campus Fictions", *in* David Bevan (ed.) *University Fiction*, p. 50.
[48]*Biblia Sagrada*, "Génesis", versículos 1, 5, 10 e 14, Edição Verbo, 1982.
[49]De acordo com opinião expressa em Group d'Entrevernes, *Analyse Sémiotique Des Textes: Introduction - Théorie - Pratique*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, 1979.
[50]Milton M. Gordon, "Toward A General Theory Of Racial And Ethnic Group Relations", *in* Nathan Glazer e Daniel Moynihan (eds), *Ethnicity: Theory And Experience*, Cambridge, Massachusetts e London, Inglaterra, Harvard Univ. Press,1976 [1975], p. 99.
[51]De acordo com informação encontrada em G. M. Trevelyan, *English Social History: A Survey Of Six Centuries: Chaucer To Queen Victoria*, Harmondsworth, Pelican Books, 1970 [1942]), p. 580.
[52]Daniel Bell, "Ethnicity And Social Change", *in* Nathan Glazer e Daniel Moynihan (eds), *Ethnicity: Theory And Experience*, p. 166.
[53]*Idem*, p. 167.
[54]Leslie A. Fiedler, *Waiting For The End*, p. 139. Nossa ênfase.
[55]David Lodge, *Write On: Occasional Essays '65 -'85*, p. 169. Nossa ênfase.

[56]Gyde Christine Martin, "The New University Novel: A Mirror Not Just Of Academe", *in Conference Of College Teachers Of English Studies: 1988 September*. sl, sd, vol 59, pp 52-59, p.55. Nossa ênfase.
[57]*Idem*, p.54. Nossa ênfase.
[58]*Ibidem*. Nossa ênfase.
[59]John Wilkinson, "Conventions And Comedies Of Manners And British Novels About Academic Life", *in* K. Bege e Barbara Brothers (eds), *Reading And Writing Women's Lives: A Study Of The Novel Of Manners*, Ann Arbor, Univ. Microfilms International Research P, 1990, p. 213. Nossa ênfase.
[60]David Bevan (ed), *University Fiction*, Amsterdam, Atlanta, Rodopi, 1990, pp 4 - 5. Nossa ênfase.
[61]Malcolm Bradbury, "Campus Fictions", *in* David Bevan (ed.), *University Fiction.*, p. 55. Nossa ênfase.
[62]*Idem*, pp 94 - 95. Nossa ênfase.
[63]John E. Kramer, *The American College Novel: An Annotated Bibliography*, New York, Garland, 1981.
[64]Mortimer R. Proctor, *The English University Novel*, Berkeley, Univ. of California Press, 1957.
[65]Kingsley Amis, *Lucky Jim*, Harmondsworth, Penguin, 1982 [1954].
[66]John O. Lyons, *The College Novel In America*, Carbondale, Southern Illinois Univ. Press, 1962.
[67]Bernard Malamud, *A New Life*, New York, Farrar, Straus and Cudahy, 1961.
[68]Gyde Christine Martin, "The New University Novel: A Mirror Not Just Of Academe", *in Conference Of College Teachers Of English Studies: 1988 September*, p.52.
[69]*Apud* David Lodge, *The Modes Of Modern Writing: Metaphor, Metonimy, And The Typology Of Modern Literature*, London, Edward Arnold Pub., 1979 [1977] , p. 13.
[70]João Ferreira de Almeida, *Introdução À Sociologia*, Lisboa, Universidade Aberta, 1995, p. 17.
[71]Lovejoy, *The Great Chain Of Being*, *apud* Philip Barker, *Michel Foucault: Subversions Of The Subject*, Sidney, Australia, Allen & Unwin, 1994 [1993], p. 13.
[72]Gyde Christine Martin, "The New University Novel: A Mirror Not Just Of Academe", *Conference Of College Teachers Of English Studies*, 1988, September, s.l., Vol 59, pp 52-59, p. 52.
[73]Comparação expressa por este autor em "If Your Books Are Funny Please Tell Me Where", *New York Times Book Review*, 17 de Julho de 1988, pp 24-26.
[74]Malcolm Bradbury, *Unsent Letters: Irreverent Notes From A Literary Life*, s.l., Viking, 1988.
[75]Malcolm Bradbury, "If Your Books Are Funny Please Tell Me Where", *New York Times Book Review*, 17 de Julho de 1988, pp 24-26, p. 24.
[76]R. Sheppard, "From Narragonia To Elysium", *in* David Bevan, *University Fiction*, p. 21.
[77]Edward T. Hall, *The Silent Language*, *apud* Lucília J. Justino *et al.*, *Didáctica do Inglês*, Lisboa, Universidade Aberta, 1990, p. 13.
[78]João Ferreira de Almeida, *Introdução À Sociologia*, p. 17.
[79]*Ibidem*
[80]Lovejoy, *The Great Chain Of Being*, apud Philip Barker, *Michel Foucault: Subversions Of The Subject*, p. 9.
[81]Informação retirada de AAVV, *The New Universal Library*, Vol. 11, London, The Caxton Pub. Comp., 1968, pp 309-310.
[82]*Apud* Henry Louis Gates Jr (ed.), *"Race", Writing And Difference*, Chicago, The Chicago Univ. Press, 1986 [1985], p.3.
[83]*Ibidem*.

[84]*Idem*, p. 5.
[85]*Ibidem*.
[86]*Idem*, p.4.
[87] Este conceito de grupo étnico, que adoptamos, é veiculado por Nathan Glazer e Daniel P. Moynihan na introdução dos editores a *Ehnicity: Theory And Experience*, Cambridge, Massachusetts, Harvard Univ. Press, 1975.
[88]Henry Louis Gates Jr (ed.), *"Race", Writing And Difference*, p. 4.
[89]Arthur L. Anderson, *Divided We Stand: Institutional Religion As A Reflection Of Pluralism And Integration In America*, Dubuque, Kendal Hunt Pub., 1978, p.73.
[90]Charlotte Astor, "Gallup Poll: Progress In Black/White Relations, But Race Is Still An Issue", William Peters *et al.*, (eds), *U.S. Society & Values: Vol. 2: Number 3: Toward One America: A National Conversation On Race*, s.l., U.S. Informaion Agency, Agosto de 1997, pp 19-22, p. 22.
[91]*Apud* Maria Luisa Leal de Faria, Sociedade e *Cultura Inglesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996, pp 25-26.
[92]Maria Luisa Leal de Faria, Sociedade e *Cultura Inglesa*, p. 26.
[93]Resumo de algumas definições dadas em José Pedro Machado (coord.), *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Vol. III, Lisboa, Alfa, 1991.
[94]Informação retirada de Patrick Hanks *et al.* (eds), *Collins Dictionary Of The English Language*, London, Collins, 1979, reimpressão actualizada de 1983.
[95]Kingsley Amis, *Lucky Jim*, pp 9-10.
[96]David Lodge, *Changing Places*, Harmondsworth, Penguin, 1978 [1975], pp 23-24.
[97]T. S Eliot, *Notes Towards The Definition Of Culture*, p. 120.
[98]*Idem*, p. 123.
[99]*Idem*, p. 13.
[100]Ralph Waldo Emerson, "The American Scholar", *in* George Perkins *et al.*, *The American Tradition In Literature* (sixth edition) - Vol 1, New York, Random House, 1985 [1956], pp 818-830, p. 819.
[101]*Idem*, p. 823.
[102]*Idem*, p. 820.
[103]Maria de Lurdes A. Ferraz, *A Ironia Romântica: Estudo De Um Processo Comunicativo*, s.l., Imprensa Nacional - Casa da Moeda, s. d., p. 18.
[104]*Idem*, p. 16.
[105]*Idem*, p. 18.
[106]Jean François Lyotard, *The Inhuman: Reflections On Time* (trad. por Geoffrey Benington e Rachel Bowlby de *L'Inhumain: Causeries Sur Le Temp*), Cambridge, Polity Press, 1991 [1988], p. 24.
[107]*Idem*, p. 25.
[108]*Idem*, p. 34.
[109]Fredric Jameson, *Postmodernism Or, The cultural Logic Of Late Capitalism*, New York, Verso, 1991, p. IX.
[110]A. S. Maney *et al.* (eds), *MHRA Style Book: Notes For Authors, Editors, And Writers Of Dissertations*, London, Modern Humanities Research Association, 1981, pp 17-18.
[111]Malcolm Bradbury, *Dangerous Pilgrimiges: Trans-Atlantic Mythologies & The Novel*, London, Secker & Warburg, 1995, pp 2-3.

[112]Philip Barker, *Michel Foucault: Subversions Of The Subject*, Sidney, Austrália, Allen & Unwin, 1994 [1993], p. 2.
[113]*Idem*, p. 4.
[114]*Ibidem*.
[115]Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, "Da Poesia Na América", *Biblos*, Vol. LXII, Coimbra, 1988, pp 379-413, p. 381.

I - 2 Contextualização Histórico-Cultural do Subgénero Literário do Romance Académico

A evolução da Universidade, como instituição, tem sido consideravelmente marcada pelo universalismo americano, que, na cultura dos Estados Unidos, é um valor que define a própria nacionalidade.

No conhecido poema patriótico de Langston Hughes, "Freedom's Plow", o autor refere-se deste modo à árvore da liberdade, cuja semente foi lançada, e cresceu, na América:

> May its branches spread, and its shelter grow
> Until all races and all peoples know its shade.[1]

Este sentido de missão que preside ao universalismo americano enferma do pressuposto, nem sempre verdadeiro até às últimas consequências, de que todas as culturas anseiem por vir a partilhar os mesmos valores, ainda que sejam os da liberdade, da igualdade de oportunidades e da democracia. É problemática conhecida, que já foi equacionada, por exemplo, por Graham Greene, em *The Quiet American* (1955)[2]: nesta narrativa, um inocente americano, Pyle, supostamente inspirado num livro de cabeceira que tem o título significativo de *The Rôle of the West*, durante a primeira guerra do Vietname, contra a ocupação francesa, vive para o ideal de reunir uma *Third Force*, que aí instaure a democracia, e deixa-se manipular no sentido de levar a cabo uma série de acções terroristas, que matam e estropiam civis sem culpa; a estes, que considera mártires da democracia, propõe-se compensar-lhes as famílias com fundos americanos. "God save us always . . . from the innocent and the good"[3], comenta, a certo passo, o narrador, que é inglês.

No entanto, segundo John Higham, o universalismo americano

> originally . . . was a message of hope, holding out to individuals a promise of overcoming all social barriers external to the self. It celebrated the mobility, renewal and self-transformation that the pioneer, the immigrant, and the self-made man symbolised; its special animus was against the privileges of entrenched social classes.[4]

Não insistiremos no papel que a educação, nomeadamente a educação universitária, passou a ter no processo desta mobilidade, e possibilidade de transformação de si mesmo, ponto a que, de modo breve, já nos referimos no capítulo anterior, e que retomaremos com mais alguma amplitude quando abordarmos o tratamento das diferenças de classe no romance académico. Insistiremos, antes, no paradoxo, de difícil solução, que é intrínseco à atitude universalista, numa sociedade multicultural; esta perspectiva propõe a cada cidadão uma salvação individual, mas não lhe salvaguarda os valores do grupo a que pertence. Na inclusão de todos sob a égide dos mesmos valores há um factor de tolerância e aceitação, mas também um factor de possível prepotência, de conquista do mais fraco pelo mais forte, porque a unificação de valores essencial à atitude universalista se faz a partir dos valores da cultura dominante. O paradoxo torna-se mais óbvio quando se pretende, como acontece na sociedade americana, que o valor aglutinador seja, precisamente, o da liberdade. Muito a propósito, John Higham regista a peculiaridade de aparecerem associados, nos ícones nacionais americanos, dois elementos de simbologia oposta: por um lado, a estátua da liberdade, por outro a águia, que é uma ave de rapina - e considera que tal reflecte "the inescapable locatedness of any universalistic perspective"[5]. Comenta ainda que:

> From the time of the American revolution onward a principal way of managing this tension has been to extend the circle

> of those who are acknowledged. . . and to project each incremental addition as a promise of still wider inclusiveness.[6]

Pelos meados do século XX, os trabalhos de Eric Erikson levaram a uma revisão das noções sobre identidade: a *inclusiveness* proposta por John Higham deixou de envolver, necessariamente, a aglutinação dos novos elementos aos valores de uma cultura dominante, tendo-se gradualmente passado do ideal do *melting-pot* para o ideal da *salad bowl*, que visa a coexistência em liberdade de todos os elementos, preservando as suas características próprias.

A Universidade, e a cultura académica, acompanharam e promoveram esta tendência, não podendo alhear-se das tensões de cada momento histórico. Por influência da acção do partido democrático, dos sindicatos industriais (inter-raciais), da evangelização das várias denominações cristãs com intervenção social, do florescimento de uma indústia de cultura popular multiétnica, das próprias Universidades, e possivelmente ainda de outros factores, os princípios do século XX foram marcados pela índole igualitarista do chamado *Progressive Movement*.[7]

Coarctada, embora, pelas ansiedades e receios políticos incrementados pelas guerras mundiais (medo dos totalitarismos, nomeadamente, medo do comunismo), pode considerar-se que a atitude universalista, igualitarista, continuou a permear o sistema americano. No que respeita à educação, o movimento no sentido da inclusão da maior parte, idealmente de todos, no mesmo círculo de pertença, pode ser emblematicamente representado pelas palavras do presidente da Universidade de Harvard, James Bryant Conan, em 1945, na abertura da obra *General Education In A Free Society*, publicada por uma comissão de que fizeram parte, entre outros, Paul Buck, John H. Finley Jr, I. A. Richards e George Wald:

> The primary concern of American education today is not the development of the appreciation of the 'good life' in young gentlemen born to the purple. It is the infusion into our entire educational system.[8]

A definição pela negativa ("not the development of the appreciation of the good life") envolve a noção de alguma mudança de rumo, e aponta para o facto de ter sido a diferença de classe socioeconómica a primeira a ser aceite dentro do mundo académico. Mas pelo universalismo americano se tem vindo a promover um acolhimento mais generalizado de indivíduos de variada proveniência no seio da Universidade. Anteriormente fez-se referência ao efeito que resoluções como a *G. I. Bill* tiveram na frequência das Universidades, nos Estados Unidos. No entanto, a abertura à diferença verificou-se também no que diz respeito às diferenças interculturais: o *Fulbright Act*, fundado pela lei pública 584, viria a fomentar o intercâmbio de professores e estudantes entre Universidades americanas e Universidades de outros países; a própria Universidade de Harvard fundaria também um departamento de línguas e culturas eslávicas, e um centro de investigação dedicado à Rússia; e, uma década depois, um centro de estudos de Direito Internacional.

O romance académico moderno dá, frequentemente, testemunho da presença, nas Universidades americanas, de intelectuais da Europa de Leste e Europa Central imigrados nos Estados Unidos, subtraindo-se à opressão política e/ou difícil situação económica dos seus países de origem; tal é, por exemplo, o caso da personagem Jochum, o professor da *Mittel-Europe*, em *Stepping Westward*, de Malcolm Bradbury. O intercâmbio estabelece-se em todas as direcções possíveis. O tema da viagem é recorrente nestas narrativas, cujo humor, com frequência, resulta da exploração das áreas de choque e de incompreensão, entre diferentes culturas.

Em termos numéricos, a frequência das Universidades americanas subiu de modo notável desde a Segunda Guerra Mundial. Depois de 1950, o número de *undergraduates* teve um aumento da ordem dos quatrocentos por cento; dada a existência de uma muito mais variada gama de cursos, floresceram também as especializações, facilitadas pela maior sofisticação das técnicas de pesquisa, tornada possível pelo avanço científico e tecnológico. Em 1940 havia cem mil estudantes inscritos nas escolas de pós-graduação, de que resultaram três mil doutoramentos; em 1970, o número de cem mil estudantes tinha ascendido a oitocentos mil, com a atribuição de um número dez vezes maior de *Ph'Ds.* Guardadas as devidas proporções, este tipo de percurso havia de repetir-se nos países da Europa Ocidental.

Cremos que a massificação da cultura a que nos temos referido afectou profundamente a Universidade em termos da sua auto-imagem, e que o romance académico moderno está intrinsecamente ligado à tentativa repetida, por parte desta instituição, e de quem a ela pertence, de se "re-situar" aos olhos dos outros, e aos seus próprios olhos. Em termos de auto-imagem, tanto o sector científico-tecnológico, como o sector das Humanidades, foram afectados, mas foram-no de modo diferente. O sector científico-tecnológico, pela especificidade dos conhecimentos com que lida, e que transmite, e pelo jargão hermético de que tradicionalmente faz uso, não tem tido de enfrentar a insegurança de se vir a identificar facilmente com a cultura de massas. Pelo contrário, na nossa era, cada vez mais marcada pela comunicação, tem sentido a necessidade de criar uma área de encontro com a cultura de massas, de se auto-divulgar; a esta necessidade respondem, por exemplo, publicações dirigidas ao grande público, como as de Carl Sagan, e, no sector da economia, algumas de John Kenneth Galbraith. A valorização sempre crescente dos bens materiais e do conforto proporcionado pela tecnologia, na sociedade americana e nas outras

sociedades ocidentais, tem conferido a este sector a auto-confiança de se sentir útil e importante, muito embora autores como Nathan M. Pusey tenham registado o fracasso da pesquisa científico-tecnológica na instituição universitária, no que respeitou a providenciar, depois da última Grande Guerra, soluções para os problemas político-sociais da época, como a crise da energia e recursos naturais, e os problemas da falta de saúde e qualidade de vida de uma parte considerável da população.[9]

No sector das Humanidades, a que pertencem a maior parte dos romancistas académicos, a generalização do acesso à cultura universitária teve efeitos mais complexos, que são frequentemente postos em evidência no romance académico moderno.

À medida que o universalismo americano, anti-elitista, foi tomando a forma de alargamento do círculo de pertença a todos, sem pretender obrigar os novos elementos a abdicar das suas características próprias e das suas identidades de grupo, também foi sendo cada vez mais posto em causa o valor do cânone tradicional das Humanidades, os estudos literários e filosóficos clássicos, que eram o reduto privilegiado dos académicos, nesta área de pesquisa.

A continuada proliferação, nas Universidades, de departamentos, centros de estudos étnicos, *women's studies*, e todos os reflexos de expressão cultural de grupos minoritários, indispensáveis numa sociedade que se define pelos valores do universalismo e da democracia, tem promovido na instituição universitária aquilo a que antes nos referimos como "a crescente centralidade de coisa nenhuma". Se esta descentralização no que diz respeito aos padrões de atribuição de valor é reveladora de saúde, em termos da democracia, de facto, realizável numa sociedade, ela é, ao mesmo tempo, profundamente perturbadora para o *Establishment* académico tradicional, porque deixa a actividade do *Scholar* humanista perigosamente

próxima do risco de se dissolver, ao confluir, e confundir-se com a cultura de massas. A agravar esta possibilidade acresce o facto de, pelo efeito de médio/longo prazo da grande expansão do ensino universitário depois do fim da última Grande Guerra, estarmos hoje perante a existência de uma larga classe de profissionais dos *mass media* com frequência universitária, uma classe intelectualizada que diariamente compete pelo baluarte da difusão da cultura dentro da sociedade, tendo a seu favor a facilidade de chegar a ainda maiores audiências.

Tem sido diverso o modo como, na Universidade, as Humanidades têm reagido e lidado com esta problemática. As opções principais têm oscilado entre (a) apelos pontuais, e sem consequências, à restauração dos padrões académicos tradicionais (de que são exemplos publicações como a de Allan Bloom, *The Closing Of The American Mind*[10]); (b) generalização da tendência para aproximar as Humanidades das ciências exactas, através do desenvolvimento de inúmeras especializações, e de metodologias críticas que pressupõem o uso de jargão hermético, inacessível ao público comum, como a Semiótica, e, em geral, as várias abordagens formalistas da Literatura[11]; (c) tomada de posição, por parte dos *Scholars*, como pioneiros no próprio processo que está em causa, usando o estatuto conferido pela sua liberdade académica, para se oporem aos sectores mais conservadores da sociedade, na defesa da causa das minorias, e da democratização do sistema educativo. É este o papel que, por exemplo, em *Changing Places*, o *Scholar* inglês Philip Swallow descobre para si mesmo, e passa a desempenhar com convicção, durante o tempo da sua permanência na fictícia Universidade americana de *Euphoria*. É também este o papel que, em *Nice Work*, Robyn Penrose desempenha, como mais adiante será tornado explícito.

Esta foi, assim, a opção dominante a partir dos anos sessenta. Consideramos catalisadores no processo que a tal conduziu, por um lado, o

Macartismo da década de cinquenta, por outro, o desfecho da guerra do Vietname. O Macartismo, com a fobia do Comunismo, e a perseguição generalizada aos intelectuais, e às Universidades, radicalizou os próprios docentes universitários na vontade de preservarem a sua liberdade académica, e até de fazerem do exercício dessa liberdade, a favor de causas consideradas justas, a própria função reencontrada das Humanidades. A isto não terá sido alheia a agitação social que acompanhou a formação da *New Left*: as lutas dos negros pela igualdade de direitos civis, quer na linha de Martin Luther King, quer na de Malcolm X, a pressão vinda dos próprios estudantes, através de organizações como a dos *Students for a Democratic Society (SDS)*, nascida na Universidade de Harvard em 1962, e a do *Free Speech Movement*, iniciado na Universidade de Berkeley em 1964; e, para culminar, a falência desastrosa de toda a retórica contrária, da linha conservadora, através da perda da guerra do Vietname.

Dentro da própria instituição universitária se encontram e degladiam entre si posições contrárias, ou não poderia ela, e, consequentemente, o romance académico ser tomado como microcosmo da realidade exterior. Há registo, por exemplo, de que a organização *Students for a Democratic Society*, em 1969, tenha acusado a Universidade de Harvard de cumplicidade com a guerra do Vietname, e opressão dos trabalhadores de Cambridge[12]. Mas o efeito mais generalizado dos factores históricos que vimos referindo, na postura assumida pela Universidade moderna, foi o da reafirmação das liberdades individuais, e a rejeição de qualquer perspectivação monolítica sobre a realidade. Nas Humanidades, as tomadas de posição de natureza ético-religiosa foram gradualmente postas de parte a favor de abordagens de maior cientificidade. Consideramos significativo, no contexto do presente estudo, que um dos raros princípios éticos que subsiste, na área das Humanidades, sem ser questionado, seja, precisamente, o dever de aceitação da diferença, e de abertura à opinião

contrária. Pelo menos desde o pós-guerra de 1939-1945 que o que se passa nos Estados Unidos tem inegável impacto e influência na cultura de todo o Ocidente. O cariz tomado pelo universalismo americano influencia hoje as democracias da Europa ocidental. E a tendência para a dissolução generalizada das barreiras, que se tem materializado, pela confluência dos factores referidos, na instituição universitária, deixa as Humanidades numa terra que é de todos, e não é de ninguém.

As várias opções que os estudiosos na área das Humanidades têm adoptado ao lidar com este problema transparecem de modo consistente no romance académico moderno e são, geralmente, denunciadas como insatisfatórias. A postura do narrador nestas obras é frequentemente qualificada como *self-deprecating*, e não é infrequente encontrarmos nelas referências à futilidade e inutilidade da especialização nesta área de pesquisa académica. Sobre este ponto nos ocorre, como exemplo extremo, não só o próprio título dado por David Lodge ao seu primeiro romance académico, *The British Museum Is Falling Down*, mas, dentro dele, a referência a uma personagem que vinha trabalhando, "as long as anyone could remember"[13] na sua tese de doutoramento sobre "Sanitation in Victorian Fiction"[14]:

> Sanitation in Victorian fiction seemed modest enough; but, as Camel would patiently explain, the absence of references to sanitation was as significant as the presence of the same, and his work thus embraced the entire corpus of Victorian fiction.[15]

O romance em questão é de 1965, e da autoria de um *Scholar* inglês, mas veicula a mesma visão da qualidade irrelevante da pesquisa académica que, nesse mesmo período, encontramos perspectivada por outros autores, associados a sectores exteriores à Universidade, como seja o sector dos

mass media, nomeadamente, do cinema. A obra de Woody Allen, publicada em 1966, *Getting Even*, significativamente traduzida para português com o título *Para Acabar de Vez com a Cultura*[16], é constituída, quase na sua totalidade, por um repositório de paródias sobre a pesquisa de natureza académica e a Filosofia, e abre com um pretenso estudo sobre o significado profundo das listas de roupa semanalmente enviadas para a lavandaria por um tal *Metterling* (nome que poderá ser uma corruptela híbrida que associe o nome do poeta *Maeterlinck* com o do estadista belga *Metternich*). As reformulações deste tema são inúmeras. A conclusão de que a pesquisa académica, *per se*, seja inútil, e desemboque inevitavelmente no absurdo, é largamente partilhada neste período, a ponto de Leslie A. Fiedler se encontrar em condições de considerar experiências essenciais à geração dos anos sessenta: "the lust for madness and the aversion to school"[17]; é uma conclusão compreensível no contexto utilitarista, e pragmático, da cultura em que surge. O que é menos compreensível é que esta posição encontre ressonâncias tão favoráveis na própria ficção académica, que assim passa a questionar, com frequência, o valor e a utilidade do universo em que se move e que lhe está na origem.

Paradoxalmente, a aproximação, por parte das ciências humanas, do tipo de jargão hermético utilizado pelas ciências exactas, veio a coincidir com o desenvolvimento de teorias que nos têm vindo a conduzir ao que, sem risco de erro, podemos chamar uma momentosa crise de dúvida na história da Humanidade. É significativo que dois volumes relativamente recentes de Malcolm Bradbury, *My Strange Quest For Mensonge* (1987) e *Doctor Criminale* (1993), se desenvolvam sobre a procura frustrada do Sujeito, em qualquer dos casos, a procura de um Sujeito-Autor, entidade cujo colapso filosófico, juntamente com o colapso de qualquer noção de realidade objectiva, se tem vindo a reafirmar nas últimas décadas, através do desenvolvimento da fragmentação pós-moderna, e de derivações do Estruturalismo e Desconstrucionismo.

Conforme a confissão que Stuart Sim, em *Beyond Aesthetics: Confrontations With Poststructuralism And Postmodernism* (1992), atribuía a Jean-François Lyotard: "I judge . . . but if I am to be asked by what criteria do I judge, I will have no answer to give"[18]. Stuart Sim considera as obras de Derrida e Lyotard designáveis como: "anti-aesthetic in intent, having as their goal the creation of the conditions for a post-aesthetic realm beyond the reach of value judgement"[19]. Sim tece estas considerações com referência ao contexto da estética literária, mas a referida crise de dúvida é invasiva de toda a vida intelectual humana, e reflecte-se na obra de autores de romance académico. Em *My Strange Quest For Mensonge*, Malcolm Bradbury atribui ao desenvolvimento do Estruturalismo e do Deconstrucionismo a culpa de vivermos "in a crisis of Nomination - which is to say that not only can we no longer effectively name things but we cannot even be sure they were there in the first place"[20]. E comenta:

> thanks to Deconstruction, truth is very much an open question . . . We should not underestimate the magnitude of the message this philosophical revolution . . .is bringing us. It is telling us that we are indeed coming to a terminus of thought, reaching the *end of signification*.[21]

Partindo da opinião de que Albert Einstein, com a teoria da relatividade, subverteu a ciência tradicional, mostrando, nas palavras do narrador de Malcolm Bradbury: "that the world was a non-Euclidian four dimensional space-time continuum, probably only held together by its railways"[22], o mesmo autor-narrador considera que o desenvolvimento das metodologias estruturalistas e desconstrucionistas veio completar o processo:

> . . . they have dismantled our preconceived framework of consciousness and perception, removed all our ideas of the

> transcendent and the everlasting, and dismantled the concept of the 'subject', or, as it used to be known, in the old days, the person, so making table-setting for a dinner party very difficult indeed.[23]

O final humorístico do comentário contém um apelo, não declaradamente assumido, mas suficientemente desesperado, ao regresso ao senso comum, baseado nas realidades fisicamente verificáveis, que nos reassegure a todos de que, mau grado as teorias que apontam para o contrário, a pessoa continua a existir. Nesta sua obra, que já não se limita à classificação de romance académico, porque extravasa dos limites da instituição universitária, e lida, acima de tudo, com ideias, o romancista Malcolm Bradbury revela a consciência de algo que poderíamos resumir deste modo: tendo optado pela via da "cientifização", as Humanidades tenderam a desembocar no mesmo beco sem saída, ou num beco sem saída muito semelhante, àquele a que, em décadas anteriores, tinham chegado pela via do Existencialismo, e do teatro do absurdo.

De facto, depois de, sob a influência de Kirkegaard, os filósofos alemães Heidegger e Karl Jaspers terem lançado as bases teóricas do Existencialismo, foi Jean-Paul Sartre que lhe deu forma, em Literatura. Essa forma, que envolveu a rejeição das normas da sociedade, e partiu do entendimento da condição humana como a de *Angst*, expressa em *O Ser E O Tempo* - a preocupação, o vazio, o medo do aniquilamento, a angústia existencial do indivíduo sem Deus, que carrega, sozinho, com a responsabilidade dos seus actos - conduziu à ideia de que não há valores objectivos, de que todos os valores foram criados pelo livre arbítrio dos seres humanos. Esta falta de valores objectivos determina um modo incerto de equacionar a realidade, que vai ao encontro da filosofia estruturalista e desconstrucionista, da forma que ela é veiculada e criticada por Malcolm Bradbury em *My Strange Quest For Mensonge*. A linguagem de deboche usada nas peças de Sartre, enquanto aniquiladora da pessoa, conflui com

as filosofias estruturalista e desconstrucionista, que também são destrutivas para os conceitos de pessoa, sujeito-autor, verdade objectiva. O próprio uso da linguagem sem propósito definido, que encontramos no teatro do absurdo, nomeadamente nas peças de Ionesco, *La Cantatrice Chauve* (1948) e *La Leçon* (1950), e, de modo especialmente marcante, em *En Attendant Godot* (1947) de Samuel Becket, reflecte a concepção da existência humana como um movimento sem esperança em direcção à degradação. O Existencialismo considera a presença do indivíduo, mas enquanto realidade visceral condenada a desintegrar-se. Por sua vez as tendências filosóficas do Estruturalismo, Pós-Estruturalismo e Desconstrucionismo subvertem os dados positivistas e o conceito de pessoa: os percursos são diferentes, o resultado semelhante. E toda a decorrente ambiência cultural de incerteza e de delapidação das auto-imagens individuais se reflecte no romance académico da segunda metade do século XX, como traço caracterizador. A consciência desta tendência, nos anos sessenta apenas sugerida pela imagem frequentemente auto-depreciativa dos seus narradores, tem vindo a ser assumida cada vez com maior clareza nas últimas décadas, a par da percepção da necessidade de procurar uma via de sobrevivência. O ponto em questão pode ser apropriadamente ilustrado pelo seguinte extracto de *Small World* (1984), de David Lodge - num passo em que se debate a partir do corolário de que toda a descodificação é uma nova codificação:

> 'I wouldn't call myself a structuralist', Morris Zapp interrupted, 'A post-structuralist, perhaps.'
>
> Philip Swallow made a gesture implying impatience with such subtle distinctions . . . 'I have just one question,' said Philip Swallow. 'It is this: what, with the greatest respect, is the point of our discussing your paper if, according to your own theory, we should not be discussing what you actually *said* at all, but discussing some imperfect memory or subjective interpretation of what you said?'
>
> 'There is no point,' said Morris Zapp blithely. 'If by point you mean the hope of arriving at some certain truth'. . .

> . . 'Then what in God's name is the point of it all?' cried Philip Swallow, throwing his hands into the air.
>
> 'The point, of course, is to uphold the institution of academic literary studies. We maintain our position in society by publicly performing a certain ritual, just like any other group of workers in the realm of discourse - lawyers, politicians, journalists. And as it looks as if we have done our duty for today, shall we all adjourn for a drink?'[24]

Torna-se evidente que a filosofia que preside às novas metodologias usadas nos estudos literários não lhes reencontrou uma vocação, e um papel bem definido a desempenhar na sociedade, e, apesar do hermetismo do seu jargão, é até discutível que tais metodologias tenham assegurado a sua demarcação da cultura de massas. Ainda em *My Strange Quest For Mensonge*, Malcolm Bradbury, através do seu narrador, dá voz à ideia da crescente apropriação das novas abordagens filosóficas e metodológicas por parte do público, em geral, admitindo que se venham a encontrar nas *boutiques* de *yuppies* "tee-shirts saying 'Foucault' and mugs saying 'This is not (or is it?) a mug.' "[25] E considera que a própria *bricolage*, ou *Do It Yourself*, podem ser tomadas como sequelas destas tendências, mobília estruturalista - referindo-se, decerto às diversificadas possibilidades de associação dos chamados móveis por elementos.[26]

Encontramos, assim, que os factores de ordem histórica têm convergido com a evolução das elites culturais no sentido de colocar as Humanidades tradicionais num impasse, ou numa encruzilhada a partir da qual não é ainda possível saber que caminho vão tomar; e que o romance académico moderno, de forma, a princípio subliminar, e, depois, gradualmente mais explícita, tem dado, desse facto, testemunho.

A leitura de volumes de ficção mais recentemente publicados pelos romancistas académicos por excelência, David Lodge e Malcolm Bradbury, revela-nos que estes livros já extravasam da definição de romance

académico; tanto, por exemplo, no caso de *Nice Work* (1988), *Paradise News* (1991) e *Therapy: A Novel* (1995), de David Lodge, como no de *My Strange Quest For Mensonge* (1987) e *Doctor Criminale* (1992), de Malcolm Bradbury, a acção ultrapassa os limites da Universidade, e à Universidade não pertencem uma grande proporção das personagens principais. Poderá isto ser indicador de que o subgénero em questão esteja a desaparecer, fundindo-se com o género do romance em geral, em paralelismo com o movimento da própria Universidade, na área das Humanidades, em direcção à cultura de massas? Por outro lado, não deixa de ser revelador que sejam precisamente alguns destes romances os que lançam mais luz sobre as tensões a que a Universidade, na área das Humanidades, tem estado sujeita. Neles se equacionam questões que, nos romances académicos propriamente ditos, tinham sido apenas parcialmente assumidas, tratadas de modo passageiro e jocoso. Assim, a temática principal de *Nice Work* são as relações entre a Universidade, na área das Humanidades, e o mundo da produção, materializadas através da interacção entre Robyn Penrose e Victor Wilcox. Tanto pela inclusão de um episódio em que a ajuda de Robyn Penrose, pelo conhecimento que esta tem da língua alemã, se torna imprescindível a Victor Wilcox, para conseguir um negócio em condições extremamente vantajosas, como, em geral, ao longo da obra, pela postura que Robyn Penrose assume, no sentido de tentar imprimir uma consciência social e uma ética ao mundo impiedoso dos negócios, se pode concluir que, surpreendentemente, o balanço é favorável às Humanidades:

> 'Let's get rid of him, then,' said Wilcox. 'He's causing a bottle neck. Terry - see to it, will you?'
>
> Terry, a heavily built man, smoking a pipe, took it out of his mouth and said, 'We haven't got a basis to fire him.'
>
> 'Rubbish, He's been trained, hasn't he?'
>
> 'I'm not sure.'
>
> 'Check it out. If he hasn't, train him, even if he can't grasp it. Are you with me?'
>
> Terry nodded.

> 'Then each time he fails to set the machine properly, you give him a proper warning. On the third warning he's fired. Shouldn't take more than a fortnight. All right?'
>
> 'Right,' said Terry . . .
>
> 'Excuse me,' said Robyn.
>
> 'Yes, what is it?' said Wilcox, looking up impatiently from his spreadsheet.
>
> 'Do I understand that you are proposing to pressure a man into making mistakes so that you can sack him?'
>
> Wilcox stared at Robyn. There was a long silence, such as falls over a saloon bar in a Western, at moments of confrontation . . .
>
> 'I don't think it's any of your business, Dr Penrose,' said Wilcox at last.
>
> 'Oh, but it is,' said Robyn hotly. 'It's the business of anyone that cares for truth and justice. Don't you see how wrong it is, to trick a man out of his job?' she said, looking round the table. 'How can you sit there, and say nothing?' . . . 'It's a management matter in which you have no competence', said Wilcox.
>
> 'It's not a management matter, it's a moral issue,' said Robyn.[27]

Extractos como este apontam para uma possível reformulação positiva da imagem do *Scholar*, nesta área, na linha da defesa dos valores liberais humanistas que, posto que com menos auto-confiança, já tinha feito tradição no subgénero do romance académico, através, por exemplo, de obras como *Stepping Westward*[28] (1975), de Malcolm Bradbury, em que a personagem James Walker se recusa a assinar o juramento de lealdade ao governo americano, preferindo perder o posto que ocupa, de escritor residente numa Universidade dos Estados Unidos, a prescindir, ainda que apenas simbolicamente, da sua liberdade académica. Significativamente, o mesmo autor, Malcolm Bradbury, dez anos depois, viria a satirizar de modo mordaz um protótipo de académico intelectual de esquerda, representado, em *The History Man*[29], por Howard Kirk, que se revela de um revolucionarismo de pose, sem consequências práticas positivas, promíscuo

e oportunista - assim contribuindo para a tendência geral de denegrição do académico, que só recentemente tem dado sinais de poder estar, por fim, a ser revertida.

No sentido da reversão desta tendência aponta também, de modo indirecto, o romance de Malcolm Bradbury, *Doctor Criminale*, que, pela forma como se coloca em relação às obras anteriores deste autor, faz, implicitamente, contrastar a qualidade genuína da procura do conhecimento no mundo académico, com o "facilitarismo" sensacionalista da procura do conhecimento pelos *mass media*, aqui representados por Ros e Lavinia. Esta última dirige-se ao narrador, Francis, a quem contratou para um trabalho de pesquisa sobre Bazlo Criminale:

> 'Just explain to me what's happening. You've been working on this eight days and as far as I know you've come up with nothing.' 'I thought there was plenty,' I said, 'the refutation of Adorno, the quarrel with Heidegger' - 'Heidegger Schmeidegger,' said Lavinia, looking at me with pity, 'Darling, you're not writing your doctoral dissertation or an article for TLS. You're researching a TV programme. We don't want to know what the old bugger thinks . . . I looked at her. 'But Bazlo Criminale is a Modern Master, Lavinia,' I said. 'Right, darling,' said Lavinia, 'And I expect if you turn over a Modern Master, you'll probably find a Modern Mistress. Honey, I want life and loves. I want friends and enemies . . . I want some people we can get our teeth into.[30]

A crítica, aqui impossível de ignorar, ao tipo de procura do conhecimento levada a cabo pelos *mass media*, implicitamente, conduz à demarcação, pelo lado positivo, da pesquisa académica, o que representa um longo caminho percorrido, em relação ao tratamento normalmente depreciativo dado ao mesmo tópico no romance académico dos anos sessenta. Assim, os romances mais recentes de Malcolm Bradbury e David Lodge, cuja acção decorre, sobretudo, fora das Universidades, e cujas

personagens se não assumem como *Scholars*, revelam-se os mais académicos de todos, no sentido de serem mais favoráveis à Academia e aos valores que, mesmo no mundo controverso de hoje, esta ainda pode preservar.

Também o volume de ficção de David Lodge, *Paradise News*, se constrói a partir da interacção entre o *Scholar*, representado pelo paradoxo de um teólogo agnóstico, Bernard Walsh, e o materialismo hedonista do mundo moderno, representado pelo pretenso paraíso de férias do Havai. Esta interacção é emblemática daquilo que tem subsistido, nas últimas décadas, como preocupação central ao subgénero de que tratamos. De facto, sem que tal exclua a presença de outros conteúdos, o romance académico tem sido, também, a saga das Humanidades à procura do seu papel na segunda metade do século XX. Esta pode ser uma nova demanda do Graal, cuja projecção excede largamente a projecção de uma classe relativamente pequena, ao equacionar, na ficção, as vias e o significado da sua própria sobrevivência.

Também neste sentido o romance académico se revela um microcosmo da realidade exterior. Nele encontramos, como pano de fundo, a repetida tentativa de responder às perguntas essenciais do Homem do fim do século XX, na sociedade ocidental - como qual seja o papel daquilo que, no ser humano, sempre acaba por extravasar do domínio positivista das ciências exactas e da tecnologia; como qual seja o papel dos que são qualificadores na época da quantificação, dos que actuam, sobretudo, fora da esfera da produção no apogeu do materialismo, e da sociedade de consumo. As respostas a estas questões não se dirigem só, nem principalmente, ao sentido de realização pessoal de cada indivíduo, ou de pequenos grupos de indivíduos. Quando houver resposta para estas questões, não terá sido, apenas, reencontrado o papel a desempenhar pelas Humanidades, mas teremos também resposta para qual seja a verdadeira

função dos saberes das minorias, ou mesmo, resposta para qual seja o papel de países como o nosso, na comunidade das nações; questões que, pela sua vastidão, caem inevitavelmente fora da alçada deste trabalho, mas que nos parece deverem ser mencionadas, por realçarem o contributo que o romance académico moderno pode estar a prestar, como documento privilegiado para análise cultural, e como, ele próprio, factor de cultura, na tentativa de as resolver.

A qualidade premente destas questões num mundo crescentemente assoberbado por exigências de ordem prática tem levado à emergência, como traço caracterizador do romance académico, da detecção de um conflito constante entre idealismo e pragmatismo. Uma das características que encontramos neste subgénero é a de fazer cristalizar em si, de modo visível, conflitos latentes, não só na Universidade, mas na sociedade em geral. Leslie A. Fiedler expressava, em 1952, a sua opinião sobre o papel do escritor: "The writer is needed as a recorder of the dream of innocence and the fact of guilt".[31]. E o papel do escritor forma-se, cada vez mais frequentemente, a partir das atitudes aprendidas e apreendidas nas Universidades.

Muito embora, nos modelos dos clássicos, a educação tenha começado por ser principalmente entendida como os estudos na chamada área das Humanidades (exemplo, a sociedade ateniense do tempo de Sócrates), o facto é que estes estudos sempre têm tido de lidar com o problema da sua própria indefinição, ou dificuldade de definição. Logo desde as suas raízes clássicas o conceito de educação filosófica foi controverso. Neste campo, a referência a que os autores modernos mais frequentemente recorrem é a da filosofia socrática, invocada quase universalmente, a ponto de se encontrar, por vezes, a justificar opiniões que entre si se contradizem.[32]

Para Sócrates, e, depois, para os Estóicos, a concepção de educação filosófica teve como premissa fundamental a procura do melhor para a vida humana. Mas a cisão sobre o que deveria ser considerado o melhor para a vida humana tinha-se efectuado ainda durante a carreira pública de Sócrates, que entrou em conflito com as Escolas dos Sofistas e dos Retóricos. A Escola dos Sofistas, e a Escola dos Retóricos, insistiam no desenvolvimento das capacidades oratórias dos alunos, do raciocínio e capacidade de persuasão e argumentação, com o fim de torná-los capazes de fazer valer os seus pontos de vista; a educação filosófica, assim concebida, operava no sentido de granjear vantagens políticas e financeiras àqueles que tivessem tido oportunidade de dela beneficiar, sem que levasse os mesmos a pôr em causa a justiça ou a moralidade intrínsecas à sociedade em que viviam. A esta educação, vista como meio para atingir determinado fim, se opunha a concepção socrática, segundo a qual o melhor para a vida humana se conseguiria a partir da procura do saber, como fim em si mesmo.

A relação entre este modo de considerar o saber e a actuação tradicional da Universidade, nomeadamente no campo das Humanidades e das *liberal arts* (- remetendo para o universo cultural de raiz anglo-saxónica) é por demais evidente. Reportando-se a John Henry Newman, em *The Idea Of A University*, António M. Feijó, em *O Ensino Da Teoria Da Literatura E A Universidade* (1994), considera:

> . . . o *conhecimento liberal* é aquele que 'se funda nas suas pretensões próprias, que é independente de sequelas, que não espera complemento, que recusa ser *informado* por qualquer fim, ou absorvido por qualquer arte, para poder apresentar-se plenamente, tal como é, à nossa contemplação' . . . A natureza *liberal* do conhecimento que uma Universidade transmite define-se, em Newman, por oposição a *servil*. 'Servil' denota aqui fidelidade a qualquer

> exterioridade, seja qual for o valor maior, de sobrevivência da espécie, por exemplo, que esta possa arrogar-se.[33]

Deve notar-se que o método socrático, de livre inquérito, sem limites estabelecidos à partida, foi considerado potencialmente perigoso e imoral pelos Atenienses, porque através dele os alunos poderiam vir a pôr em causa a razão e a autoridade do Estado. Em termos actuais poderia dizer-se que Sócrates foi condenado e executado pelo exercício da sua liberdade académica. No entanto, foi precisamente a partir do modelo socrático que o ideal da Universidade, e o ideal da própria liberdade académica, se foi constituindo.

No sistema universitário, ao longo do século XX, a procura idealista do conhecimento como fim em si mesmo tem vindo a debater-se cada vez mais com condicionalismos de natureza prática. Aos factores de ordem histórica e política, já sumariados neste trabalho, que durante o nosso século têm levado à massificação do acesso à Universidade, juntaram-se as complexidades criadas pela era industrial, e a incrementação da pesquisa científica e tecnológica, convergindo todos estes aspectos no sentido de tornar o papel da Universidade mais ecléctico e multifacetado e menos idealista.

À medida que o trabalho industrial passou a ser apoiado por tecnologias avançadas, surgiu a necessidade de formação de quadros de pessoal com treino específico nestas áreas; e à medida que as necessidades nestas áreas se foram tornando mais complexas, esse requisito de formação começou a irromper pelos *curricula* universitários. Da mesma forma, a necessidade de incrementação da pesquisa científica e tecnológica veio a promover o financiamento, por parte de empresas privadas ou governamentais, de projectos de investigação com fins

específicos, claramente determinados de antemão, pelos quais se tem canalizado a actividade dos *Scholars* para o preenchimento de necessidades de ordem prática, que cada vez mais se distanciam da procura do saber como fim em si mesmo. Comenta, além disso, Philip F. Lawler que: "Once the emphasis had been on culture and truth; now education experts spoke of training and social mobility".[34]

A derrocada filosófica do conceito de verdade objectiva a que atrás nos referimos veio contribuir para a presente situação, que assim se tornou extensiva à área das Humanidades. Na inexistência de uma verdade única e objectiva a defender, de entre as várias verdades possíveis procura-se aquela que esteja em consonância com as necessidades de ordem pragmática de cada momento político; e esta atitude torna-se tanto mais premente quanto mais as Universidades vão estando dependentes de financiamento exterior. Philip F. Lawler refere extensivamente, na obra já citada, o efeito que a intervenção governamental inevitavelmente tem nas decisões dos departamentos universitários, como contrapartida ao financiamento que estes recebem.

Mesmo na Comunidade Europeia, os próprios programas que apoiam financeiramente as iniciativas académicas (como o Língua, o Erasmo, e o Praxis, o Sócrates e o Leonardo) surgem já com objectivos, em maior ou menor medida, determinados, e pressupõem, da parte dos departamentos universitários, a necessidade de a eles se adaptarem. Não há ainda distância suficiente no tempo para ser possível apreciar os efeitos deste tipo de intervenção exterior. Se, por um lado, a facilidade com que esta adaptação a objectivos vindos do exterior normalmente ocorre poderá não vir a promover a auto-imagem positiva deste sector, por outro lado, as possibilidades de acção assim postas à sua disposição poderão vir, mesmo em termos de auto-imagem, a compensar essa falta. Em todo o caso, a presente situação permite-nos considerar que teria de radicar-se na

necessidade de maior auto-determinação qualquer resposta a dar à perplexidade que Philip F. Lawler exprime, em relação a quais sejam os objectivos da Universidade:

> Viewed from the economic perspective, American higher education constitutes an enormous industry, surpassing even the automobile industry in size . . . every automobile buyer knows with reasonable accuracy what he wants from his car. Not so in academe . . . Despite its theoretical commitment to the spread of knowledge, the education "industry" provides precious little information about itself . . . Why do our universities have so little interest in analysing their own goals?[35]

A pergunta vem de um autor que, no caso presente, a si mesmo se considera "an academic dropout". Philip F. Lawler, americano de Boston, é um diletante da Academia; licenciou-se em Harvard, obteve uma pós-graduação na Universidade de Chicago, em *Political Science*, e foi editor de *Prospect* (revista dos "Concerned Alumni of Princeton"). Em 1981 tornou-se director de estudos de *The Heritage Foundation*, em Washington D.C.[36], o que até certo ponto poderá explicar aspectos conservadores na sua visão.

Uma possível resposta à questão colocada na passagem que dele citámos, será, como atrás se sugeriu, que no caminho da definição, por parte da Universidade, dos seus objectivos, se interpõe a dificuldade criada pelos limites postos à auto-determinação no que ao estabelecimento desses objectivos diz respeito. Uma outra resposta, concomitante a esta e, pelo menos, igualmente verdadeira, apontaria para a queda de barreiras entre Universidade e sociedade, para a demolição da torre de marfim que, conforme vimos argumentando, tem feito parte do percurso da instituição universitária no século XX. Deste ponto de vista, perguntar à Universidade

quais são os seus objectivos equivale a perguntar à sociedade do presente para onde se dirige - com a mesma esperança de obter uma resposta clara.

No entanto, tentativas de resposta a perguntas desta natureza são as que frequentemente são equacionadas na ficção académica, nomeadamente em narrativas sobre o *global campus* (do modo que ele é apresentado, por exemplo, por David Lodge, em *Small World*). O ideal socrático coexiste, na Universidade, com as concessões inevitáveis ao pragmatismo, dando origem a uma confusão nos critérios de atribuição de valor que é largamente explorada no romance académico moderno, funcionando mesmo como uma das feições que o definem.

Na sua Introdução a *The Degradation Of The Academic Dogma*, Robert Nisbet refere que não é imaginável que papéis tão diferentes como os de: "higher capitalist, chief of the research establishment, superhumanitarian, benign therapist, adjunct government, and loyal opposition" possam caber na alçada de uma só instituição que, segundo o autor: "continues to insist upon its aristocratic or priestly virtue in the cause of dispassionate reason"[37] Em *The Uses Of The University*, obra em que, como o título indica, se reconhece o lado pragmático desta instituição, Clark Kerr já tinha cunhado o termo "multiversity" para designar a realidade multifacetada da Universidade, a que Nisbet se viria a referir. Clark Kerr nomeou a confusão o objectivo da Instituição universitária:

> A university anywhere can aim no higher than to be as British as possible for the sake of the undergraduates, as German as possible for the sake of the graduate and research personnel, as American as possible for the sake of the public at large - and as confused as possible for the sake of the preservation of the whole uneasy balance.[38]

Significativamente, para designar a Universidade dos anos sessenta, outro autor, Robert C. Solomon, retoma, também a partir de Clark Kerr, o termo *multiversity*, que em *Up The University: Recreating Higher Education In America* (1993) é explanado com mais amplitude:

> In the tumultuous sixties, the then vice-chancellor of the University of California at Berkeley introduced the word multiversity to capture this complexity and confusion. Kerr used the word to refer to the gigantic conglomerates that were rapidly developing from his California universities. Buffeted by competing political and economic interests, universities were filled with tens of thousands of undergraduates who were falling through the cracks because they were no longer considered an essential substance. Universities had become giant corporations and served global corporate and political interests. Enormous amounts of money from federal grants and high-powered research dwarfed and eclipsed the more spiritual life of the university. Sports were no longer physical exercise and entertainment but big business . . . "Multiversity" was an administrative shrug of the shoulders, an admission of defeat, an excuse for neglecting undergraduate education and reducing it to cost-benefit analysis.[39]

A "multiversity", embora se tenha tornado multifacetada, e até confusa, nos seus objectivos, e seja, nas palavras de Kerr, "held together by administrative rules and powered by money",[40] não desistiu da procura idealista do saber, e a percepção deste paradoxo de difícil solução determina frequentemente o tom, e algumas das características que os autores académicos dão às suas narrativas sobre a Universidade. Conforme Janice Rossen reconheceu em *The University In Modern Fiction: When Power Is Academic*:

> The texture of University fiction . . . consists of several disparate, but related threads: the influence of the power

> structure within academe and in relation to the world outside, the constant dialectic between competitiveness and idealism . . .[41]

Janice Rossen conclui sobre este ponto que:

> All novels about academic life and work exploit the tension between these two poles of idealism and competition, of scholarship as a means to an end, and scholarship as an end in itself.[42]

O narrador académico situa-se, assim, na encruzilhada entre pragmatismo e idealismo, e esta postura afecta a imagem de *Scholar* que, nestas narrativas, é veículada. Nas obras de ficção universitária que colocam em contraposição a cultura inglesa e a cultura americana, o pólo idealista é invariavelmente representado pelo *Scholar* inglês, enquanto o pólo pragmático se materializa nas características atribuídas ao *Scholar* americano - o que se concilia com o facto de ser o pragmatismo geralmente considerado um traço fundamental da *Americanness*.

Com o pólo idealista costumam aparecer associados o interesse genuíno pelo estudo e pelo conhecimento, o desapontamento por não conseguir que outros partilhem desse interesse, uma certa inocência que pode parecer nivelar a figura do *Scholar* com a de uma criança grande, o desajustamento social, a inaptidão para lidar com os meandros da política dos departamentos a que pertencem, e, por vezes, as dificuldades financeiras. Com o pólo pragmático aparecem associadas principalmente as figuras de *Head of Department*, ou de *Scholar* ambicioso; em qualquer dos casos, a acusação que mais frequentemente subjaz a estas figuras é a de serem ávidas de poder e privilégios, e a de sacrificarem a procura genuína, e a transmissão do conhecimento, aos seus interesses pessoais, e aos

condicionalismos de ordem política ou administrativa dos departamentos em que se movem.

Exemplificam largamente estes aspectos os romances académicos de Malcolm Bradbury e David Lodge. Assim, o capítulo inicial do primeiro romance académico de Malcolm Bradbury, *Eating People Is Wrong* (1959), apresenta-nos a figura do Professor Treece, que, logo de início, se começa a construir como personagem a partir da expressão de um certo descontentamento, ao aperceber-se de que não tinha destinatários à altura dos seus ideais quase épicos de procura e transmissão do conhecimento:

> Students . . . were not at all cast in the heroic mould when it came to the study of literature; they plodded along the tow path like barge horses. And, for the teacher, the desire to mould the great spirit, along with the search to lead one's own life on the heroic level, was soon defeated by the pressures of heavy routine.[43]

Em *Stepping Westward* (1965), do mesmo autor, o pólo idealista é representado por James Walker, o *Scholar* inglês que vai para a América, e que, aí, acaba por ver frustradas as suas ambições, através de um longo processo de auto-descoberta e de procura de coerência consigo próprio, que começa pela recusa de assinar o juramento de lealdade ao governo americano. O pólo pragmático é, nesta narrativa, representado por personagens como o americano Froelich, que se nos apresenta a manipular os colegas, nas reuniões, a favor dos seus interesses, que, em cada momento, tem bem presentes e bem definidos; é da perspectiva de Froelich que, à conclusão do livro, se veicula a seguinte reflexão:

> Froelich looked around the table and could see success ahead. He looked at an empty chair and had a wish come to him : it was the wish that James Walker were sitting in it to see all this achievement . . . He knew he had left town .

> . . because he believed that to provide this success was all he had been in Party for. He had gone believing himself a manipulated man, and believing too that he, Bernard Froelich, was puppeteer of the whole *marionette* show . . . Even if, to a point, Walker's picture of the situation was true, Froelich had never seen it primarily in that light . . . This world, it was true, favoured those who had ends in view, and to this extent Froelich had gone forward and Walker had, well, gone back.[44]

Também no mundo académico a opção pelo pragmatismo, mesmo se em detrimento dos ideais, é frequentemente recompensada. Tal como Treece, em *Eating People Is Wrong*, James Walker, em *Stepping Westward*, era: "a believer in personal relationships and a conspicuously bad performer in what he believed in".[45] Esta, a razão de fundo que está na raiz do seu insucesso, que se considera representativo do frequente insucesso dos idealistas.

O mesmo tipo de problemática transparece nos romances académicos de David Lodge. Ao longo de *The British Museum Is Falling Down*, a perspectiva do narrador cola-se (com excepção, apenas, do último capítulo) à presumível perspectiva da personagem Adam Appleby. Adam Appleby, que nesta narrativa representa o pólo do idealismo, é um jovem que a todo o custo tenta terminar a sua tese de doutoramento, no meio do caos familiar e de vicissitudes financeiras, derivadas de teimar em viver pelos seus ideais de católico escrupuloso: casou cedo, a que não foi alheio o facto de acreditar no valor da castidade pré-matrimonial, e tem já sobre si a responsabilidade de uma família numerosa, por, em obediência aos ditames do Vaticano, não recorrer a métodos artificiais de planeamento familiar. A tensão entre este pólo idealista e o pólo pragmático estabelece-se pela presença, na mesma narrativa, de personagens como o seu colega George

Pond, ou o americano Bernie Schnitz. Na apresentação que o narrador faz de George Pond transparece definitivamente a opção pelo pragmatismo:

> Pond was a full time teacher at the School of English where Camel taught a few classes. It was run by a crook, and Pond was worked very hard, but Adam and Camel found it difficult to commiserate with him because he earned so very much money. He and his pretty wife, Sally, had a Mini-Minor and a centrally-heated semi in Norwood, with a four poster bed draped in pink satin.[46]

Nesta narrativa o pólo pragmático ganha foros de caricatura no episódio em que o americano Bernie Schnitz confessa a Adam Appleby ter-se deslocado a Inglaterra com o intuito, nada mais nada menos, que de comprar o *British Museum*, e o mandar cortar em blocos e transportar para os Estados Unidos, para ser reconstruído como biblioteca de uma qualquer Universidade obscura, no Colorado.

A tensão entre idealismo e pragmatismo mantém-se em *Changing Places*, do mesmo autor, publicado dez anos depois. Ao pragmatismo americano, materializado na figura de Morris Zapp, que procura principalmente o poder, e no poder se deleita, contrapõe-se a inocência idealista do inglês Philip Swallow. É deste modo que o narrador se refere a diferença entre os dois:

> Not that Philip Swallow was lacking in intelligence or ability; but he lacked will and ambition, the professional killer instinct which Zapp abundantly possessed.[47]

O tipo de *Scholar* inglês idealista é invariavelmente apresentado nestas narrativas como inclinado a um recolhimento sobre si mesmo quase monástico, frequentemente acompanhado de sentimentos de frustração; socialmente é inepto, e em matéria de estratégia e capacidade de negociação, é completamente, ou quase completamente inocente. Mesmo dentro do enquadramento da Universidade britânica, contrapõe-se a esta figura, a figura do *Scholar* bem sucedido, que frequentemente ocupa o posto de Coordenador de Departamento. Sobre este são frequentes as sugestões de pouco, ou nada, publicar, ou de falta de empenhamento na procura do saber, propriamente dita; em compensação, são também frequentes as sugestões de habilidade política e tacto no que respeita a relações públicas, obviamente ligadas à adopção de uma atitude pragmática. Em *Changing Places* o Coordenador do Departamento a que Philip Swallow pertence é Gordon Masters, e Philip Swallow revela à esposa, Hilary, a sua surpresa por ele o ter proposto para o intercâmbio com a Universidade americana:

> 'Jolly decent of him to think of me, I must say.'
> 'You always complain that he doesn't appreciate you.'
> 'I know. I feel I've done him rather an injustice.'
> Actually, Gordon Masters had decided to back Philip for the Euphoria Exchange because he wanted to give a Senior Lectureship to a considerably younger member of the Department . . . and it would be less embarassing to do so while Philip was absent. Philip was not to know this, of course, though a less innocent politician might have suspected it.[48]

Em *Small World*, publicado por David Lodge em 1984, a dialéctica entre idealismo e pragmatismo assume a profundidade de alegoria, representada pela procura de Angelica por parte do jovem poeta irlandês Persse McGarrigle. Persse, cujo nome é, no próprio texto, associado ao do cavaleiro Percival, voa pelo mundo, de congresso literário em congresso literário, em perseguição de Angelica Pabst, que conheceu num congresso

anual dos "University teachers of English Language and Literature"[49], e que, sempre que se encontram, se evade da sua presença inexplicavelmente. Com a demanda romanesca de Persse coexistem, ao longo da narrativa, os jogos de poder, ou de corrupção e decadência no mundo académico, perpetrados por personagens como Siegfried von Turpitz, Ronald Froebisher, Fulvia Morgana, Arthur Kingfisher, Rudyard Parkinson, Michel Tardieu e Morris Zapp, e, em grande medida, impulsionados pelo motivo constituído pela competição que várias destas personagens entre si estabelecem pela *Unesco Chair*.

A procura idealista de Persse tem, significativamente, um desfecho ambíguo; a relação que Persse, pragmaticamente, acaba por consumar, é com alguém que se vem a descobrir não ser Angelica, mas a sua irmã gémea Lily, que trabalha para uma empresa designada pelo nome revelador de *Girls, Unlimited*. O ideal evade-se de novo. Se, no meio universitário, o pólo pragmático se revela insatisfatório, o pólo idealista começa a suspeitar-se inatingível. Janice Rossen avalia, de modo sagaz, o conflito entre idealismo e pragmatismo no mundo académico:

> This idealism [of] the sheer pleasure of pursuing the goal of knowledge for its own sake . . . often comprises a large part of the profession's myth about itself, which is best expressed by the labelling of academe . . . as the Ivory Tower . . . it can operate at a highly abstract, theoretical level . . . thus the practical value of its research for those outside its walls can be waived as relatively unimportant . . . politics is characterized by simplicity, negotiation and compromise . . Hence the academic who wants to do something out in the world (in order to refute the charge of escapism, irresponsability and withdrawal into the Ivory Tower) is faced with the dilemma of having to deny a fundamental aspect of his or her profession in order to do this.[50]

Cremos que certos modelos de narrativas académicas apresentam já estratégias consagradas pelo uso para lidar com o conflito em questão. A

tendência que mais se tem generalizado neste campo é a de não questionar o estatuto académico dos heróis, mas encontrar-lhes alguma via de realização prática, que torne a sua actividade relevante no mundo exterior, e que faça progredir a acção. Neste campo, duas das vias mais frequentemente exploradas são a da conquista sexual, e a da ligação do *Scholar* à solução de mistérios policiais.

No que diz respeito à primeira destas vias, David Lodge, em *Small World*, mostra aperceber-se da ligação que existe entre o pragmatismo no mundo universitário, e o recurso aos episódios de conquista sexual no romance académico, quando faz a sua personagem Morris Zapp virar do avesso a teoria freudiana de que o impulso para o trabalho seja a sublimação da sexualidade, dizendo que:

> sex is a sublimation of the work instinct . . . what we really lust for is power, which we achieve by work[51]

A conquista sexual aparece, assim, como substituto para as realizações de ordem pragmática, que no universo puramente académico são difíceis de concretizar. Os frequentes episódios de conquista sexual no romance académico são marcos de referência no desenvolvimento da acção facilmente reconhecíveis pelo público leitor, portanto, funcionais na economia da narrativa que, sem a presença de tais episódios, poderia resultar demasiado teórica ou abstracta para manter o interesse dos destinatários. Nas narrativas académicas estes episódios representam, frequentemente, o pólo do pragmatismo, a contrabalançar o pólo do idealismo, presente no que, nelas, é debate teórico de ideias, a que as personagens, em alguns casos, quase se limitam a dar suporte físico.

O pólo do idealismo persiste, assim, também nestas narrativas, sobretudo naquilo que nelas existe de exercício intelectual, de tentativa de

equacionamento da problemática que, em cada caso, pareceu ocupar o autor: *The British Museum Is Falling Down*, e *How Far Can You Go?*, de David Lodge, podem quase ser lidos como estudos casuísticos das contingências da prática do Catolicismo, segundo as normas do Vaticano, na sociedade moderna, intelectualizada; em obras posteriores do mesmo autor, e também em obras de Malcolm Bradbury, Amanda Cross, John Kenneth Galbraith[52], e outros, se equacionam questões como os choques entre culturas, o conflito de gerações, sobretudo no que respeita à geração de sessenta, o movimento de reivindicação feminista, o papel das Humanidades num mundo em que a tecnologia impera, a relação das novas abordagens críticas da Literatura, com a realidade experimentada, a relação da Universidade com a realidade económica.

Consideramos, assim, suficientemente patente, nestas narrativas, a procura do conhecimento pelo próprio conhecimento. É em relação ao pólo pragmático, mais difícil de concretizar no mundo académico, que frequentemente, nelas, se corta caminho através da adopção de estratégias já referidas, como a do recurso a episódios de conquista sexual, e também a de serem atribuídas ao *Scholar* capacidades de detective que se venham a revelar úteis, ou mesmo imprescindíveis, na resolução de determinado problema prático. Nas narrativas académicas entrecruzadas de história policial, que são inúmeras, a identificação do criminoso equivale ao que, noutros casos, toma a forma de conquista sexual. De ambas as formas se tenta encontrar algum resultado concreto, facilmente reconhecível do exterior, para a acção do *Scholar*, que se desenvolve principalmente no domínio do que é teórico e abstracto.

Para além de a construção da figura do *Scholar*-detective constituir estratégia a que se recorre para atribuir resultados práticos à actividade académica, a frequente convergência entre subgénero do romance académico e subgénero do romance policial pode prender-se também com a

crescente intelectualização deste último, que repercute a crescente intelectualização da sociedade em geral. De facto, no seu ensaio "A Philosophical View Of The Detective Novel", Ernst Bloch observa que antes dos meados do século XVIII o modelo de romance policial que se debruça sobre o raciocínio do detective e a procura das provas não existia, porque o próprio sistema judicial também era diferente, e se baseava, para a incriminação, nos depoimentos de testemunhas oculares e na confissão. A ficção incidia sobre a caça ao criminoso, e, frequentemente, sobre formas primárias como a tortura para o obrigar a confessar, aspecto fundamental, uma vez que a confissão era considerada a *regina probationis*. O desenvolvimento posterior do sistema judicial acompanhou-se, em paralelo, de uma intelectualização do conteúdo destas narrativas, intelectualização que Bloch observa nos seguintes termos:

> Because the *trial by evidence* demanded that evidence be sufficient for both the initial warrant and the trial, criminal investigation arose with the detective in the foreground. Signs of all kinds, footprints, false alibis and the inferences arising therefrom, have now become as important as the old, often too sweeping *cui bono*.[53]

Como Ernst Bloch refere, "evidence is more civilized than torture"[54]. É também mais intelectual, mentalmente mais sofisticada, pelo que, compreensivelmente, aproxima a postura do romance policial da postura no romance académico, facilitando a imbricação, mais do que ocasional, entre estes dois subgéneros.

Não é, assim, surpreendente que John E. Kramer, e John E. Kramer Jr, registem a existência de cento e setenta e um romances britânicos em que o herói é um *Scholar* detective, e façam menção específica do autor John Rhodes que, entre 1925 e 1955, publicou sessenta e um romances, em que

consagrou como figura de detective a sua personagem Professor Lancelot Priestley[55]. Esta harmonização, na imagem do *Scholar*, entre idealismo e utilidade prática, pressupõe uma situação de harmonia relativa entre Universidade e sociedade em geral, pelo que, neste contexto, é significativo que, depois da contestação e da polémica da década de sessenta, tenha decrescido o aparecimento de histórias policiais em que o detective fosse um *Scholar*.

Na sociedade americana, de dinâmica social mais rápida, e, portanto, com mais facilidade de assimilar, em pouco tempo, a própria contestação, Carolyn Heilbrun, sob o pseudónimo de Amanda Cross, começou a publicar em 1964 a sua série de romances académicos em que a personagem Kate Fansler acumula a actividade de Professora, com a de detective, perita em resolver mistérios policiais de difícil solução.

Não se encontra, a tendência que vimos referindo, de modo algum, esgotada, embora se assista, de certa forma, a uma reversão de prioridades. Nas narrativas mais recentes (literárias, ou cinematográficas) não são tanto os *Scholars* que são apresentados com a capacidade de se afirmarem como heróis no mundo exterior à Universidade, mas sobretudo os heróis que são apresentados como tendo, também, a coroar as suas outras aptidões, qualificações académicas. Exemplifica esta variante o herói de S. Spielberg, Indiana Jones. Indiana Jones é apresentado, muito esporadicamente, a ensinar ou a relatar as suas descobertas arqueológicas numa Universidade, mas, conforme tivemos ocasião de observar num inquérito que informalmente conduzimos para este efeito, tal facto parece passar despercebido à maioria dos espectadores das suas aventuras, que são incapazes de responder à pergunta de qual seja, fora do contexto espácio-temporal de tais aventuras, a profissão atribuída a esta personagem.[56]

Em todo o caso, a associação do papel de herói com o papel de *Scholar*, em qualquer proporção em que se encontre, aponta para o facto de a procura desinteressada do conhecimento se continuar a manter, na actualidade, como, pelo menos, um dos padrões possíveis de atribuição de valor. Deverá referir-se, no entanto, que esta conciliação feliz entre idealismo e pragmatismo se realiza, principalmente, em narrativas que funcionam como sonho compensatório, e que se destinam a um consumo público bastante generalizado. Existe, no subgénero do romance académico moderno, um outro veio, em que a tensão constante, na Universidade, entre idealismo e pragmatismo, não se encontra resolvida, e em que, à falta de solução, a fuga se faz na direcção do relativismo. Na impossibilidade de se decidir, face às complexidades envolvidas, qual será a atitude certa e qual a errada, o narrador académico moderno com frequência assume um desprendimento intelectual das questões que toca ou que equaciona, e abstém-se de sobre elas tomar posições ou fazer juízos de valor explícitos. É assim que, tal como na sociedade em geral, mas em menor escala, o mundo universitário, nestas obras, nos é apresentado como uma gama complexa de possibilidades, em que os vários elementos se organizam num sistema de diferenças, assumindo, entre si, posições não condenáveis, nem louváveis, mas apenas relativas.

Atitude associada ao relativismo é a da suspensão da actividade de julgar, a recusa de emitir explicitamente juízos de valor, ou estabelecer prioridades. Se é verdade que, na Universidade, e, consequentemente, no romance académico moderno, se tem chegado ao predomínio desta postura intelectual por um processo que se interliga com a preocupação de isenção na pesquisa científica, e também, conforme referimos, com a impossibilidade de resolver o conflito constante entre idealismo e pragmatismo, o que se passa na sociedade em geral sugere que outras marcas culturais do presente desempenhem, igualmente, um papel neste processo, e contribuam para a actual situação. A crise de dúvida a que já fizemos referência

repercute-se a vários níveis: o da cultura académica e das elites intelectuais, que Malcolm Bradbury atribuiu à implantação das novas filosofias do Estruturalismo e do Desconstrucionismo, reflecte-se no romance académico da segunda metade do século XX, e é, por sua vez, reflexo, mais abstracto, da dúvida que, pela via de outros factores, permeia a própria sociedade.

No que respeita à cultura académica tem sido reconhecido por autores como Stuart Sim e Lambert Zuidervaart que a(s) filosofia(s) humanista(s) têm dificuldade em equacionar os produtos culturais do Pós-estruturalismo e do Pós-modernismo. Em *Beyond Aesthetics: Confrontations With Poststructuralism And Postmodernism* (1992), Stuart Sim considera:

> The poststructuralist and postmodernist projects pose considerable problems for traditional ways of practising philosophy and criticism . . . they represent a direct challenge to some of the most fundamental assumptions of philosophical and theoretical discourse: for example, the assumptions that theories must be rule-governed, that rules and concepts must remain constant once defined, that arguments require proof, that proof be logically demonstrable.[57]

Na mesma ordem de ideias, Lambert Zuidervaart, em *Adorno's Aesthetic Theory: The Redemption Of Illusion* (1993), encontra, particularizado na *Teoria Estética* de Adorno o desafio aos pressupostos sobre a construção do conhecimento radicados na lógica positivista:

> Theodor W. Adorno's *Aesthetic Theory* is a labyrinth filled with stylistic, conceptual, and methodological puzzles.

> Entire books could be written deciphering Adorno's language, reconstructing his dialectical arguments, or examining his phenomenological methods, only to have readers find no path to the meaning of this complex work. Even the most obvious sources of illumination seem insufficient. Adorno's other writings provide clues to obscure passages in *Aesthetic Theory*, but his most important books present their own mazes.[58]

A qualidade desconexa deste tipo de produção cultural está intimamente ligada ao colapso dos pressupostos positivistas, que se revelaram incapazes de resistir à manipulação interpretativa de autores como Lovejoy, em *The Great Chain Of Being*, e às críticas que se lhe seguiram. Segundo Philip Barker:

> [In *The Great Chain Of Being*] Lovejoy argues that although there is more to experience than meets the eye this still can be revealed by the appropriate methodology, as long as one adds the criterium of 'intelligibility.' Intelligibility is a process whereby a meaningless or unrelated experience is reintegrated into a meaningful and intelligible framework.[59]

O Positivismo, que para efeitos de aplicação científica toma a forma da atitude empirista, obriga a testar as teorias contra a experimentação observável. Quando, em *The Great Chain Of Being*, Lovejoy estabelece que a própria capacidade de interpretar a experiência depende da sua inteligibilidade, ou seja, da possibilidade de integrar essa experiência num quadro mental já existente, cai naquilo a que Philip Barker, em *Michel Foucault: Subversions Of The Subject* (1993), chama um "*theoretical loop*: a situation whereby interpretation precedes meaning, which then allows a supposedly objective interpretation to be made"[60]. Os pressupostos do Positivismo denunciam-se, assim, como estando viciados; e é esta denúncia

que subjaz à generalização da incapacidade de emitir juízos de valor no período pós-moderno.

No romance académico a partir dos anos sessenta, a tendência para a suspensão da emissão de juízos de valor, para além de se prender com os factores já referidos, tem também raízes profundas, que se desenvolveram fora da cultura especificamente universitária. Elas entroncam, por um lado, na desaglutinação de valores que se seguiu às duas guerras mundiais e, depois, à guerra do Vietname. Dadas as inevitáveis perdas decorrentes da guerra, mesmo nos casos em que o país sai "vitorioso", gera-se algum descrédito em relação aos valores aglutinadores que deram às populações coragem para combater, como patriotismo, moral individual e moral colectiva. O estado de pós-guerra é acompanhado de vácuo ético, o que, por si, fomenta a insegurança, e inibe a capacidade de julgar com clareza. Por outro lado, quanto mais se tem generalizado o acesso à informação, mais a incerteza se tem estabelecido como forte marca cultural da segunda metade do nosso século. Por todo o mundo ocidental se assiste à proliferação de publicações das mais diversas naturezas, e, também, os meios audiovisuais de difusão da informação diariamente veiculam conhecimento, numa quantidade que é imensa, mas desarticulada entre si. Conforme Charles Weingartner, da Universidade da Flórida do Sul, observava em 1989:

> Cable now makes available thirty-five, fifty, or one hundred and more channels, turning the trivia stream into a flood. Perhaps one of the most pernicious effects of all this stuff via all of these channels is that everything gets 'levelled' . . Compounding the problem is the fact that there is simply no method of 'analysis', nor any paradigm, nor any 'system', nor any chart, nor any anything other than direct knowledge of 'the truth' that permits anything other than suspended judgement. Who is telling the truth? How would we go about determining that?[61]

As reservas em relação à atitude qualificadora que preside à emissão de juízos de valor tornam-se, assim, inevitáveis, num momento cultural em que a natureza do conhecimento parece reconhecer-se, definitivamente, como fragmentária, controversa, e impossível de organizar num todo coerente. Ao vácuo ético a que nos referimos, que é contíguo à viragem de uma moral pública e colectiva, para uma variedade de conceitos mais ou menos permissivos de moral individual ("If that's what you believe, then I guess it must be all right for you" era, na opinião de Philip Lawler, em 1993, um dos *slogans* de neutralidade moral mais repetidos nos meios universitários americanos)[62] junta-se, por efeito da multiplicidade e desarticulação da informação que recebemos, a consciência da impossibilidade de, mesmo em termos intelectuais, alcançar cabal conhecimento de qualquer assunto.

Também neste aspecto é fácil encontrar paralelismos entre o que se passa na sociedade em geral, e o que se passa na Universidade, onde acresce, no sentido de tornar ainda mais compartimentado o conhecimento, o factor da (possivelmente) excessiva especialização das várias áreas de pesquisa. A incerteza decorrente da natureza fragmentária da informação e do conhecimento parece, assim, vir a assumir-se como preocupação generalizada, a julgar pela proliferação dos indicadores culturais que, de proveniência diversa entre si, apontam para a consciência cada vez mais clara desta problemática. Ilustra, ainda que pontualmente, esta orientação geral para a incerteza, que tem permeado as últimas décadas, a consonância que é possível encontrar em escritos de inserção cultural tão diversificada quanto, por exemplo, o ensaio despretensioso da jornalista Margaret Mead, "What Have We Learned? Where Are We Going?", publicado em 1980, e coligido em *Aspects Of The Present*,[63] e, mais tarde,

o ensaio de que já citámos, de Charles Weingartner, da Universidade da Flórida do Sul, cujo título exprime uma dúvida afim : "What Do We Know?".

Especialmente significativos no contexto da incerteza que se estabelece como marca cultural do presente, a que nos vimos referindo, são alguns dos subtítulos dados por este autor às várias partes em que divide o ensaio em questão:

> What Do We Think We Know?
> . . .
> The Inadequacy Of Our Best Sources Of Information
> . . .
> The Inadequacy Of Television As An Information Source.
> The Message Is Not The Meaning.
> An Audience Deceived.
> Availability Of Information Does Not Presume Knowledge.
> . . .
> The Fragments Of What We Know.[64]

Sobre cada assunto podemos apenas conhecer fragmentos que tentamos organizar num todo coerente. O problema que subjaz à consciência da natureza fragmentária do conhecimento é que ela diminui, implicitamente, o valor do conhecimento que se presume já atingido, porque o torna passível de perecer num curto espaço de tempo, já que cada novo fragmento que vier a ser dominado nos poderá obrigar a alterar a visão do conjunto. Assim, o ideal positivista da procura do conhecimento, que tem vindo a substituir os ideais absolutos de natureza ético-religiosa, revela-se de um valor sobremaneira contingente e relativo.

Depois de Nietzsche, no fim do século XIX, em *Assim Falava Zaratustra*,[65] ter "matado" Deus, e criado o Super-Homem, e de Einstein ter começado, com a sua Teoria Geral da Relatividade, de 1916, a obrigar o

mundo a encarar a inexistência de valores absolutos, a falência parcial do ideal positivista da procura do saber deixa a sociedade do presente esvaziada de qualquer valor que não seja passível de ser posto em causa. É comprensível que a insegurança derivada desta última evolução cristalize de uma maneira mais clara na Universidade, cuja razão de existir se prende, precisamente, com o ideal da procura e transmissão do conhecimento. No romance académico, esta insegurança transparece na falta de auto-confiança com que os narradores projectam a imagem do *Scholar*, e na atitude de não envolvimento que, na maior parte dos casos, preservam, na abordagem das várias questões. Ocasionalmente, no entanto, a insegurança em relação à qualidade sempre incompleta do conhecimento, que lhe garante apenas validade relativa, e que, por sua vez, garante uma importância também relativa a quem dedica a vida a procurá-lo, em detrimento de interesses mais comuns, assim como a impaciência de, sobre qualquer tema, não conseguir chegar a conclusões que verdadeiramente o sejam, são enfrentadas até ao ponto da caricatura. É o que acontece em *Changing Places*, de David Lodge, onde se diz do professor americano Morris Zapp:

> Some years ago he had embarked with great enthusiasm on an ambitious critical project: a series of commentaries on Jane Austen which would work through the whole canon, each novel at a time, saying absolutely everything that could possibly be said about them . . . from every conceivable angle, historical, biographical, rhetorical, mythical, Freudian, Jungian, existentialist, Marxist, structuralist, Christian-allegorical, ethical, exponential, linguistic, phenomenological, archetypal, you name it; so that when each commentary was written, there would be simply nothing further to say about the novel in question . . After Zapp, the rest would be silence . . . In Faustian moments, he dreamed of going on, after fixing Jane Austen, to do the same job on the other major English novelists . . . inexorably reducing the area of English literature available for free

> comment, spreading dismay . . . rendering scores of his colleagues redundant . . .[66]

E o narrador revela, ainda que de modo fugaz, o cerne do problema:

> As is perhaps obvious, Morris Zapp had no great esteem for his fellow-labourers in the vineyards of literature. They seemed to him vague, fickle, irresponsible creatures, who wallowed in relativism like hippopotami in mud . . . They liked to begin a paper with some formula like 'I want to raise some questions about so-and-so' . . . This manoevre drove Morris Zapp insane. Any damn fool, he maintained, could think of questions . . .
>
> But the work proceeded slowly; he was not yet halfway through *Sense and Sensibility* and already it was obvious that each commentary would run to several volumes . . . Sometimes he would start work on a problem only to remember, after some hours cogitation, that he had solved it very satisfactorily himself years before.[67]

O projecto megalómano da personagem Morris Zapp termina, assim, com a humildade de se revelar inexequível, e a sua conclusão é emblemática do desconforto que, na Universidade, se vai fazendo sentir, sobre as dificuldades em conseguir uma integração dos vários saberes, que seja inteligível, e não redundante. O subproduto deste desconforto tem surgido em duas linhas de desenvolvimento principais, concomitantes entre si. Por um lado, na impossibilidade de chegar a uma qualificação, e ordenação num todo, das várias vias de pesquisa, que permitisse estabelecer um método de apropriação do conhecimento que fosse, irrefutavelmente, mais completo e eficaz que os outros, a isenção académica exige que, à partida, todos os caminhos e opiniões se nivelem. Por outro lado, o desenvolvimento, desarticulado entre si, dos vários métodos de pesquisa e correntes de opinião, põe a descoberto sobretudo as diferenças,

pelo que a *diferença* é aquilo que finalmente se estabelece, quase como único valor a preservar e a respeitar. Os problemas inerentes a esta atitude não passam despercebidos aos narradores académicos que, ainda que de modo não assumido, com frequência expõem, através da caricatura, as incongruências decorrentes do nivelamento abusivo de diferenças demasiado irreconciliáveis, e do amálgama pouco criterioso de uma multiplicidade de informação e de opiniões:

> Walker turned for solace to the Guardian . . . On the letter page a latter-day Nietzchean, his address a rectory, wrote in to say that God was dead. Someone else warned of the dangers of the bomb, and someone else of those of school uniforms[68]

- revela o autor-narrador desta passagem de *Stepping Westward*, sem, como é hábito nesta forma de expressão, sobre as incongruências expostas, formular juízos de valor.

A desproporção óbvia que resulta de serem colocados, formalmente, ao mesmo nível, os perigos da bomba nuclear e os do uso de uniforme nas escolas, poderia, neste contexto, representar, mas nem sempre representa, a posição tomada pelos narradores académicos face àquela que é a consequência mais directamente sentida, na Universidade, da aceitação e nivelamento entre si, das várias diferenças: a ruptura com o cânone tradicional nos *curricula* académicos. Posto que, no seio da Universidade, o debate sobre este tema se tenha exacerbado dos anos cinquenta em diante, no romance académico da segunda metade do século XX encontram-se as ressonâncias da controvérsia em questão, sem que costume registar-se uma tomada de posição clara sobre a matéria.

Do relativismo na Universidade resulta que, se nenhuns estudos são de valor absoluto, todos podem competir pelo direito de ser integrados nos *curricula*, sendo cada escolha a expressão de uma diferença, num sistema em que a ordem de prioridades entre as várias diferenças será sempre relativa e discutível. O tema da ruptura com o cânone no que respeita aos *curricula* universitários é, como seria de esperar, frequentemente aflorado nos romances académicos da segunda metade do século XX. Sem que, em qualquer dos dois casos que tomamos como exemplos, haja uma tomada de posição explícita sobre o assunto, o tom, de algum modo diverso, em que a ruptura em questão é posta a descoberto em *Stepping Westward*, de Malcolm Bradbury, publicado em 1965, e no romance de David Lodge, *Changing Places*, publicado dez anos mais tarde, sugere que, neste campo, tenha havido uma crescente abertura na aceitação da diferença. Em *Stepping Westward*, o tópico da subversão do cânone curricular é abordado com referência a um seu defensor, Dr Jeffries, a quem Jochum se refere nos seguintes termos:

> Actually this man was a difficult fellow. He once flunked all the students in his course to show them that all standards are arbitrary.[69]

A ideia da arbitrariedade de qualquer escolha num mundo em que tudo é relativo é, assim, implicitamente, exposta no que pode ter de grotesco, se levada às últimas consequências. É diferente, a postura do narrador que se pode depreender das referências à ruptura com o cânone nos *curricula* académicos, em *Changing Places*, de David Lodge, publicado já em 1975. O americano Morris Zapp, para quem, em matéria de estudos literários, "the failure to keep the categories of life and literature distinct led to all kinds of heresy and nonsense"[70] pensava, sentado ao lado da estudante Mary Makepeace, no avião com destino a Inglaterra:

> Well, one thing he was *not* going to do while he was in England was to visit Jane Austen's grave. But he must have spoken aloud, because Mary Makeprace asks him if Jane Austen was the name of his great-grandmother. He says he thinks it unlikely.[71]

O desconhecimento de Jane Austen por parte da estudante pode ver-se como caricatura do novo sistema de educação universitária. Sobre esse desconhecimento não se regista, no entanto, qualquer indignação do narrador ou personagens. Os juízos de valor explícitos são cuidadosamente evitados.

Ainda em *Changing Places*, o *Scholar* inglês Philip Swallow, de viagem para os Estados Unidos, encontra no avião o seu antigo estudante Charles Boon, que tinha emigrado para este país, e que usava, agora, a lapela do casaco coberta de emblemas com *slogans*:

> Charles Boon has been talking at him for hours, it seems, permitting few interruptions . . . Philip has long since given up trying to follow the details of Boon's argument, but the general drift seems to be concisely summed up by his lapel buttons:
>
> LEGALIZE POT
> NORMAN O. BROWN FOR PRESIDENT
> SAVE THE BAY: MAKE WATER NOT WAR
> KEEP THE DRAFT CARDS BURNING
> THERE IS A FAULT IN REALITY - NORMAL SERVICE WILL RETURN SHORTLY.
>
> . . .
>
> In spite of himself Philip is amused by some of the slogans. Obviously it is a new literary medium, the lapel button, something between the classical epigram and the

> imagist lyric. Doubtless it will not take long before some post-graduate is writing a thesis on the genre.[72]

Tanto quanto é do nosso conhecimento, esta previsão da personagem de David Lodge, decorridos mais de vinte anos sobre a data de publicação de *Changing Places*, ainda não se realizou, o que atesta do carácter exagerado, caricatural, com que muitas questões costumam ser abordadas no romance académico. O que encontramos de revelador neste episódio é que não existe nele nenhuma indicação de que a possibilidade de ruptura com o cânone no grau mais extremo, que ele representa, deva ser tomada, pelo leitor, com sarcasmo. A personagem envolvida, como é de hábito, não condena nem louva de modo explícito, mas como se pode depreender do seu veredicto, em que se declara "In spite of himself . . . amused"[73], apesar da possível sugestão de atitude paternalista envolvida, não se aponta aqui para uma antevisão da ordem do indesejável, mas antes para a atracção despertada, no *Scholar* em questão, pela abertura de novas e insuspeitadas áreas de pesquisa, decorrentes da plena aceitação de todas as diferenças.

Tal aceitação, no entanto, está longe de ser tão pacífica na realidade quanto o sugere o extracto de *Changing Places*, que citámos. A controvérsia gerada pela questão da ruptura com o cânone nos curricula académicos, e questões afins, tem informado obras como *The Culture Of Narcissism* (1979)[74], de Christopher Lash, *The Closing Of The American Mind* (1987), de Allan Bloom, *Coughing In Ink: The Demise Of Academic Ideals* (1993), de Philip F. Lawler. Nas palavras de Martha Nussbaum, em "Undemocratic Vistas", para Allan Bloom, em *The Closing Of The American Mind*, a abertura que se pratica na Universidade materializa-se através de:

> . . . a suspension of critical judgement and a *laissez-faire* attitude to all pursuits and all kinds of knowledge. The

> expression of relativism in the college curriculum . . . is the removal of core requirements, whose absence encourages the students to believe that no studies are more central to human life than others.[75]

Allan Bloom deplora esta situação, e considera que as almas destes estudantes são: "made small by the view that anything is as good as anything else"[76]; e que: "they speak of 'my values', thinking of them as expressions of subjective preference that cannot be criticised with reference to any objective norm"[77]. Entra em consonância com esta opinião a opinião que, sobre o mesmo tema, Philip F. Lawler exprime em *Coughing In Ink: The Demise Of Academic Ideals*. Nesta obra, referindo-se aos estudantes, afirma:

> . . . their weakness is aggravated by the fact that they eschew value judgements. If one thing cannot be better or worse than another, it can only be more or less desirable . . . So students are naturally drawn toward self-gratification and hedonism . . . These displays of narcissism and self-indulgence are depressive in themselves; still more depressive is the fact that universities encourage them.[78]

O livro de Christopher Lash, *The Culture Of Narcissism*, equaciona as formas que o narcisismo toma na cultura americana actual, que em muito transcende os limites da Universidade. Charles Weingartner, em "What Do We Know?", encontra uma ligação entre essa fuga para as soluções individuais, narcisistas, e a insegurança pós-moderna, que advém, em parte, de termos tomado consciência da impossibilidade de chegarmos ao conhecimento da verdade objectiva:

> We are all, whether we like it or not, ready to make our most crucial life decisions and choices on the basis of the

> misinformation, semi-information, and anti-information that we find most comfortable emotionally. And we don't know the basis for our emotional preferences either.[79]

A aproximação que, a respeito da questão que vimos tratando, se tem verificado, entre as atitudes da sociedade em geral, e as da Universidade, que, inevitavelmente, transparecem no romance académico, levou Leslie Fiedler, em 1964, a exprimir as suas reservas em relação a esta forma de expressão:

> Certainly most of [the academic novels] seem not so much transcendent explorations of the failures of institutions of higher learning as depressing symptoms of the way in which such institutions subserve the flight from excellence and the parody of high art represented by the triumph of midculture in our lives.[80]

Esta afirmação deve ser qualificada à luz de evoluções posteriores, e à luz do que é a intenção do presente estudo, de equacionar o subgénero do romance académico em termos da sua qualidade de microcosmo em relação à realidade exterior à Universidade, e, consequentemente, em termos do seu valor como documento cultural. Mesmo em publicações anteriores à obra em que Leslie A. Fiedler faz a afirmação que citámos, a própria relação da Universidade, e dos intelectuais, com a cultura de massas, já tinha sido vista de modo mais favorável; David Riesman, em 1952, no Colóquio "Our Country And Our Culture", considerava:

> Even the term 'mass-culture' may beg the question; it is better to speak of 'class mass-culture', because what I think we have is a series of audiences, stratified by taste and class . . . I believe there is more critical judgement at more of these levels than is generally realized. And on one level there is perhaps too much. Our intellectuals do not, for

> instance, allow themselves to praise Hollywood movies as much as, in my opinion, they deserve.[81]

Para David Riesman, o intelectual americano dos anos cinquenta receia: "liking something also liked by a New Yorker or a Harper's audience. . . . he behaves as if his patent to his status depends more on a widening circle of dislikes than on a widening circle of sympathies".[82] E termina com a opinião de que: "We will often find that we need to take a stand against being forced to take a stand."[83]

Logo à viragem para a segunda metade do século XX, opiniões como esta dão voz, e razão, à atitude de tolerância generalizada que tem levado, na Universidade, à subversão do cânone curricular. A crítica que David Riesman faz à tentativa, por parte de muitos intelectuais da década de cinquenta, de entrincheiramento na "torre de marfim", advém da percepção que este autor tem de que as escolhas individuais encorajadas (*'my values'*), ainda que não confluam para um consenso nacional, se podem organizar em consensos de grupo, e que esses consensos de grupo são a realidade americana, e devem encontrar, também na Universidade, a sua expressão, ainda que ela coincida com a expressão daquilo a que Leslie A. Fiedler viria a chamar *midculture*. O narcisismo, que acompanha o exercício da liberdade de expressão individual, e, decorrendo daí, se interliga com a proliferação de uma multiplicidade de consensos de grupo, que se demarcam uns dos outros pelas diferenças que entre si reconhecem, é um subproduto do liberalismo. Segundo Philip F. Lawler, são os intelectuais liberais os que mais têm defendido a fuga para o relativismo e, de modo concomitante, a neutralidade moral, tanto na sociedade como na própria Universidade:

> In our society one group of people (generally called conservatives) believes that education should preserve and defend our cultural institutions. Another opposite group (radicals) believes that the schools should be agents of change. In either case, the group accepts . . . that education should inculcate values. . . But a third group (liberals) supports neither preservation nor change. This third group sees no reason either to defend our culture or to attack it. And this third group dominates our colleges.[84]

Não é surpreendente que os narradores académicos adoptem a postura intelectual de desprendimento, e recusa de emitir, formalmente, juízos de valor, e que nos romances académicos encontremos a expressão das diferenças sem que elas sejam qualificadas, se tomarmos em conta que este subgénero, na segunda metade do século XX, se desenvolve, precisamente, sob a égide dos valores liberais - como seria de esperar, dado o já referido predomínio da postura liberal na instituição de onde provém. Em "Campus Fictions", Malcolm Bradbury considera que a crise do liberalismo, de 1945 em diante, faz parte da própria contextura na génese do romance académico:

> this [1945 . . .] was a period when the values of liberalism and intellectual criticism were being reasserted in the wake of a terrible war and a new era of intellectual self-doubt. Hence the genre appropriately had its match in the United States, where the theme of the "New Liberalism" sounded through fiction. The intellectual and moral crisis of liberalism and progressivism thus sounds firmly through the two great American examples from the time, Mary McCarthy's *Groves Of Academe* (1952) . . . and Randall Jarrell's *Pictures From An Institution* (1954) . . . Thus is genre born.[85]

Corrobora esta afirmação de Malcolm Bradbury o facto de romances académicos posteriores aos mencionados, e muito importantes dentro do subgénero de que tratamos, terem continuado a glosar o tema do herói/anti-herói liberal em confronto com sectores mais conservadores da sociedade, que, no microcosmo universitário podem tomar a forma de Coordenadores de Departamento, ou da Administração da Universidade, como acontece em relação a James Walker em *Stepping Westward*, de Malcolm Bradbury. *Stepping Westward* desenvolve-se sobre o eixo de encontro entre um modelo de liberalismo britânico, com mais ênfase na independência individual, e um modelo de liberalismo americano, consideravelmente mais colectivo e militante.

Também em *A New Life* (1961), de Bernard Malamud, um clássico dentro do subgénero do romance académico americano, se confrontam os valores liberais com as restrições subsequentes ao Macartismo. A questão da moralidade, na vida, é colocada, nesta ficção, através do envolvimento da personagem principal, Sy Levin, com Pauline, a esposa de um seu colega, Gerald Giley, e entrelaçada, ao longo de várias páginas, com o relato de uma controvérsia sobre a moralidade do "sylabus"[86]. É significativo, dentro do contexto, que, no desfecho da narrativa, Sy Levin parta para longe com a mulher e os filhos de Gerald Giley. A interpretação a dar a este final é bem sintetizada por uma frase em que, na obra, a personagem Fabrikant comenta uma leitura de Emerson: "Nothing at last is sacred but the integrity of your mind"[87]. Sendo a integridade em questão variável de indivíduo para indivíduo, e de grupo para grupo, decorre deste lema, de cariz liberal, e indutor de uma postura relativista, que a única moral é a não imposição de uma moral única, e que a única escolha obrigatória é a da não imposição de uma escolha; extrapolações desta perspectiva invalidam as críticas mais destrutivas à subversão curricular; conforme António M. Feijó aponta: ". . . qualquer decisão programática é fundamentalmente ambivalente . . . a única nocividade neste domínio consiste na assunção de uma unicidade

dogmática."[88] E, decorrendo daí, invalidam também a acusação de "flight from excellence" que Leslie A. Fiedler apõe ao romance académico.

O encontro, e área de fusão parcial a que, por este percurso, se chega, entre a cultura académica e os níveis mais abrangentes de *mass-culture*, a que Leslie A. Fiedler chamou *midculture*, faz com que a percepção das diferenças não seja equacionada em termos da bipolaridade entre o que está dentro da Universidade, e o que está fora dela (que facilmente resultaria em apreciações de índole maniqueísta), porque esta bipolaridade deixou de existir, paralelamente ao que se passa no próprio subgénero do romance académico, em que, desde *Small World* (1984), de David Lodge, se caminha para o *campus* global. Em vez dela, o romance académico, na sua forma mais moderna, apresenta-nos um universo de relatividade radical, como conclui Brian A. Connery, em "Inside Jokes: Familiarity And Contempt In Academic Satire":

> In Lodge's two Zapp/Swallow novels [*Changing Places* (1975) e *Small World* (1984)], the walls are down, but rather than having an effect of allowing an invasion of one world by another, these novels show academia simply as a metonymy for the rest of the absurd world . . . Nothing is excluded; all is included . . . in a world of radical relativity like in Lodge's Zapp/Swallow novels, the outside has virtually disappeared.[89]

Este universo de relatividade radical, que tudo inclui, pode vir a culminar no desaparecimento do subgénero do romance académico propriamente dito, como atrás já foi referido. Deve considerar-se que há uma possibilidade real de que isto venha a acontecer, a julgar por indicadores como o facto de ficções mais recentes de David Lodge e Malcolm Bradbury não se assumirem já como originadas a partir da

Universidade; neste caso estão *Nice Work*, *Paradise News*, *Therapy*, *My Strange Quest For Mensonge*, *Dr Criminale*. Mesmo que assim venha a acontecer, o romance académico, com as características que veio tomando, sobretudo dos anos sessenta em diante, continuará a emergir como documento de um tempo em que, nas palavras de um proponente do escrutínio sistemático da disciplina de *American Studies*, Paul Lauter:

> [a] loosely constituted "Left" . . . wishes to reconstitute the curricula around the central perception of difference . . . and to open colleges to more democratic decision making.[90]

Se o romance académico vier, de facto, a desaparecer, como subgénero que se assume como tendo a sua origem na Universidade, essa será a prova mais concludente da sua qualidade de documento que mostra, em microcosmo, a realidade cultural que o envolve, pois esse desaparecimento será reflexo, possivelmente antecipado, da derrocada da "torre de marfim", e do fim da demarcação entre cultura académica, e cultura exterior à Universidade.

Na inclusão de todas as diferenças no romance académico, Brian A. Connery encontrava um inconveniente: "The outside has virtually disappeared and thus no revealing or ironic perspectives are available"[91]. De facto, a visão irónica envolve que se interprete uma realidade contra o pano de fundo de outra (o mundo teórico da Universidade contra a *Praxis* da realidade que a envolve, ou vice-versa, por exemplo), e essa valorização da diferença deixa de ser possível num sistema que foge ao tradicional modelo binário de interpretação. Tal não significa, a nosso ver, que a diferença, ao tomar, no subgénero de que tratamos, formas múltiplas, com as quais coexiste a diferença académica, perca significado, ou deixe de poder ser interpretada. Em relação à realidade cultural que nos envolve, o modelo

binário de interpretação tornou-se obsoleto. Ainda mais obsoleto será em relação à realidade cultural dos Estados Unidos, que é especialmente diversificada, pelo que as características de relatividade radical assumidas pelo romance académico, na sua forma mais recente, a reflectem de modo especialmente fiel. Como nos propomos definir o subgénero do romance académico da segunda metade do século XX, da óptica da sua representatividade, como documento cultural, equacionaremos, de seguida, modos específicos em que esta característica de relatividade radical permeia o romance académico na sua forma, e no seu conteúdo, reflectindo a realidade cultural exterior. No romance académico da segunda metade do século XX registamos, de facto, uma evolução de um discurso duplo para um discurso múltiplo, em que a postura de relatividade radical transparece de modo crescente.

Se, no plano histórico e ideológico, o romance académico moderno imbrica, como esperamos ter demonstrado, nos pressupostos inerentes a uma postura liberal, assumida durante a própria crise do liberalismo e do progressivismo, no plano da teoria literária que lhe subjaz, posto que não perca de vista o bem sucedido modelo realista e convencional de narrar, que já vem do século XIX, este subgénero imbrica também, fortemente, na visão moderna e pós-moderna, que não recusa o experimentalismo, em matéria de construção do texto.

Não nos competindo aqui, por razões óbvias, aprofundar o tema inesgotável do modernismo, em literatura, terá de mencionar-se, no entanto, por ser relevante no presente contexto, que o modernismo leva ao expoente máximo aquilo que, na opinião de autores como Michael Bakhtin, era já apanágio do género do romance: a sua qualidade dialógica, polifónica, orquestradora de uma diversidade de discursos, que o demarca dos géneros literários canónicos, por natureza monológicos, que, em cada caso, procuravam estabelecer uma visão monolítica do mundo. O texto

modernista constrói-se, em grande parte, do experimentalismo que se torna possível, quando as características de polifonia, e, acrescentamos nós, de polimorfismo, do género do romance, são levadas ao grau mais extremo.

É significativo que David Lodge, romancista académico por excelência, ao debruçar-se sobre o conceito de *double-oriented speech* em Michael Bakhtin ("speech which not only refers to something in the world, but also to another speech act, by another addresser"[92]), através da comparação entre *Middlemarch*, de George Eliot, e *Ulysses*, de James Joyce, tenha estabelecido uma ponte entre o clássico texto realista e o texto modernista, não encontrando entre estas formas de expressão uma solução de continuidade, mas apenas uma diferença no grau de intensidade e de autonomia com que a duplicidade/multiplicidade de discursos é assumida:

> In a novel like *Middlemarch* this kind of discourse [double-oriented speech] is used sparingly, and kept under the interpretative control of the authorial narrator. In Joyce's fiction it became, increasingly, the dominant type of discourse, with a consequent destabilizing effect upon meaning.[93]

É este efeito desestabilizador sobre o significado que a escrita pós-moderna leva ao extremo e que os autores académicos não permitem que inunde as suas narrativas. Malcolm Bradbury mostra privilegiar o realismo convencional, quando, por exemplo, como autor-narrador de *Rates Of Exchange* (1983), se refere à tradição de escrita na sua capital mítica de um país de Leste, *Slaka*, dizendo: "Art has developed here on realistic foundations, and few decadent tendencies have taken root among [the] patriotic artists and writers"[94]; a evolução posterior de Malcolm Bradbury reitera a mesma tomada de posição, como o demonstram certos aspectos de *My Strange Quest For Mensonge*, de que tratámos anteriormente. Quanto a

David Lodge, tendo definido "antimodernist writing" como: "writing that continues the tradition modernism reacted against. It believes that traditional realism, suitably modified to take account of changes in human knowledge and material circumstances, is still viable and valuable"[95], passa, na conclusão do mesmo ensaio, a situar a sua própria ficção: "if it has occurred to the reader to wonder where I would place my own fiction, I would answer . . . . basically antimodernist, but with elements of modernism and postmodernism"[96].

Apesar disto, não se coíbem os autores académicos de veicular nas suas narrativas a duplicidade de discursos, ou mesmo, toda uma multiplicidade de discursos, explícitos e implícitos, que, ideologicamente, lhes subjaz. No caso do primeiro romance académico de David Lodge, *The British Museum Is Falling Down* (1965), o jogo de inter-relações entre o texto presente e textos ausentes preside à própria organização da narrativa, dividida em capítulos que parodiam os vários estilos de escrita de autores conhecidos. Em "An Afterword" ao romance, o autor explica:

> No doubt the use of parody . . . in this book was also, for me, a way of coping with what the American critic Harold Bloom has called 'Anxiety of Influence' - the sense every young writer must have of the daunting weight of the literary tradition he has inherited, the necessity and yet seeming impossibility of doing something in writing that has not been done before.[97]

David Lodge ilustra esta preocupação com uma citação de Flannery O'Brien em *At-Swim-Two-Birds* (1939), e passa a especificar:

> There are ten passages of parody or pastiche in the novel, mimicking (in alphabetical order, not the order of their appearance in the text) Joseph Conrad, James Joyce, Franz Kafka, D. H. Lawrence . . . C. P. Snow, and Virginia Woolf.[98]

Tal "ansiedade da influência", para a qual Harold Bloom conseguiu, até, definir uma tipologia, distribuindo-a em seis categorias principais, em *The Anxiety Of Influence: A Theory Of Poetry* (1973)[99], relaciona-se, no caso destes romancistas, com aquilo que, no caso do cidadão de cultura média, toma a forma do desconforto perante o acesso, sobre cada assunto, a uma multiplicidade de informação desarticulada entre si. Conforme já mencionámos, para o cidadão comum, a situação reverte na dificuldade em integrar essa diversidade de informação num todo coerente, e, portanto, na insegurança em estabelecer qual seja a verdade; e isto diminui, intrinsecamente, o valor do conhecimento, que assim surge como sobremaneira contingente, e relativo. Para o romancista académico que, pelos seus antecedentes culturais, teve acesso ao conhecimento de toda uma vasta e diversificada tradição de escrita que o antecedeu, e que se revela, também, impossível de integrar num todo coerente, e, eventualmente, superar, esta situação, que é, fundamentalmente, da mesma natureza que a que descrevemos em relação ao cidadão de cultura média, reverte na noção, pouco lisonjeira para o autor em causa, do valor, também, sobremaneira relativo da sua própria realização literária, que dificilmente trará uma verdade nova, capaz de superar as que a precederam. Também esta característica de paródia sobre formas anteriores, de tendência para a emissão de discurso duplo, ou múltiplo, que tem sido assumida pelo romance académico moderno, repercute, a um outro nível, no microcosmo deste subgénero, uma preocupação latente que marca, do ponto de vista cultural, a segunda metade do século XX, e que tem determinado a fuga generalizada para o relativismo, conforme documentámos anteriormente.

Se *The British Museum Is Falling Down*, apesar de nele se recorrer à metaficção para a própria organização da narrativa, pode ser lido, praticamente, como romance realista de tipo convencional, em outros romances posteriores de David Lodge, o recurso ao mesmo tipo de estratégia resulta, com mais frequência, para os leitores, num certo efeito de distanciação entre eles e os conteúdos narrados; quando a intenção de parodiar se torna mais evidente, esta estratégia, posta a descoberto, chama a atenção para a qualidade de artefacto do texto, e isto prejudica o contrato de verosimilhança que as narrativas realistas, do tipo convencional, costumam estabelecer com os seus leitores.

Está neste caso *Small World: An Academic Romance* (1984), que parodia, como o subtítulo indica, os moldes do romance medieval, e em que, como é típico do romance medieval, a acção progride à custa de um número de encontros e coincidências entre as personagens que desafia, muito para além do que é credível, a lei das probabilidades. A qualidade intertextual do livro é assumida desde o início, em que o autor, tendo avisado os leitores da natureza das trezentas e trinta e nove páginas que se seguem, através da escolha, para última epígrafe, de uma citação de James Joyce: "Hush! Caution! Echoland!"[100], passa a parodiar ostensivamente Geoffrey Chaucer, no primeiro parágrafo do seu próprio "Prologue":

> When April with its sweet showers has pierced the drought of March to the root, and bathed every vein of earth with that liquid by whose power the flowers are engendered, when the zephyr, too, with its dulcet breath, has breathed life into the tender new shoots in every copse and on every heath, and the young sun has run half its course on the sign of the Ram, and the little birds that sleep all night with their eyes open give song (so Nature prompts them in their hearts), then, as the poet Geoffrey Chaucer observed many years

> ago, folk long to go on pilgrimages. Only, these days, professional people call them conferences.[101]

A aproximação entre esta passagem e a passagem do "General Prologue" do "Fragment 1" de *The Canterbury Tales*, que lhe esteve na origem é tão extrema, que, mais do que paródia, se lhe poderia chamar uma colagem:

> When that Aprill with his shoures soote
> The droughte of March hath perced to the roote,
> And bathed every veyne in swich licour
> Of which vertu engendred is the flour;
> When Zephirus eek with its sweete breeth
> Inspired hath in every holt and heeth
> The tender croppes, and the younge sonne
> Hath in the Ram his halve cours yronne, . . .[102]

Depois deste reconhecimento aberto de "influência" que Harold Bloom, atendendo ao desfecho da citação que fizemos, de David Lodge, provavelmente incluiria na categoria de *Daemonization* ("a movement towards a personalized Counter-Sublime, in reaction to the precursor´s Sublime"[103]), a narração propriamente dita abre com mais uma referência intertextual: "April is the cruellest month"[104] - em que se parodia T. S. Eliot, na abertura a *The Wasteland*. A rede de referências intertextuais é infindável nestas narrativas, retomando-se, por vezes, de modo lúdico, a mesma referência, de romance académico para romance académico, mesmo quando são de autores diferentes. Antes de David Lodge ter parodiado Chaucer em *Small World* (1984), já Malcolm Bradbury o tinha feito, em 1975, em *Stepping Westward*; é impossível não reconhecer as ressonâncias da mesma passagem de *The Canterbury Tales* à entrada do segundo capítulo deste romance:

> When early Summer with its bright clear days has brought the academic year to a close, emptying chalky classrooms and leaving books at rest in library shelves, then academic folk long to go on pilgrimages.[105]

As variações de aproveitamento deste tipo de recurso são inúmeras, e transcendem a intertextualidade propriamente dita. No capítulo final de *Changing Places*, de David Lodge, mais do que recurso à metaficção, temos o que poderíamos chamar recurso à "meta-arte", passando-se, sem aviso, da narrativa literária, para uma proposta de narrativa cinematográfica:

> 6. Ending
> Exterior: Boac VC 10 flying from left to right across screen - afternoon, clear sky. Sound: jet engines.
> Cut to:
> Interior: VC 10 - afternoon.
> Angle on Morris and Hilary seated halfway down cabin. Sound: muted noise of jet engines. Hilary is turning pages of Harper's, nervously and inattentively. Morris yawns, looks out of window. Shot: eastern seaboard of America: Long Island, Manhattan.[106]

O facto de a narrativa cinematográfica nos ser veiculada por meio interposto, isto é, não através do cinema, mas através das instruções para pôr em prática no cinema, típicas de um guião, contribui para tornar o objecto da narração ainda mais remoto aos olhos do leitor, ainda mais declaradamente fictício.

A tendência para a exploração da relação do texto com outros textos que o precederam, ou com outras formas de expressão artística, que temos vindo a ilustrar, tem sido largamente posta em prática no romance

académico da segunda metade do século XX; mesmo fora do universo Lodge/Bradbury, que privilegiamos neste estudo, ocorrem-nos outros casos, como *Pale Fire*, de Vladimir Nabokov, escrito, já em 1962, em forma de: "poem in heroic couplets, of nine hundred ninety-nine lines, divided into four cantos"[107], e ainda precedido de uma Introdução, e seguido de um estudo crítico, que fazem parte do próprio romance. São estratégias que se interpõem entre o leitor e o objecto da narração, tornando a relação entre ambos mais remota, ao chamarem a atenção para si mesmas. No contexto da cultura académica, Betty Jean Craige, em *Reconnection: From Dualism To Holism In Literary Study* (1988), mostra detectar o mesmo modelo em actuação fora do domínio exclusivamente literário, ao escolher para epígrafe a afirmação de Alvin Tofler, em *Previews And Premises*, de que: "The old idea that knowledge is power is now obsolete. To achieve power today you need knowledge about knowledge."[108]

Trata-se de uma tendência que tem também equivalentes na sociedade em geral; é repercussão, na forma assumida pela ficção proveniente da Universidade, de características da cultura do presente. No romance académico, a credibilidade do narrado é, de um modo geral, posta em causa pela introdução de um elemento artificial, nomeadamente, a paródia sobre formas literárias anteriores, ou sobre outros meios narrativos, que se interpõe entre narrador e leitores, e denuncia a narração como artefacto. Também na sociedade do presente a introdução constante de elementos artificiais de intermediação tem vindo a conferir uma qualidade menos próxima e genuína às relações humanas, que se tornam mais desprendidas e intelectualizadas, ao mesmo tempo que, no romance, se assiste à ruptura generalizada do contracto de verosimilhança entre narrador e leitores. No processo da comunicação entre um ser humano e outro(s) interpõe-se, presentemente, o elemento artificial da máquina: o receptor de rádio, o televisor, o computador, o telefax, o telefone, e, finalmente, o atendedor de chamadas, equivalem, na vida, ao que, no romance

académico, toma a forma de intervenção metaficcional/intertextual no processo da comunicação: em ambos os casos aquilo que se comunica resulta, de um modo geral, mais remoto. Ainda que tal não possa ser provado de um ponto de vista académico, a experiência comum (que, segundo Terry Eagleton, é o grande descodificador das mensagens humanas, conforme referimos no capítulo introdutório a este estudo) aponta para que seja mais provável que se reaja com empatia a um ser humano, em presença, do que à sua mensagem gravada, e que seja, por exemplo, mais difícil recusar-lhe alguma coisa pessoalmente do que pelo telefone, sobretudo se o pedido tiver sido deixado, entre muitos outros, num atendedor de chamadas.

Se a correspondência, aqui estabelecida, entre o que se passa no romance académico, e o que se passa na sociedade exterior à Universidade, neste caso, se afigura, de algum modo, remota, deverá tomar-se em conta que o denominador comum das duas situações passa pela colectivização, e pela institucionalização. A perda de verosimilhança que, nestes romances, resulta da consciência da existência da Literatura, como instituição, com a variedade infinita de estilos e modos de contar que dentro dela já couberam, a aumentar a distância entre narrador e leitores, e a remeter para segundo plano o lado da mensagem veiculada que se interliga com experiência de vida, é algo que corresponde, na sociedade em geral, à perda de conteúdo nas relações humanas, por se terem tornado, também, de algum modo, institucionalizadas, multiplicadas, através da introdução de elementos artificiais, de natureza tecnológica, que, do ponto de vista psicológico, aumentam a distância entre os interlocutores, embora do ponto de vista físico pareçam diminui-la. A Literatura, e, particularmente, o romance académico, mais uma vez se apresenta a reflectir tensões profundamente presentes na cultura actual, mas que ainda não foram equacionadas com clareza.

É significativo, no presente contexto, que Christopher Lash, em *The Culture Of Narcissism*, tenha observado, em 1979, que "the posture of cynical detachment becomes the dominant style of everyday intercourse"[109]. E, para a correspondência que pretendemos estabelecer, é ainda mais significativo que o mesmo autor tenha associado a prevalência desta postura a atitudes que correspondem, em termos de *midculture*, àquelas que temos vindo a descrever no romance académico:

> Many popular forms of art appeal to this sense of knowingness, and thereby reinforce it. They parody familiar roles and themes, inviting the audience to consider itself superior to its surroundings. Popular forms begin to parody themselves: Westerns take off on Westerns; soap operas . . . . assure the viewer of his own sophistication by mocking the conventions of soap opera.[110]

Tanto no que respeita ao romance académico, como no que respeita às formas de expressão da sociedade em geral, é como se não se conseguisse encontrar outra maneira de lidar com o desconforto de saber que tudo já foi dito, de todas as formas, que não fosse ostentar esse conhecimento, e manifestar um certo menosprezo por todos os conteúdos, e pelas maneiras habituais de os transmitir, que está profundamente enraizado na noção, um tanto desesperada, da impossibilidade de encontrar um valor que seja absoluto, e uma forma única de o dizer. Por um lado, na sociedade em geral, por outro, na Literatura, e no romance académico em particular, é (também) pela via da institucionalização que caem os valores absolutos, e nascem, a substituí-los, os lugares-comuns; ou, por outras palavras, que se chega a um sentido, radical, da relatividade de todas as coisas. Não nos surpreende, no contexto do paralelismo que temos vindo a encontrar, entre o que se passa na Universidade e no romance académico, e o que se passa na sociedade em geral, que a citada expressão "the posture

of cynical detachment", que, para Christopher Lash, se tem tornado o estilo dominante do relacionamento diário, seja singularmente evocativa daquilo a que temos chamado, ao longo deste estudo, a postura habitualmente desprendida, de não envolvimento, assumida pelo narrador académico.

Tanto no romance académico como nas formas de expressão da *midculture*[111], o frequente recurso à paródia de formas anteriores, que temos vindo a documentar, representa, também, uma obsessão pelos marcos de referência num universo de relatividade radical, cujo mais grave risco de colapso reside, por outro lado e precisamente, na perda generalizada de marcos de referência.

Esta perda, que, no presente estudo, já foi abordada, no modo como se relaciona com a contestação dos valores éticos tradicionais, na sociedade, e com a subversão do cânone dos *curricula* académicos, na Universidade, dá-se todos os dias também a um outro nível, por um lado, subliminar, por outro, ainda mais abrangente. Se, na literatura, e no romance académico em particular, a intervenção artificial sobre a forma, representada, nos casos que temos vindo a referir, pelo estabelecimento explícito de relações intertextuais, ou "meta-artísticas", remete para um segundo plano de importância a verosimilhança do conteúdo, também, na cultura do presente, a verdade, além de, previsivelmente, inatingível num universo de relatividade radical, torna-se, ainda, de menos relevância, pela interferência da tecnologia, que diariamente contribui para, ao nível da percepção, diluir a fronteira entre o real e o imaginário. Christopher Lash observa que: "At the same time that public life and even private life take on the qualities of spectacle, a countermovement seeks to model . . . all forms of art, on reality - to obliterate the very distinction between art and life"[112]. O autor considera: "Both developments popularize a sense of the absurd, that hallmark of contemporary sensibility"[113], e passa a citar Joyce Maynard, numa passagem em que esta reflecte sobre o aspecto particular, mas

extremamente significativo, no presente contexto, das reacções de uma criança levada ao circo:

> We are cynics [writes Joyce Maynard of herself and a four-year-old child she took to the circus], who see the trap door in the magic show, the pillow stuffings in Salvation Army Santa Clauses, the camera tricks in TV commercials . . So at the circus . . . she leaned back on her padded seat, my four-year-old . . . agedly unenthralled . . . We had seen greater spectacles, unmoved, our whole world was a visual glut, a ten ring circus, even Ringling Brothers couldn't compete with. A man stuck his head into a tiger's mouth and I pointed it out, with more amazement than I really felt, to my cool, unfazed friend . . . The tiger could have bitten the tamer's head off, I think, swallowed him whole and turned into a monkey, and she wouldn't have blinked.[114]

Segundo François Lyotard, em *The Inhuman: Reflections On Time*, publicado pela primeira vez na versão original em 1988, para o autor Baudrillard o apogeu da tecnologia resultou na formação de uma imensa rede de simulacros. *The Inhuman* é uma obra em que Lyotard parte da premissa de a nossa cultura actual ser 'telegráfica', no sentido em que se escreve à distância, para propor a ideia de que esta realidade reconfigura o espaço e a matéria, e nos desumaniza. O humanismo tradicional pressupõe uma unidade do sujeito humano que não costuma ser questionada. A qualidade desumana de tal questionamento, quando ocorre, transparece de modo privilegiado na arte, e Lyotard remete para Apollinaire que em 1913 escreveu: "More than anything, artists are men who want to become inhuman"[115]. E remete também para Adorno: "Art remains loyal to humankind uniquely through its inhumanity with regard to it"[116]. A fusão entre arte e realidade a que assistimos dá razão à suspeita de Lyotard: "what if human beings, in humanism's sense, were in the process of, constrained into, becoming inhuman...?"[117] E acrescenta, como explicação: "Development imposes the saving of time. To go fast is to forget fast, to

retain only the information that is useful afterwards, as in 'rapid reading'"[118]. A ligação entre a observação de Lyotard e a compressão narrativa que os meios tecnológicos audiovisuais imprimem aos eventos e à experiência é evidente. Lyotard, para compreender, desmonta a engrenagem da complexidade pós-moderna até aos elementos iniciais e chega a duas definições básicas de humanidade que não tenta nem pretende reconciliar entre si: por um lado, o que é humano é a realidade difusa e indeterminada, mas inata, que somos quando nascemos; por outro lado, pode considerar-se que é o que adquirimos depois (pela educação, pela aquisição da linguagem, por exemplo) que nos torna humanos (já que, presumimos, é isso que nos põe em comunicação com a humanidade uns dos outros). A partir desta questão, Lyotard considera: "if the name of human can and must oscillate between native indetermination and instituted or self-instituting reason, it is the same for the name of inhuman"[119]. É por esta via que se pode equacionar a complexidade adquirida, não inata, do presente como o expoente máximo da não humanidade, e Lyotard identifica o princípio que presidiu à sua formação, princípio que tem por base, precisamente, a diferenciação, o conceito de diferença. Para Lyotard, o princípio que força, nos seres humanos e na vida sobre a Terra, a modificação do que neles era inato, decorre:

> . . . from a process of development, where it is not mankind which is the issue, but differenciation. This obeys a simple principle: between two elements, whatever they are, whose relation is given at the start, it is always possible to introduce a third term which will assure a better regulation. *Better* means more reliable, but also of greater capacity. . . Mediation does not only imply the alienation of elements as to their relation, it permits the modulation of that relation. And the 'richer' - i. e. itself mediated - the mediating term, the more numerous the possible modifications, the suppler the regulation, the more floating the rate of exchange between the elements, the more permissive the mode of relation.[120]

O raciocínio expresso por Lyotard andará muito próximo do âmago da incerteza como marca pós-moderna. E o autor aplica este seu diagrama conceptual à realidade da tecnologia e dos *media*: "[This] description is abstract . . . the new technologies and the media are aspects of the same differenciation"[121]. O próprio absurdo, como marca da condição pós-moderna, é apontado por Lyotard em ligação com a falta de finalidade visível para o desenvolvimento a que se assiste:

> The striking thing about this metaphysics of development is that it needs no finality. Development is not attached to an Idea . . . It is reproduced by accelerating and extending itself according to its internal dynamic alone. It assimilates risks, memorizes their informational value and uses this as a new mediation necessary to its functioning. It has thus no end, but it does have a limit, the expectation of the life of the sun . . . The interest of humans is subordinate in this to that of the survival of complexity.[122]

De acordo com o autor, a engrenagem descrita só parará com o fim da vida na Terra. Mas é significativo, se quisermos avaliar da hipótese de estarmos num ponto de retorno, pelo menos em termos de consciência, o facto de Lyotard terminar a sua introdução a *The Inhuman* com uma declaração de solidariedade para com a humanidade inata dentro de cada um de nós: "[The] debt to childhood is one which we never pay off. . . It is the task of writing, thinking, literature, arts, to venture and bear witness to it."[123]

Na citação que mais atrás fizemos de Christopher Lash, o autor não menciona de modo explícito o papel que a televisão tem neste processo, que

Lyotard chamaria de desumanização (porque de intermediação), e que é por demais evidente. O facto de existirem, no presente, meios tecnológicos capazes de imprimir ao imaginário, ao nível da percepção, todas, ou quase todas, as características do real, por um lado, faz com que simulações da realidade mais pobres, do ponto de vista do apoio tecnológico (como as que são frequentemente postas em prática no circo) resultem grotescas e infantis, até para as crianças; por outro lado, faz com que a própria realidade perca impacto, quando a sua aparência é mais discreta, menos espectacular, do que as ilusões fabricadas pela tecnologia; assim se esbate a fronteira entre real e imaginário, por falta de marcos de referência daquilo que pertence a um e a outro domínio, e a relatividade de todos os valores é radical, a ponto de não ser possível, de certos pontos de vista (como, por exemplo, o do *show business*) estabelecer, sequer, a prioridade da realidade, em relação à fantasia, ao artefacto. Ao observar: "the imperviousness to shock or surprise, and the resulting indifference to the distinction between illusion and reality"[124] que caracterizam o presente, Christopher Lash considera que:

> Overexposure to manufactured illusions soon destroys their representational power. The illusion of reality dissolves, not in a heightened sense of reality as we might expect, but in a remarkable indifference to reality.[125]

Não é surpreendente, no contexto cultural que vimos expondo, que, para o narrador literário, o objectivo da verosimilhança se tenha tornado numa batalha pelo menos parcialmente ultrapassada, e que se tenha registado uma viragem para o experimentalismo modernista na construção das narrativas. O que torna o subgénero do romance académico particularmente contíguo ao que se passa na sociedade em geral, é o facto de nele coexistir, dado o tipo de narradores que tem, a consciência, em alto

grau, destas tensões culturais, que se manifesta num experimentalismo moderado, com a aposta em continuar a preservar o modo convencionalmente realista de contar histórias, que lhe garante a subsistência de uma ponte de ligação com a realidade experimentada, compreensível de um ponto de vista humano comum; a sua qualidade de documento cultural é reforçada pelo facto de só deixar de ser convencionalmente realista para acompanhar o movimento da sociedade e da cultura de um tempo em que a própria percepção do real também mudou.

Outros aspectos há, em que o romance académico moderno regista essa mudança de modo especialmente próximo: tal é o caso da perda, ou desvalorização, dos marcos de referência temporais e espaciais, que é outra característica do presente.

Um dos efeitos mais marcantes do avanço tecnológico tem sido o da velocidade: velocidade nas comunicações, velocidade da deslocação humana no espaço físico, velocidade no ritmo de manufactura de produtos. As distâncias são encurtadas, ou mesmo anuladas, pelo acesso generalizado ao telefone, ao telefax, aos terminais de computador, à televisão, e pela banalização da viagem aérea, ao mesmo tempo que a velocidade na manufactura de produtos implica que estes devem ser, também, consumidos e substituídos rapidamente, para manter uma relação dinâmica entre a oferta e a procura - processo que traz consigo a generalização do sentido da transitoriedade de todas as coisas.

O encurtamento, ou anulação das distâncias espaciais e temporais, que é típico da modernidade, resulta numa coexistência, no mesmo espaço e tempo, de uma multiplicidade de marcos de referência, pertencentes a diferentes espaços, e a diferentes tempos; essa coexistência comporta a ameaça da perda dos próprios marcos de referência, por não se demarcarem entre si pelas distâncias necessárias. O apogeu da relatividade

radical torna-se perigosamente próximo do colapso do relativismo, que desemboca num sentido generalizado do absurdo, a que, conforme citámos, Christopher Lash se referiu como: "hallmark of contemporary sensibility"[126]. Encontramos que, no romance académico, a caracterização que se faz do espaço físico é frequentemente emblemática desta consciência da fragilidade das coordenadas espácio-temporais, com aquilo que daí decorre. A acção de *Stepping Westward*, de Malcolm Bradbury, passa-se na cidade de Party, significativamente localizada, em termos de total relatividade "where the middle west meets the far west and the south-west the north-west"[127]. Na cidade de Party, "things look as if they could die at any moment"[128]. E o amálgama, desarticulado entre si, dos marcos de referência espácio-temporais imprime aos edifícios uma qualidade transitória, frequentemente pejada de anacronismos:

> The Wigwam Motel consists entirely of wigwams - each containing box-spring beds and television.[129]
> . . .
> There is an auditorium, built in the shape of a hamburger, which can be totally dismantled for change of needs and rebuilt in the shape of a hot-dog.[130]

A mesma qualidade de extrema contingência, ou de incoerência, resultante da fragilidade das coordenadas espaciais e temporais, cristaliza na descrição do "Hexagon", edifício pertencente à Universidade de Rummidge, em *Changing Places*, de David Lodge:

> For a new building, the Hexagon had already acquired quite a mythology. It was built on a pre-fabricated principle and confidence in the soundness of the structure had been undermined by hastily issued restrictions on the weight of books each faculty member was allowed on his bookshelves

> . . . There were also restrictions on the number of persons allowed into each office and classroom, and it was alleged that the windows on the West side were sealed up because if all the occupants of those rooms were to lean out at the same time the building would fall over. The exterior had been faced with glazed ceramic tiles guaranteed to resist the corrosion of the Rummidge atmosphere for five hundred years, but they had been attached with an inferior adhesive material and were already beginning to fall off here and there.[131]

As consequências do amálgama de marcos de referência, resultante do colapso das coordenadas espácio-temporais, estão bem representadas na breve passagem de *Stepping Westward* em que se aponta a dificuldade que o indivíduo tem em colocar-se em relação a diferenças que, neste contexto complexo, ameaçam perder o significado, por terem significados em demasia:

> For rodeo time the regular inhabitants [of Party] grow prospectors' beards to celebrate their frontier heritage, causing enormous problems of conscience to the beatniks at Benedict Arnold, who, caught between two kinds of conformity, never know whether they should shave their beard or not.[132]

A ilustração, que temos vindo a fazer, da denúncia dos riscos de colapso inerentes ao universo de relatividade radical que acompanha os valores liberais, e que acompanha a própria crise do liberalismo, tem incidido, acima de tudo, até este ponto, sobre as questões formais (recurso à intertextualidade, por exemplo), ou, como é o caso da citação que fizemos acima, sobre questões relacionadas com conteúdos que, na economia de cada narrativa, se podem considerar, de algum modo, periféricos, em

relação à acção central: episódios pertencentes, no modo de ver de Roland Barthes, a uma funcionalidade do ser, por oposição, e por complemento, a uma funcionalidade do fazer.[133]

Para avaliar da centralidade desta problemática, procurámos-lhe a presença nos desfechos narrativos, dados à acção, nos epílogos ou últimos capítulos das obras de David Lodge e Malcolm Bradbury que temos vindo a referir. Concluímos que a noção, fundamental nos nossos dias, da relatividade de todos os valores, subjaz, sem excepção, a todos os finais de narrativa que tivemos sob escrutínio, muito embora se registem oscilações consideráveis na proximidade, ou distância, que essa relatividade radical assume, em relação à ameaça de desvalorização total dos marcos de referência, com consequente queda no absurdo. O padrão que se estabelece demonstra, também, que a consciência da problemática em questão é expressa de modo mais claro e articulado nos primeiros romances observados, do que em obras mais recentes, das décadas de setenta e oitenta, que, de algum modo, reflectem, até na sua textura, o processo de desagregação em curso, num estádio mais avançado.

Assim, *Eating People Is Wrong* (1959), de Malcolm Bradbury, termina com a doença e hospitalização do protagonista liberal, Professor Treece, doença que é fortemente emblemática da crise nos valores que ele representa:

> . . . now he was a lump of flesh only. Believing in civilised and respectful contacts, deep personal relationships, honesty and integrity of motive, recognition of the individuality of persons, he was lost in a world where all that mattered was the simple physical constitution, the preservation of life itself, at whatever torture to the personality.[134]

Não se trata, neste caso particular, de confrontar os valores liberais humanistas com os obstáculos postos no seu caminho pelo florescimento da sociedade materialista, mas a dicotomia que se estabelece é já dessa natureza. E o autor-narrador, assumindo a perspectiva de Treece, revela a sua preocupação com a qualidade fragmentária, desarticulada entre si, da realidade que o envolve, e com a falta de um valor absoluto que fosse unificador, preocupação que evoca, de modo significativo, a fragmentação do conhecimento que observámos no contexto da sociedade actual, e que, como referimos, afecta a capacidade de formular juízos de valor, contribuindo, assim, para a queda dos valores absolutos. A estes valores absolutos se refere o narrador de *Eating People Is Wrong* como "Utopia":

> What was the poor liberal humanist to do? The world was fragmented and there was no Utopia in sight, and as a liberal he was a symptom of the fragmentation he abhorred.[135]

E deixa o autor-narrador, em 1959, o aviso sobre os riscos inerentes à propagação da incerteza que, como dissemos atrás, se estabelece como marca cultural do presente, e que leva a pensar que o apogeu do liberalismo coincida com a crise dos valores liberais:

> Once the principle of doubt had been admitted, all was lost . . . . men now fluttered foolishly like young birds tumbled out of the nest, at their highest point of freedom and more glorious than ever before, yet on the edge of an ungovernable disaster...[136]

A vertente colectiva da crise dos valores liberais é menos posta em foco nos finais dos romances de 1965, *The British Museum Is Falling Down*, de David Lodge, e *Stepping Westward*, de Malcolm Bradbury. Em ambos os casos a ênfase é colocada nas perspectivas de futuro individual. A *The British Museum Is Falling Down* é dado um epílogo que, formalmente, parodia o monólogo de Molly Bloom, em *Ulysses*, de James Joyce, e em que encontramos o protagonista Adam Appleby com prospectos de melhores perspectivas financeiras: ao contrário do que era o seu pesadelo, não vai o casal católico Appleby, para os tempos mais próximos, ter outro filho, e Adam encontrou uma saída profissional inesperada, e vai trabalhar na procura de manuscritos para uma Universidade americana. É uma solução de natureza individualista, na linha da que é proposta por Kingsley Amis para o seu clássico de romance académico moderno, *Lucky Jim* (1954), que, apesar de a figura do protagonista se aproximar da de um Angry Young Man, termina com a referência a um novo emprego para Jim Dixon, e com a sugestão do início da sua ligação com Christine. Trata-se de uma solução que representa, neste contexto, uma fuga (discreta) para esse narcisismo generalizado a que se referem autores como Philip F. Lawler, e Christopher Lash, e que, conforme mencionámos, se interliga com a insegurança que advém da impossibilidade de se chegar ao conhecimento de uma verdade que seja objectiva, e, portanto, passível de ser defendida e partilhada por toda uma comunidade.

Também a *Stepping Westward*, de Malcolm Bradbury, o autor-narrador dá uma solução de índole narcisista, individualista, mas, neste caso, não de todo isenta de uma certa acusação. Para além do triunfo do pragmatismo, representado por Froelich, conclui-se, no desfecho da obra, que, no cômputo geral, "it was Walker, really, who had sailed away most intact, wrapped in the bundle of himself"[137]. Ao liberalismo de modelo britânico, nesta obra representado por James Walker, que faz da recusa de

emitir juízos de valor e da atitude não interveniente um princípio, é frequentemente lançada a acusação de auto-complacência e ineficácia.

Changing Places, de David Lodge, e *The History Man*, de Malcolm Bradbury, foram ambos publicados em 1975; no caso de *Changing Places*, a relevância de qualquer acusação, ou qualquer tomada de posição, parece já estar ultrapassada: o autor recusa-se a dar um desfecho convencionalmente moral, ou convencionalmente imoral, à acção fulcral ao longo da narrativa, que evoluiu, entre o inglês Philip Swallow, e o americano Morris Zapp, para uma situação a que Morris Zapp se refere como: "the world record for long-distance wife-swapping"[138]. Para evitar, na obra, a tomada de posição, ou emissão de juízo de valor implícito, a favor, ou contra, a preservação dos valores morais tradicionais, que, num caso destes, qualquer um dos dois desfechos prováveis implicaria (que Morris Zapp aceitasse ficar em Inglaterra com a esposa de Philip Swallow, ou, pelo contrário, que regressasse aos Estados Unidos; que Philip Swallow ficasse nos Estados Unidos com Desirée Zapp, ou, pelo contrário, que regressasse a Inglaterra, e se reconciliasse com a sua esposa Hilary), recorre-se a um final de obra aberta, em que se chama a atenção para os aspectos formais da narrativa, através do estabelecimento de uma comparação entre os factores que condicionam o final da narrativa literária, e os que condicionam o final da narrativa cinematográfica:

> PHILIP:
> '. . . mentally you brace yourself for the ending of a novel. As you're reading, you're aware of the fact that there's only a page or two left in the book . . . But with a film there's no way of telling, especially nowadays . . . there's no way of telling which frame is going to be the last. The film is going along . . . and at any point the director chooses, without warning, without anything being resolved . . . it can just...end.'

> PHILIP shrugs. The camera stops, freezing him in mid-gesture. THE END.

Trata-se de um exemplo específico de metaficção, neste caso, recorrendo ao modo de apresentação convencionado para o guião cinematográfico, que, conforme referimos atrás, se interpõe entre narrador e leitores, e denuncia a narração como artefacto. Depois desta denúncia, a conclusão da acção, qualquer que seja, torna-se irrelevante; a importância do desfecho é reduzida às suas reais proporções pela introdução de uma estratégia, através da qual se chamou a atenção para a natureza meramente fictícia do narrado.

The History Man, de Malcolm Bradbury, termina com uma apoteose de relatividade radical, um amálgama de diferenças não qualificadas, em que os marcos de referência parecem ter perdido o significado:

> The room fills. There are students in quantities, bearded Jesus in combat-wear, wet-look plastic, loon-pants, flared jeans, Afghan yak; girls, in caftans and big boots, with plum-coloured mouths. There are young faculty, serious, solemn examiners of matrimony and its radical alternatives; there are strangers from the Kirks' general acquaintance - a radical vicar . . . classless citizens of a world of expectation, a world beyond norms and forms . .[139]

Este mundo para além de normas e formas, perante o qual colapsa qualquer intenção ordenadora ou interpretativa, é o que caracteriza a festa dada pelo casal de radicais Howard e Barbara Kirk. A própria festa apenas é festa de um modo relativo, como tudo o mais, porque nela é encenado o suicídio ou tentativa de suicídio de Barbara Kirk. Nunca um universo de relatividade radical esteve tão à beira do total colapso como na apoteose da

expressão de todas as liberdades, e de todas as diferenças, que fecha *The History Man*, de Malcolm Bradbury. Ao contrário do que acontecia em *Eating People Is Wrong* (1959), em que o Professor Treece tecia considerações sobre as insuficiências de um mundo fragmentado, a falta de uma Utopia, e os riscos inerentes à generalização do princípio da dúvida, não se encontra já, em *The History Man*, uma voz a avaliar esta realidade; o processo de desagregação está demasiado adiantado; apenas, de passagem, se aponta, de modo caricatural, para o estatuto transitório de todas as coisas:

> 'You know what's the matter with people now?' says Melissa . . . 'They just don't feel anymore'. 'Not the way they did last week', says Howard.[140]

A passagem para o final de *Rates Of Exchange* (1983), de Malcolm Bradbury, cuja acção decorre em Slaka, capital mítica de um país da Europa Central, representaria, à partida, um alívio para o mal-estar descrito em relação ao final de *The History Man*. Em Slaka, a realidade ainda tem algum valor objectivo, e colectivo; parafraseando o autor, em Slaka, a realidade, todos sabem o que é, pela dura experiência que dela têm; quanto à arte, essa consiste em sobreviver-lhe. Mas a ameaça de um mergulho no escuro, pela desvalorização dos marcos de referência temporais, que conhecemos como constante, num universo de relatividade radical, persiste, neste caso específico, e toma o cariz ominoso de perseguição política em perspectiva. Ao tempo da visita do Professor Petworth, a cidade de Slaka entra em revolução; nada poderia ter um valor menos absoluto e durável do que o universo político de Slaka, facilmente emblemático da cena cultural do presente, em constante derrocada e em constante reconstrução. Há novos políticos que sobem ao poder, e que são referidos como se sempre lá tivessem estado, e velhos políticos que desaparecem, um dia, para não mais se ouvir falar deles. O presente anula automaticamente o passado, mesmo

que seja o passado do dia anterior. Petworth apercebe-se da velocidade na aceitação das mudanças através do tratamento que, durante a sua breve estadia, é dado, pela guia Marysia Lubijova, às rápidas modificações, até da própria linguagem; e pasma perante a celeridade, neste caso, do esquecimento político:

> 'Oh, such a crowd on our special day', says Marysia Lubijova, 'I hope I don't lose you again. But I think you know the way now to Plazsci P'rtyii'. 'Wasn't it once called Plazscu Partyuu?' asks Petworth. 'Oh, was it really?' asks Marysia Lubijova, 'I don't remember . . .'[141]
> . . . above the banners and the bunting are the great photographs, . . . 'Do you recognize them?' asks Lubijova, 'Comrade Marx, Comrade Lenin, Comrade Brezhnev, Comrade Grigorie, Comrade Vulcani?' 'What happened to Comrade Wanko?' asks Petworth. 'I don't think I remember this Wanko,' says Marysia Lubijova, . . 'And who is Vulcani?' asks Petworth. 'Well, there you see him . . . Don't you think he is a handsome President?'[142]

A desvalorização dos marcos de referência temporais, ou a opção de ignorar os marcos de referência temporais, é, no final de *Rates Of Exchange*, tratada de modo exagerado, caricatural, e a crítica subjacente incide, sobretudo, em matéria de política; mas o tratamento dado ao tema chama, ainda assim, a atenção para o modo como, nas relações humanas colectivas, regidas por um sistema alheio ao dos valores liberais, humanistas, se reflecte, apesar de tudo, essa marca cultural do presente que é a velocidade, e que, atrás, relacionámos com as características assumidas pelo avanço tecnológico e pela pós-modernidade.

No ano seguinte ao da publicação de *Rates Of Exchange*, de Malcolm Bradbury, David Lodge publicava *Small World* (1984), que conclui com dois finais, de natureza diversa, se é lícito que tal se considere possível. De

facto, damo-nos conta de um final, em que se parodia a conclusão típica do romance medieval, com o desfecho, inesperadamente entrelaçado, das várias sequências narrativas, em que, neste caso, se faz a surpreendente revelação de que Angelica Pabst é filha natural de Arthur Kingfisher e Sybil Maiden; e, a seguir, de outro final, que diremos, de obra semi-aberta, em que encontramos o cavaleiro andante dos tempos modernos Persse McGarrigle, frustrado nas suas expectativas sobre Angelica Pabst, mas decidido a continuar a perseguir o seu ideal, que transfere para a figura da hospedeira de bordo Cheryl Summerbee. Esta súbita divergência do paradigma de fidelidade perene e incondicional à amada proposto pelo romance medieval é irónica, e aponta, precisamente, para o valor, não absoluto, mas relativo, de todos os modelos.

O final de *My Strange Quest For Mensonge*, publicado por Malcolm Bradbury, em 1987, refere-se expressamente ao vazio deixado pelo colapso dos modelos de pensamento existentes, baseados em valores que passaram a ser questionados até ao âmago. A responsabilidade desta situação é, no décimo e último capítulo da obra, atribuída à figura de Mensonge, cujo nome, conotativo de "mentira", sugere qual seja, a um nível de discurso mais profundo, a verdadeira posição do autor-narrador quanto às questões tratadas:

> . . . the basic message of his work . . . is that there is not only no philosophical object of attention, but also no agent capable of doing the philosophizing.[143]

> . . . If the twentieth century is ending, as it is, in a state of profound intellectual self-questioning, if not confusion, that is surely due to the hidden impact of Mensonge. His model of consciousness is undoubtedly the one we recognize as our own, his unique sense of vacancy is for us a true sign.[144]

A consagração da incerteza e da vacuidade, ao nível superficial do discurso, e a crítica a estes aspectos, a um nível mais profundo do mesmo discurso, transparecem na citação que acabamos de fazer da última frase, da última página do capítulo. Tal como em *Small World*, também a conclusão de *My Strange Quest For Mensonge* se desdobra num segundo final que remete para o domínio da intertextualidade: o último capítulo é seguido de uma "Foreword/Afterword, By Michel Tardieu - Professor of Structuralist Narratology at the University of Paris"[145], pretensamente traduzida por David Lodge. Michel Tardieu é uma personagem de David Lodge, em *Small World*; à semelhança do que já se passava com o final cinematográfico, ou "meta-artístico" de *Changing Places*, também neste caso a solução intertextual contribui para tornar a digressão do autor ao longo do livro ainda mais remota em relação à experiência comum, e o seu desfecho mais irrelevante. Trata-se, de novo, de uma estratégia a que subjaz a falta de soluções que verdadeiramente fossem objectivas e partilháveis por toda uma comunidade.

À falta de soluções em perspectiva, já apontada como uma das causas para a actual crise das Humanidades, acrescem, no final de *Nice Work* (1988), de David Lodge, outras causas de natureza mais pragmática: o mundo dos negócios e o mundo académico fundem-se no mesmo tipo de dificuldades quando, perante inevitáveis cortes orçamentais, o departamento universitário a que Robyn Penrose pertence se vê obrigado a racionalizar o *syllabus*, reduzindo a gama de cursos à disposição dos alunos, e despedindo docentes, ao mesmo tempo que a sucursal da empresa para que Victor Wilcox trabalha fecha, e prescinde dos seus serviços, pelo mesmo tipo de razões. Neste final, é emblemático da situação de ruptura criada, nas Humanidades, pela perda de marcos de referência resultante de uma postura de relatividade radical que se tem vindo a generalizar, o diálogo que se estabelece entre Vic Wilcox e Robyn Penrose, e que deixa entrever mais

uma das razões pelas quais, num clima de vicissitudes financeiras, o mundo da produção sobrevive, apesar de tudo, melhor do que o das Humanidades:

> ' . . . The point is, a repeatable operation is always cheaper and more reliable than one which has to be set up differently each time.'
>
> 'But repetition is death!' Robyn cried. 'Difference is life. Difference is the condition of meaning. Language is a system of differences, as Saussure said.'
>
> 'But a *system*,' said Rupert Sutcliffe. 'The question is whether we have a system any more, or just a muddle. . '[146]

O valor da diferença, que é intrínseco à visão liberal, que fomentou a generalização do relativismo, e que serve hoje de suporte fundamental à relevância das Humanidades, está, aqui, reconhecidamente comprometido, pela perda de marcos de referência estáveis, em função dos quais interpretar essa mesma diferença.

É também de natureza intertextual o final de *Nice Work*, já que nele se reunem as personagens dos dois anteriores romances de David Lodge: Morris Zapp, Philip Swallow, Rupert Sutcliffe, Bob Busby. No entanto, ao contrário do que mencionámos em relação a outros exemplos de recurso a esta estratégia, é, aqui, possível fazer a leitura da intertextualidade dentro dos parâmetros do realismo convencional. Neste caso, a presença das personagens já conhecidas reforça, na obra, o contrato de verosimilhança entre narrador e leitores. É significativo, em contexto, que, no que respeita a Robyn Penrose, a narrativa termine com a sua recusa de aceitar o posto que Morris Zapp lhe oferece nos Estados Unidos, seguro e financeiramente vantajoso, e com a sua preferência pela oferta temporária de Philip Swalow, de continuar em Rummidge, ainda que tal lhe não ofereça segurança:

> Robyn thinks. Philip Swallow watches her thinking . . . Robyn . . . looks out of the window . . . Students, drawn out of doors by the sunshine, are already beginning to congregate . . . on the damp grass. On one of the lawns a gardener, a young black in olive dungarees, is pushing a motor mower up and down . . . between the reclining students. When they see that they will be in his way, the students get up and move themselves and their belongings . . . on another patch of grass. The gardener is of about the same age as the students, but no communication takes place between them . . . There is no overt arrogance on the students' part, or evident resentment on the young gardener's, just a kind of mutual, instinctive avoidance of contact . . . It seems a very British way of handling differences of class and race. Remembering her Utopian vision of the campus invaded by Pringle's workforce, Robyn smiles ruefully to herself. There is a long way to go.
>
> 'All right,' she says, turning back to Philip Swallow. 'I'll stay on.'[147]

As razões apontadas para esta escolha assentam no papel que as Humanidades ainda podem ter na luta contra a indiferença, e desconhecimento, perante outros modos de estar, outras raças, e outras classes, e correspondem à hipótese, que entrevimos, de uma possível reformulação, num futuro próximo, dos valores humanistas, e de uma saída da crise do pensamento liberal.

O final de *Paradise News* (1991), de David Lodge, mesmo do ponto de vista formal, vai ao encontro dessa possibilidade, que começa a esboçar-se, de fuga aos aspectos destrutivos da postura de relatividade radical, e de retorno a uma interpretação mais afirmativa do papel das Humanidades. Como é costume nos romances de David Lodge, a probidade dos protagonistas é recompensada, no final, com benesses materiais e, tal como Robyn Penrose, em *Nice Work*, também o *Scholar* idealista Bernard

Walsh, na sequência de, desinteressadamente, ter feito sua missão ir ao Havai confortar uma tia, quase desconhecida, que se encontrava em fase de doença terminal, recebe, à conclusão do livro, uma oferta de emprego e uma herança avultada. Aquilo que, nesta solução, se afasta da solução típica da postura do individualismo narcisista, são as considerações tecidas sobre a incerteza. A questão da dúvida, com que Malcolm Bradbury já tinha fechado *Eating People Is Wrong* (1959), transcende, no desfecho deste romance de David Lodge, publicado vinte e dois anos mais tarde, o âmbito do relativismo, e ganha profundidade teológica: é significativa a carta que Yolande envia a Bernard Walsh depois da morte de Ursula, no Havai, carta em que inclui uma citação de Miguel de Unamuno, em *The Tragic Sense Of Life*:

> In the most recess of the spirit of the man who believes that death will put an end to his personal consciousness and even to his memory forever . . . even without his knowing it perhaps, a shadow hovers . . . a shadow of a shadow of uncertainty . . . he hears, in this most secret recess, his own doubt murmur: 'Who knows?. . . ' He is not sure he hears aright, but he hears. Likewise, in some recess of the soul of the true believer who has faith in the future life, a muffled voice, the voice of uncertainty, murmurs in his spirit's ear: 'Who knows ? . . .' Perhaps these voices are no louder than the buzzing of mosquitoes when the wind roars through the trees in the woods; we scarcely make out the humming, and yet, mingled with the roar of the storm, it can be heard. How, without this uncertainty, could we ever live?[148]

Assume-se, assim, a incerteza, não já como gangrena que alastrou no tecido dos valores liberais, por efeito dos exageros na postura relativista, no período pós-moderno, mas como elemento essencial à condição humana, sem a aceitação do qual o verdadeiro progresso não será possível.

Dr Criminale, de Malcolm Bradbury, publicado em 1992, foi o romance mais recente cujo final tivemos sob escrutínio na Parte I deste trabalho. Nele encontramos a figura de Mensonge transmutada na de Bazlo Criminale, que detém a mesma qualidade evasiva, de autor que, universalmente, influencia mentalidades, mas que, por coerência com a filosofia que encarna, quase não tem suporte físico, desaparecendo, frequentemente, sem explicação, e reaparecendo, de modo esporádico e breve, ao longo da obra. No décimo sexto, e último capítulo do romance, Bazlo Criminale reaparece pela última vez, para apresentar uma comunicação sobre a condição pós-moderna. É fortemente simbólico que o orador, antes de apresentar a comunicação, tenha acabado de perder a bagagem numa viagem aérea, e se encontre, por assim dizer, de mãos vazias:

> The postmodern condition, he now started to say, was something more than a post-technological situation, a phenomenon of late capitalism, a loss of narratives, or whatever the interpreters called it. What it most resembled, he [Bazlo] said, was his own situation now - jet-lagged, culture-shocked, stuffed with too much inflight food and too much vacant inflight entertainment, mind disordered, body gross, thoughts hectic and hypertense, spirits dislodged from space and time, baggageless, without normal possessions.[149]

A condição pós-moderna é, aqui, equacionada com a situação de Bazlo Criminale; e a situação de Bazlo Criminale pode, nesta passagem, ser equacionada com a situação do cidadão do mundo ocidental no fim do século XX. No fim da narrativa, Bazlo Criminale sofre de *jet-lag*, que se define por um conjunto de sintomas: "often experienced by travellers by jet aircraft who cross several time zones in relatively few hours"[150]. Isto equivale a dizer que sofre da perda dos marcos de referência temporais que, como temos vindo a referir, se tem generalizado no século XX. Em

associação com este facto, encontra-se Bazlo Criminale "culture-shocked": da anulação das distâncias em termos de tempo, devido à velocidade com que é possível transpô-las, resulta, também, o colapso dos marcos de referência espaciais; os lugares perdem facilmente a sua caracterização própria, e as pessoas perdem a caracterização própria dos lugares de onde provêm. Bazlo Criminale considera que está: "stuffed with too much inflight food", o que nos remete para o materialismo hedonista de que, por exemplo, Christopher Lash, em *The Culture Of Narcissism*, acusa a sociedade americana actual. Está também: "stuffed with . . . too much vacant inflight entertainment", o que nos reporta à superabundância de informação não qualificada, pela qual tudo é posto ao mesmo nível, como já foi estabelecido.

Encontra-se, portanto, de: "spirits dislodged from space and time", e "baggageless", da mesma forma que, pelo colapso geral dos marcos de referência, e pelo nivelamento de todas as diferenças, de que resulta a dificuldade em formular juízos de valor, o cidadão do fim do século XX se encontra sem valores que possa considerar absolutos, e permanentemente trazer consigo. Tal como Bazlo Criminale, também o cidadão do fim do século XX se encontra, temporariamente, de mãos vazias.

A maior parte dos problemas inerentes a um universo de relatividade radical encontram a sua expressão nesta passagem. Nela cristalizam, em poucas linhas, os elementos de caracterização cultural do fim do século XX que temos vindo a equacionar. Muito embora *Dr Criminale* transcenda já os limites espaciais de uma Universidade, a passagem que citámos, do final desta obra de 1992, evidencia em alto grau, e de modo sintético, a relação de microcosmo que o romance académico moderno é capaz de estabelecer com a sociedade e a cultura. Essa é a relação que esperamos ter fundamentado, assim como, decorrendo dela, a potencial qualidade do subgénero do romance académico, como documento cultural. É essa

qualidade que nos propomos testar nas Partes II e III deste estudo, com referência a questões mais específicas.

---

[1]Langston Hughes, "Freedom's Plow", *in* Langston Hughes. *Selected Poems*. sl., Serpent's Tail, 1987.
[2]Graham Greene, *The Quiet American*, Harmondsworth, Penguin, 1973 [1955].
[3]*Idem*, p.20.
[4]John Higham, "Multiculturalism And Universalism: A History And Critique", *American Quaterly*, Vol. 45, N°2, Junho de 1993, pp 195 - 208, p. 197.
[5]*Idem*, p. 198.
[6]*Ibidem*.
[7]*Idem*, pp 199 - 200.
[8]*Apud* Martha Nussbaum, "Undemocratic Vistas", *The New York Review Of Books*, 5 de Novembro de 1987, sem menção de página.
[9]Nathan M. Pusey, *American Higher Education - 1945-1970: A Personal Report*, Cambridge, Massachusetts, Harvard Univ Press, 1978.
[10]Allan Bloom, *The Closing Of The American Mind*, New York, Simon & Schuster, 1988 [1987].
[11]De modo algum se pretende veicular a ideia de que a Semiótica ou, por exemplo, as abordagens estruturalistas da Literatura, tenham sido desenvolvidas para afastar a área de pesquisa académica das Humanidades do domínio da cultura de massas. O mais que aqui se sugere é que, no enquadramento cultural das últimas décadas, o seu desenvolvimento perfez, decerto, em grande parte, como efeito colateral, também esta função.
[12]Registo deste episódio encontra-se em Philip F. Lawler, *Coughing In Ink: The Demise Of Academic Ideals*, s.l., University Press of America, 1993, p. 3.
[13]David Lodge, *The British Museum Is Falling Down*, Harmondsworth, Penguin Books, 1983 [1965], p.40.
[14]*Ibidem*.
[15]*Ibidem*.
[16]Woody Allen, *Para Acabar de Vez com a Cultura*, trad. de Jorge Leitão Barros, Lisboa, Bertrand, s/d (título original: *Getting Even*, New York, Random House, 1966.).
[17]Leslie A. Fiedler, *Waiting For The End*, New York, Stein and Day pub., 1964, p.154.
[18]Jean-François Lyotard, *apud* Stuart Sim, *Beyond Aesthetics: Confrontations With Poststructuralism And Postmodernism*, New York, Harvester Wheatsheaf, 1992, p. 1.
[19]*Ibidem*.
[20]Malcolm Bradbury, *My Strange Quest For Mensonge*, New York, Penguin Group, 1987, p. 3.
[21]*Idem*, pp 4-5.
[22]*Idem*, p. 6.
[23]*Idem*, p. 7.
[24]David Lodge, *Small World: An Academic Romance*, London, Secker & Warburg, 1984, p. 28.

[25]Malcolm Bradbury, *My Strange Quest For Mensonge*, pp 2 - 3.
[26]*Idem*, p. 18.
[27]David Lodge, *Nice Work*, London, Penguin, 1988, pp 143 - 144.
[28]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, London, Arrow Books, 1986 [1965].
[29]Malcolm Bradbury, *The History Man*, London, Arrow Books, 1982 [1975].
[30]Malcolm Bradbury, *Dr Criminale*. Harmondsworth, Penguin, 1992 , pp 27 - 28.
[31]*Apud* Lionel Trilling *et al.*, "Our Country and Our Culture: A Symposium", *Partisan Review*, 19 de Maio de 1952, pp 282-326, p. 298.
[32]Martha Nussbaum, em "Undemocratic Vistas", *New York Review Of Books*, 5 de Novembro de 1987 - invoca o pensamento de Sócrates para se opor às ideias que, com recurso ao mesmo pensamento, Allan Bloom tinha expresso em *The Closing Of The American Mind* (New York, Simon & Shuster, 1988 ['1987]).
[33]António M. Feijó, *O Ensino Da Teoria Da Literatura E A Universidade*, Braga, Edições da APPACDM Distrital de Braga, 1994, p. 11.
[34]Philip F. Lawler, *Coughing In Ink: The Demise Of Academic Ideals*, sl, Univ Press of America, 1993, p. 38.
[35]*Idem*, pp XIV-XV.
[36]*Idem*, pp XVI-XVII.
[37]Robert Nisbet, *The Degradation Of The Academic Dogma*, New York, Basic Books, 1981, *apud* Philip F. Lawler, *op. cit.*, p.40.
[38]Clark Kerr. *The Uses Of The University*. Cambridge, Massachusetts, Harvard Univ. Press, 1963, p.18.
[39]Robert C. Solomon *et al.*, *Up The University: Re-Creating Higher Education In America*, Reading - Massachusetts, Addison-Wesley Pub. Comp., 1993, pp 11-12.
[40]Clark Kerr. *The Uses Of The University*, apud Philip F. Lawler, *op. cit.*, p.42.
[41]Janice Rossen, *The University In Modern Fiction: When Power Is Academic*, sl., St. Martin's Press, 1993, p. 3.
[42]*Idem*, p. 140.
[43]Malcolm Bradbury, *Eating People Is Wrong*, London, Arrow Books, 1986 [1959], pp 12-13.
[44]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*. London, Arrow Books, 1986 [1965], pp 414-415.
[45]*Idem*, p. 415.
[46]David Lodge, *The British Museum Is Falling Down*, pp 54-55.
[47]David Lodge, *Changing Places*, Harmondsworth, Penguin, 1982 [1975], p15.
[48]*Idem*, p. 25.
[49]David Lodge, *Small World*, p. 3.
[50]Janice Rossen, *op. cit.*, pp 4-5.
[51]David Lodge, *Small World*, p. 59.
[52]Além de aos romances de David Lodge e Malcolm Bradbury, referimo-nos, por exemplo, a Amanda Cross, *Death In A Tenured Position*, (New York, Ballantine Books, 1988 [1981]), e John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor*, (Boston, Houghton Mifflin Comp., 1990).
[53]Ernst Bloch, *The Utopian Function Of Art And Literature: Selected Essays*, trad por Jack Zipes e Frank Mecklenburg, Massachusetts, Massachusetts Institute of Technology, 1988, p. 246.
[54]*Idem*, p. 147.
[55]John E. Kramer, Jr, e John E. Kramer, *College Mystery Novels: An Annotated Bibliography Including A Guide To Professional Series Character Sleuths*, New York e London, Garland, 1983.

[56]A pergunta foi feita a dezoito jovens, alunos de 12°Ano. Só quatro foram capazes de responder.
[57]Stuart Sim, *Beyond Aesthetics: Confrontations With Poststructuralism And Postmodernism*, New York, Harvester Wheatsheaf, 1992, p. 1.
[58]Lambert Zuidervaart: *Adorno's Aesthetic Theory: The Redemption Of Illusion*, Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, 1993, p. XV.
[59]Philip Barker, *Michel Foucault: Subversions Of The Subject*, Sidney, Australia, Allen & Unwin, 1994 [1993], p. 13.
[60]*Idem*, p. 11.
[61]Charles Weingartner, "What Do We Know?", *in* William Lutz (ed.), *Beyond Nineteen Eighty-Four: Doublespeak In A Post-Orwellian Age*, Urbana, IL, National Council of Teachers of English, 1989, pp 29-45.
[62]Philip F. Lawler, *Coughing In Ink: The Demise Of Academic Ideals*, p.158.
[63]Margaret Mead e Rhoda Metraux, *Aspects Of The Present*, New York, William Morrow e Redbook Magazine, 1980.
[64]Charles Weingartner, *op. cit.*
[65]Friedrich Nietzsche, *Thus Spake Zarathustra* (trad. de R. J. Hollingdale), Harmondsworth, Penguin, 1969 [1885].
[66]David Lodge, *Changing Places*, pp 44-45.
[67]*Idem*, p.45-46.
[68]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p.58.
[69]*Ibidem*.
[70]David Lodge, *Changing Places*, p.48.
[71]*Ibidem*.
[72]David Lodge, *Changing Places*, p. 49.
[73]*Ibidem*.
[74]Christopher Lash, *The Culture Of Narcissism: American Life In An Age Of Diminishing Expectations*, New York, Warner Books, 1979.
[75]Martha Nussbaum, "Undemocratic Vistas", *New York Review Of Books*, 5 de Novembro de 1987, s/ menção de página.
[76]*Idem*.
[77]*Idem*.
[78]Philip F. Lawler, *op. cit.*, p. 167.
[79]Charles Weingartner, *op. cit.*, p. 44.
[80]Leslie A. Fiedler, *Waiting For The End*, New York, Stein & Day, 1964, p. 141.
[81]David Riesman *et al.*, "Our Country And Our Culture: A Symposium", *Partisan Review*, 19 de Maio de 1952, pp 282-326, p. 311.
[82]*Idem*, p.312.
[83]*Idem*, p. 313.
[84]Philip F. Lawler, *op. cit.*, p. 164.
[85]Malcolm Bradbury, "Campus Fictions", *in* David Bevan (ed.), *University Fiction*, Amsterdam, Atlanta, Rodopi, 1990, p. 52.
[86]Bernard Malamud, *A New Life*, New York, Farrar, Straus, and Giroux, 1961, pp 220-228.
[87]*Idem*, p. 232.
[88]António M. Feijó, *O Ensino Da Teoria Da Literatura E A Universidade*, p. 29.

[89]Brian A. Connery, "Inside Jokes: Familiarity And Contempt In Academic Satire", *in* David Bevan (ed.), *University Fiction*, 1990, pp 128 - 130.
[90]*Apud* John Higham, "Multiculturalism And Universalism: A History And Critique", *American Quarterly*, Vol 45, N°2, Junho de 1993, pp 195-208, p. 202.
[91]Brian A. Connery, *op. cit.*, p. 130.
[92]David Lodge, "Double Discourses: Joyce And Bakhtin", Alison Armstrong, Pieter Bekker, Richard Brown (eds), *James Joyce Broadsheet*, London, James Joyce Centre, N° 11, Junho de 1983, p. 1.
[93]*Ibidem*.
[94]Malcolm Bradbury, *Rates Of Exchange*, London, Arrow Books, 1983, p. 18.
[95]David Lodge, "Modernism, Antimodernism And Postmodernism", *in* David Lodge, *Working With Structuralism: Essays And Reviews On Nineteenth-And Twentieth-Century Literature* London, Routledge & Kegan Paul, 1981, p. 6.
[96]*Idem*, p.16.
[97]David Lodge, *The British Museum Is Falling Down*, p. 168.
[98]*Ibidem*.
[99]Harold Bloom, *The Anxiety Of Influence: A Theory Of Poetry*, Oxford, Oxford Univ. Press, 1975 [1973], pp 14-16.
[100]David Lodge, *Small World: An Academic Romance*, Epígrafe.
[101]David Lodge, *Small World*, Prologue.
[102]F. N. Robinson (ed.), *The Works Of Geoffrey Chaucer*, Oxford, Oxford Univ. Press, 1968 [1933], p. 17.
[103]Harold Bloom, *op. cit.*, p. 15.
[104]David Lodge, *Small World*, p. 3.
[105]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward* , p. 68.
[106]David Lodge, *Changing Places*, p. 237.
[107]Vladimir Nabokov, *Pale Fire: A Novel*, New York, Vintage Books, 1989 [1962], p. 13.
[108]Alvin Tofler, *apud* Betty Jean Craige, *Reconnection: From Dualism To Holism In Literary Study*, Athens, Georgia University Press, 1988, p. 1.
[109]Christopher Lash, *The Culture Of Narcissism: American Life In An Age Of Diminishing Expectations*, p. 173.
[110]*Ibidem*.
[111]Na acepção em que, em passagem citada no capítulo anterior, Leslie A. Fiedler emprega o termo, em *Waiting For The End*, p.141.
[112]Christopher Lash, *op. cit.*, p. 159.
[113]*Ibidem*.
[114]*Idem*, pp 159-160.
[115]Apollinaire, *apud* Jean François Lyotard, *The Inhuman: Reflections On Time*, trad. por Geoffrey Bennington e Rachel Bowlby, Cambridge, Polity Press, 1991, p. 2.
[116]Adorno, *apud* Jean François Lyotard, *The Inhuman: Reflections On Time*, p. 2.
[117]Jean François Lyotard, *The Inhuman: Reflections On Time*, p. 2.
[118]*Idem*, p. 3
[119]*Idem*, p. 4.
[120]*Idem*, p. 6.
[121]*Ibidem*.
[122]Jean François Lyotard, *The Inhuman: Reflections On Time*, p. 7.

[123]*Ibidem*.
[124]Christopher Lash, *op. cit.*, p. 159.
[125]*Idem*, p. 160.
[126]*Idem*, p. 159.
[127]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 9.
[128]*Ibidem*.
[129]*Idem*, p 10.
[130]*Idem*, pp 11-12.
[131]David Lodge, *Changing Places*, pp 211-212.
[132]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 10.
[133]Nossa tradução da terminologia usada por Roland Barthes em "Introduction To The Structural Analysis Of Narratives", *in* Susan Sontag (ed.), *Barthes: Selected Writings*, (s. l., Fontana Paperbacks, 1983), p. 264.
[134]Malcolm Bradbury, *Eating People Is Wrong*, p. 279.
[135]*Idem*, p. 280.
[136]*Ibidem*.
[137]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 415.
[138]David Lodge, *Changing Places*, p. 245.
[139]Malcolm Bradbury, *The History Man*, pp 222-223.
[140]*Idem*, p. 227.
[141]Malcolm Bradbury, *Rates Of Exchange*, p. 289.
[142]*Idem*, p. 290.
[143]Malcolm Bradbury, *My Strange Quest For Mensonge*, pp 80-81.
[144]*Idem*, p. 87.
[145]*Idem*, p. 88.
[146]David Lodge, *Nice Work*, p. 351.
[147]*Idem*, p. 384.
[148]David Lodge, *Paradise News*, London, Penguin Books, 1992 [1991], p. 368.
[149]Malcolm Bradbury, *Dr Criminale*, p.327.
[150]Definição dada em Patrick Hanks *et al.* (eds), *Collins English Dictionary*, London e Glasgow, Collins, 1979.

PARTE II - *AUTOVISÕES*

II - 1 A Universidade Vista por Si Mesma: Conflitos Internos

> **Here**[1] no tide runs; we have come, last and best,
> From the wide zone, in dizzying circles hurled
> To that still centre where the spinning world
> Sleeps on its axis, to the heart of rest.[2]

O advérbio *here,* enfatizado no extracto de soneto em epígrafe, cuja autoria é atribuída à personagem Harriet Vane, no romance *Gaudy Night*, de Dorothy Sayers, remete para o lugar da *Pax Academica*, em que, aparentemente, nada de drástico acontece. A alegoria da Universidade contida nestes parcos versos retrata a natureza profunda desta instituição de modo bem mais preciso do que o faz a conhecida referência à Torre de Marfim, que é estática. De facto, a paz académica é apenas ilusória: é o lugar de um eixo que só parece parado porque é sobre si mesmo que roda, mantendo inalterável a relação de proximidade ou distância que tem com os outros lugares, o que é sugestivo da proverbial isenção académica; mas o seu movimento real está em relação de perfeita sintonia com o movimento evolutivo, em espiral, de toda uma sociedade. A quietude do lugar académico é só aparente, equivalendo à quietude ilusória do centro de um remoinho; está para a sociedade em geral como o lugar em que uma pedra cai num charco está para o movimento circular concêntrico que em volta se forma na água. Ou, mais propriamente, como o eixo de rotação está para a Terra: o movimento do eixo pode não ser visível, mas é inevitavelmente o mesmo que for o movimento do planeta, podendo entender-se, simultaneamente, como sua causa e seu efeito. Assim, de acordo com o que desde o princípio deste trabalho tem vindo a ser demonstrado, os conflitos internos inerentes à visão que a Universidade revelar ter de si mesma na ficção que tomamos para *corpus* repercutem, com o estatuto

híbrido de génese e consequência, os movimentos fundamentais de toda uma sociedade.

No que respeita à Universidade, a qualidade de *locus* privilegiado é reconhecida a partir do exterior quando, por exemplo, Philip F. Lawler, em relação à frequente atitude de dissidência generalizada e irreverente dos *Scholars*, comenta que: "Nothing is sacred in academe, except academe itself"[3]. Mas é também reconhecida a partir de dentro da própria instituição, constituindo um dos elementos caracterizadores da visão que esta revela ter de si mesma. Ainda que os romances académicos tendam a ser profundamente críticos da instituição universitária, ou, pelo menos, dos membros que a constituem, achamos significativo em extremo, neste contexto, o modo como, no início de cada um dos volumes tomados para *corpus*, o autor ou a autora faz questão de demarcar a sua obra do domínio da realidade, colocando-a, o mais possível, no domínio da ficção - portanto, ao abrigo de interpretações lesivas da credibilidade de qualquer Universidade real, ou de quem a ela pertença. A fórmula consagrada, e sintética, "All of the characters in this book are fictitious and any resemblance to actual persons, living or dead, is purely coincidental" parece não ser suficiente e cede sucessivamente o lugar a:

> The characters in this fiction are total inventions: the university where part of the action takes place is much too improbable to resemble any existing institution; the American state to which the university belongs does not exist, though it has of necessity been set down in an area occupied by other states; and the America of the novel differs in many details of geography, politics law, and customs from the real, as it were original, America.
>
> - *Stepping Westward* (1965);

Although some of the locations and public events portrayed in this novel bear a certain resemblance to actual locations and events, the characters, considered either as individuals or as members of institutions, are entirely imaginary. Rummidge and Euphoria are places on the map of a comic world which resembles the one we are standing on without corresponding exactly to it, and which is peopled by figments of the imagination.

- *Changing Places* (1975);

Since Harvard University, Cambridge, many of the places and some of the people mentioned in this novel exist, it is the more important to declare unequivocally that none of the persons actually appearing in this novel, connected or unconnected with Harvard, bears any resemblance to anyone anywhere. To emphasize the truth of this assertion, particularly in regard to Harvard's English Department, the author states that she has met a very few tenured members of that department and is acquainted with only one, who does not appear in this story. The author has entered Warren House only once, uninvited, to case the joint for the purpose of writing this book.

- *Death In A Tenured Position* (1981); e:

With one exception, none of the persons here celebrated teaches at Harvard or otherwise exists. To Professor McCrimmon I have assigned certain academic tendencies and attitudes which, over the years, I have sought to resist in myself.

The Harvard Faculty Club, recently "gentrified", is described as of the time of this history.

As this book goes to press, the President and the Congress of the United States are contemplating reform as regards Political Action Committees, the PACs. Whatever the outcome, the solution here offered is preferred.

- *A Tenured Professor* (1990).

Poder-se-ia especular sobre as razões por que a fórmula consagrada que existe para demarcar a ficção da realidade não se afigurou suficiente a estes autores, questão que fica parcialmente respondida se considerarmos que, em algumas das obras, a acção se desenrola em Universidades que têm existência, não só real, mas também universalmente conhecida, e que, no mínimo, todas elas foram escritas por autores que são, ou foram, professores em universidades que existem; estes são factores que tendem a tornar duvidosa, na mente do leitor que deles tenha conhecimento, a invocada separação da realidade concreta que os autores alegam. Com efeito, o fio condutor que une os quatro extractos citados é o tom de negociação com o leitor, em que se faz questão de admitir aquilo que não é possível negar, mas se faz, depois, questão de negar todas as implicações que dessa admissão naturalmente decorreriam. Esporadicamente, podem até registar-se cuidados para não implicar terceiros: "The author states that she . . . is acquainted with only one [tenured member of the English Department at Harvard]. The author has entered Warren House . . . **uninvited**".[4]

As manobras de autoprotecção, por parte dos autores, têm ainda mais peso como elemento caracterizador da visão que a Universidade revela ter de si mesma por surgirem nos quatro romances tomados para *corpus* sem que previamente se tenham constituído como critério de inclusão. Revelaram-se, assim, uma feição recorrente num universo que, no que se lhe referia, era aleatório.

Torna-se deste modo óbvio que, não obstante todas as insuficiências de que é acusada, a Universidade exerce um ascendente sobre os que nela

estão afiliados, não sendo, no entanto, possível determinar com clareza quanto desse ascendente se deve a alguma superioridade idealizada no conceito que a instituição representa aos olhos de quem a ela pertence, e quanto desse ascendente não será de natureza intimidatória, interligada com as contingências pessoais dos seus membros, contingências que se prendem com a necessidade de preservação individual.

As imagens da Universidade que transparecem nos romances académicos que tomamos para *corpus* apontam em várias direcções. A Universidade, como conceito, não tem uma correspondência única no mundo concreto. No que respeita às representações desta instituição, o primeiro conflito interno à instituição universitária que surgiria em evidência numa análise da narratologia das obras seleccionadas para o nosso estudo, em que se visasse determinar actantes e oponentes, adviria do desdobramento do conceito de Universidade em exemplos reais de Universidades, que frequentemente se opõem entre si com base em critérios elitistas. Assim, logo em *Stepping Westward* (1965), o protagonista James Walker é abordado por Milligham, que lhe pergunta:

> "Where are you going?" . . .
> "I'm going to a university called Benedict Arnold University."
> "Never heard of it. And I've heard of most of them."
> "I hadn't actually, until they wrote to me. It was headed paper, so I thought they must really exist . . . "
> " . . . I'm playing it safe, going to Yale . . . "[5]

Em *Changing Places* a diferença entre os dois tipos de Universidades coincide com a diferença de nacionalidade das mesmas, e é sugerida através da atribuição à Universidade americana e à Universidade inglesa de nomes com conotações opostas: a primeira é *Euphoria*, a segunda, *Rummidge* - facilmente sugestivo de *rubbish*. A demarcação, positiva ou negativa, mas sempre subjacentemente elitista, das Universidades, por

assim dizer, de primeira classe, ressurge em *Death In A Tenured Position* (1981):

> The conversation, not surprisingly, centered on how absolutely, indescribably horrible Harvard was . . . "But why," Kate asked, not for the first time and not, she suspected, for the last, "did you come here? . . . "
> The answers varied: Cambridge, and its delights. The proximity to Boston with all its other cultural amenities. The name. To be able to say one had gone to Harvard. The conviction that one does not turn down Harvard. Because it is there, like Mount Everest.[6]

No caso de Harvard, a demarcação atinge o próprio léxico; Harvard tem um *Yard*, e não um *campus*, como é comum, e a imagem de quem esquece estas pequenas, mas significativas, distinções, surge negativamente afectada no romance de John K. Galbraith, *A Tenured Professor* (1990):

> . . . for all Harvard men and women [Harvard Yard] is thought a place of great symbolic, nostalgic and liturgical importance; there is something slightly solemn in a reference to the Yard. Once, when speaking there, John F. Kennedy told of his pleasure in being back on the Harvard *campus*. The reaction was severe. It is recognized that busy politicians do not always write their own speeches. But it was considered far from fitting that this should be so starkly confirmed by a Harvard man, along with the obvious fact that he hadn't read over beforehand what he was going to say.[7]

O facto de a pequena mudança de terminologia referida não passar como indiferente revela a preocupação em preservar uma diferença que,

apesar de todas as críticas, continua a identificar uma superioridade de estatuto; conforme, em *Death In A Tenured Position*, a personagem Kate Fansler diz claramente a Janet Mandelbaum:

> There are those who would think you should be on top of the world. After all, it's quite an achievement, isn't it, to be a professor at Harvard? You've accomplished the highest, at least in the world's view, in the academic marketplace."[8]

O elitismo, sob várias formas, é, de facto, uma marca da autovisão do universo académico, e contribui para o refinamento da consciência da identidade através da criação, ou do reconhecimento, de situações de alteridade, em certos casos, tão subtis, que podem ser internas à própria instituição.

Das situações de alteridade dentro do mundo universitário, uma das que se afigura, apesar de tudo, menos subtil, é a que diferencia a instituição académica americana da inglesa, inferiorizando a primeira pela denúncia, e ridicularização, das tentativas de assumir modos europeus, mais sofisticados; é o que acontece em *Stepping Westward* (1965), em que é posta a ridículo a própria arquitectura da Universidade, que tenta imitar estilos e exemplos europeus, e em que o protagonista James Walker, escritor inglês, observa que no bar do *Faculty Club* da Universidade americana de Benedict Arnold: "an elegant student in a white shirt and a string tie was pouring beer cans into glasses."[9] A acusação implícita de inferioridade na cultura americana, mesmo na sua versão académica, toma forma através da ridicularização do modo de falar dos Professores, e, ainda, do próprio pragmatismo americano, quando aplicado aos *curricula* universitários, pragmatismo esse que leva à inclusão de disciplinas como "creative writing":

> "What are the creative writing courses like here?" asked Walker.
>
> "The usual kind of thing."
>
> "What's the usual kind of thing . . . we don't have creative writing in English universities."
>
> "Oh, that's right," said Bourbon ". . . Well, the graduate course is writing pomes [sic] and novels. Plays are Drama and Theatre Arts; you don't touch plays. Pomes, well, tell'em how to write pomes."
>
> "Just in the graduate course?"
>
> "Well, undergraduates, you have to go more careful there," said Bourbon . . . "That's more manuscript mechanics and Typin' and the blessin' of creativity."[10]

Do ponto de vista da qualidade do romance académico como documento para análise cultural, é sintomático que esta atitude elitista do mundo académico inglês face ao americano tenha desaparecido em obras posteriores, ou tenha, mesmo, cedido o lugar a uma perspectiva, de certa forma, inversa: em *Changing Places*, publicado dez anos depois, no que respeita à capacidade de consecução dos objectivos, a Universidade inglesa parece ver-se a si mesma como débil e amadora, em contraste com a proficiência americana.

De um modo geral, no universo destas narrativas, a feição elitista da caracterização do académico é reconhecida pelas próprias personagens: em *Changing Places*, de entre os três canais de entretenimento musical disponíveis a bordo do avião que leva o inglês Philip Swallow para a América, este protagonista declara-se: "Culturally conditioned to choose the Bartok"[11], cedendo, depois, à tentação de mudar para Muzak e ouvir *These Foolish Things*. Por sua vez, o americano acaba por subscrever a teoria primeiro apresentada como chocantemente primária, e ingénua, de que, em matéria de produção literária:

> The best kind of story is the one with a happy ending; the next best is the one with an unhappy ending, and the worst kind is the story that has no ending at all. The novice is advised to begin with the first kind of story. Indeed, unless you have Genius, you should never attempt any other kind.[12]

"You've got something there", comenta Morris Zapp, e explicita: "Maybe such straight talking wouldn't hurt the students in English 305 after all, lazy, pretentious bastards, most of them . . . "[13] A atitude elitista pode, assim, conter significativa parcela de autocrítica, e expor-se a si mesma, no que respeita às suas insuficiências e falta de genuinidade.

Em *Death In A Tenured Position* o elitismo assume a feição de um circuito fechado, simbolizado de modo emblemático pelo facto de o livro, de uma autora académica (Amanda Cross, pseudónimo da Professora Carolyn G. Heilbrun), ter sido dedicado por esta a outra autora académica, May Sarton. Trata-se, além do mais, de um circuito fechado elitista, relacionado com aspectos da demarcação entre classes, que leva Kate Fansler a considerar que à entrada para a Universidade: "one is lonely and excluded unless one is very smart, very rich or very secure"[14]. Se no meio universitário os critérios de inclusão são híbridos, estando prevista a possibilidade de substituir o critério da riqueza material (que preside à divisão entre classes socioeconómicas), por outros critérios como o da inteligência, ou mesmo o de se ter uma personalidade suficientemente segura de si para compensar a falta desta, não passam, por isso, a ser menos reais. A extracção social "certa", a inteligência, ou a força de carácter, tendem a culminar, em alternativa ou cumulativamente, nesse *knowledge* que, em *Death In A Tenured Position*, demarca o universo académico dos outros. A Clarkville, que tenta esconder, também dos

colegas, as verdadeiras circunstâncias da morte, por suicídio, de Janet Mandelbaum, contrapõe Kate Fansler: "A few people with knowledge are better at concealing certain facts than more people with no knowledge blundering about, and they *will* come blundering about . . . "[15]

"They", os destituídos de conhecimento que, nas palavras da autora, virão "blundering about" (note-se a conotação pejorativa da expressão) serão não só a polícia como, eventualmente, também os agentes dos *mass media*; em resumo, o mundo exterior, de que, na narrativa de Amanda Cross, o mundo académico precisa proteger-se.

Em *A Tenured Professor* (1990), de J. K. Galbraith, a autovisão elitista da Universidade é recorrente, materializada em episódios como aquele em que se apresenta McCrimmon opondo-se à venda dos interesses financeiros da Universidade na África do Sul, venda que evitaria que a Universidade continuasse a ser acusada de dar apoio indirecto ao sistema de *apartheid*: "Aren't we just shedding a problem of our own and giving it to someone who doesn't have our sense of responsibility?"[16] - considera o Professor McCrimmon, escudando implicitamente num conhecimento superior esse sentido de responsabilidade que se auto-atribui, ou atribui à instituição a que pertence.

No entanto, a *autovisão* elitista e a postura de autoprotecção são muitas vezes subvertidas pelos próprios que as assumem e, na mesma obra, são denunciadas as estratégias pelas quais frequentemente se constrói a aparência de conhecimento no mundo académico:

> Never forget, dear boy, that academic distinction in economics is not to be had from giving a clear account of how the world works. Keynes knew that; had he made his *General Theory* completely comprehensible, it would have been ignored. Economists value most the colleague they

> most struggle to understand . . . And anyone who cannot be understood at all will be especially admired.[17]

Em contraste com a feição elitista que tem vindo a ser analisada, a desmistificação do conhecimento académico é, assim, também feição recorrente no modo como a Universidade se vê a si mesma. Em *Stepping Westward* (1965), as referências à inutilidade do saber académico chegam a ser tão exageradas que assumem traços de caricatura, mesmo no que diz respeito a Universidades de grande prestígio:

> In the line at the immigration desk, someone behind [James Walker] was talking in a supercilious accent about the provinciality of modern Cambridge: "Actually the only way I got anything out of the University at all was talking to the girls on the tinned goods counter at Sainsbury's."[18]

O traço caricatural negativo serve também a acusação de pedantismo no modo de assumir o conhecimento, por parte dos *Scholars*:

> In a corner by the door a bald American was apparently holding an informal seminar on Pasternak; he could be heard saying, "It may be panoramic, but the basic structure is a set of simple clusters or rather central events or discoveries around which the characters are drawn together in an unrealistic and stylized way. No?"[19]

A inutilidade e o pedantismo que a Universidade mostra ser capaz de reconhecer em si mesma através de indicadores como os que apontámos são acusações que, a um nível mais profundo, recaem principalmente sobre o sector das Humanidades, cuja drástica redução de funções numa

sociedade como é, presentemente, a americana, é tratada em *Stepping Westward* com sarcasmo:

> Here we are in America. A pluralistic society where nothing is not allowed. Everybody goes his own way. But we have to teach them grammar. What do you say on its behalf? 'Grammar is what you feel good after. And our sermon today is on the rewards of the good grammatical life. Live grammatically, and all shall be open to you. Your employer will appreciate the clarity of your memoranda, or other kinds of report required in business" . . . wait until later in the year. You'll feel a really fulfilled person when you call up one of your students on the telephone, to ask her for a date or something, and she answers: 'This is she speaking.' That's the day when it all comes right." . . .
> "Go out in the world and do what you will, so long as you use collective nouns correctly, is that what you say?" asked Walker.
> "What else?"[20]

O estilo adoptado na passagem indica que o ensino de uma pequena área de conhecimento de utilidade objectiva, mas limitada, se substitui à vocação de mentor moral que a Universidade, na área das Humanidades, não tem tido.

Na abordagem do romance académico como documento para análise cultural é de especial importância o significado de episódios que são periféricos em relação à acção central da narrativa, funcionando, não como funções, mas como índices, ou seja, na terminologia de Roland Barthes em *Introduction To The Structural Analyses Of Narratives*, unidades de significação que se referem:

> not to a complementary and consequential act but to a more or less diffuse concept which is nevertheless necessary to the meaning of the story . . . In order to understand what an indicial notation 'is for', one must move to a higher level . . . indices . . . are truly semantic units: unlike "functions" (in the strict sense), they refer to a signified, not to an "operation"[21]

É este significado (que dá sentido à acção principal da narrativa, mas que lhe é exterior) que é especialmente relevante em análise cultural. Ainda em *Stepping Westward*, é através da introdução, na narrativa, de episódios de natureza não funcional, mas indicial, como aquele que se segue, que se faz transparecer a dura realidade da situação das Humanidades:

> Mr Jabolonski's question was why literary guys had to be so confusing. "Why do they have to make everything so difficult? Why don't they just accept things the way they are?"
>
> "What is it John Stuart Mill said?" "It is better to be a human being dissatisfied than a pig satisfied; better to be a Socrates dissatisfied than a fool satisfied'"
>
> "Well, I can't stand these guys who question everything," said Mr Jabolonski.
>
> "You like yourself as you are?"
>
> "That's right," said Jabolonski. "I'd be crazy if I didn't. I didn't come to university to improve my *mind*, Mr Walker. I came here to, duh, train me for a job. That's what you guys don't realize. . . "[22]

Na "Contextualização Histórico-Cultural do Subgénero Literário do Romance Académico" que integra a Parte I deste trabalho foi tratado com algum relevo o confronto entre o idealismo primordial da instituição universitária e o pragmatismo, que se assume como prioridade na sociedade actual. A acusação de inutilidade frequentemente dirigida ao saber

académico, que no presente capítulo é analisada em pormenor, por ser um dos aspectos evidentes na visão que a Universidade revela ter de si mesma nos quatro romances que constituem o *corpus*, radica-se, na maior parte dos casos, na convicção de que a sua aplicação prática é de pouca relevância. Note-se, a propósito, a ironia malévola com que, em *Changing Places* (1975), o narrador finge fazer justiça aos talentos de Philip Swallow:

> There was one respect alone in which Philip was recognized as a man of distinction, though only within the confines of his own Department. He was a superlative examiner of undergraduates: scrupulous, painstaking, stern yet just. No one could award a delicate mark like B+/B+?+ with such confident aim, or justify it with such cogency and conviction . . . His own papers were works of art on which he laboured with loving care for many hours, tinkering and polishing, weighing every word, deftly manipulating *eithers* and *ors*, judiciously balancing difficult questions on popular authors with easy questions on obscure ones, inviting candidates to consider, illustrate, comment on, analyse, respond to, make discriminating assessments of or (last resort) discuss brilliant epigrams of his own invention disguised as quotations from anonymous critics.[23]

Much ado about nothing, é a expressão que, algo injustamente, ocorre de imediato, ao considerarmos a expressão de tanto talento e trabalho conducente a resultados práticos, comparativamente, tão modestos.

A esterilidade académica é uma preocupação comum na visão que a Universidade mostra ter de si mesma, visão para a qual, naturalmente, contribui também a consciência que a mesma Universidade tem do modo como é vista pelos outros. Em *Death In A Tenured Position* (1981), Bill observa o espólio de Janet Mandelbaum, Professora da Universidade de Harvard, que se suicidou, e comenta sobre o conteúdo da sala, que está

forrada de estantes cheias de livros: "Look at all these books, . . . They don't seem to have helped her much, do they?"[24] Sobre este comentário faz-se ouvir a voz da autora-narradora, no papel de expressar a perspectiva de Kate Fansler: "She had often noticed that when people with large libraries fall into trouble, the fact that the books had not risen en masse to help them always seemed to give those without books comfort."[25]

Na obra de Amanda Cross esta observação não é aprofundada nem tem sequência, mas aponta para o facto de a natureza do conhecimento livresco, que coincide em larga medida com o conhecimento académico, tender a ser entendida, alternativamente, como inócua/inútil, ou como ameaçadora. No comentário de Bill coexistem, implicitamente, as duas atribuições de significado; é fácil descodificá-lo no sentido de que os livros não só não vêm em auxílio de quem os possui, como podem, mesmo, contribuir para a sua ruína. Trata-se de mais um aspecto relevante para determinar a visão que a Universidade tem de si mesma, porque, como já foi dito, dessa autovisão faz parte integrante a consciência do modo como é vista pelo mundo exterior.

Mesmo dentro da própria instituição universitária, o entendimento da natureza do conhecimento académico oscila, frequentemente, entre a ideia da inocuidade (eventualmente, inutilidade), e a ideia de ameaça ou perigo, registando-se, entre estes dois pólos, a tendência para se procurar segurança, pessoal e institucional, na vertente da sua inocuidade.

No caso de *A Tenured Professor* (1990), de John Kenneth Galbraith, a questão da aplicabilidade do conhecimento académico é precisamente o tema central, que move toda a acção da narrativa. Marvin é um jovem economista que, através da sua pesquisa académica, descobriu que a economia americana estava a ser movida por investimentos baseados num optimismo que, sujeito a análise, revelava ser contra toda a lógica; passou,

então, a estudar companhias, consórcios bancários e empresariais, e a definir-lhes, em cada caso, um índice de irracionalidade nas expectativas. O que transporta a narrativa da imitação da realidade para os confins do mundo da ficção é o facto de, a partir deste ponto, a personagem Marvin passar a investir as suas poupanças pessoais de acordo com os resultados da pesquisa académica que leva a cabo, assim galgando o fosso, habitualmente intransponível, entre as verdades académicas e as verdades úteis. O espanto do narrador é claramente expresso: "That a young professor might be using his own resources to test his personal theories of human behaviour was unprecedented in academic life"[26]. A adopção desta atitude, sem precedentes porque demasiado arriscada para as finanças pessoais, despoleta um conflito de tensões que, ainda que apenas no domínio da ficção, põe a descoberto o facto de o conhecimento académico se poder também refugiar na inutilidade com o intuito de preservar a segurança pessoal de quem o possui:

> "I like economics," said Marvin, "especially the technical side. But perhaps I can also do some good in the world."
>
> "Excellent," said Professor Grierson, "but watch that business about doing good. It's fine in principle, but a smart economist sticks to his knitting. So stick to it. Don't get diverted by a lot of political and public activities. That sort of thing has taken a good many economists down the tubes. Some in other fields too. Look at Kissinger. It's more than enough to be a good scholar . . . your influence should be through your writing."[27]

O conselho do Professor Grierson relaciona-se de perto com o interesse em preservar uma imunidade quase completa, não saindo dos moldes da postura académica tradicional. À introdução desta problemática na narrativa, através do diálogo de que citámos, não será alheia a

consciência que o autor decerto tem, de que a imunidade académica é questionável em termos éticos no caso dos Professores que, ao abrigo da instituição, tomam posições radicais na sociedade, tendo o cuidado de manter-se apenas no domínio teórico, que, em termos pessoais, apresenta poucos riscos. Trata-se de uma crítica que é, por exemplo, veiculada de modo contundente, por Philip F. Lawler:

> Radical political thinkers flock to academe in terrific numbers, and for evident reasons. Inside the Ivory Tower, the professor can rail against the capitalist system without facing the consequences of his thoughts. He can shout all day about the inequities of privilege, and then wander home to his comfortable evening with the books. He can rail against the rich and against wealthy institutions, while wealthy parents paying tuition support him in his job at an elite institution. He can become an expert about oppression without even undergoing oppression himself. With a minimum of danger, he can preach revolution - even become a revolutionary hero - without risking his own creature comforts. Safe behind his podium at his desk, safe behind the smokescreens of tenure and academic freedom, he can urge other people to make the necessary sacrifices for political upheaval . . . [28]

Poderia argumentar-se que, no cômputo geral, a imunidade do *Scholar* para tomar as posições que só pela falta dessa imunidade outros não tomam é um sinal de saúde política, e, funcionando como elemento catalisador da mudança social, materializa, no seio de toda uma sociedade, a capacidade de se moderar e de se autocriticar. A validade deste argumento não obsta, no entanto, a que faça parte do modo como a Universidade se "autovê" a, neste caso, má consciência que tem do modo como é vista pelos sectores da população que não gozam dos mesmos privilégios. Deve notar-se que o abuso da imunidade académica no assumir

de um radicalismo que comporta, para terceiros, riscos pessoais, chega a informar romances académicos completos, como é o caso flagrante de *The History Man*, de Malcolm Bradbury, publicado em 1975.

Em questões de outra natureza, mais alguns indicadores apontam para a generalidade da interpretação segundo a qual o conhecimento académico, quando não é inútil, é frequentemente perigoso ou ameaçador:

> McCrimmon . . . continued: "A breakthrough, you say? If it's in economics, at least it can't be dangerous. Nothing like gene engineering, laser beams, sex hormones or international relations. That's where we don't want any breakthroughs".[29]

O facto de o conhecimento académico poder constituir uma ameaça, tanto para aquele que o possui como para terceiros, constitui um impedimento à sua aplicação, que, no entanto, não é o único: as concepções simultaneamente idealistas e elitistas da profissão académica impedem que, dentro dos seus parâmetros, se procurem para o saber aplicações dirigidas especificamente à obtenção de vantagem material. Em *A Tenured Professor* (1990), a voz do narrador, ao transmitir as cogitações de Marvin sobre os possíveis resultados práticos da sua descoberta, toca de modo difuso o ponto do desconforto de natureza ética que, para o *Scholar,* constitui a procura de lucros individuais:

> Arbitrage would be possible as between irrationality and reality. If one invested in opposition to irrationality, money - **again that forbidding word** - could be made when reality asserted itself.[30]

O desconforto referido prende-se com a vocação primordialmente idealista da instituição universitária. No entanto, a aplicação do conhecimento académico à procura de lucros individuais é excepcionalmente, nesta narrativa, o tema central, e gera tensões que culminam em pontos de ruptura pelos quais se vão pondo a descoberto as incoerências no interior desta ética profissional e da própria imagem que a Universidade faz por assumir. Significativamente, o livro de Galbraith termina com aquilo a que, de um modo relativo, se pode chamar a queda em desgraça do protagonista, cujas operações financeiras, baseadas na descoberta do índice de expectativas irracionalmente optimistas das empresas, acabam por ser condenadas pelo governo federal como anti-americanas; segundo alegam os auditores de Marvin, o sistema americano funda-se sobre o optimismo e a euforia, e as manipulações desta personagem, ainda que realistas e baseadas em critérios comprovadamente objectivos, precipitam a queda dos mercados financeiros. Toda a acção em *A Tenured Professor* ilustra o princípio de que, se o conhecimento académico, mantido no domínio da teoria, peca por ser inútil, o mesmo conhecimento, levado à prática, passa facilmente a constituir uma ameaça. O desfecho de *A Tenured Professor* corrobora também a ideia de que a procura do lucro pessoal, que é o objectivo da maior parte das actividades, está normalmente vedada à actividade do *Scholar*. Em compensação, a instituição universitária oferece aos que nela se abrigam um grau de segurança, apesar de tudo, invejável: depois do descalabro financeiro, que envolve o veto às suas actividades e a obrigação de repor somas avultadas, Marvin, à última página do livro, é abordado por McCrimmon, que lhe lembra, como consolação: "Anyway, you still have tenure. I hope you remember that I told you to get that first."[31]

A exclusão do objectivo do lucro pessoal não impede, no entanto, que se registem, nos romances que constituem o *corpus*, tentativas de outro tipo,

de reverter a proverbial inutilidade do saber académico. No caso das Humanidades, em que a inaplicabilidade do conhecimento dentro dos parâmetros de uma sociedade de valores pragmáticos se encontra, como tem sido referido, aumentada, surge como modo de reverter essa inutilidade a colocação da ênfase sobre o ensino do uso da língua para fins específicos, em detrimento, se necessário, do ensino da literatura, como se regista em *Stepping Westward* (1965):

> A lot of folks who come here from Europe think that literature has a kind of status in its own right, but I don't mind admittin' to you I think they got a case, but it ain't an easy case to present always. But tell the U that you're teachin' scientists to talk to one another and teachin' business majors to write memos and reports and they listen to you, because they know it's important.[32]

O autor de *Stepping Westward*, Malcolm Bradbury, é inglês, e na passagem citada transparece a existência de um choque cultural, através da distanciação que o narrador implícito assume ao chamar a atenção para a demasiada informalidade, ou mesmo para a "deficiência" de uso da língua num contexto académico, por parte do interlocutor americano (atribuindo-lhe, nomeadamente, o uso de *admittin'* em vez de *admitting*, e o recurso repetido à versão *teachin'* para a palavra *teaching*).

O facto de, nesta ficção, a Universidade americana ser a que se revela pioneira em subscrever a tentativa de reverter a inutilidade do conhecimento académico, pondo-o ao serviço de actividades de reconhecido valor prático, coincide com a perspectiva que, sobre o mesmo assunto, é apresentada em 1981, numa outra das obras que integram o *corpus*, *Death In A Tenured Position*:

> "I asked you to come and see me, Kate," John Cunningham said the next day, "because those detectives you urged me to hire have found some evidence . . .I hope . . . you're going to think it's worth the money. Anyway, they're a good firm. One of the operators we used, believe it or not, used to be a professor of philosophy, complete with Ph.D. He decided to live instead of thinking about life."[33]

Deve notar-se que, nesta passagem (que remete para a tendência, no presente subgénero, para a atribuição de capacidades de detective ao Professor ou *Scholar*, tendência que registámos no segundo capítulo da Parte I) não será por acaso que não se encontra, a par da proposta do uso do conhecimento académico para fins de ordem pragmática, a atitude implicitamente depreciativa que na passagem imediatamente anterior, de autoria inglesa, toma a forma da atribuição de insuficiências no uso da linguagem de quem a subscreve. Pode o facto ser explicado tanto pelo hiato de dezasseis anos que decorreu entre a publicação de uma obra e a da outra, hiato durante o qual a concepção do saber universitário se terá flexibilizado, como pelo facto de a citação que apresentámos de *Stepping Westward* corresponder à visão da Universidade americana pela Universidade inglesa, enquanto que a passagem de *Death In A Tenured Position* corresponde à visão da Universidade americana por si mesma. São estes conflitos de interpretação, resultantes do reconhecimento de diferenças mesmo no seio da instituição universitária, que aguçam a percepção que a Universidade tem de si mesma. A natureza de sintoma cultural do romance académico revela-se, em todo o caso, constante, tanto em análises gerais de conteúdos como em análises textuais específicas, numa abordagem mais próxima de *close reading*, como a que se tentou efectuar.

Constituindo-se, em primeira análise, a procura e transmissão do conhecimento como função da Universidade, é compreensível que a preocupação de equacionar a natureza do conhecimento académico seja central à caracterização que esta instituição toma aos seus próprios olhos. As diferentes formas como o conhecimento, dentro da instituição universitária, é olhado (elitista/fraudulento/inútil/inócuo/perigoso/ameaçador) assumem-se como transformações alternativas, indirectamente catalisadoras da acção num programa narrativo inicial, a que está subjacente a versão idealista do que o conhecimento adquirido e transmitido na Universidade deva ser. Idealmente, o conhecimento académico não conhece filiações políticas e alianças a partidos ou *lobbies*; recusa, antes, todos os fanatismos e dogmas. Este é o conceito que subsiste e, espera-se, continuará a subsistir na Universidade do presente, expressamente subscrito, tão recentemente como em 1996, por exemplo, pelo Professor *Sir* John Daniels, reitor da *Open University*, em Inglaterra, por ocasião do discurso que proferiu na sessão em que lhe foi atribuído o grau de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Aberta, em Lisboa:

> Durante quase um milhar de anos, as universidades têm representado alguma coisa muito importante: o modo académico de pensar. Esse modo de pensar, que se baseia no raciocínio, na argumentação, na investigação e na análise dos dados, está em marcado contraste com o modo de pensar ideológico, que começa num dogma e não permite debate fora desse dogma. A Universidade . . . tem apenas um dogma. É o simples dogma de que o conhecimento é importante. E esse dogma é a base do modo académico de pensar. Acredito que o modo académico de pensar é a maior dádiva da Europa ao mundo. E peço aos doutorados de hoje que levem a sério o seu papel como herdeiros dessa tradição.[34]

A isenção, imparcialidade e objectividade decorrentes desta postura continuam a ser objectivos de alto teor idealista, que só por si justificariam a existência da Universidade de hoje, como instituição. No entanto, nas palavras do Professor *Sir* John Daniels, a Universidade, que de ordinário recusa todos os dogmas, também subscreve um: o dogma de que o conhecimento é importante. A atitude em relação ao conhecimento que, nos romances académicos sob escrutínio, se torna manifesta, consiste precisamente na subversão última, que é a deste dogma: na autovisão, e autocrítica, da Universidade, que no romance académico se realiza, com frequência se põe a descoberto o facto de que, muito em contradição com o único dogma académico, nem todo o conhecimento é necessariamente importante. Assim, no documento de análise cultural que o romance académico é, manifesta a Universidade a sua natureza profunda, mais radicalmente do que na vida real é possível fazer: ao contrário do que encontramos, por exemplo, no discurso do Professor *Sir* John Daniels, nos romances académicos que constituem o *corpus*, verificamos que a Universidade eleva à última potência a sua vocação primordial para a isenção e o desassombro, subvertendo até o dogma que lhe serve de alicerce e lhe justifica a existência - e denunciando, a cada passo, os casos em que o conhecimento, em vez de ser importante, é inútil, pretensioso e potencialmente ameaçador para a vida humana. Na própria autovisão revelada da instituição que lhe está na origem, se constitui o romance académico como microcosmo, em que os sintomas culturais se encontram mais fáceis de detectar, porque exacerbados.

Por parte da Universidade, esta autovisão autocrítica denota marcada reflexão sobre si mesma, reflexão a que subjaz o pendor idealista, em constante choque com os condicionalismos do real concreto, que há muito deixou de ser possível ignorar. Logo em *Stepping Westward* (1965), a personagem James Walker, ao avaliar do dilema do escritor (figura que, na economia da narrativa, representa o expoente máximo do *Scholar*, em

termos de liberdade académica), denuncia: "We know too much; we know the falsity that lies behind our professions"[35]. Esta falsidade denunciada remete para o facto de que uma das marcas predominantes do universo académico, na sua própria autovisão, do modo que nos é revelada nas quatro obras que constituem o *corpus*, é a da assunção contínua de um idealismo sem objecto ideal. Para a personagem James Walker, o dilema do escritor deixou de ser a escolha em relação a uma atitude de responsabilidade ou irresponsabilidade no que respeita a promover, pela escrita, o conceito de *good living*, porque esse conceito se esboroou, nomeadamente na América: "It's a moral supermarket. The trouble is I get so confused, I decide to buy nothing at all."[36]

De facto, o ideal da procura da vida ética só poderia ter continuado a ser central à vocação da Universidade, na área das Humanidades, se entretanto não tivesse surgido a confusão pós-moderna. Por sua vez, o ideal da busca objectiva e desassombrada do conhecimento subsiste, mas, na prática, esta procura está frequentemente rodeada dos já apontados *handicaps* de pretensiosismo, inutilidade ou perigo.

Apesar de tudo, o idealismo académico persiste, à procura do seu objecto. E esta falta de objecto para o qual se canalize a tendência idealista está com toda a probabilidade na origem de se organizarem estas narrativas de um modo em que, tendencialmente, o idealismo não é colocado na Universidade, mas num *Scholar*; gera-se, assim, um eixo de tensão interactiva entre o indivíduo e a instituição que disfarça a inexistência do terceiro elemento, que deveria materializar-se num objectivo para o ideal. Nas obras em que se centra o nosso estudo, é este um modelo que começa por encontrar-se em *Stepping Westward* (1965), e que se repete, de forma mais moderada e difusa, em *Changing Places* (1975) e *Death In A Tenured Position* (1981). Em *A Tenured Professor* (1990), cujo autor, John Kenneth Galbraith, sendo economista, se posiciona, do ponto de vista da formação, a

menor distância das Ciências Exactas, surge uma alternativa a este padrão. Muito embora se gere alguma tensão entre o idealismo do domínio do individual (nesta obra representado por Marvin) e o domínio do institucional (representado pela Universidade de Harvard), não deixa de haver objecto ideal a conseguir; este toma a forma da aplicação de fundos financeiros pessoais (conseguidos através da aplicação de pesquisa científica) à promoção de causas da agenda liberal: nomeadamente, iniciativas no sentido de encorajar a igualdade de estatuto e possibilidades de emprego da condição feminina, de diminuir a corrida ao armamento, de promover a verdadeira democracia, subvertendo a situação de vantagem indevida de certos *lobbies* políticos e empresariais. Marvin toma conhecimento dos trabalhos de um movimento de nova geração, de estudos de crítica do Direito, colocando-se a questão se:

> . . . the law, so perceived and so revered, might not be the guardian and protector of privilege - of those whose power or pecuniary interest was favored by precedents and theses and by laws and legal decisions.[37]

A partir daí, Marvin decide financiar aquilo a que chama "Political rectitude Committees"[38]:

> If a legislator took money from a Political Action Committee, his or her opponent in the next election would get the same amount, maybe even a little more, from a committee supported by Marvin's financial enterprises. Taking PAC money, a member of congress would thus subsidize his or her own opposition.[39]

Em *A Tenured Professor* (1990), o percurso de interveniência social do *Scholar* é utópico, constituindo, no cômputo geral, um devaneio de que se acorda no final da narrativa. Serve, no entanto, para revelar o alcance potencial do idealismo académico, e alerta-nos para o facto de, na própria visão que a Universidade revela ter de si mesma nas narrativas que seleccionámos, tender o vector idealista a perder consistência nos romances de autores ligados exclusivamente à área das Humanidades, por falta de objectivo a que se aplicar, ou por falta de viabilidade prática - ao passo que, ainda que por caminhos ínvios, o mesmo vector idealista parece ressurgir e ganhar estrutura no único romance do *corpus* cujo autor tem alguma ligação a Ciências mais exactas; deve-se isto, possivelmente, ao facto de, apesar de todos os compromissos de necessidade, estas ainda poderem apresentar alguma viabilidade prática para o idealismo institucional, ou ao facto de, tendo estado mais afastadas do debate de ideias que levou à desagregação e da subversão de valores no período pós-moderno, as Ciências Exactas se colocarem a si mesmas menos dúvidas sistemáticas sobre a validade dos objectivos por que pugnar.

Da imagem que a Universidade assume aos seus próprios olhos faz ainda parte a indicação geral de precariedade, no que respeita a situação financeira e, em contrapartida, a par desta precariedade, também a indicação, ou mesmo a acusação frequente de auto-complacência, manifesta, por exemplo, numa legitimação por vezes excessiva do lazer. Às referências a limitações de ordem financeira, nem a própria Universidade de Harvard escapa. No livro de Amanda Cross, Kate Fansler é convidada a passar algum tempo nesta Universidade, mas é-lhe explicado de imediato em que termos essa estadia é possível:

> In fact, they can't give nearly as many fellowships as they'd like, but if you come, as the English say, with the honor but

> without the emoluments, they'll find you a study, give you a mailbox, call you a Fellow . . . [40]

Na narrativa de John Kenneth Galbraith encontra-se referência a uma progressiva perda do poder de compra por parte dos professores de Harvard:

> [Brattle Street] houses, most of them built in the eighteenth and nineteenth centuries, owe their interest almost entirely to their size. Each was designed on a grander scale than the one before . . . Years ago these vast dwellings were home to the literary and social elite of the United States, including, besides Longfellow, numerous professors at Harvard . . . Not for some time, however, have Harvard professors dependent on their salary been able to afford these mansions.[41]

As próprias dependências da Universidade são caracterizadas em termos que denotam o contrário de afluência, ou o desdém pela ostentação da afluência: "The room and the furniture are unatractive and give the impression of having been shabby even when new"[42], diz o narrador de *A Tenured Professor*, referindo-se às instalações do *Harvard Faculty Club*.

A falta de riqueza material ou a recusa da ostentação da riqueza material caracterizam a profissão académica e, com algumas variações, caracterizam também os lugares em que tal profissão é exercida. Este desprendimento dos valores materialistas encontra compensações, ou contrapartidas, nas frequentes sugestões de ser a profissão académica menos exigente, e de permitir a quem a segue uma vida de maior lazer do que é costume encontrar-se ao seguir qualquer outra profissão, dada a ética do trabalho e da produtividade vigente na sociedade em geral. Em *Stepping*

Westward, esta atitude auto-complacente encontra-se subscrita até por quem dirige a instituição:

> The previous president, an easy, rotund spirit who had reached the post internally through a simple willingness to take on any administrative duties enabling him not to teach, had always spoken of the great virtue of a university as being the context of leisure it provided - for thought, for disinterested study, for afternoon naps.[43]

O conteúdo da passagem que citámos corrobora, a partir de dentro da Universidade, a opinião que Philip F. Lawler veicula, assumindo a postura de quem vê a partir do exterior:

> The teaching profession is attractive for its own rewards; most professors have a fairly easy life . . . The professor's independence is unmatched . . . Ordinarily professors have wide latitude in designing the content of their own courses, so that they may avoid the areas that bore or trouble them. Thus the typical professor spends perhaps ten hours a week performing required duties, many of which he designates for himself; his remaining working hours are entirely at his own disposal. Not a bad schedule, by any normal criteria.[44]

A situação descrita afigura-se utópica, pelo menos no caso presente das Universidades portuguesas. No caso das Universidades inglesas e americanas, que informam o conteúdo dos romances académicos, não é infrequente que as acusações de auto-complacência, mais do que capacidade de autocrítica, revelem conflitos de interesses entre os seus membros: "So they gather in the bright light of the Ocean Terminal and then go abroad - professors and lecturers who have fought all year for

sabbaticals no one felt they deserved"[45]. A auto-complacência académica em foco afecta não só o corpo docente como o discente, cuja ignorância chega a ser apresentada de modo caricatural:

> . . . we don't impose strict entrance requirements on in-state students. Fact is, almost any student who has the gumption to actually find out where the U *is* is admitted. Well, I'll tell you, some of these kids, I mean, they're all good kids, but they've not had the schoolin'. Some of ' em can hardly write their names in the dust with a stick.[46]

A sugestão que fica, de que a auto-complacência, como marca do académico, pode atingir níveis que tornam fraudulenta a actividade da instituição, não é, de modo algum, exclusiva a *Stepping Westward*. Em *Changing Places* deparamo-nos com um episódio em que Morris Zapp manifesta a sua estranheza por Gordon Masters, que nunca tinha publicado nada, ser director de departamento, e obtém como explicação:

> Gordon was extraordinarily young, of course, to get the Chair. But the Vice-Chancellor in those days was a huntin', shootin', fishin' type. Took all the candidates down to his place in Yorkshire for a spot of grouse-shootin'. Naturally Gordon made a great impression. Story goes the most highly qualified candidate had a fatal accident with a gun. Or that Gordon shot him. Don't believe it myself.[47]

O episódio é alegórico da falta de objectividade nos critérios que podem presidir aos recrutamentos para cargos académicos. De novo, mais do que um exemplo real de autovisão, esta caricatura quase grotesca do modo como pode ser seleccionado um director de departamento pressupõe, no universo da ficção ou na realidade que lhe é exterior, a possibilidade de

existência de susceptibilidades individuais feridas que encontram a sua expressão na produção literária.

Pelo contrário, em *A Tenured Professor*, de John Kenneth Galbraith, as acusações de auto-complacência no universo académico são mais distanciadas das possíveis contingências individuais e ganham tonalidades que apontam para uma real capacidade de autocrítica por parte da instituição. Na descrição que o narrador faz da Universidade evidencia-se a consciência da necessidade de aceitar, nos que a ela pertencem, soluções que não são as ideais mas sim as de compromisso:

> In every university a decent harmony is maintained only as a steady flow of minor faculty misjudgments, misadventures and misdemeanors is overlooked, ignored, forgiven. Mild descents into plagiarism, an otherwise too obvious misappropriation of the ideas of others, a too transparent tendency to intellectual mystification, an unduly evident surrender to dubious outside sponsorship of research, a book depicted by the scholar as of unparalleled power and interest that, regrettably, remains always one year in the future, are all accepted as inevitable.[48]

Em *A Tenured Professor*, a atitude auto-complacente que a Universidade mantém no que respeita aos seus processos é exposta naquilo que tem de lesivo, até para a sua vocação de transmissora do conhecimento:

> "Lectures," said McCrimmon, "are our most flexible art form. Any idea, however slight, can be expanded to fill fifty-five minutes; any idea, however great, can be condensed to that time. And if no ideas are available, there can always be discussion. Discussion is the vacuum that fills a vacuum. If

> no one comes to your lectures or seminars, you can have a workshop and get your colleagues involved. They have to come, and your reputation as an adequately popular teacher is saved."[49]
>
> . . . . . .
>
> (Just as it is understood at the modern university that any idea can be compressed or expanded into fifty-five minutes, so it is also believed that all knowledge on a subject can be covered in either thirteen or twenty-six weeks.)[50]

A acusação de auto-complacência presente nestas passagens, numa leitura mais profunda, dirige-se ao desfasamento, ou falta de capacidade de relacionamento com o real, que surge como típica do académico. Repetem-se, nesta obra, indicadores que apontam para o facto de a Universidade, que deveria ter a capacidade de comunicar como fundamental, poder estar tão debruçada sobre si mesma e esclerosada nos seus processos e atitudes que enferme da impossibilidade de verdadeira comunicação:

> By long custom, social discourse in Cambridge is intended to impart and only rarely to obtain information. People talk; it is not expected that anyone will listen. A respectful show of attention is all that is required until the listener takes over in his or her turn. No one has ever been known to repeat what he or she has heard at a party or social gathering, only what he or she has said.[51]

A um nível profundo, a acusação de auto-complacência na Universidade equivale, assim, à diagnose de um narcisismo tão exagerado no seio desta instituição, que estiola os benefícios possíveis do debate, por este se tornar num diálogo de surdos. A visão deste tipo de auto-complacência é tanto mais negativista quanto esta se torna impossível

de conciliar com as leis da oferta e da procura a que a Universidade, cada vez mais, não só está sujeita, como revela, também, saber que está sujeita. Nas imagens que a Universidade mostra ter de si mesma transparecem com grande frequência, por um lado, a denúncia das insuficiências próprias, por outro, a consciência das exigências de um mundo exterior, que não se compadece com essas insuficiências; por outro lado ainda, a denúncia da capitulação da Universidade aos valores do *marketing* e do sensacionalismo, capitulação que em nada melhora a auto-estima dos que nela intervêm. Em *Stepping Westward*, o desconforto desta situação é colocado sobre a Universidade americana, e glosado de modo bem patente:

> Even the English Department, in a state not noticeably teeming with literacy, had a high reputation, firstly because an enterprising member of that faculty, since gone into the advertising business, conceived the idea of approaching living poets and novelists and asking them, not for their cast-off manuscripts, which came expensive, but for their cast-off clothes, which are to be seen, displayed on facsimile dummies, in a small museum in the library; and secondly because it is in the custom of taking on, each year, a writer-in-residence - a young poet or novelist, who usually, after or even before the expiration of his term of duty, writes a novel in which the university and many of its faculty appear in print under only the faintest of disguises. This has resulted in enormous publicity for the college, and President Coolidge keeps a collection of these works in his office and sends out to his friends cyclostyled excerpts of passages which refer, usually unfavourably, to himself. "I think we're making our mark with this little experiment, you know," he would say. "My guess is that it's boosted enrolment around twenty per cent. . . "[52]

A sobreposição, ao universo académico, de critérios de atribuição de valor de natureza empresarial é evidente. As sugestões de paralelismo entre a Universidade e elementos que a compõem, e a estrutura empresarial

abundam nas manifestações que no romance académico se encontram do modo como a Universidade se vê a si mesma. Ainda em *Stepping Westward*, a própria escolha anual de um escritor residente para a Universidade de Benedict Arnold (que não se conta entre as mais conceituadas) surge condicionada pelas leis da oferta e da procura: "All the leading neglected writers had been snatched up long before by Wellesley and Bennington and Kenyon and Hillesley. The only poets and novelists who were neglected were so goddam bad they had to be."[53]

As palavras da personagem Jochum, " . . . universities are not better than life. They are just life"[54], comportam o reconhecimento de que a Universidade, como instituição, deixou de manter, em relação às contingências do real concreto, a distância que lhe era própria. As contingências do real concreto surgem frequentemente representadas pelas referências aos interesses económicos. É significativo, neste aspecto, que a referência ao dinheiro como poder, e à relação entre poder e dinheiro, seja recorrente nas obras sobre que nos debruçamos. "you see" - afirma ainda Jochum em *Stepping Westward* - "Money is power. It brings leisure and that may even bring wisdom."[55] Por sua vez, em *Death In A Tenured Position*, Lizzy comenta, com referência ao facto de, apesar de profundo desacordo interior, todos se terem deixado aliciar para pertencer a Harvard: "Power can always buy what it wants. It even bought you in the end"[56]

Em *A Tenured Professor* ressurge o tema do poder do dinheiro, glosado, não em consonância, mas em oposição aos modos de agir habituais na instituição académica. A própria epígrafe escolhida pelo autor para a página de rosto do volume o indica: "Why didn't someone tell me about banking before?" O sétimo capítulo intitula-se "Money" e o décimo, "PPW", acrónimo de "Positive Power Of Wealth". A relação entre dinheiro e poder fica claramente estabelecida quando uma professora e economista inglesa questiona: "Why try to persuade politicians when you can buy

them?"[57] E, mais adiante, Marjie declara: "We didn't get rich in order to persuade people. We got rich in order to control people."[58]

Ao contrário da acção meramente persuasiva que costuma ser a da Universidade na área das Humanidades, propõe-se nestas linhas a adopção de um modo de agir empresarial e capitalista no que respeita ao próprio apoio às causas liberais: portanto, a adopção de um modo de agir tipicamente capitalista para conseguir, até certo ponto, a destruição dos valores e pressupostos do capitalismo indiciados na obra.

Nas Humanidades, a ambivalência entre o poder de Harvard, que, em *Death In A Tenured Position*, é da ordem do simbólico, e o poder puramente financeiro que, na narrativa de John Kenneth Galbraith, irrompe por Harvard, e, nos outros romances académicos, irrompe também pelas outras Universidades, é equacionada de forma elucidativa por Pierre Bourdieu, em "The Production Of Belief: Contribution To An Economy Of Symbolic Goods":

> The art business, a trade in things that have no price, belongs to the class of practices in which the logic of the pre-capitalist economy lives on . . . These practices . . . can only work by pretending not to be doing what they are doing . . . Producers and vendors of cultural goods who 'go commercial' condemn themselves, and not only from an ethical or aesthetic point of view, because they deprive themselves of the opportunities open to those who can *recognize* the specific demands of this universe and who, by concealing from themselves and others the interests at stake in their practice, obtain the means of deriving profits from disinterestedness.[59]

De facto, na Universidade, a perda de terreno de um tipo de poder que inicialmente é, como as Humanidades e as Artes, da ordem do simbólico (procura do conhecimento pelo conhecimento), a favor de um tipo de poder de natureza material, é sentida, com frequência, como um atropelo. Esta visão pode provir de fora da Universidade. Em "The Academic Critic And The Living Writer", Anthony Burgess deplorava a exploração mercantilista da cultura, invocando, como exemplo, o tratamento a que a obra de James Joyce foi sujeita, por parte dos críticos, depois de ter, de certa forma, "entrado em moda":

> When in the late 1930's, I first read Joyce, it could never have been dreamt that he would become the occasion of endowed chairs and international conferences. He was banned, a literary outsider. He is less thrilling to read now that the professors have domesticated him . . . It seems to me often that what the professorial industrialists are doing to Joyce they could well be doing to Ian Fleming and Frederic Forsyth, who . . . could, with sufficient probing and the occasional world conference, disclose marvels of crypto-symbolism.[60]

O tratamento "industrial" dado à temática joyceana dificilmente trará à maior parte dos que o praticam lucros materiais significativos. Ainda que o lucro, na Universidade, seja, como o poder, frequentemente apenas da ordem do simbólico, continua a estar em causa, acima de tudo, o juízo de valor implícito que nos romances académicos se faz da natureza dos sentimentos e motivações das personagens, emblemáticas, elas mesmas, da imagem que os *scholars* e Professores, no mundo concreto, assumem aos seus próprios olhos. Conforme se referiu que Jochum constata, com algum desapontamento, em *Stepping Westward*, as Universidades não são melhores do que a vida, são iguais à vida. Will Rocket, em "Tension At The

Verberant Core: Academic Subcultures And Their Effects In British And American College Detective Fiction", corrobora precisamente esta visão:

> . . . while the academic culture may inform the motives for the given crime under investigation, usually the essence of the motive is quite commonly found in the larger culture . . . Hence, avarice and vengeance are most often the real motives for murder in even the most august of academic subcultures, and their punishment rarely re-orders the academic universe.
>
> One doubts that avarice is worse in the academy than elsewhere; what makes it so terrible is that one would like to believe that university folk would be less susceptible to such impulses."[61]

O autor passa a apontar uma profusão de exemplos retirados da ficção em que o crime, no contexto da Universidade, é motivado pela vontade de manter indevidamente, ou de ganhar, determinado posto académico. São tudo formas de lutar pelo poder, e o que transparece na avaliação do carácter do *Scholar* é que é irrelevante que esse poder seja identificado de imediato com o poder financeiro, ou que passe, como Bourdieu leva a concluir, na citação que dele fizemos mais atrás, por uma fase intermédia em que se apresente como se fosse apenas da ordem do simbólico. São as motivações profundas e os sentimentos dos intervenientes que contam, na construção da sua imagem, ou, no caso presente, da sua auto-imagem.

Na viragem para a segunda metade do século XX, o poder, que chamamos simbólico, da intelectualidade, foi tomado como valor *per se*. Em 1952, na sua intervenção em "Our Country And Our Culture: A symposium", intitulada "The Situation Of The American Intellectual", Lionel Trilling

entreviu, mesmo, a possibilidade de vir o poder intelectual a criar desconforto à imagem do poder financeiro:

> wealth inclines to be uneasy about itself. I do not think that in a commercial civilization the acquisition of money can be anything but a prime goal but I do think that acquisition as a way of life has become conscious of the effective competition of other ways of life . . . And one of the chief competitors is intellect . . . Intellect is now conceded to be itself a kind of power . . .[62]

O autor atribuiu esta mudança à: "necessity of providing a new means of social mobility, of social ascent"[63], assim subscrevendo tacitamente a ideia de que o poder do intelecto, além de ser um valor em si mesmo, traria consigo algum tipo de benesse material, já que levaria a uma subida de classe socioeconómica. De facto, a evolução subsequente às palavras de Lionel Trilling em 1952 demonstra que é através do desinteresse pelo lucro imediato que o poder intelectual/académico consegue a libertação de condicionalismos e contingências e ganha a altura e o estatuto que lhe garantem, não só prestígio, mas também as benesses de natureza material que, numa primeira fase, teve de desdenhar.

Nas obras que mais têm sido alvo deste estudo, e no modo como, nelas, a Universidade mostra ver-se a si mesma, através da postura, explícita ou implícita, de narradores e personagens, transparece numa variedade de passos o desconforto causado por uma colagem demasiado óbvia do interesse material imediato ao domínio intelectual e académico, que deveria revestir-se, em primeira análise, das características do imaterial e do simbólico.

Na narrativa de John Kenneth Galbraith, o protagonista preocupa-se com o facto de as suas operações financeiras, não totalmente ortodoxas, terem chegado ao conhecimento da Universidade, e para calar prováveis críticas, propõe-se fazer aquilo que se lhe afigura que resultaria em qualquer empresa:

> On the way home Marvin told [Marjie] what he had heard about their financial operations; they would have to be braced for further discussion of their affairs . . . More to the point, perhaps all criticism might be silenced if their returns were shared in a modest way with the university.[64]

O autor é economista e a obra é de 1990. Não surpreende, assim, que para o entendimento do paralelismo entre a Universidade e a estrutura empresarial, que nesta fase se reafirma, nos sejam dadas indicações concretas de uma imbricação com o fenómeno *yuppie*, que prevaleceu na década de oitenta, então acabada de passar:

> The excitement penetrated even the ivied walls. Students emerging from the Harvard Business School had once headed for a steady, unspectacular and not unremunerative ascent through the great corporate bureaucracies. Now, along with some from what had been an undergraduate preoccupation with economics, athletics or comparative literature, they went in numbers to Wall Street. There, they took part in mergers and acquisitions, leveraged buyouts and the restructuring of the resulting firms, all for a hitherto unimagined personal gain. In this service they worked hand in hand with former fellow students from the Harvard Law School who were rejecting the attractions of politics or public service or the spiritual rewards of *pro bono* law for the more immediate charm of large pay and, no one doubted, exceptionally long hours of hideous toil.[65]

Nas obras que temos vindo a abordar, a assunção da prevalência de um paralelismo entre Universidade e estrutura empresarial tende a ser feita sem passagem explícita de juízos de valor, de acordo com a postura habitual do narrador académico, que costuma ser de imparcialidade, pelo menos aparente. No entanto, transparece oposição latente a esta situação, tanto nos casos em que ela é revelada em contraposição óbvia com a crise nas Humanidades, como área de actividade académica, como nos casos em que a afinidade com a estrutura e atitudes de tipo empresarial afronta os valores humanistas propriamente ditos; em *Death In A Tenured Position*, a personagem Kate Fansler, de visita a Harvard, e até então ignorada por todos os colegas, recebe uma mensagem:

> Please call Professor Sladovski at this number. Before calling this number, Kate looked Professor Sladovski up in the Harvard directory and discovered him to be an assistant professor in the English Department. Kate thought a moment before taking the plunge. It was, indeed, extraordinary, or would have been anywhere but Harvard, that no member of the English Department had made the slightest attempt to get in touch with her, nor had she discovered any avenues of approach to them. So Professor Sladovski might well be a breakthrough. (He might equally, Kate reminded herself, be an untenured professor in search of "contacts". All the better; she would use him as he hoped to use her.)[66]

O recurso à expressão equivalente, em português, a *usar, tirar partido de*, com referência às atitudes e à actividade do *Scholar*, tende, só por si, a ter uma conotação ambígua, porque entra em oposição com a ideia, sempre pelo menos subliminar, de que a actividade académica deve ser idealista e desinteressada. Quando, como no presente extracto, se trata de *usar, tirar*

partido de, pessoas, a reversão entre o que é, e o que, tacitamente, devia ser, é total. Ainda que, formalmente, a autora-narradora não faça, a este ponto, qualquer juízo de valor sobre aquilo que refere, a passagem contém considerável dose de autocrítica no que respeita, por parte da Universidade, à adopção dos modos de ver e de fazer mais pragmáticos e menos éticos que são típicos do sistema empresarial.

A sugestão de explorar, a Universidade, pessoas, como o pode fazer qualquer empresa, regendo-se, não por princípios humanistas, mas pelas leis da oferta e da procura, surge mais explícita em *A Tenured Professor*, de John Kenneth Galbraith:

> It was known by this time that the Marvins were not seriously in need of money. It is that need which supplies young scholars for instructional toil in all American universities at prices highly advantageous to their employers.[67]

Ocasionalmente, na narrativa de John Kenneth Galbraith, este lado da realidade do mundo académico é qualificado:

> The Corporation, always mentioned at Harvard with some reverence, is the very small assemblage of distinguished and concerned men and in the later times one woman that has charge of the practical, financial and, on occasion, ***sordid*** side of university affairs.[68]

A vertente idealista está, portanto, sempre presente, mesmo quando não claramente expressa, e a informação que vai sendo debitada sobre o lado empresarial da Universidade, mesmo nos casos em que,

aparentemente, não é qualificada, é-o, de modo automático, por entrar em confronto implícito com o paradigma idealista da instituição.

É este paradigma idealista, presente em todos os casos, quer de modo explícito, quer de modo subliminar, que leva a que sejam denunciadas situações relacionadas com política interna universitária em que *Scholars* e Professores têm de forçar-se a si mesmos a manter as aparências; na recepção a James Walker em *Stepping Westward*, a disposição dos presentes é denunciada:

> The pretzels had run out, the peanuts had gone, and there were some who had forgotten what the occasion was convened for. Nonetheless all obscurely recognized their duty to stand firm until something happened - until someone had a coronary or Dr Bourbon left. Wallowing in corporate unhappiness, they handed glasses about over their heads and swallowed in cigarette smoke, secretly swearing that they never wanted to see their fellows again until this time next year.[69]

A consciência, ou conhecimento de si próprio, é, na verdade, uma das características principais da visão universitária, que, em ligação com o sentido do direito à liberdade, faz com que as situações de fraude ou de violência, mesmo que de natureza social, sobre a integridade psicológica do indivíduo, sejam, a todo o passo, denunciadas. É, de facto, desta óptica que tendem a ser consideradas também as relações hierárquicas dentro da Universidade; em *Stepping Westward* facilita-se a leitura de uma relação de constrangimento entre docentes não diferenciados, Bourbon, director de Departamento, que funciona como intermediário, e ainda o próprio "Presidente" da Universidade, através de uma coreografia carregada de significado:

> At this moment there was an interruption in the doorway: a flotilla of men in dark suits, all walking at the same speed and very close to one another, as for protection, came in. At their centre was a craggy faced, healthy fellow who clearly functioned as their leader: "Well, Mis' Walker, you're very fortunate," said Bourbon, getting up. "I want to try to have you meet a very important person indeed. That's the President himself."
>
> "Which president?" asked Walker.
>
> "President Coolidge, President of this U", said Bourbon, leading Walker across the room and breaking into the flotilla. President Coolidge's face beamed automatically as Bourbon introduced his guest. "Ah yes, Walker, our literary man, "he said, putting out a hand to crease one of Walker's affectionately.
>
> "Pleased to meet you," said Walker, on his best behaviour. "Look," said the President, making a decision of evident political import "let's have lunch together."
>
> "That's a real honour," said Bourbon in Walker's ear. "He don't [*sic*] even take lunch very often."[70]

Poderá haver nestas linhas, em estado latente, alguma sobranceria inglesa que transparece na admiração intimidada, ou infantil, posta na forma como os Professores americanos lidam com a diferença hierárquica. Mais grave será notar-se que o culto, aparentemente acrítico, da personalidade do chefe, no caso específico deste "President" surge subvertido, tanto no que respeita a quem admira como no que respeita a quem é admirado. "That's a real honour . . He don't [sic] even *take* lunch very often." - faz Bourbon, director de Departamento, questão de elucidar, cometendo, no processo, um erro gramatical evidente na flexão do verbo. Por sua vez, ao próprio President Coolidge, mais adiante, é atribuída uma capacidade discursiva pobre e insuficiência de conhecimento quando, após preliminares

pomposos, acaba por apresentar o escritor James Walker como um: "fictionalist . . . responsible for many very fine books."[71]

Stepping Westward, publicado em 1965, é de uma fase em que, por um lado, se contestam, mais do que nunca, as hierarquias; por outro, de uma fase, também, em que, no romance académico, o tratamento inglês da cultura americana ainda é algo paternalista; não é, assim, fácil determinar em que proporção o tratamento aqui encontrado das relações hierárquicas na Universidade americana se deve a cada um destes factores. De todo em todo, a passagem revela que da visão que a Universidade tem de si própria faz parte tanto a consciência das relações hierárquicas no seio da instituição, como a consciência da possibilidade de pôr em questão a validade das mesmas. De um ponto de vista conceptual nada está vedado à procura da verdade profunda, por parte do *Scholar* ou Professor.

Outro aspecto evidenciado na última passagem citada é o de estar a diferença hierárquica no meio académico envolta nos mesmos maneirismos e protocolo que estaria se o cargo de Presidente fosse um cargo político, na sociedade exterior à Universidade. A diferença hierárquica na instituição universitária é quase sempre apresentada como se fosse de natureza política (ou política e administrativa) sem ter de corresponder a verdadeira superioridade académica.

As reservas implícitas que nesta passagem o autor-narrador parece ter, em 1965, sobre a imbricação do académico com o político, denotam notável capacidade de antevisão. Quase trinta anos mais tarde Philip F. Lawler atribuiria a essa imbricação do académico com o político, que de 1965 até aos nossos dias se tem tornado cada vez mais generalizada, a responsabilidade pela crescente deterioração do ensino universitário:

> The multiversity not only increased the premium on scholarly research [as opposed to teaching], but approved new uses of the professor's time: consulting work with outside organizations, contracts for industrial or governmental research, social work, and so forth . . . Naturally, professors found that their outside activities, generated more prestige than their teaching . . . The multiversity became a clearing house for a diverse collection of individual skills, all of them available to the highest bidder.[72]

Este novo conceito de Professor é diverso da visão que levou Will Rocket, em 1991, a definir as personagens que se movem nos romances académicos como "people able to devote considerable energy over a lifetime to what for them are significant questions but which may seem strangely peripheral to the life of the reader."[73] Nem são estes *Scholars* "[people] whose brains were kept in jars above the moon"[74], como, entre outras acepções, os apresenta Jo Allen Bradham, ao citar de *Darconville's Cat*, de Alexander Theroux.

A passagem que citámos, de Philip F. Lawler, refere-se, naturalmente, ao caso americano, em que a derivação da Universidade para os modos de actuar do mundo exterior encontra reflexos no romance académico, pelo menos desde 1965. No que se refere ao caso inglês, a alternativa a esta derivação crescente da Universidade para o mundo exterior transparecerá dez anos mais tarde, por exemplo, em *Changing Places*, de David Lodge, sem por isso se apresentar como solução. Depois do afastamento do director de Departamento Gordon Masters, por insanidade mental, o narrador de *Changing Places* exprime deste modo a perspectiva do Professor americano Morris Zapp, que se encontra na Universidade inglesa ao abrigo de um programa de intercâmbio:

> Morris had no intention of attending the meeting if he could possibly avoid it. Staff meetings at Rummidge had been bad enough under Masters' whimsically despotic regime. Since his departure they made the Mad Hatters Tea Party seem like a paradigm of positive decision-making.[75]

Da autovisão da Universidade faz parte a consciência de ter de mover-se entre duas alternativas: ou tomar a atitude política de pactuar com o mundo exterior e as suas necessidades em mutação constante, e ter de suportar a degradação dos valores e estilos próprios que daí advém, ou estiolar dentro de um sistema fechado, e com pouca viabilidade no mundo actual.

Quer uma, quer outra das hipóteses apontadas se apresenta como não satisfatória. Na visão dos *Scholars* por si mesmos transparece uma vertente conservadora que faz com que, por exemplo, em *Changing Places*, se tente chocar o leitor com casos extremos de subversão do cânone curricular:

> I had a student in my room the other day, obviously very bright, who appeared to have read only two authors, Gurdjieff (is that how you spell him?) and somebody called Asimov, and had never heard of E. M. Forster.[76]

As palavras citadas são atribuídas ao Professor inglês Philip Swallow, em docência temporária numa Universidade americana, ao abrigo de um programa de intercâmbio; estamos, assim, de novo em face de uma autovisão universitária híbrida, que comporta, não só reacções perante a mudança dos tempos, mas também perante a mudança dos lugares. É difícil

estabelecer se o que está a ser criticado é a ruptura, obviamente excessiva na visão do inglês, de um cânone literário tradicional, ou se, pelo contrário, a crítica recai antes sobre o sistema, e, neste caso, sobre o próprio Professor inglês, tão esclerosado nas suas tradições que não sabe quem é Asimov. Típica da visão universitária é também esta capacidade de veicular, quase simultaneamente, os vários pontos de vista sobre a mesma questão, abstendo-se de tomar partido, pelo menos à superfície do texto. Em todo o caso, a subversão do cânone curricular parece ser considerada extrema, e até tratada com alguma ironia, mesmo na visão do Professor americano: Morris Zapp, ao escrever à mulher, de quem está a separar-se, pede notícias dos dois filhos gémeos:

> Tell me more about the twins. Or better, ask them to write a line to their old Dad, if the Euphoric public school system is still teaching such outdated skills as writing.[77]

Este desabafo não impede, no entanto, que na mesma obra a educação tradicional seja considerada como um sistema de valor abstracto, dissociado do real, que se perpetua sem finalidade definida, e que se esgota em si mesmo. Parece ser essa a visão da americana Desirée Zapp:

> ' . . . I think our culture's obsession with education is self-defeating.'
> 'Oh?'
> 'Each generation is educating itself to earn enough money to educate the next generation, and nobody is actually *doing* anything with this education. You're knocking yourself out to educate your children so they can knock themselves out educating their children. What's the point?[78]

Este tipo de visão, nas obras de autoria inglesa, tende a ser atribuído a personagens americanas; concomitantemente, nas duas obras de autoria americana que temos vindo a considerar, as atitudes conservadoras são colocadas num estabelecimento universitário especialmente tradicionalista, Harvard. Na narrativa de Amanda Cross, a Universidade de Harvard, além de acusada de tentar excluir as mulheres de cargos elevados na docência, é também acusada de conservadorismo intelectual; é o que se depreende das palavras de Clarkville ao fazer por apaziguar Kate Fansler, depois da morte, em circunstâncias misteriosas, da Professora Janet Mandelbaum:

> I suspect that my horror at the phenomenon of women professors has been greatly exaggerated . . . in fact, I thought Janet quite the best seventeenth-century person we could get particularly if we didn't want to be flooded with the latest, in semiology and deconstructionism, and frankly I was rather more amused than not.[79]

Na narrativa de John Kenneth Galbraith, que é posterior, a mesma Universidade continua a ser acusada de um conservadorismo que a leva a olhar com desconfiança a procura do conhecimento em áreas em que ele pode ser de utilidade prática, em contraste com a política de outras Universidades, que revelam maior abertura:

> There was comment from some members of the department that Marvin's work was unduly in the applied tradition of the University of California; he showed excessive concern with current and practical problems in the refrigerator industry[80]

Em confronto com esta visão conservadora, fazem-se ouvir amplamente, nos dois romances americanos de que temos vindo a citar, as vozes das personagens que acolhem de bom grado as oportunidades de mudança; nomeadamente, na obra de Amanda Cross, de uma mudança de rumo nas Ciências Humanas, que parta do cânone literário em direcção a campos de estudo menos remotos em termos de interveniência social. É essa a atitude que subjaz à observação da personagem Kate Fansler:

> Whether because we've lost our audience for literature, or because we can't teach *Middlemarch*, not even *Middlemarch*, forever, or because I think the political movements, the social movements, are important now the way the humanities were important when I was beginning to teach . . . I don't think what happens in the English Department matters bloody much, not at present.[81]

Regista-se nesta passagem a tendência para substituir as Humanidades, no sentido tradicional e canónico, por uma versão mais ampla, que possa ter impacto sobre a realidade. Já no princípio da década de noventa, o autor-narrador de *A Tenured Professor*, pela voz da personagem McCrimmon, analisa as razões de ordem prática pelas quais a actuação da Universidade fica tantas vezes aquém da sua vocação de inovadora e de catalisadora de mudanças de mentalidades:

> " . . . Tenure was originally invented to protect radical professors, those who challenged the accepted order. But we don't have such people anymore at the universities, and the reason *is* tenure. When the time comes to grant it nowadays, the radicals get screened out. That's its principal function . . ."

> "Suppose one waits until one has tenure to show one's liberal tendencies?" Marvin felt obliged to make some response.
>
> "The only sensible course," said McCrimmon. "But by then conformity will be a habit. You'll no longer be a threat to the peace and comfort of our ivied walls. The system really works."[82]

Do que vem sendo exposto se pode concluir que a autovisão da Universidade, ou o conceito que a Universidade revela ter de si mesma nos quatro romances centrais a esta pesquisa, é, ele próprio, pejado de conflitos internos. Para além das variações de postura e das atitudes elitistas ligadas à desmultiplicação do conceito de Universidade em Universidades diferentes, registámos, no modo como a Universidade se vê a si mesma, a existência de uma vertente conservadora, que trata com ironia e desagrado a subversão do cânone curricular; por outro lado, registámos também o modo como a educação tradicional é vista com descrédito e desapontamento, e a denúncia das atitudes mais conservadoras, pelas quais se tende a perpetuar o afastamento da pesquisa académica das áreas de utilidade prática e de verdadeiro impacto social.

Faz parte da visão que a Universidade tem de si mesma a visão da sua relação com o mundo exterior, ou, mais propriamente, com o mundo que cada vez mais deixando de lhe ser exterior. Provavelmente mais do que em qualquer outro sector organizado da actividade humana, tendem os indivíduos, no mundo académico, a valorizar a consciência de si mesmos e do direito à liberdade e à preservação da integridade psicológica individual; são, por isso, especialmente avessos à necessidade de sacrifícios no sentido de pactuarem com interesses que não sintam como genuínos, ou à aceitação de soluções de compromisso. A um nível profundo, e idealizado, o conceito de liberdade do intelectual corresponde ao conceito de liberdade do artista, com a diferença que o intelectual se encontra protegido, e

"arregimentado", na instituição universitária. É este conceito profundo, frequentemente não verbalizado, de liberdade académica, que, na visão que a Universidade revela ter de si própria, muitas vezes entra em choque com a necessidade de, de entre as atitudes possíveis, se tomarem as que são politicamente convenientes; e a afirmação é válida, tanto com referência à política departamental, ou à política interna das Universidades, como com referência à imbricação da vida universitária com a vida política do país. A crescente imbricação do mundo académico com a vida política é olhada com reservas, e apresenta-se como estando, pelo menos parcialmente, na origem da contestação implícita, muitas vezes irónica, das diferenças hierárquicas, que com alguma frequência se denunciam com a sugestão de não corresponderem a verdadeira superioridade intelectual e académica, mas antes a habilidade política e/ou administrativa. Por outro lado, a autovisão universitária não deixa de reconhecer o estatuto superior que a imbricação com a política dá ao mundo académico.

Na visão que a Universidade mostra ter de si mesma, reconheceu-se o paralelismo que cada vez mais se regista entre os modos de funcionar das instituições universitárias e os das empresas. Por um lado, denunciam-se as colagens demasiado óbvias a interesses materiais (que, na ética implícita da profissão, poderiam acontecer como produto remoto, mas nunca constituir-se como objectivos em si mesmos, e condicionar os processos da actividade académica); registámos, assim, que se expõem com desagrado, pelo menos latente, os casos em que o modo empresarial de funcionar adoptado pela Universidade constitui um atropelo aos valores humanistas. Por outro lado, também, na autovisão universitária, se reconhece o poder do dinheiro e o dinheiro como poder - indispensável, até, para "comprar" a forma de aparente lazer sem a qual não é possível a verdadeira, e tão desejada, liberdade académica para compreender e para criar; e, neste sentido, critica-se, na Universidade, o pendor auto-complacente, que "desarma" esta instituição em face da concorrência do mundo exterior.

A *autovisão* da Universidade revela que é principalmente no sector das Humanidades que imperam a precariedade financeira e um grau de auto-complacência que compromete a validade da actividade e conhecimento académicos, que chegam a ser apresentados como inúteis e fraudulentos. Esta visão da Universidade, sobretudo na área das Humanidades, não pode ser vista independentemente do contexto intelectual que lhe tem sido propício. Depois de Wittgenstein ter subvertido as pretensões à interpretação de cariz positivista, provando que nada do que é dito tem significado constante, mas que os sentidos estão sempre sujeitos às contingências da contextualização; de Gadamer ter questionado o valor de qualquer visão humana, em termos das limitações e preconceitos de que inevitavelmente enferma, e ter defendido que o mais que podemos esperar, em termos de conhecimento, são "fusões de horizontes", sempre parciais e limitadas, entre o contexto de que partimos, com o lastro que lhe é inseparável, e o contexto que queremos compreender; de Jacques Derrida ter chamado a atenção para a multiplicidade de interpretações possíveis perante o texto, e ter passado a valorizar a ilegibilidade dos textos, em que qualquer interpretação possível é sempre questionável; de Habermas ter defendido a relação da política, e com ela, da cultura e da ideologia, com a tecnologia e o crescimento económico, levando a crer que, em tempo de dificuldades económicas, a política e a ideologia perdem a legitimidade; de Michel Foucault ter acusado as pretensões ao conhecimento científico (por exemplo, sobre a criminalidade, a loucura ou a sexualidade) de funcionarem como modos de exercer poder coercivo sobre o comportamento dos seres humanos, e de ter instado à destruição das Ciências Humanas em prol da nossa própria, verdadeira, humanidade; e de Thomas Kuhn ter acusado as comunidades científicas de raramente terem tido o cuidado de pesquisar a existência de casos que entrassem em contradição com as hipóteses de explicação formuladas, mas sobreviverem, antes, pela procura dos casos que confirmam as teorias existentes; depois, enfim, de uma boa parte dos

principais teóricos das últimas décadas ter apostado, precisamente, em provar a falibilidade das teorias e métodos antes tomados como seguros nas Ciências Humanas[83], não é surpreendente que, na autovisão da Universidade, as Humanidades sofram de uma crise de imagem.

Não será alheio às razões apontadas o facto de, nos romances centrais a este estudo, a vocação idealista da Universidade se ter deslocado da área das Humanidades para uma área mais próxima das, assim chamadas, Ciências Exactas, que, por um lado, têm mais possibilidades materiais de levar a bom termo os objectivos que se propõem, e por outro, têm estado mais afastadas de um debate de ideias que, nas palavras de Quentin Skinner (que remete para H. Putnam e D. Davidson), levou: "to a form of conceptual relativism so strong as to seem almost self-defeating"[84].

A todas as denúncias que registámos, subjaz, no entanto, as mais das vezes de modo subliminar, mas sempre presente, como pano de fundo contra o qual outras atitudes se demarcam e, implicitamente, são qualificadas, o idealismo fundamental da instituição universitária. Como bem mais atrás mencionámos, persiste, na autovisão universitária, uma atitude idealista básica, apesar da falta, no horizonte, de metas à altura dos ideais, ou não obstante o desapontamento com as metas alcançadas e a alcançar.

Na Introdução a este trabalho justificámos o estudo das *Autovisões* na Universidade como passo primeiro e imprescindível no caminho para a compreensão do tratamento que é dado ao conhecimento do *Outro*, cuja natureza apenas podemos apreender através do estabelecimento de relações de semelhança ou de contraste.

Apesar de termos encontrado no idealismo sempre presente um fio condutor que reúne os conflitos internos que registámos na visão que a Universidade revela ter de si mesma, os conflitos em questão são de tal

modo relevantes na construção da própria identidade da instituição universitária, que o elemento comum do idealismo que lhes subjaz não é suficiente para garantir, a partir do meio académico, uma visão unificada.

Os resultados da pesquisa mais pormenorizada levada a cabo neste capítulo vêm confirmar a ideia da qualidade descentralizada do olhar académico, que na Parte I deste trabalho atribuímos à progressiva democratização do acesso à Universidade, e que considerámos elemento que contribui para a relevância do romance académico como documento cultural.

No entanto, para a compreensão daquilo que houver de ser visto, continua a ser necessário definir o mais possível a postura adoptada pelo olhar de quem vê. E tendo-se verificado que, aparte o elemento comum e sempre pelo menos implicitamente presente do idealismo, esta postura não é monolítica, consideramos que o próximo passo deverá ser, em função das características da *autovisão* da Universidade que registámos, definir os pontos de vista que prevalecem nas quatro obras seleccionadas para este estudo.

Charles Taylor, em *Sources Of The Self*, considera:

> My self-definition is understood as an answer to the question who I am. And this question finds its original sense in the interchange of speakers. I define who I am by defining where I speak from . . . in social space . . . in the geography of social statuses and functions . . . in the space of moral and spiritual orientation within which my most important defining relations are lived out.[85]

No capítulo seguinte tentaremos, precisamente, definir, no que respeita aos narradores e personagens principais das quatro obras tomadas para *corpus*, o "lugar mental" a partir do qual falam, no contexto do diálogo entre as várias personagens, e na geografia de estatutos sociais e funções que os rodeiam, na Universidade e na parcela de vida exterior à Universidade de que se mostrem conscientes.

[1]Nossa ênfase
[2]Extracto de um soneto atribuído à personagem Harriet Vane em *Gaudy Night*, de Dorothy Sayers, *apud* Will Rockett, "Tension At The Verberant Core: Academic Subcultures And Their Effects In British And American College Detective Fiction", *Clues: A Journal Of Detection*, Vol 12 (2), Outono / Inverno de 1991, pp 91-113, p. 100.
[3]Philip F. Lawler, *Coughing In Ink: The Demise Of Academic Ideals*, s.l., University Press Of America, 1993, p.30.
[4]Do extracto anteriormente citado, de *Death In A Tenured Position*; nossa ênfase.
[5]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, London, Arrow Books, 1986 [1965], p.83.
[6]Amanda Cross, *Death In A Tenured Position*, New York, Ballantine Books, 1988 [1981], p.80.
[7]John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor*, Boston, Houghton Mifflin Comp., 1990, pp 1-2.
[8]Amanda Cross, *Death In A Tenured Position*, p. 38.
[9]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 235.
[10]*Idem*, 244.
[11]David Lodge, *Changing Places*, Harmondsworth, Penguin Books, 1982 [1975] , p.29.
[12]*Idem*, p. 88.
[13]*Ibidem*.
[14]Amanda Cross, *Death In A Tenured Position*, p. 81.
[15]*Idem*, p. 137.
[16]John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor*, p. 122.
[17]*Idem*, p. 50.
[18]Malcolm Bradbury. *Stepping Westward*, p. 61.
[19]*Idem*, p. 64.
[20]*Idem*, pp 285 - 286.
[21]Roland Barthes, "Introduction To The Structural Analyses Of Narratives", *in* Susan Sontag (ed.), *Barthes: Selected Writings*, s.l., Fontana Paperbacks, 1983.

[22]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 350.
[23]David Lodge, *Changing Places*, pp 17-18.
[24]Amanda Cross, *Death In A Tenured Position*, p. 122.
[25]*Ibidem*.
[26]John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor*, p. 11.
[27]*Idem*, p. 24.
[28]Philip F. Lawler, *Coughing In Ink: The Demise Of The Academic Ideals*, s.l., University Press Of America, 1993, p. 26.
[29]*Idem*, p. 8.
[30]*Idem*, p. 30. Nosso ênfase.
[31]*Idem*, p. 197.
[32]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 245.
[33]Amanda Cross, *Death In A Tenured Position*, p. 131.
[34]Extracto do discurso proferido pelo Professor *Sir* John Daniels na Universidade Aberta quando lhe foi atribuído o grau de Doutor *Honoris Causa;* nossa tradução, feita inicialmente para divulgação pelos meios de comunicação social.
[35]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 310.

[36]*Idem*, p. 286.
[37]John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor*, p. 143.
[38]*Idem*, p. 172.
[39]*Idem*, p. 146.
[40]Amanda Cross, *Death In A Tenured Position*, p. 21.
[41]John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor*, p. 16.
[42]*Idem*, p. 2.
[43]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 15.
[44]Philip F. Lawler, *Coughing In Ink: The Demise Of Academic Ideals*, p. 26.
[45]*Idem*, p. 69.
[46]*Idem*, p. 245.
[47]David Lodge, *Changing Places*, p. 90.
[48]John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor*, p. 6.
[49]*Idem*, p. 39.
[50]*Idem*, p. 89.
[51]*Idem*, pp 78-79.
[52]*Stepping Westward*, p. 14.
[53]*Idem*, p. 18.
[54]*Idem*, p. 113.
[55]*Idem*, pp 115-116.
[56]Amanda Cross, *Death In A Tenured Position*, p. 58.
[57]John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor*, p. 45.
[58]*Idem*, 109.
[59]Pierre Bourdieu, "The Production Of Belief: Contribution To An Economy Of Symbolic Goods", *in* Pierre Bourdieu, *The Field Of Cultural Production: Essays On Art And Literature*, Cambridge, Polity Press, 1993, p. 75.
[60]Anthony Burgess, "The Academic Critic And The Living Writer", *Times Literary Supplement*, Vol 4363, 14 de Novembro de 1986, p. 1275.
[61]Will Rocket, "Tension At The Verberant Core: Academic Subcultures And Their Effects In British And American College Detective Fiction", *Clues: A Journal Of Detection*, Vol 12 (2), Outono/ Inverno de 1991, pp 91-113, p 106.
[62]Lionel Trilling, "The Situation Of The American Intellectual", *in* AAVV, "Our Country And Our Culture: A Symposium", *Partisan Review*, 19 de Maio de 1952, pp 282-326, p. 220.
[63]*Ibidem*.
[64]John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor*, p. 81.
[65]*Idem*, p. 85.
[66]Amanda Cross, *Death In A Tenured Position*, p. 50.
[67]John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor*, p. 51.
[68]*Idem*, p. 115. Nossa ênfase na palavra "sordid".
[69]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 205.
[70]*Idem*, p. 238.
[71]*Idem*, p. 139.
[72]Philip F. Lawler, *Coughing In Ink: The Demise Of Academic Ideals*, p. 44.

[73]Will Rocket, "Tension At The Verberant Core: Academic Subcultures And Their Effects In British And American College Detective Fiction", *A Journal Of Detection*, Vol 12 (2), Outono / Inverno, pp 91-113, p. 95.
[74]Alexander Theroux, *Darconville's Cat*, *apud* Jo Allen Bradham, "The American Scholar: From Emerson to Alexander Theroux's *Darconville's Cat*", *Critique: Studies In Contemporary Fiction*, Vol. 24 (4), Verão de 1983, pp 215-227, p. 201.
[75]David Lodge, *Changing Places*, p. 220.
[76]*Idem*, p. 124.
[77]*Idem*, p. 127.
[78]*Idem*, p. 82.
[79]Amanda Cross, *Death In A Tenured Position*, p. 135.
[80]John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor*, pp 54-55,
[81]Amanda Cross, *Death In A Tenured Position*, p. 59.
[82]John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor*, pp 38-39.
[83]Paráfrase de Quentin Skinner, na Introdução a *The Return Of The Grand Theory In The Human Sciences*, Cambridge, Cambridge University Press, 1990 [1985].
[84]Quentin Skinner, *The Return Of The Grand Theory In The Human Sciences*, p. 12.
[85]Charles Taylor, *Sources Of The Self*, *apud* Charles Lemert, "Dark Thoughts About The Self", *in* Craig Calhoun (ed.), *Social Theory And The Politics Of Identity*, Cambridge, Massachusetts, Blacwell Pub., 1994, p. 117.

II - 2 Que Professor? Que *Scholar*?

O Ponto de Vista Que Prevalece

Apontámos que, para a compreensão do modo como é visto aquilo que é visto, é indispensável definir o olhar de quem vê. Foi o que pretendemos fazer no capítulo anterior, em que escolhemos debruçar-nos, em primeiro lugar, sobre o modo como a Universidade se vê a si mesma, e através das várias vertentes encontradas nesta *autovisão* (da qual faz parte o conhecimento do modo como é vista a partir do exterior), chegámos a um somatório de características que, no que respeita ao tratamento que, a partir da Universidade, será dado ao *Outro*, tendencialmente definirão esse "olhar de quem vê" a que nos temos referido.

A definição levada a cabo foi feita em termos gerais, da instituição. E a disparidade que registámos em algumas das características apontadas exige que essa definição do olhar de quem vê seja particularizada. Surge, assim, a necessidade de definir, de entre os pontos de vista explícitos ou sugeridos em cada obra, e compatíveis com a visão universitária, o ponto de vista que de facto preside à narração.

Os resultados desta tarefa não poderão ter carácter definitivo, mas apenas aproximativo, e inevitavelmente deverão conter uma área considerável de sobreposição com a autovisão colectiva da Universidade, já que, como diz Stephen Mennell em "The Formation Of We-Images: A Process Theory": "individual self-images and group we-images are not separate things"[1]. Stephen Mennell considera que estas duas realidades se formam simultaneamente, interagindo entre si, e recorre ao termo *habitus*, popularizado por Bourdieu, para se referir aos modos de conduta, de gosto e

sentimento que predominam, em muitos casos inconscientemente, entre membros de grupos específicos; considera que, embora em comunidades pequenas, em estádios iniciais de organização social, o *habitus* possa ter sido definível unilateralmente, nas sociedades, e nas identidades individuais complexas do presente, contém sempre níveis diversos, com áreas de divergência e áreas de sobreposição entre si; acresce ainda o facto de que, na realidade, tanto na vida pessoal como na vida das instituições, o equilíbrio, ou a relação de prevalência entre vários níveis e áreas de afinidades, é variável ao longo do tempo, consoante as circunstâncias. Mas mesmo na ficção, que não tem de contar com o factor da diacronia, porque remete para momentos específicos no tempo, a definição do *habitus* presumível a partir do qual é feita a narração, tendo de considerar os vários níveis de identificação que para ele contribuem, apresentar-se-á como multilateral e aproximativa.

Existe, no entanto, um factor que tende a ordenar as características do ponto de vista da narração, simplificando, assim, a percepção das mesmas; é o factor que se prende com a necessidade de adoptar estratégias que favoreçam a narratividade das histórias. De facto, nos textos, os efeitos de sentido pressupõem a existência de um sistema estruturado de relações, e é através deste jogo de relações, a que a diferença entre os vários elementos é fundamental, que surge o significado e se despoleta a acção. É assim que o processo criativo pelo qual se transforma a realidade em ficção envolve a procura da geração de sentidos através da colocação dos vários elementos disponíveis em sistema de oposição, ou demarcação mútua.

A observação da forma como, nas quatro obras que são alvo deste estudo, os traços caracterizadores são distribuídos pelas personagens , vem corroborar em alto grau os princípios que temos vindo a expor. De facto,

após análise, esta observação revelou-nos que em nenhuma das quatro obras abordadas se podia identificar o presumível ponto de vista do narrador com a perspectiva de um protagonista, mas que, pelo contrário, em cada uma delas, os elementos que implicitamente caracterizam o ponto de vista da narração foram distribuídos, pelo menos, entre um protagonista e outra personagem, que, em cada caso, lhe serve de contraponto, de modo a fazer surgir uma diferença geradora de significado, e funcional, em termos do avanço da acção.

Assim, em *Stepping Westward*, de Malcolm Bradbury, a postura, nunca tornada claramente explícita, do autor-narrador, é dada pela média entre a postura idealista e desajustada de James Walker (herança inglesa) e a postura pragmática e politicamente hábil de Bernard Froelich (contribuição da abertura de horizontes trazida pela experiência da América); e através da voz de outras personagens, com destaque para Julie Snowflake, surgem na narrativa os elementos de valor indicial que prestam suporte à interpretação da diferença que existe entre ambas. Outra dicotomia se estabelece em *Changing Places*, de David Lodge, entre Philip Swallow (inglês) e o seu contraponto, Morris Zapp, pelo qual se transmite a perspectiva americana, presente também na experiência biográfica do autor, e mais conforme as mudanças que os novos tempos trouxeram às próprias Universidades inglesas.

Em *Death In A Tenured Position*, de Amanda Cross (pseudónimo da Professora Carolyn G. Heilbrun), à protagonista Kate Fansler serve de contraponto a personagem Janet Mandelbaum, apresentando, no que se refere à reivindicação do estatuto, e direitos, das mulheres, posturas que, na atribuição feita às personagens, se demarcam entre si, mas que se adivinham como coexistentes na perspectiva autoral.

Paralelamente, em *A Tenured Professor*, de John Kenneth Galbraith, em contraposição à postura juvenil e idealista do protagonista Marvin, surge, posto que de modo discreto, ao longo do romance, como oposição e como complemento, a perspectiva da personagem McCrimmon, mais céptica e cautelosa; e também mais adulta, como o era já o autor ao tempo da escrita da obra, antes do início da qual confessa: "To Professor McCrimmon I have assigned certain academic tendencies and attitudes which, over the years, I have sought to resist in myself."[2]

Para o entendimento do ponto de vista da narração, a par da análise com mais pormenor do perfil das personagens principais das quatro obras, a que procederemos, por ser, neste contexto, de especial relevância, devemos ter sempre presente a consciência da importância, e da complementaridade, das figuras de contraponto, para as quais foram canalizadas as características que criam condições de diferença indispensáveis à construção da narratividade.

James Walker, a personagem central de *Stepping Westward*, é apresentada como "a stout, slightly thyroidic, very shambling person in his early thirties, victimized by the need for twelve hours' sleep a day"[3]; partilha com a imagem-*cliché* do *Scholar* o alheamento e a desadaptação em relação às realidades concretas:

> The classes were held in a large amphitheatre with a sink and some gas-taps on the teacher's desk. When he leaned forward excitedly he fell forward into the sink, and on occasions when he grew abstract he was apt to play with the gas-taps and turn them on.[4]

Apesar do desajuste do mundo real e da referência à auto-complacência e inclinação para o lazer que já foram apresentadas como marcas do mundo académico, na perspectiva do americano Bernard Froelich, Walker é: "a youngish man, very promising"[5]; um escritor da Inglaterra familiar e provinciana:

> . . . a regional man, a man who wrote about sensitives who live away from the places where things happen . . . Walker . . . had a stylish way of exposing just that very gentlemanliness and culture . . . which made him, here and now, of special interest to Froelich.[6]

James Walker é um liberal, mas é-o segundo a versão tradicional inglesa, assumindo a postura política da não interveniência:

> All his values were private values, he believed: if he had political faiths, he had them because they ensured privacy and independence and personal survival, and he had never known what it was to think of himself as an agent in a cause.[7]

Este protagonista: "disliked politics because he disliked the political imagination, which divided and hated and judged"[8]. Se acreditava na democracia e na opção liberal, era porque lhe serviam como garantia da preservação do individualismo. Para si: "only open space and private people made sense"[9]. O próprio facto, que é fundamental ao desfecho da narrativa, de ter a personagem James Walker tomado uma atitude eminentemente política ao recusar-se a assinar o "loyalty oath", herança do Macartismo, é explicado em termos da privacidade e da liberdade de

escolha individual que lhe são imprescindíveis: "he resented the loyalty oath, but that was an individual, and not a political resentment"[10].

O verdadeiro ponto de vista da narração só parcialmente coincide com esta postura. Ela é posta em causa, não só pelo pragmatismo e eficiência de Bernard Froelich (feições que são, elas próprias, criticadas, pela manipulação de recursos colectivos para fins privados que invariavelmente envolvem), mas também pelos reparos e críticas de outras personagens postas no caminho de James Walker para fazerem, das suas atitudes, a avaliação que o autor-narrador do romance académico não torna explícita. Assim, do liberalismo de cariz privado e não actuante de James Walker, demarca-se o liberalismo à maneira americana, interveniente e, quando necessário, manipulador, representado, no espaço desta narrativa, pela actuação, não só de Bernard Froelich, mas também de personagens como Robert e Eudora Naughty. De Robert e Eudora Naughty diz-se que: "they were both tall, and blond, and very healthy, and they were both wearing jeans and white sneakers"[11]. Representam o lado perenemente juvenil da irreverência pelos costumes instituídos e da contestação activa das situações de injustiça social. Robert e Eudora são apresentados a James Walker na sequência de terem boicotado a entrada no estabelecimento de um barbeiro acusado de evitar cortar o cabelo a clientes negros porque lhe estragavam as tesouras. Mas tal como Bernard Froelich, que chega a oferecer a própria mulher a James Walker, num gesto passível de ser lido como um flagrante excesso de hospitalidade, também a Eudora e Robert Naughty são atribuídas actuações que o leitor tenderá a descodificar como potencialmente desonestas e moralmente decadentes.

O ponto de vista implícito da narração é, assim, um ponto de vista contido. Por um lado, é crítico das opções disponíveis, por outro, mostra-se consciente da impossibilidade de encontrar a opção perfeita.

A crítica mais profunda colocada à figura de James Walker e ao que ela representa é veículada através da personagem Julie Snowflake. Tal como o apelido Naughty, de Robert e Eudora, também o apelido Snowflake, de Julie, tem valor conotativo, desta vez apontando para a pureza da visão idealizada que a jovem em questão tem do que deveria ser, no mundo, o carácter e o papel do escritor (expoente máximo da liberdade académica), nesta narrativa representado por James Walker. É a conflitualidade que se gera no espaço da ligação entre o protagonista e Julie Snowflake que põe em evidência, de maneira impiedosa, as insuficiências da postura de James Walker perante a vida, emblemáticas das insuficiências da postura académica em geral. Quando, em território mexicano, o carro em que James e Julie viajam pára com uma avaria, James revela, pela sua atitude derrotista, medrosa e pouco solidária, não estar à altura de quaisquer problemas concretos com que tenha de confrontar-se. É no rescaldo deste episódio que Julie desfaz a ligação que ambos vinham mantendo; e explica:

> "Oh, Mr. Walker, you know what you did? You gave in. You lost style. You let it beat you. There were two of us and you acted like there was only one . . . you let me do all the talking. You rode on my back. You looked away when I needed a little help. . . . Technology scares you, primitive people you hate. You look like a coward to me . . . you don't impress me so much anymore . . . I think you're a leaver. I think you don't hold on. The offers you make don't last . . . You're a passive man: there isn't a decision in you. You can't stand the questions. You're an intellectual but the questions make you shiver. Isn't that right?[12]

As reservas e críticas de Julie Snowflake mais não fazem do que concentrar as opiniões confluentes que ecoam no mesmo espaço narrativo, tanto através da voz da consciência do próprio Walker, que chega a culpar-se de ser apenas um meio escritor, de se ter aventurado na escrita: "as he might have gone into any profession, a man without dedication or

intensity"[13], como através das vozes de jovens como a aluna Miss Handlin, que o incita: "You're a writer, Mr. Walker, so you have to tell us the truth that nobody else tells us . . . You must have a vision of the world; tell us what it is"[14].

Onde se lê "writer" poderia, paralelamente, ler-se também "Professor". E o problema central do Professor, na área das Humanidades, é também significativamente paralelo ao que James Walker considera ser o "Writer's dilemma", tema sobre o qual é convidado a falar perante uma audiência:

> "The writer's dilemma today is, it seems to me, every man's dilemma, sharpened for certain evident reasons, due to the writer's social location and the commitments that literature as a profession puts on him. The writer today is talked of as an outsider. He is called disoriented and disgruntled. But was he ever the inside man, the loyalist, the patriot? Was he ever oriented? Literature, it seems to me, has always, or for a long time, demanded that writers be concerned with good living. I suppose if I have a dilemma it's not meeting up to the ethical demands of the profession, because of course we are more confused with good living than ever.[15]

Para além do esvaziamento de funções das Humanidades de que temos tratado, a passagem citada introduz na narrativa de Malcolm Bradbury, e no presente trabalho, a ideia de que a qualidade de "outsider" é, ou deve, mesmo, ser inerente à condição de escritor, e, por extensão, à condição de Professor/*Scholar*, nas obras desta fase. De facto, o protagonista preferencial do romance académico, sobretudo das décadas de cinquenta a setenta, fala, invariavelmente, a partir de um espaço de dissidência, muito embora, as mais das vezes, essa dissidência se revele inoperante. É esta feição que justifica que o protagonista de *Stepping Westward* seja James Walker, que tem muito em comum com outros

protagonistas académicos, como Treece (de *Eating People Is Wrong*, do mesmo autor), também ele considerado: "a believer in personal relationships and a conspicuously bad performer in what he believed in"[16]; e como Philip Swallow (de *Changing Places*, de David Lodge) que é, à semelhança de James Walker, igualmente um defensor da esfera privada: "We're private people, aren't we, our generation? We make a clear distinction between private and public life; and the important things, the things that make us happy or unhappy are private"[17] - são as palavras que o narrador lhe atribui, quase ao fecho do romance.

É, na realidade, o facto de o protagonista académico típico falar, invariavelmente, a partir de um espaço de dissidência, nas décadas de cinquenta a setenta (décadas que assistiram, e se sucederam, ao pós-guerra de 39-45, ao Macartismo, e ao clima de contestação generalizada dos anos sessenta), que faz com que uma personagem como Bernard Froelich dificilmente pudesse ter protagonizado *Stepping Westward* de modo central, muito embora a sua presença, adentro da narrativa, com as características que representa, seja um forte indicador da coexistência, na presumível mente autoral, que informa o verdadeiro ponto de vista da narração, desta outra imagem possível do Professor ou *Scholar*.

Ao contrário de James Walker, que em face de um sistema que lhe atropela o direito à escolha individual, assume o desacordo e se afasta, não obstante tudo o que tem a perder, Bernard Froelich trabalha com o sistema, e, conhecendo-lhe os modos de funcionamento, explora-os de maneira acrítica e amoral para conseguir os seus fins privados. Depois de já ter arquitectado a ida de James Walker para os Estados Unidos, e para Benedict Arnold, por se tratar de um autor que lhe interessava para um capítulo de um livro que andava a escrever, encontramos Froelich, no final da narrativa, a manobrar a reunião em que se escolheria o escritor residente

para o ano seguinte, de modo a conseguir, de novo, vantagem para si próprio:

> ". . . I'd just like to make one proposal to this meeting. I don't know whether this is possible under the terms of the funds, but I'd like to suggest that we accept the fact that the writing fellowships have been less than successful, and we put the money into a literary quarterly edited from this campus by the staff of the English Department."
>
> Having exploded this bombshell, Froelich sat back. He felt pleased with himself and a little impressed at his handling of the situation . . . His book on Plight had now been refused by four publishers, a fact unknown to his department, and now that he had attained the status he had long ago intended to attain there seemed little need to sail in the difficult waters of publishing any longer . . . Now with a magazine one could place the chapters as articles . . . The discussion went on, in the dark March light, and Froelich added his word here and there. President Coolidge pointed out that the fund was specifically for a writer; Froelich pointed out that the donor of the fund was still alive and could be approached. "In fact," he said, "I went to see him a couple of weeks ago, and he would't have any objection, if that clears things up at all."
>
> "I don't think you ought to have done that, Bern," said President Coolidge.
>
> "I know how busy you are, President," said Froelich. "I thought if the matter was to be discussed at the meeting we'd better find out the lay of the terrain."
>
> "Well, there's something in that, Bernie," said Coolidge . . . "
>
> Froelich looked around the table and could see success ahead.[18]

Como o final do romance fortemente sugere, é deste material humano que, dentro da Universidade, nascem os chefes, os que têm linguagem e

recursos para lançar a ponte entre a Torre de Marfim, desfasada do real, e de estabilidade comprometida, e as exigências do mundo concreto, exterior. E se é verdade que o narrado deixa entrever a desonestidade potencial da personagem que complementa as características do protagonista, não é menos verdade que a sua existência, por outro lado, transparece como necessária, e que a capacidade de pactuar com os modos de funcionamento do sistema, apesar de toda a manipulação envolvida, não é posta em prática sem alguma mágoa, sem o sacrifício esporádico dos afectos e das opções pessoais mais profundas. Apesar do idealismo e da pureza que lhe é inerente, é a postura do protagonista James Walker que acaba por ser, implicitamente, acusada de um comodismo quase autista, na sua recusa de dialogar com o meio, de alcançar soluções, ainda que de compromisso: ". . . it was Walker, really, who had sailed away most intact, wrapped in the bundle of himself"[19]. Como já foi indicado, é numa linha média entre estas duas posturas (a de James Walker, que representa a fidelidade a um idealismo rebelde e auto-suficiente, que é tido como apanágio da liberdade académica, e a de Froelich, que representa a possibilidade de sobrevivência da própria instituição universitária em termos práticos) que, a um nível profundo, é preciso entender o ponto de vista que, nesta obra, de facto preside à narração.

Temos tratado com alguma extensão as perspectivas das personagens de *Stepping Westward* com relevância para o entendimento do ponto de vista que prevalece na narração. Além de James Walker, Bernard Froelich, Julie Snowflake e Robert e Eudora Naughty, move-se em *Stepping Westward* uma galeria completa de outras personagens; de entre estas, a maior parte das que são apresentadas como Professores ou *Scholars* não contrariam, e, pelo contrário, tendem a ir ao encontro da imagem típica que foi apresentada quando, no capítulo anterior, nos debruçámos sobre a visão que a Universidade tem de si própria. Nesta visão enquadram-se facilmente personagens como Dean French, que nunca falava, Dr Wink, que levantava

sempre questões intrincadas, e sobretudo Dr Hamish Wagner, um especialista em Auden que, desde 1955, a não ser Auden, nunca mais tinha lido fosse o que fosse.

Também se enquadra facilmente nessas características a imagem do protagonista inglês de *Changing Places*, Philip Swallow, que é apresentado ao leitor em viagem aérea para os Estados Unidos, e de que começam por ser transmitidas a sua: "stiff, upright posture, and fulsome gratitude to the stewardess serving him a glass of orange"[20] - feições que o narrador considera indicadores seguros de que não está, a personagem em causa, acostumada a viajar de avião.

Esta qualidade local e provinciana é aspecto que o protagonista inglês Philip Swallow, de David Lodge, em *Changing Places*, partilha com o protagonista James Walker, de Malcolm Bradbury, em *Stepping Westward*. Mas há outras feições recorrentes na caracterização destas duas personagens principais. Tal como para James Walker, também para Philip Swallow a ida para a América representa uma oportunidade para sair da situação de precariedade financeira que é típica da figura de Professor ou *Scholar*, sobretudo em Inglaterra; ainda no princípio do romance, o leitor é informado de que: "The installation of central heating in their cold, damp, multi-roomed house had long been an impossible dream of the Swallows"[21], e de que, para a esposa de Philip, Hilary, a possibilidade de se poupar dinheiro suficiente para se realizar este sonho funciona como aliciante para que o marido aceite o posto no estrangeiro, e como compensação pelo facto de ir ser deixada só com os filhos durante os seis meses de duração do intercâmbio.

Tal como James Walker, que não reage à altura das expectativas de Julie Snowflake perante uma simples avaria do automóvel em que viajam, também Philip Swallow se mostra desconfiado e tímido em relação à

tecnologia, afligindo-o, no que respeita a viajar de avião, o facto de estar, nas palavras do narrador, "entrusting his life to a machine, the work of human hands, fallible and subject to decay."[22] São aspectos contíguos ao desajustamento do real concreto e ao individualismo exacerbado que ambas estas personagens, de obras diferentes, de diferentes autores, partilham entre si. O desajustamento do mundo real e das suas necessidades faz com que, tal como a James Walker, também a Philip Swallow falte força nos propósitos e sentido de finalidade para as actividades por que se interessa:

> Philip Swallow was a man with a genuine love of literature in all its diverse forms: He was as happy with Beowulf as with Virginia Woolf, with *Waiting for Godot* as with *Gammer Gurton's Needle*, and in odd moments when nobler examples of the written word were not to hand he read attentively the backs of cornflake packets, the small print on railway tickets and the advertising matter in books of stamps. This undiscriminating enthusiasm, however, prevented him from settling on a 'field' . . . He ran hither and thither between the shelves of Eng. Lit. like a child in a toyshop - so reluctant to choose one item to the exclusion of others that he ended up empty-handed.[23]

Philip Swallow é um teórico, nos antípodas das realizações de ordem pragmática e da fruição do concreto. Nas palavras do narrador, sente-se: "sensually underprivileged"[24]. Mas este isolamento, até físico, das realidades e dos seres que se movem no mundo que o rodeia, está intimamente ligado à postura, egocêntrica em extremo, que, ainda do mesmo modo que James Walker, também assume. A perspectiva de deixar a família durante seis meses deixa-o emocionalmente indiferente: ". . . that was the source of his guilt. He didn't honestly think he *would* miss them. He bore his children no ill-will, but he thought he could manage quite nicely without them, thank you, for six months."[25]

O desajustamento do real estende-se, no que se refere aos pensamentos privados do protagonista, também à esfera da profissão, em que é apresentado como visionário e megalómano, mas também como inseguro em extremo. Por um lado, toma a sério a sugestão sarcástica de um colega, no sentido de publicar as perguntas que redige com grande cuidado, para examinar os alunos em Literatura, e imagina-se autor de um volume que intitularia "*Collected Literary Questions*, by Philip Swallow"[26], e que desde logo considera "A book to be compared with Pascal's *Pensées* or Wittgenstein's *Philosophical Investigations* . . . "[27] Por outro lado, é apresentado pelo narrador como: "a mimetic man: unconfident, eager to please, infinitely suggestible"[28], alguém que lida com os desafios que a vida lhe coloca como: "a game amateur actor determined to hold his own in the company of word-perfect professionals"[29]. Actor, porque não tem convicção suficiente para ser totalmente genuíno sobre o que quer que seja; amador, porque essa falta de convicção o impede de alguma vez chegar a atingir objectivos definidos. A pequena dimensão da personagem é sugerida na passagem em que Desirée Zapp lhe troca inadvertidamente o nome de Swallow por "Sparrow":

> 'I doubt if we have the same problems, Mr Sparrow.'
> 'Swallow.'
> 'Mr Swallow. Sorry. A much nicer bird.'[30]

A caracterização consistente do protagonista Philip Swallow como anti-herói indica que o verdadeiro ponto de vista da narração não pode estar totalmente colado à sua perspectiva, posto que esta, apesar de tudo, vá evoluindo ao longo do romance, pelo efeito catalisador da vivência da América. Também no caso de *Changing Places* se verifica que o presumível ponto de vista da narração se desloca para uma linha média entre a

perspectiva de Philip Swallow, que vai evoluindo em contacto com a realidade americana, e a perspectiva de Morris Zapp, que surge como ainda mais representativa da do Professor/*Scholar* dos Estados Unidos.

Também Morris Zapp é apresentado ao leitor em viagem de avião para Inglaterra, onde ocupará temporariamente o posto de Philip Swallow na Universidade de Rummidge; mas a sua atitude é apresentada como muito diferente da do protagonista inglês:

> To Morris Zapp, slouched in the seat of his eastbound aircraft, chewing a dead cigar (a hostess made him extinguish it) and glowering at the meagre portion of ice dissolving in his plastic tumbler of Bourbon the experience of long-distance air travel is tediously familiar.[31]

A escolha da palavra "slouched" e a referência a "cigar" de imediato sugerem à vontade e afluência financeira; ao contrário de Philip Swallow, este protagonista é apresentado como seguro de si, sarcástico, imune à contestação estudantil. A voz do narrador denuncia, no entanto, que se trata da exteriorização de uma segurança mais aparente do que real, já que Morris Zapp é: "inately mistrustful of the universe and its guiding spirit"[32]. Tal como Philip Swallow, também revela alguma desconfiança da tecnologia, mas a sua ansiedade é mais imaginativa, tomando formas grandiosas e quase apocalípticas, como acontece quando, em voo para Inglaterra, deixa o pensamento demorar-se sobre experiências anteriores de viajar de avião; e recorda:

> . . . having been stacked on many occasions over Esseph airport, fifty planes circling the air, fifty more taking off at ninety-second intervals, the whole juggling act controlled by

> a computer, so that it only needed a fuse to blow and the sky would look like airline competition had finally broken out into open war, the companies hiring retired kamikaze pilots to destroy each other's hardware in the sky, TWA's Boeings ramming Pan Am's, American Airlines' DC8's busting United's right out of their Friendly Skies (hah!), rival shuttle services colliding head on, the clouds raining down wings, fuselages, engines, passengers, chemical toilets, hostesses, menu cards and plastic cutlery . . . in a definitive act of industrial pollution.[33]

A sua ansiedade toma forma quase apocalíptica, relacionada com a confusão e a superabundância de elementos típicas do período pós-moderno. Do mesmo modo que existem cristãos que o são só porque assim decidem designar-se, Morris Zapp é apresentado, pelo contrário, como sendo um "Nominal Atheist"[34]. É livre pensador, mas judeu (a única diferença étnica/religiosa que no romance académico tende a surgir como coincidente com o ponto de vista da narração). Embora o substracto religioso, ainda que remoto, não esteja totalmente ausente das suas motivações, a sua postura, no dia a dia, é racionalista por excelência. (Considera, por exemplo, a vantagem de fazer voos directos, já que as estatísticas mostram que a maior parte dos acidentes ocorrem à aterragem ou ao descolar, pesando, no entanto, esta vantagem contra o facto de os voos directos serem feitos em sistema *charter*, com aviões mais velhos). Ao contrário de Philip Swallow, Morris Zapp é apresentado como profissionalmente bem sucedido: "a man who could have gotten a Guggenheim by crooking his little finger, and spent a pleasant year reading in Oxford, or London, or on the Côte d'Azur if he chose"[35]. Além do talento académico, é apresentado como sendo também vocacionado para mediador político, função de que, ao tempo do programa de intercâmbio que é central à acção do romance, a Universidade de Rummidge parece estar muito precisada; assim fica sugerido que o sistema académico inglês fosse menos pródigo do que o americano neste tipo de talentos:

> Professor Morris J. Zapp, a visiting professor from the State University of Euphoria, USA, has been suggested as a possible candidate for the job of mediator
> - *Rummidge Evening Mail* [36]

Ao contrário do protagonista inglês, o protagonista americano de romance académico é frequentemente apresentado como eficiente e de talentos multifacetados, em consonância óbvia com a auto-suficiência típica dos heróis das narrativas americanas. No universo académico, tendencialmente mais consciente de si mesmo e reflexivo do que aqueles em que decorrem a maior parte das outras narrativas, esta postura de sucesso enferma também dos seus problemas, que devem ser tanto mais tidos em consideração no entendimento da composição da imagem projectada do Professor/*Scholar* americano, quanto são recorrentes de obra para obra, de diferentes autores. Tal como de Morris Zapp, em *Changing Places*, se diz que:

> At the age of forty . . . [he] could think of nothing he wanted to achieve that he hadn't achieved already, and this depressed him.[37]

- também em *Death In A Tenured Position*, de Amanda Cross, a voz do narrador atribui à protagonista Kate Fansler o tédio de quem tem tudo, e de quem tudo conseguiu:

> Kate's languors, as she realized, were the price of an accomplished life. Or, to put it in a more high-flown way

> appropriate to Kate's profession, one sank into the ancient sin of anomie when challenges failed.[38]

Da perspectiva de Kate Fansler, o conteúdo desta passagem pode ser equacionado como "survivor guilt"[39], que leva a que procure permanentemente outro objectivo para a vida, outra comunidade ou serviço. É possivelmente o factor do sucesso pessoal que faz com que a imagem de Professor/*Scholar* americano concretizada na personagem Kate Fansler comporte ainda a ilusão da possibilidade de concretizar ideais humanistas: "For what then did she wish? The sense, perhaps, that she had not passed the point where she might affect events; move the world, however slightly, in the direction of humaneness."[40]

Em *Death In A Tenured Position*, a caracterização de Kate Fansler, sendo feita em termos de pertença de classe, transcende o caso particular desta protagonista para, com pequenas diferenças, se poder ver como emblemática da posição do Professor/*Scholar* bem sucedido.

Mesmo nos casos em que, ao contrário do que se passa com Kate Fansler, o estatuto social não vem do nascimento, mas surge em conexão com a própria condição de Professor universitário, verifica-se esta divisão entre posição social e consciência; por ser a consciência sempre mais ampla do que os preconceitos típicos da classe a que pertence ou a que ascendeu, a integração do protagonista do romance académico numa classe social nunca é completa, e o ponto de vista da narração é invariavelmente mais reflexivo e crítico do que as limitações de óptica causadas pela pertença a determinada classe deixariam entrever. Mesmo quando a escolha recai num estilo conservador, a opção transcende-se nos momentos em que é avaliada e justificada. Assim acontece na passagem em que se

contrapõe a imagem assumida por Kate Fansler, com a de Joan Theresa, que é feminista radical, contra as convenções:

> The raincoat Kate had hung up was a fashionable raincoat. Her shoes, though flat, were fashionable shoes. Her panty hose covered shaved legs. Her suit, ultra-suede, was worn over a turtleneck knit, and on her jacket was a pin: a gold pin. Kate was dressed for the patriarchy.
>
> "My clothes," Kate said, "make my life easier, as yours make your life easier."[41]

O contraponto autocrítico à figura de Kate Fansler, é a personagem cuja morte em circunstâncias misteriosas serve de *leitmotiv* ao romance, Janet Mandelbaum:

> "Mark, do you remember Janet Mandelbaum?"
> "Do I not? Beauty *and* brains. And about as conventional and unimaginative as John Livingstone Lowes who counted every word Coleridge had ever read."[42]

Muito embora a existência separada de uma personagem Kate Fansler (de aspecto convencional, mas que se revela consciente da circunstancialidade da imagem assumida) e de uma personagem Janet Mandelbaum (apresentada como convencional e sem imaginação, de facto) favoreça a narratividade da história, é perfeitamente possível entendê-las a ambas, em muitos aspectos, respectivamente como a *autovisão* e a *alterovisão* da mesma figura de mulher Professora/*Scholar*. Quando um estudante, interrogado sobre a personalidade e modo de convivência da Professora Janet Mandelbaum, responde:

> "Professional. Not at all personal, as some of the young profs are. She didn't call me by my first name, and I would never for a moment have thought of calling her by hers, ever. Oh, that's superficial, I know. But with all her dignity and distance, I thought she was always glad to see me."[43]

- decorre com facilidade de conteúdos anteriores a noção de que a própria Kate Fansler, considerada do ponto de vista dos alunos, poderia assumir uma caracterização muito semelhante. Em auxílio desta interpretação pode invocar-se o facto de, em obra posterior de Amanda Cross, *A Trap For Fools* (1989), a perspectiva da própria personagem Kate Fansler coincidir com aquela que, em *Death In A Tenured Position,* é atribuída à personagem Janet Mandelbaum, no que respeita a razões encontradas para abominar a familiaridade que se tem traduzido na generalização do uso dos nomes próprios no tratamento entre docentes e alunos:

> "All the young insist on first names. It's driving me up the wall and out of sight. Not that I mind being called Kate; I know my name. It's all those students and acquaintances calling themselves Susan and Barbara and Jeannie and Nancy that drive me mad. I get cards, Humphrey, from all over the world, saying 'How are you, hope to see you when I get back,' signed Barbara, and I haven't a clue, not a glimmer, as to which of many Barbaras it is. Or I answer the phone, and someone says 'This is Lizzie.' Whoopy-do. I can't quite find the right tone in which to say 'Lizzie who?' I pray the conversation will reveal her identity, and do you know, there have been times when it never does . . . If someone says she's Lizzie Rappaport, I know where I am.[44]

Linhas de continuidade como esta indicam que em *Death In A Tenured Position* se atribuíram à personagem Janet Mandelbaum características que fazem parte da postura implícita da narradora autoral. Se, em *Death In A Tenured Position*, o ponto de vista da narração não coincide com a perspectiva presumível de uma personagem única resultante da fusão entre Kate Fansler e Janet Mandelbaum, é porque essa fusão foi tornada impossível pela radicalização da diferença entre as duas posturas, pois só a Kate Fansler foi atribuída a capacidade de solidariedade social que lhe permite olhar com simpatia a causa das mulheres que não foram bem sucedidas profissionalmente a ponto de poderem esquecer a habitual condição de desvantagem do género feminino. Mas o tema principal, e válido para ambas as personagens, que é equacionado, é o da solidão da mulher que chega ao topo, e da dúvida permanente sobre se o conseguiu pelos seus próprios meios, e é aceite como igual, ou se, pelo contrário, continua a ser discriminada, e o seu sucesso individual lhe foi permitido apenas, ou quase apenas, para funcionar como emblema de uma postura democrática que o sistema, de facto, por norma, não assume. No desenvolvimento desta narrativa, o equacionamento de tais questões não seria possível sem a presença da personagem Janet Mandelbaum, que se radica na posição individualista de falta de solidariedade com a causa das mulheres em geral. As figuras de Kate Fansler e Janet Mandelbaum existem, assim, em sistema de simbiose, e são ambas essenciais ao entendimento do que, na obra, é, de facto, o ponto de vista da narração.

Marvin, o protagonista de *A Tenured Professor*, de John Kenneth Galbraith, partilha com os protagonistas americanos das outras obras abordadas características importantes. Tal como em Kate Fansler, também em Marvin se alia a capacidade de obter sucesso pessoal ("As he got into it, Marvin found the making of money surprisingly agreeable"[45]) - com a preocupação de usar essa capacidade em prol de ideais humanistas, preocupação que, dentro da narrativa, é por vezes lembrada através da voz

da esposa, Marjie: "Let's go on to the next stage," said Marjie. "Remember what we agreed: the money is just a means to an end - a greater end."[46]

O verdadeiro ponto de vista da narração em *A Tenured Professor* contém, no entanto, e como já foi indicado, muito menos credulidade ingénua e juvenil na possibilidade de concretizar ideais humanistas, e muito mais cepticismo e tendência para se "auto-entrincheirar" em limites de actuação que garantam a segurança pessoal; e, na textura narrativa da obra, esta última perspectiva ganha forma, tanto pelo desfecho negativo dado às manobras de Marvin a favor de causas idealistas, nomeadamente a do desarmamento, como pela presença de contraponto da personagem McCrimmon, onomatopaico óbvio de "acrimony", coerentemente referida nos seguintes termos:

> Angus Maxwell McCrimmon, professor of advanced psychometrics, now in his late fifties, would, in earlier times, have been approaching retirement . . . Neither there nor elsewhere was McCrimmon a figure of affection . . . Angus McCrimmon's character was not one that emerged gradually as he became known. In this history he is, as he was at Harvard, an evident earth-fault in an otherwise stable terrain . . . To McCrimmon . . . tolerance and discretion were unknown. By nothing had he felt so rewarded over the years as by the aberrations of his colleagues and the mistakes and miscalculations of presidents, deans and governing boards. When a consensus had been reached at a faculty meeting, it was McCrimmon who spoke ardently to its flaws. When he found himself in the majority, he went eloquently into the opposition.
>
> Only with students was McCrimmon exempt from the hostility he was known greatly to enjoy. That was because, with the exception of some flagrant eccentrics, he had no students.[47]

No aviso, à abertura da obra, em que John Kenneth Galbraith coloca a sua narrativa ao abrigo de interpretações motivadas por coincidências possíveis com o mundo real de Harvard, o autor, como já atrás foi referido, reconhece que atribuiu à personagem McCrimmon características a que, ao longo dos anos, tem tentado resistir em si mesmo. Por sua vez, no fecho da narrativa, é ainda McCrimmon que contracena com Marvin, opondo ao possível desapontamento deste, por tantos esforços frustrados, a consolação de que, por ter seguido o seu conselho, conseguiu pelo menos manter o vínculo contratual a Harvard, e a possibilidade de um futuro, apesar de tudo, promissor, dentro dos limites de segurança oferecidos pela instituição universitária.

Torna-se evidente a confluência e a dialéctica entre estas duas figuras, Montgory Marvin (a melhor parte de um possível *alter ego* do autor) e Maxwell McCrimmon (a pior, mas mais acautelada), na construção do ponto de vista que preside à narração; ponto de vista que não será tão juvenil e idealista como o da primeira personagem, nem tão céptico e empedernido como o da segunda, mas que resultará da consciência plena da possibilidade, e das razões justificativas, para qualquer destas posturas, e para os compromissos intermédios entre ambas.

Nos quatro romances que tratamos de modo mais exaustivo, a dicotomia criada entre figuras como James Walker e Bernard Froelich, Philip Swallow e Morris Zapp, Kate Fansler e Janet Mandelbaum, Montgory Marvin e Maxwell McCrimmon, é uma estratégia que favorece não só a narratividade das obras, como foi referido, mas também a prática da crítica de outrém, e da autocrítica, dentro das mesmas. Ao dividir o "eu profundo" que preside à narração em dois "eus", tratados como dois "eles" que, por vezes coadjuvados por personagens secundárias, entre si se antagonizam e se completam, conseguem-se quase caricaturas pelas quais se põem a

descoberto, às vezes de modo extremo, as fragilidades encontradas, mais do que na instituição universitária e em determinadas figuras de Professor/*Scholar*, no próprio "eu narrador", que se desdobra para a si mesmo se poder julgar como se fosse outro.

A relação entre os protagonistas e as figuras que lhes servem de contraponto, assim, mais do que de verdadeira oposição, é de composição, ou de completamento. No mundo académico, o oponente real são os valores que regem o mundo exterior, a sociedade humana, não como o pensamento teórico da Universidade a idealiza, mas tal como é, e este oponente real, adentro da textura das narrativas, frequentemente se identifica com a Administração, ou toma a forma de personagens que se demarcam da figura corrente de Professor/*Scholar*, por se encontrarem em posição de chefia.

Esta opinião, que, como adiante mostraremos, decorre da análise que vimos fazendo do tratamento que é dado a tais figuras nas obras que são alvo directo do presente estudo, encontra consonância em opiniões de autores que, de formas diferentes, se têm debruçado sobre o romance académico. A habitual alienação dos administradores relativamente aos que integram a instituição universitária por eles administrada reflecte-se na forma como, referindo-se a *Coming From Behind*, de Howard Jakobson, John Wilkinson, em "Conventions Of Comedies Of Manners And British Novels About Academic Life", observa, e cita:

> Wrotesley Polytechnic has a mysterious administrator, a Dr Sidewinder: "No one knew who had appointed him. No one knew in which part of the building he had his room or what his secretary was called or what his internal telephone number was. No one knew how, officially, to address him, or in what place, or on what matters"[48] . . . teachers in the novels labor under administrations that alienate them.[49]

As sugestões de afastamento das realidades da instituição, ou mesmo de desonestidade e oportunismo, também no que diz respeito a "College Presidents" e outros detentores de postos de chefia, abundam no romance académico desde *Lucky Jim*, que é um dos marcos com que se inicia a fase moderna deste subgénero. Como John Wilkinson também comenta, "From Dixon's point of view, Welch belongs to a suffocating power structure that includes the mysterious Caton, the man who, having promised to publish what Dixon calls his piece of 'niggling mindlessness' . . . steals the article"[50].

A imagem dos detentores de postos de chefia nas Universidades não é significativamente diferente no caso americano. De acordo com Jo Allen Bradham, em "The American Scholar: From Emerson To Alexander Theroux's Darconvilles Cat":

> Only presidents, singled out for special opprobium, have drawn a less favorable press than English professors . . . with names that expose their inadequacies and affectations, President Poor (*Pnin*), Puffman (Martin Larson, *Plaster Saint*, 1953), and Pomton (*Purely Academic*) manipulate the affairs of their respective institutions. Most serious weaknesses appear in President Hoar who prostitutes himself and his college (*The Groves of Academe*) and President Labad (*A New Life*), who seems, simply, entirely bad . . . The most sympathetic and admirable of the professors at Wyndham College (*The Spire*) says of the office: 'no college president can retain his integrity. Haven't you found that out? He promises, he pacifies, he flatters and bribes, he plays both ends against the middle . . .' [51]

Por sua vez, Will Rocket, em "Tension At The Verberant Core: Academic Subcultures And Their Effects In British And American College Detective Fiction", considera:

> The fictional academic culture in all its various forms has portrayed college presidents for the most part as removed from the realities of their institutions, and they have reckoned little in the telling of these tales . . . Langton has given us recently a president who kills. Deans murder, or cover up murder, in a number of recent stories, such as *Groves of Academe* and *An Educated Death* . . . [52]

O autor passa a referir o caso de *A Trap For Fools*, de Amanda Cross, em que um decano é culpado de chantagem e um vice-reitor, de homicídio. Em *Death In A Tenured Position*, da mesma autora, Clarkville, director de departamento, não é culpado de chantagem nem de homicídio, mas não deixa de tentar encobrir as circunstâncias da morte de Janet Mandelbaum com o fito de preservar um bom nome que a instituição de Harvard, do modo como é retratada na narrativa de Amanda Cross, dificilmente merece.

Do que tem vindo a ser exposto se depreende que a figura do chefe informa o ponto de vista da narração, mas pela negativa, já que a perspectiva do protagonista ou do narrador, invariavelmente, não coincide com a do detentor do poder, ou lhe é, mesmo, oposta. Como as passagens dos vários críticos que citámos deixam entrever, esta asserção é verdadeira, não só em relação ao *corpus* que definimos para análise, mas também em relação ao subgénero do romance académico em geral. Mesmo no caso de romances protagonizados por figuras que se encontram na posição de directores de Departamento, ou docentes de alto gabarito, transparecem sempre a pressão e o desconforto causados pela presença de outros poderes, frequentemente apresentados como de natureza insidiosa, ou

questionável em termos da sua legitimidade. Verifica-se, ainda, o recurso frequente à estratégia de fazer reverter a atenção para outras figuras, também centrais, mas em situações menos poderosas. Casos paradigmáticos do que afirmamos são, por exemplo, *Small World*, de David Lodge, e *My Strange Quest For Mensonge* e *Doctor Criminale*, de Malcolm Bradbury.

Em *Small World*, que tem continuidade narrativa com *Changing Places*, deparamo-nos com a mesma personagem Philip Swallow num estádio muito mais avançado da sua carreira; no entanto, não é Philip Swallow (que, de alguma forma, poderia ser visto como um *alter ego* do autor) o detentor do poder, mas são-no antes figuras como a do decadente Arthur Kingfisher; e o esvaziamento de poder parece ser tão necessário à construção do olhar que prevalece na narrativa, que faz com que a personagem mais central à acção tenha de deixar de ser Philip Swallow (nesta fase, já director de departamento) para passar a ser Persse McGarrigle, jovem poeta, idealista e inexperiente das coisas do mundo, que facilmente pode ser entendido como uma versão estilizada de Philip, mais novo. Do mesmo modo, em *My Strange Quest For Mensonge* e em *Doctor Criminale*, de Malcolm Bradbury, o ponto de vista que preside à narração não é o das figuras centrais (a que, em todo o caso, foram atribuídos nomes com conotações negativas), mas antes o de outrém, sobre elas: outrém que se manifesta, ou através da voz despersonificada de um narrador, ou, no caso da última das duas obras mencionadas, através da voz da personagem Francis Jay, um jornalista que toma para si o empreendimento de encontrar o filósofo Bazlo Criminale, que é tão incerto, esquivo, e difícil de encontrar como é difícil determinar a verdade no clima intelectual do fim do século XX.

É importante notar-se, neste ponto, que o estatuto cada vez mais elevado das personagens centrais nos romances académicos indica que o ponto de vista tendencial da narração está a envelhecer; este

envelhecimento verifica-se a ponto de passar a ser necessário recorrer à presença de figuras menos centrais para manter, em relação ao narrado, alguma da atitude de dissidência juvenil que tradicionalmente caracterizou o subgénero. O artificialismo de se ter de recorrer a estas figuras é mais um elemento que leva a crer que, depois de se ter gasto a irreverência da geração *Beat* que, na América, reagiu contra o McCartismo, e em Inglaterra correspondeu ao movimento dos *Angry Young Men* (muito presente à formação do subgénero, na fase moderna), não sobre, ao modelo de romance académico que conhecemos, muito fôlego, já que a partir da década de setenta vieram tempos mais acomodados; tempos em que a contestação se anulou a si própria por passar a ser a norma, um dado adquirido, caindo-se, assim, num outro tipo de conformidade: o conformismo de se ser inconformista.

De qualquer modo, não sendo a perspectiva presumível das figuras de chefia aquela que prevalece no romance académico, a caracterização que é feita das personagens que detêm o poder é, ainda assim, relevante para a definição do ponto de vista que, em cada caso, preside à narração, e para o entendimento do modo como esse ponto de vista se olha a si mesmo, se "autovê", na geografia de oposições que o envolvem. A figura do chefe, ou da personagem que revela qualidades de liderança, quer assumida, quer sub-reptícia, pode ser construída à semelhança das figuras equivalentes no mundo empresarial, como já foi referido, e neste caso demarca-se, por oposição, do teor primordial do universo académico a que pertence e em que surgiu. Noutros casos, porém, a figura do chefe mais não faz do que repercutir, de forma hiperbolizada, as características de desfasamento e de inadequação relativamente ao real concreto que tipificam, especialmente em Inglaterra, a figura tradicional do Professor ou *Scholar*. É assim que, em *Changing Places*, Gordon Masters, director de departamento na Universidade de Rummidge, é apresentado a fazer declarações à Imprensa sobre as manifestações reivindicativas dos estudantes com uma visão tão

distorcida e deslocada em relação às dimensões reais do problema como se estivesse perante um conflito da Segunda Guerra Mundial, e pretendesse resolvê-lo através do recurso a estratégias que, para as circunstâncias em questão, se afiguram desproporcionadas e megalómanas:

> Gordon Masters, Professor of English Literature at the University of Rummidge, has condemned the present sit-in by the students in strong terms.
>
> 'The situation closely resembles that of Europe in 1940,' he said yesterday. 'The unacceptable ultimatum, followed by a *Blitzkrieg* and occupation of neighbouring territory, was Hitler's basic strategy. But we did not yield then and we shall not yield now.'
>
> On the wall of his office, Professor Masters has a large map showing the plan of the University's central heating system. 'The heating-pipes are conveyed through a maze of tunnels,' he explained, 'which would make an excellent base for resistance activity should Senate and Administration have to go underground. I don't doubt that the Vice-Chancellor has a secret bunker to which he can retreat at short notice.'
>
> The Vice-Chancellor's office declined to comment.
>
> - *Rummidge Morning Post* [53]

Em *Changing Places,* Gordon Masters, incapaz de suportar a tensão a que é sujeito, acaba por ser dado como doente mental, e demite-se. O confronto entre o mundo académico, tendencialmente teórico, e o mundo real, transparece tanto através de exemplos, como o que foi referido, de chefes que soçobram sob o peso das pressões e problemas com que têm de defrontar-se, como através de exemplos de líderes potenciais que escolhem evitar tais problemas. É nesta linha de interpretação que Morris Zapp considera que chegou ao topo da sua carreira, já que vê com clareza razões para se recusar a dar o passo que o levaria mais longe:

> [Morris Zapp] could only significantly increase his salary . . . . by switching to administration, looking for a college President's job somewhere, which in the present state of the nation's campuses was a through ticket to an early grave.[54]

A ligação entre o universo académico e o mundo real exterior efectua-se através da ponte constituída pelas figuras em posição de chefia, especialmente as ligadas à administração das Universidades. Se a caracterização que é dada a estas figuras revela alguma coisa, não só sobre o ponto de vista que preside à narração, mas também sobre o modo como o Professor/*Scholar* se vê a si mesmo, e avalia as suas forças na relação com o mundo exterior, devemos concluir que o resultado desta avaliação não é positivo. Um outro sintoma desta avaliação negativa do poder académico no confronto com o poder vigente na sociedade é a recorrência da atribuição, às figuras de chefia, de inércia física e de passividade, se não real, pelo menos aparente. Na passagem em que o *Vice-Chancellor* da Universidade de Rummidge consulta Morris Zapp sobre promoções e nomeações para o seu departamento, os sinais desta passividade transparecem de modo óbvio na escolha do léxico:

> 'Cigarette?' He made a **feeble** attempt to push a wooden cigarette box across his desk in Morris's direction.
>
> 'I'll have a cigar if you don't mind. Will you join me?' . . . . The VC smiled and shook his head **wearily**. 'I want to ask your advice concerning one or two little problems.' He propped his elbows on the arms of his chair and, by interlacing his fingers, **formed a shelf on which to rest his chin** . . . The shelf **collapsed** and the VC's jaw **sagged** momentarily.
>
> 'I guessed the students wouldn't let you get away with excluding them from that committee.'

> Stroud's face cleared. 'Oh, it's nothing to do with the students, dear fellow.' He permitted himself an **almost vigorous** gesture of dismissal.[55]

São as figuras de chefia inglesas as mais retratadas como fisicamente inertes, mas as americanas também não são alheias a este tipo de representação, nomeadamente se pertencem a Harvard; tal é o caso de Clarkville que, em *Death In A Tenured Position*, é director de departamento nesta Universidade, e cuja postura, durante uma conferência, é assim descrita:

> Clarkville, a large and ungainly man, had slumped backward, so that he was as close to reclining as one can be on a couch without actually stretching on it; his eyes were directed ceilingward and were shut. But he was not asleep; no, he was listening.[56]

McCrimmon, na narrativa de John Kenneth Galbraith, tem a característica da inactividade física em comum com Clarkville, da narrativa de Amanda Cross de que acabámos de citar, mas, pela voz do narrador, subscreve-a de modo mais consciente e explícito:

> . . . McCrimmon subsided gratefully onto the couch. It was thus that he regularly received his occasional visitor, the even more occasional student. Emerson once said that nothing so impairs intellectual achievement as exposure to physical activity, and McCrimmon believed in carrying that advice to the plausible limit.[57]

Se a inactividade física tão frequentemente atribuída às personagens em posição de chefia no sistema universitário é representativa da incapacidade, ou das dificuldades em dialogar com o meio envolvente, deve ser lembrado que abundam também, no romance académico, figuras cuja aguçada capacidade de negociação é encarada como traição aos valores que tradicionalmente regem a instituição universitária. Discrepâncias como esta no seio da instituição, e no modo como a si mesma se olha, são sintomas do estado de transformação constante da Universidade. E é a partir desta condição dinâmica permanente, que, através do romance académico, a Universidade mostra reconhecer em si mesma, que se formam as *Alterovisões*, de que passaremos a tratar: as visões que, a partir da Universidade, se constróem sobre *o Outro*. Dado que a Universidade da segunda metade do século XX tem assimilado em si mesma tanta alteridade e tanta contradição, começaremos por definir, no princípio do próximo capítulo, quem permanece, apesar dessa assimilação, ainda, *o Outro*; e a avaliação das situações de alteridade será feita em função da distância a que elas se encontrem do ponto de vista que habitualmente prevalece na narração, e sobre o qual neste capítulo nos debruçámos.

[1]Stephen Mennell, "The Formation Of We-Images: A Process Theory", *in* Craig Calhoun (ed.), *Social Theory And The Politics Of Identity*, Cambridge, Massachusetts, Blackwell, 1994, p.179.
[2]John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor*, Boston, Houghton Mifflin Company, 1990, s/ menção de página.
[3] Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, London, Arrow Books, 1984 [1965], p. 31.
[4]*Idem*, p. 290.
[5]*Idem*, p. 24.
[6]*Idem*, pp 24-25.
[7]*Idem*, p. 267.
[8]*Idem*, p. 260.
[9]*Ibidem*.
[10]*Ibidem*.
[11]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 257.
[12]*Idem*, pp 400-401.
[13]David Lodge, *Changing Places*, p. 249.
[14]*Ibidem*.
[15]*Idem*, p. 310.
[16]*Idem*, p. 415.
[17]David Lodge, *Changing Places*, p. 249.
[18]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, pp 413-414.
[19]*Idem*, p. 415.
[20]David Lodge, *Changing Places*, p. 8.
[21]*Idem*, p. 5.
[22]*Idem*, p. 10.
[23]*Idem*, p. 17.
[24]*Idem*, p. 28.
[25]Idem,p. 25.
[26]*Idem*, p. 18.
[27]*Ibidem*.
[28]*Idem*, p. 10.
[29]*Ibidem*.
[30]*Idem*, pp 79-80.
[31]*Idem*, p. 9.
[32]*Idem*, p. 10.
[33]*Idem*, pp 10-11.
[34]*Idem*, p. 31.
[35]*Idem*, p. 39.
[36]*Idem*, p. 165.
[37]*Idem*, p. 44.
[38]Amanda Cross, *Death In A Tenured Position*, p. 6.
[39]*Ibidem*.
[40]*Ibidem*.
[41]*Idem*, pp 8-9.
[42]*Idem*, p. 17.

[43]*Idem*, p. 82.
[44]Amanda Cross, *A Trap For Fools*, New York, Ballantine Books, 1990 [1989].
[45]John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor*, p. 72.
[46]*Idem*, p. 97.
[47]*Idem*, pp 6-7.
[48]John Wilkinson, "Conventions And Comedies Of Manners And British Novels About Academic Life", *in* K. Bege e Barbara Brothers (eds), *Reading And Writing Women's Lives: A Study Of The Novel Of Manners*, Ann Harbor, Univ. Microfilms International Research P., 1990, p. 201.
[49]Idem, p. 205.
[50]Idem, p. 210.
[51]Jo Allen Bradham, "The American Scholar: From Emerson To Alexander Theroux's Darconville's Cat", *Critique: Studies In Contemporary Fiction*, V. 24 (4), Verão de 1983, pp 215-227, p.221.
[52]Will Rocket, "Tension At The Verberant Core: Academic Subcultures And Their Effects In British And American College Detective Fiction", *A Journal Of Detection*, Vol. 12 (2), Outono / Inverno de 1991, pp 91-113, p. 111.
[53]David Lodge, *Changing Places*, p. 161.
[54]Idem, p. 44.
[55]Idem, p. 221. Nosso ênfase.
[56]Amanda Cross, *Death In A Tenured Position*, p. 78.
[57]John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor*, p. 21.

PARTE III - *ALTEROVISÕES*

III - I *Alterovisões*, e o Elemento Recorrente da Viagem

Em *Coughing In Ink: The Demise Of Academic Ideals*, Philip F. Lawler comentava:

> American colleges have set themselves apart from the rest of our society. The social attitudes on campus, the moral and political views held by teachers and by students: all are radically different from the values of American society in general. Academe has become a virtual counterculture.[1]

Ao mesmo tempo, reconhecia que: "we have been taught all along that universities are seedbeds for all sorts of new ideas"[2]

A obra em questão é de 1993, e de então até ao presente, não só nos Estados Unidos, mas na cultura do Ocidente em geral, a sementeira, na opinião de Philip F. Lawler, presumivelmente feita a partir da Universidade, de ideias predominantemente liberais, pacifistas, anti-militaristas e democráticas (segundo o mesmo autor: "it is clear . . . that faculty members contribute a massive force in favor of liberal domestic, pacifist, anti-militarist, and democratic policies"[3]) - tem continuado, não só a prosperar nos meios académicos, mas também a exercer a sua influência no resto da sociedade.

Por outro lado, a tentativa de definir o que, relativamente à Universidade, são *alterovisões*, ou visões do *Outro*, faz-nos deparar com a dificuldade criada pela existência, mesmo no seio desta instituição, de situações de alteridade e de contradição, que já reconhecemos e glosámos nos capítulos anteriores. Daí a necessidade que encontrámos de definir, nas narrativas sobre a Universidade, qual o ponto de vista que, de facto, tende a prevalecer. Na matéria da definição do que se deve constituir como

Outro, em relação à Universidade, cremos poder chegar a uma base de trabalho processualmente sã ao considerarmos que as *alterovisões* de que trataremos são as referentes às situações de alteridade que, em cada caso, são exteriores ao ponto de vista da narração, ou são, mesmo, alvo de crítica por parte deste.

Além das *alterovisões*, a partir da Universidade, das diferenças de classe socioeconómica e das diferenças étnicas/de raça, de que trataremos nos capítulos seguintes, e não obstante a gama variada de contradições internas que a Universidade pode integrar e assumir, há, em torno do tema académico, outros pontos de vista possíveis, de natureza geral, que nunca são os que prevalecem nas narrativas de que tratamos. A partir da consciência deste facto, podemos enumerar uma lista de oposições básicas; por exemplo, em relação ao *Nós*, da Universidade, que transparece no romance académico, constituem-se, na generalidade, como *Outro*, realidades como a tecnologia, a burocracia, a administração da própria instituição universitária, e o governo do país.

A desconfiança da tecnologia permeia, em *Changing Places*, a caracterização de Philip Swallow, e dos seus colegas da Universidade de Rummidge, que, à data da publicação do romance, em 1975, são apresentados como ainda aparentemente incapazes de recorrer, por sistema, sequer às máquinas de escrever tradicionais, quanto mais ao processamento informático de texto:

> The noticeboard distantly reminded Morris of the early work of Robert Rauschenberg: a thumb-tacked montage of variegated scraps of paper - letterheaded notepaper, memo sheets, compliment slips, pages torn clumsily from college notebooks, inverted envelopes, reversed invoices, even fragments of wrapping paper with tails of scotch tape still adhering to them - all bearing cryptic messages from

> faculty to students about courses, rendezvous, assignments and books, scribbled in a variety of scarcely decipherable hands with pencil, ink and coloured ball-point. The end of the Gutemberg era was evidently not an issue here: they were still living in a manuscript culture . . . As a system for conveying information it was the funniest thing he'd seen in years.[4]

Na mesma obra, o próprio americano Morris Zapp não é imune ao receio de se confiar à tecnologia sofisticada do avião em que viaja, que é, afinal, resultado do trabalho de mãos humanas, tendentes a errar.

Em *Stepping Westward*, de Malcolm Bradbury, a ruptura entre James Walker e Julie Snowflake é catalisada pela inépcia do primeiro perante uma avaria mecânica do carro em que viajam. Em *Death In A Tenured Position*, a protagonista Kate Fansler é guardiã de valores humanistas a que o progresso tecnológico, em princípio, é alheio. Em *A Tenured Professor*, o envolvimento anterior do economista Montgomery Marvin no lado prático da economia, nomeadamente, o lado relacionado com a indústria de frigoríficos, funciona como um obstáculo (ainda que transponível) a que seja aceite para ocupar um posto em Harvard.

Mas a visão da tecnologia como portadora de alteridade em relação ao universo académico, ou mesmo, mais explicitamente, a desconfiança ou hostilidade em relação à tecnologia, que temos vindo a referir, transcende largamente, na ficção ligada à Universidade, os limites do *corpus* que seleccionámos. No romance de David Lodge *Small World*, que constitui uma sequela a *Changing Places*, o efeito da abordagem da literatura através de um artefacto de natureza tecnológica revela-se estiolador:

"How did you come to lose faith in your style?" Persse enquired.

"I'll tell you [Frobisher said]. I can date it precisely from a trip I made to Darligton six years ago. There's a new university there, you know . . . They wanted to give me an honorary degree . . . they'd honour a writer who wrote about working-class . . . I was sort of flattered . . . But then, when the official part was over, I was nobbled by a man in the English Department. Name of Dempsey . . . this Dempsey character is gaga about computers . . . 'I'd like to take you over to our computer centre this afternoon,' he said . . . 'when we heard that the University was going to give you an honorary degree, we decided to make yours the first complete corpus in our tape archive . . . every word you've ever published is in here' . . . he sits me down in front of a kind of typewriter with a TV screen attached . . . 'What's your favourite word?' [he asked] 'My favourite word? I don't have one.' 'Oh yes you do! he said. 'The word you use most frequently . . . Let's see.' So he taps away in the keyboard and instantly my favourite word appears on the screen. What do you think it was?"

"Beer?" Persse ventured.

Frobisher looked at him a shade suspiciously through his owlish spectacles . . . "Try again."

"I don't know, I'm sure," said Persse.

. . . "Grease," he said, at lengh.

"Grease? " Persse repeated blankly.

"*Grease. Greasy. Greased.* Various forms and applications of the root, literal and metaphorical. I didn't believe him at first, I laughed in his face. Then he pressed a button and the machine began listing all the phrases in my works in which the word *grease* appears in one form or another. . . *The greasy floor, the roads greasy with rain, the grease-stained cuff, the greasy jam butty, his greasy smile, the grease-smeared table, the greasy small change of their conversation* . . . I was flabbergasted, I can tell you. My entire *oevre* seemed to be saturated in grease . . . Dempsey was chortling with glee, pressing buttons to show what my other favourite words were. *Grey* and *grime* were high on the list, I seem to remember. I seemed to have a penchant for depressing words beginning with a hard 'g'

. . . the next morning, when I sat down at my desk and tried to get on with my novel, I found I couldn't. Every time I

> wanted an adjective, *greasy* would spring into my mind . . .
> I'm [sic] never been able to write fiction since." . . .
> "That's the saddest story I ever heard," said Persse.[5]

A passagem tem valor emblemático, já que pode ser lida como simbólica da ameaça de morte que o avanço da tecnologia e dos valores que lhe são inerentes poderá constituir para as Humanidades e para o conjunto de atitudes em relação à vida que tradicionalmente lhes subjaz. A meio caminho desta ameaça de destruição total, que, talvez por ser demasiado radicalista, é apenas sugerida, fica a ameaça de deturpação de sentido para as Humanidades que, no romance académico, se traduz pelo tratamento normalmente dado à actividade dos *mass media*; neste subgénero, o tema da relação problemática entre o Professor/*Scholar* e a tecnologia tem imbricações que afectam o modo como é tratada a referida realidade dos *mass media*, já que nela confluem, por um lado, o facto de decorrer directamente da evolução do trabalho na área das Humanidades; por outro, ao mesmo tempo, o facto de depender hoje, em alto grau, da tecnologia audiovisual e informática, que é aquilo que lhe permite ter impacto prático, e atingir cada vez maiores audiências. A associação dos recursos tecnológicos ao trabalho na área das Humanidades tende a deturpar, nestas, o sentido que lhes é tradicionalmente inerente. Não só proporciona, para as várias matérias e questões, uma abordagem despersonalizada, e tão limitada pelos parâmetros da objectividade que chega a enfermar de cegueira para o que eventualmente seria mais importante, como se deixa entrever na última passagem que citámos, como também, no caso patente dos *mass media*, põe em marcha atitudes, e põe em evidência valores, como os da utilidade e da rentabilidade em termos de exploração comercial, que são, em princípio, contrários aos que associamos ao trabalho do humanista. Assim, a visão tendencialmente negativa que, no romance académico, a Universidade revela ter da tecnologia, que é utilitarista, frequentemente se materializa através do tratamento dado aos

mass media, recorrente nestas obras. Em *Stepping Westward*, James Walker, ao pôr em causa a classificação de *Angry Young Man* com que teimam em rotulá-lo, vê as suas palavras distorcidas pela manipulação da imprensa, no sentido de lhe atribuírem uma atitude de propaganda do sistema americano que estava longe das suas intenções:

> Well, let me ask you this," said the man from the *Bugle*. "You've just been described to us, right, as an angry young man. Now, are you still angry now you're over here?"
>
> "I never was angry," said Walker.
>
> "But there's nothing makes you angry in Party?"
>
> "No."
>
> "So you find things better in Party than they are at home; is that right?"
>
> "No, I don't feel so concerned about the problems of this country because I haven't been here long enough to know what they are."
>
> "But there are a lot of things you don't like about England, right?"
>
> "Yes, some."
>
> "So there's no place like home but I like it here better. Well, thank you. You just gave us a real good story."
>
> "You're not going to print all that?" cried Walker.[6]

Pior do que publicar o diálogo em questão, o repórter faz publicar, mais tarde, uma versão a que foram retirados os sinais da manipulação envolvida:

> Walker picked up the newspaper, folded to reveal an item headed 'Angry Young Man Loses Anger in Party.' It began: 'Angry Young Man author James walker, visiting Party from England to head Benedict Arnold's creative writing program, announced Wednesday that he had stopped feeling angry

> since he arrived in town. 'In Party there's nothing to feel angry about, " chunky, tweed-clad Walker told a *Bugle* reporter . . . "
> Walker put the paper down, positively red with anger. 'I didn't say that," he said.
> "Nice piece," said Bourbon.[7]

O mesmo tipo de leitura da realidade dos *mass media* e dos que neles se envolvem se encontra na obra *Changing Places*, em que a opção pelos *media* em vez do trabalho académico surge adoptada por um ex-estudante da Universidade de Rummidge, caracterizado como permanente causador de distúrbios, manipulador e mentiroso. "To tell you the truth, Phil, I'm not too bothered about my studies . . . I've decided my future's in the media"[8], diz a Philip Swallow um Charles Boon cujo carácter a voz do narrador perspectivara do seguinte modo:

> In his memorable undergraduate career Charles Boon had involved the student newspaper Rumble, of which he was editor, in an expensive libel suit brought by the mayoress of Rummidge; caused the Lodgings warden to retire prematurely with a nervous disorder from which she still suffered; appeared on 'University Challenge', drunk; campaigned (unsuccessfully) for the distribution of free contraceptives at the end of the Freshers' Ball, and defended himself (successfully) in a magistrate's court against a charge of shop-lifting from the University Bookshop.[9]

Não obstante tal tipo de carácter, ou talvez precisamente, da perspectiva que informa a narração, por causa de tal tipo de carácter, Charles Boon vem a fazer furor nos meios mediáticos da cidade americana onde passa a viver. E a postura interior do *Scholar* Philip Swallow perante o relato deste sucesso, e perante o sucesso das figuras consagradas dos *mass media*, é significativamente carregada de ambivalências.

> Philip looks searchingly at Boon, whose left eye jumps abruptly to port. Philip relaxes: it is all a pack of lies, after all. There is no radio programme, no TV show, no expense account, no newspaper column. It is all wish-fulfilment [sic] fantasy . . . Boon has certainly changed . . . his speech has lost some of its cockney vowels . . . he sounds not unlike David Frost. Philip has always supposed he despised David Frost but now realizes that in a grudging kind of way he must respect David Frost quite a lot, so sickening it has been to entertain, even for a moment, the idea that Charles Boon is successfully launched upon a similar career.[10]

Ao contrário do que Philip Swallow esperaria, Charles Boon está de facto, a ser profissionalmente bem sucedido nos *mass media*, o que se lê como sintomático do tipo de valores que estes promovem. Ainda que a possível intenção autoral posta no sucesso atribuído à figura de Charles Boon possa ser principalmente endossada à diferença cultural, por se verificar na América, o facto é que, na mesma obra, e no contexto inglês, a temática dos *mass media* ressurge, continuando a ser olhada a uma luz desfavorável; Morris Zapp comenta acerca da sua experiência de sintonizar, em Rummidge, a "Radio One":

> Instead of advertising products, the disc-jockey advertised *himself* - pouring out a torrent of drivel generally designed to convey what a jolly, amusing and lovable guy he was - and also advertised his listeners, every one of whose names and addresses he seemed to read out over the air, plus, on occasion, their birthdays and car registration numbers. Now and again he played musical jingles in praise of himself or reported, in tones of unremitting jollity, a multiple accident on the freeway . . . It was a riot. Morris thought it was a little early in the morning for satire, but listened entranced.[11]

A referência ao modo quase indiferentemente bem disposto em que chegam a noticiar-se acidentes, se o tom geral de um programa o exigir, relaciona-se com a tendência dos *media* para não qualificarem a informação de modo isento, mas fazê-la, em vez disso, servir os vários propósitos que se vão tendo em vista. Paralelamente, também no final de *Changing Places*, o autor recorre à extrapolação para as técnicas dos *media* audiovisuais, nomeadamente do cinema, como estratégia que põe ao serviço da ambiguidade em que pretende deixar o desfecho da narrativa, que contém um caso de *wife-swapping*. Ao negar-se a dar uma solução explícita ao dilema, o autor-narrador evita veicular, mesmo que apenas implicitamente, juízos de valor em relação à moralidade convencional - conforme documentámos no segundo capítulo da Parte I.

Em *Death In A Tenured Position*, de Amanda Cross, os *mass media*, nomeadamente a imprensa, são também olhados como *Outro*, mas a desconfiança sai dos domínios da afinidade dos *mass media* com a tecnologia, no que respeita às vertentes de utilidade/rentabilidade comercial que ambos põem em evidência, e é transportada para a preocupação com as possibilidades de manipulação da linguagem que facilmente levam à deterioração das intenções humanistas originais. É claramente nesta linha de pensamento que, na obra em questão, se recorda sobre Harvard, através da personagem Kate Fansler, um episódio significativo:

> Listening to the speeches, Kate recalled an event she had read about that took place at the commencement of 1969. A law student, addressing an assembly like this, here, she supposed, under the same trees, had begun his speech with a call to law and order: "The streets of our country are in turmoil. The universities are filled with students rebelling and rioting. Communists are seeking to destroy our country. Russia is threatening us with her might. And the republic is

> in danger. Yes, danger from within and without. We need law and order! Without law and order our nation cannot survive." After wild applause, the law student continued: "These words were spoken in 1932 by Adolph Hitler." Kate would have given a great deal to have heard the silence that followed.[12]

Mais do que uma chamada de atenção para a possibilidade de manipulação das massas (que é tanto maior e mais perigosa quanto maiores e mais acríticas, com o auxílio da tecnologia, se vão tornando as audiências), a passagem citada põe em questão, neste caso exemplar, até que ponto as alteridades de que julgamos demarcar-nos são, ou não, genuínas, mostrando que, uma vez adoptada a linguagem da intolerância, facilmente podemos desembocar, por excesso, nas próprias realidades a que nos pretendemos opor.

Observa-se que em ambos os romances de autores americanos, *Death In A Tenured Position* e *A Tenured Professor*, se detecta, por parte do *Establishment* académico, a vontade de controlar os *media*. No caso da primeira obra referida, as circunstâncias à volta de Janet Mandelbaum começam por ser manipuladas por alguns colegas mais novos no sentido de se prestarem a que a respectiva divulgação resulte na reputação denegrida da Professora que ousou apoderar-se de um lugar numa instituição tradicionalmente masculina. No segundo caso, do romance de Galbraith, encontramos que a Universidade de Harvard é bem sucedida na tentativa de evitar o escândalo que a imprensa faria à volta do descalabro das especulações financeiras de Montgomery Marvin:

> Harvard is proud of its ancient respect for civilized values. If, from time to time, a professor has lapsed from the expected standards of professional, marital or financial morality or has found himself involved with the Central Intelligence Agency,

> it is understood . . . that these are not matters for excessive comment. This protection, particularly as regards his financial ventures and misadventures, now favoured Marvin . . . Over at the *Globe* . . . John Fitzgerald Passos . . . remembered one day the compelling story of Marvin's operations and thought the paper should tell its readers how things had turned out. Eldon Carroll was unavailable; suffering from an unfortunate occupational hazard, he was spending a few weeks in an unpleasant alcohol rehabilitation clinic. The reporter who was his replacement went out to Cambridge and talked with Marvin, who told him of his new work on microwave ovens . . . The next to be interviewed was Professor Grierson . . . Grierson spoke warmly of Professor Marvin's commitment to serious academic endeavour and gave a barely comprehensible summary of his now expanded work on consumer durables. Finally, the man from the *Globe* went to see McCrimmon, whose secretary said he could not be disturbed. He returned to tell Passos there was no story.[13]

O tratamento de alteridade dado aos *mass media* transparece tanto na forma como a instituição universitária se demarca, ao fechar-se ao esforço inquisitivo dos *media*, triunfando, assim, sobre eles, como também no modo como os profissionais desta área de actividade são caracterizados, ainda que brevemente: Eldon Carroll, o repórter habitual de *The Boston Globe* - "the leading and, in the view of the avowedly better residents of the metropolis, the only newspaper in Boston and its environs"[14] - está, ao tempo narrativo da conclusão do romance, internado numa clínica de reabilitação de alcoólicos e, longe de ser isto tratado como um caso pontual, o vício em questão é considerado, no que respeita aos profissionais da imprensa, um "occupational hazard". O tratamento negativo assim dado aos *media* e a quem a eles está ligado é, neste caso, especialmente significativo para o argumento que sustentamos, de ser a realidade da tecnologia sistematicamente tratada como *Outro* no romance académico, e de serem os *mass media* tratados como uma projecção, para a área das Humanidades,

da realidade da tecnologia com os valores de utilidade e rentabilidade que lhe estão subjacentes. De facto, em *A Tenured Professor* encontra-se um dos raros casos em que a relação entre *mass media*, Humanidades e tecnologia, do modo que se estabelece no contexto do romance académico, é tornada explícita quando se descreve, de modo breve, mas significativo, o ambiente de trabalho na sala de redacção do jornal:

> At the desks, which stretched into the near distance, men and an occasional woman eyed their computer screens as they typed, deleted and corrected. Others leaned back in the chairs in poorly simulated thought. Over all was an aspect of quiet, continuous movement, literary effort now conformed to industrial process.[15]

Posto que nas duas últimas narrativas a que nos vimos referindo as intenções do *establishment* universitário se sobreponham aos valores e processos dos *mass media*, no cômputo geral da avaliação do romance académico verifica-se a tendência para a admissão do facto de que a possibilidade de subsistência das Humanidades passa pelo estabelecimento de um pacto com essa vertente da industrialização da actividade literária, a que, por sua vez, é imprescindível a ligação com a tecnologia, que permite dar nova amplitude à produção, fornecendo-lhe meios de intermediação capazes de atingir cada vez maiores audiências. É sintomático desta evolução o facto de os romances mais recentes dos autores de romance académico por excelência, Malcolm Bradbury e David Lodge, terem deixado de se centrar na figura do Professor/*Scholar*, para passarem a centrar-se, respectivamente, na do jornalista, como em *Doctor Criminale*, e na do argumentista para a televisão, como em *Therapy*.

O tema da relação problemática, que vimos documentando, entre a Universidade, do modo que é veiculada no romance académico, e a

Tecnologia, que, nesta forma de expressão, é sistematicamente abordada como *Outro*, e se materializa, as mais das vezes, através do tratamento dado aos *mass media* (que é a área de actividade em que a fusão entre os valores em confronto se perfaz) tem vertentes explicativas que transcendem largamente o universo prático de exemplos e obras em que temos vindo a basear a nossa argumentação.

Desde sempre que, tendencialmente, o avanço da Tecnologia tem como efeito uma certa subversão do saber instituído, uma alteração no cânone de saberes que são considerados suficientemente importantes para serem passados às gerações vindouras. Há mais de quinhentos anos, com Gutemberg, a era da imprensa destronou, em termos de relevância, a actividade dos monges copistas, por um processo semelhante ao que leva a que, hoje, os computadores e as máquinas de calcular modifiquem progressivamente, por exemplo, o foco do ensino da matemática, que se desloca para áreas que ainda se mantenham pertinentes apesar da existência destes auxiliares artificiais; processo semelhante, também, ao que conduz a que a ênfase tradicionalmente posta na leitura e na escrita em gerações anteriores venha empalidecendo nas gerações presentes, em face do acesso generalizado aos meios de comunicação audiovisual. Os próprios inventos tecnológicos de instrumentos que aumentam em muitas vezes as capacidades dos sentidos humanos (como microscópios cada vez mais sofisticados, e outros aparelhos que permitem medir com precisão realidades que até há poucos anos eram incomensuráveis) têm tornado possível a correcção de conceitos até então julgados definitivos, modificando e condicionando a forma como passam a ser transmitidos à geração seguinte. Este percurso de evolução é provavelmente tão velho como a Humanidade. Mais recentemente, pode dizer-se que é desde os meados do século XX, que se considera que a ameaça de suplantação, ou mesmo de destruição pela tecnologia tem pairado de modo constante sobre o saber

académico, sobretudo na área das Humanidades. Reinhold Niebuhr, em 1952, expressa a opinião de que:

> Our culture is . . . threatened from within by the preoccupation of our nation with technology . . . Our problem is not merely the synthetic and sentimentalized art of Hollywood . . . it is also the problem of cheap technocratic approaches to the tragic historical drama in which we are all involved . . . life in its grandeur and misery, and history in its tragic and noble proportions, are reduced to biological lives, in order to encourage the hope that the same engineers who mastered "nature" will soon achieve mastery of this vast historical drama.
>
> We must admit . . . that it will require ages of the most sophisticated and the most rigorous kind of criticism to save our American culture from destruction by technocratic illusions.[16]

De facto, ao triunfo objectivo da tecnologia facilmente verificável por todos e mais ou menos em toda a parte, dificilmente se poderá opor a qualidade gratuita e relativamente inócua daquilo a que só discutivelmente se pode chamar progresso (sendo as mais das vezes principamente procura) do conhecimento de cariz humanístico. Às dificuldades trazidas pela incerteza quanto aos próprios critérios de atribuição de valor que tem acompanhado as Humanidades ao longo do século XX, acresce que, dentro da Ciência, em geral, as Ciências Humanas, em particular, progridem de modo menos objectivo e mais lento do que a Tecnologia, em parte, porque são alvo de muito menor protecção e financiamento, dada a sua falta de utilidade prática imediata, em parte, também, porque encontram, a contrariar o seu progresso, dificuldades específicas que a Tecnologia desconhece. A matéria prima com que o investigador em Humanidades trabalha é de índole tão diversa e multifacetada que não permite a aferição da verdade das conclusões a que vai chegando através do protocolo da repetição das

experiências, que se põe em prática em áreas mais exactas do conhecimento. Este aspecto deve-se ao facto de não ser possível, em Ciências Humanas, sequer tomar, ou ter tomado em conta todos os dados, quanto mais mantê-los estáveis para reencenar todos os passos da pesquisa e aferir a correcção das conclusões. Margaret Mead, antes de 1980, já considerava que uma dificuldade posta no caminho das Ciências Humanas consistia em que:

> . . . people cannot be studied as whole human beings in laboratories . . . we can learn only from the lifestyles different peoples have developed over many generations . . we can study human behaviour only as it actually happens - in the real situations of real cultures.[17]

Subjacentes a estas características do trabalho em Ciências Humanas encontram-se aspectos que costumam ser deixados em silêncio: encontra-se aquilo que, por um lado, funciona como um elemento de protecção individual, e permite, mesmo, a tendência para uma atitude de auto-complacência por vezes exagerada, que já referimos no contexto da caracterização do mundo académico; por outro lado, aquilo que reverte na perda de estatuto das Humanidades em relação a Ciências mais exactas: a qualidade irrepetível das experiências em Ciências Humanas, e a morosidade com que, nesta área, os acontecimentos não podem deixar de se desenrolar, fazem com que o investigador possa refugiar-se na improbabilidade de vir a ver as conclusões a que vai chegando postas em causa durante o seu tempo de vida. Dada a zona de incerteza generalizada em que este tipo de trabalho decorre, mesmo que tais conclusões sejam postas em causa, a sua contestação assume-se, no consenso geral implícito, enfermar de tantas probabilidades de erro como as próprias conclusões contestadas. Uma ponte ou qualquer edifício planeado de um

modo incorrecto, ou para cuja construção não tenham sido tomados em conta todos os dados relevantes, corre o risco de ruir a curto ou médio prazo, expondo de modo irrefutável a incapacidade de quem o planeou. Por outro lado, se tiverem sido bem planeados, pontes, outros edifícios, ou, de um modo geral, os muitos artefactos tornados possíveis pelas ciências ditas exactas e pela tecnologia, têm uma utilidade imediata e visível, ao contrário do que se passa nas Humanidades, em que o trabalho desenvolvido, além de se afigurar inoperante em termos de utilidade prática, ainda, pela própria inexistência de meios que permitissem aferir com rigor a dose de verdade em cada caso posta a descoberto, abre as portas ao oportunismo individual e institucional, e à mistificação.

A oposição entre saber académico e saber tecnológico, constituindo-se este último como *Outro*, nas narrativas de que tratamos, justifica uma nova incursão nas características do conhecimento na área das Humanidades, já abordadas no capítulo em que nos debruçámos sobre a visão que a Universidade revela ter de si mesma.

Posto que o universo que nos interessa, e em que o romance académico tem florescido, seja o anglo-americano, é, curiosamente, num romance francês dos anos sessenta, que os aspectos que vimos referindo sobre o conhecimento na área das Humanidades são tratados de modo marcadamente caricatural. Em *Le Littératron* (1964), Robert Escarpit desenha a figura do investigador e crítico académico como "nuagiste", ou construtor de nuvens. As potencialidades para o oportunismo e para a mistificação de que uma tal actividade se reveste são desmascaradas adentro da própria obra, na passagem em que, excepcionalmente, a personagem do estudante Méric Le Guern não consegue iludir o seu examinador da cadeira de Estilística, que assim o avalia:

> You haven't said anything stupid. You're far too clever for that. You have therefore passed . . . but allow me to say that of all the wanglers I've known, you are the most repellent, and even . . . the most disgusting and lousy example . . . During your commentary you spoke twenty eight times of "dynamogenic correlativity" and fifty-two times of "phenomenological structurality". Everyone is aware that these two expressions are part of my scientific vocabulary... but no one knows exactly what they mean. Even I am not yet too sure. I am still looking but you have found the answer. Doubtless you intended to please me but it hasn't worked... you have commented knowledgeably and at length on a passage to be found on page 736 of my principal thesis. May I be permitted to inform you of something in confidence: the printer made a mistake which unfortunately I did not notice when checking the proofs. This paragraph . . means absolutely nothing, but you have been able to understand it. Allow me to congratulate you. You will go far, but may I advise you that while you are still within range of my boot you do so backwards.[18]

A sugestão de a mistificação envolvida frequentemente servir para encobrir a insignificância e a irrelevância do saber atingido fica contida na informação, dentro da mesma obra, de versar a tese de doutoramento de Méric sobre a frequência do e mudo nas obras dos autores militares franceses da primeira metade do século XX.

Em *Coming From Behind* (1983), de Howard Jakobson, encontramos referência à irrelevância, tanto da pesquisa académica na área das Humanidades, como de quem a pratica, e essa irrelevância, abordada, neste caso, em plena década *yuppie*, não é apresentada como referente à situação do momento, mas como um destino perverso, difícil de mudar, apesar das tentativas:

> The Department of Twentieth Century Studies . . . fooled nobody . . . despite its busy new name [it was] the same tired collection of sentimental grammar-school boys . . . the same old champions of forgotten causes . . . enthusiastic readers of contemporary Irish poetry and David Holbrook, in short, the same weary campaigners that had once been humanities and before that Arts and before that Liberal Studies and before that English and history. It seemed there was no getting rid of them. Deprivation, derision, bribery had all failed. Back they always came, scorched, flattened, and featherless, like the indefatigable victim of the sort of Walt Disney cartoon of which they didn't approve. They had nowhere else to go. So they were kept on, kept busy and kept apart.[19]

É contra o pano de fundo da insegurança presente na auto-imagem pouco abonatória que temos vindo a traçar, e que tende a presidir à presumível perspectiva do narrador académico, que se demarca a forma de alteridade neste caso constituída pela tecnologia. Em "Doublespeak And The Polemics Of Technology", Scott Buechler remete para Bruce N. Hannay e Robert McGinn, no sentido de chegar a uma definição de tecnologia que também subscrevemos: "technology can be characterized as that form of cultural activity devoted to the production or transformation of material objects, or the creation of procedural systems, in order to expand the realm of practical possibilities"[20]

O objectivo da expansão das possibilidades humanas no domínio prático atrai para si mesmo a maior parte dos investimentos, de um modo tão óbvio que não pode deixar de ser reconhecido até pelo sector das Humanidades. Em *Le Littératron*, a personagem Méric Le Guern, oportunista em extremo, tinha-se apercebido de que, para se ter sucesso com qualquer invenção, bastava dar-lhe um nome que terminasse em "tron", sugestivo de alta tecnologia:

> And of all the suffixes, my friend, the best is tron. Cyclotron, betatron, positron . . . with a well-placed tron, you can scratch millions and you have top priority.[21]

O triunfo da tecnologia, cujos objectivos são de ordem material e bem definidos, tem representado para muitos a estiolação do espírito, a morte do ideal da procura do conhecimento pelo próprio conhecimento, ideal que tende a continuar subjacente ao trabalho académico. A tecnologia tende a demarcar-se da Universidade, mesmo na área das Ciências Naturais. Numa conferência intitulada "Ciência e Tecnologia: Diferença e Importância", proferida pelo Prof. Doutor Hugo Gil Ferreira, na Universidade Aberta, em 17 de Abril de 1997 (integrada no Ciclo *Encontros Na Universidade*), o conferencista teve ocasião de alertar para o facto de que o investimento financeiro feito na área das Ciências, a curto prazo, não é muito mais compensador em termos práticos do que o investimento feito na área das Humanidades e nas Artes. De facto, na pesquisa científica encontra-se aquilo que se encontrar, que frequentemente não coincide com o que se procurou nem tem, à primeira vista, aplicação prática. É na pesquisa tecnológica que o trabalho consegue dirigir-se a um objectivo específico, através de uma série de tentativas, erros, reajustamentos e novas tentativas, que muitas vezes resultam, mesmo que as razões científicas para tal não tenham sido ainda cabalmente encontradas.

No pólo oposto ao da tecnologia (com as ciências em zona intermédia), encontram-se as Humanidades. Durante os conturbados anos sessenta, a controvérsia entre uma e as outras ganhou vertentes de natureza política que excederam a vertente principal, centrada na desigualdade evidente entre elas, em termos de utilidade prática. Em 1966, William Cooper publicava *Memoirs Of A New Man*, em que, de acordo com as palavras de R. Sheppard, fazia contrastar "devious, parasitic, Laurentian arts dons" com "upright, useful technocratic Science dons"[22]

Por outro lado, o próprio autor C. P. Snow, percursor do romance académico com *The Masters*, já tinha, em *The New Men*, tocado no ponto essencial que viria a avivar a controvérsia, não só entre Humanidades e tecnologia, mas entre as ciências e a tecnologia, e a fazer extremar posições sobre o valor de umas e da outra:

> The engineers were, in nine cases out of ten, conservative in politics, acceptant of any régime in which they found themselves, interested in making their machine work, indifferent to long-term social guesses . . . whereas the physicists whose whole intellectual life was spent in seeking new rules, found it uncongenial to stop seeking when they had a look at society. They were rebellious, questioning, protestant, curious for the future and unable to resist shaping it. The engineers buckled to their jobs and gave no trouble, in America, in Russia, in Germany; it was not from them, but from the scientists, that came heretics, forerunners, martyrs, traitors.[23]

Se ao sector das Humanidades, numa época em que o direito a influenciar as mentalidades através da formulação de juízos de valor é visto com reservas, subjaz a acusação implícita de inutilidade, depreende-se da passagem citada que ao sector tecnológico facilmente subjaz, por sua vez, a acusação de utilidade acrítica e amoral, eventualmente posta ao serviço de quem mais esteja disposto a pagar. De há largas décadas até ao presente que o desconforto em relação à respectiva auto-imagem tem, de formas diferentes, afectado ambos os sectores, como comprova a proliferação de bibliografia abordando este tema. A década de sessenta, marcada culturalmente por tendências tão opostas como, por um lado, o impulso de retorno a uma simplicidade original (preconizado por movimentos da contracultura como o dos *Hippies)*, e, por outro lado, a euforia tecnológica

(na sequência do *boom* dos anos cinquenta, em 1961 o Presidente Kennedy proclamaria como objectivo nacional a chegada do Homem à Lua antes do final da década) terá estado na génese da agudização de uma controvérsia que, tendo atingido um ponto alto na década de setenta, se vem, no entanto, prolongando até ao presente.

O triunfalismo tecnológico não permeou a sociedade ocidental sem reservas, e muito menos permeou o meio cultural académico. Pelo contrário, já no fim da década de oitenta ainda se assistia à necessidade de reclamar para a pesquisa tecnológica o estatuto que não parecia ter alcançado: "I agree with [Florman's] basic position that the technological pursuit can be both exciting and ennobling, and can also reflect, as do science and art, the creative capacity of the human mind"[24], opina Scott Buechler, que também reconhece que "we are part of a highly technological culture; therefore, discussions of technology are discussions of ourselves"[25]. As observações de Scott Buechler remetem para a obra de Samuel Florman, que em 1970 publicou *The Existential Pleasures Of Engineering*, por sentir a necessidade de defender o papel do engenheiro dos ataques de uma variedade de autores. Na mesma linha de ideias e de intenções, Samuel Florman viria a publicar *Blaming Technology: The Irrational Search For Scapegoats*, ao passo que, também na época centrada na década de setenta, outros autores assumiam o estatuto da tecnologia em moldes mais ambíguos, como Hall Hellmann, em *Technophobia: Getting Out Of The Technology Trap*, ou como Joseph Agassi, que em "Shifting From Physical To Social Technology", encarou a hipótese da importação dos modelos de funcionamento tecnológico para a estrutura da sociedade. Em 1980 Edward E. David Jr avaliava, na publicação *Daedalus 109*, com o ensaio "On The Dimensions Of The Technology Controversy", as dimensões da controvérsia sobre a temática da tecnologia, no contexto dos outros saberes e valores, controvérsia essa que, de alguma forma, se prolonga até aos nossos dias. Outras culturas, que não a cultura do Ocidente, no Século

XX, têm sido capazes de harmonizar o progresso material com o progresso intelectual e espiritual. As inseguranças adstritas aos dois tipos de saber, que temos tornado patentes, poderão dever-se a uma separação talvez artificial entre eles, separação que se agudizou, tal como a polémica a que deu origem, pela via de um possível excesso de especialização, que a ambos os saberes truncou as possibilidades de desenvolvimento harmonioso, deixando-os irrevogavelmente incompletos, por muito que progridam.

A forma como os ecos desta problemática encontram voz no romance académico (tal como, segundo a tese que defendemos, a encontram a maior parte das situações de tensão presentes na sociedade) patenteia-se através da exclusão sistemática da perspectiva da tecnologia do conjunto de atitudes que formam o ponto de vista que, nas várias obras, tende a presidir à narração; e, pelo contrário, patenteia-se também através da inclusão autocrítica, nesse ponto de vista, da perspectiva das Humanidades e das Ciências (teóricas).

O romance académico não pode senão olhar a tecnologia como *Outro* porque, ao contrário desta, que se norteia por uma postura basicamente pragmática e acrítica, o subgénero em questão, como se espera que tenha vindo a transparecer ao longo deste trabalho, ainda que em estilo desprendido, é profundamente crítico, não só, pontualmente, dos indivíduos-personagens, mas também das instituições que representam, e da sociedade que suporta essas instituições.

É o sector das Humanidades que o romance académico encara como o *Nós* da narração, podendo dizer-se que a própria crise no sector das Humanidades (e, por extensão, nas Ciências teóricas, académicas) parcialmente derivada, sobretudo a partir dos anos sessenta, do colapso do sentido do direito à emissão de juízos de valor ("If our function isn't to talk

about what is good when the rest of the world is talking about what is profitable, what can we do?"[26] - protesta, pela voz da sua personagem Professor Treece, Malcolm Bradbury em *Eating People Is Wrong*, ainda em 1959) faz parte integrante e fundamental da génese deste subgénero.

No que diz respeito aos valores inerentes e conhecimentos passados pelo sistema universitário, o problema de base (de que resulta o desconforto que terá contribuído para o aparecimento do romance académico), é a sua falta de funcionalidade imediata, que faz com que não haja uma moeda de troca a opor à utilidade evidente da tecnologia. David Bevan reconheceu a existência deste problema em relação ao liberalismo, que, em Inglaterra, designou todo um conjunto de atitudes que supostamente norteia as Universidades:

> I can't see liberalism as anything more than a set of virtuous principles which are secreted in our culture without necessarily being functional in our culture . . . one of the reasons I write so much about universities is that I do see them as bastions of liberalism in a society which on the whole is far less liberal than they are.[27]

A passagem citada reflecte o facto de o fosso entre Humanidades e tecnologia (entre os princípios, possivelmente bons, mas num estádio que é apenas cognitivo, e não actuante, e a prática, nem sempre boa, mas interveniente e com capacidade de resolução de situações) constituir uma dicotomia que se encontra na própria sociedade. Como muitas outras, esta situação de tensão entre dois pólos cristaliza de modo especial na Universidade, e é retratada no microcosmo do romance académico através da inclusão, no ponto de vista da narração, da perspectiva das Humanidades, ou dos princípios teóricos, em detrimento da perspectiva da tecnologia, ou da actuação prática, com as inevitáveis deficiências que a

acompanham, permanecendo a tecnologia tratada como matéria de alteridade. Pode dizer-se que, no microcosmo do romance académico, o tratamento da tecnologia está para o tratamento das Humanidades assim como, no macrocosmo social, a sociedade, que se entende a partir daquilo que é e que faz, está para a Universidade, que persiste em entender-se a si mesma cotejando-se constantemente com aquilo que devia ser. No romance académico, o tratamento de alteridade dado à tecnologia mais não faz do que representar a consciência de uma demarcação entre Universidade e sociedade, no que diz respeito ao que cada uma delas faz prevalecer como critério de atribuição de valor.

Desta demarcação, que em larga medida coincide com a demarcação entre um mundo mental e um mundo material, um mundo teórico, idealista, e um mundo prático, votado à materialidade, encontram-se vestígios em *Stepping Westward*, chegando-se ao ponto de se construírem na ficção situações em que ocorre fraude, de pronto denunciada, logo que as intenções de índole comercial interagem com a cultura:

> The Buffalo Public Library had bought [Walker's] manuscripts, which he rewrote for the occasion, since he had destroyed them.[28]

Outras realidades ligadas aos valores do mundo material, como a burocracia e a administração da Universidade, que se relaciona com o governo do país, são igualmente excluídas do ponto de vista a partir do qual a narração habitualmente é feita. Embora, em *Changing Places*, a demarcação da Universidade em relação ao poder instituído e ao domínio do mundo material não seja tão evidente, por se dar, na narrativa, uma polarização entre Universidade inglesa e Universidade americana, através da qual se remetem para esta última (cristalizada na figura de Morris Zapp) as características de domínio sobre os outros e de afluência financeira, a

separação entre estas características e as que são, numa versão idealizada, inerentes à Universidade (separação que tende a ser recorrente nos romances académicos) torna a ser assumida em *A Tenured Professor*, J. K. Galbraith, ao ponto de constituir o desfecho principal da narrativa. Com efeito, o esforço de Marvin, narrado ao longo de toda a obra, no sentido de conseguir associar à sua carreira académica o domínio sobre o meio exterior envolvente e um triunfo desmedido no que respeita às finanças pessoais, é, no desfecho, frustrado.

As marcas de alterovisão a partir da Universidade pautam-se pela expressão de confrontos, explícitos ou apenas implícitos. Embora em menor escala do que o confronto com a tecnologia, o confronto com a burocracia é também recorrente no romance académico, e tende a surgir materializado pela presença da Administração, que, em relação à Universidade, representa o poder exterior. Não só os valores em questão são diferentes, mas os próprios códigos, administrativo e académico, são de difícil descodificação mútua, como transparece numa passagem de *Wilt On High*, de Tom Sharpe, em que as duas perspectivas mostram entrincheirar-se nas suas posições, sem margem de flexibilidade para o diálogo:

> What puzzles me in the present instance is [the] use of the phrase 'real time contact hours.' Now according to my vocabulary . . . '
>
> 'Dr. Board, said the Principal, wishing to God he could sack the man, 'what we want to know is quite simply the number of contact hours the members of your department do per week.'
>
> Dr. Board made a show of consulting a small notebook. 'None.' He said firmly.[29]

Em "Conventions Of Comedies Of Manners And British Novels About Academic Life", John Wilkinson reconhece que a dificuldade que está em causa se prende com o facto de a Administração, nas Universidades, tentar quantificar em linguagem estatística, que pretende clarificar, mas em vez disso, obscurece, as realidades presentes ao processo de ensinar e de aprender, que, em larga medida, são intangíveis, não quantificáveis. Segundo o mesmo autor, o referido episódio em *Wilt On High:* "suggests the looming and miasmic presence of a bureaucracy that has alienated those it seeks to control."[30]

Em *Stepping Westward*, de Malcolm Bradbury, o elemento que na Universidade americana de Benedict Arnold catalisa a inversão do percurso de James Walker, que assim acaba por regressar a Inglaterra, é um requisito de natureza burocrática, que esta personagem, por lhe aplicar uma leitura não burocrática, se recusa a satisfazer: James Walker, como inglês e como liberal, individualista, recusa-se a assinar o juramento de lealdade ao governo dos Estados Unidos, vestígio burocrático da época do Macartismo que era ainda condição indispensável para se trabalhar em qualquer Universidade americana - e por essa recusa perde o seu posto de escritor residente.

Ainda que, nos outros romances que constituem o *corpus*, a *alterovisão* da burocracia não se evidencie de modo tão dramático, transparece, no entanto, em geral, o mesmo tipo de postura, devendo registar-se que, em romance anterior a *Changing Places*, intitulado *The British Museum Is Falling Down* (1965), David Lodge dedicou um capítulo a parodiar *Der Prozess*, de Franz Kafka, capítulo em que as dificuldades criadas pela burocracia à volta da simples renovação de um cartão de leitor da biblioteca do Museu Britânico assumem proporções grotescas:

[Adam, or A as he would now more vaguely have identified himself] approached the nearer man, who immediately began writing on a piece of paper.

'Yes?' he said, after a few minutes had passed, and without looking up.

A, his mouth unaccountably dry, enunciated with difficulty the words 'Reading Room ticket.'

'Over there.'

A sidled along the counter to the second man, who immmediately began writing in a ledger. A waited patiently.

'Yes?' said the second man with a snap that made A jump.

'IwanttorenewmyReadingRoomticket,' gabbled A.

'Over there.'

'But I've just been over there. He sent me to you. Out of the corner of his eye, A saw the first man watching them intently. . .

'What is it you want, exactly?' he asked.

'I want to renew my Reading Room ticket', said A patiently.

'You want to *renew* it? You mean you have a ticket already?

'Yes.'

'May I see it?'

A presented his ticket.

'It's out of date', observed the man.

'That's why I want to renew it!' A exclaimed. . .

[The man] tore A's ticket neatly into four sections, and deposited them in a wastepaper basket. . .

'Could I have my new ticket now?' said A after some minutes had passed.

'Over there.'

A made his way wearily to the [other] man.

'Good morning. Can I help you?' said the . . . man, as if greeting him for the first time.

'I want to renew my annual Reading Room ticket,' said A.

'Certainly.. May I see your old ticket?'

'No, the other man - gentleman - has just torn it up . . . didn't you see him?'

The . . . man shook his had gravely. 'This is very irregular . . . I'm afraid I can't renew a ticket which, as far as I'm concerned, doesn't exist.'[31]

O tratamento de alteridade dado à burocracia repercute a associação da mesma com o esmagamento da individualidade por um poder exterior e artificial que se afirma através dos indivíduos que o põem em prática, poder cuja materialização junto dos cidadãos toma formas absurdas e abusivas. Transmite-se, assim, a desconfiança da máquina da governação que, ao mesmo tempo que (pela sua manifestação através do peso da burocracia) se pressupõe poderosa, se expõe também como sendo irracional e arbitrária, regida por princípios obscuros, que à perspectiva académica se afiguram tanto mais ameaçadores quanto menos são compreensíveis em termos lógicos. O que mais fortemente transparece na passagem citada é a insegurança criada no indivíduo pela sujeição, que não pode evitar, a uma engrenagem que se desmultiplica em actuações, por um lado rígidas, destituídas de flexibilidade, por outro lado díspares, sem conexão entre si. No excerto em questão, estas características são levadas à caricatura quando um burocrata rasga um cartão de leitor à vista de outro, e o segundo, embora tenha presenciado a cena, considera, a partir daí, que para todos os efeitos o cartão nunca existiu.

A impossibilidade de se perceber uma lógica em muitas exigências burocráticas, e a sua falta de flexibilidade no tratamento da diversidade dos casos individuais que se apresentam e que só superficialmente podem ser considerados os mesmos, poderá dever-se ao facto de a totalidade da burocracia ser uma presença abstracta a que não é possível pedir contas como um todo porque só se materializa na sociedade pela desmultiplicação na actividade de muitos burocratas, trabalhando sem coordenação visível entre si, e encenando comportamentos para os quais não se consegue discernir uma visão explicativa de conjunto. Daí a rigidez na actuação, porque dada a falta de tal visão de conjunto, clarificadora da totalidade das questões, é impossível prever a cadeia de efeitos que a flexibilidade na abordagem dos casos individuais teria no sistema total. A, pelo menos

aparente, irracionalidade e rigidez das abordagens parcelares com que o cidadão é forçado a deparar-se preocupam o mundo académico, mundo quase por definição avesso a autoridade que lhe seja exterior, e ainda mundo a que, pelo contrário, estão subjacentes valores centrados na racionalidade, no positivismo lógico e no respeito pela diferença e pela individualidade.

O tratamento de alteridade dado à burocracia no romance académico é, assim, compreensível. Outras demarcações também presentes, em menor escala, neste subgénero, como a que se verifica entre Universidade e família, ou entre Universidade e a cidade em que se situa, não são tão prontamente explicáveis, a menos que continuemos a reclamar para a Universidade do fim do século XX vestígios residuais da sua caracterização como Torre de Marfim. O facto é que as atitudes de demarcação do Professor/*Scholar* em relação ao meio que o envolve, nas várias formas que este pode tomar, são frequentes. Philip Swallow, em *Changing Places*, não obstante a culpa que sente, acaba por admitir que vê na viagem para os Estados Unidos, ao abrigo de um programa de intercâmbio, uma oportunidade mais do que benvinda de se libertar da família e dos deveres familiares:

> . . . Philip Swallow, a father of three and husband of one, but on this occasion he journeys alone. And a rare treat it is, this absence of dependents - one which, though he is ashamed to admit it, would make him lightsome, were his destination Outer Mongolia. Now, for example, the stewardess lays before him a meal . . . He is not required to cut up anyone else's chicken, or to guarantee the edibility of smoked salmon; no neighbouring trays . . . slide resonantly to the floor; his coffee-cup is not dashed from his lips, to deposit its scalding contents in his crotch; his suit collects no souvenir of the meal by way of buttered biscuit crumbs, smears of peach parfait and dribbles of mayonnaise . . . And

> it is not just for today but for six whole months that it will last. He hugs the thought to himself with guilty glee.[32]

Deve notar-se que a demarcação entre Professor/*Scholar* e família presente na passagem citada é mais patente no universo inglês do que no americano: na mesma obra, ao Professor americano Morris Zapp, que vai para Inglaterra por causa do desentendimento com a esposa, Désireé, desagrada e entristece, pelo contrário, a separação dos filhos que tal deslocação envolve. A demarcação entre Universidade e o meio citadino que a rodeia tende, no entanto, a ser mais universal. Logo na primeira página do prólogo a *Stepping Westward* o autor narrador comenta sobre a cidade de Party, onde se situa a Universidade de Benedict Arnold, que serve de *setting* à narrativa, que é:

> . . . a town reclaimed from nothing, captured from one of the least desirable sections of the frontier. It has the air of being settled by those pioneers who were too tired to go on . . . a marginal sort of town, unlikely to win any contests or orbit its own satellite or be featured in Life magazine.[33]

Mais adiante encontram-se vestígios indubitáveis da animosidade entre a Universidade e o meio citadino envolvente: "Steady warfare engage the columns of the *Party Bugle* as the citizens tried to drive the college away from the town and the students tried to drive the town away from the college"[34]

Por sua vez, em *Changing Places*, Rummidge, a cidade onde se situa a Universidade inglesa, é descrita como "a large, graceless industrial city sprawled over the English Midlands at the intersection of three motorways, twenty-six railway lines and half a dozen stagnant canals."[35] O contraste

que então se estabelece com o correspondente *setting* na América é favorável a este último, e contém ressonâncias da associação primordial da América à ideia de *Eden* ou Utopia, que, na opinião que Maria Irene Ramalho de Sousa Santos exprime em "Lugares De Sentido Na Literatura Americana", dá continuidade a: "mitos antigos de paraísos no aquém como o da Atlântida, narrado por Platão"[36]:

> Euphoria, that small but populous state on the Western seaboard of America, situated between Northern and Southern California, with its mountains, lakes and rivers, its redwood forests, its blond beaches and its incomparable Bay, across which the State University at Plotinus faces the glittering, glamorous city of Esseph - Euphoria is considered by many cosmopolitan experts to be one of the most agreeable environments in the world.[37]

No entanto, a esta visão de folheto turístico contrapõe-se a visão de quem é residente, expressa pela voz de Désireé Zapp:

> 'We have a view, too, you know. The same view. Everybody in Plotinus has the same view . . . That's the first thing people ask when you buy a house. Has it got a view? The same view, of course. . . Everytime you go out to dinner or to a party, it's a different house, different drapes on the windows, but the same f[. . .] view. I could scream sometimes.'
>
> 'I'm afraid I can't agree,' said Philip stiffly. 'I could never get tired of it.'
>
> 'But you haven't lived with it for ten years. Wait a while. You can't rush nausea, you know.'[38]

A coadjuvar esta visão surgem outros elementos de caracterização negativa. A vista espectacular da cidade de Plotinus estava associada a uma ameaça latente:

> . . . there was no truly safe place to live in Euphoria, whose unique and picturesque landscape was the product of a huge geological fault running through the entire State. It had caused a major earthquake in the nineteenth century, and a repetition of this disaster before the end of the twentieth century was confidently predicted by sismologists and local millennial sects. . . [39]

E a beleza da baía era, segundo os conhecedores, apenas superficial:

> The Bay, which winked so prettily in the morning sun, was, according to Charles Boon and other sources, poisoned by industrial waste and untreated effluent, and was being steadily contracted by unscrupulous dumping and filling.[40]

Para além do tratamento discordante, de alteridade, dado pelo olhar académico ao meio físico que o envolve, as passagens que citámos têm um significado que ultrapassa o referido, podendo as descrições dos lugares com que Philip Swallow se defronta, à chegada da sua viagem, ser tomadas como expressão metafórica da visão da América. Mais precisamente, as descrições dos lugares podem ser sinédoques, expressões de uma parte significando o todo, e no processo de o significarem ganharem estatuto metafórico, por a parte escolhida para significar a totalidade ser fortemente sugestiva de aspectos que integram a tal ponto a visão colectiva implícita da América, que se têm tornado lugares-comuns: a primeira passagem sugere o tédio causado pela superabundância, ainda que seja de beleza (beleza negociável, associada à compra da casa), e vai ao encontro da ideia generalizada da falência espiritual (americana) resultante da procura desenfreada de bens materiais, ou pelo menos não compensável pela aquisição dos mesmos até à exaustão. A segunda passagem faz contrastar

a referida superabundância com a existência de perigos obscuros, latentes, de destruição: a beleza do lugar deve-se a uma falha geológica que torna provável que venha a ser destruído por um terramoto; a terceira passagem denuncia o costumado conceito da América como Eldorado como sendo possível só numa visão superficial e à distância: ganha sentido figurado o facto de um olhar mais próximo e atento revelar que a baía que brilhava ao longe está poluída e entulhada de detritos industriais. Corrobora a interpretação do alcance metafórico das descrições que vimos referindo a coincidência de David Lodge, que também é autor de obra crítica, ter ele próprio, em *The Modes Of Modern Writing: Metaphor, Metonimy, And The Typology Of Modern Literature*, ultrapassado a teoria de Jakobson sobre a oposição binária entre metáfora e metonímia, e estabelecido a relação de complementaridade entre o pólo metonímico, ou de sinédoque, e o pólo metafórico, na construção do literário.

O alcance metafórico das partes pelas quais o autor inglês de *Changing Places* escolhe representar o todo que é a América transporta para dentro do texto um tema que, em geral, é essencial ao subgénero do romance académico, e, dentro deste, é ainda mais essencial a obras como *Changing Places* e *Stepping Westward*: o tema da Viagem.

O tema da Viagem permeia o romance académico de várias formas e em vários sentidos; a deslocação do protagonista é invariável neste subgénero, quer, como na maior parte dos casos, se trate de deslocação física mais ou menos espraiada no espaço e no tempo, quer se trate de mera deslocação mental para uma nova perspectiva. Em *Stepping Westward* encontramos a viagem do Professor/*Scholar* inglês para os Estados Unidos. Em *Changing Places* encontramos o mesmo, completado com a sua contrapartida: a deslocação do Professor/*Scholar* americano para Inglaterra. Em *Death In A Tenured Position*, a construção da narrativa depende da ida da protagonista Kate Fansler da Universidade de Colúmbia,

em Nova Iorque, para a Universidade de Harvard. Em *A Tenured Professor*, o percurso de Montgomery Marvin é catalisado por experiências que decorrem de mudanças de ambiente físico e social: primeiro para Viena de Áustria, onde conhece Margie, depois para Cambridge, em Inglaterra, depois ainda para Berkeley, na California, e então de novo para Cambridge, Massachusetts.

O tema em questão não se esgota no *corpus* seleccionado. Fora dele, os exemplos de exploração do tema da Viagem no romance académico são também inúmeros, e assumem formas variadas, conforme já foi referido no primeiro capítulo da Parte I. Pode dizer-se que o tratamento do tema da Viagem neste subgénero literário atinge um climax em *Small World* (1984), que reencena o modelo do romance medieval, fazendo dos Professores/*Scholars* os novos cavaleiros andantes, em viagens que se entrecruzam pelo mundo fora, em todas as direcções.

O aspecto que todas as referidas viagens têm em comum, qualquer que seja a distância ou falta de distância física percorrida, é o facto de envolverem, invariavelmente, uma alteração de perspectiva que catalisa as situações, tornando mais aguda a capacidade de percepção e compreensão das realidades próprias e alheias. A desabituação do olhar é, assim, imprescindível, sendo ela que permite uma visão renovada, não embotada pela rotina. É esta desabituação que intensifica a percepção do *Outro*, e que permite olhar o *Nós* com acuidade, como se de *Outro* se tratasse. Como, remetendo para Edward T. Hall, Louise Damen observa em *Culture Learning: The Fifth Dimension In The Language Classroom*:

> Cross-cultural awareness involves uncovering and understanding one's own culturally conditioned behaviour and thinking, as well as the patterns of others. Thus, the process involves not only perceiving the similarities and

> differences in other cultures but also recognizing the givens of the native culture or, as Hall says, our own 'hidden culture' (1969).[41].

A visão desabituada e, portanto, intensificada, do *Outro* não poderá, assim, ser equivalente a uma visão isenta de preconceitos, porque para ela inevitavelmente concorrem os preconceitos latentes no nosso modo de ver. Corrobora esta ideia a extrapolação que podemos tirar das considerações de Bourdieu sobre a percepção da obra de arte (que deverá poder ser plástica ou literária) em "Outline Of A Sociological Theory Of Art Perception":

> In the absence of the perception that the works are . . . coded in another code, one unconsciously applies the code which is good for everyday perception, for the deciphering of familiar objects, to works in a foreign tradition. There is no perception which does not involve an unconscious code and it is essential to dismiss the myth of the 'fresh eye', considered a virtue attributed to naïveté and innocence.[42]

O mesmo autor considera: "The work . . . may disclose significations at different levels according to the deciphering grid applied to it"[43] - verdade que, extrapolada para o universo que nos interessa, faz emergir a possibilidade de, entre o código que usamos e as mensagens que costumamos ser chamados a descodificar, se ter instalado uma adequação demasiado confortável, que não nos permite ver aspectos que se esgueirem por entre as malhas da grelha de decifração a que recorremos, essa "deciphering grid" de que fala Bourdieu, que também reconhece que: "[Whenever] the information presented . . . exceeds the deciphering capabilities of the beholder, he perceives them as devoid of signification"[44].

A descontextualização da nossa perspectiva para um universo diferente daquele em que costuma operar, ou, pelo contrário, a visão do nosso contexto cultural pelos olhos de *Outro*, com o diverso modo de ver que lhe é próprio, põe, não tanto em confronto, mas mais em sobreposição, numa relação de complementaridade, as diferentes grelhas de decifração usadas. Assim, ao estreitar-se a malha, se afina a percepção, tanto da realidade de *Nós*, quanto da realidade do *Outro*, filtradas ambas pela peneira mais fina das duas grelhas sobrepostas. Acresce ainda que a consciência da existência das próprias grelhas de decifração possíveis, que assim se torna patente, aumenta a duração da percepção que, por norma, é, na aparência, automática, imediata, não reflexiva. Esta demora da percepção é essencial no romance académico, em larga medida uma forma de expressão que promove, por assim dizer, a consciência da consciência; trata-se de um aspecto originado a partir da própria sofisticação e intelectualidade dos autores (frequentemente Professores, e também críticos de literatura), aspecto que justifica o cariz desapaixonado, pelo menos na aparência isento, destituído de envolvimento pessoal, que é típico da perspectiva académica. E justifica também a proliferação de exemplos de paródia intertextual, e de metaficção, que igualmente caracterizam estas obras, em que mesmo os títulos chegam a "inter-evocar-se", como acontece, nos casos que nos ocorrem, em *As Far As You Can Go*, de Julian Mitchell e *How Far Can You Go?*, de David Lodge; em *The New Men* de C. P. Snow, e *Memoirs Of A New Man*, de William Cooper; e em *Coming Out Fighting*, de Philip Habaum e *Coming From Behind*, de Howard Jakobson. Estas duas últimas obras têm ainda em comum entre si o facto de ambas se apresentarem denegrindo ou "des-sacralizando" a figura do Professor/*Scholar*, pela colocação da mesma em poses de natureza privada, sexual, estrategicamente tornadas mais chocantes para o leitor por serem assumidas no contexto físico das instalações universitárias, contexto cuja aura de respeitabilidade contrasta de modo agudo com a atmosfera inerente aos actos em causa. A inclusão de tal tipo de situações é recorrente no

romance académico, e faz parte dos elementos que, neste subgénero, são explorados e parodiados de obra para obra, até ao exagero extremo, mas provavelmente deliberado, que se pode encontrar, por exemplo, em *The Clinic*, de Jonathan Kellerman.

No segundo capítulo da Parte I relacionámos a recorrência do tema da conquista sexual (que é, no fundo, mais um tipo de viagem - da tradição de respeitabilidade académica, para aquilo que, do modo mais contrastante possível, se lhe oponha) com a necessidade de encontrar, para a actividade no mundo académico, que tende a ser desfasada e remota em relação aos interesses da sociedade em geral, resultados de natureza prática que possam ser reconhecidos pelo leitor comum. A escalada desta tendência, quando se verifica, contém um aspecto paródico, uma vez que cada obra precisa, a um tempo, remeter para o que já foi feito com sucesso, mas também, por outro lado, demarcar-se do que já foi feito, fazendo mais: neste caso aumentando a dose de choque envolvido, ao nível da recepção, para continuar a interessar uma faixa de público que não tenha outras exigências.

O recurso à paródia intertextual é, no entanto, no romance académico, muito mais vasto e complexo do que as estratégias, possivelmente dirigidas ao sucesso comercial, que acabamos de referir. A paródia sobre textos anteriores envolve, de duas formas, um apuramento da visão, que relaciona esta estratégia de construção do literário com o recurso ao tema da Viagem, de que vimos tratando. Por um lado, a descodificação de cada texto presente só tem sentido pressupondo, da parte do leitor, a familiaridade com o texto ausente que o antecedeu, e o reconhecimento da existência de uma ligação entre ambos. Por outro lado, o texto paródico, remetendo para o texto familiar, tem, no entanto, de ser diferente deste, e o seu sentido reside nessa diferença. Exige uma estratégia semelhante de sobreposição de grelhas de decifração que é exigida na exploração do tema da Viagem no romance académico, com a deslocação da perspectiva para

novos contextos físicos e mentais. Num caso e noutro, a atenção que inevitavelmente incide sobre a existência das várias grelhas de decifração, a grelha que nos é familiar e a grelha que envolve o reconhecimento dessa familiaridade, e para ele remete, promove um processo de distanciação no modo de avaliar a matéria tratada.

O recurso habitual à exploração do tema da Viagem, assim como a interposição entre narrador e leitores de uma rede de referências literárias, promovendo, de modos vários, a já referida consciência da consciência, tem o efeito de distanciar o leitor da matéria, ou do modo de a tratar, fazendo subjazer ao processo a noção de que toda a percepção ou modo de ver envolve a descodificação por um determinado código, a noção de que não existe um código único, nem códigos capazes de esgotar a riqueza da realidade. Se as *alterovisões* a partir da Universidade não são absolutamente isentas, porque visões isentas em absoluto não existem, elas têm, em todo o caso, a vantagem de trazerem impressa a consciência do facto de qualquer visão, de qualquer realidade, não ser possível senão depois de passada (e modificada) pelo filtro da realidade de quem vê; e, dado o esforço de se complementarem pela acumulação de perspectivas promovida, por exemplo, pelo recurso constante à exploração do tema da Viagem, as *alterovisões* a partir da Universidade serão também mais apuradas do que é comum - o que funcionará a favor da sua relevância em estudos culturais.

Como já foi apontado quando definimos o ponto de vista de Professor/*Scholar* que tende a prevalecer no romance académico, no cerne da natureza destas obras reside uma atitude básica de dissidência, intensificada a partir da década de cinquenta, marcada como esta foi pela reacção dos intelectuais ao Macartismo, por dentro da década de sessenta, com os traços de contestação do *ethos* que lhe foram próprios. Para a recorrência da exploração do tema da Viagem nestas obras, terá contribuído

o facto de, mesmo fora do presente subgénero, o culto da Viagem se ter já tornado emblemático da atitude geral de transgressão na época em causa. Como nota Mário Avelar:

> . . . Jack Kerouac retomará em *On the Road* (1957) temas e mitos americanos de uma forma também transgressora. Romance de culto para a sua geração e para gerações posteriores, *On the Road* expõe um (anti-)herói em construção ao longo de várias viagens realizadas à boleia, cruzando em diferentes perspectivas o espaço americano, reencontrando o Oeste, o México, o seu próprio espaço de origem, melhor seria dizer, o seu ponto de partida.[45]

A deslocação no espaço físico surge, na cultura da época, ou, mais precisamente, na contracultura, e na obra mencionada, como um meio para atingir, tanto o conhecimento do *Outro*, como o autoconhecimento, fugindo ao prisma de visão convencional. Apesar de, ao ser interpelado pela personagem Terry: "I thought you was a nice college boy."[46], o narrador de primeira pessoa se apressar a assegurar-lhe: "Oh, I'm a college boy!"[47], e de nos apercebermos, ao longo da obra, de ser, na ficção, o mesmo narrador, um dos beneficiários da *G. I. Bill*, a ligação de *On The Road* à Universidade é difusa e periférica. No entanto, embora *On The Road* esteja longe de poder ser considerado um romance académico, a assunção do mesmo conjunto de atitudes por parte dos intelectuais é reconhecida por Mário Avelar: "Muita da actividade política que irá questionar o *establishment* . . . focaliza-se na juventude - nos *campus* universitários -, em grupos intelectuais ou artísticos que pretendem operar uma contestação profunda do *ethos*"[48].

O tema da Viagem não é, assim, original no romance académico, sendo antes importado de forma hiperbolizada para dentro dele, a partir das

atitudes associadas à contracultura, que lhe estão na origem. Sendo o subgénero do romance académico uma forma de expressão que tem alcançado o seu expoente máximo na Inglaterra e nos Estados Unidos, não é de estranhar a recorrência, nas obras de que tratamos, de deslocações de Professores/*Scholars* entre estes dois países. De facto, a intensidade de tal intercâmbio tem sido de molde a projectar-se, não exclusivamente para a ficção académica, mas para a ficção, em geral, ao ponto de Malcolm Bradbury, em 1995, ter podido publicar um volume de mais de quinhentas páginas, *Dangerous Pilgrimages: Trans-Atlantic Mithologies & The Novel*, em que trata, precisamente, as questões relacionadas com o florescente tráfico da ficção entre o velho mundo europeu e o novo mundo americano; nas palavras do autor: ". . . a great mutual trade developed. Writer influenced writer, image influenced image, book influenced book. Something like a common narrative began to unravel, a huge fictional story of the transatlantic world as it moved through history and sensibility"[49]. Dirigido a um público, e a um referente, menos directamente literário, veio a lume, já em 1997, o volume de Richard Pells, Not Like Us: *How Europeans Have Loved, Hated And Transformed American Culture Since World War II*[50]. O tema da Viagem transatlântica, real ou mítica, que se verifica já ter larga tradição nas duas culturas que neste estudo nos ocupam, com as características que a sua exploração assume no romance académico, poderá fornecer um campo privilegiado para o estudo dos traços culturais atribuídos à Inglaterra e aos Estados Unidos, e das presumíveis áreas de *culture shock* entre ambos: é este o exercício que nos ocupará até ao final do capítulo, e com que pretendemos começar a testar, num sentido mais prático, as possibilidades do romance académico como documento para análise cultural.

Em *Changing Places*, o intercâmbio entre a cidade inglesa de Rummidge e a cidade americana de Plotinus (Euphoria) surge como resultado de um acaso, um encontro de disparidades:

> Between the State University of Euphoria . . . and the University of Rummidge, there has long existed a scheme for the exchange of visiting teachers in the second half of each academic year. How two universities so different in character and so widely separated in space should be linked in this way is simply explained. It happened that the architects of both campuses independently hit upon the same idea for the chief feature of their designs, namely, a replica of the leaning Tower of Pisa, built of white stone and twice the original size at Euphoric State and of red brick and to scale at Rummidge, but restored to the perpendicular in both instances. The exchange scheme was set up to mark this coincidence.[51]

O encontro de lugares, que aqui se regista como artificial, evoca, na arquitectura, o que na literatura se tem manifestado através da metaficção. Em vez de ficção que remete para outra ficção, deixando cada vez mais para trás a experiência do real concreto que lhes possa ter estado na origem, encontramos, na passagem citada, arquitectura remetendo, em dois casos largamente separados no espaço, para um mesmo exemplo anterior de arquitectura; toda a posterior construção de aproximações entre os dois lugares é artificial em extremo, gerada como foi por um paralelismo não genuíno, com base na coincidência fortuita de ambos os lugares terem parodiado um modelo de arquitectura que a nenhum deles era próprio. A aproximação entre os dois lugares faz-se, assim, sob os auspícios da tendência para a miscelânea e para a perda de relevância da identidade que é típica do período pós-moderno. Em *Stepping Westward*, de Malcolm Bradbury, a noção de perda das identidades próprias dos lugares e de quem os habita é transmitida por Jochum, que é estrangeiro tanto à cultura inglesa como à americana, sendo um refugiado da Europa de Leste, ele próprio exemplo "vivo" de perda da identidade:

> Americans studying in Europe . . . Europeans studying in America. Why do we do this I do not know. After all, all the world is the same now. What we have at home is what we will get everywhere. All societies are the same: what do we think we get out of it?[52]

É ainda Jochum que denuncia a destruição envolvida neste processo de perdas associadas à época do pós-modernismo:

> "Vell, I am an old man, so I will give you some advice for living in this world. I will tell you the best profession for a man to enter today . . . My friend, pick the demolition business. Those men up there on those cranes, hitting down those buildings, they are heroes, kings, gods."[53]

A substituição progressiva de uma paisagem urbana característica e local por uma paisagem urbana incaracterística e universal é emblemática do mesmo processo, à medida que este se desenvolve na totalidade da cultura. Mas, para o tema que neste capítulo nos interessa, o processo de perdas envolvido é também um processo de ganhos. É, até certo ponto, o percurso de perda de identidade, o processo de desistência, pelo menos parcial, das identidades próprias, que acaba por desentrincheirar o olhar do ângulo de visão habitual e permitir-lhe que peregrine por outros ângulos de visão que antes lhe eram alheios.

A consciência da percepção é aumentada pela maior distância da experiência directa. Tal como, na literatura, a ficção passou a remeter, não directamente para a experiência, mas para a intermediação de outras ficções; tal como, em arquitectura, as características dos edifícios deixaram de decorrer directamente da função a que se destinam e dos traços típicos

da construção local, para assumirem, modificando-as, características de outros lugares e de outras funções, chamando, assim, atenção sobre si mesmos (num processo paralelo ao que, em muitos textos literários da segunda metade do século XX, toma a forma da tendência para se assumirem estes como paródias sobre textos anteriores) - também, nas viagens, mentais e físicas, de que tratamos, a descentralização do olhar não envolve apenas que se lance o olhar do costume sobre um objecto diferente, ou um olhar diferente sobre o objecto habitual: envolve também a demora, o enriquecimento e a distanciação da visão própria, conseguidos através da aquisição da consciência de *ver o Outro a ver*[54].

Em *Stepping Westward* é pelos olhos do inglês James Walker, largado numa estação de caminho de ferro deserta, que Froelich redescobre o Oeste americano:

> It had to be Walker. It could be no one else. There he stood, dishevelled, panting, his long English hair hanging down; pure poetry . . . He looked, immediately, so lost, so deculturalized, that Froelich, controlling the urge to rush forward, stayed in his car and savoured the experience . . . he was in the middle of nowhere. The countryside around him was completely, endlessly flat . . . The scene offered only two sensations, of levelness and dryness . . . **Froelich, watching Walker, saw it all anew**, in its strange and challenging poverty.[55]

Foi, então, necessário o olhar do inglês sobre a América para quebrar a identificação do americano com o meio físico a que estava acostumado: processo que envolve a visão do *Outro*, vendo, e a visão do que o *Outro* via, visão que, embora nunca independente do olhar próprio, nos obriga, de modo quase literal, a ver com outros olhos, a reorganizar na consciência aquilo que por nós costuma ser visto. Tanto em *Stepping Westward* como

em *Changing Places*, a desmultiplicação em *alterovisões* que se verifica permite-nos, atribuindo-lhes valor documental em análise de cultura, chegar a algumas conclusões sobre os traços positivos e negativos que surgem como recorrentes na caracterização da Inglaterra e dos Estados Unidos.

Observa-se que a caracterização negativa que, já desde os anos sessenta, surge atribuída à América, coincide largamente com a jeremíada contra os sinais dos tempos no mundo ocidental do fim do século XX. Em *Stepping Westward*, o retrato que se faz do meio físico urbano denuncia a insatisfação, tanto com a permanência de estruturas pomposas cuja feia solidez deixou de ter sentido ("buildings so very ponderous, so ungraciously traditional, that Dr. Styliapoles . . . told his students . . . that he had written direct to the Kremlin to ask them to be included in their list of strategic targets"[56]) como com o amálgama inconsequente de disparidades representado pelo:

> . . . Administration Building, provided by an eclectic, cosmopolitan architect with a tower from a French chateau, a bastion from a German schloss, a turret from an Italian castello, and a minaret from the Taj Mahal.[57]

O exemplo citado é emblemático da atribuição, à América, da falta de identidade própria como traço caracterizador - traço que a identifica com as tendências pós-modernas, e cujos ecos reverberam pelo resto do mundo ocidental moderno à medida que os modelos americanos vão sendo copiados. A crítica envolvida na atribuição desta característica evidencia-se através da expressão da perspectiva do inglês James Walker sobre os Estados Unidos:

> The vote of appreciation that he felt he ought to give would not come; too much that belonged to him, too much of the market-town, too much that had to do with smallness and gentleness and sensitivity and decency, was threatened.[58]

A proliferação, na caracterização da América, do gigantesco e do incaracterístico, interliga-se com a afluência financeira, que nesta sociedade se tornou lugar comum pensar que cresça desordenadamente sem que haja, em paralelo, crescimento interior dos indivíduos. Neste aspecto, a caracterização negativa da América tende a envolver a acusação de serem os americanos *money-mad*, incapazes de um gesto prestável para com outrém, que não contenha intenção lucrativa, como se torna evidente quando, à chegada à América, o estivador ajuda Walker a levar a bagagem até ao terminal em que se apanham táxis:

> "That worth a buck to you?" said the longshoreman, dropping his cases in the highway.
> "Pardon?" said Walker.
> "Worth a dollar?" asked the longshoreman.
> "I thought it was free," said Walker.
> "Whyncha stay at home, tightwad?" said the man.[59]

Trata-se de uma feição também ela interligada com a atitude básica de pragmatismo típica da cultura americana. A América é terra de acção, mas nunca de acção gratuita: para cada acção pretende-se e espera-se um resultado. É o objectivo de alcançar o resultado que norteia a acção. Este tipo de atitude aplica-se mesmo a realidades que deveriam ser as menos utilitaristas, como se pode depreender das palavras de Henry Wilkins, um antigo conhecimento de Walker, ao referir-se a uns amigos que ficou de ir esperar:

> ". . . I have to pick them up at Idlewild just after midnight. They've been to Denver to stay with the parents of one of them's mistress. I told Ralph, pick a mistress with a spare car. But he says he prefers to fly."
>
> "I see there's an art to America," said Walker, "i've clearly been missing out."[60]

A mesma atitude afecta também o próprio modo de abordar a cultura e, como se pode depreender da crítica implícita do autor-narrador em *Stepping Westward*, fá-lo de modo negativo: "This summer I read Dickens and got him out of the way"[61], diz a Walker a personagem Julie Snowflake, pretendendo significar com isso que tinha passado a tomar o estudo seriamente.

Mais negativo, na caracterização da América, é o aspecto da propensão para a rudeza de maneiras e para a violência, que choca a sensibilidade inglesa. Ainda em *Stepping Westward*, à chegada à América, James Walker é grosseiramente empurrado por um estivador, frustrado por lhe ter sido recusada uma gorjeta. O taxista que deverá levá-lo do porto marítimo fala-lhe de modo abrupto, e observa impassível, sem cooperar, os seus esforços e os de Miss Marrow enquanto tentam, com grande dificuldade, acarretar toda a bagagem que têm para dentro do carro. O contraste com as maneiras inglesas é tal que:

> Walker found that a curious thing was happening: he was nervous of his own speech. Both his wishes and the accent he expressed them in seemed absurd, overly delicate, tea-party stuff.[62]

Tanto James Walker como Miss Marrow concluem que se encontram num país violento, e o primeiro, num acto de presumível projecção autoral, atribui essa violência e rudeza à interiorização, no quotidiano, da ideologia democrática. Segundo Walker, os americanos não podem ser bem educados porque: "they're afraid it might be mistaken for servility. They think we're so polite to one another because we think other folk are our superiors."[63] Ao chegar ao hotel onde Miss Marrow vai ficar, o taxista estaca e, em vez de sair e lhe abrir a porta, interpela-a: "What's a matter, lady, ain't you got legs?"[64] A reacção atribuída pelo narrador a James Walker perante a rudeza e a violência com que se depara ao chegar à América é de desapontamento; implicitamente, de desapontamento com a realidade da democracia no país onde teve mais oportunidade de se materializar, ou, a um nível mais profundo, desapontamento com a natureza humana, que só onde a democracia, de facto, triunfa, tem a possibilidade de se mostrar como realmente é:

> . . . the one real thought that was in Walker's mind was that of an enormous disappointment, the disappointment one has when one discovers that the reason why children are bad is because they have evil in their make-up.[65]

Uma versão mais acentuada da referida impressão de *evil* evidencia-se a partir do retrato que é feito da população nocturna da *Village*, em Nova Iorque, constituída por bêbados ameaçadores, ladrões e prostitutas. "The real America is anarchy, right?"[66], observa Froelich, e atribui esta tendência anárquica ao império geral do relativismo, que se aplica tanto ao tempo ("we have five time-zones, *and* variations locally. So we know time is relative"[67] - como à Lei: "The American attitude toward time is the same as the American attitude to the law . . . we can take it and we can leave it alone. We used to make our own law around here; we still do, to a point."[68]

À violência anárquica, que tende a desrespeitar a lei, contrapõe-se a própria violência policial, igualmente pronta a materializar-se. James Walker e Patrice são interpelados pela Polícia, só por andarem a passear à noite:

> ". . . What are you playing at, walking around this time of night?"
>
> "It's a nice night."
>
> "Yeah, beautiful, stars, moon, all the usual crap. I don't like to see people walking around at night. I get the idea they're up to somethin'. Got any identification? . . . let's see some identification."
>
> "I don't see why," said Walker. "We weren't doing anything."
>
> "Look, bud . . . no lip, or I'll take you in for drunken driving."
>
> "I don't even have a car."
>
> "Look, bud bud [sic], if I take you in for drunken drivin' you were drunken driving, car or no car."[69]

A prepotência policial encena, com a tendência para a desobediência civil, um confronto de violências latentes que faz com que, sobre o país que é, pretensamente, o mais democrático do mundo, se possa, através da personagem Walker, fazer a afirmação paradoxal: "It's like a fascist state,"[70]

Numa cultura de acção, dirigida a resultados, a desconfiança de quem caminha a pé, sem destino aparente, é um sintoma de doença causada por pragmatismo em excesso, denunciado de modo recorrente nos relatos ingleses, como indica o facto de, também em *Changing Places*, o narrador referir o mesmo aspecto em relação à experiência americana da

personagem Philip Swallow, que, presumivelmente, projecta a experiência do próprio autor, David Lodge:

> He formed the habit of taking long solitary walks through the streets of Cambridge and environs, tailed by police cars whose occupants regarded gratuitous walking as inherently suspicious.[71]

O sentido constante de objectivos a realizar leva a que, na cultura americana, sobretudo dos centros urbanos, não haja muito lugar para quem seja exterior ao contexto em que os outros se movem. Assim, a experiência de James Walker ao chegar a Nova Iorque é de solidão, já que nem o seu editor, Tilly, nem um velho amigo inglês que tinha, anos atrás, emigrado para a América, têm tempo ou verdadeira disponibilidade psicológica para o receber. As rápidas boas vindas com que é recebido revelam-se superficiais e sem conteúdo, denunciando a realidade, de um individualismo desenfreado, que se anuncia sob a fina capa de verniz social. Acresce, como sintoma deste individualismo, aquilo a que pode chamar-se a cultura do automóvel particular; de acordo com as palavras que Froelich dirige a Walker, a falta de transportes colectivos é tão marcada que se torna difícil sobreviver na América, especialmente no Oeste, sem ter carro próprio:

> I'm afraid you won't get by, in this section of the country without a car of your own. As you've seen, the public sector of life isn't very well supplied out here. We're all individualists. You'll have to learn.[72]

O individualismo materializado nos traços de falta de disponibilidade psicológica real para o *Outro* confirma-se na cultura americana pela

recorrência do mesmo tópico em *Changing Places*. Quando Philip Swallow procura conseguir esclarecimentos sobre as suas funções junto do Professor Hogan, "Chairman of the Department"[73], este recebe-o de modo afável mas distraído; tal como Tilly tinha feito a James Walker em *Stepping Westward*, também em *Changing Places* o Professor Hogan não ouve, de facto, Philip Swallow, nem lhe dá espaço para colocar as questões para que precisa encontrar solução:

> 'Professor Hogan, I'm sorry to bother you so soon, but'
> 'Mr Swallow!' Hogan's voice boomed out of the receiver. 'Mighty glad to hear you arrived. Have a good flight?'
> 'Not at all bad, thank you. I - '
> 'Fine! Where are you staying, Mr Swallow?'
> 'At the Faculty Club for the time being, while I look'
> 'Fine, that's fine, Mr Swallow. You and I must have lunch together real soon.'
> 'Well, that would be very nice, but what I . . . About my courses -'
> 'Fine. That's just fine. And how are you settling in, Mr Swallow?'
> 'Oh, fine, thanks,' said Philip mechanically. 'I mean, no, that is - ' But he was too late. With a last fine, Hogan had rung off.[74]

A mesma falta de atenção ou consideração pelos outros torna e evidenciar-se em *Changing Places*, na forma como o americano Morris Zapp começa por ser retratado pelos olhos ingleses de Hilary Swallow, que escreve ao marido a relatar a visita que Morris lhe fez sem aviso prévio:

> I had to take him into the dining-room . . . I asked him if he would mind finishing his drink while I served the children

> their meal, hoping this would be a hint for him to leave promptly, but he said no, he didn't mind and I should eat too, and he took off his hat and coat and sat down to watch us. And I mean watch. His eyes followed every movement, from dish to plate to mouth. It was acutely embarrassing. . . In the end I had to ask him if he wouldn't mind to join us at the table.
>
> I don't think I've ever seen anyone so heavily built move quite so fast. It was lucky that I'd cooked a biggish joint because there wasn't much left on the bone by the time Mr Zapp had had his third helping . . . he was obviously starved of decent home cooking. He sat on and on . . . I was beginning to panic a bit, wondering if I was ever going to get him out of the house.
>
> Then suddenly he completely changed . . . he growled out a good-bye and a curt thank you and rushed out of the house . . . He started his car and let out the clutch far too quickly and as a result got stuck in the gutter . . . So I put on my fur coat and boots and went out to give him a push. I got him out all right, but overbalanced in the process and fell sprawling.
>
> As I picked myself off the ground I saw him disappear round the corner, skidding wildly, for he didn't stop or even call out thank you. If Mrs Zapp wants to divorce him she has my sympathy.[75]

A informalidade americana nos contactos sociais aqui documentada deixa transparecer um egocentrismo desmedido. O contraste entre este aspecto e a afabilidade com que as personagens se apresentam, que surge como apenas superficial, denuncia, como traço cultural, na América, uma certa falta de genuinidade, que se revela também na obstinação em manter requisitos puritanos numa sociedade que há muito deixou os hábitos ascéticos do puritanismo. Para comprar uma garrafa de uísque num bar, Walker foi obrigado a jurar publicamente que tinha mais de vinte e um anos, mas Bourbon apressa-se a explicar-lhe: "It don't mean nothing, lots of the college kids come out there and perjure themselves black and blue"[76] A

situação de diferença entre a lei e o que realmente se pratica é sumariada em *Changing Places*, com referência ao Estado de *Euphoria*:

> (. . . Euphoria had been first settled by a peculiarly narrow-minded Puritanical sect whose taboos retained a fossilized existence in the State legal code, one that rigorously enforced would have entailed the incarceration of ninety per cent of its present citizens).[77]

A distância entre leis e prática promete ser cada vez mais abissal, a julgar pela recorrência, nestas obras, da representação das crianças americanas como irreverentes e malcriadas. A Lei é, por natureza, repressiva, e a educação americana, permissiva em extremo, como é apresentada nestas obras dos anos sessenta - setenta, opõe-se a tal ponto à repressão infantil que até as próprias crianças parecem ter tomado consciência disso: "Do you want me to grow up repressed?"[78] - protesta o pequeno Alphonse, depois de James Walker ter reagido de forma desagradável, ao encontrar os seus objectos pessoais remexidos e vandalizados.

Curiosamente, no que diz respeito ao intervencionismo e paternalismo americanos, que é o aspecto mais habitualmente mencionado quando, na Europa, se aborda a cultura dos Estados Unidos, nos romances académicos de que tratamos surgem apenas vestígios no modo como, por exemplo, em *Stepping Westward*, Bourbon trata Walker por "boy" e lhe oferece a sua protecção: "Waal, boy, you don't worry your head 'bout the oath, . . . Could look into it for you, if you like."[79] O paternalismo americano tem na base uma atitude de confiança no seu próprio valor e no seu próprio sucesso, e o que a análise das obras que são matéria deste estudo indica é que a falta de genuinidade que apontámos com referência às relações humanas pode

constituir um efeito secundário de um traço caracterizador que é funcional na construção do carácter americano. A confiança no valor próprio e no sucesso próprio, com ou sem razão que a justifique, é uma pedra de toque essencial e tende a manter-se, mesmo em situações desfavoráveis: se não puder ser verdadeira, é forjada. (O mesmo se aplica às relações humanas...) Em *Death In A Tenured Position*, de John Kenneth Galbraith faz-se a denúncia da irracionalidade que por vezes acompanha esta atitude, fabricada por uma atmosfera geral de fé na razão e no sistema americanos que não admite a dúvida, mesmo onde a dúvida se justificaria. As especulações financeiras de Marvin são consideradas *un-American*, por partirem do princípio que o optimismo geral em relação ao futuro da economia americana não era realista; Marvin é notificado para uma audiência com o House Banking, Finance, and Urban Affairs Committee, e interpelado nos seguintes termos:

> " . . . don't your operations imply a serious absence of faith in the American free enterprise system? You apparently sit around trying to find out what is going wrong. Un-American, I suppose some would say."
>
> "I try to make money," said Marvin. "That seems to me very much in the American spirit."
>
> "I can't wholly agree," said the congressman. "We want forward-looking business-men and financiers in this country. Those who look on the bright side of things. That's the way this country was built."[80]

A perspectiva monolítica sobre a realidade, recomendada na passagem que citámos, tem feito tradição na cultura americana, influenciada por condicionantes específicas que remontam, em última análise, a um tempo anterior ao da própria formação da nacionalidade. De facto, o optimismo e a unidade de visão, a capacidade de superar eventuais cisões a nível ideológico, foi fundamental para a sobrevivência dos primeiros colonos,

que tiveram de ser solidários contra as condições adversas a enfrentar. Muito mais recentemente, a unidade de visão tornou a revelar-se parte integrante da busca da identidade americana. Nas palavras de Maria Laura Bettencourt Pires:

> A tensão vivida durante a [II Guerra Mundial] enfatizou a necessidade de unidade nacional baseada na noção dos ideais que a América representava e deu uma importância sem precedentes à dimensão ideológica da identidade americana . . . O verdadeiro imperativo que foi levado a extremos durante a época da Guerra Fria era a unidade ideológica, caracterizada justamente pela repressão da discordância a nível de ideias políticas.[81]

Encontram-se, em relação a este aspecto, dois ideais igualmente fortes na contextura da *Americanness*: o ideal da liberdade e da democracia, que, por natureza, tem de se manter aberta à discordância, em confronto com o ideal do sucesso na consecução dos objectivos (também nacionais) para os quais, pelo menos numa perspectiva imediatista, as visões diversificadas e independentes contribuem de modo negativo, não se revelando funcionais, porque representam, para a totalidade do sistema, uma perda de energia que atrasa o processo. Ambos os ideais, de democracia e de sucesso de ordem prática, subsistem em simultâneo na cultura americana, mas, até ao momento, a evolução histórica parece indicar que em alturas de verdadeira crise a escolha recai sobre a atitude que se revelar pragmática e funcional em relação aos objectivos a alcançar, ainda que em detrimento momentâneo dos ideais democráticos de liberdade individual e colectiva. Daí que, em tempos de crise, surjam as unificações de visão, as certezas, genuínas ou fabricadas, mas sempre optimistas, de se encontrarem os Estados Unidos do lado que tem razão, certezas que, apesar da contestação de que possam ser alvo dentro do próprio país, são

invocadas para justificar as atitudes de intervencionismo americano em assuntos internacionais.

Não obstante o carácter eticamente discutível das actuações descritas, deve notar-se que é, possivelmente, esta assunção generalizada de legitimidade pessoal e nacional, e de optimismo como princípio, que terá mobilizado a economia americana em direcção aos índices de afluência financeira que a Europa tradicionalmente lhe inveja. Também deste aspecto há indicadores nos exemplos de romance académico que temos sob escrutínio. No próprio contexto universitário, a diferença entre a Inglaterra e os Estados Unidos, no que respeita à retribuição financeira dos docentes, é apontada de modo totalmente explícito em *Changing Places*, com respeito ao intercâmbio Rummidge-Euphoria:

> Under the original agreement, each visitor drew the salary to which he was entitled by rank and seniority on the scale of the host institution, but as no American could survive for more than a few days on the monthly stipend paid by Rummidge, Euphoric State made up the difference for its own faculty, while paying its British visitors a salary beyond their wildest dreams . . . [82]

A observação desta diferença é corroborada mais adiante, na mesma obra, pelo contraste entre a surpresa e o encantamento de Philip Swallow, na Universidade de Euphoria, apenas por ter recebido alguns livros a título gratuito, e o facto de o americano Morris Zapp considerar que só a permanência no Hotel Hilton o podia compensar da pobreza e desconforto inerentes à estadia em Rummidge. Também em *Stepping Westward* James Walker reage com surpresa e admiração perante o esplendor da residência de Bourbon. Em ambas as obras perpassa o deleite com a facilidade e a amenidade da vida americana, que não seriam possíveis sem a proverbial

afluência financeira, cuja falta motiva as agruras atribuídas à vida em Inglaterra, para a mesma classe profissional, no mesmo período.

Associada à realidade americana da riqueza material criada e ostentada estará a subsistência de uma ligação profunda com a visão da América como um lugar de pujança, física e espiritual, e de apoteose criativa. Significativamente, é de madrugada, no início de um novo dia, e depois de, prestes a deixar o navio, por força de um pequeno acidente, ter tido de ir tomar um banho, que facilmente pode tomar a leitura de banho de purificação, como o que, num baptismo, precede e pressupõe um novo nascimento, que James Walker, em *Stepping Westward*, tem a sua primeira visão da América, gigantesca, "Whitmaniana", latejante de azáfama e de vida. Nas palavras do narrador:

> It was all totally pleasant, and Walker became a vast receptacle of sensation. Here was the country in which he was to remould his own decencies into a new form. Here was the shot in the arm, the new spring.[83]

A viagem de Walker, de Nova Iorque para Party, dá-lhe a noção de uma América enorme e incontrolável, com centros densamente civilizados, e quilómetros infindáveis de natureza indomada entre eles. O ar, a luz americana, instila em Walker nova energia:

> The light had a colour and vigour that he was not used to and he found himself meeting it - with expectation. His dreams seemed curiously energetic; his body . . . seemed to be taking on new power. He no longer needed sleep so much . . . In the mountains the train whistles echoed and America seemed to him a landscape of excitement . . . [84]

Conforme Froelich sumaria, dirigindo-se a Walker: "It's really a creative atmosphere. All the men write books and all the women get pregnant. One long fertility rite"[85]

Reiteram esta visão da América, em *Stepping Westward*, as referências no mesmo sentido encontradas em *Changing Places*; o narrador, resumindo a experiência americana de Philip Swallow, remontando a um tempo anterior ao da narrativa, recorda, colocando-se na perspectiva desta personagem:

> . . . .[the] simple amenities of the American way of life, such as showers and cold beer and supermarkets and heated open-air swimming pools and multi-flavoured ice-cream. The sun shone. Philip was relaxed, confident, happy. He learned to drive, and flung the majestic Impala up and down the roller-coaster hills of Esseph with native panache, the radio playing at full volume. He haunted the cellars and satirical night-clubs of South Strand, where the Beats, in those days, were giving their jazz-and-poetry recitals, and felt himself thrillingly connected with the *Zeitgeist* - He even finished his MA thesis, almost effortlessly. It was the last major project he ever finished.[86]

A energia americana, que começa por ter tonalidades telúricas, e depois se traduz em pujança cultural, sentido de plenitude nos estilos de vida, materializa-se em vantagens concretas através da abordagem tipicamente informal e pragmática de quase tudo. É significativo que, tanto em *Stepping Westward* como em *Changing Places*, o que transpareça, na perspectiva do Professor/*Scholar* inglês, em relação aos seus primeiros contactos com a Universidade americana como instituição, seja uma impressão de dinamismo e de eficiência, ainda que assumindo um carácter pouco personalizado. O narrador de *Stepping Westward* veicula assim o

primeiro contacto de tipo institucional que James Walker tem com a Universidade de Benedict Arnold, à sua chegada:

> Walker found a pigeon-hole with his name on it and was surprised to see that it was already filled with letters. "I put a telegram in there for you," said one of the secretaries, Miss Zukofsky. Walker found the telegram on top and put it in his pocket. Underneath it was a letter, cyclostated, from President Coolidge, welcoming him to this U and looking forward to many years of happy association and contact . . . There was a map to show him how to find his way about campus. There was a free desk copy of a large dictionary . . . There was a letter telling him the number of his office and enclosing a key to it; there was a letter containing parking permission for his car; there was a temporary Identification Card, with a notice asking him to keep this until he had a permanent identity . . . There was a package of forms which constituted his contract with the university.[87]

É impossível não reconhecer as ressonâncias que existem entre a passagem citada e aquela que, em *Changing Places*, lhe corresponde, já que reporta ao acolhimento institucional dado ao inglês Philip Swallow ao chegar à Universidade americana do Estado de Euphoria:

> 'You've been allocated room number 426,' said Mabel Lee, the petite Asian secretary . . . Mabel Lee gave him an amiable, but non-attending smile, like that of an air-hostess - whom, indeed, she resembled, in her crisp white blouse and scarlet pinafore dress . . . Mabel Lee proceeded to hand over the keys to his room, together with a wad of forms and leaflets which she briskly explained to him, dealing them out on the counter that divided the room: 'Identity Card, don't forget to sign it, application for car parking, medical insurance brochures - choose any one plan, typewriter rental application - you can have electric or manual, course

> handbook, income tax immunity form, key to the elevator in this building, key to the Xerox room . . . I'll tell Professor Hogan you arrived . . . '[88]

Mesmo que a segunda passagem tenha surgido para estabelecer com a primeira uma relação intertextual (relação que pode não ter sido consciente, mas pode também ter sido deliberada, já que o autor da passagem mais recente, David Lodge, pode ter remetido propositadamente para o texto anterior, de Malcolm Bradbury, criando na obra, com tal jogo de espelhos, um nível de leitura só para entendedores) tal não anula a existência de um referente que parece ter sido comum à experiência americana de um e outro autor. A impressão de eficiência inerente à visão da América por olhos ingleses contrasta de modo extremo com o que, sobre o mesmo tema, se afigura ser a visão da realidade inglesa aos seus próprios olhos, ou, usando de mais precisão, a olhos ingleses vendo americanos a ver; é assim que David Lodge, ou o autor-narrador inglês de *Changing Places*, transmite a presumível visão que a personagem americana Morris Zapp tem do modo como é recebida na Universidade inglesa de Rummidge:

> 'Don't seem to be many people on campus today.'
>
> [The secretary] looked at him as if he had just arrived from outer space. 'It's the vacation,' she said.
>
> 'Uhuh. Is Professor Masters around?'
>
> 'No, he's in Hungary. Won't be back till the beginning of term.'
>
> 'At a conference?'
>
> 'Shooting wild pigs, I'm told.'
>
> Morris wondered if he had heard aright, but let it go. 'What about the other professors?'
>
> 'There's only the one.'
>
> 'I mean the other teachers.'
>
> 'It's the vacation,' she repeated, speaking with deliberation, as if to a slow-witted child. 'You do get them

> coming in from time to time, but I've not seen anybody this morning.'
> 'Who should I see about my teaching programme?'
> 'Dr Busby did say something about it the other day...'
> 'Yes?' Morris prompted, after a pause.
> 'I've forgotten, now,' said the girl dejectedly.[89]

Nas duas obras do *corpus* em que mais se materializa a encenação do choque cultural americano/inglês encontramos toda uma confluência de dados que apontam para a assunção geral de ineficiência na caracterização da realidade inglesa. Em *Stepping Westward* o próprio liberalismo de cariz inglês é caracterizado como inoperante:

> Walker's very English brand of liberalism, a faith of unbelief, struck Froelich as a cultural artefact. Its most committed assumption seemed to be that you shouldn't do anything to anybody because people, and the world, like to be the way they are. Froelich's own liberalism was more militant, as, in America, it had to be . . . [90]

Na mesma obra, a suposta ineficiência inglesa chega a tomar a forma de inépcia física, quando se caracteriza a figura de James Walker como sendo incapaz de mudar o pneu de um automóvel, ou providenciar quaisquer soluções em caso de avaria. A ineficiência britânica surge associada com a auto-complacência do velho mundo europeu, esclerosado em tradições semi-aristocráticas, deficientes em termos de funcionalidade. Na visão da Universidade inglesa que é atribuída ao americano Morris Zapp:

> The Rummidge faculty liked to complain about timetable clashes, but the real problem was their reluctance to teach before ten o'clock in the morning or after four in the afternoon or in the lunch period or on Wednesday afternoons or any time on weekends. That scarcely left

> them time to open their mail, let alone teach. Unaware of this gentlemanly tradition, Morris had fixed one of his tutorials at nine am, much to the disgust of the students concerned. . . [91]

Ainda em *Changing Places*, no que diz respeito à Inglaterra, acresce à caracterização de inépcia e de lassidão geral a caracterização de arrogância, nomeadamente no modo de considerar a cultura americana. Assim reflecte o americano Morris Zapp pela voz do narrador:

> He had neither affection nor respect for the British. . . Their publications were vapid and amateurish, inadequately researched, slackly argued, and riddled with so many errors, misquotations, misattributions and incorrect dates that it was amazing they managed to get their own names right on the title page. They nevertheless had the nerve to treat American scholars, including even himself, with sneering condescension in their lousy journals.[92]

Em Inglaterra, a falta de direcção e de clareza sobre os objectivos a alcançar é, em *Changing Places*, considerada um traço derivado do próprio sistema de educação britânico, em que a situação de *tenure* é, ou antes, era, praticamente automática, e a competição acabava ainda muito cedo na vida:

> Four times, under our educational rules, the human pack is shuffled and cut - at eleven plus, sixteen-plus, eighteen-plus and twenty-plus - and happy is he who comes top of the deck on each occasion, but especially the last. This is called Finals, the very name of which implies that nothing of importance can happen after it. The British postgraduate student is a lonely, forlorn soul, uncertain of what he is doing or whom he is trying to please . . . [93]

A falta de direcção e de objectivos a realizar coexiste, na caracterização cultural da Inglaterra, com uma atitude moral básica, que é intrínseca aos indivíduos, atitude que, segundo Walker, em *Stepping Westward*, é: "beat in through the bottom when we're children"[94]. Tal atitude moral, frequentemente cristalizada na expressão *human decency*, é especialmente interiorizada, ocultando do próprio indivíduo que a assume a diferença entre aquilo que, no seu comportamento, é resultado do processo de sociabilização que lhe foi imposto, e aquilo que é a sua verdadeira natureza. Mesmo que não reconhecida, esta diferença, inevitavelmente, subsiste, e a capa de formalidade habitualmente atribuída ao trato social inglês é uma das formas tomadas pela recusa da sociedade em admiti-la. Aos olhos americanos da personagem Julie Snowflake, em *Stepping Westward*, a formalidade inglesa artificializa e distancia o contacto humano:

> ". . . I just don't quite appreciate this Yerpean [European] politeness. Do you all talk to one another this way?"
> "I suppose we do."
> "Do you ever get to know one another?"
> "Probably not."[95]

É por esta colagem, e quase inseparabilidade , entre o que é natureza e o que é civilização, atribuída ao indivíduo inglês, que, ainda em *Stepping Westward*, Walker constitui um desafio para Froelich, nomeadamente, um Walker subitamente colocado em situação de confronto com novos dados, trazidos pela imersão, não acompanhada, na realidade americana:

> It was the thought that the English wore their disguises all the time, had no sense of independent self, so to speak, that helped to motivate Froelich. He wanted to confront one

> English man with confusion, and see what part of the equation would change.[96]

Na visão de outra personagem, Patrice, o problema de Walker é a recusa da inocência: "You just don't believe in innocence. You carry complexity around like a stone round your neck. Nothing is allowed to be easy"[97]. É a componente de civilização que é complexa e artificial e que o inglês persiste em carregar "like a stone round [his] neck". Daí o recurso constante a uma formalidade tão interiorizada que leva, como no caso americano, mas por vias diferentes, a uma falta de genuinidade provavelmente subliminar à consciência.

A formalidade social apresentada como característica do universo britânico ocorre também em *Changing Places*, com excessos que tornam os contactos humanos caricaturais. De facto, Morris Zapp, ao chegar à Universidade inglesa de Rummidge, vive, inesperadamente, num vazio de solidão que só é quebrado depois de ter sido oficialmente recebido pelo coordenador do departamento, Gordon Masters:

> . . . [Morris] had vaguely supposed the faculty would introduce themselves, show him around, after the usual hospitality and advice. . . . When nobody showed, he didn't know what to do . . . As the beginning of term approached . . . The faculty began to trickle back to their posts. From behind his desk he heard them passing in the corridor, greeting each other . . . But when he ventured in the corridor himself they seemed to avoid him, bolting into their offices just as he emerged from his own . . . Just when he had decided that he would have to take the initiative . . . they began to acknowledge his presence . . . tossing him a perfunctory smile when they passed or nodding their heads . . . This new behaviour implied that they all knew perfectly well who he was, thus making any attempt at self-introduction superfluous . . . Morris began to think that

> he was going to pass through the Rummidge English Department without anyone actually speaking to him. They would fend him off for six months with their little smiles and nods and then the waters would close over him and it would be as if he had never disturbed their surface. . . Morris felt himself cracking under this treatment.[98]
>
> .....
>
> Evidently the return of Professor Masters was the signal for which the rest of the staff had been waiting. It was as if some obscure taboo had restrained them from introducing themselves before their chief had formally received him into the tribe. Now, in the Senior Common Room, they hurried forward and clustered around Morris's chair, smiling and chattering, pressing upon him cups of tea and chocolate cookies, asking him about his journey . . .[99]

A formalidade no trato pessoal, que coarcta as relações humanas e chega a extremos hiperbólicos na passagem citada, aponta para uma falta de flexibilidade no universo cultural inglês, que se manifesta ao olhar americano pela própria apresentação física das personagens britânicas. Walker, apesar do calor insuportável que encontrara ao chegar ao Oeste americano, não tinha ainda tomado a iniciativa de deixar o fato de *tweed* que trazia de Inglaterra; o narrador de *Stepping Westward* considera, atendo-se à perspectiva de Froelich:

> . . . the figure made no move, standing there in his baggy country suit, the English genius . . . The suit was made of thick Harris tweed, and Froelich could see, from this distance, the beads of sweat forming on his brow and dripping on to the jacket, forming pearly droplets on the tips of its shaggy fibres. For this western sun, the get-up was farcical, and in a sense noble. . . Froelich, in spirit, wanted to applaud.[100]

As figuras inglesas são retratadas, à partida, com uma indiferença pelo desconforto pessoal que ronda o estoicismo, fomentado neles desde crianças: "long hours spent lying in the rain outside greengrocers' shops have made them tough"[101], considera-se, remetendo para o hábito inglês de deixar os carrinhos de bebé no exterior, à entrada das lojas enquanto as mães fazem compras. Para Froelich: "Walker . . . looked like that kind of Englishman who seems to have been rained on too much"[102]. Este estoicismo britânico contém uma faceta de passividade que surge estendida a outras áreas do comportamento. Nas narrativas académicas de que tratamos, os protagonistas masculinos são, por exemplo, invariavelmente passivos nos primeiros passos do relacionamento com mulheres americanas (note-se o caso de Philip Swallow com Melanie Byrd, e o de James Walker com Julie Snowflake). Os estudantes ingleses são, também, na narrativa de Lodge, apresentados como mais passivos do que os seus equivalentes nos Estados Unidos. No que respeita à passividade na aceitação das circunstâncias pessoais desfavoráveis, o universo inglês atinge um nível quase sacrificial, como encontramos bem representado na passagem em que se sumaria a vida de Philip Swallow, em Inglaterra, num tempo anterior àquele em que decorre a narrativa:

> Hilary was four months pregnant when they sailed back to England in September. It was raining hard the morning they docked at Southampton, and Philip caught a cold which lasted for approximately a year. They rented a damp and draughty furnished flat in Rummidge for six months, and after the baby had arrived they moved to a small, damp and draughty terraced house, from which, three years later, with a second child and another on the way, they moved to a large, damp and draughty Victorian Villa.[103]

Paralelamente, o americano Morris Zapp conclui sobre a sua experiência do modo de viver inglês:

> You were lucky . . . if you could find a place that could be kept at a temperature appropriate to human organisms, equipped with the more rudimentary amenities of civilized life and decorated in a combination of colours and patterns that didn't make you want to vomit on sight..[104]

A passividade inglesa, que chega à falta de vontade de agir, sequer para obviar a situações de desconforto pessoal como as apontadas nas passagens que citámos, constitui uma atitude acomodatícia que é, possivelmente, o traço cultural que de modo mais forte coloca em oposição a Inglaterra e a América. Conforme Jochum sumaria, em *Stepping Westward*, explicando a América a Walker: "the Americans believe in progress and . . . the English believe in things as they are . . . The English give tranquilizers, the Americans give pep-pills."[105] A ideia torna a ser glosada, na mesma narrativa, através da intervenção de Froelich:

> English history is all about men liking their fathers, and American history is all about men hating their fathers and trying to burn down everything they ever did . . . That's the way we change the society every generation. It's called the Pursuit of Happiness or the American Dream.[106]

A tendência inglesa de acomodação às circunstâncias, sem tentar modificá-las, conflui com outros traços culturais já abordados no sentido de inviabilizar o conseguimento de afluência financeira, pessoal ou institucional, de cuja falta, no universo britânico, ambas as obras sob escrutínio dão indícios como os que mais atrás foram referidos.

Nas referências à realidade inglesa, a falta de riqueza material surge compensada por outras qualidades. Se, por um lado, a personagem inglesa típica prima pela falta de capacidade de auto-afirmação e de confiança em si mesma, por outro lado, evidencia uma confiança sem limites na civilização em que está imersa - traço que podemos ver em oposição básica com a virtude americana de individual *self-reliance*. É representativa deste aspecto a reacção de Walker, em *Stepping Westward*, quando, ao descer do comboio, se julga abandonado, com a pouca bagagem que traz, numa paragem deserta do Oeste americano:

> Left alone, silent, bare, Walker stood for a moment . . . Then he turned and looked at the plain again, waiting for something to happen. Nothing did. Froelich imagined the growing doubt in Walker, and within it the profound English confidence. . . People, that English mind would now be thinking, were not left stranded in the middle of what was, after all, a reasonably civilized country. Action was surely being taken, with so valuable a property as himself on the way. The only question was, what was the action, how was it being taken, what did one do to put oneself in the way of it? There was nothing here except a shuttered house and an apparently empty car. There were no telephones in evidence, no taxis, no people. Froelich, peering with fascination through the spokes of the driving wheel, watched the anxious face turn from side to side. Still, the figure made no move.[107]

O que, na cultura americana, toma a forma de confiança (justificada ou não) nos recursos próprios, surge, na cultura inglesa, como confiança na civilização e nas instituições. E a civilização da velha Europa, representada, nas obras de que tratamos, pela Inglaterra, goza, apesar das insuficiências expostas, de marcado prestígio junto do universo cultural americano. Não só a arquitectura americana copia os modelos europeus, como se conclui da

descrição da Universidade americana de Benedict Arnold, em *Stepping Westward*, como também Mrs Bourbon, emigrada de Inglaterra havia muitos anos, sente que houve perdas no facto de os filhos que teve serem americanos, educados nos Estados Unidos:

> "I always felt that if I'd brought them up in England . . . they wouldn't, you know . . . have been such bastards."
> "Oh, you can't say that," said Walker, much excited to discover in nuance that same mythical England to which several people had already referred, fulcrum of moral sanity, fine and sound society..[108]

De facto, a imagem de inépcia inglesa perante os obstáculos é compensada por uma atitude moral e humanamente solidária. Em *Changing Places*, Morris Zapp, ao ler uma carta deixada por Philip Swallow, informando-o das circunstâncias e problemas pessoais dos alunos que ia ter, pergunta a si mesmo: "What kind of man was this, that seemed to know more about the students that their own mothers? And to care more . . . "[109] Passado algum tempo, Morris preocupa-se com a mudança de personalidade que a permanência em Inglaterra tem operado em si mesmo, receando ter apanhado: "Some creeping English disease of being nice"[110]

A bondade e a honestidade recorrem também em *Stepping Westward*, associadas ao universo cultural inglês, como se pode concluir da deliberação autoral de apresentar uma personagem, um professor americano de Hunter College, a considerar explicitamente:

> "What I admire about England . . . is its moral stability. People even have flowers in their gardens named Honesty. That's the way it should be; moral principles in all things . . .

> They still believe in good and bad . . . You know, this sounds quaint, but I wish . . . do I? Do I . . . that I did too?[111]

Nos romances académicos que analisámos, a Inglaterra representa valores que se pretendem intemporais, mas que, na prática, as sociedades têm esquecido, enquanto a América representa o triunfo da mentalidade pós-moderna. Deve notar-se que na obra de 1965, *Stepping Westward*, o passado, de que a Inglaterra é emblemática, é visto com mais nostalgia, ao passo que em *Changing Places*, publicado dez anos depois, a caracterização positiva do universo cultural inglês se tornou quase inexistente. É especialmente significativo o facto de, embora pretensamente olhada pelo americano Morris Zapp, a Inglaterra, nesta obra, estar a ser olhada pelo autor inglês que subjaz à personagem americana que criou. Trata-se de um aspecto que aponta, na década de setenta, para um alargamento, a partir da América, do modo de ver e de viver pós-moderno ao mundo ocidental europeu - alargamento que mesmo o cidadão comum reconhece ter-se, de facto, verificado nas sociedades europeias do presente, com a progressiva americanização da cultura. A confluência dos elementos que vimos apontando nas duas obras analisadas, não só confirma, na prática, a viabilidade de recorrer ao romance académico em análise cultural, como aponta, também, para o especial valor deste subgénero como documento, já que a sua evolução pode acompanhar em movimento paralelo, como acontece nos dois exemplos de obras tratadas, as modificações culturais que se registam nas sociedades a que se reportam.

[1]Philip F. Lawler, *Coughing In Ink: The Demise Of Academic Ideals*, s. l., University Press of America, 1993, p. 116.
[2]*Ibidem.*
[3]*Idem*, p. 119.
[4]David Lodge, *Changing Places*, Harmondsworth, Penguin Books, 1982 [1975], pp 59-60.
[5]David Lodge, *Small World: An Academic Romance*, London, Martin Secker & Warburg, 1984, pp 182-184.
[6]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, London, Arrow Books, 1986 [1965], p. 241.
[7]*Idem*, pp 280-281.
[8]David Lodge, *Changing Places*, p. 50.
[9]*Idem*, p. 36.
[10]*Idem*, p. 51.
[11]*Idem*, p. 71.
[12]Amanda Cross, *Death In A Tenured Position*, New York, Ballantine Books, 1988 [1981], pp 162-163.

[13]John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor*, Boston, Houghton Mifflin Comp., 1990, pp 195-196.
[14]*Idem*, p. 14.
[15]*Ibidem*.
[16]Reinhold Niebuhr *et al.*, "Our Country And Our Culture: A Symposium", *Partisan Review*, 19 de Maio de 1952, pp 282-326, p. 303.
[17]Margaret Mead e Rhoda Metraux, "What Have We Learned? Where Are We Going?: October 1971", *in Aspects Of The Present*, New York, William Morrow & Comp e Redbook Magazine, 1980, p. 20.
[18]Robert Escarpit, *Le Littératron*, (Paris, Flamarion, 1964), *apud* Roy Dinneen, "Robert Escarpit's *Le Littératron*: Un Nuagiste À La Fac", *in* David Bevan, *University Fiction*, Atlanta, Rodopi, p. 98.
[19]Keith Wilson, "Academic Fictions And The Place Of Liberal Studies: A Leavis Inheritance", *in* David Bevan (ed.), *University Fiction*, pp 57-73, p. 59.
[20]Scott Buechler, "Doublespeak And The Polemics Of Technology", *in* William Lutz (ed.), *Beyond Nineteen Eighty-Four: Doublespeak In A Post-Orwellian Age*, Urbana, IL, National Council Of Teachers Of English, 1989, pp 153-163, p. 153.
[21]Robert Escarpit, *Le Littératron*, *apud* Roy Dinneen, "Robert Escarpit's *Le Littératron*: Un Nuagiste à La Fac", *in* David Bevan, *University Fiction*, p. 97.
[22]R. Shepperd, "From Narragonia to Elysium", *in* David Bevan (ed.), *University Fiction*, p. 19.
[23]*Idem*, p. 22.
[24]Scott Buechler, "Doublespeak And The Polemics Of Technology", *in* William Lutz (ed.), Beyond Nineteen Eighty-Four: Doublespeak In A Post-Orwellian Age, pp 153-163, p.162.
[25]*Idem*, p. 154.
[26]Malcolm Bradbury, *Eating People Is Wrong*, *apud* Keith Wilson, "Academic Fictions And The Place Of Liberal Studies: A Leavis Inheritance", *in* David Bevan (ed.), *University Fiction*, p. 60.
[27]Keith Wilson, *op. cit*, *in* David Bevan, *University Fiction*, p. 70.
[28]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 33.
[29]Tom Sharpe, *Wilt On High*, *apud* John Wilkinson, "Conventions Of Comedies Of Manners And British Novels About Academic Life", *in* Bege K. (ed.) e Barbara Brothers (ed.), *Reading And Writing Women's Lives: A Study Of The Novel Of Manners*, Ann Harbor, Univ. Microfilms International Research P., 1990, p. 206.
[30]*Ibidem*.
[31]David Lodge, *The British Museum Is Falling Down*, Harmondsworth, Penguin, 1983 [1965], pp 36-38.
[32]David Lodge, *Changing Places*, pp 22-23.
[33]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 9.
[34]*Idem*, p. 11.
[35]David Lodge, *Changing Places*, p. 13.
[36]Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, "Lugares De Sentido Na Literatura Americana", *Revista Crítica De Ciências Sociais: Nº 22: Espaço E Industrialização*, Coimbra, Centro de Estudos Sociais, Abril de 1987, pp 159-174, p. 161.
[37]David Lodge, *Changing Places, p. 13.*
[38]David Lodge, *Changing Places*, pp 80-81.
[39]*Idem*, p. 55.
[40]*Idem*, p. 56.

[41]Louise Damen, *Culture Learning: The Fifth Dimension In The Language Classroom*, *apud* Lucília José Justino *et al.*, *Didáctica do Inglês*, Lisboa, Universidade Aberta, 1990, p. 14.
[42]Pierre Bourdieu, "Outline Of A Sociological Theory Of Art Perception", *in The Field Of Cultural Production: Essays On Art And Literature*, Cambridge, Polity Press, 1993, pp 216-217.
[43]*Idem*, p. 218.
[44]*Idem*, pp 217-218.
[45]Mário Avelar, "What Happened To The American Dream", *in* Maria Laura Bettencourt Pires, *Sociedade e Cultura Norte-Americanas*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996, p. 370.
[46]Jack Kerouac, *On The Road*, London, Penguin, 1972 [1955], p. 82.
[47]*Ibidem*.
[48]Mário Avelar, "What Happened To The American Dream?", *in* Maria Laura Bettencourt Pires, *Sociedade E Cultura Norte-Americanas*, p. 372.
[49]Malcolm Bradbury, *Dangerous Pilgrimages: Trans-Atlantic Mythologies & The Novel*, London, Secker & Warburg, 1995, p. 9.
[50]Richard Pells, *Not LIke Us: How Europeans Have Loved, Hated And Transformed American Culture Since World War II*, New York, Basic Books, 1997.
[51]David Lodge, *Changing Places*, pp 12-13.
[52]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 49.
[53]*Idem*, p. 50.
[54]Nossa ênfase.
[55]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 176. Nossa ênfase.
[56]*Idem*, p. 11.
[57]*Ibidem*.
[58]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 171.
[59]*Idem*, p. 143.
[60]*Idem*, p. 166.
[61]*Idem*, p. 89.
[62]*Idem*, p. 144.
[63]*Idem*, p. 145.
[64]*Idem*, p. 147.
[65]*Idem*, p. 143.
[66]*Idem*, p. 197.
[67]*Ibidem*.
[68]*Ibidem*.
[69]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 272.
[70]*Idem*, 273.
[71]David Lodge, *Changing Places*, p. 19.
[72]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 182.
[73]*Idem*, p. 66.
[74]David Lodge, *Changing Places*, pp 66-67.
[75]*Idem*, pp 129-130.
[76]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 216.
[77]David Lodge, *Changing Places*, p. 31.
[78]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 247.
[79]*Idem*, p. 252.

[80]John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor*, pp 159-160.
[81]Maria Laura Bettencourt Pires, *Sociedade e Cultura Norte-Americanas*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996, p. 302.
[82]David Lodge, *Changing Places*, p. 13.
[83]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 134.
[84]*Idem*, p. 224.
[85]*Idem*, p.188.
[86]David Lodge, *Changing Places*, p. 20.
[87]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 232.
[88]David Lodge, *Changing Places*, p. 64.
[89]*Idem*, p. 62.
[90]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 317.
[91]David Lodge, *Changing Places*, p. 211.
[92]*Idem*, p. 47.
[93]*Idem*, p. 16.
[94]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p.169.
[95]*Idem*, p. 88.
[96]*Idem*, p. 316.
[97]*Idem*, p. 348.
[98]David Lodge, *Changing Places*, pp 69-70.
[99]*Idem*, p. 89.
[100]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 178.
[101]*Idem*, p. 189.
[102]*Idem*, p. 189.
[103]David Lodge, *Changing Places*, p. 20.
[104]*Idem*, p. 57.
[105]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, pp 55-56.
[106]*Idem*, pp 263-264.
[107]*Idem*, pp 177-178.
[108]Idem, p. 220.
[109]David Lodge, *Changing Places*, p. 63.
[110]Idem, p. 93.
[111]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 169.

III - 2 A Universidade, a Sociedade e o Tratamento da Diferença de Classe no Romance Académico

Ainda que na Introdução à Parte II deste trabalho tenhamos proposto uma definição de classe socioeconómica enquanto conceito operativo, esta definição foi feita de modo breve, e com as reservas necessárias nos casos, como o presente, em que se trata de traduzir em palavras o significado de um termo cujo referente concreto está em mutação constante. Justificam-se, assim, a nosso ver, algumas considerações mais abrangentes, que confluam entre si, de modo cumulativo, no sentido da definição mais completa do termo em questão, através de uma breve panorâmica crítica sobre o estado presente do debate sobre classe, e divisão de classes. Tal panorâmica deverá contextualizar este tema no enquadramento de conceitos que lhe andam habitualmente associados, como capital humano, mobilidade social, e, naturalmente, papel da educação neste processo, papel este que, pela sua ligação à Universidade e à função da Universidade e dos universitários, se prende de modo directo com as áreas de interesse do presente estudo. Deverá também entrosar-se com os exemplos de tratamento da diferença de classe encontrados no *corpus* de obras seleccionadas, pois só pela confluência de interpretações entre estes exemplos e as conclusões sobre o tema das classes socioeconómicas e da divisão entre elas, a que os teóricos vão chegando, a partir da observação que fazem da sociedade, podemos concluir sobre o valor do romance académico como documento cultural no âmbito desta temática.

Em "Class And Class Conflict In Industrial Society"[1], Ralph Dahrendorf recorda que a origem da palavra remonta ao tempo dos romanos, em que se usou o termo "classis" quando da divisão da população em grupos diferentes, para efeitos de aplicação de impostos. Foi, no

entanto, muito mais perto da nossa época, com a Revolução Industrial, que o conceito de classe ficou validado como elemento pertinente em análise social.

Nas sociedades pré-industriais, as diferenças de estatuto basearam-se em diferenças de propriedade, poder e prestígio, e em sistemas muito antigos de direitos e deveres consagrados pela tradição, como os que caracterizaram o Feudalismo. Desde as primeiras etapas da industrialização que se operou uma subversão desse sistema de normas e valores. Segundo Ralph Dahrendorf, a revolução industrial trouxe à existência, quase de imediato, dois estratos sociais novos, o dos empresários e o dos trabalhadores, ou, na terminologia marxista, o da burguesia e o do proletariado. Foi para designar estes estratos, sem tradições anteriores que os definissem, que o termo "classe" começou por ser usado em Ciências Sociais. Presumivelmente, a teoria sobre as classes ter-se-á revelado tão complexa e tão importante que Marx faleceu sem ter conseguido acabar de escrever o último capítulo do último volume de *O Capital*, que versava precisamente sobre "As Classes".

Das opiniões de Ralph Dahrendorf extrai-se, como ponto essencial, e relevante na definição do conceito, que aspectos como a propriedade, o rendimento e as fontes de rendimento, comummente tomados como elementos de distinção entre classes, são antes, eles mesmos, não uma razão para a orgânica do sistema de classes, mas o resultado dessa orgânica. Em todo o caso, Bowles e Gintis em *Schooling In Capitalist America*[2], definem uma classe como um grupo de indivíduos que partilham o mesmo tipo de relação com o processo de produção, em que as relações de produção e as relações de controle são cruciais; estes autores reconhecem também que as classes não são homogéneas, mas que apresentam diversos níveis de estratificação dentro delas.

O tema da definição do conceito de classe é retomado por Anthony Giddens, em 1982, em "Class Structuration And Class Consciousness"[3]. Giddens tenta isolar o conceito definindo-o pela negativa, partindo do que ele não é: classe não é uma entidade específica, e não tem uma entidade específica, porque não age em bloco. Não é, também, o mesmo que estrato, e neste não se reconhecem tantos níveis diferentes. Nem (mesmo no caso da *upper-class*) coincide com o conceito de elite. Anthony Giddens reconhece mais do que um tipo de estruturação nas relações entre classes. O primeiro tipo de estruturação envolve os factores que intervêm entre a existência de determinadas capacidades com valor comercial e a formação de classes sociais identificáveis. Tais capacidades podem ser de três naturezas diferentes: posse de propriedade e de meios de produção, posse de aptidões educacionais ou técnicas, e posse de força de trabalho; e correspondem, respectivamente, às classes alta, média e baixa num sistema de divisão em três classes que considera típico da sociedade capitalista. Tem, no entanto, o cuidado de estabelecer que, pela própria natureza do sistema capitalista, as possibilidades de mobilidade entre classes são deixadas em aberto.

Mas esta abertura à mobilidade não basta para impedir que o sistema de classes tenda a reproduzir-se nos mesmos moldes, para as gerações seguintes. Anthony Giddens atribui tal facto à existência de um outro tipo de estruturação, mais ligada a factores locais que condicionam a formação de classes, como a divisão do trabalho e as relações hierárquicas dentro das empresas. São aspectos que geram, na sociedade em geral, um mecanismo de distribuição do bem cujo formato, segundo alguns teóricos, tende a perpetuar-se.

Laumann e Senter, em "Subjective Social Distance, Occupational Stratification, and Forms Of Status And Class Consciousness"[4], contribuem para o conceito de classe com a noção de que a desigualdade social está

directamente relacionada com a diferenciação de posições na sociedade, especialmente no que respeita à divisão do trabalho, e que as situações de igualdade ou desigualdade social condicionam, tanto objectiva como subjectivamente, os padrões das relações sociais entre indivíduos. Para Laumann e Senter, a ocupação de um indivíduo é determinante da sua posição em termos de classe, e pode calcular-se a dose de estratificação numa sociedade pelo grau em que os indivíduos, no campo das relações pessoais, escolhem associar-se a membros do seu grupo social. Estes autores reconhecem uma diferença entre estatuto social, que remete, de facto, para o grupo de que se faz parte, e classe económica; e afirmam que os indivíduos podem ter várias relações de pertença, que os podem colocar em mais do que uma unidade de referência no que diz respeito à estratificação da sociedade.

A diferença que pode existir entre estatuto social e classe económica cristaliza de modo especialmente marcante no mundo universitário, pelo que é natural que o romance académico reflicta directamente a percepção deste facto. Em *Changing Places* é referido, de modo explícito, o problema que advém para um hotel de clientela seleccionada do facto de muitos trabalhadores manuais terem passado a ter uma situação financeira que lhes permite pagar quaisquer preços pelas suas bebidas. Morris Zapp, referindo-se ao: "cocktail bar of the Ritz, Rummidge's best hotel, on a Saturday night"[5], acrescenta que:

> . . . the car-workers gathered [there] with their wives and girl friends for the conspicuous consumption of alcohol. However high the hotel pegged its prices in an effort to maintain a classy atmosphere, the car-workers could match them. They gathered round the tables or perched at the bar, the women balancing their huge beehive wigs, towering like cumulus cloud above their stocky, broad-shouldered escorts who sat stiffly, calloused horny hands sticking out of their

> sharp new suits, ordering round after round of daiquiris, whisky-sours, White Ladies, Orange Blossoms, and special inventions of Harold, the prize-winning barman . . . .[6]

A forma como, colando-se à perspectiva de Morris Zapp, o narrador constrói e descreve a imagem visual dos mecânicos de automóveis e suas mulheres, ao sábado à noite, no bar do Hotel Ritz, e os contrasta com a sofisticação da atmosfera do lugar, e das próprias bebidas, é visivelmente classista, no sentido em que surge imbuída de uma atitude que leva a que o observador se veja a si mesmo num nível superior ao daqueles que está a observar. A situação financeira do Professor/*Scholar* pode não ser significativamente diferente da dos mecânicos de automóveis; no caso do mundo académico inglês, pode até ser mais desfavorável. O que distingue docentes universitários de mecânicos de automóveis é um conjunto de atitudes que decorre principalmente da situação ocupacional, e do capital humano acumulado que levou a tal situação. A passagem citada é um exemplo que documenta a consciência que no romance académico se reflecte da existência destas diferenças.

A preocupação de Laumann e Senter em estabelecerem a fulcralidade da ocupação do indivíduo na atribuição de pertença a uma classe, ou a um estatuto social, traz à atenção o conceito de capital humano, a que acabámos de fazer referência, e que foi definido por autores como Gary Backer, em "On-the-job Training"[7], como respeitando às actividades que influenciam (positivamente) futuros proventos monetários ou psico-sociais, através do aumento dos recursos pessoais do indivíduo. A formação profissional em exercício pode ser vista em termos de melhoria do capital humano, e afecta de modo directo a mobilidade social, que, em teoria, pode ser negativa ou positiva, tendendo a ser, no entanto, a que se verifica em sentido ascendente que é matéria de estudo.

Em "Social Mobility And Class Structure In Modern Britain"[8], John H. Goldthorpe inicia a análise desta matéria a partir do liberalismo social de vertente darwinista, no século XIX, em que a teoria social ainda não glosava a questão da mobilidade, considerando-se então que havia largas oportunidades para os indivíduos melhorarem o seu estatuto, simplesmente esforçando-se no trabalho e mantendo-se íntegros. John Stuart Mill reconhecia a existência de desigualdades hereditárias, mas considerava, ainda assim, que o sistema capitalista oferecia oportunidades suficientes para as nivelar. Goldthorpe considera que também os marxistas prestam pouca atenção à mobilidade individual, já que estão principalmente interessados na mobilidade que assume forma colectiva. Neste âmbito, foi previsto por Marx o aparecimento de um estrato social intermédio, entre o proletariado e a burguesia, que seria constituído por grupos que trabalhariam para os capitalistas e deles aufeririam os seus ganhos, sem se ocuparem directamente das actividades de produção. A actividade destes grupos seria constituída por serviços (por exemplo, serviços de gestores e administradores). Goldthorpe remete para Edouard Bernstein, um socialista do partido social-democrático alemão, em 1898, que, como Marx, considerava que, à medida que o capitalismo evoluísse, se verificaria um aumento de ocupações não directamente envolvidas na produção. Outros teóricos, como Sombart e Michels, consideravam este aspecto um inconveniente, já que a possibilidade, aberta aos trabalhadores, de se tornarem mini-empresários, operaria contra a formação de um espírito de classe que levasse o proletariado à revolução. Michels reconhecia a aspiração permanente da classe trabalhadora à mobilidade social positiva, aspiração cuja pressão social crescente podia levar o movimento da classe trabalhadora a ser absorvido pela burguesia.

Sorokin, por sua vez, discordava das ideias de Marx sobre mobilidade, entendendo que não havia uma direcção distinta para a evolução social, já que a transição de trabalho manual para trabalho não

manual se verificava, não só de uma geração para a seguinte, mas também dentro da mesma geração, sendo a constituição dos grupos ocupacionais bastante fluida: as pessoas não viviam presas a um tipo de ocupação pela hereditariedade e, para Sorokin, a mobilidade era um valor a preservar e a maximizar. A perspectiva deste autor, no estudo que empreendemos, interessa-nos sobremaneira, por ter como referência, por um lado, o sucesso da democracia liberal, com o formato que tomou nos Estados Unidos, por outro lado (segundo Goldthorpe), o socialismo de cariz britânico, de que a visão positiva da mobilidade também deriva: remete, assim, em simultâneo, para o universo cultural britânico e para o universo cultural americano, os dois universos culturais que, em relação ao romance académico, nos ocupam.

Para o estudo da mobilidade do pós-guerra terão contribuído, de modo marcante, Lipset, Blau e Duncan, todos de ideologia liberal democrática. Blau e Duncan mostraram-se de uma visão mais optimista, considerando que o universalismo, que expandiria a todos os grupos da sociedade as noções de racionalidade e eficiência, havia de levar a um crivo para o sucesso, baseado nas realizações de cada indivíduo, e já não na atribuição inicial de pertença a um grupo; as fronteiras entre classes acabariam por desvanecer-se, o que funcionaria como factor estabilizador do regime político. Para Lipset, no entanto, havia aspectos potencialmente desestabilizadores neste processo. A mística do sucesso individual deixaria inevitavelmente muitos em situação de exclusão, e esses podiam vir a organizar-se em movimentos extremistas, ameaçando a estabilidade política.

Na opinião de Goldthorpe, os estudos sobre a mobilidade social, no caso da Inglaterra, radicam-se largamente no socialismo ético britânico. Os que abraçavam este credo ideológico não estavam interessados em revoluções violentas, mas num processo gradual de reformas que levassem a uma sociedade socialista. Uma taxa alta de mobilidade tornaria a

estratificação das classes menos extrema, e traria consigo mais igualdade de condições, que por sua vez conduziria à igualdade de oportunidades. Promover-se-ia, desta forma, uma redução das diferenças de estatuto e de classe na sociedade.

O conceito de classe fica, de facto, truncado, se não se lhe associar a aspecto da mobilidade entre classes, de que é inseparável, como comprova o facto, que vimos expondo, de ter este aspecto constituído preocupação de teóricos de facções ideológicas diversas, e mesmo opostas entre si. Segundo Goldthorpe, Westergaard e Reiser estabelecem explicitamente que os padrões de mobilidade podem afectar de modo directo a formação de classes.

Merecem, deste modo, alguma atenção, os factores que promovem, ou contrariam, a mobilidade social, e os padrões em que se organizam. Em "Status, Autonomy, And Training In Occupational Mobility"[9], Michael Hout explora dimensões da questão da mobilidade que excedem os estudos sobre este tema, concentrados no estatuto socioeconómico como elemento mais importante na previsão da mobilidade ocupacional. Além do estatuto socioeconómico, Michael Hout isola o conceito de autonomia, que consiste no grau em que determinada ocupação decorre sem supervisão de outrém, e verifica que as possibilidades de um filho vir a exercer a sua actividade em situação de autonomia aumentam na razão directa do aumento da autonomia da ocupação do pai. Além da autonomia como critério de atribuição de pertença a determinada classe e factor de mobilidade social, Michael Hout refere a formação (profissional), e, neste aspecto, chega à conclusão de que, para a mobilidade social, interessa mais o grau de especialização dessa formação do que a quantidade. Quanto mais especializada for a formação, maiores são as possibilidades de mobilidade social, como se pode verificar pela situação dos médicos, advogados, e outros grupos profissionais.

Em geral, Michael Hout exprime a opinião de que a maior parte do efeito que o estatuto ocupacional do pai tem no estatuto ocupacional do filho se materializa pela via da educação que o último recebe.

As opiniões de Michael Hout que acabamos de sumariar saem complementadas da exposição de Mark Granovetter em "Toward A Sociological Theory Of Income Differences"[10], em que este autor enquadra os aspectos referentes à mobilidade no contexto, inter-relacionado e dinâmico, dos factores que a promovem e que afectam os critérios de atribuição de estatuto e de pertença de classe. Para Mark Granovetter, e para a perspectiva que tem feito tradição sobre este tema, o conseguimento de estatuto social e de rendimentos é influenciado, principalmente, pelo próprio *background* do indivíduo, pelas suas características pessoais, pelo grau de sucesso nos objectivos que se vai propondo atingir. O *background* socioeconómico afecta a capacidade mental; o *background* socioeconómico e a capacidade mental afectam o sucesso educativo; o *background* socioeconómico, a capacidade mental e a educação recebida afectam o sucesso na ocupação profissional; e todos estes aspectos em conjunto conduzem a um, possivelmente novo, *background* socioeconómico para as gerações seguintes. Assim se fecha um círculo, ou melhor, se não fecha, mas se repete em moto contínuo.

Este modelo toma em consideração de modo exaustivo os mais importantes aspectos que interagem na questão do sucesso individual, e na atribuição de pertença a cada classe. No entanto, Granovetter critica-o, no sentido em que não é prestada atenção suficiente às características dos postos de trabalho, às características dos indivíduos que os ocupam, e ao processo de adequação entre ambas estas realidades. O autor chama a atenção para um aspecto frequentemente deixado em silêncio, que é o facto de o investimento que se faz em capital humano só ser lucrativo se houver

procura para as capacidades adquiridas, e para o que elas podem produzir, e se se estiver em posição de ir ao encontro dessa procura. Podemos acrescentar que parte da crise que tem afectado o sector das Humanidades poderá estar estreitamente relacionada com dificuldades de adequação entre estes parâmetros, que Granovetter detectou.

O investimento em capital humano feito no mundo universitário não é, certamente, menor do que aquele que leva alguns indivíduos à ocupação de executivos de empresas. No entanto, os executivos, por causa da muito maior adequação que existe entre as exigências de uma sociedade que, na prática, se rege por valores materialistas, e aquilo que eles próprios se tornam capazes de produzir (- dinheiro) - recebem também compensações materiais mais óbvias pelo seu investimento em capital humano do que as que são recebidas pelos Professores/*Scholars*. Os indícios desta diferença recorrem de modo sistemático no romance académico, ainda que possam não assumir grande relevo na textura das narrativas. Muito antes da década dos *yuppies*, os anos oitenta, já o narrador de *Stepping Wesrward*, em 1965, fazia contrastar, de passagem, a situação do *Scholar* James Walker: "trotting down the steps of the overbridge, a suitcase . . . suspended from each hand . . . while two neglected porters watched and sniggered"[11], com a correspondente situação dos: "black-suited business men, holding leather briefcases, [standing] exactly at the point where the first-class carriages would halt."[12]

O problema da frequente inadequação entre as exigências do mercado e as capacidades produzidas pelo investimento em capital humano põe algumas restrições à credibilidade da teoria exposta por Alvin Gouldner em "The Future Of Intellectuals And The Rise Of The New Class"[13]. Alvin Gouldner considera o aparecimento, na paisagem social, de uma nova classe, constituída pelos intelectuais e pelos especialistas do sector tecnológico, referindo-se mesmo à cultura do discurso crítico como uma

cultura especial de discurso que caracteriza esta *New Class*, e que estabelece um laço entre os intelectuais da área das Humanidades e os especialistas do sector tecnológico, reunindo-os, e, acrescentamos nós, abrindo as possibilidades para uma nova síntese. O autor vê a *New Class* como um objecto social definível em termos do seu valor (ético) e do seu poder; entende-a como uma classe universal, elitista e voltada para si mesma, com poder crescente, e composta por professores universitários, engenheiros, etc., sendo, em geral, a classe que ensina e que gere. A sua base é o capital humano, nomeadamente o capital cultural; não tem ainda poder deliberativo, mas, segundo o autor, um dia há-de tê-lo. Para o crescimento desta nova classe terão contribuído uma variedade de episódios e mudanças na História da Europa Ocidental, entre os quais destacamos, por ser de especial interesse no contexto deste trabalho, o aumento da educação pública, estatal, com mais ênfase na racionalidade, separada da educação religiosa e separada também da aprendizagem de ofícios no seio das famílias. Para Alvin Gouldner, uma revolução verdadeiramente colectiva é a que envolve a passagem do poder das mãos da burguesia para as mãos dos detentores de capital humano, por exemplo, de educação de nível avançado. Não se trata de uma revolução igualitária, uma vez que, com base no capital humano de alto nível de que dispõe, reclama para um determinado grupo privilégios especiais, na forma de poder político e rendimentos. Ao contrário do proletariado, a *New Class* tende a controlar o ambiente de trabalho em que opera. E tem sobre a velha classe endinheirada, detentora da posse de meios de produção, a vantagem de, ao contrário desta, os saber gerir com eficiência.

De todo em todo, afigura-se-nos pertinente considerar a teoria da *New Class*, subscrita por Alvin Gouldner, com alguma reserva, uma vez que, de acordo com autores também já aqui referidos, de que destacamos Mark Granovetter, quanto mais alto for, de início, o *background* socioeconómico do indivíduo, mais positivamente é afectada a sua capacidade mental, e

consequente realização dos objectivos educativos. A repetir-se em moto contínuo, este formato leva a que, eventualmente, as elites financeiras e as elites intelectuais acabem, em parte considerável, por coincidir. Uma tal evolução poderá assegurar a manutenção de poder e privilégio às classes tradicionalmente endinheiradas, já que, pelo acesso facilitado, em condições óptimas, aos benefícios da educação, e da aquisição de capital humano em geral, ter-se-ão autodotado das capacidades que lhes poderiam faltar para defender e preservar o seu estatuto. O romance académico tem capacidade de alertar para a falsidade que é intrínseca à tendência para dicotomizar, em oposição mútua, a capacidade intelectual e a riqueza material: "You can be rich and intelligent. A lot of people have questioned that, you know"[14] - comenta a personagem Julie Snowflake, em *Stepping Westward*.

De facto, Alvin Gouldner, o próprio autor que chama a atenção para a emergência da *New Class*, refere que esta se tem de defrontar com dificuldades de vária ordem, que se interpõem no caminho do seu sucesso. Por um lado, as possibilidades de mobilidade social têm diminuído nas últimas décadas para esta classe, devido ao quase excesso, no mercado de trabalho, de oferta de pessoal com níveis altos de educação; segundo Alvin Gouldner, é o estrangulamento na mobilidade ascendente causado por este factor que tende a levar a classe intelectual para o campo da actividade política, e da confrontação da autoridade, o que vai ao encontro da atitude geral de dissidência que glosámos como característica do herói/anti-herói típico do romance académico da segunda metade do século XX.

Outra dificuldade com que, para Alvin Gouldner, a *New Class* se tem de defrontar, decorre da primeira que referimos, e consiste na disparidade presente entre o seu alto nível de cultura e o comparativamente menor acesso a poder e a riqueza material, disparidade que se torna tanto menos contornável quanto os próprios níveis altos de educação de que os intelectuais dispõem lhes dão uma visão de conjunto que os faz sentir

obrigações morais em relação à colectividade, de que se apercebem como um todo, com que devem ser solidários. Este aspecto acaba por demarcá-los ideologicamente das elites financeiras, e também ele constitui tema já abordado no presente estudo, com referência, no romance académico, à postura tendencialmente idealista da figura do Professor/*Scholar*, e à sua insuficiente retribuição financeira, sobretudo no universo cultural britânico.

De facto, mesmo quando a figura do Professor/*Scholar* foge à caracterização de desfavor, em termos de situação financeira, como é o caso do protagonista Marvin em *A Tenured Professor*, de John Kenneth Galbraith, mantém-se o sentido de obrigação de solidariedade em relação ao macrocosmo social. O conflito de interesses que se pode gerar na consciência do Professor/*Scholar* é explicitado através de um diálogo entre Marvin e a mulher, Marjie:

> "I'm glad to hear you quoting Marx," said Marjie. "It relieves my mind. You're not the quintessential American, your thoughts fixed only on making money."
>
> "I'm not," Marvin assured her." But I don't entirely regret getting rich."
>
> "Let's go on now to the next stage," said Marjie. "Remember what we agreed: the money is just a means to an end - a greater end."[15]

E o fim que Marvin e Margie têm em vista é, basicamente, o de desestabilizar um *Establishment* que consideram injusto. O postulado que adoptam é o de que: "If you can't comfort the afflicted, you can at least afflict the comfortable."[16]

De entre as obras do *corpus* seleccionado é, compreensivelmente, nas de autoria americana, em que a figura do Professor/*Scholar* se desenha com melhor estatuto social de origem, e com mais afluência financeira, que o conflito de interesses gerado pela presença simultânea do sentido de solidariedade social tem matéria para se desenvolver e se manifestar. Também em *Death In A Tenured Position*, de Amanda Cross, se reflecte sobre a injustiça do privilégio, mesmo quando a situação de privilégio é a da protagonista, Professora Kate Fansler, de quem se diz:

> Born to wealth and position, Kate had had the rare benefits of her family's advantages while evading what she considered their overwhelming drawbacks. Which, freely translated, meant the privilege of wealth, but not the opinions or conventions.[17]

O conflito na consciência da protagonista é mais fortemente explicitado em passagens como aquela em que John Cunningham a define concisamente: "The trouble with you, Kate, is that you're a guilty rich woman. . . "[18]. O privilégio adquirido sem mérito pessoal, pelo simples nascimento numa família privilegiada, causa sentimentos de culpa na figura do Professor/*Scholar* que evolui dentro de um sistema, por princípio, meritocrático, e que foi, mesmo que apenas na ficção, formado pelos valores dos anos sessenta, como é o caso da protagonista do romance a que nos vimos referindo.

No tratamento do conceito de classe e conceitos adjacentes, assume especial relevância, no âmbito do estudo que empreendemos, o papel da educação como factor de mobilidade social, e Mark Blaug, em "The Empirical Status Of Human Capital Theory: A Slightly Jaundiced Survey"[19], leva esta temática mais longe, e a um teor mais polémico, ao questionar-se

sobre as razões pelas quais as entidades empregadoras preferem os candidatos com níveis mais altos de educação, ou com melhor desempenho neste campo. Mark Blaug responde à questão que coloca, alvitrando que, dada a impossibilidade de, em relação a cada candidato, se prever com conhecimento de causa o modo como irá desempenhar as funções de que for incumbido no posto de trabalho, os empregadores são tentados a tratar as qualificações e o desempenho, no que respeita a escolaridade, como um critério de selecção que de alguma forma reflicta as capacidades e a "treinabilidade" dos candidatos. Mark Blaug exprime a opinião de que a exigência de escolaridade vai manter-se como critério de selecção, mas, dada a oferta cada vez mais vasta de pessoal com níveis altos de escolaridade, a parada vai subir, sem que se traduza em melhoria financeira para os contratados, passando os que saem das Universidades a ocupar os postos de trabalho que antes eram ocupados pelos que saíam dos liceus.

De qualquer forma, no que respeita às necessidades do mercado de emprego, este autor parece considerar com algumas reservas o valor da educação, em termos dos conteúdos científicos que veicula a quem dela pôde usufruir, encontrando tão somente uma correlação entre o desempenho que um candidato teve na escola e o seu grau de "treinabilidade" para as funções inerentes a determinado posto de trabalho. E, mesmo assim, duvida se serão as escolas a produzir os atributos pessoais com valor para os empregadores, ou se estas se limitam a identificá-los nos candidatos que já os trariam em si. A escolaridade e a educação, sendo os critérios de avaliação mais utilizados pelas entidades empregadoras, são para Mark Blaug, ao mesmo tempo, critérios de selecção pouco menos do que arbitrários.

Louis Althusser retoma esta polémica numa vertente com mais implicações políticas, ao considerar, em "Ideology And Ideological State Apparatuses"[20], que a escola ensina, e treina, a submissão à ideologia

dominante, e ao aderir à perspectiva marxista, segundo a qual, pela necessidade de controlar os trabalhadores, as entidades empregadoras recorrem à escolaridade para determinarem se os valores e características do indivíduo se ajustam às necessidades do sistema em vigor.

No seguimento desta perspectiva, Louis Althusser remete ainda para a ideia de que as semelhanças de género, de raça, e de *background* social e familiar, tranquilizam os empregadores, sendo indicativos de que a comunicação com o empregado será fácil, e de que o mesmo será merecedor de confiança. Este conjunto cumulativo de critérios sugere razões para que se vá perpetuando um sistema que consistentemente tende a excluir as minorias na prática, mesmo que, em teoria, se afirme contrário.

Também no romance académico se encontram sinais de algum cepticismo no que respeita à relevância do saber cognitivo para gerar sucesso pessoal. A crítica que, em *Stepping Westward*, a personagem Jochum faz às escolas americanas, nomeadamente a uma escola para raparigas, reverte, por um lado, numa afirmação de incompetência do sistema, no que respeita à passagem de conteúdos cognitivos; mas, por outro lado, reverte também no reconhecimento da competência do mesmo sistema educativo, no que respeita a fomentar nos indivíduos capacidades que, na sociedade, como se apresenta contemporaneamente, possam ser geridas de forma rentável:

> There are in existence many records of feral children, children who are abandoned in woods and parented by wolves and bears; of course they cannot write or talk or reason logically but they are capable to catch a rabbit. So it is with these places, these high-schools. We abandon our children there and when they grow up they cannot write or talk or reason logically but they know how to dance the quickstep. Always the minimum necessary for survival.[21]

Bowles e Gintis adoptam uma orientação marxista em *Schooling In Capitalist America*. Segundo estes autores, o sistema educativo contribui para tornar legítima a desigualdade económica, ao recorrer a um critério aberto, objectivo e assumidamente meritocrático, para atribuir posições económicas desiguais aos indivíduos. Consideram Bowles e Gintis que a educação, como factor, tem, na realidade concreta, um papel menos importante no sucesso financeiro dos indivíduos, e, decorrendo daí, na sua atribuição de pertença a uma classe, do que aquele que a sociedade democrática lhe atribui. A contratação pode facilmente fazer-se noutras bases, já que as capacidades mentais necessárias para desempenhar um cargo são suficientemente limitadas, as capacidades produzidas pelo sistema educativo, suficientemente variadas, e as possibilidades de aquisição de capacidades adicionais específicas, em exercício, suficientemente prováveis, para que as diferenças de capacidade e desempenho escolar entre os indivíduos que podem, com base em vários outros critérios, ocupar determinado posto de trabalho, tenham pouco impacto real na sua produtividade. À semelhança de Louis Althusser, Bowles e Gintis também encontram uma vertente opressiva na educação, considerando-a um conjunto de estratégias que, na sociedade capitalista, é posto ao serviço do objectivo de se conseguirem massas trabalhadoras cooperantes e fragmentadas. Reconhecem uma correlação entre o grau de sucesso escolar dos alunos e o grau em que aceitam submeter-se à autoridade, e consideram que pelas notas atribuídas na escola se pode, de facto, prever a adequação de um candidato a um posto de trabalho, mas não pela vertente cognitiva que estas avaliações envolvem. São as avaliações que se fazem do comportamento dos alunos nas aulas que vão, segundo Bowles e Gintis, normalmente coincidir com as avaliações que os seus superiores hierárquicos mais tarde fazem do seu comportamento no trabalho.

Quanto ao papel da educação na mobilidade social, genericamente Bowles e Gintis vêem-no também com bastantes reservas, já que, da perspectiva marxista que adoptam, todas as instituições, num sistema social estável, incluindo a Educação, dirigem inevitavelmente o desenvolvimento pessoal dos indivíduos no sentido da reprodução das mesmas instituições e do mesmo sistema. Para estes autores, o nível de educação e o estatuto socioeconómico normalmente andam a par. As pessoas cujos pais têm um estatuto mais alto tendem a ser melhor sucedidas, independentemente da educação que tiverem recebido, mas também recebem, em geral, mais e melhor educação. Afirmam ainda que o quociente de inteligência não tem especial influência no sucesso financeiro, uma vez que verificam que o sucesso financeiro tende a passar de geração em geração nas mesmas famílias, independentemente do quociente de inteligência dos seus membros.

Deve ser referido, e contraposto à opinião expressa por Bowles e Gintis, o facto de haver, em Psicologia, teses anteriores que defendem precisamente o contrário. Em 1921, Terman, o psicólogo de Stanford que também desenvolveu o primeiro teste de Q.I, aplicado a dois milhões de americanos durante a Primeira Guerra Mundial, estudou um grupo de mais de mil crianças com quociente de inteligência superior a 120. A evolução destas crianças foi seguida pelo menos até 1947, ano de que data o último relatório. Verificou-se que setenta por cento dos indivíduos estudados obtiveram diplomas universitários (num tempo em que o acesso a este grau de ensino estava apenas a começar a democratizar-se); alguns tornaram-se conhecidos pelas suas investigações e trabalhos publicados. E em 1945, cinquenta por cento dos referidos indivíduos estudados, então ainda com menos de trinta anos, auferiam vencimentos no valor do que só sete por cento dos homens adultos, nos Estados Unidos, conseguiam.

Haverá que tomar em conta, no entanto, que os dados de que dispomos são omissos no que se refere ao *background* socioeconómico do universo de crianças seguidas por Terman. Se o universo de crianças estudadas adviesse, na maior parte, de pais com um nível socioeconómico alto, a opinião de Bowles e Gintis, que atrás referimos, estaria a ser confirmada, e não refutada. Por outro lado, deve notar-se que o próprio conceito de quociente de inteligência tem sofrido revisões, desde os testes de Stanford-Binet até ao presente. Howard Gardner desmultiplicou a inteligência humana numa variedade de talentos, ou de inteligências pessoais, mas manteve-se dentro do domínio cognitivo. Posteriormente, Peter Salovey, um psicólogo de Yale, e E.L. Thorndeike, abordaram a inteligência social, e questionaram-se sobre modos de trazer inteligência às emoções. E em 1995 publicou-se, seguida de divulgação internacional, a obra de Daniel Goleman, *Emotional Intelligence*, traduzida para português com o título de *Inteligência Emocional*, obra em que se defende que o sucesso pessoal dos indivíduos, além da sua inteligência cognitiva, decorre, em grande medida, de um conjunto de características e atitudes comportamentais do foro psico-afectivo.

As reservas com que Bowles e Gintis consideram o quociente de inteligência na determinação do sucesso individual são, no entanto, de outra natureza: desprendem-se das características individuais, para assumirem teor colectivo e político. Para estes autores, a reprodução, para as gerações seguintes, das mesmas relações entre classes, passa por uma reprodução da consciência, que faz com que as pessoas aceitem as condições sociais e económicas que têm, e esta aceitação verifica-se quando se gera uma harmonia entre as necessidades criadas pelo sistema social e os meios que o próprio sistema social fornece para as satisfazer: assim, a estratificação social tende a reproduzir-se nos mesmos moldes. Bowles e Gintis acusam o sistema educativo de moldar as auto-imagens, as aspirações e

identificações de cada classe, de acordo com as necessidades do sistema social, em termos de divisão do trabalho.

Como conciliar, então, a perspectiva de Bowles e Gintis, e a de Louis Althusser, com a perspectiva de Alvin Gouldner, que prevê a supremacia crescente de uma classe intelectual, em desfavor da situação das classes tradicionalmente endinheiradas? Como conciliar com a perspectiva marxista de Bowles e Gintis a realidade, verificável no quotidiano, de modo empírico, de que o acesso à educação, ao conhecimento, por um lado, promove nos indivíduos uma subida de estatuto socioeconómico; por outro lado, ao generalizar-se, promove na sociedade uma alteração das relações de forças, constituindo-se tal acesso como suporte do sistema democrático, com a crescente capacitação dos cidadãos para avaliarem com lucidez a própria legitimidade ou falta de legitimidade da actuação das instituições?

A resposta ao aparente paradoxo de, por um lado, a instituição educacional, de que as Universidades fazem parte, promover a perpetuação do formato existente de relações de produção/poder na sociedade, formato que pressupõe a continuação da divisão de classes, e de, por outro lado, ser ao mesmo tempo, precisamente, a educação, que constitui o grande veículo de mobilidade social positiva, que dá aos indivíduos em situação desprivilegiada a possibilidade de saírem dela, e, pela soma dos inúmeros casos individuais, promove na sociedade alterações profundas nas relações de poder, que levam à subversão das divisões de classe, acaba por ser sugerida pelos próprios autores Bowles e Gintis. Ambos reconhecem a noção liberal de que a educação tem uma função que promove o desenvolvimento psíquico e moral dos indivíduos, e uma função integrativa, que fomenta nos jovens a capacidade de enquadramento em papéis adultos, na família, na sociedade, na política, no mercado de trabalho; mas também uma função igualitarista, pela qual se dá a cada um a possibilidade de competir abertamente pela melhoria de estatuto que lhe seja necessária.

A razão pela qual a educação está longe de efectuar na sociedade uma alteração radical do sistema de relações de produção e de divisão de classes, e, ao mesmo tempo, consegue subsistir nesse sistema, apesar de assumir um conjunto de características e funções com potencialidades para o subverter, prende-se com uma cisão profunda que, na sociedade dos Estados Unidos e, por extensão, nas democracias ocidentais, em geral, se verifica entre o sistema económico e o sistema político. Os sistemas político e económico assumem, de facto, no presente, naturezas opostas, dentro do mesmo país. O sistema político é norteado por ideais democráticos, tentando assegurar o acesso da maioria às tomadas de decisão, promovendo mecanismos que protejam as minorias dos preconceitos da maioria, e que protejam a maioria de minorias de comportamento prepotente. Mas o sistema económico, que lhe dá suporte, na prática, é de natureza tendencialmente totalitarista, procurando reduzir ao mínimo as possibilidades de tomada de decisão pela maioria, que são os trabalhadores, e protegendo da vontade destes a minoria dos capitalistas e empresários, com os seus interesses financeiros.

Se este sistema acaba, ou não, por servir melhor os interesses da totalidade da população, é debate que se encontra fora do âmbito do presente trabalho. O que consideramos importante referir é que a forma como esta cisão de interesses, num mesmo país, entre o sistema político e o sistema económico, reverte num paradoxo, dado o facto de ambos os sistemas terem de actuar em conjunto, afecta de perto a Universidade e o romance académico, no que respeita à caracterização da abordagem que, ao longo de décadas, neste subgénero literário se tem feito à questão das divisões de classe, e à possibilidade de subversão das mesmas. Encontrando-se as Universidades fora da esfera directa da produção, compreende-se que o romance académico tenda a privilegiar a perspectiva do sistema político, que é democrática e democratizante, em detrimento da

perspectiva do sistema económico. Significativamente, de entre os romances seleccionados para este estudo, é no de um autor que acumula a actividade de Professor universitário e escritor com a actividade de economista - John Kenneth Galbraith - que, apesar da ideologia de solidariedade social que o orienta, se encontram ecos da postura do sistema económico. Tais ressonâncias vêm à superfície, por exemplo, na displicência com que, subscrevendo, de modo implícito, e apenas temporariamente, na narrativa, princípios atribuídos a Herbert Spencer e Herbert Hoover (nomeadamente: "the survival of the fittest and the belief in wealth as a source of prestige and power, that wealth being the benign endowment of a discriminating creator"[22]) - o narrador se refere a: ". . . the now compelling doctrine that the rich were not working because they had too little money, the poor because they had too much"[23]. Esta visão que, apesar da orientação da obra no sentido da solidariedade social, não passa sem ser referenciada, é também classista, caracterizando os pobres como incapazes de agirem no sentido da maior produtividade e da melhoria das suas condições pessoais se não forem movidos pela mera necessidade de sobrevivência, e desencorajando o sistema de intervir, em desfavor dos ricos, no sentido de uma distribuição mais igualitária da riqueza. Não passaremos, no entanto, de todo, do campo sociológico para o campo literário, sem, no que respeita à temática do tratamento da diferença de classe, que presentemente nos ocupa, enquadrarmos o romance académico na forma de expressão mais vasta, que o abrange, que é o género do romance, em geral.

John O. Lyons abre a sua introdução a *The College Novel In America* referindo explicitamente, em relação ao estudo do romance sobre a vida académica nos Estados Unidos, a sua ligação à história do romance, como forma de expressão literária e como documento social. Na tentativa de enquadrar o romance sobre vida académica no contexto das tradições literárias inglesa e americana, o autor cita Lionel Trilling, num passo em que

este procura chegar à definição da essência deste género literário: "The characteristic work of the novel is to record the illusion that snobbery generates and to try to penetrate to the truth which, as the novel assumes, lies hidden beneath all the false appearences."[24] E informa ainda: "Trilling continues to say that this concern with snobbery, and what Fielding calls the ridiculous, depends on a sense of class structure."[25] No entanto John O. Lyons contesta a opinião, atribuída a Lionel Trilling, de nunca, na América, se ter instalado o género do romance concebido nestes termos, e traz à atenção do leitor as obras de Howells, James e Steinbeck, que provam que ao romance americano não passaram, igualmente, despercebidas as questões de classe; e conclui, a partir daí, que: "a sense of class structure is necessary for satire and humor in the novel"[26]. É no enquadramento desta tradição literária que o mesmo autor vê o romance académico:

> Historically the novel has been a crusading instrument. Swift, Fielding and Dickens illustrate the way in which novelists have ridiculed the follies or flayed the sins of men. The novel of academic life is in this tradition, for it often has an argument to make. It is usually a pedagogical one, although it may also be an argument for racial or class tolerance or academic freedom. These arguments are made, as they have been made before, through either satire or pathos.[27]

Entendida deste modo, a consciência de classe, e de diferença entre classes sociais, está inevitavelmente presente no romance académico, como subgénero que este é de um género literário a que é inerente e essencial, tanto a consciência da existência de tais divisões, como a consciência de se encontrar frequentemente a verdade profunda das coisas e dos seres muito para além das falsas aparências que elas encenam. Também no caso do romance académico o trabalho do romancista tem consistido, em grande

parte, na demanda e na exposição dessa verdade profunda, por oposição às verdades de superfície do convencionalismo social.

Extrínseco, mas subjacente ao tratamento literário referido, está todo o contexto social que acompanhou, à viragem para a segunda metade do século XX, a génese do romance académico moderno. À materialização do mencionado princípio de exposição da verdade profunda, que, no caso do género do romance, associamos à própria construção do literário, subjaz a existência, em cada época, de um referente social concreto, que se projecta para o mundo da ficção. Mortimer Proctor, que se debruçou sobre o romance académico em Inglaterra, considera que a diferenciação entre classes sociais surgiu na Universidade inglesa no século XVI, quando Oxford começou a aceitar estudantes da aristocracia que se aproveitavam do alojamento na Universidade para levarem em liberdade, longe do controle familiar, uma vida de dissipação: "As a result, distinct social classes within the student ranks became clear"[28]. Segundo Janice Rossen, a Universidade inglesa foi, até bem dentro do século XIX, a escola que dava os últimos retoques à educação dos filhos-família, projectando-se frequentemente na ficção a imagem estereotipada dos jovens *dandies* que desbaratavam em Oxford a fortuna da casa paterna. As reformas introduzidas na Universidade, no século XIX, atacam, no entanto, este estado de coisas, pois promovem o estudo, e não a ociosidade. Mortimer Proctor nota que o romance do período vitoriano, *Tom Brown At Oxford* (1861), de Thomas Hughes:

> . . . seeks to further devotion to scholarship, in addition to a more democratic society within the college, and . . . reflects the prevailing earnestness about changing the basic aims of the University[29]

A mesma autora observa que, quanto mais as divisões de classe começaram a soçobrar, mais Oxford e Cambridge se demarcaram de outras Universidades, constituindo o caminho privilegiado para o poder, nomeadamente o poder político. Janice Rossen remete para a obra de Anthony Sampson, de 1982, *The Changing Anatomy Of Britain*, em que ainda se considerava: "The road to most top jobs in Britain remains almost as narrow as ever . . . The two ancient universities still provide the chief route for the heights of power"[30].

A problemática levantada, sobre divisão de classes, foi, de facto, central à Universidade, instituição que, conforme defendemos na Parte I deste trabalho, teve um papel catalisador das grandes mudanças que se operaram no campo da mobilidade social, sobretudo a partir do fim da Segunda Grande Guerra:

> Following two World Wars and the decline of the British Empire, the aristocracy progressively loses its hold on seats of power. Thus those upper-class men who are at the university - something which they claim without a thought as their inherited right - become increasingly threatened by the lower-class men, since education becomes a more significant force in one's adult life and career.[31]

Muito à revelia dos aspectos das teorias sobre mobilidade social subscritas por Bowles e Gintis que temos vindo a expor, de acordo com Janice Rossen, pelos meados do século XX a frequência do ensino universitário veio a ser encarada: "as a way for able men of the lower classes to rise through the ranks and move into the professional classes"[32]. Os obstáculos que se colocaram à mobilidade positiva dos estudantes com esta proveniência social prenderam-se, por um lado, com factores que já referimos, como a crescente oferta de pessoal com níveis altos de educação,

que começou a redundar num excesso em relação à procura; por outro lado, com um fenómeno de acentuado individualismo, a que Janice Rossen faz referência em *The University In Modern Fiction: When Power Is Academic*:

> . . . it is possible that those men [of the lower classes] who did succeed . . . against great odds - take out some of their frustration by reinforcing the power structure, and impeding the progress of others behind them.[33]

Esta hipótese fornece mais um vector explicativo para a tendência para a perpetuação das divisões de classe, que, na opinião dos teóricos de orientação marxista, continua a verificar-se. De facto, John Wilkinson, em "Conventions Of Comedies Of Manners And British Novels About Academic Life", corrobora a ideia de, na prática, serem difíceis de subverter as identificações de classe, mesmo no contexto meritocrático das Universidades:

> . . . meritocrats produced by free grammar-schools and free university education were apt to find that the old-boy network, the lines of power and influence that connected London, Oxford and the public schools, the possession of the right accent, manners and style, still protected the interests of the hereditary middle-class.[34]

E, a propósito, o autor refere: "the disappointment felt in Post-World War II England because of the failure of hoped for social change."[35]

De facto, em Inglaterra, a atitude da Universidade, como instituição, no que respeitou ao acolhimento de estudantes das *lower-classes*, mesmo quando revelou aceitação, foi, de início, contemporizadora e paternalista, o

que se reflectiu em alguns romances académicos. Em *The Weigh Of The Evidence*, de Michael Innes, cuja acção decorre numa Universidade *redbrick* que, na ficção, toma o nome de Nestfield, o Reitor explica à personagem Appleby (cujo nome, num provável exercício de intertextualidade, David Lodge retoma para o seu herói/anti-herói Adam Appleby, em *The British Museum Is Falling Down*):

> What I fear is a vast bourgeois stagnation . . . That is why our university - this sort of university - is so important . . . All these Toms and Dicks and Harrys - and Susans and Josephines and Gladyses too - come from the workers and the lower middle classes; from people who, a couple of generations from now will be absorbed in an amorphous and classless material prosperity . . . Now, where is a little breath of mind going to come from all this?[36]

Segundo este modo de ver, a democratização do ensino universitário destinar-se-ia a dar alguma cultura a pessoas que, pelo acesso a melhores condições materiais, deveriam passar a tê-la, sob pena de, a breve trecho, surgir no horizonte cultural do país uma burguesia estagnada e ignorante. A opinião expressa é de índole paternalista, emitida implicitamente por alguém que se assume como tendo mais cultura, ou melhor cultura, do que aqueles de quem fala, e a quem pretende impor os seus valores.

A atitude da Universidade, enquanto instituição, é tendencialmente conservadora, e isto reflecte-se, por exemplo, na forma como, já em meados dos anos noventa, um teórico com a estatura de Harold Bloom, na sua obra *The Western Canon*, considerada fundamental neste fim de século, ainda mostra olhar de modo reticente a expansão do cânone curricular, que se tem levado a cabo para acomodar os interesses das culturas minoritárias. E as reservas de Harold Bloom em relação à expansão do cânone prendem-se

com a preocupação de manter os padrões de qualidade subscritos pelos que, ao longo de séculos, têm constituído as elites intelectuais do Ocidente:

> Pragmatically, the "expansion of the Canon" has meant the destruction of the Canon, since what is being taught includes by no means the best writers who happen to be women, African, Hispanic, or Asian, but rather the writers who offer little but the resentment they have developed as part of their sense of identity.[37]

Trata-se de uma atitude que dificilmente poderá ser interpretada senão como classista, embora a classe que esteja em causa seja, por princípio, de índole meritocrática, tendo transcendido, em certa medida, a tradicional divisão em três classes das sociedades democráticas e capitalistas.

Fora da Universidade, e mesmo em imprensa periódica, outros autores expressaram, em anos relativamente recentes, o mesmo tipo de preocupação que Harold Bloom viria a expressar em *The Western Canon*, no sentido da manutenção dos padrões de valor de uma cultura de elite. Ocorre-nos o artigo de Antony Burgess, publicado pelo *Times Literary Supplement*, "The Academic Critic And The Living Writer", em que o autor encontra uma diferença importante entre a crítica jornalística e a recensão académica às obras literárias, consistindo esta diferença em que: "Academic criticism does not smell of the need to earn a quick fee"[38]. No que respeita à já então crescente subversão do cânone curricular, Antony Burgess não deixa de recomendar prudência à Universidade:

> Caution is appropriate to an establishment covered with ivy and perhaps crumbling . . . heads of department [are] put in

> the awkward position of seeming to attach permanent merit to works which quickly prove to be ephemeral.[39]

A atitude geral que vimos documentando está, no entanto, longe de determinar a evolução da Universidade enquanto instituição, sujeita como esta permanentemente se encontra a uma gama variada de influências, trabalhando, por vezes, em sentidos opostos, tanto a partir do interior como do exterior. A meio do século XX coexistem tendências conservadoras com tendências democratizantes, e, em Inglaterra, o romance académico, na sua forma moderna, desenvolve-se principalmente a partir destas últimas, pela interpenetração, com o meio académico, da corrente literária e cultural dos *Angry Young Men*, a que já fizemos alguma referência no capítulo deste trabalho em que determinámos o ponto de vista que prevalece na narração. Janice Rossen estabelece de modo específico a ligação entre a corrente literária dos *Angry Young Men* e a evolução da Universidade, referindo-se a:

> . . . the Angry Young Men, who began writing in roughly the middle of this century about the experience of a wave of lower-class men who entered the University in the years following the Second World War. Their admission *en masse* . . . was due to a calculated decision to make the English educational system more of a meritocracy, and it was made possible by government subsidy.[40]

A autora atribui a Anthony Sampson, a afirmação, no princípio dos anos sessenta, de que oitenta por cento dos estudantes universitários eram financiados pelo Estado. A própria versão cinematográfica de *Lucky Jim* tratava este aspecto de modo satírico, descrevendo, na introdução, os estudantes desse período como: "Fearless, independent and state supported"[41].

A expansão da Universidade e a construção das *plate glass universities* viria a prender-se com este movimento geral, no sentido da criação de uma meritocracia académica, e vários romances sobre a Universidade a partir dos anos cinquenta se debruçaram sobre a frustração dos jovens das *lower-classes* que a Universidade acolhia, mas que nela eram marginalizados, e também no mundo exterior, quando terminavam os seus cursos. Terá este aspecto muito que ver com a questão que Janice Rossen propõe para ponto de partida de um debate: " . . . why the Angry Young Men were angry"[42]. *Angry Young Men* como Kingsley Amis, Allan Sillitoe, John Osborne, John Brain e John Wain; comenta a autora que a experiência colectiva dos heróis destes romancistas se relaciona de modo breve e periférico com a Universidade. Para documentar a ideia de que os estudantes provenientes das *lower-classes* e financiados pelo Estado eram percebidos como um grupo e como uma ameaça à ordem estabelecida, Janice Rossen recorre ainda à reacção de Somerset Maugham à publicação de *Lucky Jim*, de Kingsley Amis, em 1953, que se lhes referiu, dizendo: "This is a new class that has entered upon the scene. It is the white collar proletariat"[43].

A autora comenta que um proletariado *white collar* aponta para uma revolução potencial, o que vem ao encontro das ideias expressas por Alvin Gouldner, sobre o aparecimento daquilo a que chamou a *New Class*, a que já fizemos referência. Falta especificar que um proletariado *white collar* aponta para uma revolução, não armada, mas de mentalidades; é esta revolução que tem alterado o modo como a Universidade se relaciona com o mundo exterior, revolução de que, desde os meados do século XX até ao presente, o romance académico tem dado testemunho.

Sobretudo a partir de meados do século XX, o romance académico mostra-se, assim, profundamente afectado pela consciência das diferenças

de classe, aspecto que já tem sido reconhecido de modo explícito. John Wilkinson, em "Conventions Of Comedies Of Manners And British Novels About Academic Life", invoca uma variedade de exemplos de obras, protagonistas e autores que confluem para a fundamentação deste ponto:

> Both *Lucky Jim* and *Hurry On Down* are novels in which the impact of a large underclass can be felt. Both novels focus upon characters who represent this underclass, and both concern class distinctions. Such matters are also part of the other novels - Wilt's students are obviously working-class, as are Sefton Goldberg's. Petworh teaches in a Bradford college, and Swallow shares the provincial values evident in other novels by Lodge . . . Louis Bates, in Bradbury's *Eating People Is Wrong*, is a working-class intellectual. Yet, in the novels by Amis and Wain, action is so motivated by differences of class that the world of "old style unhurried academic privilege", to use Howard Jakobson's phrase from *Coming From Behind* . . . , not only is threatened by an intrusive lower-class world or by disturbing changes in professional life but also has become an object of scorn and anger.[44]

O autor vê uma ligação entre as características de *Lucky Jim* e as que Lodge aponta, na introdução à reimpressão de *Ginger You're Barmy*, como traços típicos do romance dos *Angry Young Men*:

> gritty realism, exact observation of class and regional differences in British Society, a lower middle or working class perspective, anti-establishment attitudes, hostility to all forms of cant and pretentiousness, a fondness for the first-person, confessional narrative technique.[45]

Com excepção do último aspecto referido (porque a ficção sobre a Universidade tende, desde, pelo menos, os meados deste século, a ser

narrada na terceira pessoa) pode observar-se que os traços tomados como característicos da ficção dos *Angry Young Men* coincidem, em larga medida, com os que caracterizam o romance académico até bem dentro das décadas de sessenta-setenta. Conclui-se, assim, que não só a problemática das divisões de classe é essencial à evolução do romance académico a partir da segunda metade do século XX, o período que principalmente nos interessa, como também que este subgénero emerge, de facto, do centro de acção onde operam, com mais consciência, as forças que vão dinamizar a mobilidade entre classes que afectará toda a sociedade.

Por um lado, pode argumentar-se que, se o balanço desta mobilidade não fosse inegavelmente positivo, os *Angry Young Men*, com os traços, a cultura e a actuação que os caracterizaram, não teriam, sequer, chegado a existir. Por outro lado, no microcosmo da Universidade e do romance académico, especialmente significativos neste contexto, pelas razões que acabamos de apontar, continuamos a encontrar representados os mesmos entraves à mobilidade social deplorados pelos teóricos de orientação marxista, que consideram que as situações de privilégio tendem a reproduzir-se de geração para geração, nos mesmos grupos, em moto contínuo. Conforme, movendo-se do universo cultural inglês para o americano, Lionel S. Lewis observa, ao tratar, sobre as Universidades, a questão de "achievement and ascription":

> . . . the fact cannot be overlooked that social class affects the appointment process in prestigious universities both indirectly and directly: The more modest one's class background, the less the likelihood that one will attend one of the better institutions from which similar institutions recruit . . . Since most senior positions are filled by promotions from within, initial placement takes on added significance. And since the elite institutions are also more likely to hire their own graduates and to exclude females from their faculties, it would appear that in those institutions where we would

> expect the most marked emphasis on achievement we find - with the rejection of those outside the middle class, those with the wrong credentials, and females - the least.[46]

Sendo embora a Universidade do século XX um sistema meritocrático, as observações de Lionel S. Lewis sugerem que, no que se refere aos estabelecimentos de ensino superior de maior prestígio, o ensino universitário é menos uma meritocracia do que seria de desejar. Mais uma vez as tensões presentes na sociedade se encenam de modo agudo, e consciente, na Universidade e no romance académico, dada a convivência especialmente próxima que nela se verifica entre os vários interesses em oposição mútua.

Para chegar à conclusão que acabamos de exprimir fundamentámo-nos sobretudo no caso inglês, mas a análise do caso americano conduz a conclusões da mesma natureza. Segundo a opinião de George Watson, em 1978, em "Fictions Of Academe"[47], o próprio florescimento da literatura sobre a Universidade deveu-se ao facto de as Universidades se estarem a tornar importantes na vida de muito mais pessoas, e de estarem a ter um papel fundamental nas mudanças sociais e na formação geral da cultura.

No romance académico americano, a ênfase no conflito entre aqueles a quem John O. Lyons, em *The College Novel In America*, chamou os "haves" e os "have nots"[48], é anterior aos efeitos da própria Primeira Grande Guerra, e, tendo constituído uma das principais preocupações nas Universidades da *Ivy League*, depressa se estendeu às Universidades do Estado. Em *The Bent Twig*, publicado em 1915, a autora, Dorothy Canfield Fisher, glosa as inseguranças da protagonista Sylvia Marshall, e o seu sentimento de inadequação por causa do diferente estatuto social que tem:

> Every detail of the Marshalls life was a contradiction not only to the standards and ideals of the exclusive "town set", but to those of their own colleagues. They did not live in the right part of the town. They did not live in the right sort of house. They did not live in the right sort of way.[49]
>
> .....
>
> If she were not to form one of the "swell" set of college, at least she would not proclaim herself one of the "jays", the "grinds", the queer girls, who wore their hair straight back from their foreheads . . . whose skirts hung badly, whose shoe-heels turned over as they walked . . . whose belts behind made a practice of revealing large white safety-pins.[50]

John O. Lyons observa que nos romances cuja acção decorre nas Universidades do Estado, a empatia do leitor é dirigida para aqueles a quem chama os "have nots", as personagens em situação de desvantagem social, que em larga medida coincide com desvantagem financeira. Desde o princípio se encontra, neste subgénero, o sonho de um sistema de educação gratuito e democrático, embora este sonho seja frequentemente gorado pelo snobismo das *fraternities* e o pedantismo atribuído aos Professores de Harvard.

O tema do herói, ou da heroína, em situação de desvantagem financeira, vai ressurgindo consistentemente na ficção americana sobre a Universidade, como acontece, em 1917, no romance *Lydia Of The Pines*, de Honoré Willsie Morrow, em que a protagonista é cortejada por um Professor, que começa por notar nela: ". . . the home-made suit and the cheap shirtwaists, with the pathetic attempt at variety through different colored neckties."[51]

A consciência da presença, na Universidade, de elementos de extracção social diversa nunca desaparece, assim como não desaparece a

consciência de serem várias as atitudes possíveis em relação a essa presença. Em *This Side Of Paradise* (1920), de F. Scott Fitzgerald, coexistem atitudes democratizantes com atitudes conservadoras: Monsignor Darcy não se coibe de mostrar a sua satisfação por o protagonista, Amory Blaine, ir para St Regis: "Because it's a gentlemen's school, and democracy won't hit you so early. You'll have plenty of that in college."[52]

A evolução da postura dos narradores vai-se gradualmente definindo a favor de uma atitude menos eivada de preconceitos de classe. Segundo John O. Lyons:

> The heroes of the college novels of the nineteen-thirties come to reject bourgeois values in the philosophical manner of a Wilhelm Meister or a Stephen Dedalus. But the heroes of Fitzgerald . . . do not come from an especially bourgeois background. They do not reject the values of their parents as the values of a crass middle-class, rather, they become democrats and fight their parents' snobbishness.[53]

Entre a defesa dos que se encontram em situação de desvantagem social, tomados como casos individuais, e a aceitação das profundas modificações que se têm de operar na Universidade para que esta possa acolher as classes que tradicionalmente não lhe tinham acesso vai, no entanto, uma grande distância. John O. Lyons considera *Chimes* (1926), de Robert Herrick, a melhor análise, no período a que se reporta, dos erros da Universidade americana, ao tentar dar a todos educação de nível superior. A expansão do cânone curricular começa por surgir como uma estratégia para permitir a expansão e democratização do ensino universitário, já que, sem se recorrer a esta medida, as áreas de estudo tradicionais depressa ficariam esgotadas pelo excesso de estudiosos que a elas passariam a ter acesso. À saída do primeiro quartel do século XX já há referências ao

problema da perda de estatuto que o recurso à estratégia da expansão do cânone curricular traria para as Humanidades:

> At the start of the term there was the business of sorting these advanced students into courses, of "trying to fit them with special subjects for "investigation". This Teutonic process, indelibly stamped on the American university now for a full generation, might be efficacious in the sciences where presumably subjects for special examination were exhaustless, but in the humanities it was devastating, producing under forced draft a terrific amount of waste material that moldered on the shelves of university libraries. . . .[54]

As reservas que, em *Chimes*, Robert Herrick coloca em relação à expansão e democratização do ensino universitário, invocando a necessidade de defender o estatuto das disciplinas tradicionais das Humanidades dos efeitos da sobrelotação, tornam a ser colocadas de modo mais indignado em *Geese In The Forum* (1940), de Lawrence Watkin, através da postura manifesta da sua personagem Dr Worthington, coordenador do departamento de História. Segundo John O. Lyons:

> Worthigton is wholly against the president's program of developing new schools in the practical arts and sciences; business administration, speech, education, and agriculture. Such schools have turned the college into a factory, where anyone can learn something which will make money, but where no one can seriously teach or study the traditional disciplines. "Democracy! Democracy in education! Ideas are too precious for the mob. The mob is turning our college into something cheap; we're not changing them. In my time you went to college because your father did; now you go because your father didn't; I still believe the function of the college is to prepare the best men to lead the mob in the

> right direction. We'd better see to it that we run our school for the cream of the Southland - not the clabber of New Jersey."[55]

Torna-se evidente que a luta de classes ocorre, e se agudiza, dentro da própria Universidade, na tentativa impiedosa, por parte desta instituição, de defender os seus privilégios e valores. A má vontade contra a abertura das Universidades a estudantes de meios sociais menos favorecidos, e, concomitantemente, contra a abertura das Universidades ao ensino de novas áreas, mais práticas, do conhecimento, é recorrente nas narrativas desta fase. Em obras como *Lone Voyagers* (1929), de Wanda Frankien Neff, argumenta-se contra os erros da cada vez mais abrangente educação universitária estatal. Em certos aspectos, a perspectiva da Universidade, nestas narrativas, comporta um paradoxo, porque uma das principais razões invocadas contra a proliferação dos novos cursos, sobre matérias de natureza mais prática, destinadas a mais vasta e menos seleccionada população estudantil, é o facto de a abertura destes cursos obrigar a Universidade a procurar financiamento junto de entidades exteriores, comprometendo, assim, a sua consagrada liberdade académica. Sobre *Take The High Ground* (1954), de Everett Marston, John O. Lyons observa:

> There is an evident distaste for the new emphasis in the college on professional schools, for they offer no sound training and create an atmosphere of progress which corrupts the academic standards of the faculty and forces the administration to grovel before donors.[56]

Já em *Chimes* (1926), de Robert Herrick, se deplorava, da perspectiva da personagem Clavercin, que se chegasse a uma situação em que a Universidade tivesse de apelar para a generosidade de benfeitores

locais, que obviamente quereriam que os seus pontos de vista se reflectissem na política da instituição. Na visão da personagem Clavercin, seria de recear que a Universidade passasse a ser: "bullied by the opinions of the middle-class, the conservative, well-to-do citizen! God help the University if that is to be its destiny."[57]

É como se a Universidade americana do segundo quartel do século XX se opusesse à democratização do ensino, na prática (com as mudanças a que esta obrigava) em nome do direito de preservar a sua liberdade académica para poder continuar a ser mentora do ideal democrático, em teoria. O que, nesta fase, pretende opor-se ao acesso massificado à Universidade, não é uma classe mas uma elite; uma elite presumivelmente formada, na sua maior parte, por elementos provenientes de um *background* socioeconómico privilegiado, mas também, posto que em muito menor número, por elementos que, tendo transcendido as limitações do seu *background* socioeconómico de origem, e tendo triunfado dentro da instituição, passavam a pretender juntar-se aos primeiros na defesa dos valores e privilégios a que tinham começado a ter acesso.

Contudo, não há diques que contenham as grandes correntes da História e, tal como no caso inglês, também no caso americano a Segunda Guerra Mundial imprimiu a este conflito uma direcção irreversível. Em consonância com o que se passou em Inglaterra, em que, pelo meio do século XX, era abertamente denunciada a posição de privilégio das Universidades de Oxford e Cambridge, e dos que as frequentavam, também nos Estados Unidos, pelo fim da Segunda Guerra Mundial, se encontram na ficção académica denúncias explícitas da situação de desigualdade em que ficam os estudantes que frequentam instituições de menor prestígio que Harvard. Em *Youth Is The Time* (1945), de Robert Gessner, o docente Christopher Nash, de Harvard, ao ser deslocado para uma Universidade de Nova Iorque, descobre que não consegue adequar a sua linguagem à

compreensão dos alunos que passou a ter, que se mostram irrequietos e desinteressados. A razão pela qual os alunos não aderem ao seu projecto de ensino torna-se clara pela intervenção de uma jovem, que explica:

> ". . . If our English is imperfect, kindly consult not our teachers but our neighbors . . . Students like us, children of the city who ride to school in subways, we're the loneliest students in the world . . . Our hopes, aspirations, dreams - whatever they are - are of little consequence. We're the raw material on the conveyor belt, a four-year run through the factory, a diploma slapped into our outstretched hands, and we're out in the cold, just where we were when we started."[58]

Para acolher as classes que tradicionalmente não lhe tinham acesso, o ensino universitário desdobrou-se em versões de melhor e pior qualidade, pelo que, de alguma forma, a divisão de classes e a discriminação persistiram dentro do microcosmo social da Universidade, paralelamente ao que acontece na sociedade em geral. A grande diferença reside no grau superior de consciência que na Universidade se tem desta realidade, e na tendência para se assumir uma postura ética que leve à reversão das injustiças a ela inerentes. A percepção destas e de outras vertentes evolutivas, tal como no caso inglês, também no caso americano permeou o romance académico, que, a partir dos meados do século XX, assumiu uma atitude de dissidência em relação aos valores do *Establishment*; a atitude de dissidência intelectual que, no caso inglês, surgiu, de modo directo, pela influência do corrente dos *Angry Young Men*, veio a ancorar-se, no caso americano, na visão da *Beat Generation*, e na reacção contra os ultrajes à liberdade académica que caracterizaram a época do Macartismo. Em todo o caso, a postura de natureza individual que se generaliza, em meados do século XX, e que se reflecte no romance académico americano, passa a ser

de oposição aos preconceitos, nomeadamente aos preconceitos de classe, e de defesa daqueles que se encontram em situação de desvantagem social. Em *Pictures From An Institution* (1954), de Randall Jarrell, é significativo o comentário sobre as estudantes de Benton College. Diz-se que elas: ". . . longed for men to be discovered on the moon, so that they could show they weren't prejudiced toward moon men."[59]

A sugestão que emerge é de que a aceitação e integração da(s) diferença(s) que então se generaliza no mundo académico se torna, pelo menos em parte, uma pose obrigatória dentro da mística, agora profundamente mudada, da instituição. Os romances que constituem o *corpus* do presente trabalho são posteriores aos anos cinquenta, portanto patenteiam já, em diferentes graus e de diferentes formas, este novo conjunto de atitudes, do qual faz parte a explicitação do ponto de vista dos indivíduos provenientes de *backgrounds* socioeconómicos menos favorecidos. A personagem James Walker, em *Stepping Westward* (1965) ilustra adequadamente a figura do intelectual/escritor/*scholar* de extracção social modesta, num processo de construção e de tentativa de melhoramento da sua identidade social, assim como a ilustra também, dez anos mais tarde, a figura de Philip Swallow em *Changing Places*.

É a partir do ângulo de visão implícito desta figura de intelectual/escritor/*Scholar*, num percurso de procura genuína, e de formação pessoal, que são perspectivados, e levados ao ridículo, os traços de prepotência, auto-complacência e arrogância com que é caracterizada, em Inglaterra, uma *upper-class*, ou *upper-middle-class* de pendor aristocrático, que em *Stepping Westward* é representada pela personagem *Lady* Hunt-Francis, companheira de viagem de James Walker a bordo do navio que os levava para a América. *Lady* Hunt-Francis, além de fazer atribuições erradas de obras a autores, e de persistir, autocrática, na sua versão, mesmo quando outros lhe provam, delicadamente, que está

enganada, arroga-se ainda o direito de lidar com evidente sem-cerimónia e falta de sensibilidade com todos os que a rodeiam, a quem trata também, arbitrariamente, por alcunhas desagradáveis, da sua própria lavra: " 'I insist you don't dance with me, Mr Bigears,' said the old lady. 'I looked under the table at your feet. They are as big as your ears.' "[60]

A Miss Marrow, que reage de modo confuso e pouco à vontade ao ser surpreendida, por *Lady* Hunt-Francis, com James Walker no seu camarote, esta aconselha: " 'Do fasten your skirt, dear. In my day we always used to retire to the conservatory. They are such hot places, they always brought the young men on dreadfully' "[61] Assim se expõe *Lady* Hunt-Francis como pertencendo a esse estrato social (de origem aristocrática, vitoriana) que se dá ao luxo de se comportar, ostensivamente, com um desdém sobranceiro pelas próprias normas morais que a sua classe tenta impor ao resto da sociedade.

Perto do momento do desembarque, é Dr Jochum que ajuda *Lady* Hunt-Francis a sair de uma situação embaraçosa, já que é impossível entrar nos Estados Unidos sem preencher alguns requisitos burocráticos, e *Lady* Hunt-Francis considera amesquinhante para a sua dignidade preencher formulários:

> "Never fill up forms. That's a rule. One must have rules."
>
> "That, unfortunately, is what they say too."
>
> "My rules are better than their rules," said Lady Hunt-Francis, drawing hard on generations of living. "I shall just tell them who I am. I hear they dearly love a title."
>
> "Give your forms to me," said Dr Jochum, "I will fill them up for you. If you don't have a rule about that."
>
> "Not at all," said Lady Hunt-Francis. "All one cares about is that one shouldn't be known to have filled them in oneself."[62]

A situação de privilégio social tomada por *Lady* Hunt-Francis, com tudo o que esta personagem representa, como um dado adquirido e inquestionável, revela-se, de modo implícito mas nítido, sem justificação real. E não é, decerto, por acaso, mas adquire, antes, forte representatividade simbólica, o facto de, à chegada à América, a bagagem pessoal de Lady Hunt-Francis ser remexida sem consideração, suja e parcialmente estragada pela brutalidade democrática dos oficiais da alfândega. Está em jogo, não só o choque de valores entre duas culturas, mas também a reacção agressiva da postura *Angry Young Men* perante a evidência de privilégio social adquirido ao nascimento, sem outra causa ou razão que o justifique.

Também no universo cultural americano não é aceite o privilégio social sem razão intrínseca ao indivíduo que dele usufrui, que o torne justificado, mas a educação formal é motivo de prestígio e exerce fascínio, especialmente junto dos que a não tiveram: "I thought you was an educated man, Walk. I'm not, but I'll tell you, I really wish I was."[63] - diz a James Walker o vagabundo que persiste em segui-lo pelas ruas de Nova Iorque. Aproximadamente vinte anos mais tarde, em *A Tenured Professor*, de John Kenneth Galbraith, reconhecia-se que a situação de privilégio dos estudantes universitários enfraquecera, mas ainda continuava a garantir-lhes um certo grau de protecção:

> The automatic college deferments were gone; no longer were undergraduates or graduate students a privileged and protected group. Remaining only was the near certainty that, if drafted, they would serve in operations well removed from the rice paddies and the jungle. This was not new. It was known in World War II that no soldier with an advanced academic or professional degree . . . ever heard a shot fired in anger.[64]

Com todas as limitações de que enferma, é, apesar de tudo, a educação, pelo investimento em capital humano que representa, que principalmente viabiliza e justifica a mobilidade social, tanto no universo cultural americano como no inglês. Ao contrário da educação, que se reflecte na ocupação, e que transita do universo cultural inglês para o americano como um mesmo critério de atribuição de valor, outros sinais de pertença a uma classe ou estatuto social têm de ser reavaliados quando se passa de uma destas culturas para a outra, pois assumem significado diferente. O ponto de vista expresso no romance académico, podendo ser menos isento de coloração de classe do que seria de desejar, mostra-se, no entanto, capaz de colocar em perspectiva os vários elementos que condicionam a atribuição de pertença a um grupo com determinado estatuto, ou a cada classe social.

Só a consciência, em perspectiva, das gradações de significado envolvidas, poderia permitir que fossem detectadas as diferenças que, em duas culturas diversas, caracterizam o mesmo grupo profissional. Assim, em *Changing Places*, o americano Morris Zapp reflecte sobre a caracterização da figura do médico em Inglaterra, em contraste com a figura que lhe equivale na América:

> O'Shea puzzled Morris. He didn't look like a doctor, not like the doctors Morris knew - sleek prosperous men who drove the biggest cars and owned the plushest houses in any neighbourhood he had ever lived in. O'Shea's suit was baggy and threadbare, his shirts were frayed, he drove a small car that had seen better days, he looked short of sleep, money, pleasures, everything except worries.[65]

O romance académico dá testemunho de que, quando se atravessam universos culturais diferentes, os sinais de pertença de classe sofrem desfasamentos. O desfasamento entre situação financeira e ocupação,

detectado na passagem citada, com referência ao universo inglês, não é o único; no universo americano é, por exemplo, o modo de estar que surge desfasado do estatuto social atribuído às personagens, e que leva Hilary, em *Changing Places*, a coroar a lista de comentários negativos sobre as atitudes de Morris com a afirmação de que também: " . . . his table manners left something to be desired"[66].

Observações desta natureza trazem à superfície a noção de que a habitual divisão de classes da sociedade inglesa persiste de modo mais duradouro por se basear nestes sinais de pertença quase imponderáveis, que transcendem a situação financeira, ou mesmo ocupacional. Por outro lado, por ser a sociedade inglesa uma sociedade de dinâmica mais lenta, se a compararmos com a americana, também a posse ou a falta de bens materiais assume um valor mais permanente. Em *Stepping Westward*, o americano Froelich, descrito como: " . . . a devout democrat who was charmed by the English class-system"[67], observa que: "The English . . . didn't think they'd described anything until they'd said to whom it belonged."[68]

A contínua detecção, no romance académico, destas diferenças, não só revela a consciência, nesta forma de expressão, das questões de classe e da divisão de classes, como liberta tais diferenças das contingências do espaço em que ocorrem, e as perspectiva, e ao seu significado, em contextos transculturais.

Sobre a questão das divisões de classe, o subgénero do romance académico não se revela apenas com capacidade de observação atenta, mas também com capacidade actuante, promovendo, desde a sua formação e, de maneira mais acentuada, desde os meados do século XX - em ligação com a corrente dos *Angry Young Men*, em Inglaterra, e a *Beat Generation*, nos Estados Unidos - a catalização das situações no sentido

de uma maior justiça social, ao privilegiar, de modo sistemático, o ponto de vista dos que, mesmo dentro da Universidade, continuam a encontrar-se em situação de desvantagem.

Na situação de desigualdade social entrelaçam-se, hoje, diferenças de classe ou estatuto socioeconómico, que abordámos neste capítulo, com diferenças de raça e de género, que afectam, também, a divisão de classes, e são afectadas por ela. Como John Higham observa, em "Multiculturalism And Universalism: A History And Critique":

> Class typically cuts across ethnicity and gender, since endowment groups generally occupy more than one class level. Altogether, inequalities lace modern society in so many cross-cutting directions that movements to level one citadel of privilege usually reinforce others, intentionally or unwittingly.[69]

A questão, de grande relevância, brevemente levantada por John Higham na passagem que citámos terá o seu desenvolvimento no capítulo seguinte do presente trabalho, que deverá versar sobre o tratamento que no romance académico é dado à diferença étnica/de raça.

[1]Ralph Dahrendorf, "Class And Class Conflict In Industrial Society", em Society for Social Research Web Site, Universidade de Chicago, s.d.. Os dados da Society for Social Research Web Site da Universidade de Chicago estão acessíveis em ssr@cicero.spc.uchicago.edu.
[2]Bowles e Gintis, *Schooling In Capitalist America*, em Society for Social Research Web Site, Universidade de Chicago, s.d..
[3]Anthony Giddens, "Class Structuration And Class Consciousness", em Society for Social Research Web Site, Universidade de Chicago, s.d..
[4]Laumann e Senter, "Subjective Social Distance, Occupational Stratification, And Forms Of Status And Class Consciousness", em Society for Social Research Web Site, Universidade de Chicago, s.d..
[5]David Lodge, *Changing Places*, Harmondsworth, Penguin Books, 1982 [1975], p. 202.
[6] *Ibidem*.
[7]Gary Backer, "On-the-job Training", em Society for Social Research Web Site, Universidade de Chicago, s.d..
[8]John H. Goldthorpe, Social Mobility And Class Structure In Modern Britain", em Society for Social Research Web Site, University of Chicago, s.d..
[9]Michael Hout, "Status, Autonomy, And Training In Occupational Mobility", em Society for Social Research Web Site, Universidade de Chicago, s.d..
[10]Mark Granovetter, "Toward A Sociological Theory Of Income Differences", em Society for Social Research Web Site, Universidade de Chicago, s.d..
[11]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, London, Arrow Books, 1986 [1965], pp 41-42.
[12]*Ibidem*.
[13]Alvin Gouldner, "The Future Of Intellectuals And The Rise Of The New Class", em Society for Social Research Web Site, Universidade de Chicago, s.d..
[14]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 90.
[15]John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor*, Boston, Houghton Mifflin Comp., 1990, p.97.
[16]*Idem*, p. 34.
[17]Amanda Cross, *Death In A Tenured Position*, New York, Ballantine Books, 1988 [1981], p. 5.
[18]*Idem*, p. 132.
[19]Mark Blaug, "The Empirical Status Of Human Capital Theory: A Slightly Jaundiced Survey", em Society for Social Research Web Site, Universidade de Chicago, s.d..
[20]Louis Althusser, "Ideology And Ideologial State Apparatuses", em Society for Social Research Web Site, Universidade de Chicago, s.d..
[21]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, pp 75-76.
[22]John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor*, p. 28.
[23]*Ibidem*.
[24]John O. Lyons, *The College Novel In America*, Carbondale, Southern Illinois Univ. Press, 1962, p.XIV.
[25]*Ibidem*.
[26]John O. Lyons, *The College Novel In America*, p. XV.
[27]*Idem*, p. XVIII.

[28]John O. Lyons, *The College Novel In America*, apud Janice Rossen, *The University In Modern Fiction: When Power Is Academic*, s.l., St Martin's Press, 1993, p. 56.
[29]Janice Rossen, *The University In Modern Fiction: When Power Is Academic*, s.l., St Martin's Press, 1993, pp 59-60.
[30]*Idem*, p.60.
[31]*Ibidem*.
[32]Janice Rossen, *The University In Modern Fiction: When Power Is Academic*, p. 57.
[33]*Ibidem*.
[34]John Wilkinson, "Conventions Of Comedies Of Manners And British Novels About Academic Life", *in* K. Bege e Barbara Brothers (eds), *Reading And Writing Women's Lives: A Study Of The Novel Of Manners*, Ann Harbor, Univ. Microfilms, International Research P, 1990, p. 209.
[35]*Ibidem*.
[36]Michael Innes, *The Weight Of The Evidence*, *apud* Will Rocket, "Tension At The Verberant Core: Academic Subcultures And Their Effects In British And American College Detective Fiction", *A Journal Of Detection*, Vol 12 (2), Outono/Inverno de 1991, pp 91-113, pp 97-98.
[37]Harold Bloom, *The Western Canon: The Books And School Of The Ages*, London, MacMillan, 1995 [1994], p. 7.
[38]Antony Burgess, "The Academic Critic And The Living Writer", *Times Literary Supplement*, Vol. 4363, 14 de Novembro de 1986, p. 1275.
[39]*Idem*, p. 1278.
[40]Janice Rossen, *The University In Modern Fiction: When Power Is Academic*, p. 56.
[41]*Ibidem*.
[42]Janice Rossen, *The University In Modern Fiction: When Power Is Academic*, p. 58.
[43]Somerset Maughm, *apud* Janice Rossen, *The University In Modern Fiction: When Power Is Academic*, p. 57.
[44]John Wilkinson, "Conventions Of Comedies Of Manners And British Novels About Academic Life", p. 209.
[45]*Ibidem*.
[46]Lionel S. Lewis, *Scaling The Ivory Tower: Merit And Its Limits In Academic Careers*, Baltimore e London, The John Hopkin's University Press, 1975, p. 146.
[47]George Watson, "Fictions Of Academe" (*Encounter*, 1978, pp. 42-46) *apud* Malcolm Bradbury, "Campus Fictions", *in* David Bevan, *University Fiction*, Atlanta, Rodopi, 1990, p. 52.
[48]John O. Lyons, *The College Novel In America*, p. 51.
[49]Dorothy Canfield Fisher, *The Bent Twig*, *apud* John O. Lyons, *The College Novel In America*, p. 50.
[50]*Idem*, p. 51.
[51]Honoré Willsie Morrow, *Lydia Of The Pines*, *apud* John O. Lyons, *The College Novel In America*, p. 53.
[52]F. Scott FitzGerald, *This Side Of Paradise*, *apud* John O. Lyons, *The College Novel In America*, p. 73.
[53]John O. Lyons, *The College Novel In America*, p. 74.
[54]Robert Herrick, *Chimes*, *apud* John O. Lyons, *The College Novel In America*, pp 137-138.
[55]Lawrence Watkin, *Geese In The Forum*, *apud* John O. Lyons, *The College Novel In America*, pp 145-146.
[56]John O. Lyons, *The College Novel In America*, p. 150.

[57]Robert Herrick, *Chimes*, *apud* John O. Lyons, *The College Novel In America*, p. 138.
[58]Robert Gessner, *Youth Is The Time*, *apud* John O. Lyons, *The College Novel In America*, p. 148.
[59]Randall Jarrell, *Pictures From An Institution*, *apud* John O. Lyons, *The College Novel In America*, p. 159.
[60]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 80.
[61]*Idem*, p. 127.
[62]*Idem*, p. 136.
[63]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 156.
[64]John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor*, p. 28.
[65]David Lodge, Changing Places, p. 72.
[66]*Idem*, p. 129.
[67]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 25.
[68]*Idem*, p. 181.
[69]John Higham, "Multiculturalism And Universalism: A History And Critique", *American Quarterly*, Vol. 45, N° 2, Junho de 1993, pp 195-208, p. 196.

III - 3 A Universidade, a Sociedade e o Tratamento da Diferença Étnica / de Raça no Romance Académico

Every man is in certain respects
(a) like all other men
(b) like some other men
(c) like no other man[1]

O autor de "The Formation Of We-Images: A Process Theory", ao citar Kluckhohn e Murray no extracto em epígrafe, tem o cuidado de contextualizar a citação num tempo em que a preocupação de usar linguagem politicamente correcta ainda não se divulgara. Aparte a fraseologia sexista, que em 1948 tenderia a vigorar incontestada, o princípio expresso por Kluckhohn e Murray continua a ser fundamental ao entendimento da construção das identidades pessoais, construção em que o elemento da raça, quando diferente da que predomina na *Mainstream*, constitui uma vertente carregada de significado, operando de modo interactivo com outras vertentes, tanto de natureza colectiva como de natureza individual.

Embora teorias recentes tenham revisto e reabilitado a ideia da existência de diferenças físicas entre as várias raças, em termos funcionais, o conceito de raça, excepto no caso de envolver visibilidade extrema, como acontece com os Negros, continua a ser relativamente difuso, exprimindo-se, na prática, de forma mais adequada pela referência a realidades e diferenças étnicas, para as quais, conforme apontámos no capítulo introdutório, contribuem, além das diferenças físicas propriamente ditas, factores de identificação de natureza cultural, como a língua, e nacionalidade de origem, quando existem, a tradição, o estatuto social e o credo religioso, frequentemente importante porque assegura um elo

unificador através da perpetuação de valores e necessidades comuns entre os membros de um grupo. De facto, pode considerar-se que cada categoria de raça pertence à categoria mais abrangente da colectividade étnica a que reporta. As classificações de raça/etnia funcionam como mecanismos de inclusão e exclusão, baseados em origens e expectativas presumivelmente comuns; e a etnicidade, para além de uma comunidade de traços físicos e culturais, envolve ainda a partilha das condições sociais de um grupo, que detém determinada posição em relação à repartição de recursos.

O fenómeno étnico é relacional, na medida em que pressupõe, como elo de identificação interna, a consciência de uma diferença, ou conjunto de diferenças, do *Outro*; é político, no sentido em que a consciência desta diferença pode tornar-se defensiva ou ofensiva, usurpadora ou exclusivista, conforme o contexto em que opera; é exclusivista, no sentido em que estabelece fronteiras, pondo em marcha, tacitamente, mecanismos de inclusão e exclusão de indivíduos. Neste âmbito, há que considerar que nem as fronteiras do grupo dominante nem as dos outros grupos são totalmente estanques: todas existem apenas em virtualidade, num espaço mental de conflito e negociação. O grupo dominante, ou *Mainstream*, é o que impõe a sua noção de comunidade, exercendo hegemonia pelo controle dos meios de comunicação e de produção cultural. Os outros são os grupos minoritários, e definimos o termo "minoria" sem referência a aspectos numéricos, aplicando-o a qualquer grupo em situação de desvantagem social; qualquer grupo, nas palavras de Leslie W. Dunbar: ". . . against which discrimination or prejudice is or has recently been practised to an extent that makes present political and economic advance of its members very difficult"[2].

Há todo um xadrez de conceitos que enquadram a problemática racial e, como temos vindo a fazer, importa defini-los, ainda que de modo esquemático, cingindo-nos à sua operatividade no contexto do presente

trabalho. Étnico, de alguma forma, opõe-se, e sobrepõe-se (conforme o ponto de vista) ao conceito, e termo, *ethos*, que, em grego, designou "nação". *Ethos* pressupõe a construção social de uma origem, fulcro ou base para a comunidade e a colectividade; ou, nas palavras de Mário Avelar, *ethos* reporta a: "um espírito fundamental de uma cultura, regido por orientações bem precisas"[3]

Do ponto de vista do grupo dominante, o que costuma ser considerado étnico é o que é alheio ao seu espírito fundamental, ao seu substracto comum, posto que o grau de *diferença* envolvida seja frequentemente mais imaginário do que real, e mutável ao longo do tempo. Cada noção de raça se enquadra no seio de uma etnicidade própria que a transcende, e o racismo, que entendemos como um conjunto de atitudes em que a classificação racial ou étnica é acompanhada por discursos e práticas de inferiorização e subordinação, tanto económica como política, dos grupos étnicos em desvantagem, atinge, na verdade, tanto, ou mais, a diferença étnica como a diferença de raça, *per se*. Pondo de parte as inúmeras atitudes de racismo engendradas por pressões e dificuldades de ordem económica nas sociedades do Ocidente, podemos estabelecer que, em termos ideológicos, o racismo decorre das frequentes projecções, falseadoras da realidade, de um conceito estático de identidade nacional e colectiva.

Enganadoras como estas projecções podem ser, temos de reconhecer a sua capacidade de permanência, a sua persistência nas sociedades de que tratamos, nomeadamente na sociedade americana; persistência que é tanto mais perturbadora quanto toda a actuação política institucional, nas últimas décadas, tem operado no sentido da correcção cultural destes modos de ver, envidando-se, inclusivamente, esforços continuados para limpar a própria linguagem de preconceitos, e torná-la politicamente correcta. No entanto, em plena década de noventa, Charles Lemert, em

"Dark Thoughts About The Self", ainda remeteria os leitores para Ervin Goffman que, em 1963, em *Stigma: Notes On The Management Of Spoiled Identity*, descreveu assim o indivíduo (americano), do género masculino, completamente normal, ou ideal:

> . . . in an important sense there is only one complete unblushing male in America: a young, married, white, urban, northern, heterosexual Protestant father of college education, fully employed, of good complexion, weight and height, and a recent record in sports. Every American male tends to look out upon the world from this perspective, constituting one sense in which we can speak of a common value system in America.[4]

A referência à raça é apenas, como pode verificar-se no extracto citado, um, de entre o conjunto de elementos que, na opinião de Ervin Goffman, compõe o arquétipo ideal da identidade americana nos primeiros anos da década de sessenta. Sendo apenas um dos elementos que concorrem para a construção desta identidade pessoal idealizada, a raça (associada à presença mais difusa da etnicidade que a envolve) é, no entanto, um factor de inclusão e exclusão extremamente poderoso; e tanto mais poderoso quanto maior for a visibilidade da diferença envolvida. A razão profunda do poder de demarcação entre seres humanos que a diferença de raça tem comportado prende-se com o facto de a maior visibilidade colectiva que ela envolve, como no caso da raça negra, se prestar a que os seus membros sejam olhados de forma simplista, com base em generalizações que dificultam a percepção da sua humanidade individual. Maria Laura Bettencourt Pires, em "Every Woman An Island: The Insular Dream Of Men", remetendo para as palavras de Michelle Cliff, e referindo-se à discriminação com base no género, lança luz sobre este

processo de "objectificação" do *Outro*, que ocorre também noutros tipos de discriminação:

> . . . interdependence and solidarity among men enable them to dominate women and turn them into objects. On this matter let's hear Michelle Cliff who says: "Objectification is the process by which people are dehumanized, made ghostlike, given the status of Other, an image created by the oppressor replaces the actual being. The actual being is then denied speech, denied self-definition, self-realization; and overarching all this, denied selfhood - which is after all the point of objectification".[5]

A continuação do extracto em que a autora de "Every Woman An Island: The Insular Dream Of Men" cita Michelle Cliff revela que, da afirmação de que a interdependência e solidariedade entre os homens lhes tem dado a possibilidade de dominarem as mulheres e torná-las em objectos, é legítimo extrapolar que também a interdependência e solidariedade entre a raça branca lhe tem tornado possível dominar as outras, sujeitá-las, pela forma como, psicologicamente, têm sido encaradas, a um processo semelhante de "objectificação":

> A group of human beings [. . .] is denied their history, their language, their music. Their cultural values are ignored. This history, this language, this music, these values exist in the subculture, but in the dominant culture only certain values are chosen, recast, coopted, and made available to the definition of these people. And these elements presented by the dominant culture tend to serve the purpose of objectification and, therefore, of oppression.[6]

A opressão mencionada traduz-se, para os membros das culturas minoritárias, em situações de desvantagem social e económica que, na segunda metade do século XX, trouxeram à cena política dos países do Ocidente, com destaque para os Estados Unidos, tentativas de correcção artificialmente introduzidas no sistema, a que se tem aplicado a designação geral de *affirmative action*, uma expressão que Ricardo R. Fernandez, em "Exclusion And Inclusion: The Impact Of Affirmative Action", definiu como: "a global term applied to any one of a number of strategies whose purpose is to promote and ultimately achieve equality of opportunity"[7]

Não é, de facto, possível glosar a temática da diferença de raça na segunda metade do século XX sem nela enquadrar a presença desta vertente, catalisadora de mudanças e, crescentemente, geradora de polémica, vertente que importa definir de modo breve com base nos princípios que, de início, a orientaram.

No mesmo ensaio, "Exclusion And Inclusion: The Impact Of Affirmative Action", Ricardo R. Fernandez investiga a origem da expressão *affirmative action* e, baseando-se nas opiniões de Andrew Hacker, data-a do princípio dos anos sessenta:

> Andrew Hacker, in *Two Nations*, points out that the actual phrase "affirmative action" was coined by the Kennedy Administration [1961-1963] which directed federal [U.S. Government] contractors to take "positive steps" to have a racially representative workforce. Later, under a Republican Administration, The U.S. Office of Education's Office for Civil Rights took the same approach with regard to language standards for minority students by requiring school districts receiving federal funds to take "affirmative steps" to rectify "language deficiencies" in order to open up their institutional programs to all children.[8]

Nos anos que se seguiram a esta tentativa de promover a igualdade de oportunidades entre todos os cidadãos americanos, fomentando o domínio da língua inglesa pelas minorias, tornou-se legítima, e socialmente aceite, a interveniência do Estado nos critérios de contratação no mercado de trabalho, e, para designar este processo, foi-se consagrando a expressão *affirmative action*. Segundo Ronald Takaki, em "A Different Mirror: To See The United States As A Multiracial Society", um ano depois do "Civil Rights Act" de 1964:

> [President Lyndon Johnson] «issued Executive order 11246. Aiming at "the full realization of equal employment opportunity," this law required firms conducting business with the federal government to take "affirmative action." Companies had to set "good faith goals and timetables" for employing "underutilized" qualified workers.»[9]

Assim se definiu, nos seus princípios, nos Estados Unidos, a realidade da *affirmative action*, que bastante controvérsia viria a gerar em décadas posteriores. A este respeito cumpre enfatizar a ideia, que encontrámos reflectida no romance académico e que defenderemos neste capítulo, de que os aspectos polémicos da *affirmative action* se devem, em grande parte, a ter sido deixada no esquecimento a relação fundamental que, na prática, tem existido entre diferença de raça/etnia e diferença de classe. De facto, embora a discriminação étnica seja de natureza ideológica, ela tem efeitos (e causas) de natureza material. Além de uma identificação de sentimento individual com sentimento colectivo, a partilha de determinada etnicidade costuma acompanhar-se da partilha das condições sociais de um mesmo grupo. As divisões étnicas interagem com as de

género e as de classe, embora, ao mesmo tempo, as transcendam. Através das palavras da personagem Dẹ́sirée Zapp, dirigindo-se a Philip Swallow, o narrador de *Changing Places* transmite a noção de que a situação de desvantagem económica, nos Brancos, leva a um tipo de ostracismo semelhante àquele de que os Negros têm sofrido:

> 'Let's talk about something else. The view. Don't you think this is a great view? We have a view too, you know. The same view. Everybody in Plotinus has the same view, except for the blacks and the poor whites on the flats down there. You've got to have a view if you live in Plotinus. That's the first thing people ask when you buy a house.[10]

Tem sido, também, reconhecido que de pouco valem as decisões de natureza política no sentido de erradicar a discriminação racial, se, no seio da raça discriminada, não se operar uma melhoria de condições económicas. Em "The Formation Of We-Images: A Process Theory", Stephen Mennell reconhece amplamente este facto, com referência aos efeitos, ou à falta de efeitos imediatos, da abolição da escravatura nos Estados Unidos:

> The abolition of slavery changed little immediately in this nexus of power and identity. Only with the movement of blacks to the northern cities of the U.S.A. on a large scale from the 1920s did the power ratio between American blacks and whites slowly begin to shift . . . Particularly important has been the growth of a black bourgeoisie: the differentiation within black population of a stratum rising in status and in economic power has constituted a strand of functional democratization, and helped to blur the formerly rigid and caste-like boundary between black and white.[11]

Na actualidade, muitos autores têm revelado consciência do papel fundamental que as condições económicas desempenham na viragem para uma sociedade mais justa e igualitária, consciência que não se tem reflectido, ou, pelo menos, não se tem reflectido em todas as dimensões que dela decorrem, na política dos Estados Unidos. Um levantamento das opiniões sobre a importância da melhoria das condições económicas na erradicação da discriminação racial, divulgado em Agosto de 1997 na edição de *U.S. Society & Values*, publicada pela Agência de Informação dos Estados Unidos, que versou sobre a diferença de raça, revelou alguma unanimidade entre os vários autores que contribuíram para tal publicação.

Ronald Ferguson, em "Shifting Challenges: Fifty Years Of Economic Change Toward Black-White Earnings Equality", reconheceu e examinou o papel da economia na luta pela igualdade; Charlotte Astor, que analisou e preparou os resultados de uma sondagem *Gallup* sobre a questão da diferença racial, em "Gallup Poll: Progress In Black-White Relations, But Race Is Still An Issue", concluiu que em 1993, da totalidade de americanos vivendo em situação de pobreza, 33,1% eram Negros, 30,6% eram hispânicos, outros eram de origens étnicas diversas, mas apenas 12,2% eram Brancos. Os números evidenciam uma correlação entre diferença de raça (diferença em relação à que é tomada como padrão, que é a raça branca) e pobreza. Em "A Different Mirror: To See The United States As A Multiracial Society", Ronald Takaki considera que: "The disturbingly disproportionate numbers of young black men in prisons confirm the correlation between crime and poverty"[12]

A correlação encontrada não é entre crime e raça, mas entre crime e pobreza; apesar disso, é a visibilidade da raça, sobretudo quando envolve diferença de cor, que cria espírito de grupo entre os que, pela dureza das condições em que vivem, e sobretudo pela falta de expectativas pessoais de melhoramento, no futuro, mostram mais propensão para o crime; e é ainda a

visibilidade da raça que, nestes casos, se destaca também como elemento de identificação a partir do exterior. Por outro lado, Abigail Thernstrom e Stephen Thernstrom, em "The Overlooked Story", listam os progressos verificados na condição dos Negros desde a Segunda Guerra Mundial até ao presente, e avaliam a melhoria de situação pela percentagem consideravelmente alta de Negros que passaram a classificar-se como pertencendo à *Middleclass*. E, a confirmar esta realidade, no relatório de resultados da já referida sondagem *Gallup*, que decorreu entre 4 de Janeiro e 28 de Fevereiro de 1997, conclui-se que: "Blacks with higher education and income levels are least likely to live in mostly or all black neighborhoods, or to send their children to mostly or all black schools."[13] Consideremos, a propósito, a opinião, independente das da Agência de Informação dos Estados Unidos, que Philip F. Lawler expressa em *Coughing In Ink: The Demise Of Academic Ideals*, em que regista o facto de, no processo de ascensão social, a coesão de classe poder superar a inicial solidariedade de raça:

> . . . the university assumes that by admitting their annual quota of minority students they can advance the cause of the nation's underprivileged people. Not so. Minority students have no obligation to return home after graduation and work with children in their old neighborhoods; they may choose to join the middleclass in its suburban existence, and the universities cannot prevent them from doing so.[14]

A capacidade catalisadora da ascensão de classe, no sentido de conseguir a integração das minorias raciais, foi tomada em conta pelo governo americano, conforme comprova a implementação de medidas de *affirmative action*, destinadas a promover a igualdade de oportunidades de acesso a educação e emprego, que possibilita tal ascensão. Deve notar-se que a própria Universidade, em geral, entendeu a correlação entre diferença

de raça e pobreza, daí o aparecimento dos "Historically Black Colleges and Universities", que, segundo Serbrenia J. Sims, em *Diversifying Historically Black Colleges And Universities: A New Higher Education Paradigm*: "have historically served as an access point to higher education for low-income gifted students. These institutions have also accumulated valuable experience and expertise in the education of disadvantaged students who are the victims of inferior secondary education"[15]. Daí, também, as medidas governamentais tomadas no sentido de fomentar o acesso dos americanos de raça negra e de outras minorias às Universidades tradicionalmente frequentadas por população estudantil branca, medidas que têm levado a que, presentemente, os *Historically Black Colleges and Universities*, ou *HBCU,* se tenham passado a ver a braços com a necessidade imperiosa de atrair população branca, ou não negra, para se manterem financeiramente viáveis. Segundo Serbrenia J. Sims, enquanto os africano-americanos passaram a frequentar em números bastante consideráveis as Universidades de população tradicionalmente branca: "HBCU are still struggling to attract whites and other non-blacks to their campuses"[16].

É de prever que as vítimas de educação secundária de qualidade inferior sejam maioritariamente as populações menos abonadas do ponto de vista financeiro, e sabemos que estas coincidem ainda, em larga medida, com as populações de raça não branca; de acordo com o relatório da *Gallup Poll* a que nos temos referido, coincidem especialmente com a população de raça negra. No âmbito da relação entre raça e classe, torna-se, assim, significativa em extremo, a publicação, em 1994, do volume *Diversifying Historically Black Colleges And Universities: A New Higher Education Paradigm*, em que Serbrenia J. Sims se propõe encontrar estratégias para viabilizar financeiramente os *HBCU,* agora que as outras Universidades deixaram por completo de praticar segregação. O facto de a população negra continuar, segundo sondagens recentes, que já referimos, a coincidir consideravelmente com a população mais pobre, e, ao mesmo tempo, por

parte dos Negros, ter deixado de haver procura bastante para viabilizar a subsistência dos *HBCU*, destinados, precisamente, a estudantes provenientes de famílias com baixos rendimentos, é sintomático da interveniência, no processo de admissão às Universidades, do elemento artificialmente introduzido da *affirmative action*, que tem facilitado às minorias o acesso ao ensino superior para além do que a sua situação financeira (e desempenho académico) normalmente teriam permitido. Por outro lado, o facto de Serbrenia J. Sims propor, no sentido de viabilizar financeiramente os *HBCU*, a implementação de estratégias destinadas a atrair e manter uma população de estudantes brancos provenientes de famílias com baixos rendimentos, denuncia que existem sectores da população americana em que a situação de desvantagem de classe socioeconómica não coincide com a diferença de raça, e que, portanto, se vêem impedidos de beneficiar dos programas de *affirmative action*.

Se, conforme considerámos atrás, a capacidade catalisadora da ascensão de classe, no sentido da erradicação da discriminação racial, foi tomada em conta nas iniciativas governamentais que se traduziram em medidas de *affirmative action*, destinadas a promover, através da educação e de mais facilidade de acesso ao mercado de trabalho, a ascensão de classe socioeconómica entre as minorias raciais, dos dados disponíveis que vimos analisando podemos concluir que, numa fase posterior, o governo americano tem estado relativamente cego para os subprodutos que resultaram do processo de interveniência artificial que implementou ao longo de décadas, e que tem vindo a alterar a relação de cada raça com o mercado de oportunidades, no que respeita a educação e emprego. Ao longo do presente capítulo, no processo de analisarmos o tratamento que no romance académico é dado à diferença de raça, procuraremos pôr em evidência indícios que revelam que neste subgénero, desde o Pós-Guerra de 39-45 até ao presente, e com algum poder de antecipação, se tem revelado consciência, tanto da situação de desvantagem inicial das minorias

raciais, na sociedade e na Universidade, como das consequências das medidas implementadas no sentido de corrigir essa desvantagem, que estão a levar, como efeito colateral, à formação, sem demarcação aparente da *Mainstream*, de uma espécie de minoria branca discriminada por causa da sua classe socioeconómica, e cuja discriminação é tornada invisível precisamente pela mesma razão que torna a discriminação das outras visível: por causa da sua raça. Consideramos que a consciência desta evolução pode estar a revelar-se mais cedo, e de modo mais agudo, no romance académico e na Universidade, do que na sociedade, em geral, e nas decisões do próprio governo dos Estados Unidos.

Definido o propósito que neste capítulo nos orienta, justifica-se apontar alguns dados e aspectos recentes do historial da problemática da diferença de raça, da Segunda Guerra Mundial em diante, nomeadamente nos EUA, cuja abordagem desta questão tem influenciado as abordagens adoptadas em outros países ocidentais. Na actualidade, constantemente nos deparamos com sinais da qualidade premente da questão racial no mundo universitário, em que a problemática da raça atinge as dimensões de um debate internacional. Documenta este facto, por exemplo, a existência de publicações como *Nationalism & Ethnic Politics*, editada por William Safran a partir de Boulder, Universidade do Colorado, mas contando com a colaboração de outros editores, também a partir do estrangeiro, como Jean Tournon, do Institut d'Études Politiques de Grenoble, publicação em cuja *homepage* na Internet se esclarece: "The purpose of this journal is to explore the varied political aspects of nationalism and ethnicity in order to develop more constructive intergroup relations."[17] E, dentro dos Estados Unidos, é questão que tem gerado polémica a ponto de o próprio Presidente Clinton, em 14 de Julho de 1997, a ter tomado como tema para o discurso que proferiu na cerimónia de formatura, em S. Diego, na Universidade da Califórnia. Nessa ocasião o Presidente Clinton analisou de modo eloquente vectores de interpretação, vigentes na sociedade ainda no fim do século XX,

que com frequência distorcem a realidade da diferença de raça e continuam a conduzir à discriminação:

> We see a disturbing tendency to wrongly attribute to entire groups, including the white majority, the objectionable conduct of a few members. If a black American commits a crime, condemn the act - but remember that most African-Americans are hard-working, law-abiding citizens . . . If white teenagers beat a Young African-American almost to death just because of his race, for God's sake condemn the act - but remember the overwhelming majority of white people will find it just as hateful.[18]

Em relação às atitudes sobre raça e diferença de raça, o Presidente Clinton revela também ter consciência de que as dificuldades são de natureza profunda, algo evasiva, e de que escapam às tentativas de controle oficial: "I know . . . that money cannot buy this goal [of integration], power cannot compel it, technology cannot create it. This is something that can come only from the human spirit."[19]

Os resultados da sondagem *Gallup* de 1997, relatados por Charlotte Astor, a que nos temos reportado, revelam que a maior parte dos Brancos e Negros consideram que não têm preconceitos em relação à outra raça. O preconceito racial, se subsiste conscientemente, deixou, de um modo geral, pelo menos, de ser assumido. As percepções dos cidadãos em relação ao progresso do grupo a que pertencem dentro da estrutura social, divergem, no entanto, em alto grau; verifica-se que cada um dos grupos considera que o outro grupo fez mais progresso. 53% dos Negros manifestam-se a favor da ideia da necessidade de continuação e alargamento dos programas de *affirmative action*, enquanto entre os Brancos inquiridos só 22% manifestam tal opinião. Por outro lado, 37% dos Brancos manifestam-se expressamente

a favor da redução desses programas, opinião que é partilhada por apenas 12% dos Negros.

Na realidade, há toda uma variedade de dados disponíveis que denunciam, ainda presentemente, uma situação de desvantagem económica entre a raça negra, em particular, e as raças não brancas em geral. James Baron, em "Organizational Perspectives On Stratification"[20], nota que os investigadores que se têm debruçado sobre a questão do sucesso reconheceram que há diferenças entre a população branca e as minorias étnicas, e também entre homens e mulheres, no que respeita à repercussão da educação e do primeiro emprego na carreira futura dos indivíduos, e que essas diferenças funcionam em prejuízo das mulheres e dos indivíduos de raça não branca, tendendo a exclui-los dos mercados de trabalho em que quereriam integrar-se.

Bowles e Gintis, em "Schooling In Capitalist America", mostram-se em consonância com a opinião expressa por James Baron, ao verificarem que o aumento de ganhos com o avanço da idade, além de outros aspectos, está também associado à condição de se ser branco e/ou do género masculino. Reconhecendo embora que, apesar de o sistema educativo tender a servir os interesses da classe dominante, ele sofre, na passagem de uma economia empresarial para uma economia corporativista, modificações diversas (que poderiam auxiliar o progresso dos elementos de raça diferente), Bowles e Gintis verificam que além da educação, também a raça (tal como o género) é um factor que influencia o estatuto socioeconómico. Opinião convergente com as que temos vindo a expor é a de Louis Althusser, que, em *Ideology And Ideological State Apparatuses*[21], glosa a ideia, atribuída a Kanter, da reprodução social homogénea: também a partilha da mesma raça/etnicidade tranquiliza os empregadores sobre a fiabilidade e facilidade de comunicação com os empregados.

O facto de James Baron ter encontrado alterada de modo desvantajoso, no caso de indivíduos de raça negra, a correlação entre termos que normalmente se verifica entre, por um lado, o nível de educação e o primeiro emprego, por outro, o sucesso posterior no que respeita a carreira profissional, pode dever-se, numa primeira fase, à interveniência dos programas de *affirmative action*, que, de início, facilitam a integração das minorias, promovendo a melhoria da sua educação e a contratação para um primeiro emprego, mas que tendem a operar cada vez menos em níveis mais avançados, como os da promoção a cargos de chefia dentro das empresas, ou da generalidade dos mercados de trabalho internos.

Segundo Ronald P. Ferguson, em "Shifting Challenges: Fifty Years Of Economic Change Toward Black-White Earnings Equality", no século XX regista-se grande desigualdade de ganhos entre Negros e Brancos nos anos quarenta; posteriormente, registam-se esforços no sentido de corrigir esta desigualdade, mas sempre acompanhados pela persistência de atitudes discriminatórias e por: "self-fulfilling prophecies of poor performance for many African-American youth and adults alike"[22]. Explícito ou implícito, este tipo de antecipação constitui uma mensagem desencorajadora que transmite expectativas baixas no que respeita à raça negra, que a afectam negativamente, tanto aos seus próprios olhos como aos dos outros. O autor considera que desde a Segunda Guerra Mundial até aos anos setenta se abriram aos Negros oportunidades de emprego e de ganhos, tanto pela migração do Sul rural para o Sul urbano e para as cidades do Norte, como por efeito do movimento pelos direitos civis nos anos sessenta. As decisões tomadas pelo Congresso durante a presidência de Lyndon B. Johnson - "Title VII" do "Civil Rights Act" de 1964 e "Executive Order 11246" - contribuíram para promover o crescimento económico dos Negros em relação aos Brancos até aos meados dos anos setenta. Segundo o autor, no entanto: "After the mid 1970's, progress toward closing the gap in

earnings stopped. In fact, for younger blacks, the trend reversed. Disparity grew".[23]

Ronald P. Ferguson menciona uma redução de pressão governamental no que respeita à implementação de medidas de *affirmative action* neste período. Nas considerações que tece sobre os dados referidos, o autor abre lugar à interpretação, algo surpreendente, de o retrocesso na situação dos Negros poder dever-se à correcção de uma situação de privilégio, e/ou que visasse tornar a adequar ganhos a capacidades:

> . . . either the value of skill rose after 1975 faster than the black-white gap in skill closed - thus inflating the financial significance of remaining skill differences - or blacks in 1975 were earning more than whites who had similar qualifications and the apparent erosion of earnings after 1975 was simply bringing them back in line.[24]

O autor termina com uma nota positiva, registando o progresso notável da situação dos Negros durante os últimos cinquenta anos, progresso que não se pode dissociar dos melhoramentos que se verificaram em matéria de educação; sobretudo a partir dos anos sessenta (em 1964 o "Title VI" do "Civil Rights Act" já impedia o recurso a fundos governamentais às instituições de ensino superior que praticassem discriminação com base na raça, cor ou nacionalidade) - a facilitação do acesso das minorias étnicas ao ensino universitário foi fundamental neste processo. Segundo Serbrenia J. Sims, em *Diversifying Historically Black Colleges And Universities: A New Higher Education Paradigm* (1994), no caso específico dos Negros, os resultados desta abertura do sistema educativo à diferença racial e étnica parecem ter ficado aquém das expectativas. Serbrenia J. Sims atribui ao "Office of Minority Concerns" do "American Council of Education" a constatação de que, durante um certo período, embora

houvesse mais alunos negros a terminarem o ensino secundário, houve, proporcionalmente menos a matricularem-se nas Universidades: "Between 1976 and 1986, the college participation rate for white students increased from 53.5 percent to 55.3 percent, compared to a decline from 50.4 percent to 47.4 percent for blacks".[25]

É relevante referir que a fase de decréscimo no acesso ao ensino universitário por parte dos africano-americanos detectado por Serbrenia J. Sims coincide com o período, a partir dos meados dos anos setenta, em relação ao qual Ronald P. Ferguson, conforme apontámos atrás, referiu uma reversão do progresso dos Negros em direcção à paridade de ganhos financeiros com os Brancos. Continuando a verificar-se esta correlação entre índices de afluência financeira e percentagens de acesso ao ensino universitário, há indicadores de que se caminhe de novo para uma melhoria da situação da população americana negra, já que, conforme Serbrenia J. Sims observa:

> In 1990 the National Center for Education Statistics (NCES) reported that the decline in black enrollment in colleges and universities has been reversed. Black enrollment has not declined since 1984 . . . black enrollment increased by 4.4 percent between 1986 and 1988.[26]

Quer os dados relativos ao ingresso de Negros em instituições de ensino universitário, quer a probabilidade do seu sucesso em tais instituições devem, no entanto, ser encarados com alguma reserva, quando se pretende concluir sobre o nível real de integração, uma vez que, para além dos próprios programas de *affirmative action*, que, a serem cancelados, poderiam fazer diminuir drasticamente as percentagens apontadas, intervêm neste processo ainda outros factores artificiais: desconhecemos se o

National Center for Education Statistics (NCES), ao contabilizar o aumento de 4,4 por cento de Negros nas Universidades, terá ou não especificado que percentagem destes ingressaram nos "Historically Black Colleges and Universities", em relação aos quais Serbrenia J. Sims observa: "These institutions have proven their worth by consistently maintaining a higher graduation rate for their students than predominantly white colleges and universities"[27].

Serbrenia J. Sims nota ainda:

> Retention and graduation rates of black students at traditionally white institutions are generally lower than those of white students. In 1980, blacks constituted 9.4 percent of the enrollment in higher education institutions, but received only 6.5 percent of the bachelor's degrees conferred in 1980-1981. A significant portion of these degrees were conferred by HBCU.[28]

Dados como estes sugerem que as iniciativas de *affirmative action*, embora tenham, decerto, dado algum contributo positivo, a nível mais profundo enfermam de vícios internos que subvertem parcialmente o seu papel, como estratégias para conseguir a integração.

Na abordagem da temática da diferença de raça, urge corrigir a tendência, bastante generalizada, mas mistificadora da realidade, de ver a América a preto e branco. A comissão Kerner, no seu relatório, em 1968, considerava que os Estados Unidos tendiam a tornar-se em: "Two societies, one black, one white - separate and unequal"[29]. No entanto, em "A Different Mirror: To See The United States As A Multiracial Society", Ronald Takaki faz questão de explicitar:

> A history of ourselves as viewed in "a different mirror" reveals that America has a long history as a multiracial society. Both the monolithic view of Americans as white or European in origin and the binary view of Americans as white and black do not accurately reflect our diversity, as it will be in the future or as it has been in the past.[30]

Temos dado, e inevitavelmente continuaremos a dar, maior relevo ao tratamento da minoria negra, não só pela sua extrema visibilidade, como por ser, em termos numéricos, especialmente significativa. Não devemos, no entanto, assumir que as considerações que sobre ela tecemos se apliquem indiferenciadamente às outras minorias étnicas. É, não obstante, em relação à situação dos Negros que as diferenças de opinião se exprimem mais frequentemente, e que a controvérsia é mais acesa. A par de autores como Abigail Thernstrom e Stephen Thernstrom, que listam os progressos verificados na condição dos Negros desde a Segunda Guerra Mundial até ao presente, e concluem que uma considerável percentagem deles passou a pertencer à *Middleclass*, encontramos autores como Bowles e Gintis, que consideram estes progressos pouco convincentes, negligíveis, mesmo; e fundamentam-se na avaliação que fazem para rejeitar teorias defensoras de critérios universalistas de selecção, que deixem de tomar em conta raça ou género, e se baseiem apenas nas qualificações de cada candidato a oportunidades de educação e emprego. Para Bowles e Gintis, a disparidade económica entre os de raça branca e os de raça não branca não parece solucionável sem interveniência de estratégias artificiais, já que consideram um dado adquirido que a educação e o treino funcionam de um modo muito mais eficaz no melhoramento da situação económica daqueles que, desse ponto de vista, já partem de uma situação de vantagem.[31]

A discórdia em relação a este modo de ver reflecte-se em tendências da opinião pública americana que o próprio Presidente Bill Clinton registou

quando do seu já referido discurso: nomeadamente, a tendência, muito actual, para se ser a favor dos direitos civis, mas contra a *affirmative action*. Nesse discurso o Presidente Bill Clinton invoca o exemplo das forças armadas americanas para caracterizar positivamente os resultados da integração:

> . . . armed forces are. . . perhaps the most integrated institution in our society and certainly the most integrated military in the world. And . . . no one questions that they are the best in the world. So much for the argument that excellence and diversity do not go hand in hand.[32]

Os resultados positivos da integração que o Presidente Clinton verifica, com referência ao caso das forças armadas americanas, e que, em princípio, deviam verificar-se em todos os casos, não têm, de facto, correspondência clara quando extrapolados para o contexto escolar/académico. Revelam isso mesmo aspectos já apontados atrás, como a falta de proporcionalidade entre o número de alunos de raça negra matriculados no ensino superior, e a percentagem que conclui, realmente, o curso. No que respeita ao ensino secundário, os dados parecem ser sujeitos a alguma cosmética, mas enfermam do mesmo tipo de vício interno. Segundo Abigail Thernstrom e Stephen Thernstrom, em "The Overlooked Story":

> Black students are now as likely to graduate from highschool as whites, but, on average, they are four years behind whites in reading skills and 3.4 years behind in math. This is a major barrier in the way of the black quest for greater economic equality.[33]

Uma explicação, pelo menos parcial, para o diferente índice de sucesso da integração quando consideramos as forças armadas e quando consideramos a educação superior prende-se possivelmente com o facto de, no primeiro caso, ter predominado, na base dessa integração, o processo natural da dinâmica da sociedade, enquanto no segundo caso ela foi, em grande parte, promovida através da implementação de estratégias artificiais. As iniciativas de *affirmative action*, não obstante o papel positivo que terão desempenhado em determinada fase, sobretudo democratizando, pelo menos ao nível formal, as instituições da sociedade americana, revelaram-se de resultados insuficientes em termos de conteúdo, já que, a um nível mais profundo, os problemas relativos à deficiente integração das minorias subsistem. A sua solução cabal começaria por envolver um olhar mais consciente da totalidade, menos particularizante, sobre a sociedade americana. Em resposta ao discurso de Bill Clinton, de que já citámos, em que o Presidente dos Estados Unidos subscreve os programas de *affirmative action* como solução, por não divisar melhor alternativa, e desafia os ouvintes a encontrá-la, Jack Kemp e J. C. Watts Jr. comentam:

> Well, Mr President, there is a better way.
>
> Our "better way" replaces discrimination with opportunity, poverty with jobs and despair with education. We offer more than the simplistic and absolutist version of "affirmative action."
>
> A new approach must focus not only on equality and strong enforcement of our existing civil rights laws but also on the expansion of opportunity. Instead of deliberating over fair ways to mete out educational acceptances, job openings, contract agreements and program slots, we should be looking for ways to extend them.[34]

Jack Kemp e J. C. Watts Jr. advogam, assim, uma revisão da questão da diferença de raça que a torne a contextualizar dentro da problemática

global de toda a sociedade. Os riscos da excessiva particularização dos objectivos da esquerda, implícitos na crítica veiculada por estes autores, já têm sido equacionados. Em "From Universality To Difference: Notes On The Fragmentation Of The Idea Of The Left", Todd Gitlin, Professor de Sociologia e Comunicação na Universidade da Califórnia, em Berkeley, propõe-se:

> . . . to weigh and account for the rise of specialized identities as foundations for knowledge and politics in the universities.[35]

E comenta:

> At one level, the proliferation of specialized angles of vision can be understood as the consequence of two decades of the movement of new populations into the university.[36]

Reconhecendo, com estas palavras, a qualidade de lugar privilegiado de experimentação social que a Universidade revela ser, Todd Gitlin considera, ao longo do seu ensaio, que, a um outro nível, este processo de experimentação decorreu da falência dos ideais tradicionalmente subscritos pela esquerda, o marxismo e o liberalismo. Para este autor, foi a passagem do marxismo como filosofia universalista, para o marxismo dos Estudos Culturais (marxismo que, segundo Michael Bérubé, nega a primazia e unidade de Classe, e, em vez dela, põe em destaque a relevância da raça, do género, da sexualidade e da subjectividade), que levou, dentro e fora das Universidades, a uma particularização dos objectivos políticos destinada a ir ao encontro dos interesses das minorias. Essa particularização terá feito perder de vista as causas essenciais da esquerda, e Todd Gitlin relata assim a respectiva evolução:

> The founders of women's and black studies in the 1970's had a universalist base in either the old or the New Left. But their recruits, born in the early or later 1950's did not. By the time they arrived on campuses in the early seventies, identity politics was the norm. They had no direct memory of either a unified Left or a successful left of center Democratic Party. In general, their experience of active politics was segmented, not unified. . . For these post-1960's activists, universalist traditions were empty. . .
>
> This profusion of social agents took place throughout society, but nowhere more vigorously than in the academy, where resistance to fragmentation was weakest. Here, in black and ethnic studies, women's studies [etc.], each movement . . . felt it had a distinct world to win - first by establishing that their group had been suppressed and silenced; then, by exhuming buried work and exploring forms of resistance, and finally, by trying to rethink society, literature and history from the respective vantages of the silenced . . And since the demands of identity politics were far more winnable in the university than elsewhere in the society, the struggles of minorities multiplied.[37]

Todd Gitlin não equaciona, relativamente a este processo, o papel que o enquadramento cultural do pós-modernismo terá tido na fragmentação dos objectivos da esquerda, a partir da Universidade. Parece-nos, no entanto, que tal papel é merecedor de menção, uma vez que põe em evidência o facto de a Universidade poder dar um cariz cultural próprio a movimentos e tendências políticas que perpassam na sociedade em geral. Na perspectiva deste autor, a compartimentação dos objectivos políticos levou a uma polarização entre a direita e a esquerda, em que a direita fala a linguagem dos valores universais e reclama para si o mérito de uma visão de conjunto, enquanto culpa a esquerda da degradação do ensino, do preconceito racial invertido que considera patente na *affirmative action*, e de todos os males decorrentes do relativismo exacerbado. Em suma: ". . .

committed to pleasing its disparate constituencies, an Academic Left obsessed with differences fails to reckon with commonalities."[38]

Foi, no entanto, o clima fragmentário que Todd Gitlin parece deplorar que moldou a ambiência cultural e literária do presente, no universo inglês e americano. O cômputo geral dos resultados da *affirmative action* é, no fim do século XX, ainda problemático, talvez impossível de realizar. É, neste âmbito, mais viável, e, para o tema que nos importa, mais relevante, proceder à avaliação de tais resultados em função do impacto cultural que têm tido, através das modificações operadas, no campo da literatura, por esse processo de fragmentação dos objectivos da esquerda e de exploração persistente das identidades de grupo.

De facto, por causa, e por efeito de uma variedade de factores a que a democratização do acesso ao ensino universitário a partir dos anos quarenta, e as iniciativas de *affirmative action* estão longe de ser alheias, o panorama literário inglês e americano é hoje fortemente transcultural. Em 1993, Pico Iyer, em "The Empire Writes Back: The New Makers Of 'World Fiction' Are Reinventing English Literature - From Within", observa uma diferença entre o modo como alguns escritores de relevo se exprimiram em inglês, embora essa não fosse a sua língua original (Joseph Conrad, Vladimir Nobokov, Joseph Brodsky, Czeslaw Milosz, Isaac Bashevis Singer, Saul Bellow, todos nascidos noutros países que não os Estados Unidos ou a Inglaterra) - e a nova vaga de escritores transculturais:

> . . . the new transcultural writers are something different. For one, they are the products not so much of colonial division as of the international culture that has grown up since the war, and they are addressing an audience as mixed up, and eclectic and uprooted as themselves. They are the creators, and creations, of a new postimperial order in which English is the lingua franca, just about everywhere

> is a suburb of the same international youth culture, and all countries are part of a unified CNN and MTV circuit, with a common frame of reference in McDonald's, Madonna and Magic Johnson . . . All [the transcultural writers] are writers not of Anglo-Saxon ancestry, born more or less after the war, and choosing to write in English . . . all are amphibians who do not have an old home and a new home so much as two half-homes simultaneously . . . all are producing a new kind of fiction that deals with a new kind of world.[39]

Segundo o autor deste artigo, a vaga de escritores transculturais que conquistaram a cena literária americana e inglesa depois da Segunda Guerra Mundial tem constituído uma bênção para as casas editoras; no caso britânico, de acordo com Liz Calder, editora da Bloomsbury Press, em Londres, levaram uma lufada de ar fresco e energia, do exterior, para dentro da atmosfera abafada da literatura inglesa: Segundo Edward Said: "the center is full of a tired skepticism, a kind of knowing irony . . . there is something very stale about it"[40]. Por sua vez, à literatura americana, empobrecida pelo Minimalismo, os escritores transculturais imprimiram nova vida, através, por exemplo, da corrente, enriquecedora em extremo, do realismo mágico. Pico Iyer vê no realismo mágico uma expressão da realidade do presente: "Magic realism is the ideal medium for a world in which our neighbors' homes are often beyond the bounds of our belief."[41]

Também as editoras americanas têm a percepção da qualidade ecléctica, universalista, da escrita actual, percepção que Pico Iyer documenta recorrendo ao exemplo da Ballantine Books:

> Another sign of the increasing market for World Fiction is the creation of the One World imprint by Ballantine Books in New York, expressly aimed, as one of its editors, Joelle Delbourgo, says, at "works where we could feel a bridge

between other worlds and our own, but in an idiom that is fresh and different."[42]

O autor remete para Maxine Hong Kingston, que teve um papel relevante na integração, na *Mainstream*, da ficção dos chineses americanos, a ideia de que todos, no mundo inteiro, parecem, actualmente, viver numa situação de diáspora.

Os processos de descentralização cultural são cíclicos ao longo da História, e a descentralização cultural afecta, comprovadamente, a própria língua. Como foi apontado por Robert McCrum, editor principal da Faber & Faber, em Londres, o mesmo se passou durante o império romano, em que Roma foi deixando de constituir o fulcro da energia literária, e as províncias foram ganhando destaque cultural; assim o latim deu origem ao português, ao francês, ao espanhol, ao italiano, ao romeno. Também o escritor mexicano Carlos Fuentes observa o mesmo modelo de evolução no que respeita à Espanha e à literatura de expressão espanhola: ". . . the great modern novels in Spanish come not from Spain but from such former colonies as Colombia, Argentina and Mexico. The eccentric world is now central, and perhaps the only way to be central in the future will be to be an eccentric."[43]

Paralelamente, há hoje uma profusão de variedades da língua inglesa, sem relações de subalternidade entre si: "The notion of the central and the peripheral is being turned inside out"[44] - observa Pico Iyer, dando expressão, neste contexto, a um postulado da cultura pós-moderna. A proliferação de muitas variedades de inglês, exprimindo muitos universos culturais, coabitando nos mesmos países, foi tornada possível, basicamente, pela confluência solidária de dois factores. Por um lado, a abertura da Universidade à diferença étnica teve, neste processo, um papel

fundamental. Aquilo a que Pico Iyer se refere como: " . . . the sudden explosion of 'multicultural' curriculums and ethnic studies departments"[45] está intimamente relacionado com o facto, que o mesmo autor observa, de que: ". . . on some American campuses, a third of the students come from homes where English is not the principal language."[46] Mas o que potenciou, de modo extraordinário, os efeitos do acolhimento, na Universidade, da diferença étnica, foi uma das raras confluências entre os interesses da correcção política e os interesses económicos da própria *Mainstream*. Conforme Pico Iyer observa: "We are living in a decentered world, and the publishing business has not been slow to make capital of what investors call the 'borderless economy'."[47] Daí que, no universo inglês e americano, a qualidade transcultural da literatura do presente se tenha podido afirmar, num grau superior, na sociedade em geral, do que na própria Universidade, que foi precursora, e vanguarda ideológica deste processo.

A vanguarda universitária foi condição *sine qua non* da evolução que depois veio a verificar-se, já que foi na Universidade que, com o acolhimento às minorias étnicas e a progressiva subversão do cânone curricular, para ir ao encontro delas, se formaram os gostos, as aptidões e apetências do público que viria a consumir literatura transcultural. O romance académico, como subgénero, diluiu-se inevitavelmente ao longo deste processo, já que a progressiva fragmentação e descentralização pós-modernas retiraram a centralidade à própria instituição universitária, que lhe está na base. Não será alheia a este aspecto a inexistência, até à data, dentro do subgénero do romance académico, de uma componente significativa de vozes étnicas *diferentes*, que informassem o ponto de vista da narração. A continuação do presente capítulo revelará, no entanto, que a diluição que este subgénero foi sofrendo ao longo da evolução que temos referido, não impediu que nele se manifestasse, desde o princípio da fase moderna, não só a consciência da diferença étnica/de raça, mas também, com o passar dos anos, a

consciência, com algum valor premonitório, de vectores e condicionalismos que se viriam a revelar essenciais ao seu equacionamento.

A dimensão internacional do debate que, a partir da Universidade, se tem levado a cabo sobre a questão das diferenças de raça já foi brevemente documentada com a referência à publicação *Nationalism & Ethnic Politics*, editada a partir da Universidade do Colorado, nos Estados Unidos, e a partir do Instituto de Estudos Políticos de Grenoble, em França. Dadas as pressões decorrentes das características da própria sociedade, é, naturalmente, a instituição académica americana que manifesta de modo mais óbvio a preocupação com a problemática racial, mesmo a partir das Universidades tradicionalmente mais conservadoras. Atesta este facto, por exemplo, a publicação, em 1993, da obra *Blacks At Harvard: A Documentary History Of African-American Experience At Harvard And Radcliffe*, editada por Werner Sollors, Professor de Inglês e Estudos Africano-Americanos na mesma Universidade, Thomas A. Underwood, também aí doutorado, e Caldwell Titcomb, Professor Emérito de Música em Brandeis[48].

Por outro lado, questões actuais e complexas dentro desta problemática, como as dificuldades com que, na prática, se defrontam as tentativas, por parte da Universidade, de, simultaneamente, preparar os estudantes para uma cidadania comum num estado democrático, e ainda investir nas culturas e valores próprios dos grupos étnicos a que pertencem, têm sido debatidas em obras como *Ethnic Studies And Multilculturalism*, de Thomas J. La Belle e Christopher R. Ward[49], publicada em 1996. E a questão étnica está, no presente, de tal forma na primeira linha da consciência das instituições de ensino superior americanas, que, em consulta na *Internet*, surge em destaque na *homepage* de Universidades como a de Kansas, que a equaciona assim:

> Racial and ethnic harassment is a growing concern on American college campuses. It may take many forms, from outright criminal acts (e.g., assault and battery), vandalism or destruction of property) to anonymous malicious intimidation. Whatever its form, however, racial and ethnic harassment is motivated by fear, ignorance, or hatred of ethnic and cultural differences that are perceived as threatening to the offending party. Most frequently, this harassment is directed towards those persons with ethnic visibility, including Blacks, Hispanics, Jews, Native Americans, and Asians.
>
> .....
>
> The Board of Regents is particularly concerned about the continuing societal problems of racial harassment . . It is the policy of the Board that such conduct cannot and will not be tolerated . . . Each Regents institution shall develop and maintain specific policies which seek to: (i) identify prohibited conduct in these areas; (ii) educate campus constituencies with regard to these negative behaviors; (iii) eliminate such behaviors; and (iv) set forth the manner in which such behaviors are to be addressed. (Adopted April 1989).[50]

Ao *Chancellor* Gene A. Budig é atribuída a opinião de que não há lugar na Universidade para a intolerância, a discriminação sexual ou racial, como o anti-semitismo e outras, todas produtos de mentes estreitas, que insultam a inteligência e a dignidade humanas e são contrárias à natureza da Universidade, pelo que não podem ser toleradas. O texto a que nos vimos referindo inclui uma série de orientações sobre o que deve fazer e a quem se deve dirigir a pessoa que seja vítima de discriminação, ou testemunha de discriminação de outrém.

Registamos que muito antes de as Universidades terem começado a patentear pública e institucionalmente a sua sensibilidade à problemática

racial, o romance académico começou a dar testemunho de reacções individuais a este tipo de diferenças. Ainda antes da Segunda Guerra Mundial, Earl Miers, em *Big Ben*, tratava a questão do preconceito contra os Negros, ao fazer o relato, em ficção, da vida de Paul Robeson e da sua carreira em Rutgers University. Em 1936, James McConnaughey fazia em *Village Chronicle* aquilo a que John O. Lyons chamou: "The most honest attempt to treat [the racial] problem"[51]: a acção de *Village Chronicle* decorre num *college* de frequência vedada aos Negros; descobre-se que um aluno brilhante tem essa ascendência, e cria-se celeuma sobre se lhe deve ser permitido terminar o curso, ou se deve ser obrigado a abandoná-lo. O aluno acaba por ser expulso, e suicida-se. John O. Lyons comenta:

> McConnaughey's sentiments in the case are clear enough, but because he has the boy commit suicide the final feeling of the reader is more one of frustration than of resolution. Although this novel treats the general problem more vigorously than any of the others, the Negro barely appears - his is just one of many incidents in the story.[52]

Em *The Merry Innocents*, publicado em 1947, Nolan Miller relata o Natal de um Professor e da sua família, numa pequena cidade universitária do Midwest, Natal ensombrado pela discriminação a que é sujeita a sua empregada negra, naquela comunidade, de que se deveria poder esperar mais tolerância. E o suicídio, como desfecho para a situação do estudante discriminado por causa de ser de raça diferente, recorre em *Walk In Beauty* (1955), de Grace Jamison Breckling, em que se narra a história de duas irmãs num *college* feminino da Pensilvânia, nos anos vinte. Uma das irmãs é loira, e a outra morena; a última é levada a suicidar-se, na sequência de a primeira ter divulgado na turma que são apenas meio-irmãs, e que a irmã morena é mestiça. De acordo com John O. Lyons:

> In all of these novels about race prejudice the authors insulate the real problems of discrimination by padding them in comedy (as does Nolan Miller), or placing them in the past (as does Grace Jamison Breckling). There is even the placid comment at the end of *Walk In Beauty* that such a story could not take place today.[53]

A interpretação que as palavras de John O. Lyons nos sugerem é a de que a diferença de raça não é, neste subgénero, tratada como algo sentido do ponto de vista do narrador (que, como vimos afirmando desde o primeiro capítulo da Parte I, não costuma ser negro, nem sequer não branco), mas apenas está presente no romance académico, literalmente, na expressão usada em língua inglesa, *for the sake of the argument*. É equacionada, presumivelmente, de uma perspectiva justa e, na proporção em que tal seja possível, isenta, mas é-o apenas em termos teóricos: não é sentida.

Lyons atribui o modo, nunca mais do que periférico, como a diferença de raça é tratada, ao facto de grande parte da ficção universitária ser de tipo episódico, ou seja, ser constituída por colecções de episódios da vida académica, muito à semelhança do que, entre nós, portugueses, acontece com obras como *In Illo Tempore*, de Trindade Coelho. Devemos acrescentar que, embora essa característica tenha predominado durante a fase do romance académico que Lyons estuda, e que termina em 1962, a nossa própria análise revela que o tema da diferença de raça continua a ser periférico ao romance académico, mesmo nos anos sessenta, e posteriormente, em que as obras já deixaram de tender para meras colecções de episódios e passam a ser estruturadas com mais unidade no que respeita ao desenvolvimento da acção.

Registe-se que, ao considerarmos na sua ordem cronológica as obras que seleccionámos especificamente para *corpus* das Partes II e III deste trabalho, encontramos algum progresso no grau de atenção que é dispensado ao tratamento da diferença de raça, o que pode ter algum significado, uma vez que as mesmas foram escolhidas de modo aleatório em relação a este aspecto. Em *Stepping Westward*, de 1965, para o protagonista James Walker, ainda em Inglaterra, a questão racial é apenas uma vaga fonte de insegurança em relação à sua ida para os Estados Unidos: "There were moments when he had doubts, after reading of race-riots or cyclones across the Atlantic"[54]. À chegada à Universidade americana de Benedict Arnold, a realidade das diferenças de raça continua a estar presente apenas de modo periférico, sem relevância para o desenvolvimento da acção: por exemplo, é questão que surge, de modo ocasional, nas fichas que lhe dão a preencher: "Walker dug further into the pile, turning over the sheets, signing various contractual forms (LAST NAME: GIVEN NAME: ETHNIC GROUP)[55]. Ao longo de toda a narrativa a questão da diferença de raça não tem maior proeminência do que a de servir para evidenciar a inadequação do *Scholar* inglês ao mundo concreto quando, na viagem que faz com Julie Snowflake, se mostra intimidado e sem recursos de sobrevivência perante a situação da avaria do carro em que se deslocavam, em terras do México. Em *Death In A Tenured Position*, de Amanda Cross, publicado em 1981, há um pequeno progresso que consiste no facto de se encontrar, já não a reacção do elemento de raça branca à presença do elemento de raça diferente, mas, ainda que apenas de passagem, a expressão da perspectiva do elemento de raça diferente, discriminado por causa dessa diferença:

> One of the speakers was a black woman who reported that she had not been allowed to live in the dormitories when she first came to Radcliffe because she was black. The most dramatic moment in the baseball woman's life, it turned out,

> was when Branch Rickey first brought Blacks into baseball. She cheered for Jackie Robinson when the other players were spiking him and the fans were loosing black cats onto the playing field. She understood that kind of prejudice, and I think she would have liked to do something for Blacks at Harvard, but they managed to convince her that Harvard was well aware of the race problem . . . [56]

A questão racial continua, no entanto, neste caso, a constituir, na terminologia de Roland Barthes, um índice, não uma função, ou seja, a não ser essencial ao desenvolvimento da narrativa. E a mesma qualidade periférica se aplica ao tratamento da diferença de raça na que é, cronologicamente, a mais recente das obras seleccionadas especificamente para *corpus* das Partes II e III deste estudo, *A Tenured Professor*, de John Kenneth Galbraith. O pequeno progresso que nesta obra se verifica consiste no facto de a diferença de raça passar a ser colocada a nível institucional, e também na denúncia de alguma hipocrisia da instituição universitária, nomeadamente de Harvard, que põe os interesses financeiros à frente das convicções democráticas, mantendo fundos investidos em acções de companhias da África do Sul, então defensora do *Apartheid*; apesar de toda a contestação, Harvard só se demarca da associação de interesse financeiro com a África do Sul quando um benemérito oferece comprar os referidos investimentos com lucro considerável para a Universidade:

> The offer would be at 10 percent over the closing prices on the New York Stock Exchange as of the previous Friday; its purpose was "to spare the university further possible embarrassment and adverse publicity in connection with these holdings."[57]

A forma como esta proposta foi recebida, quando dada a conhecer na Universidade - "Professor Grierson rose to express his support. He did so at some length, citing the economic advantages inherent in what he referred to, perhaps unfortunately, as 'this very good deal'"[58] - revela que prioridades o narrador considera que fossem, de facto, as da instituição.

Este aspecto coaduna-se com a outra hipótese de explicação colocada por John O. Lyons para a falta de centralidade do tema da diferença de raça dentro do romance académico: ". . . the author simply feels little indignation, and his main intent is to amuse and charm with satire."[59] De facto, a postura de tolerância normalmente assumida no romance académico surge sobretudo como reflexo de princípios defendidos em teoria, mas nunca levados a extremos que pudessem afectar negativamente a comercialização destas obras, prejudicando a empatia com um público leitor que, apesar dos esforços no sentido da integração racial, é ainda maioritariamente branco. Até neste aspecto o romance académico funciona como barómetro que permite detectar equilíbrios (e desequilíbrios) de pressões na sociedade.

No que diz respeito ao romance académico da fase moderna, Janice Rossen, em *The University In Modern Fiction: When Power Is Academic*, ao tratar o tema "Competition: Scholars And The Global Campus", encontra outros vectores explicativos para o tratamento, no romance académico americano e no inglês, da diferença étnica, extensiva à diferença de nacionalidade: "Bradbury and Lodge do not exactly uphold the establishment by any means: but they do satirize foreigners with a vengeance which suggests that they feel threatened by possible encroachment on their territory, scholarly or otherwise."[60] Janice Rossen reconhece, no romance académico destes autores, uma tendência (que, conforme documentámos com recurso à obra de John O. Lyons, vem desde o princípio do subgénero) para tornar as personagens estrangeiras em

estereótipos e derivar delas efeitos cómicos na narrativa; mas reconhece também alguma isenção nesta abordagem, já que a própria nacionalidade inglesa é sujeita ao mesmo tipo de tratamento, realidade que podemos confirmar observando o modo como foram construídas personagens como Philip Swallow, ou James Walker, respectivamente por David Lodge e Malcolm Bradbury.

A autora de *The University In Modern Fiction: When Power Is Academic* observa ainda, na tendência para tratar de forma estereotipada as diferenças de nacionalidade e etnia, implicações de natureza sociocultural em que detecta ressonâncias de outras situações de mal-estar, como as que acompanharam a integração, na Universidade, de grupos que anteriormente lhe não pertenciam, como o das mulheres ou o dos homens das classes trabalhadoras:

> . . . there are other implications of this kind of stereotyping of characters by nationality for University fiction: most important, the expression of increased competitiveness. When the larger academic power structure becomes destabilized through admitting foreigners into the fray, fiction about academe becomes more shrill. This is because the enemy is now foreign, which is a great temptation in itself to creating stock comic characters as a way of devaluing them and thus diffusing the threat which they seem to pose. A subtle form of xenophobia often infuses these novels, stemming from the competitiveness which is innate in scholarship, and which can be cast in nationalist terms in fiction. This echoes the experience of the two earlier waves of outside groups, to impact the English University: women and men of the lower classes. The difference is . . . Foreigners, as several British novelists suggest, can always go home.[61]

A continuidade entre a problemática levantada pela diferença de raça e/ou de etnia (esta abrangendo a pertença a uma nacionalidade) e a problemática levantada pela diferença de classe fica patente nestas linhas. Mas o extracto citado traz à consciência outras diferenças que também é preciso tomar em conta, nomeadamente as que reportam ao enquadramento inglês e ao enquadramento americano que, no que se refere a estas questões, são consideravelmente díspares entre si. No caso inglês predominam as referências a diferença de nacionalidade que não coincide, necessariamente, com diferença de raça (caso dos irlandeses, por exemplo); no caso americano predominam diferenças de raça que não coincidem com diferença de nacionalidade: os Negros, os Hispânicos e os outros grupos étnicos minoritários que chegam às Universidades são maioritariamente americanos, cidadãos dos Estados Unidos e, como tal, é hoje praticamente impensável que alguma vez regressem aos seus países ou continentes de origem. Esta diferença, só por si, condiciona, por parte das instituições governamentais e académicas que devem acolher as minorias, nos Estados Unidos, um outro tipo de atitude. O equacionamento que fazemos do tratamento da diferença étnica e de raça no romance académico da segunda metade do século XX deverá tomar em conta, por um lado, a diferença, num mesmo momento, entre o enquadramento cultural inglês e o americano, por outro lado, a própria evolução diacrónica, que envolve que, ao longo do tempo, as atitudes se tenham alterado.

Em Inglaterra, o enquadramento cultural para o tratamento da diferença de raça é, comparativamente, mais insular, centrado em si mesmo. À entrada dos anos sessenta, a personagem Emma Fielding, em *Eating People Is Wrong*, de Malcolm Bradbury, projectando, com alguma capacidade autocrítica a perspectiva do autor-narrador, resumia assim a reacção instintiva dos ingleses à diferença étnica, e de nacionalidade, em geral:

> After all, there was one thing that every Englishman knew from his very soul, and that was that, for all experiences and all manners, in England lay the norm . . . all ways elsewhere were underdeveloped, or impure, or overripe.[62]

Deslocada para o continente americano, a noção de centralidade da cultura *WASP* está longe de ser tão absoluta, posta em causa como tem sido por uma dinâmica social mais rápida, decorrente da presença de vagas sucessivas de imigrantes que aceleraram a evolução histórica. Daí que as maneiras de assumir, ou de não assumir, a consciência da discriminação racial, sejam diversas. No que respeita às questões levantadas pelas diferenças de raça, o que, no romance académico sobre o meio universitário americano, surge como debate aberto, controverso, mas, em todo o caso, ponto importante da agenda liberal, tende a tomar formas muito mais discretas, ambíguas, interioristas, quando se trata do meio académico inglês. No universo da ficção de Malcolm Bradbury, podemos isolar um exemplo emblemático desta diferença, na abordagem diversa que é feita da presença do Negro, em *Eating People Is Wrong*, cuja acção decorre em Inglaterra, e em *Stepping Westward*, cuja acção decorre nos Estados Unidos. No último caso, a questão da discriminação contra os Negros surge de modo explícito, tomando, por exemplo, a forma de um levantamento de liberais ligados à Universidade contra um barbeiro que se tinha recusado a cortar o cabelo a um rapaz negro. Fazem-lhe um piquete em frente da porta do estabelecimento, para o obrigar a cortar o cabelo aos Negros, ou não o deixar cortar o cabelo a ninguém. No meio académico inglês, e na sociedade de que ele faz parte, menos forçada pela pressão das circunstâncias a tomar posições práticas sobre este tema, vigora uma noção humanista, frequentemente traduzida pela expressão *human decency*, que, na prática, coloca entraves ao próprio reconhecimento da existência de discriminação racial; o tema não é, assim, abordado com a mesma abertura.

Documenta esta diferença, por exemplo, o episódio de *Eating People Is Wrong*, em que Emma Fielding, estudante de pós-graduação, se debate, de modo interiorista, com a má-consciência de ter mentido a um estudante negro, Eborebelosa, que constantemente a perseguia, pedindo-a em casamento e tentando, à viva força, fazer-lhe aceitar o crânio do avô, no mesmo espírito em que, nas sociedades do Ocidente, se oferece um anel de noivado (o que demonstra que também nesta obra se conseguem efeitos de comédia pela exploração de diferenças culturais inerentes a diferenças étnicas). Para obstar do modo mais airoso possível ao desconforto criado pela situação que referimos, Emma Fielding transmitira a Eborebelosa a informação falsa de que tinha outra ligação, e debatia-se, por isso, com um sentimento de culpa:

> She was lying to a member of a race which had been lied to too much already. If he ever found out he would surely take it as an insult to his colour, though it had been meant to spare him. But, in any case, was it, for a liberal-minded person, fair even to spare him? Would one want to spare a white person like that? Yet if one told him what one would tell a white person - "I don't love you" - wouldn't this seem like an attack on his colour? And if he had been a white person, wouldn't one perhaps have married him?[63]

O extracto citado lida com aspectos trazidos pela presença da diferença de raça que são difíceis de conciliar, e de equilibrar entre si, já que o cuidado em não praticar discriminação, levando à protecção dos seres em situação de serem discriminados, facilmente conduz ao paternalismo, que pode ser entendido como uma forma tão insultuosa de discriminar como a perseguição ou a exclusão social. Com estes cambiantes se constrói, no limiar da década de sessenta, a consciência da discriminação em formato inglês: um formato mais reflexivo e menos interveniente do que o

americano, mas possivelmente por isso com um grau mais apurado de consciência das complexidades envolvidas.

Posto que, tanto no caso inglês como também no americano, a Universidade se revele como um meio ideal para o desenvolvimento da percepção das complexidades inerentes ao tratamento da diferença étnica, podemos contrapor à abordagem da personagem Emma Fielding, no contexto inglês, a abordagem, já no contexto americano, de uma outra personagem de estudante, construída por Malcolm Bradbury, em *Stepping Westward*: Julie Snowflake. Julie Snowflake também expõe, através de um diálogo em que toma parte, complexidades envolvidas no tratamento do elemento humano de etnia diferente, mas a consciência dessa exposição não surge assumida pela personagem que, ao contrário de Emma Fielding, não a glosa de modo reflexivo. A reflexão é, em vez disso, deixada a cargo do leitor. Julie Snowflake diz, referindo-se a um estrangeiro que tinha ensinado no seu *college*:

> ". . . They didn't like to tell him he talked funny."
> "No, quite," said Walker.
> "What happened to this man? asked Jochum. . .
> "That was Dr Jeffries, you know," said the girl.
> "Ah yes," said Jochum nodding.
> "What did happen?" asked Walker.
> "They didn't renew his contract," said Jochum. . .
> "He was *fired*," said the girl.
> "Because he talked funny?" asked Walker.
> "Oh no," said the girl, shocked. "That would be Prejudice. No, he didn't like the course. He kept changing all the books and teaching what he called non-great books in the Great Books Course, because they were better. So they, you know, didn't keep him on.[64]

Para além da provocação consciente e deliberada que o texto sugere que houvesse na actuação deste docente, a passagem citada aponta para o frequente falseamento da realidade da integração, que consiste em acolher na *Mainstream* as minorias, mas sob condição de prescindirem das suas opções próprias, e continuarem a promover a persistência dos modelos que servem a maioria. O diálogo toca apenas de passagem, de modo casual, um ponto que é fundamental à problemática da diferença racial e étnica, e que poderia atirar, mas não atira, as personagens envolvidas para momentos de reflexão mais aprofundada. De facto, o respeito verdadeiro pela etnicidade, sendo, à partida, uma exigência de qualquer regime democrático, é difícil de pôr em prática, pois chega a entrar em conflito com outros direitos e deveres também consignados pela democracia. Sendo a educação a área de actividade humana a que, mais do que a qualquer outra, compete transformar a Humanidade que é na Humanidade que devia ser, é compreensível que nela se manifestem, de modo especialmente marcante, as dificuldades de compatibilização entre as várias exigências em jogo. De facto, enquanto há exigências de alguns grupos étnicos que podem ser respeitadas sem grande transtorno, nas escolas, como as que se prendem com a alimentação (árabes e judeus não comem porco, por exemplo) - outras exigências apresentam, na prática, problemas intransponíveis. A liberdade religiosa é direito universalmente aceite em qualquer sistema democrático. Por outro lado, as práticas educativas em democracia requerem que, nas escolas do Estado, não haja separação entre os alunos em função da sua religião, raça, cor ou sexo, aprendendo juntos rapazes e raparigas de todas as origens e credos, e estando mesmo prevista a disciplina de educação sexual. Como respeitar, então, na prática, os valores étnicos e credos religiosos minoritários que exigem a separação entre os sexos, e entre os grupos étnicos diferentes, e que, assim, só poderiam ter as suas exigências satisfeitas através da negação do próprio princípio democrático que os acolhe? Dificuldades práticas como as que referimos têm sido suficientemente prementes para, na *First Amendment Center*

Homepage, na *Internet*, ter sido aberto um consultório semanal sobre estes temas, intitulado: "Ask Dr Haynes":

> Dr. Haynes' column runs weekly on Sundays in *The Tennessean*. Your questions and comments are welcome. Write to Charles Haynes at the First Amendment Center, Vanderbilt University, 1207 18th Ave. S. Nashville, TN 37212, or e-mail him http://www.fac.org[65]

A completa correcção política é, assim, de definição difícil, e não totalmente viável. Naturalmente que a própria consciência das dificuldades e inconsistências envolvidas é um produto da prática de tentativas de integração ao longo de várias décadas, e representa um estádio mais avançado neste processo do que o que seria representado por optimismo idealista não confrontado com a experimentação: um estádio que, conforme documentamos, de modo mais claro ou mais difuso, cedo começa a transparecer no romance académico. Também as sucessivas repercussões da questão da diferença de étnica/de raça que neste subgénero se encontram vão, necessariamente, dar testemunho da passagem do tempo. A diferença que estabelecemos entre as posturas da estudante Emma Fielding, em *Eating People Is Wrong*, e da estudante Julie Snowflake, em *Stepping Westward*, além de reportar aos contextos culturais diversos que estão em causa, o inglês e o americano, como afirmámos, podem prender-se também com um factor de natureza diacrónica. *Eating People Is Wrong* é de 1959; *Stepping Westward*, de 1965, portanto, já fruto da atmosfera de contestação aberta dos anos sessenta. Do mesmo modo que colhemos no universo da ficção de Malcolm Bradbury o exemplo para documentar brevemente diferenças de abordagem da questão étnica, enraizadas em diferenças de enquadramento cultural, consideramos que o universo da ficção de David Lodge oferece exemplos de passagens em que é possível

discernir mudanças de atitude ao longo do tempo, se não sobre a diferença de raça, pelo menos sobre a dose variável de identificação, e adesão afectiva, a personagens que, em termos de aspecto físico, diferem, por exemplo, da coloração de pele mais facilmente tomada como padrão idealizado, entre a raça branca.

Uma análise deste ponto revela que na caracterização das personagens na escrita de David Lodge, à entrada dos anos oitenta, ainda se tende a fazer corresponder a brancura da pele, e cor loira do cabelo, com o Bem, com a superioridade moral, e com a conformidade com as normas estabelecidas. Uma diferença que consideramos emblemática é a que podemos estabelecer entre as caracterizações físicas e psicológicas das personagens femininas centrais, Angela, em *How Far Can You Go?*, publicado em 1980, e Angelica, em *Small World*, publicado em 1984. No que respeita a pertença ao subgénero do romance académico, ambos estes romances de David Lodge têm em comum o facto de serem casos limítrofes: *How Far Can You Go?*, embora incida sobre a evolução de um grupo de estudantes universitários católicos, é mais um romance de formação do que um romance académico, pois a acção desenvolve-se em paragens psicológicas remotas à Universidade. Por sua vez, a acção de *Small World* evolui na fronteira de ruptura do subgénero, não se centrando numa Universidade, mas dispersando-se por um *campus* global. Mas o primeiro destes romances, datado do dealbar dos anos oitenta, e o segundo, dos meados da mesma década, diferem consideravelmente entre si na caracterização das figuras femininas centrais. Em *How Far Can You Go?* Angela é:

> . . . the fair beauty in the mantilla . . . a good Catholic girl, the pride of the Merseyside convent where she was Head Girl and the first pupil ever to win a State Scholarship to University[66] . . . She keeps her body scrupulously clean,

> she dresses it carefully and attractively . . . Her movements at toilet are brisk and businesslike. Her complexion gleams with health. She has scarcely ever had an impure thought. . [67]

Numa manifestação explícita de narcisismo, iniciando a abordagem crítica do seu próprio texto, o autor-narrador elucida:

> . . . Angela's very name connotes angel, as in Heaven and cake (she looks good enough to eat in her pink angora sweater) and her blonde hair archetypecasts her as the fair virtuous woman, spouse-sister-mother figure.[68]

À figura de Angela é, nesta obra, contraposta a figura de Polly, claramente, na visão do autor-narrador, nesta fase, com o tipo oposto de conotação: "Polly is a Dark Lady, sexy seductress"[69]. O conteúdo da própria passagem em que Polly é apresentada ao leitor, chegando (tarde) à missa, corrobora esta dicotomia:

> A creak of hinges and a booming thud at the back of the church indicates the arrival of a latecomer [(- Polly)] . . . all hear the hurried tiptap of high-heeled shoes on the tiled surface of the central aisle. A buxom, jolly-looking girl with a damp head-scarf tied over dark curls makes a hasty genuflection and slides into a pew next to another girl [(Angela)] whose blonde hair is becomingly draped with a black lace mantilla. The wearer of the mantilla turns her head to give a discrete smile of welcome . . . The dark latecomer wrinkles her nose and arches her eyebrows in comical self-reproach.[70]

Não tratando esta passagem, propriamente, de diferença étnica, o confronto entre a caracterização de Polly e a atmosfera da igreja, reflectida pela figura e atitude de Angela, quase pode ler-se como alegoria do impacto inicial das minorias raciais no *Establishment* do Ocidente: tal como a "dark latecomer" da passagem, elas chegam tarde e têm alguma dificuldade em interiorizar os valores instituídos e ajustar-se a eles (considere-se simbólica a referência a uma "hasty genuflection").

A figura de Polly é dinâmica (como sugere o recurso a termos como "hurried, "hasty", "slides") e tem corpo físico, com partes individualizadas ("wrinkles her nose and arches her eyebrows"); usa sapatos de salto alto, neste contexto, de conotação erótica, e agride, com o ruído que com eles faz, ao andar, a atmosfera da igreja. A figura de Angela é estática, harmonizada com o pano de fundo do ambiente ("discrete" e "becomingly draped"); não há referências a partes individualizadas do seu corpo, em movimento; projecta a aceitação das convenções e a obediência às regras, enquanto a figura de Polly projecta a rebeldia às convenções e a obediência aos instintos. Polly é a carne, o caos, Eros (o elemento chegado de novo, a alteração, a desordem), enquanto Angela é a ordem, o espírito, *Psyche* (que se coadunam com os valores do *Establishment*).

A polarização entre Angela e Polly é, significativamente, subvertida anos mais tarde, pelo mesmo autor, ao introduzir na sua ficção uma réplica transformada de Angela, a figura de Angelica, principal personagem feminina de *Small World*. Enquanto em *How Far Can You Go?* Angela era, do ponto de vista do *alter ego* do autor, Dennis, "his dream made flesh"[71], a resposta à idealização do feminino toma, em *Small World*, uma outra caracterização. Aos olhos de Persse, cavaleiro andante dos tempos modernos e personagem masculina central em *Small World*, é assim percebida a figura de Angelica:

> At that moment the knots of chatting conferees seemed to losen and part, as if by some magical impulsion, opening up an avenue between Persse and the doorway. There, hesitating on the threshold, was the most beautiful girl he had ever seen in his life. She was tall and graceful, with a full, womanly figure, and a dark, creamy complexion. Black hair fell in shining waves to her shoulders, and black was the colour of her simple woollen dress, scooped out low across her bosom . . . she looked with eyes dark as peat pools into Persse's own, and seemed to smile faintly in greeting. She raised the glass to her lips, which were red and moist, the underlip slightly swollen in appearance, as though it had been stung. She drank, and he saw the muscles in her throat move and slide as she swallowed. "Heavenly God!" Persse breathed . . .[72]

Angelica torna-se o *Graal* demandado por Persse (ou Percival?) ao longo de toda a narrativa. Apesar da ausência de qualquer referência explícita a diferença de raça, é, contudo, significativa a viragem (denunciada pelo autor pelo parelelismo dos nomes escolhidos para as personagens, Angela e Angelica) de um ideal feminino associado à brancura da pele e cor loira do cabelo, para um ideal feminino de coloração escura, lábios mais grossos, e com traços explícitos de fisicalidade, a par de intelectualidade: a figura feminina ideal, que aqui se apresenta de coloração escura, deixou, ao mesmo tempo, de encontrar-se numa igreja, e passou a encontrar-se num congresso. A confluência de elementos presentes revela, ou anuncia, no texto literário, um tempo de novos valores, e de mentalidades crescentemente abertas à diferença. Sem que estejam em causa, como já referimos, diferenças explícitas de raça, estas modificações, sobretudo adentro de uma obra que contempla o aparecimento de um *campus* global, são sintomáticas da aceitação generalizada das diferenças entre seres humanos, incluindo as de caracterização física que, pela sua visibilidade, se prestaram tão frequentemente a servir de base para atitudes

discriminatórias, fundamentadas numa visão monolítica da realidade que levou à formação de critérios de atribuição de valor que conseguiram durante muito tempo imperar no domínio social. A qualidade visual, quase cinematográfica, do último extracto citado ilustra a ligação que existe entre a progressiva fragmentação de tais visões monolíticas, a que assistimos na passagem do Modernismo para o Pós-modernismo, e a crescente predominância, na cultura do Ocidente, do visível, por oposição ao pensável. Ao contrário do pensável, o visível é, pela sua própria natureza, orientado pela digressão dos sentidos, fragmentário, não necessariamente regido por juízos de valor nem pela atitude mental ordenadora que preside à formação de teorias interpretativas com uma lógica de conjunto, e que caracteriza o pensável. Segundo Fredric Jameson, na Introdução a *Signatures Of The Visible*: "movies are a physical experience, and are remembered as such, stored up in bodily synapses that evade the thinking mind"[73]

No entanto a diferença étnica transcende largamente a questão da visibilidade da cor, como atesta, de modo especialmente evidente, o caso dos judeus, não demarcados da maioria por qualquer diferença ostensiva de cor, ou sequer, na maior parte dos casos, por qualquer diferença de raça, do ponto de vista biológico, mas que, no entanto, são vistos e se vêem a si mesmos com uma forte carga de etnicidade própria. No tratamento das diferenças étnicas/de raça a partir da Universidade, e do romance académico, o caso dos judeus merece análise especial, pela estreita relação que tem com a própria génese do subgénero em questão, na sua fase moderna: constitui a única diferença étnica que, embora frequentemente não assumida, ou pouco assumida, costuma integrar o ponto de vista da narração nestas obras.

Referimos atrás a propensão generalizada que existe para, no tratamento das diferenças de raça, colocar o enfoque na condição do Negro, tendencialmente tomado como diferença máxima, pela oposição conceptual

que estabelece com o Branco, que se toma como padrão. No contexto da Universidade, e do romance académico, esta oposição conceptual deve sofrer um certo grau de correcção. Não só, como já atrás mencionámos, deve ser permanentemente tomado em conta que a diferença étnica, nas sociedades americana e inglesa, está longe de se circunscrever à diferença da raça negra, como também o outro pólo da dicotomia tem de ser revisto. O Branco, na Universidade, com grande frequência já não é *WASP*, mas judeu. Afigura-se, a este propósito, especialmente perspicaz a observação de Leslie A. Fiedler, em *Waiting For The End*, de que: "Certainly the Negro is the Jew's archetypal opposite, representative of the impulsive life even as the Jew is the symbol of the intellectual"[74]. Sendo a perspectiva que prevalece no romance académico judaico-liberal e judaico-cristã, a um olhar atento ela revela-se, de base, num grande número de casos, mais judaica do que cristã.

No subgénero de que tratamos, e, dentro dele, nas próprias obras a que temos recorrido ao longo deste estudo, a profusão de narradores, autores, personagens e protagonistas judeus é significativa em extremo. É judeu Bernard Malamud, assim como é judeu Levin, a personagem masculina central em *A New Life*; é judeu Howard Jakobson, tal como Sefton Goldberg, em *Coming From Behind*; Saul Bellow é judeu, assim como as suas personagens, nomeadamente em *Mr Sammler's Planet*. Como Leslie A. Fiedler refere:

> Among distinguished recent American writers of fiction who have taught, or are teaching in universities are Saul Bellow, Isaac Rosenfeld, Bernard Malamud, Philip Roth, Mary McCarthy, Randell Jarrell, John Hawkes, John Barth, Wright Morris, Walter Von Tiburg Clark, Robert Penn Warren, Peter Taylor, Robie Macauley, Herbert Gold, Lionel Trilling, Vladimir Nobokov, and a host of others.[75]

Em relação à literatura de autores que são também Professores universitários, Leslie A. Fiedler faz referência a: ". . . the particular flavor lent it by the Jewish writers who constitute so large a part of it."[76] E um número considerável de escritores ligados à Universidade acumulam com a sua condição de Judeus a condição de autores de romance académico.

É, assim, compreensível, que seja judeu Moon Mandelbaum, em *Death In A Tenured Position*, de Amanda Cross, e que, tanto em *Stepping Westward*, de Malcolm Bradbury, como em *Changing Places*, de David Lodge, as personagens mais fortemente catalisadoras da acção sejam também judeus. A figura de Bernard Froelich é assim tratada no início do capítulo VII de *Stepping Westward*:

> When PEOPLE asked Bernard Froelich why he had gone into the academic life, he usually answered, "Oh, for the prestige, the power." It was a joke, but a half-true one. He had always been an ambitious man. When he went to the east coast college where he had done his undergraduate and graduate work, a college with many intellectual but few social attainments and a student body composed of enterprising socially mobile Jewish boys like himself, he had seen himself ending up in one of the more prestigious professions; he should have been a doctor or a rabbi. Something - probably success - had diverted him into university teaching . . . [77]

O Judeu Bernard Froelich, em *Stepping Westward*, é não só quem provoca a própria ida de James Walker para os Estados Unidos, e, no fim, em parte, a sua queda em desgraça e retorno a Inglaterra, mas também a figura que invariavelmente, ao longo da narrativa, manipula de modo bem

sucedido, em seu proveito, a evolução dos acontecimentos no departamento universitário em que se move.

Bernard Froelich tem o sucesso pessoal em comum com Morris Zapp, figura masculina central em *Changing Places*, de David Lodge. De acordo com o narrador:

> . . . Morris Zapp is a twentieth-century counterpart of Swift's Nominal Christian - the Nominal Atheist. Underneath that tough exterior of the free-thinking Jew (exactly the kind T.S. Eliot thought an organic community could well do without) there is a core of old-fashioned Judaeo-Christian fear-of-the-Lord.[78]

Morris Zapp é, em *Changing Places*, descrito como o protótipo do sucesso económico e financeiro, tendo, ainda bastante jovem, atingido o topo na sua carreira. A colagem entre o percurso referido, das personagens de Judeus, e a ideia da realização individual do Sonho Americano de afluência, é evidente nestas obras. E para a quase invisibilidade da característica de ser judeu, como diferença étnica, no romance académico e na Universidade, contribui o facto de, desde muito cedo, os Judeus terem ficado posicionados do lado de dentro desta instituição.

No romance académico, as referências à presença de Judeus foram precoces e, como nos outros casos de diferença étnica, também neste as atitudes discriminatórias estiveram presentes. Thomas Wolfe trata o tema em *Of Time And The River* (1935), pela perspectiva que atribui ao seu protagonista, Professor Eugene Gant. Posto que a ligação entre Judeus e intelectualidade/Universidade surja muito cedo, em comparação com a ligação da Universidade a outras etnias, que ainda não chegou, realmente, a estabelecer-se, deve, em abono do rigor científico, ser referido que pela

década de trinta, e posteriormente, a mensagem passada sobre esta diferença associou com frequência a condição de se ser judeu à ideia de *unclean*. Em *Of Time And The River* (1935), de Thomas Wolfe, a personagem Eugene Gant refere-se aos seus alunos como:

> . . . thirty or forty Jews and Jewesses, all laughing, shouting, screaming, thick with their hot and swarthy body smells, their strong female odors of rut, and crotch and armpit and cheap perfume, and their hard male smells that were rancid, stale and sour.[79]

A ideia do Judeu como *unclean* recorre em obras como *Mr Sammler's Planet*, de Saul Bellow, que, de modo algo misógino, associa esta característica principalmente à mulher: "Females were naturally more prone to grossness, had more smells, needed more washing, clipping, binding, pruning grooming, perfuming and training."[80] Esta visão da mulher judia, ou visão judaica da mulher, transporta ecos bíblicos, que curiosamente se encontram também noutras culturas, como a cultura índia e a cultura negra. Não obsta a tal apreciação desvantajosa que, na mesma obra, também a personagem masculina Wallace seja caracterizada em associação com a ideia de falta de higiene:

> A bit careless perhaps in his toilet habits, also like a small boy, he often transmitted to Sammler in warm weather (perhaps Sammler's nose was hypersensitive) a slightly unclean odor from the rear. The merest hint of fecal carelessness. This did not offend his great-uncle. It was simply observed, by a peculiarly delicate recording system. Actually, Sammler rather sympathized with the young man.[81]

A caracterização do Judeu como *unclean* é recorrente, mesmo já na década de oitenta, nomeadamente em *Coming From Behind*, de Howard Jakobson, em que o narrador transmite a mesma ideia, desta vez a partir do ponto de vista do próprio Judeu - Sefton Goldberg; mais gravoso, ainda, para a construção da imagem da diferença étnica em questão é o facto de, em casos como este, a ideia da sujidade do Judeu transbordar da materialidade física para o pensamento e a alma:

> He was used to gentiles making him uncomfortable. One way or another they all did. At school they had made him feel over-developed, furtive and hairy. Wandering about the school yard, his head teeming with thoughts of patricide and incest, and watching the Ormerod twins exchanging marbles with the Haydock brothers . . . their short trousers hitched in hardy healthy Protestant fashion high up their blameless thighs, Sefton felt that from his own body, notwithstanding the concealment of his heavier jacket and longer trousers, things were visibly sprouting and multiplying and dropping, moment by moment. Fresh breezes winnowed the innocent down on Alan Ormerod's exposed limbs and fanned Derek Haydock's secret place cool; but Sefton Goldberg burned like a forest fire and sweated like a jungle . . . The wax in his ears melted and popped. At a rate that would have shamed Mr Hide black hairs sprung from his nostrils and his knuckles and his wrists. His moustache and sideburns he could hear grow. And all day long a fine hot trickle of perspiration traced the length of his spine and glued his shirt to his back. In the state he was in, he was well aware, loved by his family though he might be, even incest would be hard to come by.[82]

Em *Coming From Behind,* a imagem do judeu associa às características negativas patentes no extracto citado a fragilidade e falta de aptidão e força física, que surge como via de explicação para a perversidade

que é atribuída ao pensamento, aos antagonismos (todos mentais) entre os intervenientes:

> Football [belonged exclusively to the gentiles]. And he was not merely thinking of the obvious ways in which the game was not Jewish: that it owed its origins to a working class culture that was shaped when the Jews were elsewhere: that it was played on Saturdays - the day of rest; that it was a violent game, demanding of its players sinew and brawn, whereas Jewish men had soft skin and bruised easily. This last was no small consideration. The whole art of existence, for many a Jew of Sefton's acquaintance, was to avoid sedulously, in one lifetime, the brutality of conflict and collision that the average footballer enjoyed in an hour and a half. Sefton was able to recall with some fondness the fights that never quite broke out between Jewish boys at school. They swore and gesticulated at one another; they mocked one another's disabilities and betrayed one another's confidences; they destroyed one another's families with calumny and vilification; satirized one another's girlfriends, blighted one another's hopes, desecrated one another's dreams. But they never raised a mark on one another's skin. Christian boys left their fathers' bankruptcy and their sisters' pregnancy out of it and got on with the business of nutting and butting and kneeing one another until one of them dropped.[83]

A este tipo de caracterização negativa do Judeu associa-se desde cedo, no romance académico, a ideia da sua superioridade intelectual, mas mesmo este aspecto, a tomarmos como indicador o modo como é abordado por Thomas Wolfe, em 1935, em *Of Time And The River*, pode ter começado por ser visto do pior prisma possível. John O. Lyons parafraseia a abordagem do judeu Abe Jones, em *Of Time And The River*, que é feita do ponto de vista do docente Eugene Gant:

> Eugene's interest comes to center on Abe Jones, a wizened Jewish boy who does the best work he receives, but seems to sit constantly in judgement upon him. Eugene has to force himself through Abe's papers, and then give him an "A" in full knowledge that Abe will complain because there is too little criticism, or the wrong kind, or even that he can't improve if he always gets "A's".[84]

E John O. Lyons cita: "[Abe Jones] waited there, grin, gray, unsmiling, tortured-looking behind an ominous wink of glasses, a picture of Yiddish melancholy and discontent, and as Eugene looked at him his heart went numb and dead; he hated the sight of him."[85]

Apesar da imagem negativa com que, dentro da ficção universitária, os judeus foram retratados, eles constituíram, conforme apontámos e brevemente documentámos atrás, a única diferença étnica presente, num grau significativo, ao ponto de vista da narração, no romance académico; a isso poderá mesmo dever-se o cariz algo judaico de *self-deprecation* com que frequentemente são construídas as imagens de Professor/*Scholar* neste subgénero.

Perguntámo-nos como é que uma forma de alteridade olhada de modo tão negativo quanto se evidenciou nos extractos citados, terá passado a coincidir em tão larga medida com o ponto de vista na narração: como é que, na Universidade, esta forma de *Outro* se terá transformado no *Nós* do romance académico? E afigurou-se-nos que tal se deveu, ao longo dos anos, a uma progressiva colagem dos valores judaicos aos valores do Sonho Americano. Esta identificação gradual dos Judeus, em princípio uma minoria discriminada com a violência que expusemos, com o sucesso em formato americano e, por extensão, em formato ocidental, justifica uma retrospectiva sobre aspectos da sua chegada, e da sua presença nos Estados Unidos, aspectos que lançam luz sobre possíveis razões da

crescente identificação da sua cultura com os valores da cultura americana. Essa identificação poder-lhes-á ter proporcionado, na segunda metade do século XX, entre outras vantagens, uma relação privilegiada com a Universidade, relação de que resultaram traços que moldaram em grau considerável o romance académico da fase moderna.

Um dos lugares-comuns associados à ideia do Judeu, nomeadamente do Judeu americano, é o de afluência financeira. De facto, a riqueza material veio, em parte, com os Judeus para a América, mas foi também criada pelos Judeus na América. Existem referências a riqueza pertencente aos primeiros Judeus nos Estados Unidos, mas existem igualmente referências à existência, nessa comunidade, de pobres em número que se depreende fosse suficiente para poder preocupar as instituições.

Os primeiros vinte e três refugiados vindos do Brasil que, em 7 de Setembro de 1654, chegaram à cidade que então se chamava New Amsterdam, iniciaram, pode considerar-se, a comunidade judaica nos Estados Unidos. Eram Judeus Sefarditas que tinham fugido aos rigores da Inquisição em Espanha e Portugal, e procurado acolhimento no Brasil, em cuja cidade de Recife tinham podido gozar de considerável liberdade religiosa sob o domínio dos holandeses, entre 1631 e 1654. Quando, em 1654, Portugal recuperou o domínio do Brasil, os Judeus e os Marranos aí residentes viram-se de novo sujeitos às perseguições que a Inquisição portuguesa lhes passou a mover com redobrada brutalidade. Sendo New Amsterdam, como era em 1654, colónia holandesa, os vinte e três Judeus foram procurar abrigo nela, com a esperança de reencontrarem a paz de espírito e a liberdade para comerciarem e praticarem a sua religião. Não foram, no entanto, acolhidos sem reservas, como teriam suposto. Peter Stuyvesant, então governador da colónia de New Amsterdam, que pertencia à Dutch West Indian Company, terá escrito aos gestores da mesma insistindo junto deles para que lhe desse autorização para expulsar os

Judeus. Do seguinte texto, que contém a resposta dos gestores da Dutch West Indian Company a Peter Stuyvesant, se pode facilmente concluir, primeiro, que, no que se refere à comunidade judaica nos Estados Unidos, existe, de facto, uma tradição de posse de riqueza *ab initio*; segundo, que essa posse de riqueza estaria longe de ser extensiva a todos os membros da comunidade:

> We would have liked to effectuate and fulfill your wishes and request that the new territories should no more be infected by people of the Jewish nation, for we foresee therefrom the same difficulties which you fear, but after having further weighed and considered the matter, we observe that this would be somewhat unreasonable and unfair, especially because of the considerable loss sustained by this nation, with others, in the taking of Brazil, as also because of the large amount of capital which they still have invested in the shares of this company. Therefore after many deliberations we have finally decided and resolved to apostille upon a certain petition by said Portuguese Jews that these people may travel and trade to and in New Netherland and live and remain there, provided the poor among them shall not become a burden to the company or to the community, but be supported by their own nation. You will govern yourself accordingly.[86]

A proporção entre Judeus pobres e Judeus ricos terá sofrido oscilações ao longo do tempo. A liberdade de praticar a sua religião foi primeiro concedida aos Judeus da América pelo Duque de York, em 1674, dez anos depois da recuperação de New Amsterdam/New York, pelos britânicos. De 1726 em diante, a sinagoga desta comunidade (Congregation Shearith Israel") funcionou, não só como casa de oração, mas como a principal instituição dos Judeus, a partir da qual se iam solucionando os problemas de ordem prática que surgiam na comunidade. Este aspecto, aliado ao facto de esta e as outras comunidades de Judeus Sefarditas que

foram surgindo (em Newport, em Charleston, em Philadelphia e em Savannah), até bem dentro do século XIX, não terem tido Rabis ordenados, poderá ter sido, no caso dos Estados Unidos, um dos factores conducentes ao tradicional esbatimento da fronteira entre o secular e o religioso na comunidade judaica, esbatimento que imprime uma marca peculiar à relação do Judeu com a política, com o sucesso material e com a cultura.

Novas vagas de imigração de Judeus foram chegando aos Estados Unidos, com predominância, de 1760 em diante, dos *Ashkenazim*, da Inglaterra, Alemanha e Polónia, acabando por ser os provenientes da Europa de Leste os que mais serviriam de cunho à imagem do Judeu americano. Em 1927 oitenta por cento dos Judeus americanos eram dessa origem; tendo chegado aos Estados Unidos numa época em se efectuava a transição da sociedade rural para a sociedade urbana, foram eles que se radicaram em grandes concentrações junto às maiores cidades, assim contribuindo, para a imagem do judeu americano, com a marca da vida citadina que lhe ficou tão fortemente associada. Estes eram, maioritariamente, Judeus pobres, dependentes, no princípio, dos fundos para o auxílio aos imigrantes e da ajuda de parentes e amigos já estabelecidos. Só a segunda geração deles já pôde contar com alguma segurança económica, e acabou de deixar o *ghetto* para se instalar nos subúrbios da *middle-class*, passando assim à integração, que foi bastante rápida. Segundo Chaim I. Waxman, os primeiros a deixar o *ghetto* foram os *al-rightnick* - epíteto com que foram apelidados os mais dispostos a sacrificar as tradições judaicas ao sucesso financeiro, passando a trabalhar ao sábado, por exemplo. E foi a partir daí que os grupos de Judeus divergiram para a reforma, ou para o judaísmo conservador.

A respeito da integração dos Judeus nos Estados Unidos, Stanley Cohen e Loreman Ratner observam o facto curioso de, de entre os vários grupos étnicos de imigrantes, terem sido exactamente os filhos dos Judeus

da Europa de Leste os que primeiro transitaram das ocupações dos seus pais para profissões de estatuto social superior[87] - na Educação, na Medicina, na Comunicação, nas Artes. Noutros grupos étnicos o nível de vida tendia também a subir de uma geração para a geração seguinte, mas os ofícios tendiam a manter-se sensivelmente os mesmos.

Podemos perguntar-nos o porquê de tal evolução, e a relação que poderá existir entre ela e a ideia, bastante generalizada, da superioridade intelectual dos Judeus. Há indicadores de que esta ideia circule também entre os indivíduos de tal etnicidade: Zeév Chafets, em *Members Of The Tribe: On The Road To Jewish America*, faz referência a um homem, filho de mãe gentia e pai judeu, que pretendia educar os filhos como Judeus, muito embora a comunidade a que pertencia, como um grande número de outras comunidades judaicas no Sul dos Estados Unidos, estivesse a desaparecer. Interrogado sobre a razão de tal escolha, o homem lembra ao autor os nomes dos campeões de xadrez do mundo - Fisher, Spassky, Kasparov (cujo nome real seria Weinstein), Mikhail Tal, todos Judeus; e comenta: "What it tells you is that Jews are naturally smart. That's our heritage, and I intend to pass it along to my children"[88].

Além da hipótese da alegada superioridade intelectual, outras hipóteses de explicação para a rápida subida de nível de vida e de estatuto social dos Judeus nos Estados Unidos se afiguram possíveis, de entre as quais destacamos a semelhança entre os valores por que se regula a sociedade americana e os valores tradicionais da sociedade judaica, e também o condicionamento psicológico para a posse de bens transportáveis inerente à condição, por tanto tempo errante, do Judeu. A cultura judaica e a americana tomam ambas como fundamental a capacidade de sobrevivência dos indivíduos em circunstâncias adversas e, tanto no caso dos primeiros Judeus nos Estados Unidos, como no caso dos Puritanos, essas circunstâncias adversas tiveram de ser enfrentadas pela necessidade

de fugir a perseguições políticas e religiosas, e pelo desejo de liberdade: liberdade de cada um para praticar a sua religião e para procurar bem-estar para si e os seus, dedicando-se aos seus empreendimentos sem ser alvo de perseguições e restrições. Em ambos os casos o trabalho se organiza inicialmente em torno de uma família de pendor matriarcal: no caso dos primeiros colonos, trabalho orientado para a agricultura, no caso dos imigrantes judeus, trabalho mais orientado para o pequeno comércio, embora, muito ao contrário da imagem que se veio a cunhar do Judeu, tenha sido esporadicamente referida a existência de Judeus agricultores no início da emigração deles para os Estados Unidos.: Judeus Sefarditas que no século XVII: "began settling in southern seaport towns . . . gradually moved inland . . . some . . . became planters and farmers"[89].

Quer na agricultura, no comércio ou noutras actividades, o trabalhar duramente, o economizar e investir, o viver com sobriedade, foram valores comuns às duas culturas, que podem ter fomentado, apesar da discriminação, mais empatia para com as famílias de imigrantes judeus do que para com outros grupos étnicos de imigrantes. O holocausto de que os Judeus foram vítimas na Segunda Guerra Mundial, e a própria formação de Israel que, à semelhança do que aconteceu com os Estados Unidos, obrigou a um confronto com a Inglaterra, terão sido motivos geradores de solidariedade para com a causa dos Judeus, que os podem ter ajudado no seu progresso. O paralelismo entre valores culturais judaicos e americanos é tratado com alguma extensão por John Higham, que, por um lado, minimiza o mau acolhimento que Chaim I. Waxman refere ter sido dado em New Amsterdam, por Peter Stuyvesant, aos primeiros imigrantes judeus, considerando que estes não encontraram anti-semitismo à chegada, mas apenas, em relação ao direito de voto e ao direito de estabelecer certas trocas comerciais: "encountered certain restrictions [which] tended to wither away"[90]; por outro lado, põe ênfase no modo como os Judeus foram assimilados pela sociedade anglo-americana do século XVIII, e admite que

para essa assimilação contribuiu: "a general compatibility between Jewish and American values"[91]: um passado de traços comuns que nos dois casos tinha levado ao horror por, e rejeição de, modelos autocráticos representados pelo Papa, a Inquisição, as autoridades eclesiásticas da Idade Média - e, consequentemente, tinha conduzido à preferência pela natureza pluralista e democrática da sociedade americana. John Higham reconhece também que os Judeus têm tradicionalmente atribuído mais importância do que qualquer outro grupo étnico imigrado nos Estados Unidos aos: "materialistic, competitive values of business life that are so deeply engrained in American culture"[92].

Para a rápida subida de estatuto social dos Judeus pode também ter contribuído o facto de a sua condição historicamente errante os ter condicionado, ao longo de gerações, a munir-se de bens que pudessem transportar consigo para onde quer que fossem; estes bens, tanto de natureza material como de natureza espiritual, poderão ter dado, à partida, uma vantagem aos imigrantes judeus sobre os outros imigrantes, que chegavam praticamente de mãos vazias. Segundo o conteúdo da carta que os gestores da Dutch West Indian Company escreveram a Peter Stuyvesant, os Judeus tinham muito capital investido nas acções da companhia. Vistos os factos a certa luz, não é surpreendente que este grupo se não ligasse à terra e à agricultura, pois tendo sofrido vicissitudes e perseguições que os obrigaram a abandonar os territórios em que se estabeleciam, é compreensível que se tenha enraizado neles, de geração para geração, uma insegurança básica na sua relação com a terra e com a matéria concreta em geral; esta insegurança terá condicionado as suas escolhas no que respeita a profissões, e também, de um modo mais lato, a sua visão do mundo. As próprias superstições anti-semitas dos outros povos, nomeadamente a superstição de que a presença dos Judeus amaldiçoava a chuva e as colheitas, levam a admitir a hipótese de que, obrigados a afastarem-se, em termos laborais, das realidades concretas, os Judeus possam assim ter

desenvolvido muito mais do que é comum um tipo de raciocínio orientado para a procura de outras soluções que lhes garantissem a subsistência.

A predisposição para actividades que envolvam lidar com realidades concretas também existe entre os Judeus, mas tende a incidir principalmente em versões em que essas realidades sejam de valor considerável e fácil transporte: serão mais facilmente ourives ou relojoeiros do que marceneiros ou criadores de gado. Porém, acima de tudo, a sua predisposição orienta-se para lidar com riquezas abstractas, daí a acusação que, com alguma frequência, tem servido de base a atitudes de anti-semitismo, de serem os Judeus, apesar de todo o trabalho árduo que despendem, consumidores e não criadores de riqueza, *bankers, not farmers*:

> . . . they will not sit down and labor like other people - they create nothing and are mere consumers. They will not cultivate the earth, nor work at mechanical trades, preferring to live by their wit in dealing, and acting as if they had a home no where.[93]

Com esta última expressão o editor do *Niles Weekly Register* de 11 de Outubro de 1820 poderá ter tocado num ponto crucial: é bem possível que não cultivassem a terra pelo receio latente de não estarem, ainda, na sua casa; de não estarem, nunca, na sua casa. De qualquer forma, aos Judeus que, ao contrário do padrão mais comum, que descrevemos, sejam possuidores de muitas terras nos Estados Unidos, ainda, num grande número de casos, se aplicarão as palavras do sociólogo E. A. Ross: "In tilling the soil, in food growing, in extracting minerals, in building, construction and transportation they have little part. Sometimes they direct these operations, often they finance them, but even in direst poverty they contrive to avoid hard muscular labor"[94].

O trabalho dos Judeus desenvolve-se, então, tanto quanto possível, longe do sector primário, e desta relação pouco directa com a matéria poderão decorrer ilações que funcionem, a um nível mais profundo, colocando os Judeus numa posição privilegiada para lidar com as exigências do mundo actual, que, operando de modo cada vez mais distante das realidades primeiras da natureza, exige dos intervenientes cada vez maior capacidade de abstracção. Mesmo a elevada proporção de escritores (e actores) judeus pode prender-se com o facto de, tradicionalmente, terem sido as artes verbais e a música aquelas pelas quais o povo judeu se pôde expressar, já que as artes plásticas lhes surgiram, desde sempre, como problemáticas, por causa da proibição divina de criar imagens que pudessem, eventualmente, vir a ser adoradas. Também nesta área se faz sentir a relação de insegurança dos Judeus com a matéria, que tem muito em comum com a postura inadequada às realidades do mundo concreto frequentemente assumida pelos heróis, ou anti-heróis, do romance académico. No contexto que apontamos, essa insegurança é de uma origem diferente das de natureza prática que atrás referimos, mas conducente, como elas, a uma preferência dos Judeus por actividades intelectuais, ou actividades, pelo menos, de uma natureza tão abstracta quanto possível (como fazer dinheiro através de operações financeiras inteligentes, de preferência a fazê-lo dedicando-se ao cultivo da terra, ou à indústria). Nesta cultura a educação das crianças é mais orientada para o estudo, a leitura e a reflexão do que é costume entre os gentios, e desde cedo se evidenciam vertentes de aplicação da intelectualidade no dia a dia, nos negócios. A tradição de cultivar a intelectualidade terá feito parte da bagagem que os imigrantes judeus terão levado consigo para a América. É outro bem transportável que pode ter promovido o seu sucesso e facilitado às gerações posteriores a expansão dos pequenos negócios iniciados pelos pais, ou a ascensão a profissões liberais de estatuto social superior, nos domínios da Educação, da Comunicação Social, e sobretudo do Direito e da Medicina;

além disso, terão tido também a sua quota-parte no processo que moldou as instituições no novo continente, nomeadamente na formação do capitalismo de modelo americano.

Não obstante a longa tradição de cultivo da intelectualidade entre os Judeus, também há autores que defendem que a sua ascensão como grupo nos Estados Unidos foi muito mais rápida no aspecto da afluência financeira do que no campo da cultura. A imagem do Judeu que se formou depois da Guerra Civil era a de um novo rico:

> . . glittering with conspicuous and vulgar jewelry, lacking in table manners, attracting attention by clamorous behavior, and always forcing his way into society that was above him,[95]

Para além da realidade que possa ter dado origem a esta representação, haverá por detrás dela também o despeito dos que não tinham sido capazes de aproveitar a seu favor igualmente bem as circunstâncias da época. Outro despeito, mais colectivo, originou-se a partir da imagem que se associou aos Judeus, de representantes de um novo tempo que tinha vindo desmantelar a tradição agrária tão profundamente arreigada na América. A tradição agrária tinha transcendido os seus aspectos práticos para ganhar o cariz de uma corrente de pensamento social, tal como, por reacção à Revolução Industrial, acontecia em Inglaterra. O agrarianismo, que exaltava as tradições da vida rural inglesa, a permanência da *gentry* nas casas e *estates* que tinham pertencido às suas famílias, assim como, de um modo geral, todo o trabalho honesto e não especulativo, produtor de riqueza real, foi levado da Inglaterra para os Estados Unidos por autores como William Cobbett, que viveu imigrado em Filadélfia durante a última década do século XVIII. A partir de Filadélfia

lançou as publicações *The Porcupine's Gazette* e *Daily Advertiser*, pelas quais se veiculava a noção de serem os *bankers*, os *money-lenders*, os *stock-holders*, os *bond-holders*, os causadores de corrupção responsáveis pelos maiores males que afligiam o país. Esta corrente de opinião, que teve considerável audiência, atingia inevitavelmente os Judeus, *bankers* e *money-lenders* por excelência. Através dela veio à superfície da consciência pública a única área de conflito grave entre os valores americanos do tempo e os valores judeus, um choque cultural gerador de anti-semitismo que pode ter colocado entraves ocasionais ao progresso dos Judeus dentro da sociedade americana.

Esses entraves só podem, no entanto, ter sido temporários, porque a visão do mundo que havia de triunfar na sociedade americana em breve seria aquela que os Judeus já havia bastante tempo representavam. À medida que o capitalismo financeiro e industrial amadureceu, que mais americanos deixaram as actividades do sector primário, que os centros urbanos ganharam novo desenvolvimento, também os Judeus passaram a estar mais em sintonia do que a maior parte com as concepções dos novos tempos - a ponto de se tornarem no protótipo do cidadão americano culto da grande urbe moderna, para o qual, dentro dos Estados Unidos, não havia ainda verdadeiros modelos dentro da cultura *WASP*. Apropriadamente, Leslie A. Fiedler, em *Waiting For The End* (1964), considera: ". . . in their very alienation the Jews were always mythically twentieth-century Americans - long before the twentieth-century and even, perhaps, America itself had been reached."[96]

"Americans still have little love for their cities, but no longer regard them as un-American"[97], comenta John Higham. E no tipo do habitante culto da moderna cidade americana várias componentes confluem, que se podem ver como entroncando na experiência judaica: o narcisismo, a tendência para a diletância política e intelectual, com a decorrente contestação das

instituições, a introversão e auto-análise crítica, alguma angústia metafísica - tudo elementos comuns à postura habitual do narrador do romance académico na segunda metade do século XX. De facto, a tensão que resulta da luta constante que se trava entre tais componentes e o interesse sempre presente (muito judeu e muito americano) pelo sucesso pessoal na aquisição de bens materiais tem, nas últimas décadas sido também explorada pela mente e pela imaginação judaicas para o seu próprio benefício, nomeadamente através da literatura, do cinema, da televisão.

Mesmo em tempos em que os Judeus americanos foram vítimas de discriminação racial, como durante a Grande Depressão, em que os *colleges*, e sobretudo as escolas privadas, não contratavam docentes judeus, admitiu-se que, pela força do seu mérito pessoal, muitos Judeus conseguiram *white-collar jobs* em situações em que essa discriminação não podia ser posta em prática: "The spread of a civil service system based on competitive examinations enabled bright young second-generation Jews to get municipal federal jobs . . . Throughout the interwar period Jews continued to gain under the merit system"[98].

Deve considerar-se a possibilidade de que, em conjunção com o mérito atrás documentado, a recusa emocional e intelectual, por parte dos Judeus americanos, do preconceito anti-semita de que eram vítimas, se tenha alargado a uma recusa da atitude autoritária que existe na base de qualquer preconceito. De facto, detecta-se na actuação da mente judaica, nos Estados Unidos, uma constante subversão de todo e qualquer modelo autocrático, que faz com que a sua atitude mental em relação às instituições seja de dissidência, mesmo quando, como actualmente, são os próprios Judeus que em largos números integram tais instituições, como acontece no caso da Universidade.

O facto de a dissidência e a contestação terem, por um conjunto complexo de circunstâncias de que constituíram elementos-chave o Macartismo e o movimento *Beat*, entrado em voga na cultura americana, sobretudo a partir dos anos sessenta, só poderá ter, por um lado, influenciado mais o Judeu americano nessa direcção; por outro lado, criado mais uma vez uma harmonia entre a cosmovisão judaica e a cosmovisão da sociedade americana jovem; dessa harmonia terão os escritores, actores, cineastas e músicos judeus tirado partido, pois se é verdade que a irreverência e a contestação dos comportamentos instituídos tem sido uma forte marca da cultura americana na segunda metade do século XX, não é menos verdade que foi em obras de Judeus que esse conjunto de atitudes encontrou modos de expressão privilegiados com largas audiências. Em meados dos anos sessenta, Leslie A. Fiedler, invocando nomes como Saul Bellow, Bernard Malamud, Arthur Miller, Salinger, Norman Mailer, já tinha formulado a opinião de que tinha sido o escritor e/ou argumentista de origem judaica a dar expressão ao medo, à solidão e à angústia existencial inerentes aos novos modelos de vida urbana na América, e a recriá-los para consumo do grande público, auferindo os respectivos lucros: conforme o nome deixa transparecer, a própria Metro Goldwin Meyer tem ligações óbvias com capital judeu, o que é mais um indicador de como a criatividade deste grupo tem sido acompanhada de sucesso financeiro.

À presença constante do sucesso no mundo material como objectivo que, explícita ou implicitamente, norteia os esforços despendidos pelos Judeus, não será alheia a interpenetração entre o material e o espiritual, o secular e o religioso, que existe desde o princípio em ambas as culturas, a judaica e a americana. Pode, de facto, estabelecer-se um paralelo entre a ideia, típica dos Puritanos, de que Deus ajuda materialmente os que estão na Sua Graça, e a concepção dos Judeus de serem o povo eleito, a quem Deus ajudará material e espiritualmente, e cujos inimigos serão *confundidos*. A competitividade implícita nestas concepções não terá deixado, num e

noutro caso, de estender a sua influência ao lado material da existência quotidiana: é, pois, importante ser bem sucedido do ponto de vista financeiro - e os Judeus do presente tendem a sê-lo, bastando, para o verificar, visitar cidades como Providence, R.I., em que as escolas consideradas melhores são as que pertencem ao Jewish Center, e em que as melhores áreas residenciais são habitadas quase exclusivamente por Judeus, transformadas, por estranha que a expressão possa parecer, numa espécie de *ghettos* ao contrário.

Se se tiver em conta a presença, nos Estados Unidos, dos poderosos *lobbies* judeus que influenciam a política interna do país, e também a política externa, em relação a Israel, poder-se-á concluir que os Judeus estão, não só integrados, mas até frequentemente em posições de destaque no que respeita à cultura do *Establishment*. E estão-no, também, na cultura que põe em causa esse mesmo *Establishment*. A diletância do intelectual judeu teve um contributo importante na formação da própria cultura *Beat*. Como Leslie A. Fiedler afirma em 1964: "Under the aegis of such publishers as Grove Press, and in such magazines as *Big Table*, and the *Evergreen Review*, the Jewish offspring of Twenties schoolmasters and Thirties Communists have oddly banded together with Gentile ex-athletes and junkies to make the movement called 'beat' . . . "[99]. E o movimento *Beat* informou de perto os moldes do romance académico na segunda metade do século XX, subgénero que, como começámos por referir na primeira página deste estudo, se afirmou, em certa medida, à revelia do próprio *Establishment* académico que lhe esteve na base. A ligação entre a rebeldia em relação ao *Establishment* académico e a produção literária judaica no mesmo período é evidente:

> To some . . . Jewish writers [of the Sixties] the effort simultaneously to explore a vestigial Jewishness (never quite understood) and to satirize the American-Jewish

> Establishment (pitifully easy to understand) seems itself an outworn convention, conformism once removed. Such writers are driven, in their attempt to preserve what seems to them the essential Jewish tradition of dissent, to attack the academy . . . Such an attack on school and professors inevitably becomes an attack on the kind of literature and criticism which such schools and professors foster, and then an attack on literature and criticism themselves - finally an onslaught against and a rejection of intelligence: the very quality for which, in the deepest American imagination, the Jew has traditionally stood.[100]

No entanto, de acordo com a observação do mesmo autor, referindo-se, em 1964, aos Judeus que integraram o movimento *Beat* e contestaram a cultura académica: "with maturity (i.e., marriage or a graduate fellowship), they are likely to shave off their beards and settle down to doctoral dissertations or new publishing ventures"[101]. O cômputo geral desta situação, à distância de algumas décadas, revela que não se tratou de rejeição da inteligência como valor, mas de uma rejeição do saber livresco e da ortodoxia académica. Foi essa dissidência dos meios académicos tradicionais que orientou a produção literária e cultural dos Judeus para novas abordagens e novos meios de expressão, que lhes granjearam muito maiores audiências, e, com elas, incalculáveis proventos financeiros. Sendo o factor financeiro um dos que condiciona fortemente a ascensão de classe e o acesso à *Mainstream*, a contestação do *Establishment* por parte dos Judeus tem um efeito paradoxal no seu progresso como grupo. A partir dos anos sessenta, os Judeus, infiltrados nos meios de produção cultural e de comunicação social, tornaram-se veiculadores privilegiados da atitude generalizada de contestação e dissidência dos valores estabelecidos que então entrou em voga; no processo, ganharam reputação e poderia económico que os ajudaram, de facto, a integrar-se ainda mais fortemente no sistema que contestavam. Passaram os anos sessenta, mas as mesmas duas vertentes subsistem na comunidade judaico-americana: por um lado, a

da contestação do sistema, reflexão e procura de sentido para a vida individual e colectiva; por outro lado, a tendência para ser bem sucedido dentro do sistema, mantendo uma distanciação algo céptica em relação ao paradoxo envolvido. Ambas as vertentes subsistem, porque ambas são igualmente genuínas: tanto a tradição de dissidência como a de adaptação inteligente ao meio entroncam de modo igualmente firme na tradição judaica, e têm sido ambas factores de sucesso.

No romance académico, as representações ocasionais de Judeus trazem a marca da atitude geral de dissidência. Em *Stepping Westward*, Walker fica a saber que, além dele, só os liberais de Nova Iorque que iam ensinar para Benedict Aornold se recusavam a cumprir o pró-forma de assinar o juramento de lealdade ao governo dos Estados Unidos; e que estes liberais vindos de Nova Iorque eram Judeus fica sugerido pela referência às "bagel shops":

> "What happens to them?"
> "Well, we can't appoint' em. Have to ask them to go home. Most of' em don't like it here anyway. Miss the bagel shops, I guess"[102]

As representações esporádicas de Judeus, nos casos em que a pertença ao grupo étnico é referida, continuaram a trazer, com alguma frequência, marcas negativas: Levin, em *A New Life* (1961), de Bernard Malamud, é um alcoólico infeliz, em recuperação, embora esta caracterização se dilua, dado que só no fim da narrativa é chamada a atenção do leitor para o facto de ele ser judeu. Em *Stepping Westward* (1965), a dissidência judaica junta-se à agressividade feminista para ser desagradavelmente conotada; num autocarro: "A fat Jewish woman stepped on [Walker's] foot. He got up and offered his seat. 'Cut it out,' said the

Jewish woman."[103] E muito mais recentemente, em *Small World* (1984) de David Lodge, faz-se referência, num congresso, aos *Scholars* de Israel que estavam desejosos de se poderem atacar uns aos outros em frente de uma distinta audiência internacional. Este tipo de referências surge, quando, como referimos, há demarcação étnica explícita, mas não podemos esquecer que, num grande número de casos, o próprio ponto de vista da narração já vem eivado da cultura judaica, ou judaico-americana.

No romance académico é a cultura judaica que informa a solução de compromisso entre idealismo e pragmatismo, com a queda numa cosmovisão radicalmente relativista, que, na Parte I deste estudo, considerámos os vectores que mais fortemente definem a atitude da Universidade, e, a partir dela, a postura ideológica neste subgénero. É esse sentido do valor apenas relativo de todas as opções que contribui para a visão desprendida do narrador académico típico e, na óptica judaica, para um sentimento de culpa pela falta de genuinidade das convicções pessoais, sempre sujeitas ao compromisso possível. Segundo Leslie A. Fiedler, para Hemingway, os Judeus apresentavam-se como: "embodiments of the fake artist, the fake lover, the fake outsider"[104] Como se dá a saber em *Efeitos Secundários*, do escritor e cineasta judeu Woody Allen: "Cloquet odiava a realidade, mas admitia que era o único lugar possível para se comer um bife"[105].

A própria tendência, que documentámos como recorrente no romance académico, de associar o Judeu, mesmo aos seus próprios olhos, à ideia de *unclean*, poderá prender-se com a má consciência, o sentimento de culpa bem judaico, sobre a queda do estado de Graça decorrente, não só do pacto que o intelectual judeu se vê obrigado a estabelecer com as exigências (ao olhar idealista, por vezes sórdidas), da sobrevivência no mundo concreto, na política, na economia, mas também da lucidez auto-analítica e auto-punitiva com que esse processo é olhado e interiorizado. A considerável área de

coincidência entre a postura do intelectual judeu e a postura do narrador típico do romance académico evidencia-se em todos estes aspectos. A colagem frequente entre estas duas realidades é outro sintoma do valor do subgénero do romance académico em análise cultural, pois mais não faz do que reflectir, dentro dele, a evidência que Leslie A. Fiedler detectou, desde os meados dos anos sessenta, de uma progressiva americanização dos Judeus, e judaízação da cultura.

O tratamento relativamente extenso que demos à presença da diferença étnica dos Judeus na sociedade americana, na Universidade e no romance académico revelou-se-nos imprescindível, pela centralidade desta diferença na cultura americana actual, e, paralelamente, pela frequente colagem das características desta etnicidade ao ponto de vista da narração, nas obras que constituem o subgénero literário que nos ocupa. Como já atrás afirmámos, esta centralidade é um caso único no romance académico, em que à questão das diferenças étnicas costuma atribuir-se um estatuto não mais do que periférico.

Pela contiguidade que apresenta com a etnicidade dos Judeus, justifica-se que passemos a referir o tratamento dado, no romance académico, à figura do Professor/*Scholar* russo, ou à generalidade das personagens que se apresentam como originárias da Europa Central e Europa de Leste. Frequentemente elas surgem como projecções de possíveis Judeus em que a questão da etnicidade ficou omissa, passando para primeiro plano a questão da nacionalidade, ou do difuso enquadramento político que as envolveu no país de origem, e que condiciona a sua actuação no país de acolhimento: os Estados Unidos, ou, mais raramente, a Inglaterra.

Dentro do *corpus* que seleccionámos, uma figura emblemática do emigrado russo é Jochum, em *Stepping Westward*. A construção deste tipo

de personagem não é, no romance académico, propriamente original: Em *Pnin*, publicado em 1957, Vladimir Nabokov já glosara a personagem do Professor de russo emigrado para os Estados Unidos; segundo John O. Lyons:

> Pnin's history is star-crossed with revolution, expatriation, an unfortunate marriage, loneliness, and bad teeth. He appears to his American colleagues and his students as absent-minded, but his apparent forgetfulness is the result of an overeager desire to absorb the minutest detail of his new environment. He eagerly takes to American culture . . . We are led to respect Pnin for he is no mere drillmaster, but a scholar who can settle an argument about the exact date on which Anna Karenina begins and also has a curious theory that Tolstoy's handling of time in the novel illustrates the theory of relativity. Because of Pnin's academic obscurity his serious research is lent dignity . . . In the hands of most novelists such endeavors are shown to be thoroughly ridiculous. But Pnin's are pathetic, because unknown to him the academic opportunists are conspiring to terminate his appointment.[106]

Os pontos de contacto entre a caracterização de Pnin e a caracterização de Jochum levam-nos facilmente a agrupá-las ambas naquilo que a personagem Bob Naughty, em *Stepping Westward,* considera: "a bunch of refugees from Hitler and Stalin who are so anti-communist they want to pass an ordinance against wearing red underwear"[107].

Ambos subscrevem os valores e o credo político dos Estados Unidos de modo mais apaixonado e intransigente do que os próprios americanos. De Pnin, como já foi citado, se diz que: "He eagerly takes to American culture . . ."; e Jochum, descrito como: "an old campaigner for loyalty"[108], diz de si mesmo: "I am a loyalist. This is the only country , the only town, I

have. I love it much more than the citizens. I only see its virtues"[109]. Em comum com Pnin, Jochum tem também a solidão e a tristeza que resultam da combinação entre a condição de emigrado e a capacidade de reflexão para a equacionar. Julie Snowflake observa: "I like him. Because he's so sad. Like all the emigrés. All those restless people who drift around from place to place looking for Europe in America"[110]. Também a James Walker Jochum surgiu, no primeiro encontro, como: "one of those wise, heavy, experienced faces that Europe has been always so good at producing: sad faces that make all Englishmen look untutored"[111].

No que respeita a estas personagens, a longa experiência (possivelmente, por vezes, sinistra) que se pressupõe trazerem de um tempo anterior ao tempo da narrativa, confere às suas vozes a distanciação filosófica com que vão pontuando, com as suas reflexões, os eventos e atitudes na ficção. Assim, em *Stepping Westward*, é pela voz de Jochum, alheio, originalmente, tanto à cultura inglesa como à americana, que surgem teorias explicativas das razões pelas quais: "Americans believe in progress and . . . English believe in things as they are"[112]; e é também pela voz de Jochum que se equaciona a fragmentação e a perda geral de valores trazida pelo pós-modernismo. A voz destas personagens é a voz mais profunda da consciência, ou das várias consciências em interacção, e possivelmente pela impossibilidade de compatibilizar entre si os conflitos em jogo, estas figuras se prestam à solução narrativa de terem de abandonar os seus postos na Universidade: no que respeita a Pnin e a Jochum, em obras diferentes, é esse o desfecho de ambas as suas histórias. Há na construção destas figuras, por um lado, um sentido de inadequação aos tempos e lugares em que vivem, mas por outro, também um sentido de superioridade moral ou filosófica, que faz com que sejam poupadas à atitude, generalizada no romance académico, de fazer resultar efeitos de comédia dos choques culturais inerentes às diferenças étnicas. Como Brian A, Connery observa em "Inside Jokes: Familiarity And Contempt In Academic Satire":

> Malcolm Bradbury's academic novels frequently achieve . . . defamiliarization through the speeches of the outsiders: Holocaust survivors like Dr. Jochum in *Stepping Westward* and Dr. Zachary in *The History Man* or Eastern European refugees from totalitarianism like Tanya In *The History Man*. Their voices, in moments of piercing clarity, freeze the comic action and satirize it by informing it with painful experience.[113]

Com as personagens da Europa Central e da Europa de Leste, os Orientais - chineses, japoneses, coreanos, *Indians* (que, em Inglaterra, são os indianos, e nos Estados Unidos podem abranger, de modo não demarcado, os *Native Americans*) - têm em comum o facto de serem tratados no romance académico, não como membros de um grupo, mas como casos individuais. Este aspecto é sobremaneira curioso, dado o facto de eles terem ingressado nos Estados Unidos, na Inglaterra, e nas Universidades destes países, em grandes números. Conforme Pico Iyer faz notar:

> Many of Rushdie's readers in Vancouver, Los Angeles and Liverpool are probably Indians . . . Many of his other fans are foreigners who have experienced India at first or second hand, and hardly need a glossary to explain Karma or tandoori[114] . . . there are already seemingly more Indian speakers of English than British ones.[115]

Nos Estados Unidos, pelos finais do século XIX, a imigração de Chineses tinha ascendido a números que levaram à promulgação do Chinese Exclusion Act, em 1882, para colocar entraves à entrada no país de mais imigrantes com esta origem. No entanto, apesar da sua grandeza em

termos numéricos, a forma como a diferença étnica dos Orientais é abordada no romance académico leva a crer que, na Universidade, eles não sejam apercebidos como um grupo, ou como membros de um grupo, mas mais como casos individualizados: este aspecto sugere que diluam a sua caracterização própria com alguma facilidade no ambiente. As possíveis razões para a inexistência, pelo menos aparente, de um elo de coesão interna, ou de caracterização comum, que tenda a demarcá-los, em conjunto, dos Brancos Anglo-Saxónicos, serão diversas em natureza; algumas, mais enraizadas no passado, são sugeridas pela apreciação que Mark Twain faz dos chineses em 1872, em *Roughing It* - dez anos antes da promulgação do Chinese Exclusion Act:

> Of course there was a large Chinese population in Virginia . . . They are a harmless race when white men either let the alone or treat them no worse than dogs; in fact they are almost entirely harmless anyhow, for they seldom think of resenting the vilest insults or the cruelest injuries. They are quiet, peaceable, tractable, free from drunkenness, and they are as industrious as the day is long. A disorderly Chinaman is rare, and a lazy one does not exist. So long as a Chinaman has strength to use his hands he needs no support from anybody . . . He is a great convenience to everybody . . . [116]

Para além das óbvias generalizações contidas no extracto de *Roughing It* que citámos, encontramos nele a predominância de determinadas atitudes e traços de carácter que poderiam contribuir para a relativa invisibilidade deste grupo étnico. Sobretudo no caso dos Indianos, a invisibilidade dos Orientais, no entanto, nunca foi tão absoluta que de todo em todo os subtraísse à tendência, no romance académico, para se explorar, com intuito humorístico, a presença de outras etnias e culturas.

De facto, é isso que acontece em *Stepping Westward* (1965), em que, falando um Inglês ao mesmo tempo pomposo e de pronúncia distorcida, se apresenta à hora do jantar, aos convivas a bordo do navio que leva Walker para os Estados Unidos: "a small round Indian"[117], a quem, ao longo do diálogo que então se estabelece, nunca chega a ser atribuído um nome. Trata-se de uma personagem infantilizada: ". . . already I am excited. I am looking at the menu for smoked salmon[118] . . . I am always delighted by games[119] . . . I suppose there will be many games at the Dance tonight . . . Also I am anticipating balloons"[120]. Em concordância com a caracterização de infantilidade, mente descaradamente: "I have been in a ship that turned itself over . . . I have been on an aeroplane that crashed and burned many people to death on the side of a mountain"[121]. Trata-se ainda de uma personagem tão desajustada do novo contexto em que se move, que debita como novidade informação que para os outros é um dado adquirido: "'I´m going to a university', said the Indian. 'It's a wery big university. It is called Harward'"[122]

A infantilidade e impreparação do *Indian* é posta a ridículo, mas deixa transparecer um entusiasmo que indica que ele está receptivo e empenhado em viver o Sonho Americano, enquanto as mentes europeias, mais sofisticadas, que o rodeiam, podem senti-lo como já ultrapassado.

De entre as obras que seleccionámos para o *corpus* só na mais recente, *A Tenured Professor* (1990), de John Kenneth Galbraith, encontramos indicação, com referência a um estudante chinês, de um percurso que modificou a visão do Oriental na Universidade, e do tipo de abordagem que, nos Estados Unidos, o conduz à realização do seu Sonho Americano de sucesso. Em Exeter, o novo companheiro de quarto de Montgomery Marvin, que, significativamente, vem substituir um anterior que era branco, e tinha tido um esgotamento e tentado suicidar-se, é descrito como:

> . . . an emotionally stable, exceptionally bright and diligent Chinese student, an aspiring entrepreneur, one of the first wave of an eventual flood from Taiwan. He questioned Marvin at length on his political orientation and commitment and made clear his regret that his own intended preoccupation with business would exclude such concerns.[123]

Os traços distintivos com que é individualizada a figura do Oriental neste exemplo de ficção universitária, de 1990, vão ao encontro de uma situação que Maria Laura Bettencourt Pires refere, em relação à sociedade americana do presente:

> . . . entre os imigrantes asiáticos, cita-se o caso dos Chineses e dos Japoneses, cujo alto coeficiente de inteligência . . . os destaca em todas as áreas e lhes permite serem considerados como trabalhadores altamente especializados. Permite-lhes, igualmente, ocuparem cargos de chefia em universidades e centros de investigação, em detrimento de candidatos nacionais, auferindo, em muitos casos, salários superiores aos dos Americanos de origem anglo-saxónica.[124]

Se o paralelismo que se observa entre a tendência para a ascensão dos Orientais (especialmente Chineses, Japoneses e Coreanos), anunciada no romance académico e verificada na realidade social, tem algum valor antecipatório, será credível que, nos Estados Unidos, o percurso desta diferença étnica venha a completar-se ao ponto de, tal como aconteceu antes com os Judeus, passarem, a curto ou médio prazo, a ser as suas

vozes e as suas perspectivas que ouvimos, e que tomamos como americanas.

Uma diferença de ainda menor visibilidade do que a dos Judeus e a dos Orientais é a dos Irlandeses católicos, cujo tratamento é mais incisivo na obra de David Lodge e no enquadramento cultural inglês do que no contexto americano, em que estiveram presentes desde tão cedo que depressa começaram a integrar-se na *Mainstream*. A demarcação que, apesar de tudo, se chegou a registar entre eles e a *Mainstream*, não sendo, naturalmente, de raça, foi decerto motivada por diferenças culturais, de religião e de classe socioeconómica: os irlandeses católicos são desde sempre associados, no romance académico, à falta de poder económico, ou mesmo à pobreza. De facto, um dos primeiros romances académicos a tratar o tema da discriminação na Universidade, *The World And Thomas Kelly*, de Arthur Train, publicado em 1917, relata as provações passadas por um rapaz de Boston, de origem irlandesa, na Universidade de Harvard, no último quartel do século XIX. Segundo John O. Lyons, o protagonista irlandês é excluido: "because of his name and because he is poor"[125].

Também no universo cultural britânico o ser-se de origem irlandesa e/ou católico se encontra associado à falta de afluência financeira, como verificamos invariavelmente nas obras de David Lodge, autor que se radica nessa herança cultural. É católico, e pobre, Adam Appleby, o protagonista de *The British Museum Is Falling Down* (1965), em que as dificuldades financeiras das famílias com este credo religioso são atribuídas à obediência à proibição do Vaticano de controlar artificialmente o número de nascimentos. Numa idade muito jovem, o casal Adam e Barbara Appleby já tinha três filhos. Clare, Dominic e Edward, e os amigos previam que viessem a aumentar a família até percorrerem todas as restantes letras do alfabeto. Também é caracterizado como irlandês católico, com muitos filhos, o médico

Dr. O'Shea, em *Changing Places*; e também neste caso se mantêm os indicadores de falta de afluência financeira:

> O'Shea's suit was baggy and threadbare, his shirts were frayed, he drove a small car that had seen better days, he looked short of sleep, money, pleasures, everything except worries . . . Morris's possessions . . . seemed to throw [Dr. O'Shea] into fits of envious awe, as if his eyes had never beheld such opulence. He examined Morris's Japanese cassette recorder with the half-fearful, half-covetous curiosity of a nineteenth-century savage handling a missionary's tinder-box; he seemed astounded that a man might own so many shirts that he could send them to the laundry half-a-dozen at a time; and invited to fix himself a drink, he was almost (but not quite) incapable of making a choice from three varieties of whisky, groaning and muttering under his breath as he handled the bottles and read the labels, 'Mother of God, what is it we have here, Old Grandad Genuine Kentucky Bourbon and here's the old josser himself looking non the worse for it, would you believe it . . . The installation of the colour TV had made Dr. O'Shea quite ill with excitement.[126]

Se, apesar desta admiração e avidez por bens materiais, a presença de irlandeses no romance académico não focou o seu rápido progresso para situações de melhor estatuto e conforto financeiro, isto pode dever-se a algumas características que distanciam o seu percurso, por exemplo, do percurso dos Judeus: enquanto o contributo dos Judeus acabou por ser a renovação das potencialidades do sistema (incluindo as potencialidades económicas) através de uma dissidência intelectual constante, mas criativa, existe, na caracterização das figuras de irlandeses, uma vertente idealista, de preocupação genuína com a ética, que faz com que o seu contributo, no romance académico e, possivelmente, na sociedade, seja o de introduzirem o hábito da casuística, com a preocupação constante de definir, em cada

momento e em cada conjunto de circunstâncias, o que é mal e o que é bem: preocupação pouco rentável, do ponto de vista financeiro, mas que poderá vir a ter uma função a desempenhar na reformulação do papel das Humanidades.

Muito ao contrário do que acontece com os irlandeses católicos, a preocupação com a moral e a casuística não é traço com que, no romance académico, seja caracterizada a diferença étnica dos Hispano-Americanos. No entanto, em literatura que poderíamos chamar anti-académica, de que tomamos como exemplo emblemático *On The Road* (1955), de Jack Kerouac (em que o auxílio financeiro da *G.I. Bill* é usado pelo protagonista, não para ir para a Universidade, mas para fugir dela, e correr a América), o México e os mexicanos são apresentados como detentores de uma pureza original, que nos centros de civilização branca já se perdeu; são assim descritos, na visão de Sal Paradise e de Dean Moriarty, ao percorrerem a estrada de Sabinas Hidalgo para Monterrey:

> . . . I'm so excited and sweetened in this morning world. We've finally got to heaven . . . Sal, I am digging the interiors of those homes as we pass them - these gone doorways and you look inside and see beds of straw and little brown kids sleeping and stirring to wake, their thoughts congealing from the empty mind of sleep, their selves rising, and the mothers cooking up breakfast in iron pots, and dig them shutters they have for windows and the old men, the *old men* are so grand and not bothered by anything. There's no *suspicion* here, nothing like that. Everybody's cool, everybody looks at you with such straight brown eyes and they don't say anything, just *look*, and in that look all of the human qualities are soft and subdued and still there . . . people here are straight and kind . . . I'm so amazed by this . . .[127]

Dez anos depois da publicação de *On The Road*, de Jack Kerouac, Malcolm Bradbury, no romance académico *Stepping Westward*, polariza a percepção dos mexicanos contrastando a visão da estudante americana Julie Snowflake com a do *Scholar* inglês James Walker. Na visão de James Walker, em Tijuana:

> . . . shops lined all the main-streets, and the Mexican vendors stood outside shouting at the car. When they stopped, small boys surrounded them. They had dark faces and implacable expressions, and they made [him] nervous. Mexico was conducive to insecurity altogether.[128]

É, no entanto, uma perspectivação mais positiva dos mexicanos, mais contígua à que é expressa em *On The Road*, a que transparece do diálogo com Julie Snowflake:

> Walker kicked a tuft of grass in the sidewalk and said, "Well, let's get out of this place."
>
> "Why?" asked Julie.
>
> "I don't like it. The whole sad place makes me uncomfortable. The way everyone stares; and all these people wanting to sell you things."
>
> "They're good direct people."
>
> "They're direct all right," said Walker. "They want my money and your body. They've got it all worked out."
>
> A sign outside an office said Wed And Divorce. "Simple and to the point, look," said Walker.
>
> . . . "You know", she said . . . "Mexico is a dreamland for lots of Americans. They come here for truth . . . "[129]

Embora divergentes entre si sobre os juízos de valor que fazem da verdade posta a descoberto, ambas as perspectivas expostas sobre os

mexicanos a partir do ponto de vista dos dois diferentes intervenientes universitários, constatam, nesta diferença étnica, uma relação não sofisticada, mas primitiva, com a vida, que os mantém em contacto com a verdade daquilo que são e daquilo que querem. Ambas as perspectivas expostas têm ainda outro ponto em comum: o de reportarem à realidade dos mexicanos, não, por exemplo, na Universidade, mas no seu próprio ambiente geográfico e humano.

Nos romances com que constituímos o *corpus* das Partes II e III as referências a mexicanos e outros Hispano-Americanos fora do seu ambiente geográfico e humano, além de serem raras e irrelevantes para o desenvolvimento da acção, imprimem a esta situação de diferença uma interpretação que, no cômputo geral, não é positiva. Em *Changing Places* (1975), de David Lodge, sob a forma de notícia publicada em *Plotinus Gazette*, surge a informação:

> The Plotinus Women's Liberation Movement hit the streets Saturday in its first public appearance, to celebrate International Women's Day. Among the banners they carried: . . . 'Free Child Care Centers 24 Hours a Day'. [This slogan] moved a Puerto Rican housewife to hold up the procession: where, please, could she find one of the Centers? The marchers explained regretfully that they didn't exist yet.[130]

Recorre, neste exemplo já de meados da década de setenta, a tendência para tirar partido do desfasamento cultural inerente à diferença étnica para fazer humor. No que respeita aos Hispano-Americanos, nomeadamente aos porto-riquenhos, este episódio, ainda que de modo benévolo, deixa sugestões latentes de serem eles de compreensão lenta e de não conseguirem controlar o número dos nascimentos. E, na ficção

académica, a imagem do Hispano-Americano, não tem sido abordada com frequência, profundidade e variedade de perspectivas suficiente para se alterar de modo significativo ao longo dos anos.

A constatação de que os mexicanos foram vistos de forma mais positiva no seu ambiente geográfico e humano do que na sua relação com a Universidade (e, de modo correspondente, de forma mais positiva no romance que considerámos por excelência anti-académico, *On The Road*, do que no romance académico), pode prender-se com o facto de os Hispano-Americanos terem acreditado menos do que outros grupos étnicos na via da educação como factor de mobilidade social positiva. A medida em que a lacuna relativa aos Hispano-Americanos, no romance académico, reflecte problemas respeitantes ao progresso deste grupo étnico na sociedade americana - e assim, mais uma vez evidencia o valor, em análise cultural, do subgénero de que tratamos - fica bem patente nas palavras do Presidente Bill Clinton, em 1997, durante o discurso de que anteriormente citámos:

> In the current economic boom, only one racial or ethnic group in America has actually experienced a decline in income - Hispanic-Americans. One big reason is that Hispanic high-school drop-out rates are well above - indeed, far above - those of whites and blacks. Some of the drop-outs actually reflect a strong commitment to work. We admire the legendary willingness to take the hard job at long hours for low pay. In the old economy, that was a responsible thing to do. But in the new economy, where education is the key, responsibility means staying in school.[131]

Tal como as referências a Hispano-Americanos, também as referências a Negros, no romance académico, tendem a ter estatuto apenas

periférico. Em 1965, a visão do Negro, do modo que se apresenta em *Stepping Westward*, é ainda a do trabalhador não especializado, e displicente; pela voz do narrador, ao entrar no seu quarto, num hotel, James Walker observa: "A negro chambermaid listening to the radio in the bedside table got up from the armchair as he went in, and left without speaking"[132]. Ainda em *Stepping Westward*, a presença, no metropolitano, de: "a negro in a smart brown Madison suit"[133] parece ser reparo digno de menção, o que revela, subliminarmente, um nível baixo de expectativas sobre a raça negra, por parte do narrador.

Dez anos mais tarde, em *Changing Places*, de David Lodge, o tratamento dado à presença do Negro revela alguma evolução. Por um lado, os Negros passaram a fazer parte da idealização de uma fraternidade universal que se formou na década de sessenta; por outro, surgem, a espaços, na obra, indicadores da existência, entre eles, de uma corrente de contestação agressiva do sistema pelo qual são discriminados. Numa festa em casa do Professor Hogan, Charles Boon, o antigo aluno de Philip Swallow, aparece acompanhado de uma *Black Pantheress*: "The Pantheress did little except look coolly around the Hogans' opulent furnishings as if calculating how well they would burn"[134]. Este tipo de contestação, deixando adivinhar considerável progresso, por parte dos Negros, no que respeita à consciência de si mesmos como grupo, em termos ideológicos, agrega a si outras minorias excluídas do *Establishment* (maioritariamente branco) por razões frequentemente alheias à da diferença de raça:

> . . . Negroes with Afro haircuts like mushroom clouds and metallic-lensed sunglasses flashing heliographed messages of revolution to their brothers across the street, junkies and potheads stoned out of their minds groping their way along the curb or sitting on the pavement with their backs to a sunny wall, ghetto kids and huckleberry runaways hustling

> the parking meters, begging dimes from drivers who paid up for fear of getting their fenders scratched . . . [135]

Embora, como o extracto citado evidencia, a associação do Negro com a criminalidade, também nas passagens em que, ainda que de modo fortuito, é abordada no romance académico, transcenda a questão da cor e da raça, e se prenda com outras situações de desvantagem social, nomeadamente a de desvantagem económica, ela é, de facto, uma associação recorrente: são também Negros os ocupantes da cela de prisão a que, por causa de um mal-entendido, Philip Swallow vai parar, e é do traço de criminalidade frequentemente associado à negritude que, ainda neste caso, se tira partido para fazer humor, continuando uma tradição já longa no romance académico:

> The felons prowled around him.
> 'What you busted for, Professor?'
> 'Stealing bricks.'
> 'Hear that, Al?'
> 'I heard it, Lou.'
> 'Like how many bricks, Professor?'
> 'Oh, about twenty-five.'
> The felons looked wonderingly at each other. 'Perhaps they was gold bricks,' said one. The other gave a high-pitched, wailing laugh.
> 'Any cigarettes, Professor?'
> 'I'm sorry, no.' It was the only time he ever regretted having given up smoking.
> 'That's a sharp pair of pants the Professor is wearing, Al.'
> 'Sure is, Lou.'
> 'I like a pair of pants that fits nicely around the . . . , Al.'
> 'Me too, Lou.'

> Philip sat down quickly on the wooden bench that ran round the wall, and didn't move until Désirée bailed him out.[136]

Como já foi referido, de entre as obras que mais têm sido alvo deste estudo, só na de 1990, *A Tenured Professor*, se encontra referência a uma tomada de posição institucional contra a discriminação de raça, nomeadamente da raça negra, já que o enquadramento é o da demarcação da Universidade de Harvard dos interesses financeiros na África do Sul. E, mesmo assim, denuncia-se que as consequências da postura de oposição ao *Apartheid* só são assumidas, na prática, porque as circunstâncias se apresentam favoráveis, havendo lucros em jogo.

Se atentarmos nas posições tomadas pela Universidade contra a discriminação racial (que exemplificámos com referência ao caso da Universidade de Kansas) e as compararmos com a forma como a mesma problemática é tratada na ficção, verificamos que não há correspondência entre a política institucional e a abordagem feita no romance académico. As Universidades, enquanto instituições, revelam mais solidariedade com a causa dos Negros do que a que parece ser sentida, individualmente, pelos autores-narradores, neste subgénero literário. Continuando a tomar o romance académico como documento privilegiado para análise cultural, devemos assumir que pode ser relevante procurar as razões para esta discrepância: dado o número já muito elevado de Negros que têm tido acesso ao meio universitário, e o reconhecimento da sua existência e direitos por parte da Universidade enquanto instituição, justifica-se que nos interroguemos sobre o possível significado, tanto da sua (quase) ausência no romance académico, como do facto da sua (rara) presença, apesar dos progressos verificados na situação deste grupo étnico, continuar, tendencialmente, a ser tratada do modo que, ao longo de décadas, se tornou lugar-comum.

Um olhar sobre o tratamento dado às várias minorias étnicas nos romances que constituem o *corpus* das Partes II e III leva-nos, também, a concluir que as que têm tido mais sucesso e melhor integração na Universidade - Judeus, imigrantes vindos da Europa Central e de Leste, Orientais e, até certo ponto, irlandeses católicos - partilham entre si a tendência para não se aproximarem da Universidade, ou para não serem apercebidos pela Universidade, como grupos identificados pelo que os seus membros têm de comum uns com os outros, mas antes como um somatório de casos individuais. Podemos também concluir que a sua integração é tanto mais bem sucedida quanto mais vasta é a área de consenso entre a cultura própria, que trazem do grupo étnico a que pertencem, e a cultura que os acolhe (como documentámos com referência ao caso dos Judeus).

Evidencia-se desta síntese que os grupos étnicos que, no fim do século XX, ainda estão menos integrados na Universidade (e, em consequência, a maior distância da integração na *Mainstream*) são o dos Negros e dos Hispânicos, o que vai ao encontro das dúvidas veiculadas com frequência crescente, a partir de sectores vários da opinião pública, sobre a eficácia das medidas de *affirmative action* implementadas ao longo das últimas décadas, pelas quais se tem tentado favorecer principalmente estes dois grupos. Que os resultados destas medidas ficaram aquém das expectativas é hoje, de um modo geral, aceite. Conforme Ricardo R. Fernandez resume a situação, mesmo no que respeita à integração no mercado de trabalho (que, em parte, deve decorrer da integração nas escolas e na Universidade): "Affirmative steps to include minorities . . . appear to have produced minimal or quite modest gains"[137]. Embora, no cômputo geral, conclua que: "Whatever faults may be attributed to its implementation, affirmative action has moved us closer to the American Ideal of a truly inclusive society"[138], é sobre as razões da falta de eficácia dos programas de *affirmative action* que as opiniões se dividem. Segundo

alguns, estes programas não resultaram, ou tiveram resultados mínimos, porque não foram levados longe que bastasse. Segundo outros, deixaram de resultar porque foram levados longe demais.

A suportar a primeira opinião há, por exemplo, o facto de os programas internacionais de colaboração e intercâmbio cultural na Europa (Sócrates, Erasmo, etc.) terem como língua oficial frequentemente o Inglês, (ou, quando não apenas o Inglês, pelo menos apenas línguas europeias), e terem já, por isso, gerado descontentamento de estudantes provenientes de grupos minoritários que assim vêem aumentar a sua situação de desvantagem. A propósito de um curso sobre filosofia ambiental ministrado pela Universidade de Amsterdão, regista-se o protesto:

> This example shows all the defects of international education in Europe. For the convenience of students from the U.S.A., Canada, Australia and Britain itself, the course is in English. These students will be . . . white - and usually upper middle class, or upper class. They are allowed to follow a course in their own language, with literature in their own language, to present work in their own language. In terms of parental income, they will be from the top 5 percent, probably from the top 2 percent of households on Earth. In other words, the course is deliberately structured, to favour an extremely privileged group, by deliberate language discrimination.[139]

Apesar de este exemplo ter sido colhido no universo cultural europeu, e de incidir sobre discriminação através da língua, que, no caso dos Africano-Americanos não costuma aplicar-se, consideramos, ainda assim, legítima a extrapolação do universo americano para o europeu, e vice-versa: em ambos se verifica, tanto no mercado de emprego como na educação, que os programas de *affirmative action* tendem a deixar de operar à medida que

o nível se torna mais avançado, e que tendem a ignorar a questão fundamental da proveniência de classe. Desta perspectiva, muitas desigualdades de oportunidade estão ainda por corrigir, e se a *affirmative action* terminasse, terminava sem ter completado a realização dos seus objectivos.

A suportar a segunda opinião glosa-se, de vários quadrantes, a ideia de que os resultados pouco satisfatórios das iniciativas de *affirmative action* se devem a terem estas fomentado, nos grupos étnicos em situação anterior de discriminação, expectativas baixas sobre si mesmos; por exemplo, Glenn C. Loury chega a considerar que as próprias medidas implementadas no sentido de promover a integração dos Africano-Americanos têm contribuído para retardar o progresso deste grupo:

> [Affirmative Action] can undercut the incentives for blacks to develop their competitive abilities . . . [it] can lead to the patronization of black workers and students - that is, the setting of a lower standard of expected accomplishment for blacks than whites because of the belief that blacks are not as capable of meeting a higher, common standard. Behavior of this kind can be based on a self-fulfilling prophecy. In other words, observed performance among blacks may be lower precisely because blacks are being patronized.[140]

Na actualidade, é crescente o número de vozes que subscrevem perspectivas concordantes com a que citámos, de Glenn C. Loury. Um marco principal nesta viragem, já em meados da década de noventa, foi, a instâncias do governador Pete Wilson, a decisão tomada pelo Board of Regents da Universidade da Califórnia, de cancelar todas as medidas de *affirmative action* postas em prática durante os últimos trinta anos na admissão de alunos e na contratação de pessoal - decisão que foi também

subscrita, com muito empenho, por um membro negro do Board of Regents, nomeado por Pete Wilson, Ward Connerly.

Apesar de terem surgido reacções adversas à postura de Ward Connerly - como a de Jack E. White, em "I Have A Scheme: Ward Connerly's Effort To Hijack Dr. King's Legacy Is Full Of Black Humor", em que o autor deplora que Connerly se tenha querido apropriar do sonho de Martin Luther King de, um dia, as pessoas virem a não ser julgadas : "by the color of their skin but by the content of their character"[141], para utilizar contra a *affirmative action* as palavras de um líder que se tinha empenhado na melhoria da situação dos Negros - perspectivações a favor de critérios universalistas de selecção, que deixem de tomar em conta a cor e a raça, surgem com cada vez maior frequência, de uma variedade de quadrantes. Elas vêm de sectores conservadores, como The Heritage Foundation, que, na Internet, em *Issues 96: The Candidate's Briefing Book* ("intended as a handbook for conservative candidates of all parties seeking national office"[142]), documenta extensivamente as incorrecções formais e ideológicas contidas na prática da *affirmative action*; vêm também, por exemplo, de Michael S. Berliner, director executivo do Ayn Rand Institute desde 1985, e director dos Ayn Rand Archives, e de Gary Hull, que estendem a definição de racismo para além da crença na superioridade de uma raça sobre outras, também a: "the notion that one's race determines one's identity . . . [Racism] is the belief that one's convictions, values and character are determined not by the judgement of one's mind but by one's anatomy or blood'"[143]. De uma forma geral, cada vez mais é exposto, e contestado, o paradoxo de se pretender erradicar a discriminação racial e o racismo pondo em evidência as diferenças de raça, e diferenciando, em função delas, o tratamento dado aos cidadãos.

As perspectivas que vimos referindo foram publicamente assumidas e expressas nos meados da década de noventa. Podemos questionar-nos se

a qualidade privilegiada que atribuímos ao romance académico como documento para análise cultural se confirma no facto de o desconforto hoje suscitado pela *affirmative action* ter dado, neste subgénero, sinais, em décadas anteriores, que de alguma forma permitissem prever a situação de controvérsia actual.

No que se refere aos romances que constituem o *corpus* das Partes II e III, é em *Changing Places*, de David Lodge, publicado em 1975, que se concentram as referências a *affirmative action*. A ligação entre o que se passa neste romance académico e o que se passa na sociedade americana no período que coincide com o da sua publicação é evidente, já que foi precisamente na década de setenta que as iniciativas de *affirmative action* implantadas se fizeram sentir de modo decisivo. Segundo Ricardo R. Fernandez, no que respeita a tais iniciativas, no campo do emprego:

> . . . numerical goals first appeared as part of the Nixon Administration's [1969-74] Philadelphia Plan. In 1972, Title VII was amended to enable the Federal Government . . . to require specific measures as a way of compensating for past discriminatory practices.[144]

É decerto significativa a postura do autor-narrador que transparece na passagem em que Philip Swallow é abordado por um aluno, Wily, que se assume como africano-americano, não o parecendo:

> Philip found his room on the fourth floor. A sallow youth with a mop of frizzy hair was squatting outside, smoking a cigarette. He was wearing some kind of combat jacket with camouflage markings and he looked, Philip couldn't help thinking, just the sort of chap who might plant a

bomb somewhere. As Philip fitted his key into the Yale lock, he scrambled to his feet. . . .

'Professor Swallow?'

'Yes?'

'Could I see you?'

'What, now?'

'Now would be great.'

'Well, I've only just arrived...'

'You have to run that key twice.'

This was true. The door opened suddenly and Philip dropped some of his papers. The young man picked them up adroitly and made this an opportunity to follow him into the room. . . .

'What can I do for you, Mr, er ...?'

'Smith. Wily Smith.'

'Willy?'

'Wily.'

Wily perched himself on the only part of the desk that was not covered with books.[145]

.....

'So do I get into the course?' said Wily Smith.

'I would strongly advise you against it,' said Philip. 'Why are you so keen, anyway?'

'I have this novel I want to write. It's about this black kid growing up in the ghetto ...'

'Isn't that going to be rather difficult?' said Philip. 'I mean, unless you actually *are* ...'

Philip hesitated. He had been instructed by Charles Boon that 'black' was the correct usage these days, but he found himself unable to pronounce a word associated in Rummidge with the crudest kind of racial prejudice. 'Unless you've had the experience yourself, ' he amended his sentence.

'Sure. Like the story is autobiographical. All I need is technique.'

'Autobiographical?' Philip scrutinized the young man, narrowing his eyes and cocking his head to one side. Wily Smith's complexion was about the shade of Philip's own a week after his summer holiday, when his tan would begin to fade and turn yellow. 'Are you sure?'

'Sure I'm sure.' Wily Smith looked hurt, not to say insulted.[146]

A definição negativa de Wily como "sallow" e "the sort of chap who might plant a bomb" não incide necessariamente sobre a sua diferença de raça, mas sobre a sua beligerância em afirmar uma diferença de raça que se apresenta duvidosa, podendo nem existir. A postura da narração, feita do ponto de vista de Philip Swallow, é ambígua: ao mesmo tempo que mostra escrúpulos, vigiando-se a si mesmo, para não incorrer em preconceito racial ("[Wily, o elemento de raça diferente] looked, Philip **couldn't help** thinking, just the sort of chap who might plant a bomb somewhere"[147]) - o facto de o mesmo Philip, mais adiante, colocar em dúvida a realidade da diferença de raça em Wily pode funcionar como um subterfúgio que providencie, confortavelmente, um pretexto para desacreditar e minimizar as atitudes de auto-afirmação duma identidade que se pretende específica e diversa. Por outro lado, com a dúvida apresentada por parte do narrador, que exprime a perspectiva de Philip Swallow, expõe-se a subjectividade inerente às classificações raciais. Como sugerimos no princípio do presente capítulo, elas não são estanques, mas existem num espaço mental de conflito e negociação: se a negritude, como ascendência, se dilui a ponto de poder começar a ser posta em dúvida quando associada a um indivíduo que está na Universidade e pretende escrever um romance, isso indica que na classificação racial e étnica (sobretudo, provavelmente, no caso dos mestiços) intervêm factores estranhos à biologia, portanto, passíveis de sofrerem modificações ao longo do tempo: por exemplo, o factor da associação, subjectiva e com frequência subconsciente, da diferença de raça a uma inferioridade socioeconómica e cultural.

A forma como Philip Swallow se refere a Wily na carta que escreve à esposa, Hilary, que ficou em Inglaterra, é também significativa:

> There's a student called Wily (sic) Smith who claims he's black though in fact he looks scarcely darker than me, and he pestered me from the day I arrived to let him enrol in my

> creative writing course. Well, I finally agreed, and then on the first occasion the class met, what d'you think happened? Wily Smith harangued his fellow students and persuaded them that they must support the strike by boycotting my class. There's nothing personal in it, of course, as he was kind enough to explain, but it did seem rather a nerve.[148]

A passagem em que Philip Swallow parece assumir um ponto de vista colado ao que seria, presumivelmente, o do *Establishment* académico inglês e americano é emblemática do sentimento de ameaça latente que a entrada das minorias étnicas na Universidade terá constituído para a *Mainstream*: a ameaça de que essas minorias, depois de terem, até certo ponto, forçado a entrada na Universidade (como Wily Smith, neste episódio, força a entrada no gabinete de Philip Swallow) aproveitassem a oportunidade, não para aprender e adoptar a cultura da *Mainstream*, mas para a subverter e a anular, à semelhança do que Wily Smith faz ao curso de *creative writing* do seu Professor.

É a oportunidade abusivamente aproveitada que constitui o que normalmente tomamos como oportunismo. E no tratamento dado à figura de Wily Smith, que nesta ficção representa os africano-americanos na Universidade, as acusações de oportunismo estão sempre subjacentes. É oportunista a forma como Wily aproveita o gesto de ajudar Philip Swallow a apanhar papéis que lhe caíram para se introduzir no seu gabinete; e este episódio de oportunismo pode, metonimicamente, representar outro, mais geral e mais grave, que não fica explícito, mas fica sugerido, se enquadrarmos esta passagem no contexto do tratamento que (conforme documentaremos adiante), a partir do romance académico e da Universidade, tende a ser dado à realidade da *affirmative action*: o oportunismo de haver estudantes de negritude discutível (ou cuja negritude não coincida com uma situação de desvantagem real) que se assumem como Negros, ou fazem questão de afirmar qualquer grau de negritude, por

pequeno que seja, para auferirem as vantagens trazidas pela protecção e tratamento privilegiado que o governo passou a dar-lhes. E, no seguimento, surge também, como oportunista, a forma como Wily Smith tira partido de lhe ter sido permitido o ingresso no curso, para o boicotar.

No que respeita às minorias integradas, aproveitar as vantagens da ambivalência cultural em que evoluem pode ser um factor de enriquecimento, tanto para o indivíduo como para a sociedade que o acolhe. Sobre o caso dos escritores de etnias diversas, diz Pico Iyer:

> . . . they make a virtue of their hyphenated status. Instead of falling through the cracks, they hope . . . to straddle different worlds, and pick and choose from all traditions.[149]

E Pico Iyer remete para a própria confissão de Kazuo Ishiguro:

> "Whenever it was convenient for me to become very Japanese, I could become very Japanese, and then, when I wanted to drop it, I would just become this ordinary Englishman."[150]

Não é, no entanto, este vector positivo o que mais se encontra explorado no romance académico, mas antes o vector do oportunismo, que abordámos atrás. Para a caracterização negativa dos efeitos da *affirmative action* na Universidade há uma outra face, também documentada no subgénero de que tratamos, em que a acusação de oportunismo deixa de recair apenas no indivíduo de raça/etnia diferente, para passar a atingir também a própria instituição. Surge como óbvio que, numa determinada fase, o investimento governamental em fundos de apoio para promover a

integração racial, nomeadamente nas Universidades, faz com que se torne financeiramente mais vantajoso para estas contratar elementos portadores de diferença étnica, do que elementos da *Mainstream* branca Daí decorre, conforme afirmação de Todd Gitlin, que: "Supply and demand being what they are, a distinctly higher-paying market in qualified scholars of underrepresented identities heightens white resentment"[151].

Sem que a temática da diferença de raça seja alguma vez central nas obras que analisamos com mais pormenor, o facto é que o ressentimento dos Brancos referido por Todd Gitlin encontra, a espaços, no *corpus*, repercussão bem evidente. Em *Changing Places*, de David Lodge, Philip Swallow, branco, inglês, aborda Hogan sobre a possibilidade de vir a conseguir alcançar um posto permanente na Universidade americana em que se encontra, durante um semestre, em sistema de intercâmbio:

> 'Supposing I asked you for a permanent job?' Philip asked, half-seriously, recalling his conversation with Désirée.
>
> Hogan's response was entirely serious. An expression of great pain passed over his big, brown face, parched and eroded like a Western landscape. 'Gee, Phil, I wish I could . . . '
>
> 'I was only joking.'
>
> 'Well, that was a mighty fine review you had in the *Course Bulletin* . . . and these days teaching counts, really counts . . . Now if you were *black*, of course, it would be different. Or better still, Indian. What I wouldn't give for an indigenous Indian with a PhD,' he murmured wistfully, like a man on a desert island dreaming of steak and chips. Part of the settlement of the previous quarter's strike had been an undertaking by the University to employ more Third World faculty, but most other universities in the country were pursuing the same quarry, so the supply was running short.[152]

A passagem denuncia, na Universidade, a artificialização do mercado de oferta e procura de competências, pala exigência de que essas competências passem a vir em formato étnico diferente. Funciona como confirmação da qualidade do romance académico como documento cultural o facto de, nesta obra dos anos setenta, se ter, de imediato, dado voz a um aspecto de desconforto social, tanto fora como dentro da Universidade, aspecto cuja relevância, até fim dos anos noventa, haveria de ter aumentado a ponto de justificar a publicação na *Internet*, de situações como a que descrevemos:

> . . . the Bureau of Indian Affairs' Higher Education Grant Program . . . received an appropriation of $29.8 million in FY 1995. This program provides up to $7.450 per year to college students who belong to Indian tribes "to supplement the total financial aid package prepared (for the student) by the college financial aid officer." Thus, two students from identical socioeconomic backgrounds would receive dramatically different levels of federal assistance to attend college with the only difference between the two being that one is "at least onefourth degree Indian blood descendent" and owns a "certificate of Indian blood" . . . There is some evidence to suggest that many Americans with trace levels of Indian ancestry have taken advantage of these preferences. Demographic trends, for example, cannot explain the threefold increase in the number of Americans identifying themselves as American Indians since the 1960 census. According to *The New York Times* for March 5, 1991, "the growing realization that an Indian heritage can mean special benefits has motivated many Indians, and presumably some imposters, to openly assert an Indian background." One California contractor won a $19 million contract on the Los Angeles rapid transit system because he was onesixtyfourth American Indian.[153]

As implicações das medidas de *affirmative action* fazem-se sentir abertamente, fora da Universidade, duas décadas depois da década de setenta, em que com mais afinco foram implementadas; em termos da perspicácia social demonstrada, é significativo que, na ficção universitária se aponte, desde muito cedo, o possível desequilíbrio decorrente da adopção daquele sistema preferencial. Ideologicamente, a Universidade e, presumimos, a maior parte da sociedade que lhe é exterior, estão já preparadas para entender e assumir, na prática, a necessidade da integração. O grande conflito de interesses, que leva a denúncias como a última que citámos, resulta do facto de a integração das minorias étnicas ser promovida com precedência sobre a integração, que está longe de estar completa, de uma minoria branca em situação de desvantagem socioeconómica: minoria tornada invisível, apesar de também nela a pobreza tender a perpetuar-se de geração em geração. Quando, como no extracto de que citámos, encontramos que: "two students from identical socioeconomic backgrounds would receive dramatically different levels of federal assistance to attend college, with the only difference between the two being that one is at least onefourth degree Indian blood descendent'", somos levados a depreender que ambos os enquadramentos socioeconómicos em questão eram igualmente carenciados, e que os estudantes que deles provinham, para melhorarem as suas perspectivas, necessitavam em igual grau da ajuda do Estado, qualquer que fosse a sua pertença étnica.

É possivelmente ao reflexo do conflito de interesses que referimos que, em parte, se deverá o tratamento reticente, e não mais do que periférico, dado, no romance académico, à presença das minorias étnicas visíveis, na Universidade, nomeadamente aos Negros. Ainda que especular sobre possíveis soluções para este conflito de interesses corra o risco de exceder os limites do presente trabalho, podemos mencionar que, para além das sugestão de se promover a expansão das oportunidades, apontada por Jack Kemp e J. C. Watts Jr., outros autores se propuseram contornar as

deficiências da *affirmative action*, imprimindo-lhe modificações que obstassem aos dois problemas que principalmente lhe apontámos: não só o problema do ressentimento branco decorrente de, no processo de se promover a integração racial, se estar a desproteger a minoria branca que se encontra em situação de desvantagem socioeconómica, mas também o problema do efeito contraproducente que decorre da atitude paternalista das instituições que, ao manifestarem um grau menor de exigência para permitir o progresso das minorias raciais/étnicas do que a que aplicam à população branca, estão a assumir, em relação a essas minorias, um grau inferior de expectativas e, não lhes reconhecendo a capacidade de resolverem sem ajuda exterior, num estado democrático, as suas dificuldades, estão a atribuir-lhes o estatuto de inferioridade que pretendem ver revertido. Para obstar a estes dois males que se tornaram inerentes à *affirmative action*, do modo que foi, tradicionalmente, implementada, William A. Galston, em "Beyond The Current System: Some Policy Options For Affirmative Action", propõe o abandono do sistema de preferências raciais e étnicas traduzido na reserva de quotas para serem ocupadas por elementos de grupos étnicos minoritários, e a implementação, em vez dele, de: "compensatory education and training before and after recruitment"[154] - indo ao encontro da opinião expressa por Glenn C. Loury, que, em "How To Mend Affirmative Action", advoga: "'developmental', rather than 'preferential' affirmative action"[155]:

> The key is that the racially targeted assistance be short-lived, and preparatory to the entry of its recipients into an arena of competition where they would be assessed by the same standards as everyone else.[156]

Propõe ainda William A. Galston, posto que, aparentemente, sem lhe dar grande relevo, a modificação que, ao longo deste capítulo, temos notado ser fundamental e urgente:

> Use the test of class as either a substitute for, or a supplement to, race and ethnicity.[157]

No romance académico parece reconhecer-se também a existência de aspectos positivos resultantes da implementação de *affirmative action*, se considerarmos, por exemplo, o lado apoteótico, no romance *Small World*, de David Lodge, de um *campus* global e multirracial. No entanto, tanto neste aspecto como nos outros, que abordámos, a questão da diferença étnica mantém-se periférica. É compreensível que assim seja, uma vez que se trata de visões do *Outro* a partir da Universidade, e a Universidade, sendo um microcosmo da realidade social, ainda não é totalmente integrada do ponto de vista racial/étnico - apesar de nela se constituírem condições de vanguarda para que o convívio inter-étnico aí decorra com mais democracia e menos preconceitos do que na sociedade exterior, que é mais fortemente governada pelo sistema económico (tendencialmente totalitarista) e menos governada pelo sistema político e ideológico (democratizante).

O que, complementando as conclusões que inferimos da forma reticente como no romance académico é tratada a diferença étnica, podemos aprender com o lado bem sucedido da *affirmative action* na Universidade - (que se traduziu, pelo menos, no florescimento de uma literatura sem fronteiras, que resultou da educação transcultural, e que, por sua vez, estará decerto a desempenhar o importante papel de promover entre os vários grupos étnicos e a *Mainstream*, um melhor entendimento e comunicação) - é que, a um nível profundo, a verdadeira integração da diversidade étnica decorrerá, neste fim de século, não da afirmação acintosa daquilo que separa os seres humanos, mas do consenso sobre a cada vez maior área de identidade que se lhes torna comum. As medidas de *affirmative action*, com

o tratamento preferencial das minorias étnicas, terão tido o seu papel a desempenhar, como o tem, por vezes, em medicina humana, um tratamento de choque que se aplica para resolver um problema grave, em caso de necessidade extrema, muito embora possa desencadear efeitos secundários negativos. Mas se as conclusões que decorrem da análise, que temos levado a cabo, do tratamento da diferença étnica na Universidade e no romance académico, se mantiverem verdadeiras, então a tolerância e mesmo o interesse em relação às diferenças virá a ser tanto maior, quanto mais alargada for a área de consenso intercultural, e mais próximos os valores. A acreditarmos no romance académico como documento cultural, assim aconteceu no caso dos Judeus, e assim está a acontecer com os Orientais: o crescente interesse, no Ocidente, pela filosofia e religião orientais, por exemplo o Budismo, leva-nos a crer que, tal como no caso dos Judeus, o movimento de aproximação será recíproco.

Para além de exigir a continuação da recusa, política e de facto, de toda a discriminação e preconceito, a verdadeira integração e harmonia inter-étnica tem probabilidades de vir a decorrer, não só do reconhecimento da humanidade básica que todos, sempre, tivemos em comum (e que a literatura transcultural inevitavelmente divulga e põe em destaque), mas também, cada vez mais, de uma comunidade do percurso cultural que nos forma, e a que todos que o desejarem deverão poder ter acesso, idealmente com o máximo de realização pessoal e o mínimo de prejuízo e de violência sobre as suas identidades individuais, de que a pertença a determinado grupo racial e étnico é apenas uma das componentes. Se os meios de produção cultural e os produtos culturais que, a partir dos Estados Unidos, nos passaram a rodear nas sociedades do Ocidente, são hoje de cariz pelo menos tão judeu como *WASP*, se no caso dos Orientais se está a desenhar um percurso semelhante, não parece haver razões intransponíveis para que o mesmo não possa vir a passar-se com a cultura negra e a hispânica. O processo de integração só estará completo quando decorrer da dinâmica

natural da sociedade, sem necessidade de interveniência exterior. E quando o processo de integração estiver completo, o romance académico, com as características que hoje lhe conhecemos, terá provavelmente desaparecido, porque, a acompanhar essa realidade, a partir da Universidade hão-de ter-se, de facto, diversificado, e alterado profundamente, as vozes e o ponto de vista que hoje ainda prevalecem. Como Todd Gitlin anuncia: "the intellectual commons is not simply a 'heritage'. It is incomplete; it cannot be 'handed down'; it has, in fact, to be brought into being by admitting voices previously slighted and suppressed; a universal history, a universal philosophy, a universal literature cannot be found, but must be made"[158]. Esta universalidade ainda não foi conseguida pelos esforços de *affirmative action,* que fragmentam a sociedade em grupos; mas, a acreditarmos em algumas lições do passado recente, que transparecem no romance académico, poderá ser promovida se a ênfase for colocada nas áreas de encontro genuíno entre culturas, sem paternalismo ou relações de subserviência entre si.

[1]Clyde Kluckhohn e Henry A. Murray (eds), *Personality In Nature, Society And Culture*, *apud* Stephen Mennell, "The Formation Of We-Images: A Process Theory", *in* Craig Calhoun (ed.), *Social Theory And The Politics Of Identity*, Cambridge, Blackwell Pub., 1994, pp 175-197, p. 176.

[2]Leslie W. Dunbar (ed.), *Minority Report: What Has Happened To Blacks, Hispanics, American Indians, & Other Minorities In The Eighties*, New York, Random House, 1984, p. 192.

[3]Mário Avelar, "What Happened To The American Dream?", *in* Maria Laura Bettencourt Pires, *Sociedade E Cultura Norte-Americanas*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996, p. 363.

[4]Charles Lemert, "Dark Thoughts About The Self", *in* Craig Calhoun (ed.), *Social Theory And The Politics Of Identity*, pp 100-129, p. 111.

[5]Maria Laura Bettencourt Pires, "Every Woman An Island: The Insular Dream Of Men", *in* Susan Pérez Castillo (ed.), *Engendering Identities*, Porto, Universidade Fernando Pessoa, 1996, pp 149-159, pp 150-151.

[6]*Idem*, p. 151.
[7]Ricardo R. Fernandez, "Exclusion And Inclusion: The Impact Of Affirmative Action", William Peters *et al.* (eds), *U.S. Society & Values, Vol 2, Number 3: Toward One America: A National Conversation On Race*, s.l., U.S. Information Agency, Agosto de 1997, pp 23-26, p. 24.
[8]*Ibidem*.
[9]Ronald Takaki, "A Different Mirror: To See The United States As A Multiracial Society", William Peters *et al.* (eds), *U.S. Society & Values, Vol. 2, Number 3: Toward One America: A National Conversation On Race*, pp 11-14, p. 13.
[10]David Lodge, *Changing Places*, Harmondsworth, Penguin Books, 1982 [1975], p. 80.
[11]Stephen Mennell, "The Formation Of We-Images: A Process Theory", *in* Craig Calhoun (ed.), *Social Theory And The Politics Of Identity*, p. 184.
[12]Ronald Takaki, "A Different Mirror: To See The United States As A Multiracial Society", William Peters *et al.* (eds), *U.S. Society & Values: Vol. 2, Number 3: Toward One America: A National Conversation On Race*, p. 14.
[13]Charlotte Astor, "Gallup Poll: Progress in Black/White Relations, But Race Is Still An Issue", William Peters *et al.* (eds), *U.S. Society & Values: Vol 2, Number 3: Toward One America: A National Conversation On Race*, pp 19-22. p. 21.
[14]Philip F. Lawler, *Coughing In Ink: The Demise Of Academic Ideals*, s.l., University Press of America, 1993, p. 94.
[15]Serbrenia J. Sims, *Diversifying Historically Black Colleges And Universities: A New Higher Education Paradigm*, London, Greenwood Press, 1994, p. 8.
[16]*Idem*, p. 9.
[17]Acessível em safran@osiris.colorado.edu (Actualização de 12 de Fevereiro de 1998).
[18]Presidente Bill Clinton, "One America In The 21st Century", William Peters *et al.* (eds), *U.S. Society & Values: Vol 2, Number 3: Toward One America: A National Conversation On Race*, pp 5-10, pp 6-7.
[19]*Idem*, p. 5.
[20]James Baron"Organizational Perspectives On Stratification", Society for Social Research Web Site, Universidade de Chicago, s.d.. Os dados do Society for Social Research WEb Site da Universidade de Chicago estão acessíveis em ssrl@cicero.spe.uchicago.edu.
[21]Louis Althusser, *Ideology And Ideological State Apparatuses*, Society for Social Research Web Site, University of Chicago, s.d..
[22]Ronald P. Ferguson, "Shifting Challenges: Fifty Years Of Economic Change Toward Black/White Earnings Equality", William Peters *et al.* (eds), *US Society & Values: Vol 2, Number 3: Toward One America: A National Conversation On Race*, pp 16-18, p. 17.
[23]*Ibidem*.
[24]*Idem*, p. 18.
[25]Serbrenia J. Sims, *Diversifying Historically Black Colleges And Universities: A New Education Paradigm*, p. 10.
[26]*Idem*, p 11.
[27]*Idem*, p. 10.
[28]*Idem*, p. 11.
[29]Abigail Thernstrom e Stephen Thernstrom, "The Overlooked Story", William Peters *et al.* (eds), *US Society & Values: Vol. 2, Number 3: Toward One America: A National Conversation On Race*, pp14-16, p. 14.

[30]Ronald Takaki, "A Different Mirror: To See The United States As A Multiracial Society", William Peters *et al.* (eds), *US Society & Values: Vol 2, Number 3: Toward One America: A National Conversation On Race*, pp 11-14, p. 12.
[31]Bowles e Gintis, "Schooling In Capitalist America", Society for Social Research Web Site, University of Chicago, s.d..
[32]Bill Clinton, "One America In The 21st Century", William Peters *et al.* (eds), *U.S. Society & Values: Vol 2, Number 3: Toward One America: A National Conversation On Race*, pp 5-10, p. 8.
[33]Abigail Thernstrom e Stephen Thernstrom, "The Overlooked Story", William Peters *et al.* (eds), *U.S. Society & Values: vol 2, Number 3: Toward One America: A National Conversation On Race*, pp 14-16, p. 16.
[34]Jack Kemp e J. C. Watts Jr., *apud* Charlotte Astor (relat.), "Perspectives On Race", William Peters *et al.*, *U.S. Society & Values: Vol. 2, Number 3: Toward One America: A National Conversation On Race*, pp 31-35, p. 34.
[35]Todd Gitlin, "From Universality To Difference: Notes On The Fragmentation Of The Idea Of The Left", *in* Craig Calhoun (ed.), *Social Theory And The Politics Of Identity*, pp 150-174, p. 151.
[36]*Ibidem*.
[37]*Idem*, pp 166-167.
[38]*Idem*, p. 169.
[39]Pico Iyer, "The Empire Writes Back: The New Makers Of 'World Fiction' Are Reinventing English Literature - And The English Language - From Within", James R. Gaines (ed.), *Time International: The Weekly Newsmagazine*, Vol. 141, N° 6, 8 de Fevereiro de 1993, pp 46-51, p. 48.
[40]*Apud* Pico Iyer, "The Empire Writes Back: The New Makers Of 'World Fiction' Are Reinventing English Literature - And English Language - From Within", James R. Gaines (ed.), *Time International: The Weekly News Magazine*, Vol. 141, N° 6, 8 de Fevereiro de 1993, p. 49.
[41]Pico Iyer, "The Empire Writes Back: The New Makers Of 'World Fiction' Are Reinventing English Literature - And English Language - From Within", James R. Gaines (ed.), *Time International: The Weekly Newsmagazine*, Vol. 141, N° 6, 8 de Fevereiro de 1993, p. 50.
[42]*Ibidem*.
[43]Carlos Fuentes, *apud* Pico Iyer, "The Empire Writes Back: The New Makers Of 'World Fiction' Are Reinventing English Literature - And The English Language - From Within", James R. Gaines (ed.), *Time International:The Weekly Newsmagazine*, Vol. 141, N° 6, 8 de Fevereiro de 1993, p. 50.
[44]Pico Iyer, "The Empire Writes Back: The New Makers Of 'World Fiction' Are Reinventing English Literature - And English Language - From Within", James R. Gaines (ed.), *Times International: The Weekly Newsmagazine*, Vol. 141, N° 6, 8 de Fevereiro de 1993, p. 50.
[45]*Idem*, p. 49.
[46]*Idem*, p. 51.
[47]*Idem*, p. 50.
[48]Werner Sollors *et al.*, *Blacks At Harvard: A Documentary History Of African-American Experience At Harvard And Radcliffe*, New York, New York University Press, 1993.
[49]Thomas J. La Belle e Christopher R. Ward, *Ehnic Studies And Multiculturalism*, New York, State University New York Press (Suny Press), 1996.
[50]*Home page* da Universidade de Kansas - Office of Student Affairs - 213 Strong Hall - Lawrence, Kansas 66045. Tel: (913) 864-4381. Fax: (913) 864-5090. Acessível em: linda.pritchard@st37.eds.ukans.edu. Copyright 1996, Universidade de Kansas.

A postura assumida por esta Universidade não foi única, sendo mencionada apenas como um exemplo recolhido na *Internet*. No mesmo ano de 1989 tivemos conhecimento directo da divulgação de um documento de teor muito semelhante entre os estudantes e docentes da Universidade de Brown, em Providence, Rhode Island.

[51]John O. Lyons, *The College Novel In America*, Carbondale, South Illinois University Press, 1962, p. 154.

[52]*Ibidem*.

[53]*Idem*, pp 153-154.

[54]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, London, Arrow Books, 1986 [1965], p. 41.

[55]*Idem*, p. 249.

[56]Amanda Cross, *Death In A Tenured Position*, New York, Ballantine Books, 1988 [1981], pp 159-160.

[57]John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor*, Boston, Houghton Mifflin Comp, 1990, p. 114.

[58]*Idem*, p. 121.

[59]*Idem*, p. 155.

[60]Janice Rossen, *The University In Modern Fiction: When Power Is Academic*, s. l., St. Martin's Press, 1993, p. 157.

[61]*Idem*, pp 159-160.

[62]Malcolm Bradbury, *Eating People Is Wrong*, London, Arrow Books, 1986, [1959], p. 43.

[63]*Idem*, p. 62.

[64]*Idem*, p. 86.

[65]*Copyright* 1997 *First Amendment Center* - - http://www.fac.org.

[66]David Lodge, *How Far Can You Go?*, Harmondsworth, Pengin Books, 1981 [1980], p.3.

[67]*Idem*, p. 11.

[68]*Idem*, p. 14.

[69]*Ibidem*.

[70]*Idem*, p. 2.

[71]*Idem*, p.4.

[72]David Lodge, *Small World: An Academic Romance*, London, Secker & Warburg, 1984, p. 8.

[73]Fredric Jameson, *Postmodernism, Or, The Cultural Logic Of Late Capitalism*, s.l., Duke University Press, 1991, p. 1.

[74]Leslie A. Fiedler, *Waiting For The End*, New York, Stein & Day Pub., 1964, p. 96.

[75]*Idem*, p. 138.

[76]*Ibidem*.

[77]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 315.

[78]David Lodge, *Changing Places*, p. 31.

[79]Thomas Wolfe, *Of Time And The River*, apud John O. Lyons, *The College Novel In America*, p. 141.

[80]Saul Bellow, *Mr. Sammler's Planet*, s.l., The Viking Press, 1970, p. 36.

[81]*Idem*, pp 87-88.

[82]Howard Jakobson, *Coming From Behind*, London, Chatto & Windus, 1983, p. 41.

[83]*Idem*, p. 60.

[84]John O. Lyons, *The College Novel In America*, p. 143.

[85]*Ibidem*.

[86]*Apud* Chaim I. Waxman, *American Jews In Transition*, Philadelphia, Temple University Press, 1986, pp 4-5.
[87]Informação colhida em Stanley Cohen e Loreman Ratner, *The Development Of An American Culture*, New York, St. Martin's Press, 1983, p. 331.
[88]Zeév Chafets, *Members Of The Tribe: On The Road To Jewish America*, New York, Bantam Books, 1988, p. 24.
[89]*Idem*, p. 19.
[90]John Higham, *Send These To Me: Immigrants In Urban America*, Baltimore, The John Hopkins University Press, 1984, p. 157.
[91]*Ibidem*.
[92]John Higham, *Send These To Me: Immigrants In Urban America*, p. 158.
[93]*Apud* John Higham, *Send These To Me: Immigrants In Urban America*, p. 161.
[94]*Apud* John Higham, *op. cit.*, p. 160.
[95]John Higham, *Send These To Me: Immigrants In Urban America*, p. 125.
[96]Leslie A. Fiedler, *Waiting For The End*, p. 89.
[97]John Higham, *Send These To Me: Immigrants In Urban America*, pp. 172-173.
[98]*Idem*, pp 169-170.
[99]Leslie A. Fiedler, *Waiting For The End*, 1964, p. 95.
[100]*Idem*, p. 94.
[101]*Idem*, p. 95.
[102]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 250.
[103]*Idem*, p. 152.
[104]Leslie A. Fiedler, *Waiting For The End*, p. 98.
[105]Woody Allen, *Efeitos Secundários* (*Side Effects*, trad. Jorge Leitão Ramos), Lisboa, Bertrand, s.d., p. 15.
[106]John O. Lyons, *The College Novel In America*, pp 117-118.
[107]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 261.
[108]*Idem*, p. 345.
[109]*Idem*, p. 301.
[110]*Idem*, p. 99.
[111]*Idem*, pp 48-49.
[112]*Idem*, p. 55.
[113]Brian A. Connery, "Inside Jokes: Familiarity And Contept In Academic Satire", *in* David Bevan, *University Fiction*, Atlanta, Rodopi, 1990, p. 129.
[114]Pico Iyer, "The Empire Writes Back:: The New Makers Of English Fiction Are Reinventing English Literature - And The English Language - From Within", James R. Gaines (ed.), Time International: The Weekly Newsmagazine, Vol. 141, Nº 6, 8 de Fevereiro de 1993, p. 49.
[115]*Idem*, p. 51.
[116]Mark Twain, *Roughing It*, New York, Holt, Rinehart and Winston, 1965 [1872], p. 270.
[117]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 72.
[118]*Idem*, p. 73.
[119]*Idem*, p. 77.
[120]*Idem*, p. 78.
[121]*Idem*, p. 75.
[122]*Idem*, p. 74.

[123]John Kenneth Galbraith, *A Tenured Professor*, p. 27.
[124]Maria Laura Bettencourt Pires, *Sociedade E Cultura Norte-Americanas*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996, p. 302.
[125]John O. Lyons, *The College Novel In America*, p. 152.
[126]David Lodge, *Changing Places*, p. 72.
[127]Jack Kerouac, *On The Road*, London, Penguin, 1991 [1955], p. 178.
[128]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 392.
[129]*Idem*, pp 393-394.
[130]David Lodge, *Changing Places*, p. 153.
[131]Bill Clinton, "One America In The 21st Century", William Peters *et al.* (eds), *U.S. Society & Values: Vol 2, Number 3: Toward One America: A National Conversation On Race*, pp 5-10. p. 8.
[132]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, p. 149.
[133]*Idem*, p. 151.
[134]David Lodge, *Changing Places*, p. 77.
[135]*Idem*, pp 193-194.
[136]*Idem*, pp 188-189.
[137]Ricardo R. Fernandez, "Exclusion And Inclusion: The Impact Of Affirmative Action", William Peters *et al.* (eds), *U.S. Society & Values, Vol. 2, Number 3: Toward One Ameruca: A National Conversation On Race*, pp 23-26, p. 25.
[138]*Idem*, p. 26.
[139]*Educational Inequality Aginst Europe*, acessível em http://www.inter.nl.net/users/Paul.Treanor.
[140]Glenn C. Loury, "How To Mend Affirmative Action", William Peters *et al.* (eds), *U. S. Society & Values, Vol. 2, Number 3: Toward One America: A National Conversation On Race*, pp 26-29, p. 27.
[141]Martin Luther King, *apud* Jack E. White, "I Have A Scheme: Ward Connerly's Effort To Hijack Dr. King's Legacy Is Full Of BLack Humor, *Time: The Weekly Magazine*, 3 de Fevereiro de 1997, Vol 149, N° 5, pp 27-29, p. 27.
[142]Acessível através de http://www.townhall.com ou em http://www.heritage.org.
[143]*Homepage* de Ayn Rand Institute, acessível em http://www.aynrand.org/medialink/..
[144]Ricardo R. Fernandez, "Exclusion And Inclusion: The Impact Of Affirmative Action", William Peters *et al.* (eds), *U. S. Society & Values, Vol. 2, Number 3: Toward One America: A National Conversation On Race*, pp 23-26, p. 24.
[145]David Lodge, *Changing Places*, p. 65.
[146]*Idem*, p.67.
[147]*Idem*, p. 65. Nossa ênfase.
[148]*Idem*, p. 124.
[149]Pico Iyer, "The Empire Writes Back: The New Makers Of 'World Fiction' Are Reinventing English Literature - And The English Language - From Within", *Time International: The Weekly Newsmagazine*, Vol 141, N° 6, 8 de Fevereiro de 1993, p. 48.
[150]Kazuo Ishiguro, *apud* Pico Iyer, *op. cit.*, p. 48.
[151]Todd Gitlin, "From Universality To Difference: Notes On The Fragmentation Of The Idea Of The Left", *in* Craig Calhoun (ed.), *Social Theory And The Politics Of Identity*, pp 150-174, p. 156.
[152]David Lodge, *Changing Places*, p. 182.
[153]Acessível através de http://www.townhall.com. ou em http://www.heritage.org..

[154]William A. Galston, "Beyond The Current System: Some Policy Options For Affirmative Action", William Peters *et al.* (eds), *U. S. Society & Values: Vol. 2, Number 3: Toward One America: A National Conversation On Race*, pp 29-30, p. 29.

[155]Glenn C. Loury, "How To Mend Affirmative Action", William Peters *et al.* (eds), *U. S. Society & Values: Vol. 2, Number 3: Toward One America: A National Conversation On Race*, pp 26-29, p. 27.

[156]*Ibidem.*

[157]William A. Galston, "Beyond The Current System: Some Policy Options For Affirmative Action", William Peters *et al.* (eds), *U. S. Society & Values: Vol 2, Number 3: Towards One America: A National Conversation On Race*, pp 29-30, p. 29.

[158]Todd Gitlin, "From Universality To Difference: Notes On The Fragmentation Of The Idea Of The Left", *in* Craig Calhoun (ed.), *Social Theory And The Politics Of Identity*, pp 150-174, p. 170.

PARTE IV - CONCLUSÕES

IV - 1 Conclusões Específicas: Um olhar sobre o Caminho Percorrido

Porque consideramos que a hipótese que deveria ser provada o foi já, ao longo do trabalho, estas conclusões mais não pretendem ser do que um olhar de síntese, tão rápido quanto possível, sobre o caminho percorrido.

Tendo, no primeiro capítulo da Parte I, fundamentado, com referência a vários autores, a existência do romance académico como subgénero literário, e tendo justificado, do modo mais breve que foi possível, a importância que julgamos que à Literatura deve ser atribuída em estudos de Cultura, colocámos a hipótese de poder o romance académico demarcar-se, entre outras formas de expressão literária, como documento privilegiado para análise cultural. Conforme explicitámos, as razões que nos levaram a sugerir tal hipótese prendem-se, por um lado, com o facto de o romance académico provir de uma instituição que é hoje central à dinâmica social, e que mais promove mobilidade social positiva, pois para a Universidade converge cada vez um maior número de indivíduos dos diversos grupos populacionais; por outro lado, com o facto de a instituição universitária, sobretudo na área das Humanidades, a partir do qual o romance académico surge, e se desenvolve, estar relativamente afastada das pressões do mundo da produção, e, portanto, ter mais probabilidades de preservar suficiente liberdade académica para poder volver, sobre a sociedade que a rodeia, e de que faz parte, um olhar de maior imparcialidade; por outro lado, ainda, com o facto de vários autores, ao longo das últimas décadas, terem detectado no romance académico uma qualidade de microcosmo, em relação à sociedade exterior.

O segundo capítulo da Parte I, em que contextualizámos o subgénero literário do romance académico no enquadramento histórico-cultural em que surgiu e se desenvolveu, veio, quanto a nós,

corroborar a validade da hipótese colocada, ao pôr em evidência a forma como o romance académico moderno reflecte as tensões culturais presentes na sociedade. Concluímos que o Universalismo caracteristicamente americano, com o ideal de alargar a todos o círculo de pertença, marcou fortemente a evolução do conceito de educação, e da função da Universidade, não só nos Estados Unidos, mas, gradualmente, também na generalidade das democracias ocidentais; ao contribuir para a massificação do acesso ao ensino universitário, contribuiu também, no entanto, para a queda dos padrões académicos tradicionais, e condicionou uma descentralização de critérios de atribuição de valor, que resultou numa situação difícil para as Humanidades, assim colocadas, pela evolução histórica e cultural, numa terra que, como dissemos, é de todos e não é de ninguém, e deixadas sem um papel bem definido a desempenhar.

Em passagens extraídas de romances académicos da segunda metade do século XX, verificámos que o mal-estar que se fez sentir nas Humanidades condicionou a postura dos narradores académicos a ser, com frequência, auto-depreciativa, e desprendida, e tomou a forma de depreciação da pesquisa puramente académica, com a acusação implícita de ela ser irrelevante. Concluímos que estas características, além de reflectirem, na generalidade, as modificações sociais subsequentes à Segunda Guerra Mundial, repercutem, no romance académico, o predomínio da tendência para a aversão à Escola, e para a recusa da aprendizagem teórica, metódica e sequencial, que, segundo autores como Leslie A. Fiedler, caracterizou a sociedade dos anos sessenta. Pode, assim, considerar-se, que sobre estes pontos o romance académico se comportou como microcosmo representativo da sociedade exterior.

Tendo chamado, esperamos que com justiça, ao romance académico moderno, uma saga (não de todo assumida) das Humanidades à procura do seu papel na segunda metade do século XX, observámos, com alguma esperança, que em obras mais recentes se

encontram sugestões de que esse papel possa estar a ser reencontrado, ao mesmo tempo que, em paralelo com a tendência para a fusão da Universidade com a sociedade em geral, em que a formação académica se vai tornando, cada vez mais, extensiva a uma maioria, o romance académico mostra também a tendência para transcender os limites do *campus*, e se refundir com o género, mais abrangente, do romance.

Observámos, igualmente, que ao mesmo tempo que na sociedade, em geral, os valores éticos, idealistas, se defrontam com o culto do materialismo e do utilitarismo tornados possíveis pela aceleração do avanço tecnológico, também na Universidade, cujos valores começaram por ser idealistas, inspirados no modelo socrático, passou a ganhar forte inserção o pragmatismo, por um lado, pela via de factores de ordem histórica e política (de que destacámos a massificação do acesso ao ensino universitário, o imperativo de dar formação e treino aos jovens, para ocuparem postos no mercado de trabalho, o financiamento, privado e estatal, nas Universidades, a projectos de investigação destinados a solucionar problemas práticos, nomeadamente no sector das indústrias, que inevitavelmente resulta numa limitação à auto-determinação das Universidades, no que respeita à definição dos seus objectivos); por outro lado, pela via de factores ligados à evolução assumida pela própria cultura académica (que se podem resumir à falta de alternativas ao pragmatismo causada pelo triunfo do pensamento pós-moderno, estruturalista e desconstrucionista, com a delapidação do conceito de pessoa, de sujeito-autor e de verdade objectiva, e com as reservas que daí decorrem no que respeita à validade da formulação de juízos de valor).

Também nestes aspectos o romance académico se revelou microcosmo representativo da realidade exterior, pois, conforme documentámos, a tensão entre idealismo e pragmatismo, com a confusão nos critérios de atribuição de valor que lhe é inerente, é neste subgénero uma constante. Não obstante o facto de, em muitos romances académicos, o pólo do pragmatismo aparecer representado pelo recurso

a estratégias como os episódios de conquista sexual, ou a atribuição, ao *Scholar*, de capacidades de detective, capaz de solucionar problemas concretos, concluímos que, a um nível mais profundo, no subgénero do romance académico, não se resolveu o conflito entre a necessidade, muito actual, de adoptar uma postura pragmática, e a necessidade de preservar a auto-imagem tradicional da Instituição Universitária, à qual o princípio do idealismo é fundamental; concluímos, também, que a falta de soluções para o conflito constante entre idealismo e pragmatismo foi, entre outros factores, determinante da fuga generalizada para o relativismo que actualmente permeia, não só o modo de pensar da Universidade e do romance académico, mas também o da sociedade em geral.

Considerámos ainda que a correlação entre o romance académico moderno e a sociedade actual sai alicerçada do facto de as marcas do presente, que contribuíram, na sociedade, para a derivação generalizada para o relativismo (como a desaglutinação de valores éticos que caracterizou os períodos de pós-guerra, e o acesso, para todos, através dos *mass-media*, a quantidades de informação, fragmentária, e desarticulada entre si, que, por tudo pôr ao mesmo nível, dificulta em extremo a emissão de juízos de valor) encontrarem a sua correspondência na Universidade, e no romance académico moderno, através da referência ao nivelamento de todos os valores representado, nestas obras, pelo tratamento dado à subversão do cânone curricular, e à inserção, nos *curricula* universitários, da procura de outros saberes, que não o saber académico tradicional. Verificámos que a insegurança que, na sociedade, se faz sentir, sobre a validade do conhecimento, que se apresenta como fragmentário e impossível de organizar num todo coerente, cristaliza de forma especialmente aguda no romance académico (que nasce da instituição cuja razão de existir se prende, precisamente, com a procura e transmissão do conhecimento) através da ridicularização da multiplicação de especializações académicas demasiado restritas e através da falta de confiança com que é projectada a figura do *Scholar*, e da atitude de não envolvimento, evasiva no que

respeita a juízos de valor, que os narradores académicos geralmente adoptam, evitando questionar de modo demasiado explícito o nivelamento de tudo, que é o subproduto do relativismo.

Estabelecemos, assim, que também no que respeita aos pressupostos da postura relativista, que permeia a sociedade actual, o romance académico se revelou um microcosmo, pois a postura relativista é a que preside à evolução deste subgénero na segunda metade do século XX. Sendo o relativismo intrínseco à postura liberal, que, por sua vez, faz parte, no seu triunfo e na sua crise, da própria contextura na génese do romance académico moderno, observámos, ainda, que pela interacção das derivações destas vertentes se realiza, dentro do romance académico moderno, o mesmo movimento de aproximação entre cultura média e cultura universitária que vem resultando do facto de a Universidade estar a deixar cair as suas barreiras, em confluência com a cultura da classe média, que está a elevar-se.

Concluímos que por esta queda de barreiras, ou derrocada da torre de marfim, o romance académico entra, tal como a sociedade exterior, num universo de relatividade radical; deixando de existir a dicotomia entre o que está dentro e o que está fora da Universidade, as diferenças deixam de ser bipolarizadas, para assumirem a forma de coexistência de uma multiplicidade de diferenças, consideradas ao mesmo nível - coexistência que, para além de reflectir a realidade pós-moderna, reflecte de um modo especialmente apropriado a realidade cultural dos Estados Unidos da América. A perda de estatuto do cânone curricular e de valores académicos tradicionais repercute, na Universidade e no romance académico, o que, na sociedade americana, se materializa pela perda de estatuto da cultura *WASP*, tomada, até aos anos cinquenta, como termo de comparação implícito, a partir do qual eram interpretadas as culturas das minorias. Como afirmámos, a tendência, que se antevê, para o desaparecimento do modelo de romance académico que é narrado a partir da perspectiva do *campus*, é a prova mais conclusiva da qualidade de microcosmo deste subgénero, em

relação à realidade cultural americana, e, por extensão, em relação à realidade cultural das outras sociedades ocidentais.

Tendo encontrado uma correlação entre as estratégias narrativas postas em prática no romance académico (como o recurso à meta-ficção, intertextualidade, etc.), e certas características fundamentais da cultura do presente, concluímos que o romance académico moderno denuncia, se não antes de a sociedade, em geral, o fazer, pelo menos de modo mais claro e consistente do que a sociedade o faz, os riscos inerentes à postura de relatividade radical, que se generalizou. Conforme atestam os finais de doze romances observados, na forma, e conteúdo, assumidos por este subgénero, transparecem as principais inseguranças que caracterizam a vida humana no fim do século XX, nomeadamente, as que se prendem com a generalização da dúvida e a perda de todos os valores que se pudessem considerar absolutos, incluindo o valor da verdade, dita objectiva; as que se prendem com a diminuição da proximidade, e genuinidade, das relações humanas, através da introdução de elementos artificiais de intermediação, que as colectivizam, e institucionalizam; e, ainda, as que se prendem com o colapso generalizado dos marcos de referência espácio-temporais que, por efeito da velocidade que o avanço tecnológico imprime às comunicações e às manufacturas, deixam de demarcar-se entre si pelas distâncias necessárias à sua individualização, o que resulta na perda das características próprias dos lugares e das pessoas, e num sentido de mutação constante, de transitoriedade de todas as coisas.

Destes problemas, inerentes ao universo de relatividade radical em que se move a sociedade americana, e em que, presentemente, todos nos movemos, o romance académico moderno dá testemunho, e dos riscos de colapso envolvidos mostra uma consciência antecipada. A forte radicação da Universidade no cerne da dinâmica social fez com que a qualidade, como documento cultural, do subgénero do romance académico, tenha podido ser explorada com referência a vertentes específicas. De facto, o universo de relatividade radical que

consistentemente transparece no romance académico, não obstante os riscos que comporta, abriu a possibilidade de neste subgénero encontrarmos um equacionamento, levado a cabo de uma óptica mais descentralizada do que é comum, de diferenças que são fundamentais à cultura americana e às culturas da Europa do Ocidente, em geral; De entre elas, destacámos a diferença intercultural, a diferença de classe e a diferença étnica/de raça.

Considerámos discutível até que ponto a descentralização de ponto de vista que referimos estará, de facto, a ser realizada com consistência no romance académico; e estabelecemos que, embora a isenção, ou a aparência de isenção, seja a postura predominante, não podemos apor esta legenda indiferenciadamente ao ponto de vista implícito da narração que encontramos em cada obra, em particular. Não é, sequer, impossível que os indivíduos originalmente pertencentes a grupos minoritários, que, pela via de mobilidade social positiva que a Universidade promove, ascenderam a um estatuto social mais elevado, se venham a demarcar do grupo de que provêm, sendo os primeiros a assumir pontos de vista conservadores. Na realidade, encontram-se, esporadicamente, no próprio subgénero do romance académico, indícios de que tal possa estar a acontecer, como no caso em que a personagem Froelich, em *Stepping Westward*, comenta:

> The way I understand it, and I may be wrong on this, but the way I see it is that a lot of fellows who have been sent free to university by the government are complaining that the government is lowering standards by letting fellows like them in.[1]

Este fenómeno, muito conhecido, é especialmente compreensível no contexto académico, se atendermos às características que Gyde Christine Martin atribui à Universidade em "The New University Novel: A Mirror Not Just Of Academe":

> The University is by nature a paradoxical institution as it is at once progressive and conservative. As a place of

> research and scholarship, it is constantly responsible for technological advances and revisions of our worldviews, and as a school, it is responsible for the dissemination of knowledge and thus for preserving and standardizing current knowledge and ideology. This dual nature makes the university an ideal setting for any conflict between the traditional, and the progressive, the old and the new, regardless of which is seen as the more desirable.[2]

Nas Partes II e III glosámos os modos como o antigo e o novo, a tendência para a conservação e a tendência para a inovação, se degladiam no microcosmo do romance académico; na Parte II, abordámos a qualidade que essa 'luta' imprime à visão que a Universidade tem de si mesma; na Parte III, o modo como a mesma 'luta' afecta a visão que a Universidade e os universitários mostram ter da alteridade, através do tratamento que no romance académico é dado à diferença intercultural, à diferença de classe socioeconómica e à diferença étnica/de raça: diferenças que, como considerámos, convivem entre si na Universidade num estádio que é pioneiro em relação ao do resto da sociedade.

Considerámos, no primeiro capítulo da Parte II - *Autovisões*, que a *Pax Academica* é apenas aparente, uma vez que o que se passa na Universidade se encontra em sintonia com os movimentos que tomam forma no resto da sociedade. De facto, registamos uma relação de moto contínuo entre estas duas realidades. O que se passa na sociedade reflecte-se na Universidade (e, a partir daí, no romance académico); por sua vez, depois do processo de interiorização e de intelectualização a que são sujeitas, as várias tendências saem da Universidade e transbordam de novo para a sociedade em geral, potenciadas com uma capacidade superior de consciencialização e de persuasão. O círculo repete-se, e a Universidade funciona, assim, como um *locus* privilegiado de apuramento e potenciação de movimentos, e jogos antagónicos de forças sociais. Considerámos que esta qualidade de privilégio se reflecte no modo como a Universidade se vê a si mesma, por exemplo, através

das manobras de protecção da instituição universitária sugeridas pela recorrência do cuidado posto na demarcação entre ficção e realidade pelos autores dos romances constitutivos do *corpus* - recorrência tanto mais significativa quanto o facto de terem tais romances sido seleccionados de modo aleatório no que respeita a este aspecto. A mesma associação à ideia de privilégio se patenteia também no desdobramento, que encontrámos no romance académico, do conceito abstracto de Universidade em Universidades reais que se opõem entre si com base em critérios elitistas. Por outro lado, o elitismo, que considerámos uma marca do universo académico, surge frequentemente esvaziado pela denúncia da face ameaçadora, ou então mistificadora/irrelevante/pretensiosa do conhecimento livresco - e esta subversão denota a qualidade de microcosmo da Universidade e do romance académico, a sua qualidade de lugar em que as forças e tendências em interacção são catalisadas e transmutadas.

O romance académico evidencia, assim, em relação à Universidade, a sua capacidade autocrítica, que atinge subtileza suficiente para denunciar casos em que a inoperância do saber académico serve para assegurar a segurança pessoal e institucional de quem o possui, e também casos em que essa segurança pessoal e institucional garante ao académico uma impunidade que lhe cria má consciência, pelo modo como se presta a ser vista pelos sectores da população que não gozam dos mesmos privilégios. Considerámos, no entanto, que o grau dessa impunidade poderá ser proporcional ao grau de saúde política da sociedade em que opera, e que assim se revela capaz de proteger e de fomentar no seu seio a sua própria capacidade de autocrítica e de mudança.

Mas a má (auto-)consciência implícita do Professor/*Scholar* pode ser endossada a uma gama variada de causas, de entre as quais destacámos, por um lado, uma postura idealista tomada como um dado adquirido, que leva esta classe profissional a não ser capaz de olhar sem reservas a procura do lucro material *per se*, sentindo-se antes obrigada a

colocar entre si e esse objectivo a intermediação de um objectivo de natureza superior e desinteressada; por outro lado, a frequente auto-qualificação da profissão e dos que a praticam como narcisistas, complacentes com as suas próprias insuficiências, irrevogavelmente destinados à precariedade financeira pelo seu pouco impacto prático no mundo concreto.

Pusemos em evidência a qualidade desassombrada e imparcial da procura do conhecimento académico, assim como, nas narrativas que o reflectem, a subversão última do próprio dogma que a essa procura serve de base, o dogma de que (todo) o conhecimento é importante. E, decorrendo deste ponto, registámos que a Universidade americana se revela pioneira nas tentativas de reverter a (aparência de) inutilidade do conhecimento académico, encontrando-se nela, mais cedo, menos resistência do que na Universidade inglesa, no que respeita à orientação do ensino para fins de utilidade prática, como por exemplo o ensino de línguas para fins específicos.

De todo em todo, a qualidade auto-reflexiva e de auto-avaliação constante revelou-se típica do universo académico, que por esta via não escapa ao reconhecimento da relação que existe entre dinheiro e poder, tal como da dificuldade óbvia em conciliar os valores, aptidões e produtos da Universidade com as leis da oferta e da procura que regem a dinâmica da sociedade que lhe é exterior. A denúncia da crescente capitulação da Universidade aos valores do *marketing* surge no romance académico logo desde as décadas de 60-70, mas tem vindo a afirmar-se, principalmente dos anos 80 ao presente, como uma realidade com que, de bom ou mau grado, se torna indispensável pactuar; nessa direcção aponta o facto de romances mais recentes de David Lodge e de Malcolm Bradbury tenderem a ter como figuras centrais personagens que já não são Professores/*Scholars*, mas jornalistas e argumentistas para a televisão.

O compromisso da Universidade com valores mais seculares e materialistas não obsta a que nela se continue a encenar consistentemente a demanda da verdade profunda que, à superfície dos textos sobre que este estudo se centrou, frequentemente toma a forma do questionamento da validade da diferença hierárquica, e da imbricação da Universidade com a política e governo do país, não obstante a maior proeminência que esta imbricação garante ao universo académico. De modo subtil, mas recorrente, transparece na *autovisão* da Universidade a valorização constante do direito à preservação da integridade psicológica individual.

A postura idealista revelou-se-nos, na actualidade, mais patente no sector das ciências mais exactas do que no sector das Humanidades, e atribuímos este aspecto ao facto de as primeiras terem meios mais imediatos de fazerem concretizar os seus objectivos; por outro lado, atribuímo-lo igualmente ao facto de, por terem estado mais afastadas do debate de ideias do período pós-moderno, que pôs em causa todos os valores, terem preservado mais fé nos objectivos propostos, ou terem ganhado menos reservas sobre a sua validade.

Concluímos também que a dificuldade pós-moderna de encontrar metas à altura do pendor idealista no universo académico pode estar na base do facto de, nos vários romances abordados, esse idealismo tender a ser concentrado na figura do Professor/*Scholar*, frequentemente em oposição com a postura da instituição a que pertence. Considerámos que a oposição assim criada pode funcionar como um obstáculo que disfarce a falta de objectivos reconhecidamente válidos por que pugnar. No cômputo geral, concluímos que a conflitualidade interna à visão que a Universidade tem de si mesma confirma a coexistência, no seu seio, de uma multiplicidade de perspectivas, que vem evidenciar, no romance académico, a descentralização de ponto de vista que esperávamos encontrar. E a referida conflitualidade interna justificou, para nós, a relevância do capítulo seguinte, em que tentámos definir, nas várias

obras, pontos de vista específicos da narração a partir dos quais tomaram forma as várias figuras de Professores/*Scholars*.

Assim, depois de nos termos debruçado sobre o modo como a Universidade se vê a si mesma, e de termos registado, nas características encontradas, áreas de disparidade que exigiam a particularização dos vários modos de olhar com que se auto-qualifica, começámos, no capítulo em que nos centrámos nas imagens individuais de Professor/*Scholar*, por observar a existência de uma zona considerável de sobreposição entre estas e a *autovisão* colectiva da Universidade.

Embora o termo *habitus*, popularizado por Bourdieu e adequado à expressão das identidades complexas do presente, se adeque também à expressão das identidades individuais no meio universitário, em que a construção das mesmas reporta a um somatório de identificações, em graus diversos, com diferentes grupos, cujo equilíbrio de prevalências entre si vai variando ao longo do tempo, registámos, no romance académico, como feição recorrente, uma bipolarização das características atribuídas às personagens principais: apercebemo-nos, de facto, de que em cada uma das quatro obras do *corpus*, seleccionado aleatoriamente no que respeita a este aspecto, os traços que caracterizam o ponto de vista da narração foram distribuídos, pelo menos, entre um protagonista e outra personagem que lhe serve de contraponto, funcionando esta bipolarização como estratégia que favorece a narratividade das histórias, através da materialização, em personagens diferentes, que se podem completar e/ou antagonizar entre si, de diferenças geradoras de significado e catalisadoras da acção. Concluímos que a referida estratégia, de divisão do *eu profundo* da narração em (pelo menos) duas personagens, tratadas na terceira pessoa e evoluindo em relação simultaneamente complementar e oposta, favorece a prática da auto-crítica, pois projecta a exposição das fragilidades próprias de um presumível *eu-narrador*, que se desdobra para a si mesmo se poder julgar como se de outrém se tratasse.

Como características auto-atribuídas, transpareceram, no universo académico inglês, a vontade de preservação da individualidade, da privacidade e da liberdade de escolha, assim como a postura de não interveniência perante as opções alheias; transpareceram também as preocupações de natureza provinciana, trivial, e a incapacidade de dialogar com um meio envolvente mais alargado. No universo académico americano, transpareceram a assunção de um liberalismo interveniente, e, quando necessário, manipulador e pouco escrupuloso na forma de concretizar os seus objectivos, assim como preocupações de natureza metafísica, sobre a condição humana, e bastante mais capacidade de diálogo e de negociação com o mundo exterior. Significativamente, a postura de idealismo, normalmente subscrita no mundo universitário, chega, neste contexto, a ser acusada de um comodismo quase autista, na sua recusa em dialogar com o meio e modificá-lo, ou chegar a soluções de compromisso. Em geral, detectámos, na *autovisão* académica, uma marcada qualidade de contenção, que envolve a crítica sobre as opções disponíveis, mas também a consciência da impossibilidade de concretizar, ou sequer definir, a opção que seria perfeita.

Considerámos que as diferenças encontradas adentro do universo académico não constituíam, nas *autovisões* do Professor/*Scholar*, o oponente real, mas antes que, nas narrativas de que tratámos, este oponente era constituído pelos valores que regem o mundo exterior, frequentemente representados pela Administração da Universidade, ou por figuras colocadas em posição de chefia; documentámos tal observação com recurso a críticos que se debruçaram sobre este subgénero literário, e vimo-la igualmente confirmada nas obras que analisámos com mais pormenor. De facto, notámos que a figura do chefe tende a informar o ponto de vista da narração pela negativa, oscilando-se, no mundo universitário, entre a imagem de chefe de tipo empresarial, cujos valores são alheios ao conceito primordial de Universidade, e a imagem de chefe passivo, auto-complacente e desfasado do real concreto.

O estatuto, em termos de carreira, cada vez mais elevado, dos autores e, em paralelo, das personagens dos romances académicos, indica que, tendencialmente, o verdadeiro ponto de vista da narração estará a envelhecer; mas observámos que, em narrativas mais recentes, a atenção dos leitores é, mesmo assim, endereçada para personagens jovens e relativamente esvaziadas de poder, o que nos levou a considerar confirmado o traço de dissidência da sociedade, e da própria instituição a que se pertence, como uma das características distintivas do subgénero literário do romance académico.

Decorrendo do exposto, verificámos também que a figura do escritor surge como hiperbolização da figura do Professor/*Scholar*, envolvendo o papel que lhe é atribuído a assunção do expoente máximo de liberdade académica. À condição de Professor/*Scholar*, assim como à do escritor, é inerente, tanto quanto possível, a qualidade de *outsider*, que advém do facto de a imagem do protagonista académico típico se ter construído a partir de uma atitude mental dissidente. A deslocação da perspectiva para fora do enquadramento mental do *Establishment* é habitual, assumindo formatos variáveis; em *Death In A Tenured Position,* de Amanda Cross, toma o formato de derivação do ponto de vista mais comum, que é masculino, para o ponto de vista da Mulher *Scholar*, também presente neste subgénero literário desde a sua génese, embora numa proporção relativamente desfavorável: adentro desta obra, que seleccionámos para o *corpus*, foi, assim, possível encontrar algum equacionamento da condição feminina no contexto académico.

Concluímos que as figuras típicas de Professor/*Scholar* nascem da vertente idealista, enquanto as figuras de chefes nascem frequentemente da vertente pragmática da instituição, lançando a ponte entre a Torre de Marfim, desfasada do real e de estabilidade comprometida, e as exigências do mundo que ainda é exterior ao académico, e em função do qual se definem zonas e condições de alteridade cujo tratamento abordámos nos capítulos seguintes.

No primeiro dos capítulos da Parte III, em que abordámos as *alterovisões* que se formam sobre, e principalmente a partir de, a Universidade, começámos por definir que realidades ainda, em algum grau, se demarcam como *Outro,* quando consideradas do ponto de vista académico; destacámos, neste âmbito, a tecnologia (que, nas narrativas que nos ocuparam, surgiu associada aos *mass media*), a burocracia, a administração da própria instituição universitária e o poder político, ou seja, o governo do país. Tendo notado que a perspectiva implícita do romance académico coincide largamente com a perspectiva presumível da área das Humanidades, glosámos as razões por que as Humanidades se têm deparado com mais dificuldades de auto-afirmação do que a Tecnologia, e pusemos em evidência a confluência de condicionantes que reúne às Humanidades a pesquisa científica de natureza teórica, ou seja, a procura do saber de cariz académico. Notámos que mesmo nos casos em que essa procura decorre em áreas mais exactas do conhecimento, a pesquisa académica tende a ser, de facto, de natureza principalmente teórica, e leva-se a cabo num clima generalizado de incerteza em que, na maior parte dos casos, não se vislumbram aplicações práticas imediatas para aquilo que vai sendo posto a descoberto.

Reconhecendo, embora, a necessidade de orientar a procura do saber (académico e outro) para a resolução de problemas que afligem a Humanidade, ou sectores da Humanidade, prestes ao dealbar do terceiro milénio, não podemos deixar passar o ensejo proporcionado pela escrita destas conclusões, sem dizer algumas palavras em prol do ideal da procura desinteressada do conhecimento. De facto, o próprio universo geográfico e cultural da América que, em grande parte, serviu de base a este estudo, ainda que inadvertidamente, teve a sua origem numa pesquisa que acabou por ser levada a cabo sem uma finalidade específica. O navegador Cristóvão Colombo abordou primeiro a Coroa portuguesa com a proposta de alcançar as Índias, rumando a Oeste. Os portugueses do tempo, eventualmente com interesses pré-definidos, e

com mais conhecimento dos mares e uma cartografia eventualmente mais aperfeiçoada, não esperavam que fosse bem sucedido nessa demanda, e por isso negaram-lhe o financiamento. Os espanhóis, pelo contrário, financiaram-no, e ele não aportou, de facto, às Índias, como os portugueses não esperavam que aportasse, mas, supostamente, acabou por fazer muito mais do que isso: descobriu a América.

Não obstante tudo o que possa alegar-se a favor da procura desinteressada do conhecimento, encontrámos patente no romance académico a noção de que o conhecimento em Ciências Humanas, pelas condicionantes que rodeiam a sua procura, além de carecer de relevância em termos práticos, abre lugar ao oportunismo individual e institucional e à mistificação; e verificámos que a forma de alteridade constituída pela tecnologia se demarca do *Nós* académico pressupondo-lhe um pano de fundo de inseguranças latentes criadas pela noção que referimos. Por sua vez, também ao saber tecnológico se nos afigurou que subjaz a insegurança de se ver perspectivado pelo olhar académico como detentor de uma utilidade acrítica e amoral, posta, como dissemos, ao serviço de quem mais esteja disposto a pagar. No campo das inseguranças adstritas aos dois tipos de saber, apontámos a possibilidade de poderem ser atribuídas a uma compartimentação excessiva das especializações, que tenha deixado de ser funcional, truncando aos vários campos de pesquisa o caminho para se desenvolverem harmoniosamente.

Registámos que os ecos da dicotomia entre saber em Ciências Humanas e saber tecnológico reverberam no romance académico e tendem a resultar na exclusão da perspectiva da Tecnologia, e numa inclusão profundamente insatisfeita e auto-crítica da perspectiva das Humanidades e das ciências teóricas de qualquer ramo. E considerámos que a referida dicotomia repercute cisões na própria sociedade e na própria cultura, no que respeita aos critérios de atribuição de valor que se fazem prevalecer.

A Universidade revela-se, de facto, o lugar em que a sociedade faz cristalizar a consciência de si mesma. Representa o vector da qualificação, oposto ao vector quotidiano da quantificação, dos valores contabilizáveis. Considerámos que a dicotomia Tecnologia/Humanidades representa, no microcosmo do romance académico, a dicotomia sociedade/Universidade, no macrocosmo social.

Considerámos também que, nas *alterovisões* da Universidade, a demarcação da burocracia repercute a recusa do esmagamento da individualidade e a desconfiança da máquina da governação. E os casos de tratamento discordante dado pelo olhar académico ao meio físico, e mesmo humano, que o envolve, prendem-se com um processo de distanciação e apuramento das realidades próprias e alheias trazido para o mundo universitário pela recorrência do tema da Viagem. Notámos que o referido apuramento da percepção deriva da sobreposição, numa relação de complementaridade, das grelhas de decifração a que habitualmente recorremos na descodificação da realidade que nos envolve, com as grelhas de decifração usadas por outros, na descodificação dos seus contextos próprios; e relacionámos a demora que assim se estabelece no processo da percepção, a consciência da consciência que assim se promove, com a proliferação a que se assiste no romance académico de exemplos de paródia intertextual e de meta-ficção: um outro tipo de Viagem, do texto literário presente até à Literatura enquanto instituição, com a sobreposição de grelhas de decifração que aos vários casos são próprias.

Não obstante a inexistência de visões isentas em absoluto, às *alterovisões* a partir da Universidade considerámos que presidia a consciência de as visões de qualquer realidade só serem possíveis depois de moldadas pelo filtro da realidade de quem vê. Considerámos também que, pelo frequente recurso à exploração do tema da Viagem (de qualquer natureza), se promove, no romance académico, uma acumulação de perspectivas que favorece a construção de visões do *Outro* mais apuradas do que é comum, portanto especialmente relevantes

em estudos culturais. No caso americano, radicámos a propensão, no romance académico, para a exploração do tema da Viagem, em modos de estar e produtos culturais da geração *Beat*, nomeadamente em *On The Road*, de Jack Kerouac, e encontrámos linhas de continuidade entre a atitude geral de transgressão que lhes é própria e a postura de dissidência que se tornou habitual no subgénero literário que nos tem ocupado ao longo deste estudo.

Tendo documentado a intensidade do intercâmbio cultural que se tem registado entre a Inglaterra e os Estados Unidos, abordámos os romances académicos constitutivos do *corpus* que se enquadram nesta tendência, e considerámo-los um campo privilegiado para o estudo dos traços culturais atribuídos a estes dois países, e das áreas de *culture shock* entre eles. Fizemos notar o paralelismo que existe, e que no romance académico se patenteia, entre a tendência para a meta-ficção e a intertextualidade na Literatura, e a tendência semelhante que se regista na Arquitectura, em que as características dos edifícios deixaram de decorrer directamente da função a que se destinam e dos traços típicos da construção local, para passarem a parodiar características da construção de outros lugares, criando descontinuidades ao nível da interpretação espácio-temporal do seu significado, e assumindo-se assim, em geral, a demora da percepção causada pela intermediação de elementos artificiais como uma marca própria do enquadramento pós-moderno.

Notámos que o tratamento que nos romances académicos sob escrutínio é dado à caracterização da América, nos aspectos negativos que comporta, se identifica com a jeremíada contra os sinais dos tempos no mundo ocidental do fim do século XX. Esta confluência corroborou a ideia de o conceito de modernização no contexto ocidental, incluindo o inglês, estar a coincidir largamente com o conceito de americanização, ideia com que, logo de início, tínhamos justificado a relativa preponderância das referências à cultura americana, ao longo deste estudo. Considerámos que, na caracterização do que é americano, a

proliferação do gigantesco e do incaracterístico se associa à ideia da decadência dos valores humanistas, decadência atribuída à prevalência de critérios de atribuição de valor baseados na obtenção de sucesso material e na afluência financeira. E considerámos também que estes critérios, que norteiam as acções e as atitudes, se interligam com a adopção de um tipo de abordagem funcionalmente simplista e monolítico da realidade, abordagem simplista para a qual a confiança no valor, no sucesso e na razão próprios, com ou sem fundamentos que a justifiquem, é uma pedra de toque tão imprescindível, que se tal confiança não surgir espontaneamente, tem, no imaginário americano, a nível individual e colectivo, de ser forjada. Não obstante as óbvias limitações envolvidas, reconhecemos, a propósito, o sucesso gerado, em vários aspectos, por esta assunção geral de legitimidade e optimismo individuais e nacionais, como princípio norteador, e radicámos esta tendência nas associações edénicas e enérgicas das imagens primordiais da América.

Muito pelo contrário, o universo cultural inglês surgiu, nas obras que abordámos, caracterizado pela passividade e pelo estoicismo. A este apareceram associadas as ideias de inépcia física, de incapacidade ou falta de vontade para alterar a seu favor as características do meio circundante, e, em ligação com estes aspectos, uma atitude de auto-complacência esclerosada em tradições de pendor aristocrático que deixaram de ser funcionais. Notámos que, no universo cultural inglês, a falta de flexibilidade e de adaptação dinâmica às circunstâncias e a falta de capacidade de auto-afirmação e de confiança em si mesmo surgem contrabalançadas por uma enorme dose de confiança na colectividade; conforme apontámos, o que, na cultura americana, toma a forma de confiança, genuina ou fabricada, nos recursos próprios, surge, na cultura inglesa, como confiança na civilização e nas instituições. De facto, a inépcia inglesa perante os obstáculos, que no romance académico transpareceu de modo recorrente, revela-se compensada por uma atitude moral e humanamente solidária que informa tanto o domínio pessoal como o institucional. A análise que efectuámos deixou transparecer que esta atitude moral básica é interiorizada a ponto de se criar no indivíduo

uma confusão sobre o que na sua postura é genuíno e o que é resultado de um processo padronizado de sociabilização em direcção a valores humanistas. Daí decorrerá a proverbial formalidade e correcção inglesas no trato inter-pessoal, que acabam por artificializar e distanciar a contacto humano. A falta de direcção e de clareza sobre objectivos a alcançar apontada ao universo cultural inglês revela-se, assim, denunciadora de um grau mais apurado de consciência da complexidade envolvente, de que faz parte uma quase inevitável predominância do que é sociabilização sobre o que é natureza. E, no tratamento destas diferenças, os romances académicos que abordámos revelaram constituir documentos que permitem e favorecem um tipo de análise cultural de ordem mais subtil do que a que costuma informar os lugares-comuns sobre as duas culturas sob escrutínio.

No capítulo da Parte III - *Alterovisões* em que nos debruçámos sobre o tratamento que no romance académico é dado à questão das diferenças de classe socioeconómica, propusemo-nos encetar uma breve panorâmica selectiva sobre o debate sobre classe e divisão de classes. Com tal panorâmica, pretendemos compensar o carácter inevitavelmente evasivo das definições de classe socioeconómica, e também proceder ao enquadramento, nesta temática, de terminologia como 'capital humano' e 'mobilidade social', que dela são inseparáveis; pretendemos, sobretudo, equacionar o papel da educação, nomeadamente da educação universitária, no processo de mobilidade social, papel que de facto releva para o presente trabalho, e cujos reflexos na cosmovisão da Universidade, tal como os reflexos das *alterovisões* que a partir da Universidade se formam das diferenças de classe, documentámos com recurso ao romance académico, com incidência especial nas obras seleccionadas para o *corpus*.

Tendo-nos reportado à origem do termo 'classe' e à evolução do respectivo conceito, fixámos, sobre ele, as opiniões de orientação marxista de Ralph Dahrendorf, e de Bowles e Gintis, segundo os quais a cada classe corresponde um grupo de indivíduos que partilham entre si o

falta de atenção prestada pelos marxistas à mobilidade individual ao facto de se preocuparem principalmente com a mobilidade colectiva e, neste âmbito, põe em destaque que Marx reconheceu o aparecimento de um estrato intermédio entre o proletariado e a burguesia, cuja relação com os capitalistas se definia pela prestação de serviços (por exemplo, de gestores e administradores), sem que houvesse envolvimento directo nas actividades de produção.

Da perspectiva colectivista dos marxistas, derivámos para a perspectiva mais flexível de Sorokin, que considerámos especialmente importante dentro do universo cultural que nos interessa, por se radicar, por um lado, no sucesso da democracia liberal nos Estados Unidos, por outro, no socialismo britânico. Considerámos, assim, dever registar a opinião de Sorokin, de que a mobilidade (individual) era um valor a preservar e a maximizar, opinião adjuvada pelas ideias liberais democráticas de Blau e Duncan, segundo os quais o universalismo (americano) levaria a um crivo para o sucesso baseado nas realizações de cada indivíduo, que faria empalidecer a importância de relações anteriores de pertença a um grupo socioeconómico. Paralelamente, destacámos, com referência ao universo cultural de Inglaterra, a opinião de Goldthorpe, radicada no socialismo ético britânico, de que a adopção de um processo gradual de reformas havia de conduzir a uma alta taxa de mobilidade, que traria consigo mais igualdade de condições à partida, levando, em última análise, este cenário, à igualdade real de oportunidades.

De entre os factores que afectam a mobilidade social e que se relacionam de perto com o universo académico destacámos a autonomia, que, segundo Michael Hout, é o grau em que determinada ocupação ocorre sem supervisão de outrém, grau esse que tende a potenciar-se nas gerações seguintes. O mesmo autor faz notar que a maior parte do efeito que o estatuto ocupacional do pai tem no estatuto ocupacional do filho se concretiza pela via da educação que este último recebe. A interacção deste aspecto com o papel da Universidade é óbvia; em

contrapartida, conforme apontámos, Mark Granovetter faz notar que o investimento em capital humano só é lucrativo quando há adequação entre as necessidades do mercado de trabalho e as capacidades adquiridas, e verificámos, ao longo deste estudo, que no romance académico são recorrentes as denúncias ou sugestões da falta dessa adequação no que respeita à preparação dada pelo ensino universitário.

O grau insuficiente de adequação que parece verificar-se neste domínio levou-nos a considerar com algumas reservas a teoria da *New Class*, subscrita por Alvin Gouldner, autor que detecta o aparecimento de uma nova classe universal e elitista, com poder crescente, alicerçada sobre capital cultural, a que pertencem os cidadãos que ensinam e que gerem, nomeadamente professores universitários, engenheiros, etc.. À teoria de Alvin Gouldner contrapusemos ainda outras dificuldades, como a do crescente excesso de oferta de pessoal com níveis altos de educação, que, em conjunto com o pendor idealista, mais interessado em bens simbólicos do que em bens materiais, que a Universidade ainda valoriza e instila nos que a ela acorrem (conforme documentámos com base em passagens de romances académicos), leva muitos elementos dessa suposta *New Class* a uma situação de disparidade entre nível de educação e proventos financeiros - devendo, neste enquadramento, ser tomado em conta que estes últimos continuam a constituir um dos critérios de divisão da sociedade em classes socioeconómicas.

Depois de termos parafraseado uma variedade de autores que, no enquadramento de cambiantes conceptuais e ideológicos diversos, têm posto em dúvida o valor, no mercado de emprego, do conhecimento cognitivo adquirido nas escolas e Universidades - dúvida de que, conforme já referimos, também encontrámos reflexos adentro do romance académico - pusemos em destaque o evidente paradoxo de, por um lado, o sistema educativo, como instituição da sociedade capitalista, tender a perpetuar tal modelo de sociedade, favorecendo a continuação das mesmas relações de poder entre as várias classes e mantendo a situação de privilégio da minoria endinheirada; e, por outro lado, o

mesmo sistema educativo ajudar à subversão dessa situação de privilégio, criando critérios internos para ascensão individual iguais para todos, e constituindo-se como via principal de mobilidade social positiva. Atribuímos este paradoxo a uma cisão, nos Estados Unidos e nas sociedades do Ocidente, em geral, entre o sistema económico e o sistema político, no mesmo país, no que respeita aos valores que, a um nível profundo, os regem. Considerámos que enquanto o sistema político é regido por ideais democráticos e pressupõe que as decisões sejam tomadas por maioria, o sistema económico faz apenas as concessões mínimas a este princípio, regendo-se, no fundo, por um modelo totalitarista e autocrático (ainda que não assumido publicamente), e tentando manter um formato pelo qual se reduz ao mínimo a participação da maioria nas decisões e na distribuição do bem, e se perpetua a protecção aos interesses dos que detêm o capital e o privilégio. Considerámos também que o paradoxo que resulta do facto de estes dois sistemas, norteados por propósitos implícitos opostos, terem de funcionar em conjunto na sociedade, informa de perto o teor dos conflitos internos que afectam a Universidade, e reflecte-se no modo como as diferenças de classe socioeconómica são abordadas no romance académico. Concluímos, a propósito, que no romance académico tende a privilegiar-se a postura do sistema político em detrimento da do sistema económico, e, ao colocar esta conclusão em perspectiva, verificámos que a opção democrática, recorrente no modo como se colocam os narradores académicos, faz parte de todo um enquadramento perceptual que, genericamente, tem presidido à escrita do género literário do romance.

De facto, com recurso a John O. Lyons e Lionel Trilling, documentámos a opinião de que a realidade das divisões de classe, e o questionamento da hierarquização social, foram sempre matéria fundamental à escrita do romance, que se prende de perto com a procura da verdade profunda, para além da superfície das verdades de convenção. Foi neste contexto literário mais vasto que passámos a enquadrar a forma como a percepção das diferenças de classe se tem

inscrito no romance académico, desde, pelo menos, o século XIX, e, naturalmente, articulámos esse modo de inscrição com as alterações na atitude da Universidade ao longo do tempo, no que à estruturação da sociedade em classes, e às divisões de classe diz respeito.

No caso específico do subgénero do romance académico, o espírito de cruzada que, no cômputo geral, o género literário do romance tem demonstrado, toma a forma da defesa da liberdade académica, e da reflexão sobre, e/ou aceitação das diferenças de classe, étnicas e de género. Relacionámos este facto com a evolução do tratamento da diferença de classe no contexto da Universidade, cujo historial traçámos brevemente; referindo-nos ao caso inglês, encontrámos no caminho tomado por esta evolução, que em geral foi democratizante, as origens para a tendência, que também se veio a revelar, para se diferenciarem as Universidades entre si, em termos de estatuto, e em termos da possibilidade de acesso futuro a lugares de poder político que abriam, ou não, aos que nelas ingressavam. Concluímos que, apesar da democratização do acesso ao ensino universitário, a Universidade, enquanto instituição, tende a comportar-se de forma elitista e conservadora, ainda que integre em si o 'laboratório' a partir do qual se projecta a mudança. Mas foi nas tendências culturais democratizantes que se fizeram sentir a meio do século XX, com a corrente dos *Angry Young Men* e o aumento do acesso ao ensino universitário de filhos da classe trabalhadora que reiterámos ter encontrado a radicação do subgénero do romance académico com as características que assume dos anos cinquenta do século XX em diante, em que se revelou afectado de modo especialmente profundo pela consciência das diferenças de classe. Neste âmbito, verificámos que os traços distintivos da ficção dos *Angry Young Men* continuaram a coincidir largamente com os que caracterizaram o romance académico até dentro das décadas de sessenta-setenta.

No cômputo geral, considerámos que também sobre a questão das diferenças de classe se verifica que as tensões sociais em interacção,

por vezes contraditórias, se agudizam na Universidade e no romance académico, dada a convivência mais íntima e reflexiva do que é costume que nestes ambientes se realiza entre os vários interesses em jogo.

Registámos um paralelismo próximo entre o caso inglês, a que nos vínhamos reportando, e o caso americano, paralelismo que glosámos com recurso a passagens de romances académicos americanos que documentam, por um lado, o acesso cada vez mais generalizado dos filhos das classes trabalhadoras à Universidade, por outro lado, a resistência à mudança e a tendência conservadora da instituição universitária, nessa matéria. Considerámos que no romance académico e na ambiência universitária, se promove a defesa dos que se encontram, na Universidade, em situação de desvantagem social, mas principalmente enquanto casos individuais, que não obriguem a Universidade a repensar-se e a modificar-se para acolher de modo massificado a população. Concluímos que, no caso americano, pelo segundo quartel do século XX, o que se opõe a esse acesso massificado já deixou de ser uma classe para ser uma elite (de que, em maior ou menor grau, já fazem parte elementos com origem em todos os estratos sociais); concluiu-se ainda que, também no caso americano, a Segunda Guerra Mundial imprimiu a este processo uma direcção, tanto quanto se afigura, irreversível, no sentido da democratização. Mas também em narrativas americanas encontrámos denunciado o facto de, neste processo de democratização, a Universidade se ter desdobrado em versões de melhor e de pior qualidade, desdobramento que, de alguma forma, subverte a intenção universalista inicial, de providenciar igualdade de oportunidades para todos.

Concluímos o capítulo em causa com a análise de exemplos de tratamento das diferenças de classe nos romances constitutivos do *corpus* seleccionado, e com a verificação de que, ainda que o ponto de vista assumido no romance académico se tenha revelado menos isento de coloração de classe, ou de elitismo, do que nos conviria, ele se revelou um ponto de vista mais abrangente e consciente do que é

comum, com capacidade para documentar de modo eficaz a dinâmica da mobilidade social, e a forma como se perspectivam, entre si, as várias diferenças e os vários interesses em interacção. Outro aspecto que consideramos não dever ser deixado em silêncio é o facto de no romance académico não se revelar apenas a capacidade de observação atenta, mas também alguma capacidade actuante, uma vez que, em certa medida, neste subgénero se promove desde sempre, e, crescentemente, desde os meados do século XX, o ponto de vista dos que, mesmo dentro da Universidade, se continuam a encontrar em situação de desvantagem.

O último capítulo, em que abordámos o tratamento da diferença étnica/de raça no romance académico, aferido pelos modos como a mesma problemática tem sido considerada na Universidade e na sociedade, foi iniciado por uma breve análise do fenómeno étnico, e pela colocação em perspectiva de conceitos com ele relacionados, como *Mainstream*, 'minoria', 'étnico', *ethos*, 'racismo', e, finalmente, *affirmative action* - realidade que abordámos com recurso a dados históricos e estatísticos que a têm acompanhado, e à própria recepção que dela se patenteia no romance académico. No âmbito da nossa análise, tivemos oportunidade de pôr em evidência a correlação que ainda existe entre diferença étnica e diferença de classe socioeconómica, e o papel catalisador que a mobilidade social (positiva) tem na integração das minorias raciais. Verificámos, igualmente, que no subgénero do romance académico, sobretudo desde o pós-guerra de 39-45 até ao presente, se patenteou, de início, a consciência da discriminação das minorias raciais na sociedade e na Universidade, mas também, numa fase posterior, a consciência do facto de as medidas de correcção deste problema implementadas através de *affirmative action* terem levado ao aparecimento de uma minoria branca em situação de desvantagem socioeconómica, tornada desprotegida e invisível por causa da sua raça e da sua cor.

Registámos a proeminência da problemática da diferença étnica/de raça na sociedade americana, e, adentro deste universo

cultural, contextualizámos tal problemática no registo factual histórico e no debate ideológico que a acompanha, e abordámos a sua imbricação com a Universidade. Este percurso levou-nos a concluir sobre a insuficiência das medidas de *affirmative action* implementadas até ao presente, no que respeita a conseguir a integração e a paridade, em termos de estatuto socioeconómico, das minorias raciais e étnicas. Fundamentando-nos em autores como Jack Kemp, J. C. Watts Jr. e Todd Gitlin, apontámos a necessidade de se olhar a questão da diferença étnica/de raça de uma óptica menos parcial e parcelar, e de tornar a ter em conta a globalidade da sociedade americana; e, no âmbito do reconhecimento desta necessidade, mencionámos a fragmentação geral dos objectivos da esquerda a que se tem vindo a assistir, e a cada vez maior ênfase colocada nas identidades de grupo, tendências que têm conduzido ao modo que chamámos parcial e parcelar de olhar a diferença étnica/de raça predominante em décadas recentes.

Na avaliação que fizemos do impacto da *affirmative action* ao nível do alargamento do acesso das minorias à educação e à Universidade, evidenciou-se, como aspecto positivo da ênfase colocada nas identidades de grupo, o aparecimento e florescimento da literatura que chamámos transcultural, surgida a partir de contextos étnicos diversos que têm vindo a ganhar voz, e que têm revelado capacidade para revolucionarem e enriquecerem o panorama literário dos países de acolhimento: no caso que nos ocupa, os Estados Unidos e a Inglaterra.

Radicámos o sucesso da literatura transcultural nas condições propícias ao seu florescimento criadas por uma confluência que raramente se verifica, mas que neste caso se tem registado, entre os interesses da correcção política e os interesses, bem pragmáticos, de índole comercial, das casas editoras; mas pusemos também em evidência o papel da Universidade neste processo, já que ela é a instituição que, tanto no que respeita a autores como a público leitor, tem formado as aptidões e as apetências que têm permitido tal sucesso - ainda que, por efeito da crescente fragmentação pós-moderna, aliada à

persistência de uma vertente conservadora nesta instituição, a Universidade tenha perdido centralidade no que respeita aos percursos da produção literária, e o romance académico não tenha chegado, ele mesmo, a transportar qualquer componente significativa de vozes étnicas diferentes que, de facto, informasse o ponto de vista da narração. A razão para este facto pode também residir noutro aspecto: compreende-se que a diferença étnica só seja funcional na economia destas narrativas até ter integrado o ponto de vista docente da Universidade, e dos narradores académicos; depois de estar integrada, deixa de ser *diferença*, e passa a ser *Mainstream*, como se verificou no caso dos Judeus, e, previsivelmente, poderá vir, num futuro próximo, a verificar-se no caso de grupos orientais como Coreanos e Japoneses. A Universidade, com o papel que tem na mobilidade social, marcaria assim a charneira, a aresta de viragem entre situação minoritária e integração de facto, e o ponto de vista judaico-cristão comummente assumido pelos narradores e protagonistas do romance académico daria testemunho do grau real da integração da diferença étnica, na fase presente de um processo que continua em curso.

Na nossa óptica, não é, assim, surpreendente que o debate e a conflitualidade inerentes ao tratamento das questões étnicas e de raça se encene de modo especialmente agudo a partir da Universidade, conforme documentámos invocando títulos de publicações que abordam quase exclusivamente esta problemática, e recorrendo à *homepage* com que a Universidade de Kansas se apresenta na *Internet*. E, tal como fizemos notar, antes de as questões levantadas pela diferença étnica se patentearem na primeira linha de consciência das Universidades, enquanto instituições, essas questões já surgiam abordadas no romance académico, pelo menos desde o princípio do século XX, como atestam as passagens de obras a que recorremos, e a própria opinião expressa por John O. Lyons em *The College Novel In America*. Considerámos, na evolução do romance académico americano, uma fase em que, no enquadramento da Universidade, a questão étnica, como diferença individual, conduzia com frequência ao suicídio, o que vemos como

denúncia, na ficção, da injustiça social, ao tempo aparentemente sem remédio, que costumava acompanhá-la, na realidade; uma fase, que se interpenetra com a primeira, em que a diferença étnica é usada como recurso para ser explorado de modo humorístico; e, mais recentemente, uma fase em que se encontra, de modo esporádico, a visão da diferença étnica considerada da óptica do elemento diferente, e se fazem também críticas à actuação da Universidade, no que respeita ao modo como assume, ou não assume estas questões quando há interesses financeiros em jogo.

Da análise que levámos a cabo, concluímos que o tratamento que no romance académico é dado à diferença étnica/de raça, tal como tínhamos registado no caso das diferenças de classe, foca também, principalmente, casos individuais. Além disso, desenvolve-se a nível teórico: não é 'sentido' do ponto de vista da narração, e mantém um estatuto apenas periférico adentro da economia das narrativas, mesmo quando estas já são estruturadas com considerável unidade de acção, tendo deixado de ser de tipo fragmentário, meras colecções de episódios de vida estudantil como eram no século XIX: colecções em que, de facto, não se esperaria encontrar o aprofundamento sério de qualquer temática.

Os extractos de romance académico a que recorremos na nossa análise permitiram detectar diferenças (que referimos) entre o tratamento dado à diferença étnica/de raça nas obras que incidem no contexto cultural inglês e as que incidem no contexto cultural americano; considerámos que tal diferenciação é sintomática da capacidade que este subgénero literário tem de documentar traços específicos, às vezes subtis, de cada universo cultural. Por sua vez, o olhar que lançámos, em ordem cronológica, sobre várias obras de David Lodge que tocam a diferença étnica, e de cor e tipo físico, pôs a descoberto a evolução diacrónica do tratamento desta problemática, em direcção a uma atitude de tolerância crescente, e mesmo de adesão psico-afectiva, ao tipo de alteridade em questão. Enquadrámos, a propósito, o progresso verificado no grau de tolerância das diferenças entre indivíduos, na tendência

descentralizadora dos critérios de atribuição de valor que tem acompanhado a passagem do Modernismo para o Pós-modernismo.

De entre as diferenças étnicas cujo tratamento abordámos no romance académico, demos especial destaque ao caso dos Judeus, por ser esta etnicidade, inicialmente, e ainda hoje, diferente da *WASP*, a única que permeou a tal ponto o sistema universitário, e todo o universo cultural americano, que passou a determinar a perspectiva implícita da *Mainstream* actual, neste país. Pela sua contiguidade com a etnicidade judaica, abordámos, de seguida, o tratamento que no romance académico moderno (com incidência especial nos romances de Malcolm Bradbury) é dado à diferença étnica dos Russos e dos refugiados da Europa de Leste e Europa Central; concluímos serem eles figuras frequentemente informadas por uma experiência dolorosa anterior, de solidão e perseguição, que surgem a subscrever o sistema americano, e a democracia que supostamente o norteia, com menos reservas e mais afinco do que os próprios americanos. Adentro das narrativas, tais vozes efectuam um processo de distanciação filosófica necessária à avaliação dos vários eventos, que vão pontuando com as suas reflexões.

O tratamento dos grupos de Orientais de cuja presença na Universidade encontrámos vestígios no romance académico levou-nos a considerar que eles tendem a não permear o sistema americano, e a não ser vistos pelo resto da população enquanto grupos, mas enquanto casos singulares, individualmente. Tanto o individualismo e, subjacente a ele, a fé no valor e recursos pessoais próprios com que frequentemente surgem caracterizados, como alguma infantilidade, mas também entusiasmo, com que são apresentados, a abordar a realidade americana, nos romances do *corpus* que seleccionámos, como ainda o alto nível de Q.I. e de capacidade de auto-disciplina que em geral têm, e de que também encontrámos indícios no romance académico, são, em conjunto, traços compatíveis com os valores em que se fundamenta a sociedade americana, e levam-nos a juntar a nossa opinião à dos que auguram aos

Orientais um tipo de integração semelhante àquela que já ocorreu com os Judeus.

Embora os Irlandeses, como grupo, tenham sido, em grande parte, absorvidos pelo sistema americano, dado o facto de as primeiras vagas de imigração irlandesa para os Estados Unidos datarem ainda do início do século XIX, constatámos que o seu tratamento individualizado no romance académico, tanto no caso americano como no caso inglês, os apresenta como pobres, norteados por um idealismo e por um código de valores morais e religiosos que, de certo modo, atrasa o seu progresso material dentro das sociedades a que pertencem. Informadas por uma preocupação genuína com a ética, e uma forte tendência para o exercício casuístico, estas personagens de Irlandeses católicos, principalmente na obra de David Lodge, parecem anunciar, como contributo possível do seu grupo étnico na Universidade e na sociedade, a intenção de reavaliar extensivamente a legitimidade moral das escolhas que se coloquem; com isso, anunciam também uma via previsível, posto que, eventualmente, questionável por muitos, para a reformulação do papel das Humanidades.

A diferença étnica dos Hispano-Americanos foi a que encontrámos mais periférica e desfavoravelmente tratada no romance académico, facto que atribuímos à realidade, já documentada, e reconhecida publicamente até pelo Presidente Bill Clinton, de os Hispano-Americanos terem apostado menos que os outros grupos étnicos na educação e no acesso à Universidade como via de mobilidade social positiva. Considerámos que a correlação entre a realidade social que referimos e o seu reflexo no romance académico é mais uma achega a comprovar a qualidade de documento cultural deste subgénero literário.

Ao abordarmos a evolução do tratamento dos Negros no romance académico da fase moderna, observámos a existência de um hiato entre a atitude de solidariedade com a causa deste grupo assumida, explícita ou implicitamente, pela instituição universitária, e a maior distanciação desta causa assumida pelas personagens, individualmente, adentro das

narrativas, aspecto que deverá reflectir a perspectiva implícita da narração.

Na procura das razões para esta discrepância, evidenciou-se, não só que a integração das etnicidades diferentes é tanto mais fácil quanto maior é a área de consenso entre os valores e características do grupo de origem e os que são próprios da *Mainstream* cultural americana, mas também que, de acordo com o que o romance académico revela, a Universidade, e, supostamente, também a sociedade, reage mais favoravelmente à integração da diferença enquanto cristalizada em casos individuais do que enquanto assumida em grupo. O facto de os Negros constituírem o grupo de diferença mais visível, e daí, por sua vez, mais visivelmente beneficiário das medidas de *affirmative action* implementadas nas últimas décadas, pode relacionar-se com a menor empatia que as perspectivas individuais a que no romance académico se dá voz revelam a seu favor.

A circunstância de, apesar das medidas de correcção artificial da sociedade de que têm sido os principais beneficiários, e que lhes têm facilitado o acesso ao ensino universitário, os Hispano-Americanos e os Negros constituírem ainda os grupos étnicos a maior distância da integração real, levou-nos a abordar brevemente a problemática da *affirmative action*, que, segundo alguns autores, deixou de resultar por ter sido levada longe demais, e assim ter levado ao paternalismo de uns e ao comodismo, oportunismo e falta de auto-confiança de outros; e, segundo outros autores, teve resultados insatisfatórios por não ter sido levada a cabo de modo suficientemente extensivo.

A análise que efectuámos, que nos deu a perceber os indícios da presença do tema da *affirmative action* no romance académico, e a recepção que dela é feita pelo ponto de vista da narração, pôs em evidência o facto de, também neste caso, no romance académico se terem revelado desde cedo os traços de uma controvérsia que tem vindo a agudizar-se publicamente até fim dos anos noventa, conforme

documentámos no nosso trabalho. Também no âmbito desta análise encontrámos casos em que a perspicácia do romance académico enquanto documento cultural saiu documentada e revelou, até, algum poder de antecipação, em relação aos eventos que haveriam de marcar historicamente este processo.

A correlação que estabelecemos entre a evolução da problemática da diferença étnica/de raça na sociedade e os indicadores que dela encontrámos no romance académico permite-nos, de facto, antecipar, como princípios gerais, que a verdadeira integração da diferença étnica envolverá a adopção de um olhar sobre a sociedade mais universal e menos fragmentarizante do que aquele que tem protegido as identidades de grupo, sacrificando, nessa protecção, por exemplo, as diferenças de classe socioeconómica. Mantendo-se verdadeiro o dado de que a integração é tanto mais efectiva quanto maior for a área de consenso e confluência de valores básicos entre a *Mainstream* da sociedade e a minoria a integrar, essa integração passará também, não só pela preservação particularizante da literatura e outros produtos culturais de cada grupo étnico, mas também pela construção de alguma coisa que ainda não existe: um cânone cultural e literário verdadeiramente universal, em que as várias identidades ganhem voz para exprimirem as suas áreas de diferença, mas também as suas áreas de consenso, saindo dos círculos auto-limitados em que hoje ainda operam, para assumirem uma postura capaz de ser, tanto quanto possível, universalmente partilhável. E, a nosso ver, a construção desse cânone cultural verdadeiramente universal, que na actualidade ainda não existe, para se realizar, além da recusa de todo o tipo de discriminação e da adopção de um processo educativo em que o investimento seja feito de acordo com as necessidades de cada discente, mas a exigência seja, em última análise, do mesmo nível para todos, precisará também de ser precedida por uma comunidade de percurso cultural que, desde o início, sem esmagamento dos traços de identificação específicos de cada grupo, aposte, no entanto, sobretudo no potencial de complementaridade entre as várias cosmovisões, recusando, no processo, relações internas de

paternalismo e prepotência, tanto como de subserviência ou de oportunismo. No capítulo final da Parte IV - Conclusões, enquadraremos numa ambiência mais vasta o significado que atribuimos ao percurso percorrido neste estudo, que no presente capítulo acabámos de resumir.

---

[1]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, London, Arrow Books, 1986 ['1965], p. 190.
[2]Gyde Christine Martin, "The New University Novel: A Mirror Not Just Of Academe", *Conference Of College Teachers Of English Studies 1988 September*, s.l., s.d., Vol. 59, pp 52-59, p. 55.

IV - 2 Conclusões Gerais: Tendências que se Vislumbram à Viragem do Milénio

A colocação em perspectiva do estudo que levámos a cabo começa por exigir que se ponha em evidência de um ângulo mais afastado, e em termos sintéticos, a dimensão diacrónica no romance académico, na Universidade e na sociedade, com as constantes mudanças que tem comportado. O que, de facto, tratámos ao longo deste trabalho foi (também) o conflito permanente, nunca de todo resolvido, entre o antigo e o novo, a tradição e o progresso.

Recorrendo à terminologia cinematográfica, permitamo-nos, assim, passar dos *close-ups* em que nos ocupámos, a um *long-shot,* de natureza emblemática, que possibilite uma visão de conjunto, capaz de perspectivar, em comum, os conflitos básicos que começámos por encontrar no enquadramento conceptual presente à escrita deste subgénero literário. Se recuarmos até ao primeiro quartel do século XX, deparamo-nos, pelo menos, com dois romances que, não sendo exemplos de romance académico moderno (em qualquer dos casos a acção ainda é vista a partir da perspectiva dos estudantes) são, no entanto, seminais no que respeita aos conflitos que o romance académico moderno equaciona. *This Side Of Paradise*, romance americano de F. Scott Fitzgerald, publicado em 1920, apresenta-nos, no final da obra, o protagonista Amory Blaine dividido entre a percepção da persistência de um marco de referência ético, por cujos padrões já não consegue viver ("He was ashamed of the fact that very simple and honest people mistrusted him"[1]), percepção que o leva a acusar-se a si mesmo de narcisismo ("You're too much wrapped up in yourself"[2]), e a noção, já nesse tempo, da queda de valores absolutos que o leva a considerar como saídas para a nova geração da Universidade de Princeton, apenas o narcisismo, e o hedonismo materialista:

> Here was . . . a new generation dedicated more than the last to the fear of poverty and the worship of success; grown up to find all Gods dead, all wars fought, all faiths in man shaken.[3]

O caminho que, neste caso, conduz ao narcisismo, e ao hedonismo materialista, é a queda do valor da fé (não necessariamente religiosa). *Zuleika Dobson*, romance inglês de Max Beerbohm, publicado em 1911, vai mais longe, posto que de modo menos explícito; nesta obra, o desfecho dado à acção pode ser lido como uma alegoria da luta entre, por um lado, o absoluto, a fé, o ideal, materializados no fascínio sem explicação que Zuleika Dobson exercia sobre os estudantes de Oxford; por outro lado, a lógica e o relativismo, materializados na figura da jovem Katie Batch, que seria, para qualquer desses estudantes, a escolha sensata, mas a quem, como ela mesma se vê obrigada a admitir, falta: "just that something which somehow Miss Dobson had"[4]. Entre os dois pólos se move o estudante Noaks, nome evocativo de Noah, o homem que sobrevive ao Dilúvio, na Bíblia, que aqui representa o ser humano renovado do século XX, judicioso e prudente, e que, em consonância com isso, é, nesta narrativa, de entre os estudantes residentes na Universidade, o único que recua perante o gesto radicalmente idealista que levou todos ou outros a afogar-se por amor de Zuleika Dobson. Este recuo, que para a maior parte representava cobardia, foi saudado por Katie Batch como prova de equilíbrio e saúde mental: "here was the one man who had scorned to die for Miss Dobson. He alone had held out against the folly of his fellows"[5]. O equilíbrio, porque pressupõe a valorização de todas as coisas em termos relativos, é incompatível com a fé, que é absoluta. A este passo, o ser humano, representado por Noaks, estabelece com o relativismo, representado por Katie Batch, um compromisso de noivado.

Mas a fé, ou o ideal, voltam a tentá-lo, através da reaparição de Zuleika Dobson, e Noaks é surpreendido por Katie Batch a desculpar-se, junto de Zuleika, por não ter morrido por ela, como os outros. Katie

repele-o, e ridiculariza-o, e, perante as imprecações dos companheiros, que, instigados por Clarence, pretendem expulsá-lo de casa, Noaks consuma, ali mesmo, o seu suicídio. Em 1911 os tempos não eram ainda os do romance académico moderno, a viragem para o relativismo ainda não tinha sido assumida; nem sequer tinha sido, ainda, assumida a postura anti-heróica que, segundo Leslie A. Fiedler, se veio a generalizar no Ocidente, a partir da Primeira Guerra Mundial, e a que este autor se refere como uma mudança no conceito de honra, segundo a qual: "no cause is worth dying for . . . . no cause is worth the death of *me*"[6].

O percurso que é proposto, e depois recusado, ao ser humano, na conclusão desta obra, precursora do romance académico moderno, é o caminho da Fé para a Ciência, tomada esta como apropriação humana do conhecimento, que imediatamente o torna de valor contingente, e relativo. E neste grande percurso, totalmente abrangente, que é também o percurso do antigo para o novo, cabem caminhos paralelos que equacionámos, no romance académico, e na sociedade: o das Humanidades para a Tecnologia, o do idealismo, para o pragmatismo, o da visão absoluta, para a visão relativista. O caminho da Fé para a Ciência (que corresponde, de um modo geral, ao caminho da Humanidade na Terra) tem sido, na civilização ocidental, acompanhado de perto pela Universidade. Não nos surpreendeu, portanto, que o romance académico reflectisse, de modo especialmente fiel, os avanços, retrocessos, obstáculos e riscos inerentes a este percurso, aos vários níveis em que ele vem sendo reencenado.

Compreensivelmente, a atitude intelectual que preside à escrita do romance académico é, assim, intrinsecamente oposta a qualquer tipo de fundamentalismo. O raciocínio tende a ser pendular, implicitamente consciente dos vários ângulos de cada questão, e da qualidade contingente de qualquer postura que seja assumida. De acordo com Gyde Christine Martin:

> The university setting . . . is a natural choice for any novelist interested in the concepts of pluralism and relativity. For the university by its very nature acknowledges that no single explanatory system can account for all the phenomena of life. . . . all the interpretations of reality are brittle constructs, constantly in danger of revision.[7]

É, pois, normal que neste subgénero literário não se proponha, para a sociedade, qualquer solução anacrónica de retorno sobre os próprios passos, ou mesmo qualquer outro tipo de solução. Se é verdade, por exemplo, que o romance académico estabelece que o relativismo leva à descrença generalizada, e vice-versa, com todos os riscos que o processo comporta, também é verdade que a falta de relativismo, ou a falta da capacidade de ver em perspectiva, é, neste subgénero, ridicularizada, como acontece na caricatura que, em *Dr Criminale*, se faz do investigador assistente de cariz germânico, Gerstenbacker:

> Evidently he was waiting for me to say something; I did. 'Professor Codicil certainly speaks very good English,' I remarked to him. 'Of course they say he speaks the best English in the world,' said Gerstenbacker, with the simple admiration of the perfect Germanic research assistant. [8]

Não há, consequentemente, uma via de solução definida e apontada de modo explícito; por muito valor que tenhamos encontrado no subgénero do romance académico como documento em estudos de Cultura, não estamos em condições de afirmar que nele se possam encontrar propostas objectivas de remediação social, o que representaria, para as Humanidades, a certeza de uma fusão feliz entre idealismo e pragmatismo. Assim, ainda que o significado geral que podemos inferir do percurso do estudo efectuado, ao enquadrá-lo no

contexto mais vasto da Cultura que nos rodeia no fim do século XX, nos possa levar a antecipar eventuais linhas evolutivas, e, até certo ponto, prever vias teóricas de solução para conflitos que abordámos, devemos, desde logo, fazer notar, que tal antecipação é de natureza necessariamente especulativa, exterior ao subgénero do romance académico propriamente dito. Ao longo das páginas deste último capítulo, em que perscrutamos as tendências que se desenham à viragem para o próximo milénio, a par do eventual recurso a fontes com credibilidade reconhecida, não podemos deixar de recorrer também a dados ocasionais, que se prendem com o nosso percurso pessoal, e cuja pertinência e valor adentro das questões que abordamos não temos ainda distância suficiente para avaliar com precisão. Esta última fase do nosso estudo assume-se apenas como um conjunto de reflexões e contém, por conseguinte, o seu factor de risco num trabalho de índole académica, e destinado a ser avaliado em termos académicos. Trata-se, de facto, de um risco que não assumiríamos se não fosse a profunda convicção que temos de que estudar o que comprovadamente existe e pode ser fundamentado de forma objectiva não pode deixar de ter como finalidade última senão a descoberta das bases para a construção daquilo que ainda não existe, mas se esboça no horizonte das necessidades, das expectativas e das esperanças humanas. As incursões que ocasionalmente nos arriscaremos a fazer em territórios caracterizados pela incerteza relacionam-se, assim, de alguma forma, por um lado, com a dose de idealismo que cremos não dever deixar de nortear o estudo na Universidade; por outro lado, dentro desse idealismo, com a vontade, de ordem pragmática, de que esse estudo venha a exceder a dimensão de fim em si mesmo, e aponte para vias de reflexão com o potencial de melhorarem a forma como os seres humanos vivem, e a consciência com que vivem.

A evolução da sociedade, no período que foi alvo deste estudo, prende-se de perto com a evolução das sociedades ocidentais para a modernidade. Em "The New University Novel: A Mirror Not Just Of Academe" considera-se que:

> . . . in its most recent stage . . . [the university novel does] not reflect just the current crisis in literary criticism, in the humanities, or in academia as a whole. [These novels] reflect a crisis in learning and thought, both inside and outside the ivory tower.[9]

Gyde Christine Martin relaciona esta crise com: "the evergrowing mass of information available to us and the impossibility of organizing this mass into a comprehensive and comprehensible whole"[10]. E a Universidade é tomada como símbolo, como território emblemático, por excelência, desta situação, do modo que Umberto Eco a deixa transparecer no Posfácio a *O Nome Da Rosa* (que pode ser lido como uma espécie de romance académico histórico), ao considerar que o labirinto da biblioteca, cuja estrutura Guilherme de Baskerville tenta compreender, repercute a natureza da conjectura, do colocar de hipóteses, e o potencial infinito de interpretações possíveis.

Não cremos que se possa rebater que esta imagem proposta por Umberto Eco no Posfácio a *O Nome Da Rosa* - imagem que já se adequava ao contexto em que se acedia ao conhecimento na Universidade, com a proliferação labiríntica de especializações, e especializações dentro de especializações, criando uma rede extensiva de áreas de descontinuidade, e também de contiguidades inesperadas - se adequa hoje, de modo extraordinariamente próximo, também à realidade do acesso ao conhecimento na *Internet*, na gigantesca *World Wide Web* de informação que acompanha a existência humana no fim do século XX.

Assim, o paralelismo que encontrámos de modo recorrente, entre o que começa por passar-se na Universidade, e depois se prolonga para o resto da sociedade, estende-se ao próprio formato assumido pelo conhecimento. O formato assumido pela exposição e apropriação do

conhecimento na Universidade antecipou o modelo que essa realidade, com o suporte da tecnologia informática, havia de tomar, na escala muito mais larga da sociedade em geral. A própria evolução do subgénero do romance académico, com as *autovisões* e *alterovisões* nela veiculadas, a partir da óptica da Universidade e dos universitários, coaduna-se de perto com os traços que tipificam os tempos do Pós-modernismo que temos vivido, e que, segundo Fredric Jameson em *Postmodernism, Or The Cultural Logic Of Late Capitalism*, se diferencia de outros modelos culturais pela ênfase que coloca na fragmentação. A fragmentação do sujeito vem substituindo a alienação do sujeito, que caracterizou o Modernismo.

Tal como, recentemente, verificámos em relação à evolução do romance académico e da Universidade, com a subversão do cânone curricular tradicional e a crescente melhoria de estatuto das condições de *diferença* que são acolhidas no seu seio, também fora da Universidade o Pós-modernismo tem que ver com a perda do centro, com o esboroamento progressivo do conceito de centralidade. O 'hiperespaço' pós-moderno ultrapassa a percepção motora e sensorial do corpo humano num determinado ambiente físico, desafia a capacidade de compreensão e ordenação do espaço exterior envolvente, em função de um centro que, tradicionalmente, éramos nós, era o corpo individual. Este novo enquadramento repercute realidades do presente, como a nossa incapacidade para perceber a organização espacial da imensa rede internacional de comunicação gerada pela tecnologia informática, sem um centro definido a partir do qual se faça a ordenação do todo restante. O ambiente que nos rodeia cada vez é mais uma cultura global, reflectindo uma economia global, com grandes companhias multinacionais espalhadas pelo mundo, em que, em muitos casos, também já se tornou irrelevante distinguir qual a sede, quais as sucursais. Para Fredric Jameson, a fase mais recente do capitalismo aspira a uma vastidão espacial nunca antes experimentada. E para nós, e para a causa das Humanidades, urge tomar em conta que há precedentes que indicam que os maiores triunfos da *diferença*, das

causas minoritárias tão caras aos humanistas, se têm verificado quando se consegue gerar uma convergência entre os interesses do sistema económico e os interesses do sistema político e cultural: assim se verificou, por exemplo, no caso que abordámos, do sucesso extraordinário obtido pela literatura transcultural, em Inglaterra e nos Estados Unidos.

A perda do centro que tem caracterizado o período pós-moderno, conforme documentámos ao longo do trabalho com alguma amplitude, envolveu, no contexto da Universidade, uma gradual diversificação e popularização da cultura, com uma descentralização de critérios de escolha no que respeita a matérias de estudo que tem levado a incursões na respeitabilidade do cânone cultural instituído pela tradição. Esta evolução é caricaturada no romance académico em meados dos anos sessenta: em *Stepping Westward*, a homenagem que a estudante americana Julie Snowflake mostra prestar ao filósofo Kirkegaard é informal ao ponto da caricatura, e transcrevemos a respectiva passagem, não só pelo modo como documenta a popularização da cultura, a que fizemos referência, como também pelo forte potencial simbólico que encontramos nas palavras atribuidas a Kirkegaard no que se relaciona com as opções disponíveis à Universidade e aos universitários do presente

> "Well, you know that passage in *Fear and Trembling* about dancing? And he talks about two kinds of people?
>
> "No, I don't remember it."
>
> "Well, it's really very fine. Look it up. I wrote it down on a file-card and thumbtacked it in the john at home, that's how fine it is. How does it go?" Miss Snowflake screwed up her young gray eyes. It's something like this: 'Most people live in worldly sorrow and joy, and sit around the walls, and they don't join in the dance. But the knights of infinity' - this is the bit - 'are dancers, and possess elevation. They rise up and fall, and this is no mean pastime, nor ungraceful to behold'"[11]

Recusando-se, ou não se tendo acostumado a viver em função do lucro material como prioridade imediata, também os Professores/*Scholars* em Humanidades, e mesmo em outros ramos teóricos do saber, têm a sua dimensão de cavaleiros da infinidade, e não poderão mover-se à revelia dos ventos da História; falta elevação à alternativa dos que teimem em permanecer *sentados junto à parede*, causando um corte entre, por um lado, eles mesmos e o ideal que representam e deveriam continuar a representar, por outro, as mudanças que, inexoravelmente, vão continuar a verificar-se no mundo que os rodeia. A julgar pelos indícios que encontrámos no romance académico, à opção dos *sitters by the wall*, no que respeita às mudanças impressas pela tecnologia audiovisual e informática à ambiência cultural do presente, faltará também viabilidade prática: aponta para esta interpretação o facto de, nas narrativas mais recentes dos autores de romance académico, o Professor/*Scholar* estar a ser repetidamente substituído pelo jornalista ou o argumentista para a televisão.

O traço mais comum às mudanças que referimos consiste em terem elas afectado modos de pensar e de viver a uma escala global, que não pode ser ignorada e que potencia uma certa tendência para a uniformização cultural que já tem antecedentes históricos. Em "Europe Since 1945: Crisis To Renewal", o autor Ole Waever apercebe-se da dificuldade que existe em caracterizar a Europa da actualidade criando entre ela e o resto do mundo uma oposição que a revele como única, porque os traços distintivos que atribui à Europa são, como ele próprio reconhece, partilhados por países de dimensão e perfil tão proeminente como os Estados Unidos e o Japão. Assim, prefere equacionar a Europa com a ideia de modernidade, e com os traços culturais que a modernidade trouxe, não só a este continente, como a uma parte considerável do resto do globo:

> In attempting to define Europe from a positive standpoint it could be claimed that European identity is characterized by certain political principles - democracy, freedom of opinion, constitutionalism. It is true that such principles can be found operating in contemporary Europe but they can also be found in the USA, Australia, Japan and elsewhere and cannot be said to define Europe in any exclusive sense.[12]

Ole Waever reconhece o impacto que a visão americana teve no formato que a Europa cada vez mais vem tomando:

> In the post-war situation, the United States played a crucial role in the recovery of Western Europe. The USA not only helped Western Europe countries to get on their feet again (with the Marshall plan and Organization for European Economic Co-Operation), but it also supported the principle of European union/integration[13]
>
> . . . . . .
>
> Generally, West European integration began with an American-sponsored western/global order.[14]

Assim, se, do ponto de vista cultural, tivemos de reconhecer a influência americana na divulgação dos modelos fragmentarizantes e dispersivos do Pós-modernismo, que se tem espraiado também na Europa, há que reconhecer que é, igualmente, a partir dos EUA que tem emanado outro tipo de influência, tendente a fazer prevalecer, nos horizontes da política e da economia, a capacidade para a formação de visões globais das problemáticas que se coloquem e a que seja necessário dar solução. De facto, Ole Waever remete para a opinião de Isaiah Berlin, quando este autor considera que dos holocaustos da Segunda Guerra Mundial emergiu: "Something approaching a new recognition in the West that there are certain universal values which can be called constitutive of human beings as such."[15] E Ole Waever destaca

as razões pelas quais a opção ideológica pelos nacionalismos se tornou impopular, facilitando a integração europeia:

> Probably one of the most decisive conditions for the project of European integration was the temporary rebuff of nationalism. In the defeated countries - Germany and Italy - nationalism had been associated with the regimes that had led the nations into war, defeat and destruction.[16]

O paradoxo criado, por um lado, pelos pressupostos fragmentarizantes do Pós-modernismo, com a ênfase que coloca na assunção pertinaz das identidades de grupo (que tem levado, segundo Todd Gitlin, à fragmentação dos objectivos da esquerda) e, por outro lado, pelas tendências globalizantes que se desenham na economia, na cultura e na política dos países do Ocidente, evidencia-se de modo agudo. Tal paradoxo pode influenciar a incerteza, na Universidade, sobre que posturas assumir, nomeadamente quanto à *diferença* social, nas suas várias formas, e reflectir-se no distanciamento irónico que os narradores do romance académico frequentemente adoptam no tratamento das temáticas que abordam. Por outro lado, um hiato desta natureza, ao evidenciar-se, apela também para a necessidade de que se conceba uma solução, ou, pelo menos, de que se gere um alargamento da área de conciliação entre as várias tendências em jogo. É, *grosso modo*, a este respeito, que Ole Waever propõe, no contexto da Europa, uma dose de compromisso que, tal como afirmámos, referindo-nos ao subgénero do romance académico, também não aponta (nem poderia apontar) soluções sobre o que fazer quando os interesses dos vários grupos de pertença se encontrem em contradição:

> Rely on the general 'post-modern' multiplication of identities . . . and be confident that, in the future, we can be national on some issues, European on others, global cosmopolitans on yet further issues; sometimes

> city-loyal, other times more concerned about our professional identity or that stemming from hobbies, sexual orientation or what have you.[17]

As opiniões de vários críticos corroboram a ideia de que o romance académico repercute a insegurança e a complexidade advindas de uma globalidade forçadamente composta da sobreposição de identidades e de lealdades nem sempre compatíveis entre si, situação que, como fizemos notar, se gera, em microcosmo, na Universidade, com alguma antecipação. Gyde Christine Martin faz, a este respeito, uma epítome quando se refere a *The Tennis Players*, um romance de 1977 do romancista e filósofo sueco Lars Gustafssen, e considera que, mais do que versar sobre: "a tempest in an academic teapot"[18], a dita obra expõe a fragilidade de todas as ideologias, assim como (paradoxalmente) os extremos de violência com que chegam a ser defendidas.

David Bevan, em *University Fiction*, reporta-se às várias formas tomadas pelo nome de Dr. Petworth, em *Rates Of Exchange*, de Malcolm Bradbury, para encontrar a representação, adentro desta obra, de uma realidade que em muito excede a mera qualidade de ficção dos eventos narrados nos romances académicos:

> The world which emerges from these novels is one that is unreliable, ambivalent, hypercomplex and on the verge of collapse. Thus Dr. Petworth becomes . . . variously Petwurt, Petwort, Petwit, Petwothin, Petwartha, Putwet, Putwum and Pervert, in a - dare I say - nominal, almost terminal, crisis of identity and experience within a shifting, alien existence. . . [19]

E também a Philip Swallow, em *Changing Places*, de David Lodge, se colocam dificuldades em estabelecer, depois de ir para a América,

qual seja a sua identidade real: "Will the real Philip Swallow please stand up? I should like to meet him myself, Philip thought."[20].

Muito mais recentemente, Robert Littell, em *The Visiting Professor* (1993), constrói como protagonista a figura de Lemuel Falk que, significativamente, nos é apresentado como: "a Russian theoretical chaoticist"[21], que vai para os Estados Unidos ocupar um posto de *Visiting Professor* no que, de modo igualmente significativo, se chama o: "Institute for Advanced Interdisciplinary Chaos Related Studies"[22], em Nova Iorque. A alegoria da situação da Universidade, que por sua vez repercute a situação da sociedade, numa época em que, do meio da confusão pós-moderna, se esboçam as primeiras tentativas no sentido da convergência, é evidente nesta construção, mas caso, mesmo assim, escape a algum leitor menos precavido, o autor tem o cuidado de fazer com que Lemuel Falk, numa manifestação de desconhecimento da língua inglesa que também pode ser lida como um *Freudian slip*, diga de si mesmo: "I am allegoric"[23], em vez de *I am allergenic* (ao frio e às flores).

No romance académico, a recorrência das denúncias da qualidade insatisfatória das marcas do presente leva a crer que brevemente se venha a encenar uma mudança geral de atitude, a partir da Universidade e dos meios culturais que lhe são contíguos, como o da produção literária. Ao ser entrevistado por Catarina Carvalho para o *Diário de Notícias* sobre *Therapy*, o último livro seu cuja tradução foi publicada em Portugal, David Lodge exprime a opinião de que a comédia, [a opção pelas figuras de anti-herói] deriva da contradição, da falta de ideais; e sobre o seu (anti-)herói Passmore, diz:

> Passmore é um membro da classe operária que chegou à classe média. Mas todas as classes sofrem de depressão. Este *malaise* peculiar tem a ver com a prosperidade material não acompanhada pela felicidade . . . Não acho que em *Terapia* a condição de Passmore seja susceptível de solução política. É algo mais universal . . . é filosófico e espiritual. Sem dúvida, a

> prosperidade material da filosofia liberal, que define a felicidade em termos materiais, falha, mas isso não quer dizer que haja um novo sistema político que pudesse tornar as pessoas mais felizes. Vimos o comunismo falhar espectacularmente. Por isso parece-me que é mais um problema espiritual do que político . . . Os meus livros recentes têm ido em direcção a uma redenção.[24]

O sentimento de vácuo que David Lodge parece detectar no formato assumido pela vida humana no fim do século XX, por muito bem sucedida que seja em termos objectivos, é partilhado, do outro lado do Oceano, por Amanda Cross, outra autora com cuja obra constituímos o *corpus* deste estudo; assim o sugerem as palavras que atribui à sua personagem Kate Fansler, em *Death In A Tenured Position*:

> Odd, Kate thought, the years it took to learn one simple fact: that the prize just ahead, the next job, publication, love affair, marriage, always seemed to hold the key to satisfaction but never, in the long run, sufficed.[25]

Assim, a necessidade de redenção, na passagem de Amanda Cross, e a vontade de redenção, na entrevista dada por David Lodge, fazem-se sentir, ainda que não se distingam soluções à vista. E os sinais dessa necessidade e vontade de redenção que referimos têm excedido largamente o contexto universitário inglês e americano, transparecendo até entre nós, nas tendências que se divisam na nova ficção portuguesa. Em artigo vindo a lume no *Público* de 18 de Outubro de 1997, Duarte Mangas entende a escrita - de novo, e passados que foram os tempos do Neo-realismo - como: "um contributo para transformar a sociedade"[26]; e Rui Zink declara: "Queremos voltar à narrativa. É o sinal de que esta geração procura um discurso moral"[27]

Num trabalho desenvolvido no âmbito da especialização em Estudos Ingleses e Americanos, invocamos o caso português apenas

excepcionalmente, para documentar a universalidade da tendência restruturante que notamos que começa a desenhar-se na cultura actual. De facto, a vastidão assumida pelo conhecimento, pela informação e pela economia do presente - realidades cuja dimensão gigantesca tem determinado, por um lado, a necessidade de adopção de visões globais, por outro, uma tendência para a demarcação das identidades de grupo, e para uma desarticulação interna impossível de evitar - tem transparecido em modos diversos de insatisfação de que encontrámos indícios no romance académico, indícios que verificamos que cada vez mais se repetem na cena literária actual também de outros países ocidentais, para além da Inglaterra e dos Estados Unidos.

Para a necessidade imperativa de fazer sentido da complexidade extrema do presente, que é pejada de uma multitude de dados aparentemente irreconciliáveis entre si, ainda não se encontrou resposta, e dificilmente se poderá fazê-lo. Tornar-se-á, eventualmente, este, um dos desafios capazes de dar novo ímpeto à legitimação do investimento nas Humanidades, tão ligado ao percurso da Universidade, como instituição. Em *Death In A Tenured Position*, de Amanda Cross, a personagem da Professora Kate Fansler encontra a resposta para a sua insatisfação individual precisamente neste tipo de investimento:

> For what then did [Kate Fansler] wish? The sense, perhaps, that she had not passed the point where she might affect events; move the world, however slightly, in the direction of humaneness.[28]

A abordagem das atitudes de várias personagens de romances académicos também leva a crer que se venham a encenar, a partir da Universidade, mudanças de postura profundas, e que, entre outros factores, seja precisamente a capacidade para propor essas mudanças que inscreva a própria legitimação da existência da Universidade dentro da sociedade. David Bevan diz que a personagem Albert Corde, no

romance de Saul Bellow *The Dean's December* (1982), projecta a intenção autoral exprimindo a opinião de que: ". . . universities exist in part to challenge conventional wisdom and the validity of accepted rules, and to suggest that a mature society is one which can accept the need for and live with such questioning."[29]

O questionamento a que a passagem faz referência tem sido concretizado na derivação do romance académico para formas colaterais, como o romance filosófico e o romance político. Nesta linha de desenvolvimento, será relevante fazer contrastar, por exemplo, a visão escatológica veiculada por Anthony Burgess em *The End Of The World News* (1982) com a visão a que Steven Lukes dá forma no volume publicado em edição original em 1995, e editado em tradução portuguesa em 1996, *O Curioso Iluminismo do Professor Caritat.*

No seu artigo, publicado na rubrica "Livros" do Expresso, em 12 de Outubro de 1996, Carlos Leone considera que o protagonista de Steven Lukes, Professor Nicholas Caritat, se vê: "na contingência de iniciar subitamente uma viagem destinada a conduzi-lo à descoberta do optimismo"[30]. Segundo Leone, *O Curioso Iluminismo do Professor Caritat*, publicado na língua original como *The Curious Enlightenment Of Professor Caritat*, é um livro escrito contra o fanatismo, e que teve como base uma conferência sobre direitos humanos. No cotejamento desta obra com as características típicas do subgénero do romance académico, verificámos que têm em comum, por exemplo, a opção frequente pela paródia; mas a imagem do Professor surge modificada: o apelido Caritat, de conotação fortemente positiva, contrasta de modo marcante com as conotações negativas de apelidos de (anti-)heróis de romances académicos anteriores, entre os quais nos ocorrem, como casos extremos, Dr. Criminale e Mensonge, de Malcolm Bradbury. A via para a reconstrução positiva da figura do *Scholar* passa pelo entendimento de que: "a natureza ligou os ideais humanos numa cadeia indissolúvel"[31], como diz Carlos Leone, citando Steven Lukes em tradução; e passa,

ainda, pelo conceito de que o combate mais eficiente aos fanatismos consiste em tornar a: "ligar os vários elos da cadeia"[32].

Da crescente generalização desta vertente de pensamento, dirigido à convergência, encontram-se indicadores no facto de exemplos de romances académicos recentes, surgidos em enquadramentos culturais diferentes do inglês e do americano, serem portadores das mesmas tendências. Na recensão a *Abrégé de Philosophie Morale, Suivi de Mécanique Lyrique Avec Nus Et Paysages*, de Jean-Claude Pinson, que Teresa Almeida publicou no *Expresso*, com o título de "Campus Story", encontramos como paráfrase da obra que esta se centra na vida de uma Faculdade de Letras em que: "O poeta é professor, dá aulas e deambula pelos corredores, fazendo dialogar a sociologia com a didáctica, a felicidade com o dever . . . [e acabando] por construir uma visão do mundo ou seja uma ética e uma estética"[33]. Além de o próprio título completo do *Abrégé de Philosophie Morale* remeter para a ideia da complementaridade entre pensamento filosófico e pensamento moral, e também entre as várias artes, como a poesia e a pintura, aponta-se, nesta obra, definitivamente no sentido da (re)criação de uma relação de continuidade entre ética e estética, conceito de que temos encontrado uma recorrência de sinais disseminados nas publicações periódicas da actualidade, como fizemos notar quando nos referimos à ideia de Rui Zink, de que há em Portugal uma nova geração de escritores que entende, de novo, a escrita enquanto discurso moral.

Também a intervenção recente de Eduardo Prado Coelho em "O Fio Do Horizonte: Critérios" (*Público*, 9 de Outubro de 1998) aponta a necessidade que se faz sentir, no limiar do terceiro milénio, de, de alguma forma, conseguir uma 're-humanização' do ser humano que passa, ainda, pelo alcance de uma convergência que integre, não só a ética com a estética, mas também os valores da economia de mercado com as outras fontes de legitimação de valores. De facto, o autor parafraseia-se sucessivamente, em direcção a uma ideia que considera

dever nortear a nova esquerda, e que se nos afigura que poderia nortear a cultura do Ocidente, em geral:

> A frase proferida em simultâneo por Blair e Jospin poderá ser a chave do problema: para a nova esquerda, sim à economia de mercado, não a uma sociedade de mercado.
>
> Isto é, sim à aceitação do papel fundamental que o mercado tem na vida económica.
>
> Mas não a uma sociedade em que os valores do mercado e da economia eliminassem todas as outras fontes de legitimação de valores.
>
> Por outras palavras: a esquerda deve sempre dizer, sobretudo contra os marialvismos globalizantes e galopantes, que há mais mundos para além do mundo económico.[34]

E Eduardo Prado Coelho termina, sumariando o tipo de importe que a integração que propõe poderá ter nas vidas individuais: "O objectivo essencial é que cada um esteja em condições de assumir a narrativa da sua própria vida."[35]

As palavras de Eduardo Prado Coelho auguram a viragem para a reabilitação da narrativa com unidade estrutural, do conceito de pessoa, e de sujeito-autor, que o Desconstrucionismo e o Pós-modernismo tinham delapidado; trata-se de uma possibilidade de reabilitação que se encontra em consonância com opiniões de outros críticos, como a que Alexandre Pinheiro Torres exprime em "A Sorte Grande", também vindo a lume no *Público*, em que, a propósito da recente atribuição do Prémio Nobel, diz: "Com a vitória de Saramago, temos um novo triunfo da função referencial do romance. Romance . . . que nos conta como o mundo é, ou foi, ou é provável que venha a ser."[36]

E Alexandre Pinheiro Torres, que teve extenso contacto com a cultura e a Universidade britânicas, por causa dos seus longos anos de

docência na Universidade de Cardiff, numa passagem em que remete para a simbologia do *Ensaio Sobre A Cegueira*, de José Saramago, junta a sua voz à dos que se exprimem a favor da assunção de uma dimensão ética na escrita:

> A literatura ou tem uma ética ou não tem nada. Porque o homem moderno é cego surdo e mudo perante a História e não percebe que é necessário que se esfregue os olhos, se deixa cair as escamas e se comece a ver.[37]

O contributo acrescido que Alexandre Pinheiro Torres traz às opiniões confluentes que já referimos é o de considerar que tal opção pela dimensão ética da escrita excede a qualidade de idealismo vago para se tornar numa exigência pragmática que obste aos problemas de visão criados pelas condições em que se vive a modernidade.

As mesmas opiniões confluentes que expusémos, incluídas de modo algo aleatório e originadas de quadrantes geografica e culturalmente diferentes entre si, com alguma incidência no caso português, permitem-nos alargar o âmbito das conclusões que traçamos, aplicando algumas delas, para além de ao caso inglês e americano, que estudámos, também a generalidade de uma cultura global do Ocidente, de que o nosso país faz parte.

No que respeita ao estatuto e ao modo de estudar as Humanidades, o que, de facto, no fim do século XX parece estar a desenhar-se no horizonte da globalidade das sociedades ocidentais é o completamento de um processo que já teve o seu paralelo na Antiguidade. Com efeito, não é a primeira vez que a procura do conhecimento incide prioritariamente sobre a realidade concreta. A valorização que, durante a segunda metade do século XX, tem sido atribuída à tecnologia e aos ramos do conhecimento com mais

possibilidades de aplicação prática, versando sobre a matéria concreta, já teve o seu paralelo no século VI a.C., em que os filósofos jónios Tales de Mileto, Anaxímenes e Anaximandro influenciaram a passagem do pensamento mítico ao pensamento racional, colocando a si mesmos a proposta de descobrirem de que eram feitas as coisas que constituem o mundo, e, com isso, lançando os princípios da Física e da Química. A sua abordagem pretendeu corresponder, *grosso modo*, à que é hoje a das Ciências Exactas.

Curiosamente, e de uma forma que augura a favor de uma melhoria de estatuto para as Humanidades, o período antropológico do Iluminismo grego que se seguiu, e que, no século V a.C., colocou o Homem no centro das preocupações filosóficas, definiu-se claramente como um progresso na Filosofia e um avanço no conhecimento. Não conhecemos razões de fundo que impeçam que o mesmo modelo de evolução torne a verificar-se nos dias de hoje, ou num futuro a médio prazo.

De facto, a cidade grega deste período tinha ganhado uma nova dimensão e relevância depois das guerras persas, tal como veio a acontecer com os países do Ocidente, depois das guerras mundiais no século XX. A cidade grega tinha, também, conhecido um período de desenvolvimento democrático que levara classes mais amplas ao governo do Estado, muito à semelhança do efeito que, no século XX, a democratização do acesso ao ensino universitário depois das guerras mundiais teve na mobilidade social positiva e na ascensão de cidadãos de extracção mais heterogénea a lugares de poder, no governo dos países. O processo que levou a que a preocupação filosófica passasse a incidir com especial intensidade nos problemas da vida espiritual, social e política, processo de que emergiram as Humanidades como ramo do conhecimento, pode estar a repetir-se, *mutatus mutandis*. Os paralelismos abundam. O período antropológico, que teve o seu apogeu com Sócrates, veio reunir num mesmo conceito o conhecimento e a ética, e, assim, colocar a moral como problema fundamental da Filosofia; os

extractos que vimos citando, ou a que vimos fazendo referência, de autores ingleses, americanos, e mesmo franceses e portugueses, escrevendo no fim do século XX, a partir de enquadramentos culturais relativamente heterogéneos, apontam, de facto, na mesma direcção, ao tenderem a propor a restauração de uma relação de continuidade entre Ética e Estética, e a recolocação da narrativa literária enquanto discurso moral. Tal como Sócrates, que tentou dar aos juízos morais o estatuto de verdades científicas, fazendo por chegar, por exemplo, a uma definição universal de justiça que pudesse ser partilhada por todos os seres humanos, e dirigiu a sua procura para a construção de uma ciência prática, que visava o correcto governo da cidade, também as opções pela convergência que se vislumbram no presente nascem do sentido da necessidade de obstar ao *malaise* espiritual generalizado que, segundo autores como David Lodge, a modernidade engendrou. É verdade que o poço sem fundo do relativismo em que, no século XX, a procura do conhecimento caíu nos impede, hoje, de divisar soluções que definitivamente o possam ser. Também este aspecto repercute o facto de as Humanidades, desde a Antiguidade, terem sempre oscilado entre a perspectiva socrática e o relativismo sofista, que opõe convenção a natureza, questiona o carácter absoluto das leis, e entende o bem e o mal como conceitos com diferentes definições para diferentes indivíduos.

Antecipar com alguma precisão que caminhos, ou que compromissos entre caminhos a viragem para o terceiro milénio trará excede largamente os nossos objectivos e as nossas capacidades, com base neste estudo. Reside, no entanto, alguma esperança no facto de, na gramática profunda do formato que este processo tomou na Antiguidade, podermos equacionar a fase do relativismo com a do primeiro momento do diálogo socrático, o momento da Ironia, que envolvia a demolição do que o interlocutor julgava saber, através de um processo de pergunta-resposta que expunha as contradições envolvidas - momento para que encontramos correspondência no modelo da casuística subliminar que frequentemente subjaz ao romance académico. Se o paralelismo que traçámos continuar a verificar-se, tanto no que se

refere ao romance académico e suas formas colaterais, como no que se refere às sociedades do presente, cujos problemas constatámos que se reflectem nesse subgénero literário, podemos, eventualmente, esperar que ao momento da Ironia, que correspondeu à fase do relativismo, em que se delapidaram os conceitos prévios, e que põe em causa a validade das várias opções, se siga o que, no diálogo socrático, constitui o momento da Maiêutica: o momento construtivo da descoberta da verdade.

A verdade a descobrir já não poderá ser monolítica, e de carácter inquestionável: o pensamento do século XX colocou em evidência o aspecto contingencial de todo o tipo de conhecimento; depois de termos reconhecido o carácter provisório e auto-limitado como destino comum a todas as cosmovisões - humanista, tecnológica, idealista, pragmática, da *Mainstream*, ou das várias minorias - não podemos ignorá-lo e acreditar de novo na possibilidade de soluções definitivas, totalmente abrangentes. Mas do próprio cepticismo do século XX daí derivado, que corresponde, no diálogo socrático, ao momento da Ironia, e que, no romance académico, se traduz na distanciação implicitamente crítica de todas as posturas, por causa da percepção da inevitabilidade dos seus limites, podemos, talvez, retirar a sabedoria para as considerar no seu conjunto, sem perder de vista as especificidades próprias que transportam, e para as perspectivar de ângulo mais abrangente, gerando entre elas um novo equilíbrio.

O presente estudo privilegiou a segunda metade do século XX, que poderia ter sido, mas acabou por não ser, votada a este tipo de cosmovisão. De facto, pelo princípio dos anos sessenta, as democracias ocidentais estavam em florescimento, e, nos Estados Unidos, segundo John Higham em "Multiculturalism And Universalism: A History And Critique", os grupos de emigrantes asiáticos e europeus já tinham emergido das sombras do racismo, e toda uma classe trabalhadora urbana se instalava nos subúrbios das cidades, progredia e integrava-se numa *middle-class* cada vez mais vasta. No que respeita ao tratamento

da diferença de raça mais ostensiva, dos Negros, a concepção de Martin Luther King, pelo princípio dos anos sessenta, preconizava a união de Brancos e Negros em situação de desvantagem social numa cruzada comum por uma distribuição mais justa da riqueza.

Um indicador do retrocesso que este modo mais abrangente de perspectivar a realidade social haveria de sofrer surgiu no cariz duro e separatista tomado por Malcolm X e o movimento pelo *Black Power*; este factor contribuiu para a cisão interna das *labor unions*, que, tendencialmente, vinham enfraquecendo desde os anos cinquenta, deixando sem protecção os segmentos menos organizados da população, como os elementos de minorias raciais e étnicas, mulheres, filhos de famílias em situação de desvantagem social. O *Educational Reform Movement* tentou obstar às situações de injustiça social que se tinham gerado, imprimindo às escolas e aos *curricula* escolares o reconhecimento e o respeito pela diversidade étnica, processo que nos anos setenta tomou o nome de *muticultural education* ou *multiethnic education*. Em ano tão recente como o de 1993, a propósito da educação multicultural, John Higham apontava, no entanto, um aspecto perturbador:

> . . . it is troubling that, twenty years after convulsive beginnings, multiculturalism has suddenly become a policy issue in America's colleges, universities and secondary schools without yet proposing a vision of the kind of society it wants. In view of the indistinctness of multicultural goals, it is hardly surprising that no independent assessment of what it is accomplishing has yet appeared.[38]

A avaliação independente dos resultados da educação multiétnica que John Higham considera que falta é difícil de praticar, também por causa do aspecto de controvérsia política que subsiste a toda esta problemática. O autor de "Multiculturalism And Universalism",

reportando-se à opinião de Diane Ravitch, em 1987, diz que: "In her view, radical multiculturalists have pushed a sound principle to a pernicious extreme"[39]. E, na apreciação que faz dos efeitos da educação multicultural, vai ao encontro de Todd Gitlin sobre a fragmentação dos objectivos da esquerda que decorreu da ênfase crescente colocada nas identidades de grupo:

> . . . any claim for centeredness, any affirmation of a unifying national culture, became *ipso facto* oppressive. By the early 1970's popular television series displayed a society without shared ideals or respected institutions. All in all, a cynical state of mind made it difficult to discuss, and impossible to clarify, common loyalties and responsibilities within a population as diverse as that of the United States.[40]

John Higham detecta a polarização entre, por um lado: "a rebellious sense of exclusion"[41], e, por outro lado: "an inclusiveness built on European foundations"[42] - e verifica não se terem encontrado alternativas a estas opções. É de notar que ao longo deste processo tem crescido um desconforto endémico na cultura branca ocidental, tornada menos apta para a auto-afirmação pela consciência que tem de ser universalmente tomada como a cultura opressora. E tal incapacidade crescente para a auto-afirmação aumenta o mal-estar que resulta do esquecimento, neste processo, das diferenças de classe socioeconómica, questão que glosámos em vários pontos do presente estudo, e que John Higham confirma como estando, de facto, no cerne do problema:

> . . . for the last fifteen years the multicultural movement has tried to carry forward the great campaigns of the mid-twentieth century against racial and ethnic inequalities without reviving the wider outcry of that earlier era against class inequalities[43] . . . multiculturalism fosters cultures of endowment while drawing a veil over the cultures of class. The new

> curricula have made a fetish of "diversity". Only an occasional rhetorical flourish, however, hints that different social classes - with their complications of region and religion - have had subcultures just as distinct from one another (and just as overlapping) as those of racial or ethnic groups.[44]

E John Higham sugere, uma viragem de perspectiva que tome em conta tanto diferenças étnicas como diferenças de classe:

> If multicultural education unwittingly defeats its egalitarian purpose by absolutizing racial differences while obscuring the broader inequalities of class, some changes in its instructional aims would seem to be in order.[45]

A perspectivação mais abrangente que o próximo milénio poderá trazer passa também pela necessidade de colmatar o fosso que se tem gerado entre a visão humanista e a visão tecnológica. O conceito de Alvin Gouldner, que expusemos, referente ao aparecimento de uma *New Class*, alicerçada sobre capital cultural, detentora de um discurso próprio, e constituida, simultaneamente, por Professores universitários e engenheiros, aponta na direcção da possibilidade desta síntese, tal como, no romance académico, se parece antever o mesmo caminho, se considerarmos que a tradicional abordagem da tecnologia como alteridade vem sendo subvertida em obras recentes, colaterais a este subgénero literário, em que as figuras de Professor/*Scholar* foram substituídas por figuras de profissionais que dependem, ou recorrem a tecnologia audiovisual e informática no seu quotidiano.

Roy Dineen, na tradução em inglês de *Le Littératron* a que David Bevan se reporta em *University Fiction*, recorre à ironia para mostrar como é que a relação entre as Humanidades e a tecnologia não deve ser:

> Our country was awaiting the word-machine. Thanks to it, literature, pedagogy, knowledge and politics would become exact sciences at long last.[46]

De facto, a ligação acrescida da tecnologia ao poder económico, e, a partir daí, também ao poder político, levou, por exemplo, Julia Penelope em "Make Money, Not Sense: Keep Academia Green", a reportar-se a D.G. Kehl, para encontrar em quem se ocupa da área das Humanidades uma sensação tão forte de insegurança sobre o seu próprio valor e utilidade que tem levado muitos a cair na retórica postiça do *Educanto*; para D.G. Kehl, o *Educanto* envolve:

> 1) Professorial pretensions to wisdom and profundity,
> 2) the desire to present things as worse or better than they are,
> 3) the desire to make "simple or non-existent problems" appear complicated (mystification),
> 4) the need to survive in the academic factory,
> 5) the need to justify academic institutions as viable, productive organizations . . . [47]

A insegurança patente nas Humanidades e nas ciências teóricas conta com alguma possibilidade de reversão assente em base concreta. De facto, a evolução das perspectivações sobre as várias ciências tem posto a descoberto que, para além do domínio da especulação filosófica, também no próprio domínio prático não há ciências exactas que realmente o sejam; e esta nova concepção tem permeado esporadicamente até os meios de comunicação de massas: por exemplo, em 21 de Julho de 1993, um programa da TV 2, em Portugal, intitulado "Os Sonhos do Japão", abordava a questão da Lógica *Fuzzy*, pela qual se tenta 'ensinar' os computadores a lidarem com realidades que escapam à abordagem tecnológica comum. O conceito da Lógica *Fuzzy* surgiu nos Estados Unidos, mas alcançou maior desenvolvimento no

Japão, onde tem havido grande empenho em se conseguir, por meios tecnológicos, detectar as subtilezas do significado. O facto de este empenho se ter revelado, até à data, nunca de todo bem sucedido, aliado ao facto de ciências ditas exactas estarem a considerar importante integrar um tipo de saber com o qual, tradicionalmente, só as Ciências Humanas têm lidado, poderá vir a contribuir para a construção de uma melhor imagem dos que se ocupam das Humanidades. A percepção dos limites da lógica positivista e dos métodos de demonstração científica da veracidade de hipóteses fundamentados exclusivamente na quantificação e na experimentação com o real concreto tem sido veiculada ao longo das últimas décadas, também por vozes contíguas à Universidade. Philip F. Lawler, em *Coughing In Ink: The Demise Of Academic Ideals*, considera:

> The truth, for the Logical Positivist, consists of a set of empirical facts . . . Ludvig Witgenstein drew the argument to its logical extreme early in this century. In the philosophical world, Wittgenstein argued, anything that cannot be discussed in mathematical terms should not be discussed at all.
>
> . . . . . .
>
> Ironically, scientific research - pure scientific research - has meanwhile headed off in the opposite direction. The truly profound scientific truths, as it turns out, are not reducible to simple, uncomplicated mathematical truths. . . . Heisenberg has shown that the smallest subatomic particles - the most basic discernible units of physical reality - do not behave accordingly to any sort of mathematical formulae. At the very frontiers of pure research, scientists realise that the most fundamental truths involve ideas rather than things, and theories rather than empirical facts.[48]

A perspectivação de Philip F. Lawler que expusemos aponta para uma condição de porosidade entre Ciências Humanas e Ciências Exactas que, se for adequadamente investigada, poderá levar a uma aproximação entre estes dois ramos, ou estas duas naturezas diferentes do

conhecimento. Curiosamente, o próprio romance académico, à viragem para a segunda metade do século XX, conta, entre as obras precursoras da fase moderna, com os onze volumes de *Strangers And Brothers*, publicados entre 1949 e 1970, com autoria de C.P. Snow que, além de romancista, era também físico, acomodando na sua cosmovisão vertentes de ambos os tipos de saber.

A comunicação entre saberes ganha nova amplitude prática, por exemplo, na criação de materiais multimédia, em que se torna necessário adequar linguagens e conteúdos às condicionantes do suporte tecnológico. Segundo o Prof. Doutor António Câmara, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, que tivemos oportunidade de entrevistar no âmbito de uma pesquisa que efectuámos, cada vez mais se faz sentir em Portugal, por exemplo, a falta de argumentistas para unidades de CD Rom que, nas palavras do entrevistado, "não tenham o vício da literatura". Sem que, necessariamente, se haja de incorrer em prejuízo para a continuação dos estudos literários e dos outros estudos na área das Humanidades, verificamos, de facto, que a ênfase, na actualidade, incide prioritariamente sobre a comunicação, e que a comunicação, com a abrangência que hoje dela se exige, por um lado, não se coaduna com a alternativa de deixar os vários saberes incomunicáveis entre si; por outro, não dispensa os suportes tecnológicos, que cada vez mais formatam concepções novas no processo de ensinar e aprender. Nesse sentido apontaram, recentemente, mesmo entre nós, portugueses, as conclusões do colóquio *Educação para os Media*, decorrido no Hotel Amazónia em 9 e 10 de Novembro de 1997, por iniciativa da Universidade Aberta, com o International Council for Educational Media (ICEM) e o Conseil International des Moyens d'Enseignement; além da mesa redonda, presidida pela representante portuguesa, Professora Doutora Maria Emília Ricardo Marques, as intervenções de participantes de uma variedade de países, de entre os quais mencionamos Alex Schneider, de Israel, Maria Luiza Belloni, do Brasil, Marina Mcisaac, dos Estados Unidos, Susanne Kucsay, da Áustria, Patrick Hess, da Suíça,

Zsuzsana Horväth, da Hungria, convergiram entre si sobre a necessidade, e a realidade,. das alterações que se processam no paradigma da educação, dirigindo-se a uma atitude integrativa do conhecimento que, eventualmente, levará a muito maior grau de interacção entre Humanidades e Tecnologia, conforme o desenvolvimento do romance académico, enquanto documento cultural, deixou antever.

Mia Lindrup, da Noruega, fez notar no debate sobre a sua intervenção - durante a qual tinha relatado uma experiência em que jovens dos seis aos dezoito anos, provenientes de meios socialmente desfavorecidos, tinham sido ensinados a realizar curtas metragens, num programa que visava promover a sua adaptação social - que a instrução que estes jovens receberam foi de natureza tecnológica e audiovisual, deixando-os completamente livres para expressarem as suas visões próprias. A tecnologia não se opõe, conceptualmente, à formação humanística, mas antes progride num território de neutralidade. Poderá, mesmo, vir a fazer parte da função das Humanidades completar este progresso, associando-lhe uma dimensão integrativa e de novo, possivelmente, ética, ainda que este aspecto seja polémico. Betty Jean Craige, em *Reconnection: Dualism to Holism in Literary Study*, preconizava uma reformulação dos estudos literários e uma reavaliação das Humanidades dirigida a um parâmetro de utilidade social, que na mente da autora se adivinha com um carácter genericamente moralizador:

> Society left to the specialists the problems issuing from atomic energy and chemical control of insects, ignoring any insights humanists might have offered into the effect of the new technology on the environment, on society and on humankind's future. Now we are in the midst of another technological revolution . . . and if we humanists are disturbed by the ethical questions raised by *in vitro* fertilization, organ transplanting, genetic engineering, and the competition among universities for commercial

> grants, for example, then we must involve ourselves actively in thinking and writing about these matters. For our society will need thinkers capable of understanding the implications of words and actions . . . We may recover the position of centrality that the humanities once enjoyed. In so doing we shall transform the discipline of literary study into a new (holistic) "holohumanities", without boundaries, which will define itself not in opposition to the sciences but rather in cooperation, and which will speak not solely to other academics but to the public as well.[49]

Mesmo deixando de lado a sugestão controversa de transformar os estudos literários em "holohumanities", devemos admitir que, do mesmo modo que as narrativas académicas dão às problemáticas que afectam a torre de marfim da Universidade uma dimenão contornável e compreensível pelo leitor comum, também a ficção em geral consegue chegar a maiores audiências do que, por exemplo, os escritos filosóficos, porque liberta a comunicação do elemento da abstracção. A Literatura é uma forma de arte, e, como diz J. F. Lyotard, em *The Inhuman*: "if there is a communication in art and through art, it must be without concept . . . There is a thinking about art which is not a thinking of non-communication but of non-conceptual communication"[50]. Neste sentido, existe, de facto, uma aproximação possível entre Literatura e Tecnologia, ambas tendo em comum o facto de atingirem maiores audiências ao fazerem prevalecer os exemplos, no primeiro caso, e a prática, no segundo, a conceitos abstractos, descarnados da sua circunstancialidade.

No processo educativo, em décadas recentes, tem sido, de facto, encorajada a abertura do paradigma livresco, mais abstracto, à inclusão dos recursos da tecnologia, primeiro audio-visual, e depois informática. Esta perspectiva, que gradualmente vem permeando todo o sistema, tem, como é compreensível, alcançado o seu expoente máximo nas instituições de ensino a distância. Em graus diferentes, o recurso aos meios tecnológicos já encontrou legitimação dentro do contexto da educação tradicional, mas as estratégias que se pressupõe sejam postas

em marcha no processo da aprendizagem são ainda, implicitamente, de tipo livresco, como podemos verificar através do formato tomado pela avaliação, mesmo em Universidades de ensino a distância, como a Universidade Aberta. Se é verdade que, por exemplo, um sistema educativo que, no processo de ensino-aprendizagem, retirasse ênfase à capacidade de abstracção, constituiria um empobrecimento, é também verdade que o mundo exterior que rodeia aqueles que aprendem, fortemente catalisado pelo sistema económico que o suporta, e que cada vez mais depende dos meios tecnológicos, se encontra permeado pela abordagem tecnológica da realidade num grau muito superior àquele que a escola contempla: desde o uso quotidiano das caixas multibanco, e o modo como passou a ser comum lidar-se com o sistema bancário, até à forma como se obtém acesso à informação sobre horários e partidas de transportes, passando pelo modo como se toma conhecimento da realidade através da televisão, da rádio, da *Internet* e dos acessos informatizados, através do telefone; e passando, desde a infância, também pelo próprio império dos brinquedos concebidos com base em tecnologia informática, que levaram a que pela primeira vez desde há pelo menos trinta anos a LEGO tivesse um saldo negativo em 1998, todo o contexto urbano envolvente exige dos seres humanos que nele vivem uma adequação constante e repetida a um meio ambiente gerido pela tecnologia. Dado o processo constante de adequação dos seres vivos ao meio que, desde pelo menos Darwin, a própria Biologia tem reconhecido, este enquadramento tecnológico põe em marcha dentro de cada um estratégias de apreensão da realidade que cada vez são mais diferentes das que são exigidas nas escolas; afigura-se-nos credível que o hiato assim criado entre escola e meio seja responsável pelos resultados escolares insatisfatórios de um número considerável de jovens com Q.I.s e Q.E.s médios ou acima da média.

O desconforto com que, no capítulo "*Alterovisões*, e o Elemento Recorrente da Viagem", considerámos que no romance académico a tecnologia é encarada (- como alteridade) é sintomático, a este ponto, assim como é, também, sintomático o facto de alguns dos autores a que

recorremos, em narrativas suas, mais recentes, terem evidenciado a consciência da inevitabilidade da inclusão da tecnologia, num universo que, por sua vez, não é já exclusivamente o académico, mas o universo de toda uma cultura em que, também pela influência da massificação da comunicação que a tecnologia tornou possível, as muralhas da torre de marfim da Universidade tendem a esbater-se.

O romance académico pode, assim, ter apresentado consciência algo antecipada da necessidade de se efectuar um percurso dirigido a uma nova adequação, percurso que será necessariamente longo; ao desfasamento por agora ainda existente entre estratégias de aprendizagem postas em marcha para lidar com o mundo exterior e pressupostos de aprendizagem exigidos pelo sistema educativo, podemos aplicar o paralelismo que se nos afigura evidente contido nas considerações de Pierre Bourdieu sobre a produção da arte e a percepção da arte:

> The transformation of the instruments of art production necessarily precedes the transformation of the instruments of art perception and the transformation of the modes of perception cannot but operate slowly, because it is a matter of uprooting a type of art competence (the product of the internalization of a social code, so deeply implanted in habits and memories that it functions at a subconscious level) and of substituting another for it, by a new process of internalization, necessarily long and difficult.[51]

A produção da arte está para a percepção da arte assim como o mundo envolvente, com a sua dinâmica própria, está para o microcosmo em que a educação decorre, microcosmo por vezes resistente a pôr em prática mudanças de estratégia. O que se passa no domínio da arte, a que Bourdieu se reporta, passa-se, em paralelo, no domínio educativo; a diversificação dos veículos de informação que nos rodeiam, e que exigem

uma atitude interactiva, está a provocar modificações ao nível do processo da percepção, gerando movimentos internos no formato da aprendizagem sobre os quais os pedagogos ainda não se devem ter debruçado suficientemente.

Um passo no sentido de uma melhor adequação entre o ambiente tecnológico, cada vez mais abrangente, e os pressupostos da educação formal, baseada na capacidade de abstracção, na linguagem oral e escrita, e em toda uma tradição filosófica, é a atenção crescente que vem sendo dispensada aos aspectos da continuidade e descontinuidade entre linguagens humanas usadas em liberdade (que, neste caso, quer dizer, usadas sem intermediação tecnológica), e as potencialidades mais estruturadas da expressão informática; obras como *Understanding Computers And Cognition* (1986), de Terry Winograd e Fernando Flores, abordam esta problemática de uma óptica de inter-adequação que poderá, com desenvolvimentos futuros, produzir resultados enriquecedores para o processo educativo.

No movimento em direcção a uma nova síntese, afigura-se-nos, assim, que as Humanidades poderão deixar de se situar em relação de oposição com as Ciências Exactas e Tecnológicas. Para que tal síntese não constitua um empobrecimento, cabe-lhes potenciar ao máximo a sua contribuição. Recorremos, no capítulo anterior, ao caso emblemático da descoberta da América por Cristóvão Colombo para defender a legitimidade da procura idealista do conhecimento pelo próprio conhecimento. Deve ser referido também que, por outro lado, o aspecto da aplicabilidade do conhecimento teve sempre, mesmo que apenas implicitamente, algum peso nos critérios de atribuição de valor com que as disciplinas foram consideradas. Desde a Idade Média que, mesmo no contexto português, a importância atribuída às áreas de estudo teve alguma relação com a sua dose de aplicabilidade possível. Segundo o *Livro Verde Da Universidade*, em ordem decrescente de importância, primeiro vinham as 'Leis', seguidas de 'Decretais', 'Física', 'Gramática', 'Lógica' e 'Música', e os Lentes a quem competia o ensino das disciplinas

de menor aplicabilidade directa, como era o caso da 'Lógica', em 1450 eram parcialmente sustentados pelos estudantes, dada a insuficiência dos salários recebidos. Não obstante o facto de operarem, de alguma forma, na área aristocrática do saber, a insegurança dos estudiosos em Humanidades vem, assim, de longe, e acentua-se na proporção directa em que se ocupam da procura (a nosso ver, também justificada), do conhecimento pelo conhecimento. Deve notar-se que as próprias divisões sucessivas do conhecimento, humanístico, e outro, em especializações cada vez mais restritas contribuiram para que se perdesse de vista, em muitos casos, a finalidade última, ou a utilidade das pesquisas efectuadas, que invariavelmente mobiliza aspectos de uma variedade de quadrantes. Afigura-se relevante tomar em conta que a subdivisão sucessiva das áreas de estudo tem sido uma medida posta em prática para permitir maior progresso em cada uma delas; é uma base operativa, uma solução de natureza funcional, que idealmente seria provisória, e que, de um ponto de vista meramente conceptual, difícil de alguma vez ser levado à prática, deveria ter como consequência lógica uma 're-união' final de todos os saberes. Ralph Waldo Emerson, em "The American Scholar", manifesta-se de um modo que se pressupõe seria oposto às especializações, ou, pelo menos, às limitações de visão que facilmente se geram dentro delas:

> [An] old fable covers a doctrine ever new and sublime; that there is One Man, - present to all partcular men only partially, or through one faculty; and that you must take the whole society to find the whole man. Man is not a farmer, or a professor, or an engineer, but he is all. Man is priest and scholar, and statesman, and producer, and soldier. In the *divided* or social state, these functions are parcelled out to individuals . . . The state of society is one in which the members have suffered amputation from the trunk, and strut about so many walking monsters, - a good finger, a neck, a stomach, an elbow, but never a man.[52]

O próprio conceito de *Scholar* de Emerson mobilizava, não só o saber livresco, mas também o contacto com a Natureza e a acção. No pólo oposto ao da perspectiva de Emerson encontra-se a situação actual da pesquisa académica, em que o intenso progresso, desarticulado entre si, das inúmeras áreas de especialização que têm surgido, tem criado um hiato cada vez maior entre aquilo que já se sabe e aquilo que se pode aplicar. As várias especialidades, separadamente, atingiram, em muitos casos, desenvolvimentos tais, que é credível pensar-se que só ainda não provocaram uma mudança radical das possibilidades humanas sobre a face da Terra porque têm tido a seu desfavor o facto de os progressos que fazem serem desconhecidos ou insuficientemente conhecidos umas das outras. Uma tentativa de solução para este problema passaria por um maior investimento na inter-adequação de linguagens entre as várias especializações do saber académico, inter-adequação de linguagens que poderia constituir, a nosso ver, mais uma responsabilidade, ou desafio para as Ciências Humanas; por outro lado, para o saber se tornar eficiente, se tornar em poder, precisa de permear e de ser permeado pelas várias estruturas de uma sociedade, incluindo as do sistema económico e a do sistema, e *lobbies* políticos. É sintomática, neste enquadramento, a derivação, a que frequentemente se vem assistindo, do romance académico para o romance de intriga política, como acontece em *The Visiting Professor*, de Robert Littell.

O esbatimento da torre de marfim da Universidade que no romance académico se anunciou parece inevitável, mas não catalisa, necessariamente, a passagem das Ciências Humanas para um plano de menor importância; pelo contrário, o esbatimento da torre de marfim augura-se positivo se significar a divulgação e a infusão dos valores das Ciências Humanas pelos sistemas com poder na estruturação da sociedade. Por exemplo, a procura do compromisso, ou da área de convergência possível, entre os princípios humanistas do respeito pela diferença e as leis do mercado afigura-se imprescindível. A experiência tem evidenciado as resistências extremas que se encontram quando se tenta modificar a sociedade em prol da correcção política, à revelia dos

interesses do sistema económico. Corroboram esta afirmação aspectos como o do relativo insucesso das medidas de *affirmative action* com que se tentou catalisar a ascensão socioeconómica das minorias, assim como, por contraste, o do evidente sucesso da literatura transcultural em Inglaterra e nos Estados Unidos. Fora do domínio da ficção, as bancas das livrarias enchem-se também com livros sobre o Zen, filosofias orientais, e saberes alternativos, publicações que se têm revelado financeiramente viáveis, não pela intermediação artificial de medidas de protecção por causa da sua *diferença*, mas porque vêm preencher uma lacuna real, provavelmente relacionada com aquilo a que David Lodge já chamou o *malaise* espiritual do Ocidente.

Os indicadores que mencionamos apontam para a possível vantagem que haverá em deixar de perguntar a uma sociedade como promover a integração das minorias, e passar a perguntar às próprias minorias que valores seus têm para trazer a uma mesa de negociações virtual do Ocidente, em que problemas de vária ordem, à espera de solução, poderiam ganhar em ser encarados da óptica da alteridade; talvez sobre esta mesa virtual de negociações se chegue, de facto, a conseguir gerar o cânone de uma cultura verdadeiramente universal.

O próprio conjunto de reflexões a que este trabalho deu origem acresce no sentido de acreditarmos que cumprimos o objectivo do estudo efectuado, que foi o de comprovar o valor do romance académico enquanto documento cultural, recorrendo a este subgénero para pôr a descoberto as *autovisões* e *alterovisões* que tomam forma a partir da Universidade, e que, no microcosmo da Universidade e da ficção universitária, reflectem e potenciam tendências que se desenham no macrocosmo social. Na ficção que serviu de base a este estudo encontrámos, de facto, impressos, frequentemente com alguma capacidade de antecipação, os sinais das grandes controvérsias que têm marcado o século XX: as oscilações entre visões idealistas e visões pragmáticas da realidade; a queda da fé em valores absolutos; a massificação da informação, e a impossibilidade de a organizar num todo

coerente; o beco inevitável, e, ao mesmo tempo, sem saída, do relativismo, com a progressiva incapacidade que produz no que respeita à emissão de juízos de valor; a fragmentação desconexa de visões que o Estruturalismo, o Desconstrucismo e o Pós-modernismo geraram, que levou, temporariamente, ao colapso do conceito de pessoa, de sujeito-autor; as dificuldades em conciliar toda uma tradição filosófica, abstracta e livresca, do Ocidente com os avanços da tecnologia - e a crise parcialmente daí resultante para a área das Humanidades; o hiato criado, no Ocidente, de que os Estados Unidos nos serviram de caso paradigmático, entre o sistema político e cultural, tendencialmente democrático, e o sistema económico, tendencialmente capitalista e totalitarista; o hiato criado, também, entre a ênfase colocada nas identidades de grupo, e as tendências globalizantes que o sistema económico cada vez mais imprime à própria cultura; a assunção generalizada do baluarte da integração da diversidade sócio-cultural, e as dificuldades de hierarquização que se geram entre as várias formas que essa diversidade pode assumir.

Para além do objectivo que inicialmente nos tínhamos proposto atingir, foi-se progressivamente demarcando, ao longo do estudo, um outro objectivo não expresso, mas implícito, que se prende com a vontade de fazermos sentido do nosso percurso pessoal. Encontrámos, a certo passo, razões para considerar o romance académico como uma saga, não de todo assumida, das Humanidades, à procura do seu papel na segunda metade do século XX - marcada como esta tem sido pelo complexo enquadramento que resumimos por tópicos no parágrafo anterior, e que, no contexto da Universidade, toma a forma da crise de imagem do sector a que pertencemos, em face da muito maior importância prática reconhecida às Ciências Exactas e Tecnológicas, patente até na prioridade que lhes é dada no que respeita a apoio e financiamento exterior, estatal e particular. Neste contexto, registámos com agrado o facto de a evolução do romance académico para formas que chamámos colaterais apontar para a procura de um novo papel para as Humanidades, que passa pela restruturação da relação de

complementaridade entre os saberes. Esta tendência que, no início do percurso, podíamos ter começado a inferir da própria passagem do estudo da Literatura, como disciplina estanque, para o florescimento de um paradigma cultural nos estudos literários, continuou a inferir-se, no romance académico, do movimento de uma cultura de elite em direcção a uma cultura de massas, capaz de integrar as diferenças das minorias, e do movimento de uma cultura canónica, livresca, em direcção a uma cultura multimediática, que se serve dos mesmos suportes que o sistema económico e político, não tendo reservas em recorrer à tecnologia para aumentar o âmbito e a intensidade da comunicação, e assumindo uma dimensão internacional. Os romances mais recentes, que patenteiam estas tendências, transgridem as barreiras da Universidade tradicional, e com essa transgressão documentam o caso que de perto nos interessa, que é o da maior viabilidade provável, no futuro, das Universidades com componente de ensino a distância, ou, simplesmente, das Universidades de Ensino a Distância, como a Universidade Aberta. São, hoje em dia, as Universidades multimediáticas as que mais possibilidades reais parecem ter de vir a realizar a convergência entre a visão que Matthew Arnold e T. S. Eliot tiveram da educação, pressupondo que Cultura era o que de melhor foi pensado, escrito e legado pelos melhores, com a visão de Raymond Williams, para quem a educação devia chegar a todos, e ajudar cada um a realizar o potencial que lhe fosse próprio.

Para além da antevisão possível de que venha a fazer parte da nova função das Humanidades, depois de transcenderem os limites da torre de marfim, a responsabilidade de reconciliarem entre si, e tornarem reciprocamente inteligíveis, as linguagens usadas pelos vários saberes, que têm crescido em direcções desconexas, outra responsabilidade parece anunciar-se, que pode tornar a envolver uma dimensão ética, revertendo-nos de novo - do fim para o princípio - para o primeiro conflito que equacionámos no contexto da Universidade, entre idealismo e pragmatismo. Depois de a História e as correntes de pensamento do século XX terem posto a descoberto as insuficiências e incoerências dos pressupostos da Filosofia e da moral convencional, e depois de essas

insuficiências terem sido expostas através dos produtos culturais do Modernismo e do Pós-modernismo, deixou, de facto, de se ter como opção ignorá-las e tornar a assumir um idealismo ingénuo. Mas dado que, pela própria pressão do sistema económico sobre o sistema cultural, a globalização se afigura inevitável, pode vir a justificar-se uma demanda de algum tipo de reconciliação entre as várias diversidades, que passe pela adopção de, por assim dizer, um idealismo pragmático, conducente a uma arbitragem entre elas que seja ética, porque, tanto quanto possível, assumida de uma forma colectiva e consensual. Imprimir de novo uma ética, com alguma universalidade capaz de gerir as relações entre as *diferenças* envolvidas, ao conhecimento e à educação das gerações do tempo da economia global, da rede de informação global, e da globalização da cultura, poderá equivaler a fazer prevalecer os valores do Humanismo; poderá ter a vantagem, de ordem pragmática, de gerar comportamentos que produzam uma mais valia ao nível da dose de confiança que o ser humano poderá ter no ser humano. Não obstante a nota de "Iluminismo perigoso"[53] que possa subjazer a esta formulação, ou espreitá-la, como factor de risco, afigura-se-nos que a convergência a que nos dirigimos poderá preparar, no próximo milénio, vidas humanas mais conscientes, mais produtivas e mais felizes.

---

[1]F. Scott Fitzgerald, *This Side Of Paradise*, New York, Charles Scribner's Sons, 1920, p.261.
[2]*Idem*, p. 261.
[3]*Idem*, p. 282.
[4]Max Beerbohm, *Zuleika Dobson Or An Oxford Love Story*, Harmondsworth, Penguin Books, 1983 [1911] , p. 226.
[5]*Idem*, p. 227.
[6]Leslie A. Fiedler, *Waiting For the End*, New York, Stein & Day, 1964, p. 30.

[7]Gyde Christine Martin, "The New University Novel: A Mirror Not Just Of Academe", *in Conference Of College Teachers Of English Studies 1988 September*, s.l., s.d., Vol 59, pp 52-59, p. 57.
[8]Malcolm Bradbury, *Dr Criminale*, Harmondsworth, Penguin Books, 1992, p. 64.
[9]Gyde Christine Martin, "The New University Novel: A Mirror Not Just Of Academe", *Conference of College Teachers of English Studies 1988 September*, s.l., s.d., Vol 59, pp 52-59, p. 57.
[10]*Ibidem*.
[11]Malcolm Bradbury, *Stepping Westward*, London, Arrow Books, 1986 [1965], p. 89.
[12]Ole Waever, "Since 1945: Crisis To Renewal", in AAVV, *What Is Europe?: The History Of The Idea Of Europe* (Vol. 1), London Routledge, 1995, pp 151-214, p. 204.
[13]*Idem*, p. 161.
[14]*Idem*, p. 162.
[15]*Idem*, p. 151.
[16]*Idem*, p. 152.
[17]*Idem*, p. 207.
[18]Gyde Christine Martin, "The New University Novel: A Mirror Not Just Of Academe", *in Conference Of College Teachers Of English Studies 1988 September*, p. 58.
[19]David Bevan (ed.), *University Fiction*, Amsterdam, Atlanta, Rodopi, 1990, p. 6.
[20]David Lodge, *Changing Places*, Harmondsworth, Penguin Books, 1982 [1975], p. 178.
[21]Robert Littell, *The Visiting Professor*, London, Faber & Faber, 1994 [1993], p. 3.
[22]*Idem*, p. 4.
[23]*Idem*, p. 5.
[24]Catarina Carvalho, "David Lodge Em Entrevista Ao Diário De Notícias Fala Do Seu Último Livro Editado Em Portugal", *Diário De Notícias*, Quinta-feira, 28 de Dezembro de 1995, p. 30.
[25]Amanda Cross, *Death In A Tenured Position*, New York, Ballantine Books, 1988 [1981], p. 6.
[26]*Apud* Mário Santos, , "Nova Ficção Portuguesa?", *Público*, nº 2776 de 18 de Outubro de 1997, p. 2 do suplemento *Leituras*.
[27]*Ibidem*.
[28]Amanda Cross, *Death In A Tenured Position*, p. 6.
[29]David Bevan, *University Fiction*, pp 23-24.
[30]Carlos Leone, "Ligar Os Elos Da Cadeia Para Escrever Uma Fábula", *Expresso*, 12 de Outubro de 1996, p. 24.
[31]*Ibidem*.
[32]*Ibidem*.
[33]Teresa Almeida, "Campus Story", *Expresso*, 17 de Outubro de 1998, p. 30.
[34]Eduardo Prado Coelho, "O Fio Do Horizonte: Critérios", *Público*, Sexta-feira, 9 de Outubro de 1998, p. 60.
[35]*Ibidem*.
[36]Alexandre Pinheiro Torres, "A Sorte Grande", *Público*, Sexta-feira, 9 de Outubro de 1998, p. 6.
[37]*Ibidem*.
[38]John Higham, "Multiculturalism And Universalism: A History And Critique", *American Quarterly*, Vol. 45, Nº 2, Junho de 1993, pp 195-208, p. 204.
[39]*Idem*, p. 208.
[40]*Idem*, p. 206.
[41]*Idem*, p. 208.
[42]*Ibidem*.
[43]*Idem*, p. 201.
[44]*Idem*, pp 201-202.

[45]*Idem*, p. 203.
[46]*Apud* David Bevan (ed.), *University Fiction*, Atlanta, Rodopi, 1990, p. 99.
[47]*Apud* Julia Penelope, "Make Money, Not Sense: Keep Academia Green", *in* William Lutz (ed.), *Beyond Nineteen Eighty-Four: Doublespeak In A Post-Orwellian Age*, Urbana, IL, National Council of Teachers of English, 1989, p. 165.
[48]Philip F. Lawler, *Coughing In Ink: The Demise Of Academic Ideals*, s.l., University Press of America, 1993, pp 158-159.
[49]Betty Jean Craige, *Reconnection: Dualism To Holism In Literary Study*, Athens, Georgia, University of Georgia Press, 1988, p. 2.
[50]Jean François Lyotard, *The Inhuman: Reflections On Time*, (trad. de Geoffrey Bennington e Rachel Bowlby, de *L'Inhumain: Causeries Sur Le Temps*, 1988), Cambridge, Polity Press, 1991, p. 109.
[51]Pierre Bourdieu, "Outline Of A Social Theory Of Art Perception", *in* Pierre Bourdieu, *The Field Of Cultural Production: Essays On Art And Literature*, Cambridge, Polity Press, 1993, pp 215-237, pp 225-226.
[52]Ralph Waldo Emerson (1803-1882), "The American Scholar", *in* George Perkins *et al.*, *The American Tradition In Literature*, Vol. I, New York, Random House, 1985 [1956], pp 818-830, pp 818-819.
[53]Referência à expressão usada por Prof. Doutor Joaquim Magalhães no decurso das Provas de Agregação de Profª Doutora Maria Laura Bettencourt Pires. - Universidade Aberta, 11 de Janeiro de 1999.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Actas Do V Encontro Da Associação Portuguesa De Estudos Anglo-Americanos: Literatura - Teoria - Educação, s.l., APEAA, 1984.

Actas Do VIII Encontro da Associação Portuguesa De Estudos Anglo-Americanos: Literatura e História, s.l., APEAA, 1989.

Actas Do XIII Encontro Da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, s.l, APEAA, 1994.

ALLEN, Woody, *Efeitos Secundários* (*Side Effects*, trad. de Jorge Leitão Ramos), Lisboa, Bertrand, s.d..

....., *Para Acabar De Vez Com A Cultura* (*Getting Even*, trad. de Jorge Leitão Ramos), Lisboa, Bertrand, s.d..

....., *Sem Penas*, (*Without Feathers*, trad. de Salvato Telles de Meneses), Lisboa, Bertrand, 1975.

ALLEN, Woody, e Marshall Brickman, *Annie Hall*, (*Annie Hall*, trad. de Luís de Almeida Campos), Lisboa, Bertrand, s.d..

....., *Manhattan*, (*Manhattan*, trad. de Luís de Almeida Campos), Lisboa, Bertrand, s. d..

ALMEIDA, João Ferreira de, *Introdução À Sociologia*, Lisboa, Universidade Aberta, 1995.

ALTHUSSER, Louis, *A Ideologia E Aparelhos Ideológicos Do Estado*, Lisboa, Presença, 1974.

AMARAL, António Botelho de, *Ezra Pound: Escrita Inovadora Em The Cantos*, Lisboa, Edições Cosmos: 1998.

AMIS, Kingsley, *Lucky Jim*, Harmondsworth, Penguin Books, 1961 [1954].

ANDERSON, Arthur L., *Divided We Stand: Institutional Religion As A Reflection Of Pluralism And Integration In America*, Dubuque, Kendal Hunt Pub., 1978.

ARMSTRONG, Nancy (ed.), *Genre: Vol. XX, Number 2: Literature As Women's History II*, Norman, Univ. of Oklahoma, Verão de 1987.

BAGILHOLE, Barbara, *Recruitment, Selection And Career Development Of Black And Ethnic Minority Women*, Loughborough, Univ. of Technology, Dept. of Social Sciences, 1994.

BAKHTIN, Mikhail, *Estética Da Criação Verbal*, S. Paulo, Martins Fontes, 1992.

BALLESTER, Gonzallo Torrente, *A Morte Do Decano*, (*La Muerte Del Decano*, trad. de António Gonçalves), Lisboa, Caminho, 1993.

BARKER, Philip, *Michel Foucault: Subversions Of The Subject*, Sidney, Austrália, Allen & Unwin, 1994 [1993].

BARTH, John, *The Sot-Weed Factor*, London, Secker & Warburg, 1961.

....., *Giles Goat-Boy Or, The Revised New Syllabus*, New York, Anchor Books, 1987 [1966].

BAUDRILLARD, Jean, *Cool Memories II,* (trad. Chris Turner), Cambridge, Polity Press, 1996 [1990],

BEERBOHM, Max, *Zuleika Dobson Or An Oxford Love Story*, Harmondsworth, Penguin Books, 1983 [1911].

BEGE, K e Barbara Brothers (eds), *Reading And Writing Women's Lives: A Study Of The Novel Of Manners,* Ann Harbor, Univ. Microfilms, International Research P, 1990.

BELLE, Thomas J. La e Christopher R. Ward, *Ethnic Studies And Multiculturalism*, New York, State Univ. New York Press (Suny Press), 1996.

BELLOW, Saul, *Herzog*, New York e London, Penguin, 1992 [1961].

....., *Mr. Sammler's Planet*, s. l., The Viking Press, 1970.

....., *The Dean's December*, London e New York, Penguin, 1982.

BENDER, Thomas, *Intellect And Public Life: Essays On The Social History Of Academic Intellectuals In The United States*, Baltimore e London, The John Hopkins Univ. Press, 1993.

BERGONZI, Bernard, *David Lodge*, Plymouth, UK, Northcote House Pub., 1995.

BERKELEY, George, *Treatise Concerning The Principles Of Human Knowledge*, edit. por Kenneth P. Winkler, s.l., Hackett Pub., 1982 [1710].

BEVAN, David (ed.), *University Fiction*, Amsterdam, Atlanta Rodopi, 1990.

Biblos, Vol. LXII, Coimbra, 1988.

BLOCH, Ernst, *The Utopian Function Of Art And Literature: Selected Essays* (trad. Jack Zipes e Frank Mecklenburg), Massachusetts, Massachusetts Institute of Technology, 1998.

BLOOM, Allan, *The Closing Of The American Mind*, New York, Simon & Schuster, 1987.

BLOOM, Harold, *The Anxiety Of Influence: A Theory Of Poetry*, Oxford, Oxford Univ. Press, 1975 [1973].

....., *The Western Canon: The Books And School Of The Ages*, London, MacMillan, 1995 [1994].

BOURDIEU, Pierre, *The Field Of Cultural Production: Essays On Art And Literature*, Cambridge, Polity Press, 1993.

BRADBURY, Malcolm, *Eating People Is Wrong*, London, Arrow Books, 1986 [1959].

....., *All Dressed Up And Nowhere To Go*, London, Vintage, 1982, [1960].

....., *Stepping Westward*, London, Arrow Books,1986 [1965].

....., *The Social Context Of Modern English Literature*, Oxford, Basil Blackwell, 1971.

....., *The History Man*, London, Arrow Books, 1982 [1975].

....., *Who Do You Think You Are?: Stories And Parodies*, London, Penguin, 1993 [1976].

BRADBURY, Malcolm (ed.), *The Novel Today: Contemporary Writers On Modern Fiction*, London, Fontana Press, 1990 [1977].

....., *Rates Of Exchange*, London, Arrow Books, 1983.

....., *Cuts*, London, Penguin, 1987.

....., *My Strange Quest For Mensonge,* Harmondsworth, Penguin Books, 1987.

....., *Unsent Letters: Irreverent Notes From A Literary Life*, s.l., Vikink, 1988.

....., *Dr Criminale*, Harmondsworth, Penguin Books, 1992.

....., *Dangerous Pilgrimages: Trans-Atlantic Mythologies & The Novel*, London, Secker & Warburg, 1995.

BURGESS, Anthony, *The End Of The World News*, Harmondsworth, Penguin Books, 1983 [1982].

BYATT, A. S., *Possession: A Romance*, London, Vintage, 1990.

CALHOUN, Craig (ed.), *Social Theory And The Politics Of Identity*, Cambridge, Massachusetts, Blackwell Pub., 1994.

CAMPOS, Luís S., *O Jardim Das Plantas: Romance*, Lisboa, Edição do Autor, 1994.

CAPRA, Dominick La e Steven L Kaplan (eds), *Modern European Intellectual History: Reappraisals And New Perspectives*, London, Cornell Univ. Press, 1982.

CARMO, Hermano Duarte de Almeida e, *Ensino Superior A Distância Em Portugal* [Separata de Hermano Carmo, *Modelos Ibéricos De Ensino Superior A Distância (No Contexto Mundial)*, dissertação de doutoramento, 1984, pp 525-628], Lisboa, Universidade Aberta, 1994.

CASTILHO, Paulo, *Fora De Horas*, Lisboa, Contexto, 1990.

CASTILLO, Susan Pérez (ed.), *Engendering Identities*, Porto, Universidade Fernando Pessoa, 1996.

CHAFETS, Zéev, *Members Of The Tribe: On The Road To Jewish America*, New York, Bantam Books, 1988.

CHEVALIER, Jean e Alain Gheerbrant, *Dictionnaire Des Symboles: Mythes, Rêves, Coutumes, Gestes, Formes, Figures, Couleurs, Nombres*, Paris, Éditions Robert Lafont e Éditions Jupiter, 1982 [1969].

Clues: A Journal Of Detection, Vol. 12 (2), Outono / Inverno de 1991.

COHEN, Stanley e Loreman Ratner, *The Development Of An American Culture*, New York, St. Martin's Press, 1983.

CRAIGE, Betty Jean, *Reconnection: Dualism To Holism In Literary Study*, Athens, Georgia, Georgia Univ. Press, 1988.

Critique: Studies In Contemporary Fiction, Vol. 24 (4), Verão de 1983.

CROSS, Amanda, *Death In A Tenured Position*, New York, Ballantine Books, 1988 [1981].

CROSS, Amanda, *A Trap For Fools*, New York, Ballantine Books, 1990. [1989].

DAMÁSIO, António R., *O Erro De Descartes: Emoção, Razão E Cérebro Humano*, (*Descarte's Error: Emotion, Reason And The Human Brain*, trad. de Lucinda Maria dos Santos Silva *et al*), Lisboa, Círculo de Leitores, 1995 [1994].

DUNBAR, Leslie W. (ed.), *Minority Report: What Has Happened To Blacks, Hispanics, American Indians, & Other Minorities In The Eighties*, New York, Random House, 1984.

DURAND, Gilbert, *As Estruturas Antropológicas Do Imaginário*, Lisboa, Presença, 1989.

EAGLETON, Terry, *Literary Theory: An Introduction*, Oxford, Basil Blackwell Pub., 1985 [1983].

EASTHOPE, Antony, *Literary Into Cultural Studies*, London, Routledge, 1991.

ECO, Umberto, *Como Se Faz Uma Tese Em Ciências Humanas*, (*Come Si Fa Una Tesi Di Laurea*, trad. Ana Falcão Bastos *et al.*), Lisboa, Presença, 1977.

ELIOT, T. S., *Notes Towards A Definition Of Culture*, London e Boston, Faber & Faber, 1988 [1948].

EMERSON, Ralph Waldo, "The American Scholar", *in* George Perkins *et al*, *The American Tradition In Literature*, Vol. 1, New York, Random House, 1985 [1956], pp 818-830.

ERICSON, Edward L., *The American Dream Renewed: The Making Of A World People*, New York, The Continuum Pub. Comp., 1991.

FARIA, Duarte, *Outros Sentidos Da Literatura*, Lisboa, Editorial Vega, s.d..

FARIA, Maria Luísa Leal de, *Sociedade e Cultura Inglesas*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996.

FEIJÓ, António M., *O Ensino Da Teoria Da Literatura E A Universidade*, Braga, Edições APPACDM Distrital de Braga, 1994.

....., "Posfácio: Duas Notas Sobre Pintura E Retórica Em Ashbery", *in* John Ashbery, *Auto-Retrato Num Espelho Convexo e Outros Poemas* (selecção e trad. de António M. Feijó), Lisboa, Relógio d'Água, 1995.

FERRAZ, Maria de Lurdes, *A Ironia Romântica: Estudo De Um Processo Comunicativo*, s.l., Imprensa Nacional - Casa da Moeda, s.d..

FIEDLER, Leslie A., *Waiting For The End*, New York, Stein & Day Pub., 1964.

FITZGERALD, F. Scott, *This Side Of Paradise*, New York, Charles Scribner's Sons, 1920.

FOUCAULT, Michel, *As Palavras E As Coisas: Uma Arqueologia Das Ciências Humanas*, (trad. de António Ramos Rosa), Lisboa, Portugália Editora e Livraria Martins Fontes, s.d. [1966].

FRESE, Pamela R. (ed.), *Celebrations Of Identity: Multiple Voices In American Ritual Performance*, U.S., Bergin & Garvey, 1994.

FRYE, Northrop, *Anatomy Of Criticism: Four Essays*, Princeton, Princeton Univ. Press, 1957.

GALBRAITH, John Kenneth, *A Tenured Professor*, Boston, Houghton Mifflin Comp., 1990.

GALBRAITH, John Kenneth, *The Culture Of Contentment*, London, Sinclair-Stevenson, 1992.

GATES Jr. (ed.), *"Race", Writing And Difference*, Chicago, The Chicago Univ. Press, 1986 [1985].

GILBERT-MACEDA, Maria Teresa, "Dos Modelos De Universidad En Las Novelas De David Lodge", *in EPOS: Revista de Filologia: U.N.E.D.*, vol. X, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1994, pp 431-441.

....., "Estrategias Metafóricas En La Narrativa De David Lodge", *in Estudios Ingleses De La Universidad Complutense, Madrid, Edit. Complutense*, 1994, pp 295-307.

GLAZER, Nathan e Daniel P. Moynihan (eds), *Ethnicity Theory And Experience*, Cambridge, Massachusetts, Harvard Univ. Press, 1975.

GOLDMAN, Lucien, *Pour Une Sociologie Du Roman*, Paris, Galimard, 1964.

GOLEMAN, Daniel, *Intelligência Emocional*, (*Emotional Intelligence*, trad. de Mário Dias Correia), Lisboa, Círculo de Leitores, 1996 [1995].

GONÇALVES, A. Custódio, *Questões De Antropologia Social E Cultura*, Porto, Afrontamento, 1992.

GRAFF, Gerald, *Beyond The Culture Wars: How Teaching The Conflict Can Revitalize American Education*, New York, W.W. Norton & Comp., 1993 [1992].

GREENE, Graham, *The Quiet American*, Harmondsworth, Penguin Books, 1973 [1955].

GROUP D'ENTREVERNES, *Analyse Sémiotique Des Textes: Introduction - Théorie - Pratique*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, 1979.

HANKS, Patrick *et al* (eds), *Collins Dictionary Of The English Language*, London, Collins, 1979.

....., *Send These To Me: Immigrants In Urban America*, Baltimore, The John Hopkins University Press, 1984.

HOLUB, Robert C., *Reception Theory: An Introduction*, London e New York, Methuen, 1984.

HUER, Jon, *Tenure For Socrates: A Study In The Betrayal Of The American Professor*, New York e London, Bergin & Garvin, 1991.

HUGHES, Langston, *Selected Poems*, s.l., Serpent´s Tail, 1987 [1965].

HUGHES, Robert, *Culture Of Complaint: The Fraying Of America*, New York e Oxford, Oxford Univ. Press, 1993.

ISSEL, William, *Social Change In The United States 1945-1983*, Houndmills, Basingstoke, Hampshire e London, MacMillan Pub. 1985.

JACKSON, Stevi (ed.), *Women's Studies: A Reader*, New York, Harvester Wheatsheaf, 1993.

JAKOBSON, Howard, *Coming From Behind*, London, Chatto & Windus, 1983.

....., *Peeping Tom*, G.B., Black Swan, 1985 [1984].

JAKOBSON, Howard, *Redback*, London e New York, Bantam Books, 1986.

JAMESON, Fredric, *Postmodernism, Or, The Cultural Logic Of Late Capitalism*, s.l., Duke Univ. Press, 1991.

....., *Signatures Of The Visible*, London, Routledge, 1992.

....., *The Political Unconscious: Narrative As A Socially Symbolic Act*, London, Routledge, 1993.

JEFFERSON, Ann e David Robey (eds), *Modern Literary Theory: A Comparative Introduction*, London, Batsford Academic and Educational, 1982.

JENCKS, Christopher e David Riesman, *The Academic Revolution*, New York, Garden City, Double Day, 1968.

JOYCE, James, *Ulysses*, Harmondsworth, Penguin Books, 1960 [1922].

JUSTINO, Lucília José *et al.*, *Didáctica Do Inglês*, Lisboa, Universidade Aberta, 1990.

KELLERMAN, *The Clinic*, London, Werner Books, 1997 [1996].

KERMODE, Frank, *The Sense Of An Ending: Studies In The Theory Of Fiction*, Oxford, Oxford Univ. Press, 1981 [1966].

KEROUAC, Jack, *On The Road*, London, Penguin, 1991 [1955].

KERR, Clark, *The Uses Of University*, Cambridge, Massachusetts, Harvard Univ. Press, 1963.

KRAMER, John E., *The American College Novel: An Annotated Bibliography*, New York, Garland, 1981.

KRAMER Jr, John E. e John E. Kramer, *College Mystery Novels: An Annotated Bibliography Including A Guide To Professional Series Character Sleuths*, New York e London, Garland, 1983.

KRISTEVA, Julia, *O Texto Do Romance*, Lisboa, Livros Horizonte, 1984.

LASH, Christopher, *The Culture Of Narcissism: American Life In An Age Of Diminishing Expectations*, New York, Warner Books, 1979.

LAWLER, Philip F., *Coughing In Ink: The Demise Of Academic Ideals*, s.l., University Press Of America, 1993.

LEFEBVRE, Henri, *A Linguagem E A Sociedade* (*Le Langage Et La Société*, trad. de José António Machado), Lisboa, Ulisseia, s.d..

LEIGH, Elisabeth, *The Perfect Marriage*, London, Bantam Books, 1996 [1995].

LEWIS, Lionel S., *Scaling The Ivory Tower: Merit And Its Limits In Academic Careers*, Baltimore e London, The John Hopkins University Press, 1975.

LIPSET, Seymour Martin, *Rebellion In The University*, Chicago, The Univ. of Chicago Press, Phoenix Edition, 1976.

LITTELL, Robert, *The Visiting Professor*, London, Faber & Faber, 1994.

LODGE, David, *The Picturegoers*, London, Penguin, 1993 [1960].

....., *Ginger You're Barmy*, Harmondsworth, Penguin Books, 1982 [1962]

LODGE, David, *The British Museum Is Falling Down*, Harmondsworth, Penguin Books, 1983 [1965].

....., *Language Of Fiction: Essays In Criticism And Verbal Analysis Of The English Novel*, London e New York, Routledge & Kegan Paul e Columbia Univ. Press, 1979 [1966].

....., *Out Of The Shelter*, Harmondsworth, Penguin Books, 1985 [1970].

....., *The Novelist At The Crossroads And Other Essays On Fiction And Criticism*, London, Routledge & Kegan Paul, 1971.

.....(ed.), *20th Century Literary Criticism: A Reader*, London e New York, Longman, 1991 [1972].

....., *Changing Places*, Harmondsworth, Penguin Books, 1982 [1975].

....., *How Far Can You Go?*, Hasrmondsworth, Penguin Books, 1982 [1975].

....., *The Modes Of Modern Writing: Metaphor, Metonimy, And The Typology Of Modern Literature*, London, Edward Arnold, 1979 [1977].

....., *Working With Structuralism: Essays And Reviews On Nineteenth- And Twentieth-Century Literature*, London, Routledge & Kegan Paul, 1982 [1981].

LODGE, David, *Small World: An Academic Romance*, London, Secker & Warburg, 1984.

.....(ed.), *Modern Criticism And Theory: A Reader,* London e New York, Longman, 1994 [1988].

....., *Nice Work*, London, Penguin Books, 1989 [1988].

....., *Write On: Occasional Essays '65-'85*, Secker & Warburg, 1986.

....., *After Bahktin, Essays On Fiction And Criticism*, London, Routledge, 1990.

....., *Paradise News*, London, Penguin Books, 1992 [1991].

....., *The Art Of Fiction: Illustrated From Classic And Modern Texts*, London, Penguin Books, 1992.

....., *Therapy: A Novel*, London, Secker & Warburg, 1995.

LUKES, Stephen, *O Curioso Iluminismo Do Professor Caritat: Uma Comédia De Ideias*, (*The Curious Enlightenment Of Professor Caritat*, trad. de Teresa Curvelo), Lisboa, Gradiva, 1996.

LUTZ, William, *Beyond Nineteen Eighty-Four: Doublespeak In A Post-Orwellian Age*, Urbana, Illinois, National Council Of Teachers Of English, 1986.

LYONS, John O., *The College Novel In America*, Carbondale, Southern Illinois Univ. Press, 1962.

LYOTARD, Jean François, *The Inhuman: Reflections On Time* (*L'Inhumain: Causeries Sur Le Temps*, trad. de Geoffrey Benington e Rachel Bowlby), Cambridge, Polity Press, 1991 [1988].

MACHADO, José Pedro (coord.), *Grande Dicionário Da Língua Portuguesa*, Vol III, Lisboa, Alfa, 1991.

MALAMUD, Bernard, *A New Life*, New York, Farrar, Straus and Giroux, 1961.

MANEY, A. S. *et al* (eds), *MHRA Style Book: Notes For Authors, Editors, And Writers Of Dissertations*, London, Modern Humanities Research Association, 1981.

MARTIN, Gyde Christine *et al.*, *Conference Of College Teachers Of English Studies: 1988 September*, s.l., s.d., Vol 59.

MEAD, Margaret e Rhoda Metraux, *Aspects Of The Present*, New York, William Morrow e Redbook Magazine, 1980.

NABOKOV, Vladimir, *Pale Fire: A Novel*, New York, Vintage Books, 1989 [1962].

NIETZSCHE, Friedrich W., *Thus Spake Zarathustra*, (trad. por R. J. Hollingdale), Harmondsworth, Penguin Books, 1969 [1885].

O'BRIEN, Flannery, *At-Swim-Two Birds*, Harmondsworth, Penguin Books, 1960 [1939].

PALMARINI, Massimo Piattelli, *A Ilusão De Saber*, (*L'Illusione Di Sapere*, trad. de Jorge Pinheiro), Lisboa, Círculo de Leitores, 1997.

PATTERSON, James T., *America In The Twentieth Century: A History*, New York, Harcourt Brace Jovanovich Inc., 1989 [1976].

PELLS, Richard, *Not Like Us: How Europeans Have Loved, Hated And Transformed American Culture Since World War II*, New York, Basic Books, 1997.

PERKINS, George *et al.*, *The American Tradition In Literature*, Vol. 1, New York, Random House, 1985 [1956].

PETERS, William *et al*, (eds), *U. S. Society & Values: Vol 2, Number 3: Toward One America: A National Conversation On Race, s. l., U. S. Information Agency,* 1997.

PINSON, Jean-Claude, *Abregé De Philosophie Morale, Suivi De Mécanique Lyrique Avec Nus Et Paysages*, Paris, Champ Vallon, 1988.

PIRES, Maria Laura Bettencourt, *Sociedade E Cultura Norte-Americanas*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996.

PRADO COELHO, *Os Universos Da Crítica: Paradigmas Nos Estudos Literários*, Lisboa, Edições 70, 1982.

PROCTOR, Mortimer, *The English University Novel*, Berkeley, Univ. of California Press, 1957.

PUSEY, Nathan M., *American Higher Education - 1945-1970: A Personal Report*, Cambridge, Massachusetts, Harvard Univ. Press, 1978.

REIS, Carlos e Ana Cristina M. Lopes, *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Almedina, 1987.

Revista Crítica De Ciências Sociais: Nº 22: Espaço E Industrialização, Coimbra, Centro de Estudos Sociais, Abril de 1987, pp 159-174.

RIFFATERE, Michael, *Fictional Truth*, Baltimore e London, The John Hopkins Univ. Press, 1990.

ROBINSON, F. N. (ed), *The Works Of Geoffrey Chaucer*, Oxford, Oxford Univ. Press, 1968 [1933].

ROSNAK, Theodore, *The Making Of A Counterculture: Reflections On The Technocratic Society And Its Youthful Opposition*, New York, Anchor Books, 1969.

ROSSEN, Janice, *The University In Modern Fiction: When Power Is Academic*, s.l., St. Martin's Press, 1993.

SALUSINSKY, Imre, *Criticism In Society: Interviews With Jacques Derrida, Northrop Ftye, Harold Bloom, Geoffrey Hartman, Frank Kermode, Edward Said, Barbara Johnson, Frank Leutricchia, J. Hillis Miller*, New York e London, Methuen, 1987.

SARAIVA, António José, *A Cultura Em Portugal: Teoria E História - Livro 1: Introdução Geral À Cultura Portuguesa*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1981.

SAUSSURE, Ferdinand de, *Curso de Linguística Geral*, (Cours De Linguistique Générale, trad. José Victor Adragão), Lisboa, Pub. D. Quixote, s.d ..

SHARP, Tom, *Wilt*, London, Pan Books e Secker & Warburg, s.d..

SHAW, Peter, *The War Against The Intellect: Episodes In The Decline Of Discourse*, Yowa City, Univ. of Yowa Press, 1989.

SIM, Stuart, *Beyond Aesthetics: Confrontations With Poststructuralism And Postmodernism*, New York, Harvester Wheatsheaf, 1992.

SIMS, Serbrenia J., *Diversifying Historically Black Colleges And Universities: A New Higher Education Paradigm*, London, Greenwood Press, 1994.

SKINNER, Quentin, *The Return Of The Grand Theory In The Human Sciences*, Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1990.

SOLLORS, Werner *et al.*, *Blacks At Harvard: A Documentary History Of African-American Experience At Harvard And Radcliffe*, New York, New York Univ. Press, 1993.

SOLOMON, Robert C. *et al.*, *Up The University: Re-Creating Higher Education In America*, Reading, Massachusetts, Addison-Wesley Pub. Comp., 1993.

SONTAG, Susan (ed.), *Barthes: Selected Writings*, s.l., Fontana Paperbacks, 1983.

TARTT, Donna, *The Secret History: A Novel*, New York, Ivy Books, 1992.

The New Universal Library, Vol II, London, The Caxton Pub. Comp., 1968.

THOMSON, E.P., *The Making Of The English Working Class*, New York, Vintage Books, 1966.

TREVELYAN, G. M., *English Social History: A Survey Of Six Centuries: Chaucer To Queen Victoria*, Harmondsworth, Inglaterra e Victoria, Austrália, Pelican Books, 1970 [1942].

TRILLING, Lionel *et al.*, "Our Country And Our Culture: A Symposium", *Partisan Review*, 19 de Maio de 1952, pp 282-326.

TRINDADE, Armando Rocha, *Basics Of Distance Education: The Conceptual Panorama Of Distance Education And Training*, s.l., European Distance Education Network (EDEN), 1993.

TWAIN, Mark, *Roughing It*, New York, Holt, Rinehart and Winston, 1965 [1872].

WAEVER, Ole *et al.*, *What Is Europe?: The History Of The Idea Of Europe,* (vol. 1), London, Routledge, 1995.

WALBERG, Herbert J. (ed.), *American Education: Diversity And Research*, Washington D.C., The Voice of America, 1979.

WALFORD, Geoffrey, *Restructuring Universities: Politics And Power In The Management Of Change*, London, Croom Elm, 1987.

WAXMAN, Chaim I., *American Jews In Transition*, Philadelphia, Temple Univ. Press, 1986.

WILLIAMS, Raymond, *Culture And Society: 1780-1950*, London, Penguin e Chatto & Windus, 1982 [1958].

....., *The Long Revolution*, London, Penguin e Chatto & Windus, 1980 [1961].

WINOGRAD, Terry e Fernando Flores, *Understanding Computers And Cognition*, Reading, Massachusetts, Addison-Wesley, 1986.

WOLFF, Robert Paul (ed.), *Ten Great Works Of Philosophy*, New York, New American Library, 1969.

ZELLER, Paul M., *Campus Dialogue: Bridging The Generation Gap*, s.l., Longman Resources Unit, 1989.

ZIMA, Pierre V., *Manuel De Sociocritique*, Paris, Picard, 1985.

ZUIDERVAART, Lambert, *Adorno's Aesthetic Theory: The Redemption Of Illusion*, Cambridge, Massachusetts, The MIT press, 1993.

Artigos

ALMEIDA, Teresa, "Campus Story", *Expresso*, 17 de Outubro de 1998, p. 30.

BRADBURY, Malcolm, "If Your Books Are Funny Please Tell Me Where", New York *Times Book Review*, 17/7/1988, p. 25.

BURGESS, Anthony, "The Academic Critic And The Living Writer", *Times Literary Supplement*, Vol. 4363, 14 de Novembro de 1986, p. 1275.

CARVALHO, Catarina, "David Lodge Em Entrevista Ao Diário De Notícias Fala Do Seu Último Livro Editado Em Portugal", *Diário De Notícias*, Quinta-Feira, 28 de Dezembro de 1995, p. 30.

GRAY, Paul, "Whose America?", *Time International*, nº 27, 8 de Julho, 1991, pp 22-27.

HIGHAM, John, "Multiculturalism And Universalism: A History And Critique", *American Quaterly*, Vol. 45, Nº2, Junho de 1993, pp195-208.

IYER, Pico, "The Empire Writes Back: The New Makers Of 'Worl Fiction' Are Reinventing English Literature - And The English Language - From Within", *Time International: The Weekly Newsmagazine*, Vol 141, Nº 6, 8 de Fevereiro de 1993, pp 46-51.

LEONE, Carlos, "Ligar Os Elos Da Cadeia Para Escrever Uma Fábula", *Expresso*, 12 de Outubro de 1996, p. 24.

LODGE, David, "Double Discourses: Joyce And Bakhtin", Alice Armstrong, Pieter Bekker, Richard Brown (eds.), *James Joyce Broadsheet*, London, James Joyce Centre, Nº 11, Junho de 1983, pp 1-2..

NUSSBAUM, Martha, "Undemocratic Vistas", *New York Review Of Books*, 5 de Nov. de 1987, s/ menção de página.

PRADO COELHO, Eduardo, "O Fio Do Horizonte: Critérios", *Público*, Sexta-Feira, 9 de Outubro de 1998, p. 60.

SANTOS, Mário, "Nova Ficção Portuguesa", *Público*, Nº 2776 de 18 de Outubro de 1997, p. 2 do suplemento *Leituras*.

TORRES, Alexandre Pinheiro, "A Sorte Grande", *Público*, Sexta-Feira, 9 de Outubro de 1998, p. 6.

WHITE, Jack E., "I Have A Scheme: Ward Connerly's Effort To Hijack Dr. King's Legacy Is Full Of Black Humor", *Time: The Weekly Magazine*, Vol. 149, Nº5, 3 de Fevereiro de 1997, pp 27-29.

Nota: No caso de ter havido reimpressão, a data que indicamos é a da reimpressão de que citámos, que é a única desse ano. A data que indicamos entre parênteses rectos é a da primeira edição.

No caso de obras citadas ou consultadas em tradução, indicamos título original, nome do tradutor e data da edição original, sempre que nos foi possível registar esses elementos.